UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

FRANCISCO BISSOLI NETO

O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO DE WILHELM REICH E A SUA CONCEPÇÃO DE SAÚDE-ADOECIMENTO

FLORIANÓPOLIS

2019

Francisco Bissoli Neto

O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO DE WILHELM REICH E A SUA CONCEPÇÃO DE SAÚDE-ADOECIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Charles Dalcanale Tesser
Coorientador: Prof. Dr. Ailton Bedani

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bissoli Neto, Francisco
O Funcionalismo Orgonômico de Wilhelm Reich e A Sua Concepção de Saúde-Adoecimento / Francisco Bissoli Neto ; orientador, Charles Dalcanale Tesser, coorientador, Ailton Bedani, 2019.
523 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Saúde Coletiva. 2. Funcionalismo Orgonômico. 3. Orgonomia. 4. Orgonoterapia. 5. Psicossomática. I. Dalcanale Tesser, Charles. II. Bedani, Ailton. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva. IV. Título.

Francisco Bissoli Neto

O Funcionalismo Orgonômico de Wilhelm Reich e A Sua Concepção de Saúde-Adoecimento

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Charles Dalcanale Tesser, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Renata Palandri Sigolo, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Alberto Oscar Cupani, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do Título de Mestre pelo Programa Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Marta Inez Machado Verdi:28937031000

Assinado de forma digital por Marta Inez Machado Verdi:28937031000
Dados: 2019.08.21 19:07:54 -03'00'

Prof. Dra. Marta Inez Machado Verdi
Coordenadora do Programa

Charles Dalcanale Tesser:60520132904

Assinado de forma digital por Charles Dalcanale Tesser:60520132904
Dados: 2019.08.19 17:06:38 -03'00'

Prof. Dr. Charles Dalcanale Tesser
Orientador

Florianópolis, 9 de julho de 2019.

DEDICATÓRIA

A *Wilhelm Reich* e a todos os outros "*Fernões Capelos Gaivotas*", que dedicaram as suas vidas a livrar a humanidade de nossa ignorância e de nossa condição de mediocridade, que tentaram nos ensinar sobre uma vida mais genuína, plena e autêntica, mas que, por serem incompreendidos, foram mortos e banidos da sociedade.

AGRADECIMENTOS

Teria sido impossível realizar esta dissertação sem o auxílio e a participação das seguintes pessoas e instituições a quem devo acima de tudo o meu reconhecimento e o meu agradecimento:

Ao Prof. Dr. Charles Dalcanale Tesser, orientador desta dissertação de mestrado, que, “com espírito reichiano” e ousadia, permitiu-me a aventura de realizar essa pesquisa num campo do conhecimento tão peculiar que é a orgonomia, abrindo, dessa forma, um espaço acadêmico de interlocução com o pensamento reichiano. Agradeço, sobretudo, a liberdade que me foi concedida no percurso dessa investigação, a confiança para comigo, as intervenções certeiras e os valiosos ensinamentos metodológicos e científicos.

Ao Prof. Dr. Ailton Bedani, que aceitou coorientar-me nesta dissertação. Agradeço, sobretudo, pelas valiosas conversas e explicações sobre o funcionalismo orgonômico, as quais foram essenciais para que eu aprofundasse o meu entendimento sobre os conceitos fundamentais do pensamento reichiano, e por confiar em mim e compartilhar textos de sua autoria, ainda inéditos, os quais muito me auxiliaram na elaboração desta pesquisa.

Aos membros da banca da minha qualificação, a Profa. Dra. Renata Palandri e a Profa. Dra. Daniela Ribeiro Schneider, pelas considerações e valiosas sugestões que foram fundamentais para a elaboração da minha pesquisa.

À minha família, sobretudo, pelo apoio emocional e pelo incentivo aos estudos, os quais foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Minha mãe, Jane Maria da Rosa Bissoli e, minha irmã, Jane Alessandra da Rosa Bissoli, as duas “Janes” da minha vida, pelo carinho e por preencherem a minha vida de alegria. Meu pai, Francisco Bissoli Filho, que sempre me incentivou a ingressar no mestrado, que me acompanhou na elaboração da dissertação desde o início e que contribuiu com preciosas sugestões e orientações relativas à redação.

À minha terapeuta Luciane Morosini Melo, que foi a responsável pelo meu ingresso no “mundo reichiano”, por ter me ensinado, vivencialmente, na terapia, aquilo que Reich escreveu em seus livros, mas, também, pela dedicação comigo, em estudos clínicos e em supervisões, e, também, por incentivar-me a escrever sobre o pensamento reichiano.

Aos meus professores do curso de formação do Núcleo de Psicoterapia Reichiana do Rio de Janeiro: Ernani Eduardo Trotta, Juliana Lima Bezerra, Maria Cecília Ribeiro de Oliveira, Carlos Eduardo Brito e Valéria Marques, com quem eu pude estudar os princípios e as técnicas da psicoterapia reichiana, e, também, aos meus colegas da turma de formação 2014-2016, cujas

trocas e vivências foram riquíssimas: Ana, Ângela, Bárbara, Edson, Eliana, Júlia, Laura, Lizie, Miréia, Marina, Rafael, Silvia, Téia e Zilda.

Ao médico e psiquiatra, Marcos de Noronha, que forneceu materiais raros de pesquisadores reichianos, os quais foram utilizados como fontes na minha pesquisa.

Aos servidores, aos professores e aos colegas do Curso de Mestrado em Saúde Coletiva da UFSC, em especial, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, por abrir uma linha de pesquisa sobre medicina alternativa a qual permitiu o diálogo da academia com o pensamento de Wilhelm Reich.

A CAPES pela bolsa de fomento à pesquisa de mestrado.

Quando Fernão Gaivota se juntou ao bando na praia era já noite cerrada. Estava tonto e tremendamente cansado. Apesar disso, não resistiu ao prazer de voar num "loop" para terra e de fazer um "snap roll" antes de aterrizar. "Quando souberem do triunfo", pensava, "ficarão loucos de alegria. Como vale a pena agora viver! Em vez da monótona labuta de procurar peixe junto dos barcos de pesca, temos uma razão para estar vivos! Podemos subtrair-nos à ignorância, podemos encontrar-nos como criaturas excelentes, inteligentes e hábeis. Podemos ser livres. Podemos aprender a voar!"

Os anos vindouros brilhavam e trauteavam promessas.

As gaivotas estavam reunidas em conselho quando ele aterrou, e, segundo parecia, já estavam em reunião havia algum tempo. Na realidade, estavam à espera dele.

- Fernão Capelo Gaivota! É chamado ao centro! – As palavras do Mais Velho foram pronunciadas no tom mais solene. Ser chamado ao centro só podia significar grande vergonha ou grande honra. Ser chamado ao centro por honra era a maneira como eram designados os principais chefes das gaivotas. "Claro", pensou, "o Bando da Alimentação esta manhã viu o triunfo! Mas eu não quero honras. Não me interessa ser chefe. Só quero partilhar o que descobri, mostrar a todos esses horizontes que estão à nossa frente." Avançou um passo.

- Fernão Gaivota – Disse o Mais Velho -, é chamado ao centro por vergonha aos olhos das gaivotas suas semelhantes!

Foi como se lhe batessem com uma tábua. Os joelhos enfraqueceram-lhe, as penas tombaram-lhe, um enorme rugido ensurdeceu-o. " Ser chamado ao centro por vergonha? Impossível! O triunfo! Eles não podem compreender! Estão errados, estão errados! "

- ... pela sua desastrada irresponsabilidade – entoava a voz solene -, por violar a dignidade e a tradição da família das gaivotas ...

Ser chamado ao centro por vergonha significava que seria banido da sociedade das gaivotas, desterrado para uma vida solitária nos Penhascos Longínquos.

A História de Fernão Capelo Gaivota

Richard Bach

RESUMO

O tema da presente pesquisa é a orgonoterapia e o funcionalismo orgonômico de Wilhelm Reich (1897-1957), médico e pesquisador que se dedicou a desenvolver teorias e técnicas terapêuticas próprias, as quais são pouco consideradas pela comunidade acadêmica. O objetivo da pesquisa foi realizar uma interpretação e síntese da concepção orgonômica de saúde-adoecimento, isto é, descrever, de forma sistematizada, as principais ideias e propostas desse autor, dentro de uma rede de conceitos inter-relacionados, presentes em múltiplos textos, ainda pouco sistematizados. Trata-se de um estudo teórico-conceitual, com abordagem hermenêutica. As fontes da pesquisa foram documentais e bibliográficas: livros e artigos produzidos por Reich, que compõem o eixo clínico-terapêutico de sua obra, e de seus seguidores e estudiosos. O trabalho está estruturado em quatro partes: a trajetória do autor e de sua obra; os desenvolvimentos após a sua morte por seguidores; o funcionalismo orgonômico; a concepção de saúde-adoecimento e algumas de suas contribuições para a atualidade. As intervenções da orgonoterapia e a sua concepção de saúde-adoecimento estão fundamentadas no funcionalismo orgonômico, metodologia de investigação desenvolvida por Reich, a qual se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades de uma energia primordial que ele julgou ter descoberto, que chamou de 'orgone'. A concepção orgonômica sobre saúde-adoecimento articula-se em torno de conceitos-chave presentes nos diversos textos produzidos pelo autor, podendo-se citar: a potência orgástica, o encouraçamento, a noção de emoção como impulsos primários e secundários, a energia orgone e a função de pulsação e as suas perturbações e os seus bloqueios. O encouraçamento pode ser compreendido como perturbações no fluxo natural e espontâneo da energia orgone no organismo, os quais afetam a função energética básica, a pulsação orgonótica, que governa todos os processos vitais, segundo o autor. As emoções correspondem ao movimento da energia orgone no organismo e os bloqueios emocionais, a perturbações no movimento espontâneo dessa energia, os quais interferem na função de pulsação. O encouraçamento crônico se expressa em termos de graves bloqueios emocionais, os quais estão na origem de diversas disfunções fisiológico-orgânicas, de comportamentos psicopatológicos e de uma série de adoecimentos, tais como as doenças psicossomáticas, e tem sua origem nos primeiros estágios de desenvolvimento humano, muito antes de manifestarem-se os sintomas orgânicos. Entre as contribuições potenciais que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento pode oferecer para à saúde coletiva estão: a) uma visão integrada sobre o funcionamento dos processos psíquicos e físicos; b) um entendimento de que, por trás das doenças psicossomáticas, residem questões emocionais graves que necessitam de atenção; c) um entendimento de que práticas terapêuticas corporais são de grande ajuda para o tratamento das doenças mentais; d) a indicação de que cuidados preventivos na gestação, no parto e nas fases de desenvolvimento humano são importantes a fim de se evitarem as causas do encouraçamento e, dessa forma, prevenir doenças; e e) revelar a importância do cuidado e da educação das crianças, especialmente no que se refere às questões de sexualidade, uma vez que ali se encontram os pilares para a prevenção e promoção da saúde.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897–1957. Orgonomia. Orgonoterapia. Funcionalismo Orgonômico. Energia orgone. Psicoterapia corporal. Psicossomática. Práticas Integrativas e Complementares. PICS. Saúde. Adoecimento.

ABSTRACT

The subject of this study is orgonotherapy and the orgonomic functionalism, by Wilhelm Reich (1897 – 1957), a reseacher and physician who was devoted to develop his own therapeutic theories and techniques, which are still unkwnown and scarcely referred to by the scholarly community. The main goal of this research is to perform an interpretation and a synthesis around the orgonomic conception of health-illness, i.e., to describe, in a systematized way, the main ideas and proposals of this author, within a set of inter-related ideas, found in various texts still, hardly systematized. It is a theoretical-hermeneutic study. The primary bibliographic sources are books and articles written by Reich and his followers, which stand for the clinical and therapeutic axis of his work. The work is structured in four parts: the trajectory of the author and his work; the developments after his death by followers; the orgonomic functionalism; the conception of health-illness and some of its contributions to the present time. The interventions of orgonotherapy and its conception of health-illness are grounded on the orgonomic functionalism, the methodology of investigation developed by Reich, which is based on energetic premises, as well as in properties of the orgone energy, a primordial energy that he thought discovered. The orgonomic conception about health-illness is articulated around key concepts, which are present in the various texts written by the author, to name a few: the orgastic potency, the armoring, the notion of emotion as primary and secondary impulses, the orgone energy, and the pulse and its disturbances, as well as its blockings. The armoring can be understood as disturbances in the natural and spontaneous flow of orgone energy inside the body, which affect the basic energetic function, the orgonotic pulsation, which governs all vital processes, according to the author. Emotions correspond to the movement of orgone energy inside the body; and, the emotional blockages, the disturbances on the spontaneous movement of such energy, which interfere with the function of the pulsation. The chronic armoring is expressed in terms of serious emotional blockages, which are in the roots of several physiologic-organic derangements, psychopathological behavior, and a series of illnesses, such as the psychosomatic diseases, and have its roots in the first stages of the human development, long before organic symptoms are displayed. Among the contributions that the orgonomic conception of health-illness may offer to collective health are: a) an integrative view on the functioning of both psychological and physical processes; b) an understanding that, behind the psychosomatic diseases, serious emotional issues dwell which need attention; c) an understanding that corporal therapeutic practices are great help for treating mental diseases; d) the appointment for preventive care during pregnancy, birth and every other stages of the human development are important, in order to prevent from the causes of armoring and, thus being, preventing from diseases; and e) to show the importance of care an education of children, especially as far as sexuality issues are concerned, since there are found the pillars for both the prevention and the health promotion.

Key-words: Reich, Wilhelm, 1897–1957. Orgonomy. Orgonotherapy. Orgonomic Functionalism. Orgone energy. Body Psychotherapy. Psicossomatics. Integrative and Complementary Practices. ICP. Health. Illness.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE ABREVIAÇÕES E DE SIGLAS

EUA	Estados Unidos da América
IPA	International Psychoanalysis Association
MTC	Medicina Tradicional Chinesa
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
OMS	Organização Mundial da Saúde
PFC	Princípio de Funcionamento Comum
PICs	Práticas Integrativas e Complementares
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCDR	Tensão – Carga – Descarga - Relaxamento (Fórmula do Orgasmo ou Fórmula da Vida)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação, intitulada "O Funcionalismo Orgonômico de Wilhelm Reich e A Sua Concepção de Saúde-Adoecimento", foi desenvolvida vinculada à linha de pesquisa em Atenção Primária em Saúde e Medicinas Alternativas e Complementares da área das Ciências Sociais em Saúde do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina.

O interesse e a motivação do seu autor para a presente pesquisa surgiram a partir do contato que ele pôde realizar com a obra de Wilhelm Reich (1897-1957) e com a sua abordagem terapêutica, a *orgonoterapia*, há mais de dez anos, quando pôde vivenciar, como paciente, os benefícios dessa abordagem, o que o levou a ingressar, no ano de 2010, no Curso de Graduação em Psicologia da UFSC, como meio de viabilizar formação na área para futura atuação profissional.

Durante o período de sua graduação, ao constatar a ausência de oferta de disciplinas e a escassez de contato do referido curso com o saber e com a clínica reichiana, o autor seguiu, de maneira autodidata, realizando estudos sobre esse campo do conhecimento e, após a conclusão do referido curso de graduação, realizou um curso em um núcleo de formação em psicoterapia reichiana e vem, desde então, atuando profissionalmente com base nesse referencial clínico, o que lhe tem permitido entender e compreender a obra de Reich, também, a partir da sua vivência como terapeuta.

É desejo do autor que a pesquisa venha a contribuir para que o pensamento de Reich e sua abordagem terapêutica possam ser inseridos e legitimados no meio acadêmico e colocados em prática nas instituições de saúde públicas, no SUS. Espera-se que as suas contribuições auxiliem no estabelecimento de pontes futuras entre o pensamento desse autor com outras formas de saber já inseridas na academia. Se assim suceder, a missão desse trabalho ter-se-á cumprida, ou seja, ter-se-ão dados os passos iniciais para que futuras pesquisas possam continuar a investigar e a avaliar, com maior profundidade e detalhes, o funcionalismo orgonômico, a orgonomia e a orgonoterapia, isto é, a metodologia de investigação desenvolvida por esse autor, a ciência fundamentada nessa metodologia e a sua abordagem terapêutica.

1 INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa é a orgonoterapia e o funcionalismo orgonômico de Wilhelm Reich (1897 - 1957), médico e psicoterapeuta que foi discípulo de Sigmund Freud, e que, posteriormente, percorreu uma trajetória independente do movimento psicanalítico e desenvolveu métodos e teorias próprios, parte dos quais serão abordados neste trabalho. Mais especificamente, será abordada a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, numa perspectiva restrita a várias de suas características epistemológicas e teóricas.

As pesquisas desenvolvidas por Reich, durante os anos de 1934 a 1957 - período em que ele realizou diversos experimentos, os quais o levaram a considerar ter descoberto uma *energia primária*, denominada, por ele, *orgone*[1] -, propiciaram que esse autor desenvolvesse uma vertente clínico-terapêutica singular, denominada *orgonoterapia*. Essa abordagem terapêutica caracteriza-se pelo emprego de técnicas e intervenções psicoterápicas e, conjunta e simultaneamente a estas, de intervenções corporais.

As intervenções da orgonoterapia e a sua concepção acerca dos processos de saúde-adoecimento estão fundamentadas no funcionalismo orgonômico, a metodologia de investigação e de pensamento desenvolvida por Reich, a qual se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades investigadas por esse pesquisador nas manifestações da energia orgone (REICH, 2009, 2003).

A orgonoterapia pode ser considerada uma psicoterapia corporal que tem sido utilizada por profissionais do campo “psi”, como psicólogos e psiquiatras. Contudo, para Reich (2009, 1998), ela pode servir para investigar, diagnosticar e tratar adoecimentos orgânicos, razão pela qual, também, poderia ser considerada uma medicina alternativa ou complementar, já que permanence, até o momento, alheia ao corpo de saberes e práticas consagrados - praticados e ensinados - na biomedicina (OMS, 2013).

Além disso, essa abordagem terapêutica, na visão de Reich e seguidores, fornece outros fundamentos possíveis para o estudo de diversas doenças orgânicas e psíquicas, elucidando aspectos da dinâmica biopsíquica das emoções, isto é, da relação entre o corpo e a mente (REICH, 2009, 1979a; TROTTA, 2000).

---

[1] O termo “orgone” foi criado por Reich em alusão as palavras “orgasmo” e “organismo” e, segundo Maluf (2009, p. 158), é uma “energia cósmica primordial; universalmente presente e demonstrável visualmente, termicamente, por meio de um eletroscópio e de um contador Geiger-Müller. No organismo vivo: energia biológica. Descoberta por Reich entre 1936 e 1940”.

O problema que se formula é o seguinte: qual é a concepção de saúde-adoecimento que Wilhelm Reich desenvolveu nas suas investigações e práticas clínico-terapêuticas?

A hipótese de partida que buscamos desenvolver e investigar, baseada nas idéias do autor, é que, para Reich (2009, 1998), uma concepção orgonômica acerca dos processos de saúde-adoecimento pode ser descrita em termos de perturbações que o processo de encouraçamento (percebido comumente no corpo como disfunções anatômico-fisiológicas e na mente como defesas neuróticas e sintomas psíquicos), gera na pulsação da energia orgone, a qual estaria na base tanto dos processos somáticos quanto dos processos psíquicos.

A pulsação da energia orgone, conforme a concepção orgonômica, governaria o funcionamento somático em termos de seus movimentos corporais – o movimento dos fluídos nos tecidos e no citoplasma celular, o peristaltismo e a pulsação dos diversos órgãos etc. – e, também, o funcionamento psíquico, uma vez que, para a visão reichiana, as emoções nada mais são do que a expressão direta do movimento de energia orgone no organismo (REICH, 2009, 2003, 1998).

O objetivo principal da presente pesquisa é, portanto, realizar uma descrição e discussão acerca da concepção orgonômica de saúde-adoecimento, isto é, sintetizar de forma sistematizada, como se articulam em Reich suas idéias, experiências, observações e conclusões sobre o processo saúde-adoecimento humano, dentro de uma rede de conceitos e noções inter-relacionados, presentes em múltiplos textos do autor, esparsos e pouco sistematizados.

Mais especificamente, a pesquisa visa: 1) descrever a trajetória de investigação científica de Wilhelm Reich, nos seus períodos psicanalítico (1920-1934), dos seus primeiros experimentos laboratoriais (1934-1939) e do período orgonômico (1939-1957); 2) descrever os estudos desenvolvidos acerca da orgonomia, da orgonoterapia e das demais terapias de base reichiana após a morte desse autor, por outros pesquisadores; 3) descrever o funcionalismo orgonômico como metodologia do pensamento reichiano e sintetizar alguns de seus pressupostos epistemológicos; e 4) descrever a concepção orgonômica de saúde, com base numa sistematização e articulação dos conceitos orgonômicos relacionados à energia orgone e à dinâmica vital do ser humano.

A justificativa desta pesquisa, a nosso ver, é, por um lado, justamente a ausência de trabalhos que contemplem e elucidem os aspectos relacionados à concepção orgonômica de saúde-adoecimento, o que torna a obra reichiana mal compreendida e, por consequência, desconsiderada pela comunidade acadêmica. Por outro lado, a hipótese de que as idéias de Reich podem contribuir para a Saúde Pública e o cuidado em saúde, tanto nas instituições e

serviços de saúde (SUS) quanto na sociedade em geral (educação em família, na escola, autocuidado etc).

O conhecimento sobre a orgonoterapia é, ainda, um conhecimento marginal em relação ao produzido no âmbito acadêmico, pois aquele se configurou, até então, como um saber e uma prática relativamente alternativa, por conta: a) das perseguições políticas sofridas por Reich (DEMEO, 2013); b) da maneira como seu pensamento passou a ser difundido após a sua morte, associado às terapias e aos grupos culturais considerados "alternativos" e ao movimento de *contracultura* (RAMALHO, 2009); e c) das especificidades de seu pensamento, portador de características distintas daquelas presentes nos sistemas de pensamento aceitos pela ciência contemporânea (BEDANI, 2013a; MALUF, 2009), em especial, pelo fato de estar baseado numa concepção energética-vitalista e não no mecanicismo-materialismo.

Pode-se constatar a marginalização[2] desse saber ao se pesquisar o descritor "reichian therapy" na base de dados PubMed e verificar como resultado da pesquisa apenas os artigos de Nelson (1976) e de Lebrun (1977). Ainda que existam muitos artigos publicados em revistas especializadas em terapias reichianas e que algumas dessas revistas apareçam como indexadas na UrlrichsWeb, os seus artigos não estão indexados nas principais bases de dados científicas, o que inviabiliza uma pesquisa de revisão bibliográfica em base de dados.

É importante que se diga que, após a morte de Reich, em 1957, nos EUA, seus discípulos continuaram a pesquisar e a desenvolver suas ideias, a escrever livros e revistas[3], a organizar fóruns e a fundar centros[4] de estudos e de formação de terapeutas reichianos e neo-reichianos[5] em diversos países (TROTTA, 2000; WAGNER, 2009), como, por exemplo, nos Estados Unidos, o *American College of Orgonomy* – com sede em Princeton, New Jersey -, que oferece cursos e é responsável pela publicação do *The Journal of Orgonomy*, uma importante revista sobre orgonomia e orgonoterapia dos dias atuais, publicado, desde 1968, semestralmente.

Diversos centros de pesquisa e formação de terapeutas reichianos e neo-reichianos também foram criados no Brasil, cujos pesquisadores continuam a desenvolver e a divulgar as

---

[2] Abordamos os motivos que, ao nosso ver, levaram à marginalização do conhecimento reichiano no segundo capítulo, mais especificamente no item 3.4, intitulado as *As barreiras enfrentadas pela orgonoterapia para a sua inserção na academia*.

[3] O apêndice A inclui uma relação das revistas especializadas em orgonomia, orgonoterapia e terapias de base reichiana.

[4] O apêndice B inclui um levantamento desses centros no Brasil e em outros países, incluindo informações sobre as suas localidades e os seus contatos.

[5] As abordagens de terapia neo-reichianas mais conhecidas são: a "Bioenergética" (desenvolvida por Alexander Lowen), a "Biodinâmica" (desenvolvida por Gerda Boyesen), a "Biossíntese" (desenvolvida por David Boadella), a "Psicologia Formativa" (desenvolvida por Stanley Keleman) e a "Core Energetics" (desenvolvida por John Pierrakos), as quais se fundamentam em alguns dos princípios da orgonoterapia, porém, incluem conceitos e recursos terapêuticos próprios (WAGNER, 2009).

ideias de Reich por meio de revistas, de livros e de fóruns, como, por exemplo, o “Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais”, que ocorre, anualmente, desde 1996.

Apesar desses desenvolvimentos do conhecimento reichiano posteriores à morte de Reich há, ainda, uma ausência de trabalhos acadêmicos sobre o período orgonômico da obra reichiana e aqueles que existem sobre o pensamento reichiano são, em boa parte, superficiais (quando não equivocados), pois não exploram os fundamentos e as origens dos conceitos, lacunas estas que tentaremos suprir no presente trabalho.

Assim, ainda que possam haver diversas aplicações do funcionalismo orgonômico no campo da saúde, atualmente, a principal barreira para aplicar e estudar o conhecimento reichiano - em especial a orgonomia - vem, justamente, da falta de esclarecimentos e de entendimentos sobre os conceitos fundamentais que sustentam a doutrina da orgonoterapia. Por isso, entendemos que apresentar uma descrição sólida, aprofundada e sistematizada acerca da concepção orgonômica de saúde, é, a nosso ver, a principal contribuição da presente pesquisa.

É importante acrescentar que o estudo que se pretende realizar justifica-se, também, para que se possa melhor conhecer e compreender os fundamentos teórico-clínicos que sustentam a orgonoterapia como uma abordagem terapêutica a ser estudada cientificamente e possivelmente oferecida nas instituições de saúde.

Esta pesquisa é pertinente à área de concentração ciências sociais em saúde, mais especificamente, à linha de pesquisa de medicinas alternativas e atenção primária à saúde desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina, porquanto a orgonoterapia apresenta várias características que a aproximam ou mesmo fazem pertencer a uma abordagem genericamente chamada de “*paradigma vitalista*”, o qual foi definido por Nascimento, Barros, Nogueira e Luz (2013, p. 3598) como “centrado na saúde e na busca de harmonia da pessoa com seu meio ambiente natural e social, valoriza a subjetividade individual, a prevenção e promoção da saúde e a integralidade do cuidado”, em oposição ao “*paradigma biomédico*”, que “enfatiza concepções materialistas, mecanicistas, centradas na doença e no controle do corpo biológico e social, compatíveis com a visão de controle sobre a natureza presente na ciência contemporânea”.

Assim, a investigação que se pretende realizar sobre a orgonoterapia visa a fornecer uma contribuição para a sua compreensão, que, por hipótese pode ser considerada uma Prática Integrativa e Complementar (PIC[6]) vinculada à psicologia corporal, uma vez que já existem no

---

[6] O termo “Práticas Integrativas e Complementares” (PICs) é utilizado para referir-se ao campo de práticas e ações em saúde que envolvem abordagens terapêuticas e sistemas médicos diversos da medicina ocidental

Brasil políticas e diretrizes que incentivam a oferta de PICs nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2010, 2006) e, também, para o enfrentamento das barreiras que dificultam o seu estudo na academia.

É importante ressaltar que a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde a década de 70, tem realizado esforços para incentivar os Estados-membros a formularem políticas públicas para o uso das PICs nos sistemas nacionais de atenção à saúde. O documento *Estrategia de la OMS Sobre Medicina Tradicional 2014-2023* (OMS, 2013) descreve os objetivos estratégicos que devem ser seguidos pelos Estados-membros a fim de se promover a utilização segura e eficaz das PICs.

O Ministério da Saúde, em conformidade com as orientações da OMS, elaborou a *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS* (PNPIC) com a proposta de ampliar a oferta de ações em saúde, por meio das PICs, em todos os níveis de atenção à saúde, mas com ênfase na atenção primária (BRASIL, 2006).

A PNPIC, quando foi lançada em 2006, definiu as abordagens terapêuticas a serem utilizadas no Serviço Único de Saúde (SUS), enfatizando os sistemas médicos complexos que já dispunham de maior legitimidade e difusão, como a medicina tradicional chinesa, a medicina antroposófica e a homeopatia, além de outros recursos terapêuticos como a fitoterapia e o termalismo-crenoterapia.

Nos anos de 2017 e 2018, por meio de portarias ministeriais, foram incluídas diversas outras PICs na PNPIC. A Portaria n. 849, de 27 de março de 2017, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017), incluiu as seguintes terapias: arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e yoga. A Portaria n. 702, de 21 de março de 2018, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), incluiu, além dessas, as seguintes terapias: aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, medicina antroposófica e antroposofia aplicada à saúde, ozonioterapia, terapia de florais e termalismo social/crenoterapia.

As diretrizes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) - criado para apoiar a inserção da Estratégia de Saúde da Família na rede de serviços e ampliar a abrangência e o

contemporânea. A Organização Mundial de Saúde (OMS) prefere utilizar os termos "Medicina Tradicional e Complementária/Alternativa" (MT/MCA) para designar o mesmo campo de práticas e ações em saúde. Apesar de existirem especificidades e distinções sobre o uso das referidas terminologias, estas serão tratadas, nesta dissertação, como semelhantes, dando-se preferência à terminologia PICs.

escopo de ações da Atenção Básica - estabelecem que profissionais da saúde que trabalham com as abordagens definidas pela PNPIC podem integrar as equipes do NASF (BRASIL, 2010).

A oferta de práticas e ações em saúde no campo de várias PICs no SUS está de acordo com os princípios deste, em especial, com aquele que estabelece que a atenção aos usuários deve ser orientada pela noção de integralidade, pois, por muitas delas estarem fundamentadas em racionalidades médicas baseadas em princípios vitalistas e holísticos, as PICs podem ser ferramentas adequadas para esse propósito (TESSER; LUZ, 2008).

Existem, contudo, outras abordagens terapêuticas, no campo das PICs, que não estão contempladas na PNPIC e que poderiam ser oferecidas na atenção básica e em outros níveis de atenção do SUS, em face de apresentarem métodos e recursos terapêuticos diferentes das abordagens já contempladas nessa política e levarem em conta outros aspectos nas suas concepções sobre o processo de saúde-adoecimento.

Uma abordagem que ainda não foi contemplada na PNPIC é a orgonoterapia, embora a bioenergética, que é uma abordagem fundamentada em alguns dos princípios terapêuticos desenvolvidos por Reich, já tenha sido incluída na PNPIC no ano de 2018 (BRASIL, 2018). Outra razão pelas quais esta pesquisa se justifica, também, é que pode contribuir para que a orgonoterapia possa vir a ser melhor conhecida e, quem sabe, inserida, futuramente, nessa política nacional de saúde.

A presente pesquisa seguiu uma abordagem dedutiva, porquanto, partir-se-á das categoriais gerais do pensamento de Wilhelm Reich, tais como, o funcionalismo orgonômico e as propriedades da energia orgone, para se deduzir a concepção orgonômica de saúde-adoecimento desse autor. Como método de procedimento adotou-se uma perspectiva descritiva e hermenêutica, ressalvando, no entanto, a complexidade dessa descrição, uma vez que, conforme já anunciado na justificativa anteriormente exposta, o pensamento reichiano carece de sistematização, porquanto, está difundido em vários períodos e materializado em inúmeros textos, muitos deles, ainda, não traduzidos e não levados em conta nas pesquisas acadêmicas. Desse modo, nesse trabalho de sistematização, utilizou-se a abordagem hermenêutica filosófica de Gadamer (1997) para interpretar o conteúdo pesquisado e dele se extrair e construir uma concepção de saúde-adoecimento que pode ser atribuída a Reich.

É necessário ter em mente que a hermenêutica filosófica foi desenvolvida, por Hans-Georg Gadamer, na sua obra *Verdade e Método I* (GADAMER, 1997, p. 231), "como disciplina auxiliar da teologia e da filosofia", a qual "experimentou no século XIX um desenvolvimento sistemático que a transformou em fundamento para o conjunto das atividades das ciências do espírito".

Para Gadamer (1997, p. 231), a hermenêutica "elevou-se fundamentalmente acima do seu objetivo pragmático original, ou seja, o de tornar possível ou facilitar a compreensão de textos literários", pois não só a tradição literária, mas, toda a tradição, incluindo a arte e as demais criações espirituais do passado, como o direito, a religião, a filosofia etc., "encontram-se despojados de seu sentido original e dependem de um espírito que as interprete e intermedie [...]", e que forneça uma apropriação nova e mais viva.

Frente a questão sobre como determinar a tarefa da hermenêutica e, a partir das análises realizadas nos trabalhos de Schleiermacher e Hegel sobre as possibilidades de compreensão de uma obra, Gadamer destaca duas tarefas fundamentais dessa abordagem filosófica: a *reconstrução* e a *integração*. Para aqueles dois pensadores, "no começo se encontra a consciência de uma perda e uma alienação frente à tradição; é essa consciência que provoca a reflexão hermenêutica" (GADAMER, 1997, p. 232).

Schleiermacher, segundo Gadamer (1997, p. 233), "está totalmente empenhado em reconstruir na compreensão a determinação original de uma obra. Pois a arte e a literatura que nos são transmitidas do passado chegam a nós desenraizadas de seu mundo original". O saber histórico, para o pressuposto hermenêutico de Schleiermacher, abriria a possibilidade de suprir o que foi perdido e reconstruir a tradição, na medida em que seria capaz de devolver o ocasional e o originário (GADAMER, 1997).

Ainda que "a reconstrução das condições sob as quais uma obra transmitida cumpria sua determinação original" se constitua em uma operação auxiliar para a compreensão, por conta da historicidade de nosso ser, "a reconstrução das condições originais, como toda e qualquer restauração, não passa de uma empresa impotente. A vida reconstruída, recuperada do alheamento, não é a original" (GADAMER, 1997, p. 234). A reconstrução não é idêntica à produção original, assim, o significado original da obra que se almejaria alcançar com a reconstrução não é aquele que se pode obter. Segundo Gadamer (1997, p. 234), uma hermenêutica que "entenda a compreensão como a reconstrução do original não passa de um exercício de transmissão de um sentido morto", pois, no presente, o sentido de uma obra já é outro, uma vez que o sentido não se separa da historicidade do intérpret, e o sentido original já não está mais vivo.

Frente à impossibilidade de resgate das condições originais de construção e de transmissão de uma obra, Gadamer aproveita uma outra possibilidade oferecida por Hegel: "equilibrar o ganho e a perda da empresa hermenêutica" (GADAMER, 1997, p. 234). Para esse pensador, ainda que o retorno ao contexto histórico de uma obra possa servir para complementar o seu significado, isso não é suficiente para se adquirir uma relação vital com a obra, mas apenas

uma relação imaginativa (GADAMER, 1997). A compreensão histórica, aos olhos de Hegel, não passa de uma atividade exterior e não alcança a verdadeira tarefa do espírito pensante, que só se leva a cabo, na autoconsciência do espírito, "de um modo superior" (GADAMER, 1997).

Para Hegel, conforme expõe Gadamer (1997, p. 236),

> [...] o que domina a tarefa hermenêutica é a filosofia, isto é, o espírito que penetra e se impõe na história. Essa posição é diametralmente oposta ao esquecimento de si da consciência histórica. Nela o comportamento histórico da imaginação se transforma em um comportamento pensante com respeito ao passado. [...] a essência do espírito histórico não consiste na restituição do passado, mas na mediação com a vida atual feita pelo pensamento.

Assim, na leitura que Gadamer faz de Hegel, a hermenêutica filosófica alcança a compreensão de uma obra, auxiliada pela tarefa da *reconstrução*, contudo, tendo como tarefa principal a *integração*, em que ocorre a mediação histórica entre a reconstrução imaginária do passado da obra com a vida atual. Essa tarefa da hermenêutica permite uma apropriação nova e viva da obra, que leva em conta a historicidade do pesquisador na tarefa hermenêutica e não se deixa iludir pelo objetivo, impossível de ser alcançado, de restituir o sentido original e morto de uma obra. Pelo contrário, é na nova apropriação e no reviver de uma obra no presente que a compreensão de uma obra é possível, carregando questionamentos sobre as condições atuais e estabelecendo novos horizontes de possibilidades para o presente.

Na presente dissertação, a primeira tarefa hermenêutica, isto é, a reconstrução, será utilizada para realizar uma síntese descritiva, com a máxima precisão possível, das ideias de Reich, para, então, produzir uma formulação da concepção de saúde-adoecimento ali implícita, a partir da nossa interpretação. A segunda tarefa hermenêutica, isto é, a integração, embora apenas iniciada, permitirá uma discussão embrionária sobre algumas possíveis implicações e contribuições que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento podem oferecer ao contexto atual do campo da saúde e de suas práticas.

Em relação ao percurso metodológico trilhado na pesquisa, a intenção inicial era no sentido de desenvolver, em igual proporção, as tarefas da reconstrução e da integração. Contudo, a primeira tarefa, a reconstrução, mostrou-se muito mais complexa do que o previsto e consumiu muito tempo. A segunda, a integração, nos seus aspectos mais aplicados e mais voltados para a contemporaneidade, o mundo social, cultural e institucional, ficou menor, menos desdobrada e mais restrita.

A sistematização dos conceitos reichianos foi considerada necessária para o consistente andamento da investigação e para que se pudesse alcançar o objetivo principal que foi a descrição da concepção de saúde-adoecimento presente na obra do autor estudado, a qual, de certo modo, já é em parte uma contribuição para a integração, embora não suficiente. A parte

da discussão dos desdobramentos dessas idéias para o mundo atual e a Saúde coletiva, bem como dos problemas de seu significado frente ao conhecimento científico e clínico-sanitário atual, que compõe a segunda tarefa hermenêutica, isto é, a integração, ocorreu de forma mais limitada quanto as suas possibilidades e desafios, mas, foi sinteticamente encaminhada em seus principais aspectos, sentidos e significados mais gerais. A integração possível, em nosso ver, é facilitada por e derivada da concepção de saúde-adoecimento, embora parcialmente.

Procurou-se seguir a proposta inicial na medida do possível, mas, frente às complexidades do próprio objeto do estudo e ao tempo limitado, não foi desdobrada e finalizada uma proposta plena de integração em todos os seus desdobramentos, muitos dos quais foram apenas indicados para futuras pesquisas. As possíveis contribuições que o conhecimento reichiano tem a oferecer para o mundo de hoje dependem de uma conceituação robusta e precisa, o que foi tentado realizar aqui, de modo que ela é apresentada como um intermediário para integrar as contribuições de Reich ao mundo do cuidado à saúde, da saúde coletiva e da sociedade contemporânea. Considerou-se que esse construto é uma contribuição para dar sequência a futuros trabalhos que poderão desenvolver e desdobrar a tarefa da integração.

A técnica de pesquisa, portanto, foi a documentação indireta, abrangendo tanto a pesquisa documental quanto a bibliográfica.

As fontes bibliográficas primárias principais foram livros e artigos produzidos por Reich que compõem o corpo teórico da orgonoterapia. Foram utilizados documentos, artigos e livros escritos por esse autor, que versam sobre o eixo clínico-terapêutico de sua obra, além de uma entrevista concedida por ele e anotações registradas em seus diários. Isso constitui uma parte restrita, ainda que volumosa, da obra desse autor, que escreveu profusamente sobre vários temas além da clínica psicológica e médica, tais como, sobre a política, sobre a física, sobre a biologia e sobre a filosofia entre outros[7].

Como se pode perceber, as matrizes reichianas levadas em consideração neste trabalho são a orgonoterapia, o funcionalismo orgonômico e a concepção orgonômica acerca da saúde-adoecimento, as quais foram expostas, detalhadamente, no curso deste trabalho.

O texto desta dissertação está estruturado em quatro capítulos: o primeiro tratará da trajetória de Wilhelm Reich no desenvolvimento das suas abordagens realizadas no período psicanalítico ou da análise do caráter, no período dos primeiros experimentos laboratoriais ou da vegetoterapia caractero-analítica e do período orgonômico ou da orgonoterapia. O segundo capítulo tratará do desenvolvimento, por outros pesquisadores, da orgonomia, da orgonoterapia

[7] Uma lista ilustrativa dos diversos escritos desenvolvidos por Wilhelm Reich encontra-se no apêndice C.

e das terapias de base reichiana após a morte desse autor. O terceiro se ocupará, especificamente, do funcionalismo orgonômico como metodologia de investigação científico-natural reichiana. Por fim, o quarto tratará do objeto principal deste trabalho, ou seja, da descrição e da sistematização da concepção orgonômica de saúde-adoecimento no pensamento reichiano.

2 A TRAJETÓRIA DE WILHELM REICH NAS SUAS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS DA ANÁLISE DO CARÁTER, DA VEGETOTERAPIA CARACTERO-ANALÍTICA E DA ORGONOTERAPIA

2.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

A obra e o pensamento de Wilhelm Reich constituem-se numa unidade que pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas ou eixos-teóricos[8], pois o desenvolvimento de suas ideias forma um *continuum*, ou seja, um corpo teórico de conceitos inter-relacionados. Embora haja certa dificuldade para se dividir a sua obra em momentos ou períodos específicos, para fins didáticos, consideramos ser possível dividí-la em três grandes períodos, levando em conta o seu eixo clínico-terapêutico, os quais estão associados às três abordagens terapêuticas desenvolvidas por esse autor ao longo de sua vida: a análise do caráter, a vegetoterapia carátero-analítica e a orgonoterapia.

Neste capítulo, realizaremos uma síntese da caminhada trilhada por Reich ao desenvolver essas três abordagens terapêuticas, e apresentaremos, de maneira sintética, alguns dos conceitos relacionados ao eixo-clínico da obra reichiana, a fim de introduzir o leitor leigo no objeto de nossa investigação.

Este capítulo está dividido em três itens, ocupando-se o primeiro da descrição do período psicanalítico e do desenvolvimento da técnica de análise do caráter (1920-1934), período em que esse autor esteve oficialmente ligado à Associação Internacional de Psicanálise e em que ele desenvolveu uma metodologia psicoterapêutica associada aos princípios do pensamento freudiano, denominada análise do caráter. O segundo item tratará do período dos primeiros experimentos laboratoriais e do desenvolvimento da vegetoterapia caráctero-analítica (1934-1939), no qual Reich realizou os seus primeiros experimentos laboratoriais e diversas formulações importantes, entre elas, o encouraçamento muscular - que permitiu que ele desenvolvesse técnicas terapêuticas de intervenção no corpo, as quais foram utilizadas em conjunto com a análise do caráter para formular uma nova abordagem terapêutica, a vegetoterapia caráctero-analítica – e outras, como, por exemplo, a investigação de partículas

---

[8] Por "eixo-teóricos" queremos dizer que existem unidades temáticas que perpassam a obra reichiana, que acompanham o desenvolvimento do pensamento desse autor, e que poderiam ser utilizadas a fim de se realizar análises e sínteses de períodos da obra de Reich. Como exemplos de unidades temáticas podemos citar, entre outros: a) o pensamento político e sociológico reichiano; b) a economia-sexual nos campos da sexologia e da pegagogia; c) os temas relacionados à clínica médica e psicológica; e d) o funcionalismo orgonômico, enquanto uma abordagem de investigação científico-natural. Esses eixos-teóricos estão relacionados entre si, o que dificulta o estudo de um eixo-teórico sem fazer referência aos outros.

microscópicas denominadas *bions* e sua relação com a origem da vida, que, por sua vez, abriram o caminho para a investigação do que esse autor considerou ser uma forma distinta de energia. Por fim, o terceiro item, tratará do período orgonômico e do desenvolvimento da orgonoterapia (1939-1957), ou seja, do período em que foram realizados experimentos que o conduziram à investigação de uma específica forma de energia, denominada, por ele, de *orgone*. De 1939 a 1957, ano de sua morte, esse pesquisador dedicou-se a investigar, experimental e clinicamente, o funcionamento dessa energia e, com isso, fundou uma nova ciência, a orgonomia, baseada em princípios e pressupostos teóricos distintos da ciência tradicional. Reich passou a investigar as relações da energia orgone com os processos de saúde-adoecimento e, com base nas suas formulações, aprimorou, ainda mais, as suas concepções médicas, desenvolveu outros princípios e técnicas clínico-terapêuticas e, assim, desenvolveu a sua última abordagem, denominada orgonoterapia.

2.2 O PERÍODO PSICANALÍTICO E O DESENVOLVIMENTO DA TÉCNICA DE ANÁLISE DO CARÁTER (1920-1934)

Wilhelm Reich nasceu em 1897, em Dobrzynica, uma aldeia da Galícia, na época, parte do antigo Império Austro-Húngaro, sendo, neste período, portanto, cidadão austríaco[9]. Pouco tempo depois, ele e sua família mudaram-se para Jujintz, na província de Bukovina, o lado germano-ucraniano da Áustria (ALBERTINI, 1994).

Em 1914, na época com dezessete anos, Reich alistou-se como voluntário no exército austríaco e combateu, na Primeira Guerra Mundial, em frentes de batalha, por três vezes, em território italiano, ocupando os postos de primeiro cabo e tenente (ALBERTINI, 1994).

Com o fim da Primeira da Guerra Mundial, após o seu serviço militar, aos 21 anos, isso em em 1918, Reich matriculou-se, inicialmente, no curso de direito da Universidade de Viena, mas, em pouco meses, ao perceber a sua falta de inclinação para essa área, decidiu, ingressar na Escola de Medicina da Universidade de Viena, na qual recebeu o título de Doutor em Medicina “com distinção” (BRIEHL, 1981). Após a conclusão do curso de medicina, realizou pós-graduação, na Clínica Universitária de Psiquiatria e Neurologia, sob a direção de Julius von Wagner-Jauregg (1857-1940) e Paul Ferdinand Schilder (1886-1940).

---

[9] Conforme será explicado no transcorrer desse capítulo, em face de perseguições realizadas pelos comunistas e pelos nazistas, decorrentes de suas ideias, no ano de 1939, Reich mudou-se para os Estados Unidos tendo se naturalizado cidadão norte-americano no ano de 1946 (ALBERTINI, 1994).

Quando ainda era estudante do segundo ano do curso de medicina, aos 23 anos, em 1920, Reich foi aceito como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena[10], “uma distinção que só era conferida àquele que se mostrasse competente nesse campo” (BRIEHL, 1981, p. 480). Ele esteve oficialmente ligado ao movimento psicanalítico por quatorze anos, de 1920 a 1934, quando dele foi excluído pela sua militância política como ativista, pensador e crítico contestador do fascismo (WAGNER, 1996).

Ainda que o posicionamento político de Reich tenha sido determinante para a sua exclusão desse movimento, é preciso levar em conta que algumas de suas teorizações clínico-terapêuticas – a teoria da potência orgástica, o abandono do método da livre-associação, a utilização da técnica de análise do caráter referenciada pela genitalidade e a sua crítica ao conceito de pulsão de morte (algumas dessas adiante abordadas) – também passaram a incomodar profundamente Sigmund Freud e outros psicanalistas e devem, provavelmente, ter, também, contribuído para a sua exclusão do movimento psicanalítico (BEDANI, 2007a; REICH, 1979a).

Reich ocupou um lugar de destaque entre os muitos psicanalistas que contribuíram para os aspectos técnicos e teóricos da psicanálise, devido à sua grande preocupação com os problemas da ciência (BRIEHL, 1981). Entre os pioneiros da psicanálise, ele foi um dos que mais se ocupou da prática clínica e, empenhado em desenvolver uma prática mais abrangente e mais eficiente, desenvolveu novas ideias que, por sua vez, propiciaram a formulação de uma vertente singular (WAGNER, 1996).

Reich teve importante participação no Seminário de Técnica Psicanalítica, em Viena, desde 1922, ano em que propôs a sua criação, e ocupou o cargo de presidente desse projeto de 1924 a 1930, quando se mudou para Berlim (REICH, 1979a). Nesse seminário, discutiam-se e investigavam-se problemas referentes à técnica psicanalítica, realizavam-se estudos de casos considerados insucessos analíticos, procuravam-se entender as possíveis limitações dessa técnica e buscaram-se formas de lidar melhor com a resistência (ALBERTINI, 2011).

Os anos entre 1922 e 1930 foram um período de grande produtividade teórica de Reich, pois foi quando ele publicou livros e diversos artigos no campo da psicanálise (CHASTKA, 2007). Inicialmente, durante os anos de 1922 a 1926, ele formulou a teoria da potência orgástica na terapia das neuroses e, estreitamente ligada a elas, posteriormente, de 1926 a 1933, desenvolveu a técnica de análise do caráter (REICH, 1979a).

---

[10] Essa sociedade originou a Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

A teoria da potência orgástica, ou teoria do orgasmo, como ficou posteriormente conhecida, foi desenvolvida por Reich como resultado de suas descobertas clínicas alavancadas por seu ímpeto terapêutico (SILVA, 2009). Ele buscava compreender qual era o fator decisivo numa análise, quais seriam as condições que levariam ao sucesso terapêutico e quais levariam ao seu fracasso. Num artigo intitulado *Über Genitalität vom Standpunkt der psychoanalytischen Prognose und Therapie* ("Sobre a genitalidade do ponto de vista do prognóstico e da terapêutica psicanalítica"), publicado em 1924, Reich propôs que o fator decisivo seria o grau de disponibilidade da libido genital na organização psíquica do paciente, de maneira que, "quanto mais a libido tivesse podido alcançar o primado genital, tanto melhor seria o prognóstico. Quanto mais fixada estivesse a libido em níveis pré-genitais, mais difícil seria o caso" (SILVA, 2009, p. 115).

Segundo a referida teoria, a libido genital teria um caráter curativo, de forma que a sua satisfação poderia afetar a neurose, sendo capaz de desfazer os sintomas neuróticos (SILVA, 2009). Para Reich, a genitalidade guardaria uma especificidade que a distinguiria das pulsões pré-genitais, isto é, "a possibilidade – exclusiva do amor genital – de descarregar completamente a libido no clímax durante o ato sexual" (SILVA, 2009, p. 115).

Contudo, para que a genitalidade cumprisse sua função curativa, não bastava a capacidade de desempenhar o ato sexual; seria necessária, também, a presença do orgasmo, que, para Reich, envolvia o abandono de si, sem inibição, em direção a um parceiro, "de forma que toda a personalidade e todo o corpo fossem afetados pela experiência do prazer e da descarga da excitação" (SILVA, 2009, p. 115).

Reich denominou potência orgástica "a capacidade de entrega à corrente de energia biológica, sem inibições; é a capacidade de descarga da excitação sexual contida, por meio de convulsões corporais involuntárias, mas agradáveis" (REICH, 1979a, p. 85). Com essa definição, ele, quis diferenciar a potência orgástica da potência eretiva, da potência ejaculatória e do intercurso sexual, "nas quais a descarga de excitação, a redução no nível de tensão libidinal e o empenho da totalidade do indivíduo podiam não estar presentes" (SILVA, 2009, p. 115). O fator determinante para que a genitalidade cumprisse uma função curativa seria a potência orgástica (SILVA, 2009), pois, nas palavras de Reich (1979a, p. 85), "nem um só neurótico tem esta capacidade e a esmagadora maioria dos homens é, caracterologicamente, constituída por doentes neuróticos".

Para Reich, toda a neurose estaria fundada numa estase da libido - um acúmulo excessivo de energia impossibilitada de ser descarregada pela via da genitalidade -, que forneceria a energia ao desenvolvimento da patologia. A libido, impedida de descarga direta,

buscaria sua descarga por meio dos sintomas neuróticos (SILVA, 2009). O orgasmo, realizado conforme a potência orgástica, “seria capaz de desfazer essa estase de libido e eliminar a neurose decorrente dela” (SILVA, 2009, p. 116). A importância clínica da teoria do orgasmo, para esse autor, era tal que ele “passou a propor o estabelecimento da potência orgástica como critério para o término da análise”, pois “ela possibilitaria a superação da neurose, e ao mesmo tempo, desempenharia uma função protetora e profilática” (SILVA, 2009, p. 116).

Com objetivo de capacitar o paciente a experimentar a satisfação genital orgástica, Reich estabeleceu, como um dos princípios de sua técnica terapêutica, descobrir e destruir todas as atitudes patológicas que impedissem a efetivação da potência orgástica de seus pacientes (REICH, 1979a). Segundo ele, “as obstruções à genitalidade são inúmeras e apresentam-se sob variadíssimas formas. Estavam ‘fixadas’ não só social como psiquicamente” (REICH, 1979a, p. 101). Foi dessa maneira que a teoria da potência orgástica serviu como base para o desenvolvimento da técnica de análise do caráter.

A técnica psicanalítica tradicional é baseada na capacidade de livre associação do paciente em dizer tudo que lhe vem à mente. Reich reconheceu que essa era uma das principais dificuldades na técnica psicanalítica e que poucos pacientes eram capazes de ser plenamente honestos sobre seus pensamentos e sentimentos, particularmente quando estes eram relativos à agressão e à sexualidade. Muitos deles escondiam seus verdadeiros sentimentos, mentiam sobre o que estavam sentindo e pensando ou tentavam agradar ao analista dizendo-lhe o que acreditavam que este fosse gostar de ouvir (CHASTKA, 2007). Reich começou a se focar na análise das resistências, pois “ele reconheceu que era essa tendência dos pacientes em esconder a verdade sobre eles mesmos, a sua *resistência*, que era necessária ser desmascarada primeiramente, antes que as memórias e sentimentos reprimidos pudessem aparecer” (CHASTKA, 2007, p. 20, tradução nossa). Ele percebeu que a principal resistência à análise era revelada não pelo “o que” o paciente dizia ou fazia, mas pela “maneira” pela qual ele dizia ou fazia algo. Não era o “o que”, mas “o como”, a mais importante manifestação da resistência, e, a partir do momento em que se começa a trabalhar com a forma como uma pessoa age, sua maneira típica de agir, está-se trabalhando com o seu *caráter* e não mais apenas com os seus pensamentos (CHASTKA, 2007).

Segundo Trotta (2000, p. 111), Reich passou a analisar o modo como o paciente se expressava em terapia, “seu tom de voz, sua postura, suas atitudes, seu gestual, suas expressões faciais e sua forma de olhar, e apontava esse conjunto de manifestações corporais para que o paciente fosse adquirindo consciência delas”.

Apesar de Reich prestar grande atenção aos aspectos formais da personalidade dos seus pacientes, interessava-lhe identificar um grupo específico de traços de caráter: os que funcionavam como defesa, em última instância, à experiência da potência orgástica.

Segundo Chastka (2007), Reich foi o primeiro teórico da psicanálise a desenvolver uma teoria coerente sobre o caráter. Esse autor, segundo Chastka (2007, p. 21, tradução nossa),

> [...] mostrou que os diferentes traços de caráter são dependentes uns dos outros e que eles trabalham juntos para formar uma resistência unitária, ou defesa, contra todas as emoções que são sentidas ou percebidas como perigosas. Reich designou essa defesa unitária de *couraça do caráter*.

Os principais artigos que detalham os fundamentos da teoria do caráter e os princípios da técnica de análise do caráter foram publicados, por Reich, em 1933, no livro *Charakteranalyse: Technik und Grundlagen für studierende und praktizierende Analytiker* ("Análise do Caráter: Técnica e Fundamentos para os Estudantes e Analistas Praticantes"), cujas contribuições, no campo da caracterologia, colocaram-no na vanguarda do movimento psicanalítico no final da década de 1920 (ROBINSON, 1971)[11].

Reich atuou durante oito anos, de 1922 a 1930, na Policlínica Psicanalítica de Viena, uma clínica voltada ao atendimento da população de baixa renda, na qual ocupou o cargo de primeiro-assistente, de 1922 a 1928, e de vice-diretor, de 1928 a 1930 (ALBERTINI, 2011; REICH, 1979a). A sua experiência nessa policlínica o levou à constatação de que "*a neurose é uma doença de massas, uma espécie de infecção semelhante a uma epidemia*" (REICH, 1979a, p. 66). A psicanálise, na sua formatação tradicional de psicoterapia individual, não seria uma terapia para aplicação em massa, pois nem toda a parcela da população emocionalmente doente poderia receber tratamento e, além disso, nem todos os casos atendidos na policlínica logravam êxito "por causa de problemas terapêuticos, não resolvidos, que diziam respeito à técnica" (REICH, 1979a, p. 66 e 67).

Além de suas críticas sobre a inadequação da aplicação da psicanálise como ferramenta para tratar a neurose na população de baixa renda, Reich (1979a, p. 66), também, foi pioneiro em apontar que as condições materiais do doente estavam diretamente associadas ao seu sofrimento emocional e, portanto, em valorizar a assistência social no campo da saúde mental, aspecto este que, no dizer dele, era desconsiderado pelos psiquiatras e psicanalistas de sua época. Segundo Reich (1979a, p. 66),

> Nem o psiquiatra nem o psicanalista, por outro lado, se preocupavam em conhecer as condições de vida social dos doentes. Sabia-se que havia pobreza e dificuldades materiais. De qualquer maneira, porém, não se considerava relevante o conhecimento desses dados no sentido de uma maior eficiência no

---

[11] Abordaremos com maior profundidade, no decorrer do quarto capítulo, os conceitos de caráter e encouraçamento, conforme aparecem na obra reichiana.

> tratamento. Todavia, as condições materiais do doente eram um problema constante na clínica. Muitas vezes tornava-se necessário resolver, primeiro, problemas de assistência social. Surgia assim uma lacuna tremenda entre a *prática particular* e a *prática na clínica* [social].

Reich (1979a, p. 66) trouxe, também, o tema da prevenção para a área da saúde mental, pois, segundo ele, "não existia a ideia de uma *medicina preventiva de neuroses* – nem se saberia o que dizer dela".

Ao constatar que a neurose era uma doença das massas, Reich veio a reconhecer que a verdadeira tarefa não deveria ser a terapia mas a profilaxia das neuroses. Contudo, ele considerava a prevenção impossível enquanto as condições prévias para uma ação preventiva não fossem criadas por meio de uma revolução nas instituições e ideologias sociais que transformassem o regime vigente de repressão social, política e, principalmente, sexual. Enquanto não ocorressem essas transformações sociais, "os esforços dos especialistas deveriam, de preferência, dedicar-se a um completo estudo das causas e curas do distúrbio psíquico individual" (ROBINSON, 1971, p. 32), de modo a preparar o caminho para introduzir as adequadas medidas profiláticas depois da revolução (ROBINSON, 1971).

No período de 1927 a 1933, Reich envolveu-se com movimentos políticos de esquerda. Em 1928, ele entrou, formalmente, para o Partido Comunista Austríaco (DEMEO, 2013). Inicialmente, ele atuou em Viena (1927-1930) e, depois, em Berlim (1930-1933), onde desenvolveu uma ampla teorização de conotação freudo-marxista e coordenou diversos trabalhos de intervenção social, apoiado na visão de que política e sexualidade são domínios interligados e indissociáveis (BEDANI; ALBERTINI, 2009).

Continuando com a atividade desenvolvida na Policlínica Psicanalítica de Viena e buscando uma atuação com uma orientação mais preventiva, Reich fundou, em 1928, a Associação Socialista para o Aconselhamento e Investigação Sexual (ALBERTINI, 2011), entidade esta que contava com a participação de psicanalistas, de médicos e de advogado. Entre 1927 e 1930, a referida associação criou seis centros de aconselhamento espalhados por bairros de Viena, os quais "tornariam acessíveis às massas a orientação psicanalista e, ao mesmo tempo, despertariam nelas a consciência das reformas sexuais que devem acompanhar a revolução" (ROBINSON, 1971, p. 32).

Segundo Reich (1979a), não tardou para os centros ficarem superlotados. Albertini (2011, p. 166) elenca as principais atividades desenvolvidas nesses centros: o aconselhamento individual; as palestras sobre sexualidade de acordo com os princípios da *economia-sexual*,

denominação esta, conferida por Reich, ao conjunto de suas teorias; e o fornecimento de informações sobre métodos contraceptivos.

Em 1930, Reich foi expulso do Partido Comunista Austríaco, por conta de suas organizações provocativas e independentes focadas na sua visão político-sexual e consideradas como colidentes ou contrastantes com os ideais revolucionários marxistas por alguns líderes dos partidos de esquerda (DEMEO, 2013).

Além disso, a partir de 1929, o conflito de Reich com Freud – em decorrência do envolvimento político daquele, e, também, de divergências teóricas sobre aspectos da clínica psicanalítica - intensificou-se, tornando desconfortável a sua permanência em Viena. Procurando uma maior inserção no movimento de transformação social, nesse ano, Reich mudou-se para Berlim onde se filiou ao Partido Comunista Alemão. Ele, também, acreditava que, nessa cidade, haveria psicanalistas mais receptivos à teoria da potência orgástica e à técnica de análise do caráter (BEDANI, 2007a; REICH, 1979a).

No ano seguinte, ele fundou uma organização ligada ao Partido Comunista Alemão, a *Deutscher Reichsverband für Proletarische Sexualpolitik* ("Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária"), que ficou conhecida pela sigla SEXPOL (ALBERTINI, 2011). A proposta dessa organização era politizar a questão sexual e vinculá-la profundamente à revolução comunista (BEDANI; ALBERTINI, 2009).

Bedani (2007a, p. 86 e 87) explica, com mais detalhes, o surgimento da SEXPOL, ao afirmar que, segundo os relatos de Reich, "na Alemanha de 1930, havia cerca de oitenta organizações que trabalhavam com questões relativas à sexualidade; professando orientações muito distintas e não raramente rivalizando entre si". O número de membros agregados a tais organizações era de trezentos e cinquenta mil pessoas, ou seja, uma quantidade significativa. Ocorreu a Reich, então, "a idéia de criar uma organização que tentasse unificar aquelas organizações a partir de 'um esforço conscientemente dirigido'".

> A proposta foi levada adiante, e, com o apoio do Partida Comunista Alemão, deu-se em 1931 o primeiro congresso da Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária; o encontro reuniu oito organizações que representavam vinte mil pessoas. Outros grupos passaram a se associar e novos surgiram, fazendo com o que o movimento – que ficou conhecido como SEXPOL – crescesse rapidamente, chegando a contar com quarenta mil participantes. (BEDANI, 2007a, p. 86 e 87).

Alguns líderes dos partidos marxistas-socialistas, entre os quais Karl Johann Kautsky (1854-1938), atacaram Reich, publicamente, em jornais, alegando que o foco deste sobre as questões relacionadas à sexualidade iria dispersar a juventude revolucionária da luta contra o capitalismo (DEMEO, 2013).

Em 1931, Reich escreveu um livreto para jovens intitulado *Der Sexuelle Kampf der Jugend* ("O Combate Sexual da Juventude"), o qual contém informações básicas sobre sexualidade, sobre procriação e sobre métodos de contracepção, defendendo a ideia de que os sentimentos sexuais dos jovens são naturais e, ao mesmo tempo, muito temidos pela maioria dos adultos (DEMEO, 2013). A ideia de Reich era publicar esse livreto pela editora do partido comunista alemão, contudo os dirigentes marxistas em Moscou demoraram para avaliar a publicação pela imprensa e, ao final, acabaram não a permitindo, o que deixou Reich muito irritado e frustrado (SHARAF, 1983).

Observando as resistências de certos líderes marxistas em apoiá-lo, no verão de 1932, Reich fundou a sua própria editora, a *Verlag für Sexualpolitik* (Sexpol-Verlag), inicialmente criada para a publicação de folhetos e livros sobre educação e política sexual (DEMEO, 2013; SHARAF, 1983).

Segundo Sharaf (1983, p. 169, tradução nossa),

> A decisão de Reich em estabelecer sua própria editora foi sábia, desde 1932 ele começou a enfrentar dificuldades para publicar seus artigos clínicos no International Journal of Psychoanalysis. Antes disso, ele sempre publicou seus artigos e livros pela impressa psicanalítica ou nos jornais marxistas. Depois de 1932, nenhuma editora a não ser a sua própria iria aceitar seus manuscritos durante o seu período de vida.

A Sexpol-Verlag passou a ser utilizada, por Reich, para a publicação de seus artigos e livros, de 1932 até 1939, ano em que ele deixou a Europa e foi para os Estados Unidos. A partir de 1932, seus escritos passaram a ser rejeitados por psicanalistas e proibidos por comunistas e logo entraram para a lista de textos a serem queimados pelos nazistas (DEMEO, 2013). A publicação de *O Combate Sexual da Juventude* acarretou na sua expulsão do Partido Comunista Alemão em 1933 (SHARAF, 1983).

Do período freudo-marxista de Reich, a produção que ficou mais conhecida foi a obra de psicologia política intitulada *Massenpsychologie des Faschismus* ("Psicologia de Massa do Fascismo"), publicada em 1933. Nessa obra, por meio de uma articulação entre a psicanálise e o marxismo, Reich procurou entender as razões que levaram boa parte do proletariado alemão a apoiar o nazifascismo contra os seus próprios interesses de classe (ALBERTINI, 2011). Na referida obra, "a repressão sexual é vista como uma espécie de matriz que prepara o indivíduo para a aceitação das demais repressões", pois "a inibição sexual tenderia a gerar pessoas impotentes diante da vida e, em consequência, potencialmente aderentes a ideologias autoritárias, como a nazifascista" (ALBERTINI, 2011, p. 165).

Em março de 1933, Reich foi, publicamente, denunciado no jornal nazista *Völkischer Beobachter* e, em maio desse mesmo ano, o seu nome apareceu numa lista de expulsão nazista-prussiana, tornando-se um homem caçado (DEMEO, 2013).

Em decorrência do perigo que corria pela ascensão de Hitler ao poder e por sua militância política em oposição ao nazifascismo, Reich deixou a Alemanha naquele ano e tentou estabelecer-se na Suécia e, depois, na Dinamarca. Contudo, apareceram críticas negativas ao seu trabalho e diversos artigos em jornais reclamando de sua presença nesse país (DEMEO, 2013). Finalmente, ele conseguiu se estabelecer na Noruega, onde permaneceu por cerca de cinco anos, de 1934 a 1939.

A orientação freudo-marxista assumida por Reich apresentava "várias diferenças doutrinárias e práticas em relação ao Partido Comunista Alemão e uma participação política em franca oposição à linha assumida pela Sociedade Psicanalítica, pautada pela tentativa de não confronto com o nazifascismo" (ALBERTINI, 2011, p. 167). O resultado dessas divergências foi a sua expulsão das duas organizações, da primeira, em 1933, e, da segunda, em 1934 (ALBERTINI, 2011; WAGNER, 1996). A partir desses acontecimentos, Reich decidiu trilhar um caminho independente, "longe da instituição psicanalítica e de qualquer agremiação político-partidária" (ALBERTINI, 2011, p. 167).

Durante o período de 1920 a 1934, o qual inclui os catorze anos em que esteve oficialmente ligado à Associação Internacional de Psicanálise, a pesquisa reichiana realizou-se, exclusivamente, com base em estudos teóricos, em diversos campos - tais como a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise, a sociologia, a política, a antropologia, a pedagogia e a filosofia - além, dos conhecimentos advindos de sua experiência no campo clínico da psicanálise. Em outros termos, durante esse período, as investigações de Reich não se pautaram em dados advindos de experimentos laboratoriais, os quais, somente, passaram a ser realizados quando ele estabeleceu-se em Oslo, na Noruega, em 1934, como será abordado no próximo item.

É importante ressaltar que, além do referencial teórico da psicanálise e do materialismo-dialético, durante a fase inicial de sua obra (1920 a 1934), Reich sofreu influência de outras escolas de pensamento, entre elas, de alguns pensadores de orientação vitalista - como os biólogos Hans Driesch (1867-1941) e Paul Kammerer (1880-1926) e o filósofo Henri Bergson (1859-1941) -, das ideias do médico e biólogo Richard Semon (1859-1918), do filósofo Friedrich A. Lange (1828-1875) e do antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942)[12].

---

[12] A influência desses pensadores, no início da obra reichiana, será abordada no terceiro capítulo, mais especificamente, no item *4.3 Percursos teóricos e epistemológicos que conduziram Reich ao funcionalismo orgonômico.*

2.3 O PERÍODO DOS PRIMEIROS EXPERIMENTOS LABORATORIAIS E O DESENVOLVIMENTO DA VEGETOTERAPIA CARACTERO-ANALÍTICA (1934-1939)

Em outono de 1934, Reich conseguiu um visto temporário de residência em Oslo, na Noruega, onde se estabeleceu até 1939 (CHASTKA, 2007). A convite do professor Harald Krabbe Schielderup (1895-1974), diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de Oslo, ele passou a dar conferências nesse instituto sobre a formação do caráter e sobre a sua origem biológica (RAKNES, 1988, p. 46 e 47). Schielderup ofereceu para Reich o uso de um laboratório no Instituto de Pesquisa Psicológica vinculado à universidade (SHARAF, 1983). Durante esse período, Reich encontrou meios de iniciar pesquisas experimentais em fisiologia e biologia, as quais permitiram que ele realizasse algumas de suas mais importantes descobertas (CHASTKA, 2007). Além disso, ele continuou a desenvolver suas teorias e técnicas terapêuticas.

Os pacientes tratados por Reich com o método da análise do caráter passaram a ficar conscientes de suas atitudes defensivas de caráter e, com o abrandamento da couraça caracterial, começaram, espontaneamente, a expressar emoções reprimidas que eles nunca haviam sido capazes de expressar ou mesmo de sentir. Reich observou que, quando os pacientes conseguiam expressar essas emoções reprimidas, ocorria uma mudança espontânea nas suas atitudes e nos comportamentos corporais (CHASTKA, 2007). Ele, então, começou a atacar a neurose pelo seu lado somático e, inicialmente, passou a chamar a atenção dos pacientes para suas tensões e espasmos musculares crônicos e a "sugerir que eles modificassem ativamente a sua postura, seu olhar, suas expressões corporais e seu ritmo respiratório" (TROTTA, 2000, p. 111-112). Contudo, ao perceber que os pacientes apresentavam dificuldades em atender a essas solicitações por conta própria, segundo Trotta (2000, p. 112),

> Reich passou a intervir ativamente sobre o corpo do paciente por meio de massagem e da proposição de movimentos e expressões. Desenvolveu diferentes métodos de intervenção corporal, incluindo a respiração profunda, movimentos oculares, sonorização, imitação facial e respiratória de emoções, movimentos expressivos dos membros etc.

Reich afirmou que, ao flexibilizar as couraças e tensões musculares, as emoções reprimidas e as memórias emergiam à consciência (CHASTKA, 2007) e que, por meio de tensões, a musculatura poderia obstruir a corrente sanguínea e reduzir o movimento dos fluídos do corpo (REICH, 1979a). Para esse autor, "*a energia da vida sexual pode ser inibida por tensões musculares crônicas. A ira e a angústia também podem ser bloqueadas por tensões musculares*". Além disso, sempre que ele "dissolvia uma inibição ou tensão muscular, aparecia

uma das três agitações biológicas fundamentais: *angústia, ódio* ou *excitação sexual*" (REICH, 1979a, p. 212).

Assim, Reich concluiu que a atitude física do corpo - composta pelos espasmos e tensões musculares, mas, também, certas hipotonias musculares - é a dimensão somática do processo de repressão, "o componente somático dos mecanismos de defesa do ego" (TROTTA, 2000, p. 112), e denominou esse mecanismo físico de repressão *couraça muscular.* Ele teria mostrado que "existem distúrbios somáticos crônicos subclínicos que são parte integrante da estrutura neurótica de caráter" (TROTTA, 2000, p. 112).

Após constatar que as couraças de caráter eram, funcionalmente, equivalentes às hipertonias e hipotonias musculares, Reich (1979a, p. 212) introduziu o conceito de identidade funcional, segundo o qual "as atitudes musculares e caracterológicas têm a mesma função nos mecanismos psíquicos: podem substituir-se umas às outras e podem ser influenciadas umas pelas outras. No fundo, não podem separar-se; são *idênticas* na sua função". A compreensão de que a função defensiva da couraça de caráter podia ser expressa pela couraça muscular, e vice-versa, forneceu o caminho para que Reich desenvolvesse a sua concepção acerca da unidade do funcionamento psíquico e somático (REICH, 1979a).

Depois de ter investigado a couraça muscular, por volta dos anos de 1934 ou 1935, Reich passou a denominar *vegetoterapia caractero-analítica*[13] a sua abordagem clínica. Essa mudança terminológica pretendeu indicar a mudança de ênfase do psicológico para o fisiológico e, também, que a técnica terapêutica influenciava diretamente o funcionamento do sistema nervoso vegetativo (REICH, 1982a). Reich é considerado o pai e o pioneiro das atuais psicoterapias de abordagem corporal ou das terapias psicorporais. Não existem registros conhecidos de que ele realizasse algum tipo de trabalho corporal sistemático em sua clínica antes do ano de 1934 (WAGNER, 2009).

Wagner (2009) definiu a vegetoterapia como sendo uma psicoterapia com enfoque corporal, em especial, no sistema neurovegetativo (atualmente denominado de sistema nervoso autônomo), com objetivo de integrar a análise do caráter às intervenções corporais.

Devido à sua expulsão da *International Psychoanalytical Association* (IPA) ("Associação Internacional de Psicanálise") e por ter desenvolvido teorias e técnicas clinico-terapêuticas que já não podiam ser mais enquadradas como psicanalíticas[14], por estarem

---

[13] Em inglês "*character-analytic vegetotherapy*", às vezes, também, traduzida para o português como "vegetoterapia analítica do caráter" ou "vegetoterapia carátero analítica".

[14] O que não exclui o fato da economia sexual herdar certas concepções freudianas, principalmente, no que se refere ao papel da sexualidade no desenvolvimento psíquico, de utilizar interpretações fundamentadas na ideia de inconsciente originado da repressão sexual e de atribuir à sexualidade um papel fundamental na etiologia do

fundamentadas em concepções próprias – tais como a noção de potência orgástica, a metodologia de análise do caráter, a noção de identidade funcional entre o encouraçamento somático e o caracterológico, a introdução de intervenções corporais para a dissolução da couraça muscular no trabalho psicoterapêutico, entre outras –, a partir de 1934, Reich passou a utilizar o termo *economia sexual* para denominar o conjunto de suas teorias, ainda que essa expressão tenha sido criada já por volta de 1928, de modo a diferenciar o seu corpo teórico do corpo freudiano.

A economia sexual, esclareceu Reich (1979a, p. 15), "nasceu no seio da psicanálise de Freud, entre 1919 e 1923" e, por volta de 1928, "tornou-se uma disciplina independente, agrupada com os seus próprios métodos de pesquisa para a investigação dos factos". No dizer daquele autor, "*é uma teoria da sexualidade científico-natural, fundada na experiência"*, no "*orgasmo*", fenômeno central da sexualidade, no qual "encomtram-se interrogações tanto do domínio da psicologia como do da fisiologia, tanto no campo da biologia como no da sociologia".

Assim, quando Reich (1979a, p. 16) se refere à economia sexual como uma teoria da sexualidade, ele cunha o referido termo como "um novo campo científico: *a investigação da energia biopsíquica*", o qual abrangeria desde fenômenos biológicos, como a origem do câncer, até a "praga psíquica que deu origem às ditaduras". A economia sexual envolveria, no mínimo, três grandes disciplinas: a biologia, a sociologia e a psicologia, uma vez que o conceito fundante desse "novo campo científico", a potência orgástica, estaria, também, diretamente relacionado aos domínios biológico, social e psíquico, como se pode observar na definição de saúde psíquica com base na potência orgástica:

> A saúde psíquica depende da *potência orgástica*, isto é, do grau de capacidade de entrega e de vivência no que respeita ao clímax da excitação no acto sexual natural. Está baseada na atitude de carácter não neurótico da capacidade de amor do indivíduo. As doenças psíquicas são o resultado de uma perturbação da capacidade natural para amar. No caso da impotência orgástica, de que sofre uma maioria esmagadora, ocorre a repressão da energia biológica e torna-se fonte de acções irracionais. O factor básico para curar perturbações psíquicas é o restabelecimento da capacidade natural de amar. Depende tanto das condições sociais como das psíquicas. (REICH, 1979a, p. 17).

A economia sexual é, portanto, o corpo teórico que fundamenta a vegetoterapia carátero analítica, e, após a investigação da energia orgone, em 1939, Reich passou a designar sua

---

adoecimento emocional. Conforme abordamos no terceiro capítulo, Reich buscou fundamentar suas teorias em perspectivas não mecanicistas, de caráter funcional, de modo que os fundamentos epistemológicos sobre o funcionamento biopsíquico da economia sexual e, posteriormente, da orgonomia, passaram a conflitar com os pressupostos epistemológicos centrados no materialismo-mecanicista da psicanálise.

“nova” disciplina de orgonomia e a sua abordagem terapêutica de orgonoterapia, como será abordado mais adiante.

No campo clínico e terapêutico, a teoria do encouraçamento permitiu uma nova forma de lidar com as resistências, pois o corpo e as intervenções sobre ele passaram a ser uma ferramenta fundamental para acessar e elaborar conteúdos psíquicos que ficavam, antes, inacessíveis, apenas, por meio das intervenções verbais, como, por exemplo, os fatos traumáticos ocorridos em fases precoces do desenvolvimento anteriores ao período de aquisição da linguagem verbal. Assim, a vegetoterapia é considerada o primeiro desenvolvimento clínico no campo das psicoterapias corporais, um grande passo dado por Reich (1979c, p. 39) que possibilitou ao terapeuta “penetrar além da linguagem verbal, para além do inconsciente até à expressão bioenergética, até à forma bioenergética de expressão do organismo”.

Na sua autobiografia científica, ao referir-se ao princípio básico da vegetoterapia carátero-analítica, Reich (1979a, p. 19) afirmou que:

> O seu princípio básico é o restabelecimento da mobilidade biopsíquica através da descontração da rigidez dos músculos e do carácter. Esta técnica de tratar neuroses foi fundamentada experimentalmente na descoberta da *natureza bioeléctrica da sexualidade e da ansiedade*. A sexualidade e a ansiedade são funções do organismo vivo que operam em direções opostas: *descontracção no que se refere ao prazer e contracção no que à ansiedade diz respeito*. A *fórmula do orgasmo* que orienta a pesquisa da economia sexual é a seguinte: *tensão mecânica – carga bioeléctrica – descarga bioeléctrica – descontracção mecânica*. Provou ser a fórmula das funções biológicas como tais. Levou à investigação experimental da organização da matéria viva a partir da matéria não viva, à *pesquisa experimental do “bion”* e, mais recentemente, à descoberta da *radiação do orgone*.

Vejamos, agora, como foi que Reich, ao trabalhar diretamente na couraça muscular, flexibilizando-a, a fim de restabelecer a mobilidade biopsíquica de seus pacientes, abriu caminhos para investigar, experimentalmente, outros fenômenos, como a antítese primária da vida, a relação entre a percepção de estímulos prazerosos e desprazerosos e as alterações nos potenciais elétricos na pele, a fórmula do orgasmo, a origem da vida e a energia orgone.

Durante a dissolução da couraça muscular, era comum ocorrerem respostas ligadas ao sistema neurovegetativo dos pacientes, que relatavam novas e inesperadas sensações de “correntes” no corpo (TROTTA, 2000; CHASTKA, 2007), as quais, segundo Chastka (2007, p. 22, tradução nossa), “eram prazerosas e geralmente suaves, mas, ocasionalmente, podiam ser tão fortes que eram percebidas como um transbordamento”, as quais Reich denominou *correntes vegetativas*, por considerá-las a expressão psicológica, perceptivo-sensorial, da ação de uma energia no sistema nervoso autônomo.

Com base nas suas investigações clínicas sobre as correntes vegetativas e, também, fundamentado em dados de outros pesquisadores[15], Reich (1982b) formulou uma hipótese de que a sexualidade e a angústia formariam uma antítese básica da matéria viva em geral, bem como do aparelho psíquico em particular. Os fatos clínicos e os fundamentos teóricos que o levaram a sustentar essa hipótese estão detalhados nos artigos *Der Urgegensatz des vegetativen Lebens* ("A Antítese Primária da Vida Vegetativa") (REICH, 1934a) e *Die vegetative Urform des Libido-Angst-Gegensatzes* ("A Forma Vegetativa Primária da Antítese Libido-Angústia") (REICH, 1934b), publicados, originalmente, em 1934, na revista *Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie* ("Revista de Psicologia Política e Economia Sexual"), publicada pela Sexpol-Verlag, a editora criada por Reich. Posteriormente, os referidos artigos, juntos com outros dois, foram traduzidos para o inglês e publicados no livro *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* ("A Investigação Bioelétrica da Sexualidade e da Angústia")[16] (REICH, 1982).

Notando que, após a dissolução da couraça, apareciam excitações autônomas, Reich (1982c) começou a compreender a sexualidade e a angústia como dois processos de excitação do organismo biológico que provêm da mesma fonte de excitação, contudo, que se movem em direções opostas[17]. Ao acompanhar cuidadosamente as manifestações de angústia e de excitação sexual em seus pacientes, esse pesquisador pode observar, diretamente, a alternação

---

[15] Entre os cientistas cujas teorias influenciaram a referida teoria de Reich, podem-se citar: a) L. R. Müller, que, em 1931, publicou o livro *Die Lebensnerven und Lebenstriebe* ("Os Nervos da Vida e os Instintos da Vida"), no qual ele apresentou as funções das duas divisões principais do sistema nervoso autônomo: simpático e parassimpático, as quais contribuíram com a visão de Reich sobre a antítese prazer-angústia; b) Max Hartmann e Ludwig Rhumbler, que realizaram uma série de experimentos com amebas, submetendo-as a diversos tipos de estímulos, por meio dos quais descobriram que, dependendo da quantidade e da qualidade do estímulo, as amebas podiam reagir de uma ou de outra maneira: ou procuravam ir ao encontro do estímulo (se moviam em sua direção) ou procuravam evitar o estímulo e assumiam uma forma esférica ("fingiam de mortas"). Esses cientistas, também, descreveram movimentos *internos* na forma de "correntes vegetativas" no plasma das amebas. As correntes plasmáticas em direção à superfície da ameba correspondiam ao movimento de "ir ao estímulo" e as correntes plasmáticas da superfície em direção ao centro das amebas correspondiam ao movimento de fuga. Hartmann e Rhumbler, também, notaram movimentos de pulsação na forma de uma alternância rítmica entre expansão e contração, os quais eram acompanhados dos movimentos das correntes vegetativas (na expansão as correntes plasmáticas se dirigiam do centro para a superfície e, na contração, o movimento ia na direção oposta); c) Friedrich Krauss, que, em 1926, publicou o livro *Allgemeine und Spezielle Pathologie der Person* ("Patologia Geral e Especial da Pessoa"), que apresentou uma visão no sentido de que os seres vivos consistiam, essencialmente, de coloides e sais minerais, os quais eram eletrólitos dissolvidos nos fluídos corporais, o que significa que a bioeletricidade estaria presente nas funções vitais. Krauss considerou o biossistema como um sistema de carga e descarga elétrica (REICH, 1982b; SHARAF, 1983).

[16] Os referidos artigos foram reunidos e encontram-se publicados no segundo capítulo, *Sexuality and Anxiety: The Basic Antithesis of Vegetative Life* ("Sexualidade e Ansiedade: A Antítese Fundamental da Vida Vegetativa") (REICH, 1982b) do livro de Reich (1982), o qual foi utilizado como fonte para essa pesquisa.

[17] É importante esclarecer que a compreensão reichiana sobre a sexualidade e a angústia concebidas como funções presentes em todos os seres vivos, alicerçadas na direção do movimento da excitação interna no organismo, sofreu forte influência de uma perspectiva de investigação denominada psicologia celular, a qual será abordada, com mais detalhes, no terceiro capítulo, mas especificamente, no item *4.3.4 Adesão de Reich à psicologia celular*.

das sensações sexuais nos genitais e das sensações de angústia na região cardíaca. Ele forneceu a seguinte descrição clínica:

> [...] enquanto os pacientes não se permitem estar cientes da excitação sexual, sofrem de angústia, que é experimentada fisicamente na região do coração e no diafragma. Se, por outro lado, eles permitem estar cientes da excitação sexual, a constrição angustiosa desaparece e os órgãos genitais se tornam turgescentes (ereção, umedecimento dos genitais femininos, etc.). Em qualquer estado de angústia, aparecem sintomas físicos que são exatamente antitéticos àqueles da excitação sexual. (REICH, 1982b, p. 29-30, tradução nossa).

A sexualidade estaria relacionada ao fluxo de excitação do centro para a periferia do organismo, de modo que o fluxo dos fluídos (sangue e outros líquidos) dirige-se às extremidades do corpo, havendo um turgor aumentado dos tecidos periféricos, tornando a pele e as membranas mucosas ingurgitadas com sangue, aumentando as secreções das glândulas salivares e genitais, ocorrendo um aumento na carga energética - carga esta que deveria ser uma espécie de bioeletricidade - e na tensão da superfície do organismo, um movimento de estiramento do corpo e de "expansão para fora do centro do corpo". No aparelho psíquico, essa excitação primária do organismo revela um interesse emocional dirigido ao mundo, apresenta-se como um movimento de "ir ao mundo exterior" e seria psiquicamente experenciada como sensação de prazer. Nas palavras de Reich (1982b, p. 21, tradução nossa), "qualquer impulso motor que sirva para colocar o biossistema mais perto do mundo exterior é funcionalmente idêntico à excitação sexual"[18].

Em contraste, a angústia estaria relacionada ao fluxo de excitação dirigido da periferia ao centro do organismo, em que os fluídos do corpo afastam-se da periferia e ocorre um aumento na carga energética e na tensão no centro vegetativo do organismo, o qual tende a se encolher e a se retrair. No aparelho psíquico, a antítese da excitação primária estaria relacionada ao movimento de "fuga do mundo em direção ao eu" e seria psiquicamente experenciada como desprazer, "aperto", "constrição", "tensão interna" etc. A angústia, portanto, seria uma "reação primária e irredutível da matéria viva, é a antítese fundamental da excitação sexual" (REICH, 1982b, p. 21, tradução nossa).

Além disso, Reich (1982b) considerou que, nos dois casos antitéticos, ocorreria a excitação no aparelho de vida vegetativo, o sistema nervoso autônomo, mas, na excitação

---

[18] Reich definiu "biossistema" ou "bioaparato" como a estrutura básica de todo ser vivo, a qual seria constituída por um centro ou núcleo bioenergético (representado, nos "animais superiores", pelo "aparato ganglionar autônomo") e uma periferia bioenergética que seria composta por membranas de superfície do organismo. A excitação, no biossistema, percorre a direção do centro para a periferia, nos movimentos de prazer (relacionadas à sexualidade) e, a direção oposta, da periferia para o centro, nos movimentos de desprazer (ou angústia). A noção de biossistema e sua relação com as emoções será abordada com mais detalhes no quarto capítulo, mais especificamente, no item *5.2.6 Os impulsos primários e os impulsos secundários e os três níveis da estrutura biopsíquica humana.*

sexual, predominaria a reação do sistema parassimpático e, na excitação angustiosa, a reação simpática. O parassimpático seria o sistema de excitação periférica e relaxamento central, de expansão sexual e o simpático seria o sistema de relaxamento periférico e excitação central, de contração angustiosa. Ou seja, os dois sistemas formariam uma unidade no sistema nervoso autônomo, mas, também, estabeleceriam entre si uma relação antitética.

Esses estudos no campo das emoções primárias levaram Reich a transcender os limites da psicologia da sexualidade e a entrar, cada vez mais, no campo da fisiologia e, gradativamente, contribuíram para que ele fosse construindo os fundamentos de uma teoria psicossomática. Segundo Reich (1982b), muitos fenômenos fisiológicos, que antes não foram compreendidos, poderiam ser, agora, compreendidos pela antítese funcional centro-periferia, admitindo a musculatura da extremidade do indivíduo como parte da periferia e o coração, como estando no centro. Por exemplo, a reação de medo revelaria essa antítese, pela paralisia da musculatura das extremidades e excitação do coração.

Chastka (2007) afirma que, pela primeira vez, a medicina psicossomática teve um fundamento científico natural, um mecanismo demonstrado, para compreender como as emoções podem afetar o estado físico do corpo por meio do sistema nervoso autônomo. Segundo esse comentador (2007, p. 26, tradução nossa), “muitas doenças físicas, das quais a pressão alta é uma das mais comuns, podem ser entendidas como surgidas de um distúrbio da expansão e contração no sistema nervoso autônomo do indivíduo”.

A concepção de Reich sobre a antítese prazer-angústia e sobre a sua relação com a excitação dos sistemas parassimpático e simpático permitiu um avanço no estudo clínico da neurose, sendo a inibição do prazer e a incapacidade de experenciar completamente o prazer sexual entendidas como o núcleo da neurose. O objetivo da terapia passou a ser a remoção das inibições que interferissem no processo natural de livre expansão e contração ou de pulsação do paciente (CHASTKA, 2007).

Reich compreendia que a unidade funcional do organismo multicelular seria derivada da unidade funcional do organismo celular. Ele partia do pressuposto da psicologia celular[19] de que funções elementares de organismos mais primitivos, como os unicelulares, estariam presentes nos organismos multicelulares e seriam a base para a compreensão da dinâmica do psiquismo dos organismos dos seres humanos (BEDANI, 2013). A antítese fundamental da vida vegetativa revelaria os dois movimentos básicos presentes no psiquismo de todos os organismos vivos: o movimento de “ir ao mundo e expandir-se” ou de “fugir do mundo e

---

[19] Abordaremos a influência da psicologia celular nas ideias de Reich no terceiro capítulo, mais especificamente, no item *4.3.4 Adesão de Reich à psicologia celular*.

contrair-se". No ser humano, essas funções primitivas estariam coligadas às estruturas celulares e histológicas, como o sistema nervoso autônomo (REICH, 1982b).

Aprofundando suas investigações clínicas sobre a sexualidade e o orgasmo, procurando compreender as causas dos processos energéticos que ele observava nas correntes vegetativas e nos fluxos corporais durante a expressão das emoções e pensando sobre a fricção sexual, o contato entre o pênis e a vagina e as contrações musculares durante o orgasmo, Reich concluiu que a energia que flui pelo corpo durante esses processos deveria ser "bioeletricidade" (CHASTKA, 2007).

Em 1927, Reich publicou uma resenha[20] estabelecendo relações entre as ideias do médico e patologista Friedrich Kraus (1958-1936) e as teorias psicanalíticas, em que ele cogitou, conforme Nasselstein (2007, *apud* BEDANI, 2013, p. 35), que "a libido somática de Freud é idêntica à carga elétrica do corpo" e que se pode verificar a influência de Kraus em suas ideias, no sentido de que aquele autor passou a interpretar os processos sexuais como sendo de caráter bioelétrico.

No livro *A Função do Orgasmo,* publicado em 1942, Reich sintetizou as ideias de Kraus da seguinte forma: "o corpo é governado por processos eléctricos e se compõe, por um lado, de inúmeras 'superfícies fronteiriças' entre membranas, e, por outro, de fluídos electrolíticos de densidade e natureza diferentes" (REICH, 1979a, p. 214).

A teoria bioelétrica sobre a sexualidade, desenvolvida por Reich, está fundamentada na visão de que "o processo de excitação sexual é um carregamento elétrico das zonas erógenas na superfície do organismo; o orgasmo em si, é uma descarga do potencial construído como um resultado da fricção pré-orgástica" (REICH, 1982c, p. 71, tradução nossa).

Com base nessas investigações, Reich derivou uma "fórmula" em quatro tempos para compreender o funcionamento da excitação orgástica, a qual pode ser descrita da seguinte maneira:

> O primeiro estágio da excitação sexual é a turgidez aumentada dos tecidos; i.e., um aumento na tensão mecânica como resultado da ingurgitação de sangue; O segundo é um aumento na carga elétrica da superfície (subida até o pico); O terceiro é a descarga do potencial construído durante as contrações involuntárias dos músculos; O quarto é a relaxação mecânica seguida da diminuição da hiperemia. (REICH, 1982c, p. 72, tradução nossa).

[20] A resenha foi intitulada "Kraus, Prof. Fr.: Allgemeine und spezielle Pathologie der Person, klinische Syzygiologie, besonderer Teil I: Tiefenperson" (Kraus, Prof. F.: Patologia geral e específica do indivíduo. Syzigiologia clínica. Em especial, a parte 1: A pessoa profunda") e publicada na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse (IZP)* ("Revista Internacional de Psicanálise"), XIII(3), p. 338-339, 1927.

Essa fórmula ficou conhecida como *fórmula do orgasmo*, ou fórmula tensão–carga, pois, de uma maneira esquemática, descreve a alternância entre *tensão mecânica –carga elétrica – descarga elétrica – relaxamento mecânico* nos processos de excitação presente nos organismos. Para Reich, o orgasmo seria uma manifestação básica da matéria viva e, assim sendo, a sua fórmula não se aplicaria aos fenômenos não vivos, pois, segundo ele, "na natureza não viva, não existe processo no qual a tensão mecânica seja convertida em carga elétrica, nem no qual o relaxamento mecânico aconteça após a descarga elétrica" (REICH, 1982c, p. 73, tradução nossa).

Esse pesquisador, então, conjecturou se essa conexão funcional entre os processos mecânicos e elétricos, descritos na sua fórmula, constituiria a essência da atividade biológica (REICH, 1982c). Ele reconheceu que a fórmula do orgasmo e sua teoria sobre a antítese fundamental da vida eram, apenas, hipóteses que necessitavam, ainda, ser comprovadas experimentalmente para que pudessem se revelar em teorias com maior validade e aplicações práticas[21]. Para alcançar esse propósito, entre 1934 e 1935, Reich realizou uma série de experimentos mensurando alterações do potencial elétrico na superfície da pele, os quais ficaram conhecidos como experimentos bioelétricos sobre a sexualidade. Com a ajuda de outro pesquisador, ele construiu um aparato constituído por um amplificador e oscilógrafo que media e registrava a variação dos potenciais elétricos na superfície da pele[22]. Os detalhes dos experimentos, incluindo informações sobre a construção do aparelho, a maneira de interpretar os resultados e os experimentos de controle realizados estão descritos no trabalho intitulado *Experimentelle Ergebnisse über die elektrische Funktion von Sexualität und Angst*[23] ("Resultados Experimentais Sobre a Função Elétrica da Sexualidade e da Angústia") publicado, originalmente, em 1937 (REICH, 1937).

---

[21] Importante dizer que, se Reich conseguisse provar suas teorias, ele estaria, também, fornecendo uma demonstração quantitativa para a hipótese de Freud sobre a existência da libido, a energia sexual. Segundo Sharaf (1983, p. 207, tradução nossa), "ele queria fornecer uma fundamentação biológica para a psicanálise que Freud havia previsto, ainda que este tivesse abandonado os esforços iniciais para vincular a psicanálise com a fisiologia".

[22] Segundo Sharaf (1983), o aparato custou cerca de 3000 coroas norueguesas ou 500 dólares da época e foram financiados pelo próprio Reich, que, de 1934 em diante, passou a investir uma boa parcela do que ganhava com a sua prática clínica particular para financiar os seus próprios experimentos.

[23] O referido trabalho constitui-se em um relatório com a descrição da metodologia experimental utilizada por Reich em seus experimentos e os resultados obtidos, incluindo uma série de fotografias das curvas geradas pelo oscilógrafo que registravam as variações do potencial elétrico na pele durante os experimentos. Não foi publicado em uma revista, mas sim como um artigo independente pela Sex-Pol Verlag, editora utilizada por Reich para a publicação de seus escritos durante esse período de sua obra. Posteriormente esse texto foi traduzido para o inglês e publicado como capítulo, intitulado *The Bioelectrical Function of Sexuality and Anxiety* ("A Função Bioelétrica da Sexualidade e da Ansiedade") (REICH, 1982c), do livro *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* ("A Investigação Bioelétrica da Sexualidade e da Ansiedade") (REICH, 1982) o qual foi a fonte utilizada para essa pesquisa.

Esses experimentos consistiam em medir, nos sujeitos humanos, o potencial elétrico em determinadas regiões da superfície do corpo, incluindo as zonas erógenas, enquanto eles recebiam estímulos físicos prazerosos e desprazerosos. Reich teria concluído, com os seus experimentos, que sempre que os sujeitos humanos experenciavam, subjetivamente, sensações de prazer, o oscilógrafo registrava alterações de potencial positivo na pele, o que seria indício de um aumento na carga elétrica na superfície do corpo. O contrário ocorria com as sensações de desprazer, em que o oscilógrafo registrava uma variação negativa nos potenciais elétricos, que, para Reich, seria um indício de que a carga elétrica, ao invés de ir para a superfície do corpo, iria para o centro do organismo. Além disso, esse autor teria concluído que a variação no potencial elétrico nas zonas erógenas, durante as experiências com estímulos prazerosos e desprazerosos, apresentava uma magnitude maior em relação as outras partes do corpo. Outro dado que o citado pesquisador considerou ter obtido é que a variação no potencial elétrico correspondia à intensidade da emoção experenciada subjetivamente. Assim, se uma zona erógena estivesse sendo estimulada, o oscilógrafo só registraria uma variação positiva caso o sujeito estivesse experenciando psiquicamente o prazer correspondente ao estímulo. Reich, também, realizou observações e experimentos de controle em substâncias inorgânicas e sem vida e afirmou que o oscilógrafo não registrou o padrão de variação no potencial encontrado nos testes com sujeitos humanos, o que, para ele, seria um indício que essas propriedades elétricas seriam específicas do mundo orgânico (REICH, 1982c).

Para Reich, os dados encontrados proveram a evidência experimental da antítese básica da vida vegetativa, isto é, durante o prazer, algo se move “em direção ao mundo, para fora do eu” e, durante a angústia, algo se move “para longe do mundo, de volta em direção ao eu” (CHASTKA, 2007). Esse algo seria a bioeletricidade. Com base nas curvas geradas pelo oscilógrafo[24], que registravam a maneira em que ocorriam as variações nos potenciais elétricos durante as experiências subjetivas de prazer e desprazer, Reich (1982c) considerou ter obtido a comprovação experimental para a sua fórmula do orgasmo.

É importante esclarecer que, na época em que esses experimentos foram realizados, durante os anos de 1934 e 1935, “as funções de carga e descarga dos tecidos só podiam ser investigadas em função da energia ‘elétrica’” (REICH, 1990b, p. 15, tradução nossa), pois, somente depois de 1939, ao realizar outros experimentos, Reich passou a considerar que esses processos energéticos correspondiam a um outro tipo de energia. Além disso, ele estava ciente

[24] Além do oscilógrafo, que registrava as variações dos potenciais elétricos na forma de gráficos, Reich, conseguiu conectar o aparato elétrico a um sistema de áudio (em um aparelho de rádio) o qual lhe permitia “escutar” as variações dos potenciais elétricos em diferentes formas de sons (REICH, 1982c; STRICK, 2015, p. 66).

dos resultados experimentais realizados pelo neurologista suiço Otto Veraguth (1870-1944) e pelo fisiologista georgiano Ivan Tarkhanov (1846-1908), que, antes do inicío do século XIX, haviam descoberto o fenômeno psicogalvânico, o qual demonstrou que “as excitações psíquicas manifestam-se à superfície da pele como oscilações do potencial bioeléctrico” (REICH, 1979a, p. 288).

A propósito da descoberta de Veraguth e Tarkhanov, Reich (1990b, p. 15, tradução nossa) afirmou que:

> Eles haviam descoberto que emoções (*affects*) como angústia, tristeza, raiva etc. eram acompanhadas por processos elétricos, por mudanças no potencial da pele. Este conceito [o fenômeno psicogalvânico] informa que os processos psíquicos são “acompanhados” ou “causados” por acontecimentos fisiológicos, químicos ou físicos, que dependem se um determinado pesquisador segue a técnica de raciocínio do paralelismo psico-físico ou da causalidade mecanicista. (REICH, 1990b, p. 15, tradução nossa).

Contudo, ninguém, antes dele, havia tentado mensurar o “prazer sexual” em termos de potenciais elétricos na pele. Segundo Reich (1990b, p. 15, tradução nossa), “a função sensação do prazer não foi experimentalmente investigada até 1934”. Poucos anos depois à realização desses experimentos, conforme Raknes (1988, p. 118), Reich “observou que as cargas elétricas, sendo da ordem de poucos mil volts, não explicavam de maneira satisfatória as fortes tensões subjetivas experimentadas e o comportamento a que estas conduziam” e, com base em outros experimentos, considerou que a energia que ele investigou nesses experimentos não poderia ser a eletricidade, mas sim, um tipo específico de bioenergia.

Segundo Sharaf (1983), quando Reich decidiu publicar os resultados dos seus experimentos bioelétricos, em 1937, estava ocorrendo uma tempestade de polêmicas sobre os recentes experimentos de Reich com os bions (adiante abordado), o que teria atrapalhado a divulgação dos experimentos bioelétricos. Além disso, Sharaf (1983) ressalta que durante o período em que Reich residiu na Noruega, ele buscou manter-se discreto e, apesar de ter muitos colegas e estudantes, não fez esforços para disseminar seu trabalho ao público, tanto que, seus artigos eram escritos em alemão e publicados no seu próprio jornal, o qual tinha uma pequena circulação, e, além disso, ele não se empenhou em dar muitas palestras ao público (SHARAF, 1983, p. 216). É importante ressaltar que, nesse período, Reich era um homem caçado e seu pensamento era combatido pelos nazistas e comunistas (DEMEO, 2013). A partir de 1935, a GESTAPO lançou ordens proibindo as publicações de Reich e, em 1936, este e seu assistente Otto Knobel[25] foram formalmente inseridos numa lista de morte da *Narodniy Komissariat*

[25] Em 1936, Otto Knobel foi detido e enviado para um gulag soviético, nunca mais se ouviu falar dele, seu “crime” foi ter entrado em contato com Wilhelm Reich (DEMEO, 2013).

Vnutrennikh Diel (*NKVD*) ("Comissariado do Povo para Assuntos Internos"), o Ministério do Interior da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), precursora da KGB (Comité de Segurança do Estado) (DEMEO, 2013).

No final de 1937, quando apareceram ataques e calúnias na impressa contra o trabalho de Reich, os experimentos bioelétricos foram também um dos alvos, pois vários rumores apareceram na imprensa, entre os quais "que Reich queria utilizar pacientes mentais como sujeitos em estudos de intercurso sexual" (SHARAF, 1983, p. 216).

A partir de 1936, Reich decidiu observar organismos unicelulares como amebas e protozoários, a fim de verificar se eles também apresentariam os comportamentos de correntes vegetativas[26] e se seriam regidos pela fórmula tensão-carga. Trabalhando inicialmente com infusões de grama e água, que era o método utilizado para cultivar os protozoários, e realizando observações meticulosas por dias a fio, esse autor relatou ter observado, ao microscópio, formações vesiculares com bordas definidas desprenderem-se do processo de desintegração das células das fibras de grama intumescidas (REICH, 1979). Essas vesículas seriam capazes de movimentar-se, de expandir-se e de contrair-se. Para Reich, esses atributos as distinguiriam de formas sem vida.

Além de experimentos com grama e materiais orgânicos, Reich se utilizou de cristais de terra e matéria sem vida, como areia, pó de carvão e fuligem, e relatou ter observado a formação de estruturas tubulares e outras partículas igualmente móveis, vesículas estas que passou a designar com o nome de *bions* (REICH, 1979b). Segundo o relato de seus experimentos, que foram confirmados pelo professor Roger du Teil – o qual replicou os experimentos de Reich na Universidade de Nice e os apresentou à Sociedade Filosófica Natural em Nice em 1937 –, foi possível identificar, ao menos, quatro formas básicas dessas vesículas (DU TEIL, 1979). Algumas dessas formas eram nucleadas e, além das funções de locomoção e dos movimentos de expansão, estiramento, encurvamento e contração, também, apresentavam a capacidade de se subdividir em corpos similares e de atrair para si outras vesículas aglomerando-se em colônias, que passavam a funcionar como um todo integrado. Essas vesículas apresentavam funções similares às de certos organismos unicelulares. Algumas delas apresentavam um núcleo luminescente, enquanto outras, anucleadas, não teriam a capacidade de se dividir e apresentariam movimentos mecânicos, como se movidas por força exterior, diferente dos movimentos das vesículas mais complexas, que seriam mais fluídos e orgânicos (REICH, 1979b; DU TEIL, 1979).

[26] Os cientistas Rhumbler e Hartmann já haviam descrito as correntes vegetativas em protozoários (REICH, 1982b; SHARAF, 1983).

Reich considerou que os *bions* fossem formas vivas ainda incompletas, estágios preliminares da vida, formas transitórias do estado inorgânico e não móvel para o estado orgânico, móvel e culturável (REICH, 1979b). O procedimento experimental envolvia um controle de esterilidade das substâncias utilizadas para formar os *bions*, as quais eram autoclavadas e esterilizadas a seco, por duas horas a 180ºC. Reich observou que, quando ele fervia e esterilizava as substâncias utilizadas para formar *bions*, essas culturas exibiam formas de vida mais ricas e ativas do que as culturas não fervidas. As culturas fervidas apresentavam, também, um número maior de formas tubulares contráteis e as culturas não estéreis exibiam muito menos vesículas e havia mais difículdade para as vesículas móveis se formarem (REICH, 1979b). Ele passou a considerar que os *bions* seriam as unidades biológicas e que as células seriam estruturas já complexas, formadas a partir dessas vesículas.

Os detalhes dos procedimentos e métodos adotados por Reich nos seus experimentos com os *bions*[27], incluindo alguns dos relatórios do professor, seu colega, Roger du Teil, estão presentes no livro *Die Bione: Zur Entstehung des Vegetativen Lebens* ("Os Bions: Sobre a Origem da Vida"), publicado, originalmente, em 1938 (REICH, 1938; REICH, 1979b; DUTEIL, 1938a; DUTEIL, 1938b)[28].

Em janeiro de 1937, Reich comunicou à Academia de Ciências em Paris um de seus experimentos com *bions*[29] e, segundo ele, em janeiro de 1938, o professor Louis Lapique lhe comunicou que observara movimentos semelhantes aos dos organismos vivos e formas contráteis nos preparados autoclavados. Na comunicação enviada a Reich[30], Lapique pediu autorização para publicar seus resultados no boletim da academia de ciências, contudo, ele gostaria de oferecer uma interpretação diferente para os fenômenos, a partir de um referencial físico-químico[31], e omitir a explicação de Reich sobre os *bions*. Reich (2009, p. 26) não

[27] Conforme abordaremos no item *4.3.5 Aspectos metodológicos do materialismo dialético*, do terceiro capítulo, os experimentos com os *bions* foram realizados não a partir de uma perspectiva materialista-mecanicista, mas sim, fundamentados nos pressupostos do materialismo-dialético, os quais orientaram a atenção e o interesse de Reich aos aspectos funcionais, isto é, na motilidade dos *bions*, e não na sua estrutura ou composição físico-química.
[28] Como fonte para a presente pesquisa utilizou-se uma tradução desse livro para o inglês, intitulada *The Bion Experiments: on the origin of* life (REICH, 1979b). O capítulo *The Beginning of Control Experiments by Professor Roger du Teil at Centre Universitaire Méditérranéen de Nice*, do referido livro, apresenta uma série de relatórios e cartas trocadas entre Reich e DuTeil sobre os experimentos de controle realizados por esses pesquisadores. O livro original em alemão inclui dois outros capítulos escritos por DuTeil contendo descrições de experimentos realizados por ele confirmando as descobertas de Reich sobre os *bions*, os quais foram originalmente apresentados à Academia de Ciências da França (DUTEIL, 1938a; DUTEIL, 1938b).
[29] Trata-se do experimento no. 6, o qual foi descrito, em detalhes, no livro sobre os *bions* (REICH, 1979b).
[30] A carta de Lapique a Reich, enviada em 25 de janeiro de 1938, está inclusa no livro *A Biopatia do Câncer* (REICH, 2009, p. 24-25).
[31] Cabe esclarecer que o termo "físico-químico" se refere a um ponto de vista considerado por Reich como mecanicista.

forneceu o seu consentimento para a publicação no periódico da Academia Francesa de Ciências, pois segundo ele:

> 1) a interpretação físico-química teria obscurecido o caráter *biológico* do experimento.
> 2) No decorrer de 1937, produzi culturas de bions que foram confirmadas experimentalmente pelo professor DuTeil, em Nice. Este fato decisivamente importante não seria publicado.
> 3) O resumo proposto para publicação não representava de modo algum o relatório detalhado que submeti à Academia. Sua publicação teria apenas conduzido a mal-entendidos e o resultado teria sido o de experimentos-controle malogrados.

Segundo Higgins e Raphael (1979b), a publicação do livro *Die Bione*, em 1938, que propunha uma teoria sobre a origem da vida em certa concordância com a ideia da geração espontânea culminou num forte ataque da imprensa contra Reich e seus colegas, que impossibilitou a sua permanência na Noruega e, também, na demissão do seu colaborador, o professor Roger du Teil, do cargo em que ocupava na sua universidade na França. Algumas das críticas ridicularizavam as conclusões de Reich no sentido de que seres vivos poderiam se originar dos bions. Em uma das manchetes aparecia "Deus Reich" como deboche ao referido autor. Naquele ano, múltiplos artigos maliciosos atacando Reich apareceram nos jornais da Noruega, especialmente aqueles controlados pelos partidos nazistas e comunistas (DEMEO, 2013). Eles continham ataques às pesquisas de Reich, em especial, a vegetoterapia, aos seus experimentos bioelétricos e sobre biogênese com os bions. Esses artigos pediam a expulsão de Reich da Noruega, a sua detenção e o seu encarceramento em campos de concentração (DEMEO, 2013).

No ano de 1939, enquanto realizava experimentos com *bions* provenientes de areia do mar, Reich julgou ter constatado que essas vesículas – surgidas a partir da incandescência da areia - emanavam alguma forma de radiação ou energia que parecia não obedecer a nenhuma das leis relativas às formas de energia até então descritas pela ciência e que estaria presente em todo o lugar (RAKNES, 1988, p. 32; CHASTKA, 2007, p. 26-27), energia esta que ele passou denominar *orgone*.

Strick[32] (2015) publicou um livro em que ele investiga detalhadamente o desenvolvimento dos experimentos de Reich sobre os *bions*, incluindo descrições detalhadas dos diversos protocolos e relatórios dos experimentos adotados por Reich e seus colaboradores. Outros pesquisadores (CAREY e DUNLAP, 1988; GRAD, 2002; SNYDER, 2002; DEMEO, 2002c; entre outros) replicaram os experimentos de Reich sobre os *bions* e julgaram ter observado as mesmas formações e propriedades descritas por esse pesquisador.

[32] James E. Strick é professor no Departamento de Terra e Meio Ambiente e responsável pelo programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade na Franklin and Marshall College. Seu livro foi publicado pela Havard University Press.

Recentemente, os pesquisadores Wu, Martel, Wong, Young, Liu, Lin e Young (2016)[33] - associados aos centros de pesquisas da Chang Gung University, da Ming Chi University of Technology, do Massachusetts Institute of Technology e da The Rockefeller University -, estudando as propriedades de nanopartículas minerais-orgânicas, formadas a partir de minerais encontrados na superfície da água, descreveram nelas algumas das propriedades apontadas por Reich nos *bions*, similares as dos organismos vivos[34]. Em um estudo anterior, Wu, Young, Martel e Young (2013)[35] afirmaram que essas partículas, também, formam-se espontaneamente nos fluídos corporais humanos, quando as concentrações dos íons de cálcio e potássio excedem a sua saturação. Para esses pesquisadores, é possível que essas partículas façam parte de ciclos fisiológicos que regulam a função, o transporte e a disposição de substâncias e minerais no corpo humano. Eles denominaram essas partículas *biomimetic mineralo-organic particles* e, apesar de terem ratificado algumas das conclusões já antecipadas por Reich, há 80 anos, a respeito de certas propriedades e comportamentos observados nos bions, eles as consideraram como partículas orgânicas sem vida, e não mencionaram outras propriedades propostas pelas interpretações de Reich sobre os bions, a saber: de se tratarem de unidades básica da vida, constituindo-se em partículas em um estágio intermediário entre a matéria sem vida e a matéria viva, de surgirem por meio da desintegração da matéria viva ou não-viva e de serem abastecidas por uma energia biológica específica.

2.4 O PERÍODO DA ORGONOMIA E O DESENVOLVIMENTO DA ORGONOTERAPIA (1939-1957)

No final do ano de 1939, Reich mudou-se para os Estados Unidos e, nesse país, continuou a realizar experimentos sobre a energia orgone. Dedicou os últimos 18 anos de sua vida à investigação das propriedades da energia que ele julgou ter descoberto[36], entre elas, a

---

[33] Artigo publicado na revista *Scientific Reports*, a qual segundo a Ulrichsweb consta como indexada em diversas bases de dados científicas. A revista está disponível online.

[34] Esses pesquisadores afirmaram que essas nanopartículas podem imitar o comportamento de microorganismos vivos de diversas maneiras, podendo aumentar de número e tamanho durante a incubação, formar culturas, e apresentam uma morfologia biomimética e podem se coligar a outras moléculas orgânicas, como proteínas.

[35] Artigo publicado na revista *PL o S One* (Public Library of Science), a qual segundo a Ulrichsweb consta como indexada em diversas bases de dados científicas. A revista está disponível online.

[36] Reich (1979c, p. 117) utilizou todos os recursos instrumentais de que dispunha para tentar visualizar, medir e quantificar os efeitos da energia orgone e diferenciá-la de outras formas de energia reconhecidas pela ciência. Segundo ele, “o microscópio, telescópio, orgonoscópio, termómetro, electroscópio, medidor de campo, fluorofotómetro, contador Geiger-Müller, são alguns dos aparelhos utilizados para visualizar e em todo o caso demonstrar e medir quantitativamente a energia orgone nos espécimes biológicos e na atmosfera”. Está fora do escopo da presente pesquisa avaliar os experimentos realizados por esse pesquisador. Contudo, no próximo

possibilidade de sua aplicação terapêutica no tratamento de diversas doenças e a sua relação com as condições climáticas e geográficas. Foi nesse período de sua vida que Reich (2009) desenvolveu as bases do que ele denominou *orgonomia*, a ciência da energia orgone.

Reich (2009) considerou que a energia orgone estaria presente em todo o lugar, seria proveniente ou estaria relacionada à radiação solar e seria atraída e absorvida por matéria orgânica e atraída e repelida por metais. Com base nessas propriedades, ele desenvolveu um aparato que ficou conhecido como *acumulador de energia orgone*[37] –semelhante a uma gaiola de Faraday, as seis faces construídas com material orgânico ou não-metálico intercaladas com material metálico, sendo a camada mais externa de material não-metálico e a mais interna de material metálico -, que seria capaz de acumular essa energia em seu interior.

Posteriormente, durante a década de 1950, a partir de investigações sobre a afinidade que a água e a energia orgone apresentariam entre si - a água teria a capacidade de atrair a energia orgone e vice-versa -, Reich desenvolveu um aparelho, denominado *cloudbuster* – constituído por tubos e mangueiras de metal conectados a grandes reservatórios de água -, que, segundo ele, seria capaz de drenar a energia orgone da atmosfera. Reich e outros investigadores afirmaram ter utilizado o *cloudbuster* para alterar a concentração e controlar o fluxo dessa energia na atmosfera e ter obtido sucesso ao modificar e controlar as condições climáticas de determinadas regiões geográficas em seus experimentos (REICH, 1952a; REICH, 1954; DEMEO, 1991; DEMEO, 2002a; MAGLIONE, 2011).

Com base no princípio do *cloudbuster*, Reich (1955) desenvolveu um aparelho (semelhante a esse) denominado de *DOR-Buster.* Essa a sigla refere-se ao termo *Deadly Orgone*, ou orgone letal, que seria uma das formas em que essa energia poderia se manifestar de forma prejudicial à saúde dos organismos. Esse aparelho seria utilizado para remover a energia DOR de partes doentes do organismo e, assim, restabelecer o fluxo saudável da energia orgone.

Reich e seus colaboradores realizaram inúmeros experimentos com o acumulador de orgone e com outros dispositivos para manipular essa energia, incluindo experimentos clínicos com animais e seres humanos, os quais teriam fornecido indícios de que essa energia poderia ser utilizada no tratamento do câncer e de outras doenças físicas e psíquicas. Ele desenvolveu

---

capítulo, apresentaremos alguns dos resultados experimentais realizados por outros pesquisadores que replicaram vários experimentos de Reich, confirmando as conclusões originalmente apresentadas por esse autor.

[37] Em inglês denomina-se *Orgone Energy Accumulator* e é comum abreviar o termo como ORAC. Reich (1951a) publicou um livreto, intitulado *The Orgone Energy Accumulator: It´s Scientific and Medical Use* ("O Acumulador de Energia Orgone: O Seu Uso Científico e Médico"), com explicações detalhadas sobre a construção e a utilização de um acumulador. James DeMeo (1995), mais recentemente, publicou *O Manual do Acumulador de Orgônio,* um livro sobre o mesmo assunto acrescentando novas informações.

um teste sanguíneo que seria capaz de monitorar o estado geral de saúde de um indivíduo ao indicar a carga de orgone presente nos eritrócitos. Para esse pesquisador, os glóbulos vermelhos seriam uma unidade vesicular dessa energia, um microssistema orgonótico que espelharia em suas atividades as funções de carga e descarga que ocorrem em todo o corpo. O citado teste baseia-se no princípio de que a resistência dos eritrócitos à desintegração, quando removidos do corpo e observados ao microscópio por um período de tempo, pode ser assumido como medida da vitalidade e da capacidade do organismo em manter sua carga bioenergética (BAKER *et al*, 1981; BLASBAND *et al*, 1990; REICH, 2009). Além do tempo de desintegração, esse teste também inclui procedimentos de observação dos formatos dos *bions* que aparecem com a desintegração dos eritrócitos, havendo duas possibilidades de reação ao mencionado teste: uma indicativa de um estado saudável do organismo e outra de um estado doentio. Outros orgonomistas, posteriores ao Reich, desenvolveram e aperfeiçoaram esse teste (BAKER *et al*, 1981). Segundo Reich e outros pesquisadores, o referido teste seria capaz de fornecer um diagnóstico precoce para doenças como o câncer e pessoas que estariam com pouca carga de energia orgone poderiam se beneficiar com o uso do acumulador, cujo efeito positivo poderia ser posteriormente evidenciado pelo citado teste sanguíneo (REICH, 2009; RAPHAEL e MACDONALD, 1952).

Detalhes sobre os experimentos com o acumulador de orgone, sobre a sua utilização clínica no tratamento de doenças como o câncer, sobre o mencionado teste sanguíneo e sobre os demais procedimentos científicos desenvolvidos por Reich foram descritos e publicados em artigos nas revistas *International Journal of Sex-Economy and Orgone Research* (1942-1945), *Orgone Energy Bulletin* (1949-1953) e *Cosmic Orgone Engineering* (1954-1955)[38] e nos livros *A Biopatia do Câncer*[39] (REICH, 2009), *The Orgone Energy Accumulator: It´s Scientific and Medical Use* (REICH, 1951a) e *Orgonomic Diagnosis of the Cancer Biopathy* (RAPHAEL e MACDONALD, 1952).

As investigações clínicas e experimentais realizadas por Reich sobre a energia orgone permitiram que ele compreendesse, com maior aprofundamento, o fenômeno do

---

[38] Para publicar "A Função do Orgasmo", o seu primeiro livro em solo norte-americano, Reich e seu colega Theodore Wolfe criaram a editora *Orgone Institute Press*, em 1942, pois, segundo Sharaf (1983) nenhum editor teria aceito publicar aquele livro naqueles dias. Essa editora passou a ser a utilizada para a publicação de suas revistas e de seus livros. A revista *International Journal for Sex-Economy and Orgone Research*, que começou a ser publicada em 1942, deu continuidade à revista que Reich publicou na Noruega, *Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie* (SHARAF, 1983). O dinheiro para o financiamento de suas pesquisas e publicações provinha de seu trabalho clínico privado e dos cursos que ministrava.

[39] Obra publicada, originalmente, no ano de 1948.

encouraçamento e que desenvolvesse o conceito de biopatia, o qual passou a ser utilizado como referência a todo processo de doença que, incontestavelmente,

> [...] começa com um distúrbio da pulsação, não importa que padrão secundário de doença daí resulte. Por conseguinte, podemos distinguir uma biopatia esquizofrênica de uma biopatia cardiovascular, e estas de uma biopatia epilética ou carcinomatosa, e assim por diante. (REICH, 2009, p. 154).

As biopatias não abrangem as doenças cirúrgicas traumáticas e nem as doenças infecciosas típicas, teriam como mecanismo comum um distúrbio da pulsação biológica e compreenderiam o aparelho autonômico vital. As muitas manifestações do câncer, das neuroses e das psicoses teriam um único denominador comum: a estase sexual. A tese de Reich (2009, p. 155) é no sentido de que:

> [...] *a estase sexual representa um distúrbio fundamental da pulsação biológica*. A excitação sexual é uma função básica do sistema plasmático vivo. *A função sexual é, de maneira demonstrável, a função produtiva vital em si.* Um distúrbio crônico desta função deve necessariamente coincidir com uma biopatia.

A estase da excitação sexual poderia se manifestar *indiretamente* como um distúrbio do aparelho psíquico, isto é, como uma neurose ou psicose, ou poderia se manifestar *diretamente* como um distúrbio funcional dos órgãos, isto é, como uma doença orgânica. Independentemente da forma que a estase poderia se manifestar, "o *mecanismo central de uma biopatia é um distúrbio na descarga da excitação biossexual*" (REICH, 2009, p. 156).

Reich considerou que seria a energia orgone a responsável pela pulsação do organismo e que, em nosso organismo, haveria um fluxo interno dessa energia que acompanharia nossas funções emocionais e fisiológicas.

Segundo Trotta (2000, p. 107),

> O fenômeno do encouraçamento, que surge com o objetivo defensivo de conter emoções e impulsos sentidos como ameaçadores, tem como resultado uma contenção desse fluxo de energia. Isso faz surgir no organismo regiões com déficit de energia, bloqueios hipo-orgonóticos, ou regiões com estase energética, bloqueios hiperorgonóticos.

Esses bloqueios seriam fatores de predisposição para determinadas doenças, que Reich denominou biopatias. Trotta (2000, p. 119) considera que "Reich demonstrou que as perturbações psicossomáticas são muito anteriores à manifestação dos sintomas das doenças". Diferentemente de outras abordagens psicossomáticas limitadas e restritas a explicar a psicodinâmica de doenças orgânicas já manifestas e o envolvimento psíquico nas doenças orgânicas, a teoria do encouraçamento de Reich procurou mostrar, além disso, o "envolvimento de disfunções corporais no caráter neurótico e nas psicopatologias" (TROTTA, 2000, p. 119).

Um dos aprofundamentos realizados por Reich na teoria do encouraçamento, durante o período orgonômico de sua obra, foi a descrição, em detalhes funcionais e topográficos, dos mecanismos motores e vegetativos relacionados ao processo de encouraçamento. Segundo Trotta (2000, p. 119), Reich "decodificou e mapeou o componente psicoemocional envolvido com o encouraçamento de cada região do corpo".

No texto *The Expressive Language of the Living in Orgone Therapy* ("A Linguagem Expressiva da Vida na Orgonoterapia"), publicado em 1948, e na 3ª edição do seu livro Análise do Caráter, Reich (1998, p. 341) afirmou que "os bloqueios musculares individuais não seguem o percurso de um músculo ou de um nervo; são completamente independentes dos processos anatômicos". Ao investigar, cuidadosamente, casos típicos de doenças e procurando descobrir uma lei que governasse esses bloqueios, ele afirmou ter concluído que a "*a couraça muscular está disposta em segmentos*" (REICH, 1998, p. 341). Esses segmentos, sete ao todo, possuem uma estrutura circular, formando ângulos retos com a espinha dorsal, pois eles funcionariam como contenções às correntes plasmáticas e às excitações emocionais que correm paralelas (verticalmente) ao eixo do corpo. Cada segmento da couraça, segundo Reich (1998, p. 343),

> [...] *compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional.* Em termos biofísicos, um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais.

No dizer de Trotta (2000, p. 119-120), "o encouraçamento causa disfunções musculares, viscerais e tissulares que tendem a afetar em conjunto todas as estruturas do segmento, embora possa afetar mais algumas estruturas do que outras". Os sete segmentos descritos por Reich são: o ocular, o oral, o cervical, o torácico, o diafragmático, o abdominal e o pélvico[40].

Com base nas suas investigações clínicas fundamentadas nas funções e propriedades que ele julgou ter encontrado na energia orgone, Reich aprimorou a vegetoterapia caractero-analítica, incluindo o uso de aparelhos orgonômicos como recursos terapêuticos[41] para restabelecer a funcionalidade energética dos pacientes, e desenvolveu inúmeras formas de intervenções corporais, as quais, associadas ao trabalho de análise do caráter, têm como objetivo a flexibilização da couraça e a restauração da pulsação e dos fluxos de energia orgônica no organismo[42]. Reich passou a referir-se a sua abordagem terapêutica com o nome de

---

[40] O estudo desses segmentos será detalhado no quarto capítulo, que tratará, especificamente, da concepção de saúde-adoecimento no pensamento reichiano.

[41] A orgonoterapia pode ou não fazer uso de acumuladores e dos demais aparelhos orgonômicos. Alguns terapeutas optam por usá-los com mais frequência; outros os utilizam, apenas, em casos específicos, no auxílio ao tratamento de doenças mais graves; e alguns terapeutas não os utilizam.

[42] No quarto capítulo descrevemos com mais detalhes o conceito orgonômico de pulsação e os fluxos da energia orgone no organismo.

orgonoterapia[43], a qual “utiliza métodos clínicos de intervenção conjunta sobre as funções psicológicas e corporais do paciente, criando a primeira abordagem terapêutica psicocorporal” (TROTTA, 2000, p. 120).

Apesar de ser comum falar nas três abordagens desenvolvidas por Reich, é importante ressaltar que todas elas formam um *continuum*. Trotta (1996) afirma que a orgonoterapia e a vegetoterapia não são abordagens distintas, mas, sim, “termos que foram usados em épocas distintas para designar a mesma concepção terapêutica, a qual, é claro, sofreu e ainda sofre um aperfeiçoamento constante”. Apesar desse *continuum*, é necessário esclarecer que a orgonoterapia apresenta diferenças significativas em relação à vegetoterapia, por se sustentar em uma cosmologia orgonômica e se beneficiar dos importantes refinamentos epistemológicos do funcionalismo orgonômico, isto é, da metodologia de investigação desenvolvida por esse autor[44].

Segundo a visão do funcionalismo orgonômico, proposta por Reich (2009, p. 197), “soma e psique estão, ambos, enraizados bioenergeticamente no sistema plasmático pulsante (sangue e sistema nervoso autônomo). Assim, a orgonoterapia influencia não a função psicofísica em si, mas sim a raiz comum das funções psíquicas e somáticas”. Ela realiza isto utilizando as diversas técnicas de desencouraçamento, desenvolvidas por Reich e outros orgonoterapeutas, “as quais liberam o bloqueio respiratório, a inibição do reflexo do orgasmo e outras inibições do funcionamento biológico” (REICH, 2009, p. 197). Reich (2009, p. 197) fornece a seguinte concepção para a sua abordagem terapêutica: “a *orgonoterapia, portanto, não é psíquica nem fisiológica ou química, mas antes uma terapia biológica que lida com distúrbios de pulsação no sistema nervoso autônomo*”.

Costa (2002, p. 118) explica que “o objetivo terapêutico da teoria e da técnica reichianas que operam com a hipótese da *energia orgone* é a mobilização das correntes plasmáticas que circulam no organismo, visto sob a concepção unitária – *energia orgone-soma-psique*”. Esse objetivo está fundamentado no entendimento de que,

> [...] nas correntes plasmáticas circula a *energia orgone*, o movimento involuntário da *energia orgone* constitui o processo fisiológico da emoção (*lat.*

---

[43] Segundo Russo (1993), foi na ocasião da Primeira Convenção Internacional de Orgonomia, promovida, por Reich, em 1948, que este propôs mudar o nome de sua técnica terapêutica para orgonoterapia. Sharaf (1983) afirma que, já por volta de 1945, Reich teria alterado a denominação de seu tratamento psiquiátrico de vegetoterapia carátero analítica para *orgonoterapia psiquiátrica* (em inglês *psychiatric orgone therapy*) e passou a denominar *terapia orgonômica física* (em inglês *physical orgone therapy*) a terapia realizada com o uso dos aparelhos orgonômicos. Essas mudanças terminológicas teriam criado confusões e contribuído para compreensões equivocadas de que o acumulador poderia, da mesma maneira que a orgonoterapia psiquiátrica, promover a potência orgástica e de que a utilização do acumulador fazia parte da orgonoterapia psiquiátrica (SHARAF, 1983, p. 313).

[44] Abordaremos o funcionalismo orgonômico no terceiro capítulo da presente pesquisa.

> *ex-movere*), etimologicamente, mover-se para fora, e que o movimento plasmático ou movimento expressivo tem um significado. (COSTA, 2002, p. 118).

A orgonoterapia, conforme Costa (2002, p. 118), trabalha "com o âmago biológico do organismo, com as sensações orgânicas para restabelecer/estabelecer o movimento de expansão e contração, a chamada *pulsação*". Para Reich (1998), o movimento das emoções – concebidas, no nível mais profundo, como movimento plasmático (fluídos celulares e corporais) - é idêntico ao movimento da energia orgone[45].

A saúde emocional e a potência orgástica, explica Costa (2002, p. 118), seriam caracterizadas pela capacidade do organismo humano em expressar diretamente suas emoções, o que implica num funcionamento biológico cujo movimento expressivo encontra-se suficientemente "livre de bloqueios da *energia orgone* aliado à capacidade do sujeito abandonar-se ao movimento involuntário – tensão mecânica / carga energética / descarga energética / relaxamento mecânico".

Neste item, limita-mo-nos apenas a apresentar uma síntese introdutória do desenvolvimento da orgonoterapia, pois, por ser o objeto de nossa pesquisa, esta e os conceitos que fundamentam a sua concepção de saúde-adoecimento e os seus aspectos teóricos e epistemológicos serão abordados e descritos com maior profundidade no decorrer deste trabalho, sobretudo, nos capítulos terceiro e quarto.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Procuramos mostrar, neste capítulo, o trajeto percorrido por Wilhelm Reich, no desenvolvimento da orgonoterapia, durante as décadas de 1920 a 1950. Conforme descrevemos, esse trajeto iniciou-se com a participação desse autor no movimento psicanalítico durante os quatorze anos iniciais de sua carreira profissional. Desde o início de suas investigações, Reich desenvolveu concepções clínico-terapêuticas originais, tais como a teoria da potência orgástica e a metodologia de análise do caráter, as quais o conduziram para a realização de posteriores pesquisas, que permitiram, por sua vez, o aprimoramento de suas técnicas e teorias terapêuticas. A partir de 1934, Reich passou a dedicar-se, além de sua atividade clínica, às pesquisas laboratoriais que o conduziram à investigação de uma energia biológica específica, que ele considerou ter descoberto: a energia orgone. As conclusões obtidas nas suas pesquisas clínico

[45] Os conceitos orgonômicos de emoção, de pulsação, de energia orgone e os demais que fundamentam a noção orgonômica de saúde-adoecimento serão descritos com maiores detalhes no capítulo quarto.

e experimentais sobre essa energia e a sua relação com o funcionamento da vida e do cosmos, assim como a metodologia de investigação científico-natural por ele desenvolvida, o funcionalismo orgonômico, permitiram que ele aprimorasse os seus métodos clínicos e desenvolvesse a orgonoterapia.

Como mostraremos com mais detalhes no próximo capítulo, Reich sofreu, no decorrer de sua vida, diversas perseguições políticas. Nos Estados Unidos, ele foi preso e, pouco antes do cumprimento de sua sentença, acabou falecendo na prisão, em 1957, sob condições ainda obscuras. Por diversos motivos que serão apresentados no capítulo seguinte, a orgonoterapia e as demais abordagens de terapia consideradas como de base reichiana, assim como a orgonomia e o conhecimento relacionado a ela, desenvolveram-se de maneira independente e separados do contexto acadêmico. Esses temas serão objeto do próximo capítulo o qual procura explicar e descrever como o conhecimento reichiano permaneceu vivo e se desenvolveu após a morte de Reich.

3 O DESENVOLVIMENTO DA ORGONOMIA, DA ORGONOTERAPIA E DAS TERAPIAS DE BASE REICHIANA APÓS A MORTE DE REICH

3.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Pouco se ouve falar sobre o pensamento de Reich nas universidades. Esse autor, quando muito, é, apenas, mencionado nos cursos de psicologia, sendo raras as instituições de ensino superior que dedicam disciplinas à investigação de suas teorias e técnicas terapêuticas. Ainda assim, pode-se afirmar que as ideias do período orgonômico da obra reichiana são, de modo geral, esquecidas, desconsideradas ou não abordadas nas pesquisas universitárias, ressalvadas raras exceções.

Apesar dessa marginalização no âmbito acadêmico, o conhecimento reichiano se manteve vivo por esforço de parte dos terapeutas e pesquisadores independentes que criaram centros de formação e investigação de orgonoterapia e de terapias de base reichiana, pelo mundo, e que, também, criaram publicações para divulgar as suas pesquisas.

Este capítulo se dedica a abordar a maneira como o conhecimento relativo à orgonomia, à orgonoterapia e às terapias de base reichiana continuaram a ser desenvolvidos após a morte de Reich e a apresentar alguns dos motivos que contribuíram para a marginalização da inserção desse conhecimento no âmbito acadêmico. O presente capítulo está dividido em três itens: o primeiro tratará das instituições criadas e as publicações realizadas sobre a orgonoterapia e sobre as terapias de base reichiana, após a morte de Reich, no brasil e no mundo; o segundo descreverá a replicação, por outros pesquisadores, dos experimentos realizados por esse autor; e o último discorrerá sobre as barreiras enfrentadas pela orgonoterapia para a sua inserção na academia.

3.2 AS INSTITUIÇÕES CRIADAS E AS PUBLICAÇÕES REALIZADAS SOBRE A ORGONOTERAPIA E SOBRE AS TERAPIAS DE BASE REICHIANA, APÓS A MORTE DE REICH, NO BRASIL E NO MUNDO

3.2.1 O desenvolvimento das terapias de base reichiana no mundo

Após graduar-se em medicina, Reich exerceu, por duas vezes, atividades de ensino em instituições acadêmicas. A primeira delas ocorreu durante o período em que ele esteve em Oslo a convite do professor Harald Schielderup (1985-1974), diretor do Instituto de Psicologia da

Universidade de Oslo, ocasião em que pôde proferir conferências nesse instituto sobre a formação do caráter e sobre sua origem biológica (RAKNES, 1988, p. 46 e 47).

Duas semanas antes de eclodir a Segura Guerra Mundial, no final de agosto de 1939, Reich, que naquela época, era um homem caçado pelos nazistas e comunistas, decidiu mudar-se de Oslo para Nova Iorque. Beneficiado pelas indicações do antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942), que era seu amigo, e pelo convite do professor Theodore Wolfe, da Universidade de Columbia, que havia sido seu aluno em Oslo, Reich conseguiu uma vaga como professor adjunto de Psicologia Médica para dar aulas na *New School for Social Research*[46], em Nova Iorque (RAKNES, 1988, p. 51; TROTTA, 2000), onde lecionou durante os anos de 1940 e 1941[47].

Apesar dessas experiências de ensino na academia, a partir do ano de 1942, em decorrência das perseguições políticas que ele passou a sofrer nos Estados Unidos, algumas delas frutos de mal entendidos e confusões[48], conforme se descreverá no subitem 3.3.2, Reich afastou-se do ambiente acadêmico e passou a desenvolver suas pesquisas laboratoriais e teorias e métodos clínico-terapêuticos independentemente e de maneira autônoma ao ambiente acadêmico, de modo que as suas teorias desse período e as posteriores não foram assimiladas pela comunidade acadêmica[49].

A orgonoterapia, portanto, desenvolveu-se como uma especialidade independente da academia. Enquanto Reich esteve vivo, ele mesmo se responsabilizou pela tarefa de ensinar e formar orgonoterapeutas. Após a sua morte, em 1957, nos EUA, seus alunos e discípulos continuaram a pesquisar e a desenvolver suas ideias, a escrever livros, a publicar revistas, a

[46] Segundo informações do website da referida instituição, entre 1933 e 1945, cerca de duas centenas de refugiados da Segunda Guerra Mundial foram abrigados por essa instituição.

[47] Informações constantes no conteúdo programático de três cursos ministrados, por Reich, durante o período em que ele lecionou nessa instituição (REICH, 2004, p. 131-134, tradução nossa), indicam que os temas abordados nas suas aulas foram: 1) formação do caráter: aspectos biológicos e sociológicos (o núcleo biológico da estrutura psíquica; a couraça caracterológica; estrutura caracterológica como processo social estruturalizado); 2) seminário teórico: abordagem psicológica para a pesquisa psicológica; e 3) problemas clínicos na medicina psicossomática.

[48] Um possível fato que pode ter contribúido para o afastamento de Reich do âmbito acadêmico nesse período em que ele havia recém mudado para os EUA, além das perseguições políticas sofridas por ele, foi a imposição de que ele devesse se submeter a um processo de revalidação de seu diploma de médico, o qual exigiria que ele realizasse exames a fim de comprovar seu conhecimento médico. Reich considerava que suas contribuições e descobertas para o campo da medicina deveriam falar por si mesmas, que já seriam provas e demonstrações do quanto ele dominava essa área do conhecimento e, entre outros motivos, ele considerou que não deveria se submenter a nenhum exame de revalidação de diploma, o que lhe trouxe problemas institucionais para continuar ministrando aulas em universidades (SHARAF, 1979).

[49] Além das perseguições políticas houve outras razões que contribuíram para o afastamento do pensamento reichiano em relação ao contexto da academia, as quais serão descritas no item 3.3, cujo título é *As barreiras enfrentadas pela orgonomia e pela orgonoterapia para a sua inserção na academia*, em que se apresentarão algumas delas.

organizar fóruns, a fundar centros de estudos e a formar terapeutas reichianos em diversos países no mundo (TROTTA, 2000; WAGNER, 2009).

Diferentemente da psicanálise, que teve, durante muitos anos, seu saber e suas práticas centralizadas pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), responsável pela formação e credenciamento de profissionais e instituições, a orgonoterapia difundiu-se pelo mundo sem contar com uma organização oficial centralizada (TROTTA, 1996). Vários discípulos de Reich, liderados por Elswroth Baker, fundaram o *American College of Orgonomy*, em Nova Iorque (TROTTA, 1996), em 1968. Contudo, vários outros discípulos nunca pertenceram a essa instituição, e outros, após desligaram-se dela, continuaram trabalhando independentemente, nos EUA e na Europa, e fundaram outras instituições de formação de terapeutas reichianos (TROTTA, 1999). Atualmente, “nenhum grupo ou instituição em nenhum país do mundo pode pretender considerar-se o mais qualificado representante ou o ‘porta voz’ oficial do saber Reichiano” (TROTTA, 1996, p. 57).

O norueguês Ola Raknes (1887-1975) foi um dos discípulos diretos de Reich responsável por difundir a orgonoterapia na Europa. Ele formou “vários orgonoterapeutas em diversos países, os quais vieram posteriormente a constituir diferentes escolas” (TROTTA, 1999, p. 33). Entre seus alunos, podem ser citados Peter Jones, na Inglaterra, Asbjörn O. Falaide e Gerda Boyesen (1922-2005), na Noruega, e Federico Navarro (1924-2002), na Itália (TROTTA, 1999; WAGNER, 2009).

Navarro destacou-se por ter desenvolvido “um trabalho de sistematização e padronização de certas técnicas corporais Reichianas, criando uma nova concepção metodológica a qual decidiu continuar denominando de Vegetoterapia Caractero-Analítica” (TROTTA, 1996, p. 62), e por ter desenvolvido “toda uma teoria estabelecendo as relações entre o funcionamento da couraça muscular e a neurologia” (WAGNER, 2009). Além disso, Navarro fundou escolas de vegetoterapia na Itália, na França, na Espanha e no Brasil (WAGNER, 2009). O termo vegetoterapia ficou fortemente associado à escola de Navarro (WAGNER, 2009), porém, “apesar do nome, sua metodologia é bastante diferente da abordagem terapêutica que Reich utilizava na época que criou o termo Vegetoterapia para designá-la” (TROTTA, 1996, p. 62).

Alguns dos discípulos e seguidores das ideias de Reich, ao realizarem uma nova leitura ou ao introduzirem uma nova contribuição teórica ou técnica à terapia reichiana, consideraram que estavam criando uma nova abordagem terapêutica e optaram por denominar suas abordagens de outra maneira, como é o caso da Bioenergética, desenvolvida pelo norte-americano Alexander Lowen (1910-2008) (TROTTA, 1996). Essas escolas de terapia reichiana

passaram a ser denominadas neo-reichianas. Outros discípulos, como é o caso de Navarro, entenderam que, ao introduzir novas concepções ou alterações metodológicas, ainda que significativas, estavam, apenas, criando uma nova sistematização para a terapia reichiana e, por este motivo, escolheram denominar-se pós-reichianos (TROTTA, 1996).

Em decorrência da maneira como a orgonoterapia e as terapias pós e neo reichianas se difundiram pelo mundo, existem, na atualidade, diversas escolas de abordagens terapêuticas consideradas "de base reichiana", as quais, apesar de utilizarem metodologias clínicas que diferem entre si em vários aspectos, fundamentam-se nos princípios mais gerais da teoria e da metodologia desenvolvida por Reich (TROTTA, 1996).

Trotta (1996) especifica alguns dos fundamentos comuns a essas abordagens em cinco aspectos clínicos: a) a concepção de que o ser humano é uma unidade biopsíquica indissociável e que, portanto, as intervenções terapêuticas devem atuar simultaneamente sobre as funções psico-emocionais e anatômico-fisiológicas do paciente; b) a compreensão sobre a estrutura psicológica do paciente fundamentada na teoria e na técnica da Análise do Caráter; c) o entendimento de que todas as perturbações psico-emocionais estão intrinsecamente associadas a perturbações corporais, isto é, a um conjunto de disfunções anatômico-fisiológicas denominada couraça; d) o entendimento de que, no organismo vivo, circula uma energia, denominada orgone e que a couraça interrompe o fluxo normal dessa energia; e e) o entendimento de que o processo terapêutico tem como objetivo a dissolução da couraça e a recuperação do fluxo bioenergético sadio associado à recuperação da plena capacidade de expressão emocional e da potência orgástica (TROTTA, 1996, p. 54).

As abordagens neo-reichianas mais conhecidas são: a) a Bioenergética, desenvolvida, por Alexander Lowen (1910-2008) e John Pierrakos (1921-2001), ambos discípulos diretos de Reich nos Estados Unidos; b) a *Core Energetics*, que foi desenvolvida posteriormente por Pierrakos; c) a Biodinâmica, desenvolvida, por Gerda Boyesen (1922-2005), na Noruega; d) a Biossíntese, desenvolvida por David Boadella (1931 - ?), na Inglaterra; e e) A Educação Somática ou Psicologia Formativa, desenvolvida, por Stanley Keleman (1931-2018), que foi um discípulo de Lowen nos Estados Unidos (WAGNER, 2009).

Wagner (2009, p. 156) considera que cada uma dessas abordagens tem "técnicas próprias de abordagem corporal e elementos teóricos originais", o que "as diferencia em alguns aspectos e justifica suas existências distintas". Apesar disso, todas essas abordagens conforme esse autor,

> [...] partem da concepção reichiana a respeito da unidade funcional soma-psique e desenvolvem técnicas (diferentes e complementares) de abordagem corporal a partir do

> método proposto por Reich, em que o acesso à vida emocional pode ser feito através do corpo, além da palavra. (WAGNER, 2009, p. 156).

Não obstante as semelhanças entre as abordagens de base reichiana e a orgonoterapia, é necessário esclarecer que existem algumas distinções importantes entre elas. A principal é que, muitas dessas abordagens se desenvolveram a partir das concepções de Reich do período da vegoterapia caractero-analítica, ou seja, antes do funcionalismo orgonômico ter alcançado o estágio final de formulação legado por esse autor, sobretudo, aquele encontrado no último período de sua obra (do final da década de 1940 até 1957). Desse modo, essas abordagens não se beneficiaram dos refinamentos epistemológicos e metodológicos presentes no funcionalismo orgonômico, os quais embasam a orgonoterapia.

3.2.2 O desenvolvimento das terapias de base reichiana no Brasil

Em sua pesquisa de doutorado[50] Russo (1993, p. 19) afirma que "a produção de uma cultura psicológica no Brasil teve início pelo processo de intensa difusão da psicanálise, ocorrido especialmente a partir dos anos 70". Ela denominou esse processo de *boom* "psi" brasileiro[51], que inclui como um de seus desdobramentos a difusão das terapias corporais.

Contudo, para essa pesquisadora, "o *boom* das terapias corporais é um fenômeno que não se restringe ao campo 'psi', fazendo parte, na verdade, de um *boom* mais amplo, de técnicas, práticas e crenças diversas, que constituem uma espécie de 'complexo alternativo'". Para ela é possível situar as terapias de base reichiana numa área de sobreposição ou de entrecruzamento entre dois conjuntos de práticas e terapias mais abrangentes: o complexo alternativo e o campo "psi". O primeiro grupo inclui as medicinas, as práticas, as técnicas e as crenças habitualmente denominadas "alternativas" e o segundo grupo, o campo das práticas, das técnicas, das terapias e dos conhecimentos dos profissionais da psicologia e da psiquiatria (RUSSO, 1993, p. 111).

Ao situar as terapias corporais na sobreposição desses dois conjuntos, Russo (1993) privilegia a pertinência dessas terapias ao campo "psi" e acredita ser possível demarcá-las como um conjunto mais ou menos homogêneo que se destaca no interior do complexo alternativo. Algumas dos aspectos que permitem realizar essa demarcação, segundo essa autora, seriam: a)

[50] Realizada no departamento de Antropologia Social da UFRJ e publicada em forma de livro (RUSSO, 1993).
[51] Segundo Russo (1993), esse fenômeno de intensa difusão da psicanálise pode ser caracterizado por: a) uma grande procura de terapia psicanalítica (que pode assumir diversas modalidades); b) o aumento do número de especialistas, traduzido por um aumento na procura de cursos de psicologia e de grande proliferação de instituições de formação de analistas; c) a penetração da psicanálise em outras áreas profissionais, como a medicina clínica ou geral (através da psicossomática), o serviço social, a educação etc.; d) a vulgarização dos conceitos psicanalíticos; e e) o surgimento de um dialeto psicanalítico utilizado por determinados grupos dentro dos segmentos apontados acima.

o fato de se tratar de *terapias* e não de *práticas*[52] corporais, as quais se diferenciam por conta de que as primeiras incluírem uma concepção de tratamento ou de cura e as últimas não; b) as terapias corporais possuem como referência-chave o conhecimento clínico desenvolvido por Wilhelm Reich; e c) o adjetivo "corporal" da categoria "terapias corporais", na verdade, encobre o fato de serem terapias psicológicas ou psicoterapias que, segundo Russo, constituem o que Castel denomina de terapias pós-psicanálise, e são uma das possíveis carreiras do profissional "psi", já que a maioria dos terapeutas corporais é psicólogo ou, em menor número, psiquiatra.

Segundo Russo (1993, p. 130), antes mesmo de existir qualquer movimento estruturado de terapeutas corporais no Brasil, dois médicos paulistas, ambos psiquiatras, José Ângelo Gaiarsa (1920-2010) e Roberto Freire (1927-2008), durante a década de 1970, "já usavam as ideias de Reich em seu trabalho que já podia ser classificado como corporal". Favre (1995, p. 43) considera Gaiarsa como o pioneiro no movimento reichiano no Brasil, que, "por razões próprias, ao longo dos anos 60, foi buscar subsídios para sua inquietação pessoal, e nessa busca encontrou Reich e Jung". Nessa época, ele participou de discussões de temas trazidos com a introdução da pílula anticoncepcional, relacionados ao amor, ao sexo, à família, ao corpo e à liberdade. Ele foi uma das grandes bandeiras do corpo e da liberdade sexual, durante a década de 60, na sociedade brasileira (FAVRE, 1995). Freire, por sua vez, desenvolveu uma técnica terapêutica denominada Soma, fundamentada nas ideias de Reich e no anarquismo.

Russo (1993) define Gaiarsa e Freire como autoditadas, pois não se filiavam a qualquer corrente reichiana ou neo-reichiana estrangeira, foram responsáveis pela sua própria formação e criaram seus próprios métodos de trabalho. Esses dois psiquiatras paulistas começaram a trabalhar com as ideias de Reich antes da existência de qualquer movimento estruturado de terapeutas corporais no Brasil, que, em São Paulo, começou a surgir por volta de 1975 e 1976 e, no Rio de Janeiro, por volta de 1977 e 1978.

Durante a década de 1970, a Califórnia se tornou o centro criador e difusor do Movimento do Potencial Humano, "cujo empenho era a criação de novos valores" (FAVRE, 1995, p. 44). Esse movimento surgiu no contexto social da contracultura da década de 1960 e propunha desenvolver o "potencial extraordinário" que, segundo seus defensores, existe em grande parte inexplorado em todas as pessoas. Segundo Favre (1995), Califórnia e Londres foram fontes que abasteceram novos valores, filosofias terapêuticas e práticas para o eixo Rio-

---

[52] Alguns exemplos de práticas corporais fornecidos por Russo (1993) são: a biodança, a corpo-análise, a eutonomia, a antiginástica, o tai-chi-chuan e o kempô.

SP durante esse período. Terapeutas corporais estrangeiros vieram ao Brasil diversas vezes dar cursos e *workshops* e terapeutas brasileiros foram ao exterior para realizar cursos e formações.

Russo (1993) considera que apesar do movimento paulista das terapias corporais ter surgido um pouco antes do movimento carioca, o último teria recebido mais influência dos centros no exterior, localizados em Londres, em Nova Iorque, na Califórnia e na França, do que pelo contato com São Paulo, e, ainda que tenha ocorrido um certo intercâmbio entre as duas maiores cidades do país, "o movimento no Rio teve um desenvolvimento razoavelmente independente do movimento paulista" (RUSSO, 1993, p. 131).

Pode-se afirmar, conforme Nascimento (2016, p. 28), que o movimento da psicoterapia corporal no Brasil inicia-se na década de 1970,

> [...] de maneira experimental com *workshops* e cursos, que tinham também como meta principal a livre expressão emocional catártica, a experimentação de técnicas de liberação do estresse e rigidez musculares no corpo, em um contexto dominado pela ditadura militar, pelo controle civil e pela censura (NASCIMENTO, 2016, p. 28).

Em São Paulo, em 1975, o *Instituto Sedes Sapientiae* criou o curso Gestalt-Reich, "a primeira tentativa institucional de se criar um polo receptador dessa cultura e um espaço para a adaptação e recriação das influências" (FAVRE, 1995, p. 45). Gerda Boyesen foi trazida ao Brasil, muitas vezes, durante a década de 1970, pelas pessoas que coordenavam esse curso. Nessa mesma época, a PUC-SP abriu um núcleo de ensino de terapia corporal, de onde surgiu, na mesma instituição, um curso sobre o pensamento político na obra de Reich (FAVRE, 1995).

No Rio de Janeiro, nos anos de 1980 a 1982, ocorreram os simpósios denominados *Alternativas no Espaço Psi,* "grandes encontros anuais de todas as tendências reichianas e alternativas, com palestras, apresentações de trabalhos, mesas-redondas e vivências" (FAVRE, 1995, p. 46). Esses encontros contavam com a presença de centenas de pessoas.

David Boadella, Guy Tonella (um terapeuta francês da análise bioenergética) e diversos outros terapeutas de formações diferentes, em especial terapeutas do instituto de bioenergética de Nova Iorque, e a própria Eva Reich, filha de Wilhelm Reich, vieram ao Rio para dar *workshops*, treinamentos, supervisões e seminários (RUSSO, 1993).

Segundo Favre (1995, p. 47), durante a década de 1980, ocorreu uma intensificação das visitas regulares de terapeutas como Boadella, Frank Hladky (vinculado ao instituto de bioenergética), Francesco Dragotto (orgonoterapeuta italiano), Federico Navarro (de uma outra escola italiana de orgonomia), "trazendo consigo questões importantes de formações, credenciamento, pertinências a instituições internacionais".

Em São Paulo, além do curso no Instituto Sedes, apareceram outras instituições de cursos de formação em terapia reichiana, como, por exemplo, o Instituto Wilhelm Reich, de fundo orgonômico dirigido por Jovino Camargo, e o Ágora – Centro de Estudos Neo-Reichianos (FAVRE, 1995).

No Rio de Janeiro, conforme Russo (1993), um grupo de terapeutas formado em torno de Boadella foi fundamental para a formação do primeiro núcleo de terapeutas corporais dessa cidade. Boadella teria passado cinco anos vindo uma ou duas vezes por ano ao Rio para dar treinamento intensivo ao grupo. Segundo Russo, a terapia corporal, nessa cidade, começou sendo basicamente neo-reichiana, com influência principalmente da Bioenergética, da Biossíntese e da Biodinâmica (RUSSO, 1993, p. 133).

Em 1983, ocorreu a fundação do Centro de Investigação Orgonômica, conhecido pela sigla CIO, a qual é considerada por Russo (1993, p. 137),

> [...] a primeira instituição de treinamento de orgonoterapeutas formalizada e legalmente constituída, com um rigoroso programa de formação de cinco anos de duração, nos moldes das sociedades psicanalíticas (curso teórico com uma extensa carga horária, exigência de um determinado número de horas de supervisão e de terapia individual com um terapeuta autorizado pela instituição, entre outros mecanismos).

O CIO buscou afirmar-se como porta-voz legítimo da ortodoxia reichiana, estabelecendo contato com o *American College of Orgonomy* e com a Escola Europeia de Orgonoterapia, promovendo eventos como a "II Semana da Orgonomia", ocorrido em 1987, à qual compareceram a presidente do American College, a Barbara Koopman, e o presidente da Escola Europeia, o Federico Navarro (RUSSO, 1993).

Navarro estabeleceu-se, definitivamente, no Brasil, em 1988, e, junto com um grupo de profissionais em formação no CIO dissidentes dessa instituição e de um outro terapeuta italiano, fundou o Instituto de Orgonomia Ola Raknes (atualmente denominado Escola Pós-Reichiana Federico Navarro) e a Escola de Orgonomia Latino Americana (RUSSO, 1993). Nessa mesma época em que o Instituto Ola Raknes foi fundado, outras instituições de formação em terapias neo-reichianas se constituíram no Rio de Janeiro: o Centro Brasileiro de Biossíntese, o Instituto de Biossíntese (diretamente ligado a Boadella) e a Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro (RUSSO, 1993).

3.2.3 As instituições de formação em orgonoterapia e em terapias de base reichiana existentes na atualidade

Atualmente há inúmeros centros e institutos de formação de terapeutas pós e neo-reichianos espalhados pelo mundo. Acessando sites dessas organizações em 2017[53], verificou-se a presença de 119 organizações em 26 países, incluindo o Brasil. Desse total, 38 são centros de formação em terapia pós-reichiana ou de orgonoterapia e 81 são centros de formação e associações sobre abordagens neo-reichianas. No Brasil, há 28 organizações, sendo 10 de terapia pós-reichiana e o restante de abordagens neo-reichianas, presentes em 14 cidades em nove unidades da União Federal.

Quadro 1 - Instituições de formação em abordagens reichianas atuantes no Brasil em 2017

Nome da instituição	Cidade	Descrição
Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich	Rio de Janeiro – RJ	Instituto de formação, pesquisa e extensão em abordagem pós-reichiana.
Escola Pós-Reichiana Federico Navarro (EFEN)	Rio de Janeiro – RJ	Centro de formação e cursos em abordagem pós-reichiana.
Centro Reichiano	Curitiba – PR	Centro de cursos e formação em abordagem pós e neo-reichiana. Promove o congresso brasileiro anual de psicoterapias corporais.
Espaço Wilhelm Reich	Maceió – AL	Centro de pesquisas e de cursos em abordagem pós-reichiana.
Núcleo de Psicoterapia Reichiana	Rio de Janeiro – RJ	Núcleo de cursos e formação em abordagem pós-reichiana.
Instituto Raiz	Araraquara – SP	Instituto de cursos e formação em abordagem pós-reichiana.
Instituto Brasileiro de Análise Reichiana de São Paulo	São Paulo – SP	Instituto de cursos e formação em abordagem pós-reichiana.
Instituto Reichiano	Curitiba – PR	Instituto de cursos e formação em abordagem pós-reichiana.
Viva Vida Orgonomia	Rio de Janeiro – RJ	Centro de cursos e formação em abordagem pós-reichiana.
Escuela Española de Terapia Reichiana (Es.Te.R) – Brasil	Brasília – DF	Centro de cursos e formação em abordagem pós-reichiana, filial brasileira com sede na Espanha.
Federação Latino Americana de Análise Bioenergética (FLAAB)		Federação de instituições latino-americanas de ensino, pesquisa e formação em análise bioenergética.
Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo	São Paulo – SP	Instituto de cursos e de formação em análise bioenergética. Filiado à FLAAB e ao Instituto Internacional de Análise Bioenergética (IIAB).
Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética	São Paulo – SP	Sociedade de ensino que oferece cursos e formação em análise bioenergética. Filiada à FLAAB e ao IIAB. Fundada em 1981.

[53] O apêndice B inclui uma lista dessas organizações com informações específicas sobre localidade da sede dessas instituições e contato obtidas no ano de 2017.

Libertas - Associação de Análise Bioenergética do Nordeste Brasileiro	Recife – PE	Sociedade de ensino e pesquisa que oferece cursos e formação em análise bioenergética. Sede da Associação de Análise Bioenergética do Nordeste Brasileiro. Filiada à FLAAB e ao IIAB.
Vibrare - Instituto de Análise Bioenergética do Centro-Oeste do Brasil	Brasília – DF	Associação que oferece cursos de formação em análise bioenergética. Filiada à FLAAB e ao IIAB.
Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro – RJ	Sociedade de ensino e pesquisa que oferece cursos e formação em análise bioenergética. Filiada à FLAAB e ao IIAB.
Instituto Brasileiro de Biossíntese de São Paulo	São Paulo – SP	Instituto de ensino e formação na abordagem biossíntese. Associada à Fundação Internacional de Biossíntese (FIB).
Centro de Biossíntese da Bahia	Salvador – BH	Centro de ensino e formação na abordagem biossíntese. Associada à FIB.
Escola de Biossíntese do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro – RJ	Centro de ensino e formação na abordagem biossíntese.
Ligare – Centro de Psicoterapias Corporais	Americana – SP	Centro de ensino e formação em abordagens neo-reichianas.
Instituto Lumen: Centro de Estudos Neo-Reichianos	Ribeirão Preto – SP São Paulo – SP Uberlândia – MG	Centro de ensino e formação em abordagens neo-reichianas. Associada à FIB.
Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica	Curitiba – PR Natal – RN Rio de Janeiro – RJ São Paulo – SP Taubaté – SP	Instituto de ensino e formação na abordagem neo-reichiana de psicologia biodinâmica.
Centro de Psicologia Formativa	Rio de Janeiro – RJ	Centro de ensino e formação na abordagem neo-reichiana de psicologia formativa.
Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-Orgânica	Rio de Janeiro – RJ	Centro de ensino e formação em análise psico-orgânica. Vinculada à Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica.
Associação Brasileira de Análise Psico-Orgânica	Rio de Janeiro – RJ	Associação brasileira de ensino e formação em análise psico-orgânica.
Instituto Core Energetics do Brasil	Atibaia – SP	Instituto de ensino e formação na abordagem neo-reichiana core energetics.
Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicoterapia Neurodinâmica	Rio de Janeiro – RJ	Núcleo de estudos e pesquisa em psicoterapia neurodinâmica.
Centro de Psicoterapias Corporais do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro – RJ	Centro de estudos e de cursos em abordagens de psicoterapia corporal reichiana.

A Bioenergética é a terapia de base reichiana mais conhecida e difundida no mundo (WAGNER, 2009). O fato de ter se desenvolvido, em solo norte-americano, durante as décadas de 1950 e 1960, período de grandes eventos do movimento de contracultura e, também, o fato de Lowen ter escrito muitos livros sobre a bioenergética, que foram traduzidos para diversos idiomas, certamente contribuiram, em muito, para a difusão dessa abordagem terapêutica (WAGNER, 2009).

Além desses fatores, merecem atenção o fato de que a abordagem de Lowen teve forte institucionalização, contando com uma organização oficial internacional, o *International Institute for Bioenergetic Analysis* (IIBA), fundado em 1976. Segundo informações constantes

no site dessa organização, há, no mundo, cerca de 1600 membros ativos associados em, aproximadamente, 50 centros de formação em análise bioenergética, os quais estão filiados à IIBA. A análise bioenergética já é praticada em diversos países da América do Norte e do Sul, no oeste europeu, na Nova Zelândia e na Austrália. Mais recentemente, terapeutas do leste europeu (Polônia e Rússia) e da Ásia (China) estão praticando a bioenergética e iniciando centros de formação nesses países.

A Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética (FLAAB), vinculada diretamente à IIAB, inclui seis centros brasileiros de formação em bioenergética. Em informação obtida no site[54] de um desses centros, o Instituto Neo-Reichiano Lumen, consta que, nos 24 anos de sua existência, esta instituição formou 810 terapeutas. Segundo Alves (2014), "no Brasil, a FLAAB participa como membro do FENPB, Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira, influindo e participando das decisões de um grupo organizado que possui 220 mil membros associados".

3.2.4 As revistas especializadas em orgonoterapia e em terapias de base reichiana

Pesquisadores associados a essas organizações e aos centros de formação de terapeutas reichianos e alguns pesquisadores independentes criaram e publicaram diversas revistas sobre terapias de base reichiana e orgonomia.

Atualmente, existem, entre outras, as seguintes revistas de publicação reichianas[55]:

a) *Journal of Orgonomy*, revista oficial do *American College of Orgonomy*, que é publicada, semestralmente, desde 1968, com sede em Princeton, New Jersey, nos Estados Unidos. Além de ensaios clínicos e estudos teóricos, essa revista publica trabalhos experimentais sobre biofísica orgonômica e, entre as revistas atuais, é a mais antiga, estando indexada nas bases de dados *E-psyche, EBSCOhost, Gale* e *ProQuest*.

b) *Annals of the Institute for Orgonomic Science*, revista oficial desse instituto, com sede em Gwynedd Valley, na Pensilvânia, nos Estados Unidos, que publica, desde 1984, trabalhos experimentais sobre biofísica orgonômica e ensaios clínicos e teóricos, estando, também, indexada na base de dados *E-psyche*.

---

[54] http://www.institutolumen.com.br/?bPagina=01-mostra-QS&tPagina=Quem%20Somos . Acesso em 01/10/2017.

[55] O apêndice A contém uma relação das revistas reichianas nacionais e estrangeiras.

c) *Journal of Psychiatric Orgone Therapy*, revista *online*, cujos os artigos são publicados, de maneira avulsa, sem volumes e números, desde 2010, trabalhos clínicos e trabalhos experimentais sobre biofísica orgonômica.

d) *Rivista di Psicoterapia Analitica Reichiana*, revista oficial da *Società Italiana di Analisi Reichiana*, que, desde 2012, semestralmente, publica trabalhos estritamente clínicos e teóricos.

e) *Energy & Character - International Journal of Biosynthesis*, revista oficial do *International Institute for Biosynthesis*, com sede em Jaderberg, na Alemanha, que com periodicidade trimestral, publica desde 1970 artigos sobre biossíntese, estando indexada nas bases de dados *British Library Board, EBSCOhost, E-psyche* e *Ovid*.

f) *IIBA Journal*, revista oficial do *International Institute for Bioenergetic Analysis*, com sede em Giessen, na Alemanha, que publica, desde 1985, anualmente artigos sobre bioenergética.

g) *International Body Psychotherapy Journal*, revista oficial da *European Association for Body Psychotherapy* e da *United States Association for Body Psychotherapy*, com sede em Silver Spring, nos Estados Unidos, que, semestralmente, desde 2001, publica artigos sobre psicoterapia corporal, estando indexada na base de dados *E-psyche*.

No Brasil, há a Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal, publicação vinculada à Associação de Análise Bioenergética do Nordeste do Brasil e à Federação Latino Americana de Análise Bioenergética (FLAAB), que, desde 2014, com revisão por pares, semestralmente, publica artigos de livre acesso sobre bioenergética.

Além dessa revista, há os Anais do Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, que ocorrem, anualmente, em Curitiba (PR), desde 1996, os quais começaram a ser publicados no ano de 2004 e estão disponíveis gratuitamente no site da organização responsável pelo evento. Essas são as duas únicas publicações brasileiras atuais.

Contudo, até recentemente, havia, no nosso país, outras revistas especializadas que publicavam artigos sobre terapias de base reichiana[56], tais como:

a) *Energia, Caráter e Sociedade*, revista do Instituto de Orgonomia Ola Raknes e da Escola de Orgonomia Latino Americana, sediada no Rio de Janeiro (RJ), com conselho editorial, cuja periodicidade era irregular, com publicações ocorridas no período de 1990 a 1994.

---

[56] O apêndice A contém uma relação das revistas reichianas nacionais e estrangeiras.

b) *Revista Reichiana*, do Curso de Especialização em Psicoterapia Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, sediada em São Paulo (SP), com periodicidade anual e cujas publicações ocorreram durante o período de 1992 a 2009, sendo a revista com maior tempo de publicação no Brasil, que possuía conselho editorial e estava indexada na base de dados *Index Psi*.

c) *Revista da Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul*, sediada em Porto Alegre (RS), cuja periodicidade era anual, continha conselho editorial e realizou publicações no período de 1997 a 2002.

d) *Revista Psicologia Corporal*, do Centro Reichiano, sediado em Curitiba (PR), com periodicidade anual, continha conselho editorial e efetuou publicações no período de 2000 a 2010, com indexação na base de dados *Index Psi* e na Biblioteca Central da PUC/PR.

e) *Pensamento Reichiano em Revista*, com periodicidade anual, com conselho editorial e com publicações realizadas entre 2006 e 2008.

3.3 A REPLICAÇÃO, POR OUTROS PESQUISADORES, DOS EXPERIMENTOS REALIZADOS POR REICH

A energia orgone, conforme as formulações teóricas de Reich, seria desprovida de partícula de matéria, o que implicaria a impossibilidade de detectá-la e mensurá-la diretamente. Contudo, com o intuito de fornecer evidências concretas da existência dessa energia, esse pesquisador realizou diversos experimentos objetivando medir os seus efeitos físicos e biofísicos.

Muitos desses experimentos foram replicados por outros pesquisadores, que, também, desenvolveram outros protocolos experimentais, os quais ratificaram as conclusões apontadas por Reich. Entre esses experimentos, podem-se citar alguns que obtiveram as seguintes conclusões:

a) ocorre uma anomalia térmica dentro do acumulador de orgone, o qual, em condições climáticas favoráveis à absorção dessa energia, apresenta temperatura superior ao do seu entorno (MAGLIONE, 2012[57]; CORREA e CORREA, 2010[58]; REICH, 2009[59];

[57] Trata-se de um livro de publicação do próprio autor.
[58] Publicado na revista *Journal of Aetherometry Research*, a qual não consta na relação de revistas da Ulrichsweb. Contudo, o artigo foi originalmente publicado na revista *Infinite Energy*, 2001, 37:12, a qual consta como indexada na base de dados EBSCOhost.
[59] Trata-se do livro *A Biopatia do Câncer,* de Reich, cujos capítulos constituem-se, na sua maioria, de artigos desse autor, publicados na revista *International Journal of Sex-Economy and Orgone Research*, da sua editora *Orgone Institute Press*, cujas edições ocorreram durante os anos de 1942 a 1945. Essa revista não consta como indexada em bases de dados científicas.

DEMEO, 2009[60]; MEDEIROS JÚNIOR, 2000[61]; GRAD, 1996[62]; KONIA, 1974[63]; KONIA, 1978[64]);

b) no interior do acumulador ocorre uma taxa mais lenta de descarga eletroscópica em relação ao ambiente externo, contudo, o DOR-*Buster* é capaz de acelerar a descarga elestroscópica quando direcionado a um acumulador (MAGLIONE, 2012; REICH, 2009; KONIA, 1983[65]);

c) no interior do acumulador existe uma anomalia em relação à presença de radiação gama, que pode ser identificada e mensurada por um contador Geiger (MAGLIONE, 2012; REICH, 2009; REICH, 1951b[66]; MILIÁN-SANCHEZ *et al*, 2016[67]; MILÍAN *et al*, 2002[68]);

d) a água com alta concentração de energia orgone (carregada por um acumulador de orgone) demora mais tempo para evaporar em relação à água que não foi carregada com essa energia (MAGLIONE, 2012; DEMEO, 1980[69]);

e) o acumulador de orgone apresentou um efeito positivo no crescimento e no cultivo de plantas e sementes que foram inseridas nele ou que foram cultivadas com água carregada com energia orgone (FARASHCHUK, FOMITCHEV-ZAMILOV e TSYUMAN, 2011[70]; DEMEO, 2010[71]; DEMEO, 2002b[72]; ESPANCA, 1981[73];

---

[60] Publicado na revista *Subtle Energies & Energy Medicine*, a qual consta na relação de revistas da Ulrichsweb com ISSN. Contudo, essa revista não aparece indexada em bases de dados científicas e publica, quadrimestralmente, desde 1990 até o presente, artigos que estão disponíveis online gratuitamente.
[61] Trata-se de um livro de publicação do autor, com o título “Bioenergologia: A ciência das energias de vida”.
[62] Publicado na revista *Subtle Energies & Energy Medicine*.
[63] Publicado na revista *Journal of Orgonomy*, a qual, segundo a Ulrichsweb, aparece indexada em algumas bases de dados científicas (*EBSCOhost, E-psyche, Gale* e *ProQuest*). Essa revista é publicada, semestralmente, desde 1967 até o presente, e alguns de seus artigos estão disponíveis gratuitamente e podem ser acessados online. A revista tem formato impresso que pode ser adquirida mediante pagamento.
[64] *Ibid*.
[65] *Ibid*.
[66] Trata-se do relatório do experimento de Reich denominado ORANUR e publicado como um dos números de sua revista *Orgone Energy Bulletin*, por sua editora *Orgone Institute Press*, durante os anos de 1949 a 1953. Essa revista não consta como indexada em bases de dados científicas.
[67] Publicado na revista *Nuclear Instruments & Methods in Physics Research*, a qual consta na Ulrichsweb como indexada em diversas bases de dados científicas.
[68] Publicado na revista *Pulse of the Planet*, a qual, segundo a Ulrichsweb, aparece indexada na base de dados *E-psyche.* Essa revista é publicada desde 1989, com periodicidade irregular, formato impresso e disponível mediante pagamento.
[69] Publicado na revista *Journal of Orgonomy.*
[70] Publicado na revista *Water Multidisciplinary Research Journal*, a qual, segundo a Ulrichsweb, aparece indexada na base de dados *EBSCOhost.* Essa revista é publicada, anualmente, desde 2009 até o presente, em formato online e disponibilidade gratuita.
[71] Publicado na revista *Subtle Energies & Energy Medicine*.
[72] Publicado na revista *Pulse of the Planet*.
[73] Publicado na revista *Offshoots of Orgonomy*, que está inserida na Ulrichsweb, com ISSN. Contudo, não consta como indexada em nenhuma de base dados. Essa revista foi publicada, semestralmente, durante os anos de 1980 a 1987.

ESPANCA, 1982[74]; ESPANCA, 1983a[75]; ESPANCA, 1983b[76]; ESPANCA, 1984[77]; ESPANCA, 1985[78]; COURIE, 1955[79]);

f) ratos com câncer que foram submetidos ao tratamento com o acumulador de orgone apresentaram melhoras significativas em relação à evolução do câncer e maior tempo de sobrevida quando comparados aos controles do experimento (REICH, 2009; BLASBAND, 2009[80]; BLASBAND, 1984[81]; TROTTA e MARER, 1990[82]);

g) o uso de acumuladores de orgone no tratamento de ratos com feridas mostrou-se eficaz quando comparado aos controles dos experimentos (BAKER *et al*, 1984[83]; BAKER *et al*, 1985[84]);

h) o acumulador de orgone causou alterações fisiológicas em sujeitos humanos que realizaram o seu uso por certo tempo, entre elas, o aumento nas temperaturas interna do corpo e da pele, a ativação vagotônica geral e alterações cardíacas (REICH, 2009; MAZZOCHI e MAGLIONE, 2010[85]; MÜSCHENICH e GEBAUER, 1986[86]);

i) estudos de caso com pessoas que foram tratadas com aparelhos orgonômicos apontam que estes tiveram efeitos positivos na cura daqueles ou trouxeram melhoras significativas no seu tratamento (REICH, 2009; LASSEK, 1991[87]; BRENNER, 1991[88]; OPFERMANN-FUCKERT, 1989[89]; HOPPE, 1949[90]; HOPPE, 1950[91]; TROPP, 1949[92];

---

[74] *Ibid*.
[75] *Ibid*.
[76] *Ibid*.
[77] *Ibid*.
[78] *Ibid*.
[79] Publicada na revista *Cosmic Orgone Enginnering*, pela editora de Reich *Orgone Institute Press*, durante os anos de 1954 a 1955. Essa revista não consta como indexada em bases de dados científicas.
[80] Publicado na revista *Subtle Energies & Energy Medicine*.
[81] Publicado na revista *Journal of Orgonomy.*
[82] *Ibid*.
[83] Publicado na revista *Annals of the Institute for Orgonomic Science*, a qual, segundo a Ulrichsweb, aparece indexada na base de dados *E-psyche*. Essa revista é publicada desde 1983, com periodicidade irregular, em formato impresso, e alguns volumes estão disponíveis gratuitamente *online* e outros podem ser adquiridos mediante pagamento.
[84] *Ibid*.
[85] Publicado na revista *Subtle Energies & Energy Medicine*.
[86] Dissertação de mestrado realizada pelo departamento de psicologia da universidade de Marburg, na época, situada na Alemanha Ocidental.
[87] Publicado na revista *Pulse of the Planet*.
[88] Ibid.
[89] Publicado na revista *Annals of the Institute for Orgonomic Science*.
[90] Publicado na revista *Orgone Energy Bulletin*.
[91] Ibid.
[92] Ibid.

ANDERSON, 1950[93]; COTT, 1951[94]; LEVINE, 1951[95]; WEVRICK, 1951[96]; SILVERT, 1952[97]; BREMER, 1953[98]) – ver tabela a seguir; e

j) o uso do *cloudbuster* mostrou ser capaz de influenciar e alterar as condições climáticas (REICH, 1952a[99]; REICH, 1954[100]; DEMEO, 1991[101]; DEMEO, 2002a[102]; MAGLIONE, 2011[103]).[104]

Quadro 2 - Estudos de casos reportados por médicos sobre a utilização do acumulador de orgone no tratamento de doenças orgânicas	
Referência do estudo	*Doenças tratadas com a utilização do acumulador de energia orgone*
REICH, Wilhelm.1949.	Tipos diversos de câncer.
TROPP, Simeon. 1949.	Tumores de mediastino.
HOPPE, Walter. 1949.	Abscessos cutâneos, câncer no fígado, pseudomixoma peritoneal (câncer), constipação, *angina pectoris*, doença cardíaca arteriosclerose, degeneração miocárdica, bronquite crônica, doença de Basedow, diarreia crônica, úlcera gástrica, úlcera duodenal, anemia, inflamações, osteoporose, periodontite, eczema liquenóide.
HOPPE, Walter. 1950.	Tromboflebite dos membros inferiores, doença de Buerger, anemia perniciosa, cefaleias intermitentes, zumbido no ouvido; doenças que geram sintomas de fraqueza, falta de apetite e pressão baixa; doenças cardíacas, *alopecia areata*, sinusite, espirro crônico e fibromialgia.
ANDERSON, William. 1950.	Febre reumática.
TROPP, Simeon. 1950.	Câncer de mama.
COTT, Allan. 1951.	Ictiose.
LEVINE, Emanuel. 1951.	Hipertensão.
WEVRICH, N. 1951.	Diabetes.
SILVERT, Michael. 1952.	Dores severas, lesões causadas por lacerações e queimaduras.

[93] Ibid.
[94] Ibid.
[95] Ibid.
[96] Ibid.
[97] Ibid.
[98] Ibid.
[99] Ibid.
[100] Publicado na revista *Cosmic Orgone Engineering*.
[101] Publicado na revista *Pulse of the Planet*.
[102] Ibid.
[103] Trata-se de um livro de publicação do autor.
[104] Mais informações sobre essas revistas encontram-se no apêndice A.

BREMER, Kenneth. 1953.	Contusão severa, neuralgia do trigêmeo, periodontite e doença cardíaca reumática.
FUCKERT, Dorothea. 1989.	Osteomielite da tíbia pós-traumática, poliarterite nodosa, doença fibrocística da *mama, úlcera varicosa, carc*inoma brônquico, leiomio*ssarcoma, migrânea (enxaqueca) crônica, queimaduras de segundo grau, melanoma no* couro cabeludo*, câncer* gástrico.
LASSEK, Haiko. 1991.	Tumores malignos em estado severo com metástases no pulmão, no cérebro e no fígado.

O *Institute for Orgonomic Science* elaborou uma bibliografia[105] contendo a maioria dos estudos experimentais já realizados sobre energia orgone desde a época de Reich até os dias atuais, incluindo pesquisas clínicas, os quais totalizam um número significativamente maior do que os experimentos citados nesse estudo[106]. Roberto Maglione, um engenheiro italiano que tem se dedicado a pesquisar a parte física da orgonomia, publicou, entre outros, os livros *Methods and Procedures in Biophysical Orgonometry* (MAGLIONE, 2012) e *Wilhelm Reich and The Healing of Atmospheres* (MAGLIONE, 2011), contendo o primeiro[107] uma revisão bibliográfica dos principais estudos experimentais realizados sobre os efeitos físicos dos aparelhos orgonômicos e o segundo, uma revisão bibliográfica dos experimentos já realizados com o *cloudbuster*. Muitos desses estudos foram realizados por pesquisadores com formação acadêmica, incluindo doutores, e foram publicados em revistas especializadas sobre orgonomia e orgonoterapia, mas tiveram pouco impacto nos círculos acadêmicos, por serem, ainda, desconhecidos pelo *mainstream* científico.

Contudo, ainda que em número limitado, existem algumas pesquisas experimentais realizadas dentro de instituições acadêmicas que tiveram como objeto os experimentos realizados por Reich, incluindo os possíveis efeitos dos aparelhos orgonômicos, e todas corroboraram as conclusões já antecipadas por Reich. As que se tem notícia são as seguintes:

a) Wu, Martel, Wong, Young, Liu, Lin e Young (2016) e Wu, Young, Martel e Young (2013) afirmaram terem observado e descrito partículas com algumas das mesmas características e propriedades descritas por Reich em seus experimentos sobre os bions, ainda que aqueles pesquisadores não tenham compartilhado de outras interpretações que este forneceu para essas partículas.

---

[105] Essa bibliografia pode ser acessada online: http://www.orgonomicscience.org/bibliography/ .
[106] Muitas dessas publicações podem ser obtidas apenas mediante pagamento, o que dificultou o acesso a elas na presente pesquisa.
[107] A obra detalha os métodos e procedimentos utilizados pelos diversos orgonomistas para replicar e aprimorar os protocolos experimentais utilizados para medir os efeitos físicos dos aparelhos orgonômicos.

b) Milián-Sanchez, Mocholí-Salcedo, Milián, Kolombet e Verdú (2016) afirmaram ter encontrado anomalias em relação a mensuração de níveis de radiação e capacitância dentro do acumulador de orgone;

c) Scholkmann, Milián-Sanchez, Mocholí-Salcedo, Milián, Kolombet e Verdú (2017) afirmaram ter encontrado uma correlação significativa entre as anomalias relativas às mensurações de radiação e à capacitância dentro do acumulador com as condições meteorológicas do espaço (perturbações no campo geomagnético e nas contagens de nêutrons dos raios cósmicos);

d) Hebenstreit (2010) realizou um experimento objetivando verificar se haveria interconexão entre a percepção subjetiva de estímulos em zonas da pele - testa, palma da mão e sola do pé - e alterações no potencial endossomático desta. O experimento contou com 40 participantes e o experimentador utilizou dois testes psicológicos para obter informações sobre os traços de suas personalidades. O estudo confirmou uma interconexão entre a percepção subjetiva dos estímulos nas zonas da pele e alterações no potencial desta, apontou que fatores na personalidade estão relacionadas à interconexão encontrada e que o conceito de encouraçamento de Reich poderia explicar essas relações. Além disso, Hebenstreit (2010) afirmou que a pele não responde localmente à estimulação, mas responde de uma maneira integral, o que reflete um importante aspecto do conceito de correntes vegetativas descrito por Reich.

e) Southgate (2009), com base nas correlações existentes entre a orgonomia e medicina tradicional chinesa, realizou uma pesquisa experimental utilizando um acumulador de orgone acoplado a agulhas de acupuntura a fim de verificar se a energia orgone apresentaria efeitos no processo de acupuntura. O experimento, que utilizou o método duplo cego, com controles e placebo, e que envolveu 72 sujeitos participantes, sugere que as intervenções realizadas com o acumulador apresentaram efeitos objetivos no processo de acupuntura ($p < 0{,}030$).

f) Alvarez (2008) conduziu uma avaliação do uso de uma manta acumuladora de orgone – uma variante do acumulador, mais fácil de ser construída, contudo, com efeitos de menor intensidade - a fim de verificar se a sua utilização teria efeitos nos níveis de radicais livres e de desidroepiandrosterona (DHEA). O experimento utilizou o método do duplo cego, com controles e placebo, teste de urina para mensurar os radicais livres e teste de saliva para mensurar o DHEA. Os resultados apontaram que o grupo ativo teve um aumento no DHEA e uma diminuição de radicais livres quando comparado ao grupo de controle, contudo a diferença não foi estatisticamente significativa, o que pode ter acontecido em decorrência de um baixo período de exposição à manta, de dias chuvosos durante o experimento (fator que dificulta a

absorção de orgone), de possível interferência de aparelhos eletrônicos e da idade avançada do grupo testado;

g) Müschenich e Gebauer (1986), levando em consideração a afirmação de Reich, no sentido de que, durante as sessões com o acumulador de orgone, a temperatura do corpo aumentava e ocorria uma ativação vagotônica, realizaram um estudo experimental cujo objetivo foi o de avaliar os efeitos fisiológicos do uso do acumulador de orgone nas variáveis de temperatura interna do corpo e da pele e na avaliação cardíaca (ECG) em sujeitos humanos. A metodologia de pesquisa foi o duplo cego, com controle e placebo. Eles utilizaram questionários para avaliar as sensações psicofísicas e o estado de humor dos sujeitos durante as sessões com o acumulador. Esse estudo concluiu, com 99% de probabilidade, que o acumulador apresentou um efeito de alteração nas taxas fisiológicas registradas. As duas variações da temperatura do corpo e a frequência cardíaca mostraram um aumento distinto durante as sessões com o acumulador;

h) DeMeo, em sua revisão bibliográfica (DEMEO, 2011), afirma que a pesquisa experimental realizada, por Hebenstreit (1995)[108], na Universidade de Viena, teve como objetivo avaliar os efeitos fisiológicos do uso do acumulador em sujeitos humanos. Essa teria sido uma investigação semelhante à de Müschenich e Gebauer (1986), pois Hebenstreit (1995), também, utilizou o método duplo cedo, com controles e placebo e teria obtido resultados estatisticamente significativos, no sentido de que sessões com o acumulador tiveram como efeito alterações fisiológicas em variáveis como temperatura da pele, pressão sanguínea, batimentos cardíacos e outras medidas fisiológicas; e

i) DeMeo (2011), um dos pesquisadores que atualmente mais tem se dedicado ao estudo experimental da orgonomia física, realizou como trabalho de graduação em meteorologia, na Universidade de Kansas, nos EUA, ou seja, uma avaliação dos efeitos do *cloudbuster* nas reações atmosféricas. Segundo ele (DEMEO, 1979a *apud* DEMEO, 2011), os efeitos incluíram um aumento no percentual de cobertura de nuvens e de precipitação de chuvas sobre todo o estado do Kansas registradas pelo National Weather Service. O aparecimento de nuvens e a precipitação de chuva iniciaram, em média, uma hora após o *cloudbuster* ter sido colocado em operação. Em anos posteriores ao desse experimento, realizado em 1979, DeMeo foi contratado por empresas privadas e agências governamentais de países como Israel, Namíbia e Eritreia para realizar operações de *cloudbusting* a fim de revitalizar regiões desérticas, as quais, segundo ele, obtiveram resultados positivos (DEMEO, 2011; DEMEO, 2002a).

---

[108] Não obtivemos acesso à dissertação de Hebenstreit (1995).

3.4 AS BARREIRAS ENFRENTADAS PELA ORGONOTERAPIA PARA A SUA INSERÇÃO NA ACADEMIA

3.4.1 Aspectos gerais

As teorias e os conceitos desenvolvidos por Reich referentes ao período orgonômico de sua obra são, ainda, se não desconhecidos, desconsiderados pela comunidade acadêmica, o que pode ser constatado pelo pequeno número de publicações científicas que cobrem investigações sobre o pensamento reichiano desse período de sua obra.

Há, contudo, um maior número, ainda que modesto, de pesquisas acadêmicas sobre o primeiro período da obra de Reich (1919-1933), em que esse autor desenvolveu suas teorias fundamentado, principalmente, nos referenciais teóricos da psicanálise (de 1919 a 1933) e do materialismo histórico-dialético (1927-1933). As suas teorias psicanalíticas e sobre psicologia política desse período desfrutam de uma maior aceitação acadêmica quando comparado ao seu pensamento dos períodos posteriores (1934-1957).

De um modo geral, os poucos trabalhos acadêmicos publicados sobre os conceitos desenvolvidos por Reich no período posterior ao ano de 1934 são trabalhos teóricos de cunho histórico e revisões bibliográficas. Contudo, são muito escassas as publicações acadêmicas de pesquisas clínicas e experimentais que estejam fundamentadas nos conceitos e na metodologia proposta por Reich desenvolvidos a partir do referido ano, principalmente, pesquisas relacionadas às descobertas que esse autor considerou ter realizado sobre a energia orgone[109].

Há, atualmente, poucas revistas especializadas em orgonoterapia e orgonomia e, de um modo geral, elas não estão indexadas nas bases de dados científicas mais conhecidas e, ainda que algumas delas estejam indexadas em uma ou outra base de dados, as pesquisas de Reich e de seus principais discípulos são ainda desconhecidas pela comunidade acadêmica.

Porque o pensamento reichiano, em especial, a orgonomia e a orgonoterapia, enfrentam diversas barreiras à sua inserção na academia, considera-se relevante e necessário descrever algumas delas a fim de explicitar os fatores que contribuíram e contribuem para a marginalização desse pensamento no meio acadêmico. Essas barreiras podem ser assim agrupadas: a) as perseguições políticas e as campanhas difamatórias sofridas por Reich e as deturpações de seu pensamento; b) a difusão do pensamento reichiano no movimento da contracultura e no campo das terapias alternativas; c) a ausência de uma instituição oficial de

---

[109] Ver item 3.3 desse capitulo.

orgonomia e de orgonoterapia; d) os estigmas e os preconceitos relacionados às intervenções corporais das terapias reichianas; e) a organização bibliográfica deficitária dos escritos de Reich; e f) as características inerentes à epistemologia e à metodologia da orgonomia. Uma síntese desses fatores será apresentada nos subitens seguintes.

3.4.2 As perseguições políticas e as campanhas de difamação e calúnias contra Reich e as deturpações de seu pensamento

Reich foi alvo de diversas perseguições políticas e campanhas de difamação ao longo de sua vida (BENNETT, 2010; DEMEO, 2013; SHARAF, 1983)[110]. Por conta de escritos como *Der Sexuelle Kampf der Jugend* ("O Combate Sexual da Juventude") (1932)*, Der Einbruch der Sexualmoral* ("As Origens da Moral Sexual") (1932), *Geschlechtsreife, Enthaltsamkeit, Ehemoral: Eine Kritik der Bürgerlichen Sexualreform* ("Maturidade Sexual, Abstinência, Moral Conjugal: Crítica da Reforma Sexual Burguesa") (1930), *Die Sexualität im Kulturkampf* (traduzido como A Revolução Sexual) (1936), *The Discovery of the Orgone Vol.I*: *The Function of the Orgasm: Sex-Economic Problems of Biological Energy* (traduzido como A Função do Orgasmo: Problemas Econômico-Sexuais da Energia Biológica) (1942), entre outros, e de seu envolvimento em diversos movimentos sociais que questionaram e propuseram mudanças contrárias aos valores conservadores relacionados à moral sexual repressiva e à instituição familiar autoritária, "o nome de Reich e sua reputação ficaram associados à uma visão de liberdade sexual ao longo de sua vida" (BENNETT, 2010, p. 51, tradução nossa).

O posicionamento de Reich em relação às questões referentes à sexualidade e à política foram os principais motivadores dos ataques ocorridos durante o período em que ele permaneceu na Europa, até 1939. No período em que permaneceu na Noruega (1934-1939), ocorreram diversos ataques a esse autor e ao seu trabalho, alguns de cunho políticos, realizados pela impressa do partido comunista e pela impressa fascista, e outros direcionados às suas

[110] DeMeo (2013) no seu livro *In defense of Wilhelm Reich*: *Opposing The 80-years War of Mainstream Defamatory Slander Against One of the 20th Century's Most Brilliant Physicians and Natural Scientists* ("Em defesa de Wilhelm Reich: Opondo-se à Guerra de 80 Anos de Difamação e de Calúnia Contra um dos Mais Brilhantes Médicos e Cientistas Naturais do Século XX"), realiza uma síntese dos principais ataques, calúnias, difamações, perseguições políticas e deturpações sofridas por Reich, desde 1931, cobrindo todo o período de sua vida e se estendendo até os dias atuais. Informações detalhadas sobre as perseguições e os ataques pessoais e ao seu trabalho podem, também, ser encontradas na biografia de Reich escrita por Sharaf (1983), e em outros livros e artigos específicos sobre essa temática, incluindo, os livros e os artigos do próprio Reich e de seus associados. Durante o período de redação desta dissertação, apareceu na internet, no dia 16 de março de 2019, uma matéria de cunho calunioso dirigida à obra de Reich, intitulada "Wilhelm Reich: Os Controversos Tratamentos Sexuais de Um dos Psicanalistas Mais Radicais da História", que foi veiculada no site: https://www.bbc.com/portuguese/geral-47407358 .

pesquisas biológicas (BENNETT, 2010). Numa revista fascista, ele foi caracterizado como "um pornográfico judeu do pior tipo" (LIESTIKOW, 1942, p. 272 *apud* BENNET, 2010, p. 52, tradução nossa).

Durante o período em que ele esteve na Europa, as suas expulsões do Partido Comunista Austríaco, em 1930, e do Partido Comunista Alemão em 1933, ocorreram por que Reich defendia uma visão político-sexual própria, distinta daquela dos líderes revolucionários marxistas, e a sua expulsão da Associação Internacional de Psicanálise, em 1934, deu-se por ele ter se posicionado contrário ao nazismo, por ter mesclado a psicanálise com o marxismo e por ter conferido àquela uma aplicação política no campo social.

Reich sofreu diversos ataques difamatórios e caluniosos por parte de psicanalistas e marxistas, vários deles por meio da impressa, além de ter enfrentado resistências por parte dos editores para a publicação de seus escritos, a ponto de precisar fundar, conforme já mencionado, em 1932, a sua própria editora para publicar seus livros e revistas e utilizar pseudônimos para se proteger. Seu nome foi inserido em documentos governamentais dos nazistas e dos comunistas que propunham a sua morte e teve seus escritos proibidos por esses regimes fascistas (DEMEO, 2013; SHARAF, 1983). Um colaborador de Reich, Otto Knobel, foi preso e enviado a um *gulag* soviético, apenas por ter mantido contato com aquele autor (DEMEO, 2013).

Em agosto de 1939, Reich mudou-se para os EUA e lá permaneceu até a sua morte, ocorrida em 1957. As perseguições e campanhas difamatórias continuaram a ocorrer durante o período em que ele viveu nesse país. Em 1941, ele foi preso, por três semanas, por ter sido considerado, equivocadamente, um espião comunista e sido confundido, pelo FBI, com um médico comunista, William Robert Reich, cujo nome era semelhante ao dele (BENNETT, 2010). Durante a década de 1940, apareceram diversas revisões distorcidas e maliciosas de livros e artigos de Reich em periódicos científicos como no *American Journal of Psychiatry* e no *Journal of American Medical Association,* e alguns grupos de médicos psiquiatras e psicanalistas lançaram uma campanha de boatos difamatórios contra ele (DEMEO, 2013).

Em 1947, um ano depois de Reich conseguir a sua naturalização como cidadão norte-americano, o *Immigration and Naturalization Service* (INS) (Serviço de Imigração e Naturalização) abriu uma investigação contra ele, por conta de seu vínculo passado com os movimentos de esquerda, a fim de retirar-lhe sua cidadania (BENNETT, 2010). Nesse ano, a jornalista Mildred Edie Brady publicou dois artigos atacando e caluniando Reich e o seu trabalho. Um dos artigos de Brady foi, posteriormente, publicado na revista *Bulletin of the Menninger Clinic*, do psiquiatra Karl Menninger, o que instigou a *Food and Drug*

Administration (FDA) (Administração de Alimentos e Drogas) a investigar o trabalho de Reich (BENNETT, 2010; DEMEO, 2013). Em 1949, dois médicos associados a Reich, Chester Raphael e Elwsorth Baker, também, foram atacados e demitidos de suas funções no Hospital Estadual de Marlboro (DEMEO, 2013).

Em 1954, a FDA[111] denunciou Reich em uma corte federal de justiça, pois considerou que os acumuladores de orgone eram uma fraude, o que resultou em uma liminar de justiça que o proibiu de transportar e comercializar esses acumuladores e os seus livros e revistas além das fronteiras do seu estado e determinou que suas revistas fossem destruídas (BENNETT, 2010; DEMEO, 2013). Em 1955, Michael Silvert, um médico associado a Reich, sem a sua permissão e conhecimento, violou a liminar, o que culminou na prisão de ambos. Reich foi sentenciado a cumprir dois anos de prisão e Silvert, um ano e um dia. Além disso, ambos perderam suas licenças médicas e a fundação Wilhelm Reich foi multada em 10 mil dólares na época (BENNETT, 2010; DEMEO, 2013).

O que se sucedeu, segundo Bennett (2010, p. 52, tradução nossa), foi uma “singularidade na história norte-americana: uma queima em larga escala dos livros e revistas de um pensador mundialmente famoso, ordenada por um ramo do governo federal”. Segundo DeMeo (2013), aproximadamente seis toneladas de livros e artigos de Reich foram queimados pelo governo norte-americano, em diversas ocasiões, desde 1956. “*Foi o exemplo mais escandaloso de queimas de livros promovido pelo governo Federal na história americana, todos aprovados por burocratas não-éticos da FDA e por juízes da corte*” (DEMEO, 2013, p. 88, tradução nossa). Nenhuma organização científica ou acadêmica manifestou-se em apoio de Reich em qualquer momento (DEMEO, 2013).

Reich faleceu na prisão federal de Lewisburg, no estado da Pennsylvania, em 3 de novembro de 1957, aos 60 anos de idade. Silvert cometeu suicídio, logo após ter sido libertado, em janeiro 1958, por conta de uma depressão causada pela ruína de seu trabalho (BOADELLA, 1985).[112]

Matthiesen (2007, p. 21), referindo-se a Reich, afirma que “não há dúvidas de que ser judeu, psicanalista e comunista interferiram na difusão de sua obra, e contribuíram para as perseguições por ele sofridas sobretudo na Alemanha dos anos 1920 e 1930”.

---

[111] Segundo DeMeo (2013, p. 69, tradução nossa) “um memorando interno da FDA indica que eles não puderam encontrar usuários do acumulador de orgone insatisfeitos”.
[112] Até hoje, não houve nenhum pedido de desculpas por parte de nenhuma autoridade do governo norte-americano, por conta da prisão e da queima de livros realizada contra Reich.

Muitos psicanalistas haviam decretado que, “a partir de 1934, Reich estava louco, e que sua obra europeia, posterior a esta data (1934-1939), assim como toda a sua obra do período americano, desde 1940 até sua morte em 1957, era confusa e delirante, não valia nada” (LAPASSADE, 1996, p. 88, tradução nossa). Comentadores da obra de Reich, como Robinson (1971), Rycroft (1971) e Palmier (1969), entre outros, reforçaram e disseminaram a ideia de essa obra, sobretudo a posterior a 1934, era fruto de uma mente insana e fantasiosa, desmerecendo e retirando o crédito das suas pesquisas biológicas. Contudo, esses comentadores e outros que, ainda hoje, criticam as teorias reichianas do período orgonômico mostram um conhecimento superficial das ideias de Reich, pois não replicaram os seus experimentos e desconhecem os diversos trabalhos de outros pesquisadores que confirmaram os resultados e conclusões obtidas por esse autor.

Bedani (2007b, p. 14) afirma que, não raramente, “o trabalho de Reich foi alvo de críticas infundadas e difamatórias” e que “as ideias desse autor continuam sendo confundidas com interpretações simplistas propaladas por ‘críticos’ que não conseguem alcançar a complexidade” do pensamento reichiano.

Em relação às críticas e difamações ainda endereçadas a Reich e ao seu trabalho, Matthiesen (2007, p. 21) acrescenta que,

> Ainda hoje, várias das críticas que lhe são frequentemente endereçadas são cruéis e panfletárias, tentando desmerecer e desqualificar sua teoria ao dar margem para rotulá-lo como louco, charlatão, entre outras adjetivações pejorativas, sobretudo vinculadas aos estudos realizados por ele em solo norte-americano.

Pode-se afirmar, portanto, que as perseguições políticas sofridas por Reich, e as difamações e as calúnias endereçadas a sua pessoa acabaram sendo, também, transferidas para a sua obra, na maioria das vezes, por comentadores que não estudaram e não conheceram com profundidade as especificidades do pensamento desse autor, e que desconhecem, sobretudo, os resultados das pesquisas, incluindo as experimentais, de outros pesquisadores que, após a morte de Reich, continuaram a desenvolver as suas ideias e a confirmar vários de seus resultados.

3.4.3 A difusão do pensamento reichiano pelo movimento de contracultura e pelo campo das terapias alternativas

Segundo Lapassade (1996), o movimento americano de contracultura teve importante papel em não deixar cair no esquecimento a obra de Reich, principalmente no que se refere ao seu período posterior a 1934. Coimbra (1995) comenta que, no rastro desse movimento, nos

anos 60, nos Estados Unidos, surgiu um forte movimento grupalista, que se denominou Movimento do Potencial Humano, do qual saíram algumas práticas “psi alternativas”, como a gestalt-terapia, o psicodrama e as terapias neo-reichianas.

Segundo Albertini (2011, p. 171), essas terapias compartilhavam determinadas posturas marcadas pelos ideais da contracultura, mais particularmente pelo Movimento do Potencial Humano, que apontava para uma: “a) visão alternativa à psicanálise; b) ênfase em processos psicoterapêuticos centrados na vivência e na expressão emocional; c) atitude avessa à formalização e à institucionalização”.

Na sua tese, Russo (1993) situa as terapias de base reichiana numa área de sobreposição ou de entrecruzamento entre dois conjuntos de práticas e terapias mais abrangentes: o complexo alternativo e o campo “psi”. Ramalho (2009, p. 135), comentando a pesquisa de Coimbra (1992) sobre a chegada do pensamento reichiano, no Brasil, durante as décadas de 60 e 70, afirma que “muitas das ideias de Reich foram utilizadas nesse cenário ideológico como representantes de um pensamento ‘alternativo’”.

Ramalho (2009, p. 135) afirma que,

> [...] talvez, nessa época, “alternativo” não combinasse com os modelos da academia. Pelo contrário, parece que não se tratava de constituir mudanças apenas no campo dos saberes, mas de atitudes, sobretudo, inventando novos meios de formação, de organização de grupos, longe de tudo que pudesse parecer autoritário.

Ao comentar a tese de Coimbra (1992), Ramalho (2009) afirma que a associação das ideias de Reich aos movimentos de contracultura e ao pensamento alternativo no Brasil pode ter contribuído para a marginalização do pensamento reichiano em relação às instituições acadêmicas, que são vistas como espaços oficiais de pensamento. Contudo, a difusão do pensamento reichiano em outros países também se fez à margem da academia. No caso específico do Brasil, além de serem propagadas em pleno movimento de contracultura, as ideias de Reich apareceram num contexto de efervescência política, por conta do regime militar implantado em nosso país durante as décadas de 60 a 80.

A difusão do pensamento reichiano ocorreu, portanto, no movimento de contracultura e das terapias alternativas, um tanto avesso às formalidades acadêmicas e às ambições científicas. Associado a isso, deve-se considerar que, no universo reichiano, não há uma cultura forte de valorizar a pesquisa teórica e a elaboração de textos, quando comparado com outras abordagens clínicas, por exemplo, com a psicanálise, que goza de uma cultura em que a pesquisa teórica e a elaboração de textos é muito valorizada.

3.4.4 A ausência de uma instituição oficial de orgonomia e de orgonoterapia

Após a morte de Reich, seus discípulos criaram instituições de formação de terapeutas e de pesquisa em diversos países, porém não há ainda nenhuma instituição oficial central para o credenciamento das diversas instituições de orgonoterapia e dos orgonoterapeutas nos diversos países em que ela é praticada, de modo a conferir aos profissionais, à sua prática clínica e ao conhecimento por esses desenvolvidos, maior legitimidade institucional.

Algumas abordagens, como a psicanálise, a análise bioenergética e a biossíntese, têm ou tiveram institutos oficiais encarregados da regulamentação dos demais institutos de formação dos terapeutas dessas abordagens, o que ajudou a conferir maior legitimidade institucional aos seus praticantes e ao conhecimento teórico dessas abordagens.

A psicanálise, durante muito tempo, teve o seu saber oficialmente transmitido e legitimado pela Associação Internacional de Psicanálise[113] (IPA), que, além de regulamentar os cursos de formação de psicanalistas e de determinar quem poderia exercer essa prática, detinha, também, uma editora oficial para a publicação de livros e revistas.

A análise bioenergética, a abordagem neo-reichiana mais difundida mundialmente, tem uma organização oficial internacional e, vinculadas a ela, três federações - uma referente aos países da Europa, outra, aos países da América do Norte e do Pacífico, e uma terceira, aos países latino-americanos - que regulamentam os centros de formação de terapeutas nos países em que ela é praticada, além de promover congressos e eventos de divulgação fortalecendo e integrando a comunidade desses terapeutas.

A biossíntese, outra abordagem neo-reichiana, também possui uma instituição oficial internacional da qual as demais, nos outros países, podem ser filiadas, conferindo a essas instituições uma maior legitimidade institucional.

No caso da orgonoterapia, há alguns centros que ficaram mundialmente mais conhecidos do que outros e que conferem aos seus membros e às suas publicações maior credibilidade institucional[114]. Contudo, o fato de não haver uma instituição oficial internacional, ou de os diversos centros de pesquisa e formação de terapia reichiana serem independentes uns

[113] A IPA continua a existir, contudo, na atualidade há diversas outras instituições de psicanálise desvinculadas dessa instituição, de modo que não é possível afirmar que o conhecimento e a prática da psicanálise oficial esteja restrita e centralizada a essa instituição. A URL para o site oficial dessa instituição é: http://www.ipa.world.

[114] As instituições *American College of Orgonomy,* que publica a revista Journal of Orgonomy, e o *Institute for Orgonomic Science*, que publica os Annals of the Institute for Orgonomic Science, são duas instituições mundialmente conhecidas e suas revistas aparecem indexadas em algumas bases de dados científicas.

dos outros confere menor legitimidade institucional quando se compara a orgonoterapia às outras abordagens que têm instituições centrais oficiais.

Há, contudo, certas vantagens e pontos positivos na maneira como as instituições reichianas, após a morte de Reich, foram sendo constituídas sem estarem centralizadas em uma única instituição oficial. Uma dessas vantagens reside no fato de que essas instituições tiveram mais liberdade para elaborar interpretações e desenvolvimentos teóricos e clínicos das ideias de Reich a partir de diferentes perspectivas, o que, provavelmente, seria diferente caso elas fossem obrigadas a obedecer a restrições vindas a partir de uma única autoridade institucional oficial.

3.4.5 Os estigmas e os preconceitos relacionados às intervenções corporais das terapias reichianas

Muitas das intervenções corporais utilizadas pelos orgonoterapeutas e pelos terapeutas neo-reichianos envolvem a livre expressão emocional catártica, contatos físicos e a expressão genuína de sentimentos entre terapeuta e paciente, o que acabou sendo mal visto por profissionais ortodoxos e por acadêmicos.

Nascimento (2016, p. 28) afirma que a característica catártica dos procedimentos da análise bioenergética suscita, ainda hoje, muitas ressalvas e desconfianças no mundo acadêmico, "configurando um estigma de uma liberação exagerada dos afetos sem muita elaboração, com fins de atingir o 'potencial orgástico'". Esse autor acrescenta que:

> Existem ainda muitas fantasias que a prática terapêutica da Bioenergética está focada em procedimentos de expressão emocional exagerada, como gritos, chutes, socos, realizados de maneira intensa por um terapeuta invasivo e diretivo. (NASCIMENTO, 2016, p. 28).

Referindo-se aos preconceitos sofridos pela bioenergética e por outras abordagens de terapia psicocorporal, Lachica (1999, p. 19 e 20, tradução nossa) afirma que os psicoterapeutas de orientação ortodoxa diziam que essas abordagens corporais "provocavam descargas emocionais que nem sempre se elaboravam, misturas de sentimentos nos terapeutas e pacientes devido ao contato físico etc. Se projetavam nas terapias psicocorporais, nem sempre justificadamente, todos os tipos de fantasias".

Esses preconceitos, estigmas e fantasias que Lachica (1999) e Nascimento (2016) descrevem em relação aos procedimentos presentes na bioenergética estão, também, direcionados às intervenções corporais presentes na orgonoterapia e nas terapias neo-reichianas e contribuem para que essas técnicas corporais sejam vistas como "perigosas" e desaconselháveis.

Além dos preconceitos frente aos trabalhos corporais e as catarses produzidas por eles, há, também, preconceitos e fantasias maliciosas relacionadas ao fato de que alguns orgonoterapeutas optam por atender os pacientes, estando estes nus ou seminus. Esse foi um hábito muito comum entre os orgonoterapeutas no passado e hoje em dia não é tão utilizado com tanta frequência.

Esses e outros preconceitos contribuem para que as técnicas corporais utilizadas pelos terapeutas reichianos e próprio pensamento de Reich sejam vistos com maus olhos por certos setores conservadores, aumentando, ainda mais, as resistências ao seu estudo na academia.

3.4.6 A organização bibliográfica deficitária dos escritos de Reich

Segundo Matthiesen (2007) e Bedani (2007b), um outro fator que dificulta o desenvolvimento de muitas pesquisas que poderiam ser realizadas sobre o pensamento de Reich é a ausência de uma organização bibliográfica que contemple a totalidade dos escritos reichianos, diferentemente do que ocorre com outros autores clássicos, por exemplo, Freud, Nietzsche e Bergson, cujos escritos "foram minuciosamente ordenados e publicados na forma de 'obras completas'" (BEDANI, 2007b, p. 14).

Matthiesen (2007, p. 21) afirma que, "se por um lado há vasto material a ser investigado quando o assunto é o pensamento reichiano, por outro são poucos os pesquisadores que conhecem a amplitude do material existente". Segundo essa pesquisadora (2007, p. 21), "trata-se de um problema de fundo, que atua como sério impedimento em muitas investigações que poderiam ser desenvolvidas nesse campo".

Além disso, muitos dos textos originais, em lingua alemã, não estão publicados, tendo-se acesso, apenas às traduções em língua inglesa. Há um vasto material não publicado, os quais incluem "*muitos documentos, correspondências, fotos, filmagens, anotações de experimentos científicos*", que se encontram em arquivos acessíveis apenas à consulta local na biblioteca de medicina de Harvard (HINCHEY, 2012, p. 13).

A publicação das obras completas de Reich, organizadas cronologicamente pelo período em que foram escritas conferiria aos pesquisadores interessados nessa obra a possibilidade de acompanhar o percurso e o desenvolvimento de todas as etapas da pesquisa e das ideias desse autor, possibilitando, assim, uma compreensão mais próxima da originalidade das ideias desse pensador.

Além disso, uma publicação das obras completas dos escritos originais de Reich permitiria a confecção de traduções com maior rigor e qualidade, pois, as traduções dos escritos

desse autor, para a língua portuguesa, foram realizadas por diferentes tradutores, a maioria delas a partir de outras traduções e não dos escritos originais em língua alemã.

Apesar de existir uma boa parte da obra de Reich já traduzida oficialmente para a língua inglesa e para outros idiomas, infelizmente há, ainda, uma extensa e importante parte da sua obra sem tradução para a língua portuguesa, principalmente no que concerne aos escritos do período orgonômico de sua obra.

3.4.7 Características inerentes à epistemologia e à metodologia do funcionalismo orgonômico

Uma das dificuldades para se estudar as formulações da fase orgonômica reichiana (1939-1957) é acompanhar o percurso investigativo desenvolvido, por Reich, em temas técnicos pertencentes a diversas áreas do conhecimento, tais como o eletromagnetismo, a meteorologia, a astrofísica, a biologia evolutiva, a microbiologia, a bioquímica, a história da ciência e a epistemologia, pois esse autor, "em suas pesquisas sobre a energia orgone, esbarrou de uma forma ou de outra nessas disciplinas, travando, não raramente, acirradas batalhas teóricas e experimentais com cientistas de sua época" (BEDANI, 2013a, p. 44).

A amplitude transdisciplinar e a profundidade teórica das reflexões presentes nas investigações reichianas do período orgonômico acabam dificultando o exame aprofundado e detalhado de suas teorias por parte daqueles que entram em contato com sua obra, pois nem todos os pesquisadores conseguem se dedicar a acompanhar as intricadas rotas investigativas percorridas por Reich em todas as áreas do conhecimento que ele transitou.

É comum cientistas e pesquisadores estudarem apenas a parte do pensamento reichiano referente à aplicação em suas respectivas áreas do conhecimento e, como Reich é um autor mais estudado por pesquisadores das humanidades, poucos estudos acadêmicos deram continuidade, no campo experimental e biofísico, à sua obra.

Por conta disso, conforme aponta Bedani (2013a, p. 45 e 46), um outro fator que dificulta uma análise precisa das formulações orgonômicas é "a escassez de estudos críticos que contemplem, tanto o atual estágio de desenvolvimento da Orgonomia, quanto as críticas sérias a ela". Segundo esse autor, vários dos estudos experimentais realizados por Reich foram reproduzidos, após o seu falecimento,

> por alguns grupos reichianos que, em suas publicações, relatam frequentes confirmações das proposições ogonômicas (Cf. HUGUES, 1982; BAKER, 1985). Tais replicações permanecem, no entanto, vinculadas, em sua maior parte, a instituições estritamente reichianas (que, bravamente, vêm mantendo a investigação viva), mas ainda não foram alvo de um amplo debate científico-

> acadêmico que contemplasse as possíveis provas laboratoriais acerca da energia orgone e suas bases epistemológicas. (BEDANI, 2013a, p. 45 e 46).

Para Bedani (2013a, p. 46), a ausência de um debate científico-acadêmico sobre as formulações de Reich relativas à orgonomia “se deve, em boa parte, às duras críticas que a Orgonomia vem recebendo desde o seu nascimento, empreendidas basicamente”, segundo ele, por dois grupos. Um grupo que rechaça *a priori,* as teorias orgonômicas, considerando-as uma completa insanidade e recusando-se, de imediato, “a reconhecer qualquer *status* científico nas provas experimentais descritas por Reich e não vê sentido, portanto, em replicar os experimentos”; e outro que se aproxima das formulações orgonômicas, mas “as questiona enfaticamente a partir de critérios científicos e epistemológicos gerais (como certas diretrizes básicas da Física e Biologia atuais)”, considerando como duvidosos e equivocados os dados experimentais ofertados por Reich para comprovar a existência da energia orgone.

Além disso, Bedani (2013, p. 46) ressalta que,

> do ponto de vista desses críticos, os fenômenos nos quais o autor teria reconhecido evidentes manifestações de uma energia especial poderiam ser facilmente explicados por meio das formas conhecidas de energia ou outras proposições de caráter físico e/ou químico.

Em conformidade e em complementariedade às explicações fornecidas por Bedani (2013a) sobre as duras críticas que a orgonomia vem sofrendo por parte desses dois grupos, consideramos que o fator subjacente a todas elas diz respeito ao desconhecimento desses cientistas acerca dos pressupostos epistemológicos e metodológicos que fundamentam a racionalidade da orgonomia e da orgonoterapia. O funcionalismo orgonômico, conforme entendido por nós, constitui-se em algo que pode se aproximar - em uma metáfora relativamente precisa (já que não há uma comunidade reconhecida de cientistas que o compartilhem, até onde sabemos) - de algo como um paradigma científico-natural, cujas premissas fundamentais entram em colisão com a doutrina mecanicista-materialista, a qual é o paradigma imperante no atual contexto acadêmico das ciências da natureza.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Procuramos mostrar, no decorrer deste capítulo, que o conhecimento reichiano, apesar de se encontrar, ainda, à margem do conhecimento desenvolvido academicamente, mantém-se vivo e continua a ser avaliado e desenvolvido, sobretudo, por pesquisadores independentes. Apresentamos e descrevemos, também, alguns dos motivos que explicam a marginalização

desse conhecimento, sobretudo, daquele referente ao período orgonômico da obra reichiana, por parte da comunidade acadêmica.

No capítulo seguinte, abordaremos o funcionalismo orgonômico, procurando descrever seus pressupostos epistemológicos e metodológicos e, também, mostrar como essa perspectiva de investigação científico-natural foi desenvolvida por Reich no percurso de suas pesquisas.

4 O FUNCIONALISMO ORGONÔMICO COMO METODOLOGIA DO PENSAMENTO REICHIANO

Tudo o que se opõe, na natureza, é em última análise uma unidade.
(REICH, 1979c, p. 92)

4.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Este capítulo trata do funcionalismo orgonômico – às vezes denominado por Reich (2003, p. 17) de "técnica funcional de pensar" -, isto é, da metodologia e das diretrizes gerais orientadoras de um raciocínio científico-natural, desenvolvidas por esse autor e utilizada em suas investigações. Procurar-se-á caracterizar a referida abordagem epistemológica e descrever os seus pressupostos metodológicos.

O texto está divido em cinco itens: ocupar-se-á o primeiro de uma definição preliminar de funcionalismo orgonômico; o segundo, dos percursos teóricos e espistemológicos que conduziram Reich ao funcionalismo orgonômico; o terceiro, da sensação de órgão como instrumento de pesquisa natural e a crítica ao mecanicismo e ao misticismo; o quarto, da metodologia do funcionalismo orgonômico; e o quinto, de considerações finais.

4.2 UMA DEFINIÇÃO PRELIMINAR DE FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

O funcionalismo orgonômico foi desenvolvido por Reich (2003, p. 9 e 10) como uma "tarefa" que ele precisou realizar em meio às suas atividades práticas de médico e de pesquisador na "luta contra as interpretações mecanicistas e místicas da matéria viva". Trata-se de uma ferramenta de pensamento que, para esse autor, deve ser aprendida e aplicada na investigação da substância da vida.

Segundo Bedani (2012, p. 112), "a partir de 1940, após ter realizado experimentos que o fizeram crer ter descoberto uma peculiar forma de energia biológica, presente na atmosfera do planeta, Reich fundou e passou a se dedicar inteiramente à Orgonomia", ramo do conhecimento definido por este como "a ciência das leis funcionais da energia orgone cósmica" (REICH, 2003, p. 17). Bedani (2012, p. 112) explica que para Reich essa ciência "estuda as manifestações da energia orgone no micro e no macrocosmo, nos âmbitos do vivo e do não-vivo".

No seu livro *O Éter, Deus e o Diabo*, publicado, originalmente, em 1949, Reich (2003, p. 3) afirmou que "a descoberta da energia orgone cósmica resultou da aplicação consistente da

técnica funcional de pensar". Nesse livro, pela primeira vez, ele procurou descrever, de forma sistemática, essa técnica de pensar, a qual foi utilizada para desenvolver a estrutura conceitual da orgonomia (REICH, 2003, p. 17). Segundo ele, foram processos "de pensamento metódicos e submetidos a rígido controle que levaram de um fato a outro, relacionando – ao longo de cerca de vinte e cinco anos – fatos aparentemente díspares a fim de formar um quadro unificado da função da natureza" (REICH, 2003, p. 3). O quadro unificado da função da natureza, a que Reich se refere, é o corpo teórico da orgonomia, e os processos de pensamento metódicos, a sua técnica funcional de pensar: o funcionalismo orgonômico.

O funcionalismo orgonômico, conforme sintetiza Bedani (2012, p. 113), é uma "concepção metodológica que busca expressar a singular lógica dos eventos energético-funcionais", ou, de maneira mais detalhada, um corpo de conhecimentos que:

> [...] examina o papel ocupado pela energia orgone no conjunto dos fenômenos naturais, descreve as leis dinâmicas que regem as funções orgonóticas e estabelece as diferenças e semelhanças entre a perspectiva energético-funcional e outras concepções metodológicas.

Reich (2003, p. 9) reconheceu que outros estudiosos, antes dele, fizeram uso de certos aspectos dessa técnica, ainda que "de modo mais ou menos consciente", sem, contudo, chegar ao nível de formulação que ele considerou ter alcançado. Em *O Éter, Deus e o Diabo,* Reich citou, entre outros, os seguintes pensadores que utilizaram um estilo de pensamento com algumas características semelhantes as utilizadas por ele, ainda que de modo diverso do empregado por ele, e que o influenciaram no desenvolvimento da sua técnica funcional de pensar, a quem ele afirmou dever "acima de tudo" o seu reconhecimento: o naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882); o antropólogo norte-americano Lewis Morgan (1818-1881); o filósofo alemão Friedrich Engels (1820-1895); o escritor, filósofo e jornalista russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881); o romancista belga Charles de Coster (1827-1879); o filósofo e sociólogo alemão Friedrich Lange (1828-1875); o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900); o médico austríaco, criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939); o biólogo alemão Richard Semon (1859-1918); o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941); e o antropólogo polonês Bronislaw Malinówski (1884-1942).

O funcionalismo orgonômico nasceu de um esforço de Reich para construir uma metodologia de pensamento e de investigação que, ao mesmo tempo em que se caracterizaria como científica - pois, conforme o pensar desse autor, ela estaria fundamentada em observações diretas de processos energéticos da natureza e teria como ferramenta auxiliar a experimentação -, também, conseguiria transcender as rígidas barreiras e limitações apresentadas pelo

mecanicismo-materialismo. Esse esforço estava orientado por uma preocupação em não cair num espiritualismo místico, doutrina vista pelo autor como não científica e equivocada.

Por que científica? Porque a concepção sobre as funções da energia orgone procuram estar fundamentadas em dados observados nos experimentos realizados por Reich e seus colaboradores. Ainda que a energia orgone cósmica, conforme concebida por Reich, seja desprovida de matéria – característica esta que dificulta a sua investigação com base nos métodos utilizados pelo positivismo mecanicista-materialista -, o seu conceito não pretende ser uma metáfora nem um fundamento para uma metafísica; pelo contrário, Reich defendia a sua existência objetiva e concreta.

No início de sua obra, Reich sofreu influências: a) da escola de pensamento da psicanálise, da qual herdou uma concepção energética sobre o funcionamento do psiquismo e sobre o emprego do método clínico e de estudo de caso (REICH, 1998, 1979a); b) do materialismo-dialético, a partir do qual desenvolveu uma forma de análise dos eventos da natureza, levando em conta o dinamismo da relação entre forças opostas (REICH, 1983, 1979b); c) de alguns pensadores vitalistas, dos quais pôde depreender que os fenômenos da vida não podem ser compreendidos, somente, a partir de uma perspectiva mecanicista-materialista, a qual se mostra incapaz de rastrear os aspectos específicos e definidores da vida (BEDANI, 2012, 2007a; REICH, 1979a); d) do cientificismo, que confere importância à experimentação, buscando formas de validar as impressões subjetivas dos cientistas (REICH, 2003); e) do empirismo, que procura privilegiar a experiência em relação à teorização (REICH, 2003); f) da psicologia celular, que concebia a apreensão sensorial como uma propriedade presente em todos os organismos, inclusive os unicelulares (BEDANI, 2013a, 2013b; REICH, 1982b); e g) do funcionalismo antropológico de Malinowski, que concebe o indivíduo sob o primado de sua realidade biológica e fundamenta suas análises no conceito de unidade funcional (BEDANI, 2019; REICH, 2003).

Ressalta-se que, durante a sua vida, esse autor mudou de posicionamentos, como, por exemplo, num artigo de 1923, no qual Reich (1975a) se descreveu como mecanicista-materialista e adepto do paralelismo psíco-físico, posição da qual abdicou posteriormente.

O funcionalismo energético de Reich nasceu, então, como um esforço para superar as limitações do mecanicismo, mantendo-se como um método científico capaz de investigar as funções específicas e definidoras do funcionamento da vida e, também, do cosmos – os quais seriam regidos por processos energéticos primários que, embora sejam desprovidos de matéria, estariam relacionados com esta -, que, segundo ele, estavam fora de alcance do materialismo-mecanicismo, mas, ao mesmo tempo, sem cair numa metafísica, numa mística ou num

espiritualismo, doutrinas estas incompatíveis com a postura da ciência natural defendida pelo pesquisador.

4.3 PERCURSOS TEÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS QUE CONDUZIRAM REICH AO FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

4.3.1 Aspectos gerais e introdutórios

Os percursos teóricos e espistemológicos que antecederam o nascimento e o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico foram objetos de diversos estudos de Bedani, os quais foram expostos, sobretudo, na sua dissertação de mestrado, intitulada *Energética e Epistemologia da Obra de Wilhelm Reich*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, no ano de 2007.[115]

A obra reichiana, segundo Bedani (2007a, p. 16), originou-se de duas linhas centrais de reflexão: a) de uma conjectura realizada, por Reich, nos anos de 1919 e 1920, a respeito da existência de uma energia primária livre de massa, que seria anterior à matéria e da qual esta se originaria; e b) de interesses deste autor pelas bases epistemológicas da produção científica.

Bedani investigou os principais pensadores que influenciaram Reich no início de sua produção científica e apontou algumas das questões epistemológicas que marcaram o pensamento deste autor nesse período. Entre esses pensadores, podem-se citar: a) os filósofos Henri Bergson e Friedrich Albert Lange; b) os biólogos Hans Driesch, Paul Kammerer e Richard Semon; e c) o médico e fundador da psicanálise, Sigmund Freud.

Certamente, um dos eixos que atravessam a obra de Reich é a "questão da energia", a qual, segundo Bedani (2007a), refere-se tanto a uma energia primordial, livre de massa, quanto à "energética do vivo", ou seja, aos processos de energia no psiquismo, nos organismos e nos fenômenos referentes à vida.

---

115 Além dessa importante fonte, aspectos do funcionalismo orgonômico foram abordados, em parte, também: a) no capítulo intitulado *Revisitando a Metodologia Reichiana de Pesquisa: a Abrangência e a Aplicabilidade do Funcionalismo Orgnômico* que foi publicado, por Bedani, no livro *W. Reich e J. Pierrakos: Abertura dos Arquivos – Temas Reichianos – CORE Energetics*, no ano de 2012; b) na tese de doutorado de Bedani, intitulada *A Relação entre Sensação e Produção de Conhecimento na Obra de Wilhelm Reich,* defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, no ano de 2013; c) no artigo de Bedani intitulado *Ecos da Psicologia Celular na Obra de Wilhelm Reich: A Percepção como Propriedade Básica da Matéria Viva*, publicado na *Revista Reichiana,* volume 20, no ano de 2013; e d) num ensaio teórico sobre o funcionalismo orgonômico, ainda não publicado, que está sendo concluído por esse pesquisador e que deverá ser publicado em 2019.

Em relação à "energética do vivo", nos primórdios de sua obra, Reich foi influenciado, significativamente, por duas vertentes teóricas, conforme aponta Bedani (2007a, p. 55): a) pelas formulações vitalistas, "que defendiam a existência de 'forças' ou 'princípios' não-mecânicos inerentes à própria vida" e foram objetos, entre outros, dos estudos realizados por Bergson, Driesch e Kammerer; e b) pelo "conceito freudiano de 'energia sexual'", que, em outros termos, é a libido.

Entre as questões epistemológicas que interessaram a Reich no início de sua obra, destacam-se, conforme aponta Bedani (2007a, p. 96): a) a crítica ao "uso abusivo de concepções mecanicistas e finalistas em trabalhos científicos que abordavam o fenômeno da vida, o funcionamento mental ou a dinâmica da sexualidade"; e b) "a possibilidade de a pesquisa científica associar as dimensões qualitativa (psíquica) e quantitativa (energética)", a qual remete ao problema da relação corpo-mente.

A partir de 1927, Reich passou a examinar a perspectiva dialético-materialista, estudando pensadores como Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels (1820-1895) e Vladimir Ilyich Ulyanov (1870-1924), conhecido pelo pseudônimo Lenin. O pensamento dialético-marxista, conforme afirma Bedani (2012, p. 112), "ambicionava entender e apreender as contradições interdependentes que estariam na raiz do movimento e da transformação", de modo que o acesso de Reich a esse pensamento conferiu às suas pesquisas metodológicas um novo alento.

Por volta do mesmo período em que passou a examinar a perspectiva dialético-materialista, Reich entrou em contato com o funcionalismo antropológico de Malinowski, que se fundamenta numa visão sistêmica da realidade social, a qual admite a existência unidades funcionais concretas, ou seja, totalidades cujo funcionamento não pode ser desmembrado em partes. A noção de unidade funcional de Malinowski contribuiu para a noção de unidade funcional empregada nos estudos de Reich e para o desenvolvimento de sua noção de princípio de funcionamento comum (BEDANI, 2019).

Além dos já mencionados autores e correntes teóricas que influenciaram Reich, é possível, ainda, incluir a investigação teórico-prática denominada "psicologia celular", que teve impacto nas formulações teóricas reichianas sobre o funcionamento do psiquismo e a sua relação com o campo biológico (BEDANI, 2013a, 2013b).

O aprofundamento desses temas será objeto dos subitens seguintes, os quais estarão assim divididos: primeiramente, os temas relacionados à questão da energia; em seguida, os aspectos relativos às questões epistemológicas; em terceiro lugar, a adesão de Reich à

psicologia celular; em quinto lugar, os aspectos metodológicos do materialismo histórico-dialético; por fim, as influências do funcionalismo antropológico de Malinowski.

4.3.2 Temas relacionados à questão da energia

4.3.2.1 A conjectura de Reich sobre uma energia primordial livre de massa

4.3.2.1.1 A doutrina científico-materialista

Cabe lembrar, como afirma Bedani (2007a, p. 24 e 25), que, "no séc. XIX e início do séc. XX a doutrina científico-materialista ganhou, como nunca, a força e reconhecimento entre pesquisadores de várias áreas". Segundo esse pesquisador,

> Ser um cientista materialista significava, antes de tudo, recusar-se a aceitar a ação de qualquer força sobrenatural nos eventos da natureza; quaisquer determinações metafísicas, místicas ou teológicas deveriam ser banidas e condenadas. A matéria, e apenas ela, passou a ser vista, por muitos pesquisadores, como o princípio causal dos fenômenos, pois todo e qualquer acontecimento ('natural', humano ou social) seria, por essência, materialmente determinado ou, de alguma forma, dependente da matéria. Para a maior parte dos materialistas os processos naturais sempre poderiam (e deveriam) ser reduzidos aos átomos e/ou a ínfimas partículas subatômicas (BEDANI, 2007a, p. 24 e 25).

Os cientistas e acadêmicos partidários da doutrina materialista, no dizer de Bedani (2007a, p. 25), expurgavam "qualquer entendimento teológico-metafísico que fizesse menção a essências eternas e imutáveis, ou a uma 'realidade última' e determinante do Universo", de modo que a preocupação deles era "evitar que a ciência se envolvesse ou se mesclasse novamente com teorias metafísicas".

4.3.2.1.2 A primazia da energia em relação à matéria

Na época em que Reich cursava Medicina, em Viena, por volta dos anos de 1919 e 1920, segundo Bedani (2007a, p. 17), ele formulou "uma hipótese que direcionou toda sua obra", na qual conjecturou que:

> [...] os processos naturais provavelmente expressam, em última instância, processos energéticos. Na base do funcionamento natural deve agir, suspeitou Reich, uma energia primária ou primordial, anterior à matéria. Uma energia que seria, em si, livre-de-massa, mas que, de alguma maneira, poderia gerar unidades materiais.

Num texto dedicado a descrever como o funcionalismo orgonômico se originou, intitulado *The Developmental History of Orgonomic Functionalism* ("A História do Desenvolvimento do Funcionalismo Orgonômico"), escrito em 1947, Reich (1990, p. 3, tradução nossa) argumentou que:

> Se o funcionamento natural é *basicamente* um processo de energia, a isso, segue-se, logicamente, que deve existir uma energia primária ou primordial. Entretanto, como elétrons possuem massa, então 'matéria' ou partículas também devem ter uma existência primária. Em termos puramente lógicos é improvável que duas entidades tão diferentes como energia e massa possam ser simultaneamente um fenômeno primário.

Contudo, desde 1920, Reich supôs que a energia deveria funcionar antes de qualquer matéria, de modo que aquela teria uma existência primária, da qual esta derivaria, sendo, portanto, secundária. Ele afirmou que, na época em que foi formulada essa suposição, as concepções científicas vigentes definiam a energia, conforme se pode depreender da física clássica, que:

> [...] incluindo a moderna relação energia-massa, concluiu que massa *e* energia são fenômenos naturais primordiais. Einstein já havia abolido a separação absoluta entre massa e energia. Energia (E) era, agora, massa movendo-se à velocidade da luz ($m.c^2$), mas era ainda 'massa' e não, em termos *puramente* primários, livre-de-massa. Na verdade, desde Becquerel e Curie sabia-se que a matéria se transforma ou se decompõe em energia e a maneira pela qual isso ocorre. Mas ninguém, exceto alguns filósofos do éter, sugeriu que *a massa poderia ser formada a partir da energia*. A matéria, com sua massa (m), foi e permaneceu um fenômeno natural primordial, não derivável ulteriormente (REICH, 1990, p. 3 e 4, tradução nossa).

Essa suposição de Reich sobre um processo energético primordial, conforme afirma Bedani (2007a, p. 49), não se alinhava às concepções teóricas que a física vinha adotando no final do séc. XIX e início do séc. XX e, além disso, "poderia, de fato, ser confundida com especulações metafísicas centradas no conceito de 'substância'". Uma cogitação, como a de Reich, "a respeito de uma 'realidade que é anterior à matéria (ou à equivalência massa-energia) e que dá nascimento a entidades materiais)", não interessaria o meio científico da época. Além disso,

> Reich, contrapondo-se a uma forte tendência na Física, não concebia sua 'energia' exclusivamente como um princípio matemático abstrato ou uma relação de equivalência numérica; ao se referir à energia ele tinha em mente, sem dúvida, algo concreto: uma 'entidade física' ou 'fenômeno natural'. (BEDANI, 2007a, p. 49).

Os primeiros anos de produção da obra reichiana foram, portanto, marcados pela hipótese de uma energia primordial, que no entendimento de Reich, não estaria associada à metafísica e, também, não se encaixava na concepção mecanicista-materialista de energia (BEDANI, 2007a). Quando Reich formulou suas primeiras cogitações energetistas, aos seus

vinte dois ou vinte três anos de idade, ele tinha pouco a oferecer em termos de argumentação científica. Para Bedani (2007a, p. 51), “ele podia certamente se entregar a especulações, mas não dispunha, na época, de recursos práticos e metodológicos que lhe permitissem testar suas suposições nos domínios microscópico ou cósmico”.

A investigação física e experimental sobre a hipótese que ele lançara estava fora de sua alçada, contudo, o jovem pesquisador não desistiu de sua intuição sobre a energia. Mais acessível e dentro de suas possibilidades estava a investigação sobre a “energética do vivo” ou, mais especificamente, a energética do humano, que poderia ser abordada pela sua experiência no âmbito clínico-terapêutico. Assim, nos primórdios de sua obra, quando ainda era um estudante universitário, e, logo em seguida, como psicanalista iniciante, Reich buscou “teorias que contemplassem a dimensão energética no terreno mais amplo da Vida e no mais restrito, da experiência humana”. Foi assim que ele se deparou “com uma série de concepções filosóficas e científicas, concepções essas que alimentaram suas primeiras reflexões sobre a ‘energética do vivo’ e seus incipientes questionamentos de cunho metodológico” (BEDANI, 2007a, p. 51 e 52).

4.3.2.2 A energética do vivo: as teorias vitalistas e a energética freudiana

Nos primórdios de sua obra, durante a década de 1920, segundo Bedani (2007a, p. 56), Reich estabeleceu contato com “dois campos de pesquisas que, de diferentes maneiras, faziam menções a ‘forças’ específicas”. Ele estudou alguns pesquisadores que defendiam concepções vitalistas - em especial, os biólogos Hans Driesch e Paul Kammerer e o filósofo Henri Bergson -, “que postulavam a existência de uma ‘potência criadora’ inerente ao fenômeno ‘vida’”. Além disso, ao entrar em contato com a psicanálise, ele interessou-se profundamente pelo conceito freudiano de “energia sexual”.

4.3.2.2.1 As teorias vitalistas

Em um material de cunho biográfico coordenado pelo próprio Reich e datado de 1953, pôde-se constatar, segundo Bedani (2007a, p. 55), que “a pesquisa reichiana, desde os seus primórdios, referenciou-se pelo ‘tema da função bioenergética da excitabilidade e motilidade da substância viva’ (WILHELM REICH: BIOGRAPHICAL MATERIAL, 1953, p.1)”. Para o referido pesquisador, ainda na época em que era estudante de medicina, Reich manteve-se simpático à ideia de que “o ser vivo está sob a ação de uma ‘energia específica, distinta dos

processos energéticos até então conhecidos e diretamente responsável pelas funções de ‘excitabilidade’ e ‘motilidade’”.

No seu livro, *The Cancer Biopathy* (“A Biopatia do Câncer”), publicado, originalmente, em 1948, Reich (2009, p. 30 e 31) formulou a seguinte diretriz, que ele começara a desenvolver já na década de 1920:

> *A questão fundamental de toda a biologia diz respeito à origem dos impulsos internos no organismo vivo*. Ninguém duvida que o vivo se distingue do não-vivo por intermédio da origem interna dos impulsos motores. O impulso motor interno pode ser atribuído somente a uma *energia* ativa no interior do organismo.

Buscando se inteirar da literatura científica e filosófica, acessível à sua época, a qual pudesse contribuir para as suas investigações teóricas sobre a energética do vivo, Reich, durante a década de 1920, entrou em contato com algumas teorias vitalistas.

A propósito, Bedani (2007a, p. 58) explica que,

> Entre o séc. XVIII e o início do séc. XX, sugiram diversas proposições de índole vitalista, em distintas áreas do conhecimento (Filosofia, Medicina, Biologia). Ora mesclando-se a conceitos teológicos, ora elaborando argumentos de cunho filosófico, ora procurando fundamentação na experimentação científica, o ‘vitalismo’, ainda que não possa ser considerado uma corrente homogênea, preocupou-se essencialmente com a singularidade do fenômeno da ‘vida’.

Referindo-se aos vitalistas “que desenvolveram trabalhos entre o séc. XVIII e as primeiras décadas do séc. XX”, Bedani (2007a, p. 58 e 59) afirma que eles “questionaram amplamente a aplicação, ao estudo da vida, de conceitos e métodos originários das ciências do inorgânico”. Os adeptos do vitalismo estavam preocupados “em analisar as relações – ou oposições – existentes entre o fenômeno ‘vida’ e os processos mecânicos e físico-químicos”. Além disso, “foi comum, às diversas formas de vitalismo, a crença de que os organismos vivos são regidos por um ‘fator intrínseco’ especial (‘força vital’, ‘potência prospectiva’, entre outros), inalcançável pelas teorias mecanicistas”.

4.3.2.2.1.1 O vitalismo de Hans Driesch e o seu conceito de *enteléquia*

Entre 1919 e 1921, segundo Bedani (2007a, p. 59), Reich “inteirou-se do ‘problema do vitalismo’ ao estudar alguns trabalhos publicados por Hans Driesch (1867-1941), conceituado biólogo e, também, filósofo”. Entre os trabalhos de Driesch estudados por Reich, podem-se destacar os livros *Philosophie des Organischen* (“A filosofia do orgânico”), publicado em 1910, e *Ordnungslehre* (“Teoria da ordem”), publicado em 1912. Driesch, diferente de outros

vitalistas que se limitaram apenas a especulações filosóficas sobre o vitalismo, "fundamentou suas idéias em sistemáticos experimentos laboratoriais".

Conforme afirma Bedani (2007a, p. 60), avaliando uma obra de 1919 do vitalista Driesch, pioneiro no campo da embriologia experimental,

> [...] a matéria viva apresenta uma acentuada autonomia, não redutível aos fatores físico-químicos formulados pelas ciências do inorgânico. O vitalismo, de acordo com o biólogo, reconhece e deve comprovar experimentalmente a existência de 'processos vitais autônomos' de caráter não-mecânico.

Baseando-se em Quirk (1990) e Hammond (2003), Bedani (2007a, p. 60) narra um experimento realizado por Driesch, em 1891, no qual este "isolou as duas células resultantes da primeira divisão celular de um zigoto de ouriço-do-mar, fazendo com que se desenvolvessem separadamente". Contrariamente ao que as pesquisas da época afirmavam, no sentido de que um experimento como esse resultaria na formação de organismos incompletos -, Driesch teria constatado surgir, em seu experimento, "dois embriões de ouriços que, embora menores do que o tamanho usual, eram organismos completos".

Experiências com embriões semelhantes a essa fizeram com que o biólogo vitalista acreditasse que o modelo maquínico não fosse suficiente para se compreender o sistema vivo, posto que, segundo ele, "o desenvolvimento deste sistema transcorre normalmente ainda que suas partes sejam rearranjadas ou parcialmente removidas, e posto que uma máquina nunca permanece a mesma em tais casos" (DRIESCH, 1908, p. 241, *apud* BEDANI, 2007a, p. 60).

Haveria, portanto, para Driesch, um princípio interno responsável pelos funcionamentos vitais autônomos dos organismos, conforme, a propósito, detalha Bedani (2007a, p. 61):

> Convicto de que "há algo no comportamento do organismo [...] que se opõe a uma resolução inorgânica dele, e que mostra que o organismo vivo é mais do que uma soma ou um agregado de suas partes" (DRIESCH, 1908b, p. 338), o biólogo tornou-se um veemente defensor da tese vitalista de que os fatores mecânicos e físico-químicos, ainda que imprescindíveis na dinâmica do organismo, não são capazes de criar, por si próprios, funcionamentos vitais autônomos. À dimensão físico-química dos seres vivos deveria se associar, insistiu o biólogo, um "agente não-mecânico". Inspirando-se na filosofia aristotélica, Driesch nomeou esse "princípio interno" como "enteléquia".

A "enteléquia" seria um princípio teleológico que organizaria e direcionaria o desenvolvimento da matéria viva, ou seja, que teria por tarefa "construir o organismo como um corpo estruturado de estilo típico", razão pela qual "significa a faculdade de produzir uma *forma essentialis*" (DRIESCH, 1908b, p. 149, *apud* BEDANI, 2007a, p. 61). Esse princípio interno, afirma Bedani (2007a, p. 61), teria ação "na morfogênese e no controle dos 'órgãos motores', nos processos metabólicos e na vida instintiva", o que implica reconhecer que "a enteléquia tenderia a 'garantir a especificidade da forma e da função' (DRIESCH, 1908b, p. 119)".

Para Driesch, conforme afirmado por Bedani (2007a, p. 62), “a enteléquia não encontra qualquer paralelo no mundo inorgânico e é irredutível a elementos físicos e químicos”. Ela poderia ser considerada um ‘agente teleológico autônomo’ que, apesar de não ter uma base material, estaria apto a “fazer uso dos recursos materiais em cada morfogênese individual” (DRIESCH, 1908, p. 295, *apud* BEDANI, 2007a, p. 62), pois, “cada parte dos sistemas orgânicos foram colocados pela enteléquia onde precisam ser colocados para agir adequadamente a serviço do todo, mas a parte em si mesma age como parte de uma máquina” (DRIESCH, 1908b, p. 150, *apud* BEDANI, 2007a, p. 62).

Ainda sobre o conceito de *enteléquia*, Bedani (2007a, p. 62) afirma, que, para Driesch,

> [...] esse “fator” não é um processo físico-químico, nem um tipo de energia, nem uma “força vital”, nem uma constante. Irredutível a termos espaciais, extensivos e quantitativos, a enteléquia não é “nem causalidade, nem substância, no verdadeiro sentido dessas palavras” (DRIESCH, 1908b, p. 338).

Em síntese, Driesch sustentou que o funcionamento vital é irredutível à dimensão físico-química, que os processos vitais são governados por uma força interna, a enteléquia, a qual não se constituiria a partir da matéria, mas conseguiria agir sobre esta afim de governar e regular os processos biológicos, como, por exemplo, a morfogênese, os processos metabólicos e a vida instintiva.

Contudo, na sua autobiografia científica, publicada, originalmente, em 1942, Reich (1979a, p. 29) afirmou o seguinte a respeito de suas conclusões sobre as teorias de Driesch:

> Era claro que a concepção mecanicista da vida, que também dominava os nossos estudos médicos, não conseguia dar explicações satisfatórias. A polémica de Driesch parecia-me incontestável. Ele argumentava que, na esfera da vida, o todo se podia desenvolver a partir de um elemento, ao passo que não se podia fazer uma máquina a partir de um parafuso. Todavia, por outro lado, o seu conceito de *enteléquia* para explicar a vida era pouco convincente. Eu tinha a sensação de que se iludia a resolução de um problema fundamental com o emprego de uma palavra. Assim, de uma maneira muito primitiva, aprendi a compreender com clareza que uma coisa são os factos e outra as teorias sobre os factos. Dediquei considerável atenção às três provas de Driesch sobre as características específicas da matéria viva em oposição à matéria inorgânica. São provas bem fundamentadas. Contudo, não podia aceitar completamente o transcendentalismo do princípio vital. Dezassete anos mais tarde, fui capaz de resolver a contradição com base numa fórmula energético-funcional. A teoria de Driesch estava sempre presente no meu espírito quando pensava sobre o vitalismo. A vaga sensação que eu tinha sobre a natureza irracional da sua hipótese tornou-se por fim evidente. Ele colocava-se entre os espiritualistas.

No seu livro *A Biopatia do Câncer*, Reich (2009, p. 8) afirmou que, “como não era mensurável nem tangível”, o conceito de *enteléquia* de Driesch “acabou sendo uma contribuição à metafísica”. Ainda que esse conceito resvalasse na metafísica, Bedani (2007a, p. 63) afirma que Driesch “foi, para Reich, um exemplo de pesquisador que buscou vincular

pesquisa científica e crítica epistemológica", valendo-se "de investigações experimentais para produzir reflexões de cunho epistemológico".

Bedani (2007a, p. 63) considera ser possível supor que "a ênfase dada por Driesch aos 'processos vitais autônomos' alimentou o interesse de Reich, evidente em toda a sua obra, pelos movimentos 'espontâneos' e instintivos da matéria viva". Esse estudioso de Reich explica que este autor, desde os primórdios de sua obra, "deu grande atenção aos processos biológicos involuntários, procurando estabelecer relações entre o funcionamento do Sistema Nervoso Autônomo e os processos de excitação sexual (REICH, 1927/1980a)".

4.3.2.2.1.2 O vitalismo de Paul Kammerer e o seu conceito de *força formadora*

Outro biólogo vitalista que influenciou Reich foi o biólogo Paul Kammerer (1880-1926), o qual foi seu professor na Universidade de Viena e pelo qual nutria grande estima e gratidão científica e o considerava extremamente talentoso, tanto que, num texto escrito em 1947, ele frisou que o funcionamento de suas teorias biológicas lhe causou "profunda impressão" (REICH, 1992, p. 8).

Na sua autobiografia científica, Reich (1979a, p. 31) afirmou ser Kammerer "um defensor convicto da organização natural da vida a partir da matéria inorgânica e da existência de uma energia biológica específica".

Em *A Biopatia do Câncer*, Reich (2009, p. 9) citou um trecho da obra *Allgemeine Biologie* ("Biologia Geral"), de Kammerer, em que este expressou sua convicção sobre a existência de uma *força formadora*, isto é, de uma energia biológica específica que não possuiria relação imediata com outras formas de energia reconhecidas pela ciência tradicional, mas que seria uma energia natural genuína relacionada com os fenômenos vivos e ao desenvolvimento e mudanças das formas da natureza. Além disso, este autor manifestou suas ressalvas ao conceito de *enteléquia* de Driesch:

> Se transgredisse as fronteiras do permissível, eu deveria finalmente afirmar o que me parece ser o mais provável – um credo científico que não foi demonstrado e não é passível de demonstração no momento atual -, então tenho de dizer: a existência de uma *força vital específica* me parece altamente plausível! Uma energia, que não é calor nem eletricidade, magnetismo, energia cinética (incluindo-se a oscilação e a radiação), nem energia química, e não é um amálgama de nenhuma ou todas elas, mas uma energia que pertence específica e unicamente àqueles processos naturais que chamamos 'vida'. Isso não implica que sua presença se limite àqueles corpos naturais que chamamos 'seres vivos', mas que está presente também no processo formativo de cristais, pelo menos. Para evitar mal-entendidos, um melhor nome para ela poderia ser 'energia formativa', em vez de 'energia vital'. Ela não possui propriedades suprafísicas, embora nada tenha em comum com as energias físicas conhecidas. Não é uma misteriosa 'enteléquia' (Aristóteles, Driesch), e sim

> uma 'energia' natural, genuína. Contudo, essa 'energia formativa' está ligada aos fenômenos vivos e ao desenvolvimento e mudanças de formas, exatamente como a energia elétrica está vinculada aos fenômenos elétricos. Acima de tudo, ela está sujeita à lei de conservação de energia e é plenamente capaz de conversão em outras formas de energia, exatamente do mesmo modo como o calor, p. ex., pode ser convertido em energia cinética e vice-versa. [Paul Kammerer: *Allgemeine Biologie*]

Como se pode observar, nem todos os vitalistas concordavam plenamente entre si, havendo aqueles, como Driesch, que especularam e postularam uma "misteriosa" *enteléquia*, inacessível aos métodos da ciência, e outros, como Kammerer, que procuraram aproximar e incluir a ideia de um "princípio formativo" no escopo de fenômenos da natureza "concreta", uma forma de energia que estaria sujeita à lei de conservação de energia da física, mais apta, portanto, a ser investigada cientificamente[116].

4.3.2.2.1.3 O vitalismo de Henri Bergson e a sua noção de *élan vital*

Ao buscar respostas para a questão "O que é a vida?", Reich recorreu, além dos biólogos vitalistas, "a escritos de caráter filosófico, tendo sido especialmente influenciado pelo pensador francês Henri Bergson (1859-1941), Prêmio Nobel de Literatura de 1927" (BEDANI, 2007a, p. 66). Na época em que foi estudante de medicina, Reich (1979a, p. 29) realizou "um estudo extremamente cuidadoso" das obras *Essais Sur les Données Immédiates de la Conscience* ("Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência") de 1889, *Matière et Mémoire* ("Matéria e Memória") de 1896 e *L'Évolution Créatrice* ("A Evolução Criadora") de 1907, de Bergson. Ele chegou ao ponto de afirmar que: "a minha teoria actual da *identidade e da unidade da função psicofísica* originada no pensamento bergsoniano tornou-se uma nova teoria da relação funcional entre o corpo e o espírito".

O impacto da filosofia de Bergson nas pesquisas científicas e metodológicas de Reich, segundo Bedani (2007a, p. 66), "foi considerável, e ecoou de diferentes maneiras por toda a sua obra". No livro *A Evolução Criadora*, de Bergson (1907), explica Bedani (2007a, p. 67), "Reich

[116] Em *A Biopatia do Câncer*, Reich citou um outro biólogo, Johannes Von Üexkull (1864-1944), que também não concordava que o elemento essencial dos fenômenos relativos à vida pudesse ser reduzido aos elementos materiais. Reich (2009, p. 31-32) citou a seguinte passagem de um livro de Üexkull: "A biologia animal hoje deve sua existência à introdução da experimentação fisiológica no estudo de animais inferiores. Nesses experimentos, as expectativas de novos horizontes para a pesquisa por parte dos fisiologistas não foram satisfeitas... A decomposição de fenômenos vivos em processos químicos e físicos não gerou progresso de modo algum... para todos os cientistas que vêem o elemento essencial da biologia no próprio processo da vida, e não na sua redução à química, física e matemática. [*Umwelt und Innenwelt der Tiere* ("O Mundo Externo e o Mundo Interno dos Animais"), Berlim: Springer, 1921, p. 2]".

encontrou a noção de *élan vital*", um "ímpeto original da vida [que] atua diretamente no processo evolutivo". Pode-se afirmar, conforme Bergson (1907) traduzido em Bedani (2007a, p. 67), que

> [O *élan vital*] passa de uma geração de germes à geração sucessiva de germes, por meio de organismos desenvolvidos que formam o traço de união entre os próprios germes. Este élan que se conserva nas linhas de evolução entre as quais se divide, é a causa profunda das variações, pelo menos daquelas que se transmitem regularmente, que se adicionam, que criam novas espécies. [...] O élan vital de que falamos consiste, em suma, em uma exigência de criação. Ele absolutamente nada pode criar, pois encontra diante de si a matéria, isto é, o movimento inverso ao seu. Mas ele se apodera dessa matéria, que é a necessidade em si mesma, e tende a introduzir nela a maior soma possível de indeterminação e liberdade (BERGSON, 1907/1984c, p. 569-570).

A respeito do *élan vital*, Reich (2009, p. 8 e 9) afirmou que "Bergson tentou levar em conta a incompatibilidade entre as formas conhecidas de energia e o funcionamento da vida". Essa "*force créatrice*", no entendimento de Reich, "representa uma função explosiva da matéria, que se manifesta com maior clareza na maneira como a vida funciona". A referida noção "confrontava tanto o materialismo mecanicista como o finalismo teleológico"[117], questões epistemológicas estas que chamaram a atenção de Reich e marcaram o início de sua produção científica. Para este autor, na teoria, Bergson "captou corretamente o caráter basicamente *funcional* do processo vital, mas lhe faltava validação empírica. A força em questão não era passível de medição, tangível ou controlável".

Como se pode perceber, explica Bedani (2007a, p. 67), o *élan vital* foi considerado por Reich como "uma resposta às insuficiências das teorias que, ao buscarem explicações para o funcionamento profundo do vivo, insistiam em recorrer às noções tradicionais de energia". Contudo, para este autor, essa noção:

> [...] expressava muito mais um conceito filosófico, do que um conceito científico. Ainda que o pensador francês tenha se esforçado em demonstrar o "caráter claramente empírico da concepção de um 'elán vital''' (BERGSON, 1932/1984d, p. 1069), Reich sentia-se incomodado com a distância existente entre o discurso filosófico bergsoniano e a possível caracterização científica do "fenômeno". O *elán vital* pareceu-lhe, no final das contas, um conceito tão especulativo quanto a enteléquia de Driesch. (BEDANI, 2007a, p. 68).

No início da década de 1920, Reich entrou em contato com as teorias dos biólogos e filósofos vitalistas e com o embate entre vitalistas e mecanicistas, e, na sua autobiografia científica, publicada em 1942, ele considerou que:

> O princípio de uma força criativa que governava a vida era irrefutável. Contudo não era satisfatório enquanto não fosse tangível, descrito e tratado concretamente. A aplicabilidade prática deve ser considerada justificadamente como o fim supremo da ciência natural. Pareceu-me sempre que os vitalistas estavam mais perto de compreender o princípio da vida do que os mecanicistas,

---

[117] O problema do finalismo teleológico será objeto do subitem 4.3.3.1.

> que cortavam a vida em bocados antes de tentar compreendê-la. Por outro lado, a ideia de que o organismo operava como uma máquina era intelectualmente mais acessível. Podia-se estabelecer paralelismo com fenómenos já estudados no campo da física. Eu era um mecanicista no meu trabalho médico, mas, intelectualmente, preocupava-me com ter uma visão globalmente sistemática de todos os problemas. (REICH, 1979a, p. 29 e 30).

Reich interessou-se pelas teorias vitalistas e via nelas uma perspectiva de investigação mais capaz de descrever os singulares processos relacionados ao domínio da vida em relação às abordagens materialistas-mecanicistas. Contudo, esse pesquisador sentia-se incomodado com as limitações práticas encontradas naquelas teorias e nas suas metodologias de investigação. A doutrina científico-materialista e a perspectiva mecanicista, alicerçadas na física tradicional e fundamentadas experimentalmente, gozavam de maior robustez teórica quando comparadas às teorias vitalistas. Estas faziam referências a um campo de energia específico à vida, cujas conclusões apresentavam-se mais como especulações teóricas do que como verdades cientificamente construídas, e, no entendimento de Reich, mostravam-se, ainda, distantes de serem aplicadas concretamente, seja experimentalmente, seja no campo clínico.

4.3.2.2.2 A energética freudiana e o princípio de funcionamento da energia no aparelho psíquico: a libido

Outra corrente teórica, a psicanálise, que confere importância aos processos energéticos no psiquismo e no corpo humano, influenciou o jovem Reich no início de sua obra. Diferentemente das teorias vitalistas, a psicanálise fundamenta seus pressupostos energéticos, procurando orientar-se dentro do pensamento científico, mais especificamente, aproximando-se da doutrina materialista-mecanicista.

Reich conheceu pessoalmente o fundador da psicanálise, Sigmund Freud, em 1919, passando a ser seu discípulo. A partir desse ano, como estudante de medicina, aquele passou a estudar a teoria freudiana e a trabalhar como psicanalista, e, de 1920 a 1934, manteve-se ligado, oficialmente, à Associação Internacional de Psicanálise.

Ao se referir ao trabalho que inaugurou a sua obra, Reich, em diversas oportunidades, fez menção ao artigo intitulado *Zur Trieb-Energetik* ("Sobre a Energética das Pulsões"), publicado, originalmente, em 1923. A respeito desse trabalho, Bedani (2007a, p. 78) afirma que, "além de apresentar contribuições para a ampliação do conceito freudiano de 'pulsão', representou o marco inicial – teórico e epistemológico – da obra reichiana".

Em diversas oportunidades, segundo Bedani (2007a, p. 90), "Reich reconheceu a importância, para o desenvolvimento de sua pesquisa, dos referenciais energético-quantitativos

postulados por Freud". Em uma entrevista concedida, em 1952, a um representante dos Arquivos Sigmund Freud, Reich (1979c) declarou:

> Basicamente, Freud descobriu o princípio de funcionamento da energia no aparelho psíquico. *O princípio de funcionamento da energia*. Foi isso que o distinguiu de todos os outros psicólogos. Não tanto a descoberta do inconsciente. O inconsciente, a teoria do inconsciente, era, para mim, a consequência de um princípio que ele introduziu na psicologia. Trata-se do princípio, do princípio científico natural, da energia – a 'teoria da libido' (REICH, 1979c, p. 29).

O referencial energético percorre a totalidade da obra freudiana e já estava presente nas primeiras publicações de Freud. Numa célebre passagem do texto *As Neuropsicoses de Defesa*, publicado em 1894, Freud faz menção à sua hipótese sobre uma energia sexual que, segundo ele, deveria ser diferenciada de outras formas de energia psíquica e que apresentaria propriedades semelhantes às das outras formas de energia conhecidas pela física:

> [...] nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. Essa hipótese [...] pode ser aplicada no mesmo sentido que os físicos aplicam a hipótese de um fluxo de energia elétrica" (FREUD, 2006, p. 66).

Apesar de sentir satisfação "ao encontrar uma abordagem psicológica que se inspirava em referenciais científico-naturais e em fatores quantitativos", conforme Bedani (2007a, p. 93), Reich relembrou "quão o modelo maquínico estava presente nas teorias freudianas". Sobre a psicanálise estar baseada nos princípios da física clássica, Reich (1990, p. 5, tradução nossa) considerou que:

> Naquela época a teoria psicanalítica baseava-se no mesmo princípio da física clássica. Tal como ocorre na natureza não-viva, em que 'matéria' ou 'massa' (tidas como primárias) eram movidas e deslocadas por 'forças', também na esfera psicológica 'quantidades de energia' eram associadas a idéias estáticas, movendo estas últimas e deslocando-as. As idéias correspondiam à 'matéria', e as 'pulsões' (*drives*) correspondiam às 'forças' ou 'impulsos' da física clássica.

A teoria da libido, que expressava uma energética de índole quantitativa e que recebeu especial atenção de Reich (BEDANI, 2007a), foi descrita, por Freud, na sua obra *Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, publicada em 1905, na qual este forneceu a seguinte definição para o conceito de libido:

> Estabelecemos o conceito de *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os

> processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. (FREUD, 2006, p. 205).

A dedicação de Reich (1979c, p. 117) à teoria da libido ocorreu porque essa teoria tratava "de um princípio científico natural da quantidade de energia e do funcionamento objetivo", tendo ele enfatizado que "*com a teoria da libido a psicologia ligou-se à ciência natural pela primeira vez na história da ciência*" (REICH, 1979c, p. 120 e 121) e que era necessário se apoiar na referida teoria "não só porque era verdadeira", mas porque "necessitava dela como um instrumento", pois ela o "conduziu à esfera fisiológica" (REICH, 1979c, p. 116). Foi a curiosidade científica de Reich a respeito de que tipo de energia se constituiria a libido que o levou a realizar, durante os anos de 1934 e 1935, os seus primeiros experimentos laboratoriais.

4.3.2.2.3 A encruzilhada entre o mecanicismo e o vitalismo

O contato que Reich estabeleceu, no início da década de 1920, com as teorias vitalistas e a teoria da libido de Freud, colocou-o frente a um complexo dilema, que, segundo Bedani (2007a, p. 108 e 109), poderia ser enunciado da seguinte forma:

> a 'energética' do vivo está profundamente ancorada em uma 'força criadora', 'espontânea', que inclusive é capaz de desenvolver novas formas orgânicas, ou nada mais representa do que um conjunto de energias estritamente físico-químicas, restritas às leis da causalidade material e semelhantes às que os cientistas haviam detectado no mundo inorgânico?

As teorias e os conceitos dos vitalistas com os quais Reich manteve contato - o *élan vital* de Bergson, a "energia formadora" de Kammerer, a "enteléquia" de Driesch -, segundo Bedani (2007a, p. 109), "indicavam os limites a que a Ciência Natural estava submetida quando se propunha a entender a especificidade do fenômeno 'vida'".

Se, por um lado, Reich simpatizava com o vitalismo pois sentia que essa corrente, por apostar em princípios biológicos específicos e realçar a importância do "todo organísmico", conseguiria captar o caráter *funcional* dos processos vitais e descrever a singular lógica do funcionamento do vivo (BEDANI, 2007a), por outro lado,

> [...] o jovem pesquisador identificou-se profundamente com os referenciais energetistas presentes na teoria freudiana, referenciais esses que, contudo, eram fortemente influenciados por uma físico-química que apenas aceitava a ação, no organismo vivo, das tradicionais formas de energia. (BEDANI, 2007a, p. 108).

A doutrina do mecanicismo, também, interessava-lhe, pois "exigia a comprovação experimental dos fenômenos e evitava pautar-se por concepções de índole metafísica"

(BEDANI, 2007a, p. 110). Na encruzilhada entre o vitalismo e o mecanicismo, "Reich ancorou-se, em termos práticos, na teoria freudiana da libido (mesmo que o conceito de libido também estivesse fora do âmbito da validação experimental), mas reteve, ao mesmo tempo, a idéia de uma 'força criadora'" (BEDANI, 2007a, p. 109). Conforme explica Bedani (2007a, p. 109), a noção de libido "estabelecia uma ponte com o pensamento científico dominante, proporcionava alguma concretude (ainda que teórica) e podia abrir um caminho em direção ao funcionamento biológico".

4.3.3 Aspectos relacionados às questões epistemológicas

4.3.3.1 O problema do finalismo

Na sua autobiografia científica, Reich (1979a, p. 31) afirmou que, na época em que era estudante de medicina, "estava perturbado pela aplicação do 'princípio teleológico' no campo da biologia". A forma de pensar que dominava a biologia imputava finalidades concebidas pelos cientistas nos fenômenos estudados por eles:

> De acordo com este princípio, a célula estava revestida de uma membrana *a fim de* se proteger melhor conta estímulos externos. A célula espermática masculina possuía grande dinamismo *para* ter maior facilidade de entrada no óvulo feminino. Os animais machos eram maiores e mais fortes do que as fêmeas e muitas vezes mais coloridos *a fim de* serem mais atraentes para a fêmea; ou tinham chifres *para* poderem lutar melhor com os seus rivais. Argumentava-se até que as formigas obreiras fêmeas eram assexuadas *para* aquecer os filhos, e a natureza ordenava isto e aquilo de tal e tal maneira *para* cumprir este e aquele objectivo. Em resumo, uma mistura de finalismo vitalístico e materialismo causalista reinava também no campo da biologia.

Um dos pensadores que mais influenciaram Reich, o filósofo Henri Bergson, realizou, segundo Bedani (2007a, p. 101), "uma consistente crítica à aplicação do finalismo e do mecanicismo à esfera da vida". Reich (2009, p. 9) afirmou que a hipótese de um *élan vital*, sustentada por Bergson, "confrontava tanto o materialismo mecanicista como o finalismo teleológico", e que, "instintivamente", sentia que Bergson estava certo ao tentar refutar essas duas correntes (REICH, 1979a, p. 29).

Bedani (2007a, p. 102) explica que, para Bergson, as doutrinas do "mecanicismo radical" e do "finalismo radical", "desembocam no mesmo lugar: a suposição de que tudo já está dado". A primeira, "por acreditar que se todos os elementos materiais de um dado sistema (de um sistema vivo, inclusive) fossem desvendados, poder-se-ia prever com perfeição sua direção futura"; a segunda, "por julgar que todos os acontecimentos (até mesmo os da esfera da

vida) são o resultado de um plano ou programação pré-determinada". Segundo Bedani, no livro *Evolução criadora*, o citado filósofo francês, afirmou que ambas as doutrinas:

> "[...] recusam-se a ver no curso das coisas, ou mesmo simplesmente no desenvolvimento da vida, uma imprevisível criação de forma" (BERGSON, 1907/1984c, p. 533). Mas, ao se transpor as limitações impostas por esses sistemas de pensamento, "a realidade surge a nós como um jorro ininterrupto de novidades [...]" (BERGSON, 1907/1984c, p. 534). (BEDANI, 2007a, p. 102).

Para Bergson, conforme Bedani (2007a, p. 105), a doutrina do finalismo radical "concebe a totalidade do mundo vivo como uma construção, tomando como modelo as construções que apenas os seres humanos podem realizar". Já esse pensador francês "acreditava que a vida em seu conjunto, se encarada como uma evolução criadora, 'transcende a finalidade', caso se entenda por finalidade a realização de uma idéia concebida ou concebível previamente'".

Os filósofos Friedrich Albert Lange e Henri Bergson, os biólogos Hans Driesch e Paul Kammerer e o médico Sigmund Freud, segundo Bedani (2007a, p. 103), "depararam-se, de alguma forma, com uma questão 'biológica' que estava na pauta do dia: a transformação das espécies", pois eles tinham em comum "o fato de todos, sem exceção, terem esbarrado nas idéias professadas pelo naturalista Charles Darwin (1809-1882)" na sua teoria da seleção natural, a qual seria responsável pela transformação das espécies. Para essa teoria, apenas os seres vivos que conseguem se ajustar ao seu meio ambiente sobreviveriam; os demais, desapareceriam. Essa teoria "leva em conta, inicialmente, a presença de pequenas variações hereditárias em uma dada espécie. Mas essas variações não apresentam, em si mesmas, qualquer finalidade ou 'intenção' adaptativa".

Na sua formulação da seleção natural, segundo Bedani (2007a, p. 104), Darwin não recorreu a nenhuma "'força vital' ou 'propósito inteligente' inerente aos seres vivos", pois, para ele, "a 'evolução' não estaria submetida a princípios teleológicos". A sua teoria, que se opunha ao finalismo, teve impacto nos diversos autores que influenciaram o pensamento reichiano no início de sua produção.

Diferentemente de Darwin, Bergson – ainda que este, também, tenha aceitado a teoria da seleção natural - sustentou que, no processo de evolução, haveria de ocorrer a ação de uma força criadora, "um *'élan original* da vida'" que "'é a causa profunda das variações, pelo menos daquelas que se transmitem regularmente, que se adicionam, que criam espécies novas' (BERGSON, 1907/1984c, p. 570)" (BEDANI, 2007a, p. 105).

4.3.3.2 A associação entre a dimensão qualitativa (psíquica) e quantitativa (energética)

A questão sobre a "a relação entre a *intensidade* de uma sensação e a *extensão* ou *quantidade* da carga energética", ou seja, sobre a possibilidade da pesquisa científica investigar a relação entre "o mundo psíquico, subjetivo, e o mundo físico, objetivo", já estava presente nos primórdios da obra reichiana (REICH, 1990b, p. 3, tradução nossa).

Para Reich, "intensidade" e "qualidade" seriam propriedades das sensações *psíquicas* e "extensão" ou "quantidade" seriam propriedades dos processos *físicos*.

A esse respeito, Bedani (2007a) explica que os processos físicos e objetivos estavam, na leitura reichiana, diretamente relacionados à questão da energia. Já o domínio psíquico ou subjetivo não estaria reduzido, apenas, ao mundo das representações e das ideias, mas incluiria um escopo maior de fenômenos, aqueles desempenhados pela apreensão percepto-sensorial. Reich (1952b, p. 4, tradução nossa) concebeu o psiquismo como o "âmbito das sensações, percepções e ideias" e considerou a apreensão sensorial como o seu aspecto nuclear, pois, segundo ele, seria "necessário limitar o conceito de 'psíquico' à esfera das sensações e, assim, utilizá-lo para descrever apenas a experiência subjetiva dos processos vitais objetivos" (REICH, 1990b, p. 11, tradução nossa).

Reich (1990b, p. 11, tradução nossa) esclareceu que "*o domínio biológico dos processos vitais objetivos é mais amplo do que o psíquico",* pois, "com toda certeza, toda a experiência psíquica e subjetiva está contida no domínio de funcionamento do vivo, mas nem todo o funcionamento vivo se manifesta psiquicamente".

Embora exista "um amplo domínio de funcionamento biológico, como a atividade da vida durante o sono, a divisão celular, o metabolismo, o crescimento etc., que ocorre sem percepção e sensação objetivas", os quais "não estão representados ou expressados no inconsciente", Reich (1990b, p. 11, tradução nossa) não igualou o domínio psíquico ao domínio da consciência e afirmou que não se deveria "restringir a sensação à experiência consciente ou mesmo à 'consciência'", pois "existem sensações, especialmente as sensações de órgãos, que raramente atingem o limiar da consciência".

Na época em que era estudante de medicina, Reich estudou uma monumental obra de filosofia da ciência, intitulada *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart* ("História do Materialismo e Crítica de sua Importância Atual"), publicada em 1866 e escrita pelo filósofo e jornalista alemão Friedrich Albert Lange (1828-1875) (BEDANI,

2007a)[118]. Bedani (2007a, p. 97) afirma que essa obra "causou forte impacto no jovem estudante de medicina, e continuou ecoando ao longo da obra reichiana". No livro *Éter, Deus e o Diabo*, Reich "incluiu o filósofo alemão no rol de autores que influenciaram significativamente suas pesquisas".

Lange, explica Teo (2002, p. 286, *apud* Bedani, 2013a, p. 100), esboçou "o programa teórico geral de uma 'psicologia objetiva' aproximadamente 'meio século antes de John Watson (1878-1958) expressar suas ideias'".

Na obra *Geschichte des Materialismus*, conforme Bedani (2013a, p. 100), "Lange criticou as abordagens psicológicas que adotavam como objetos de estudo, exclusivamente, certos conceitos filosóficos (por exemplo, alma e vontade) e recorriam à introspecção como método investigativo". Lange propôs a construção de uma "psicologia sem alma", uma psicologia científico-natural que, na sua visão, explica Bedani, deveria estar pautada "não por conceitos filosóficos, mas pela investigação experimental dos eventos psíquicos, distanciando-se, dessa forma, do 'turbilhão metafísico' suscitado por noções como 'alma' e 'substância'".

A psicologia, conforme o pensamento de Lange, necessitaria se associar à moderna perspectiva científica e, como detalha Bedani (2013a, p. 100),

> não deveria se preocupar em encontrar a essência última ou substrato dos acontecimentos mentais, mas sim, em retratar o *continumm* dos fenômenos psíquicos em suas relações dinâmicas e dependências recíprocas, substituindo a visão substancialista por uma perspectiva relacional, 'funcional', processual.

A "nova" psicologia científico-natural teria, no entendimento de Lange (1865/1879), traduzido por Bedani (2013a, p. 101), um amplo escopo, o qual envolveria o estudo da "vida sensível", "do comportamento e da linguagem humanas", podendo "ir além e dirigir sua atenção para 'todas as manifestações da vida', desde que permitissem extrair conclusões sobre 'a natureza e o caráter do homem'".

Além disso, Lange propunha que a psicologia adotasse o "método somático", que conforme Bedani (2013a, p. 101) se caracterizaria como "uma orientação de pesquisa que deveria contemplar, o máximo possível, os processos corporais que estariam 'indissolúvel e forçosamente ligados aos fenômenos psíquicos'". A respeito do método somático proposto por Lange, Bedani explica que "caberia aos psicólogos determinar as bases físicas ou fisiológicas dos eventos mentais, sem, contudo, cometer reducionismos epistemológicos que perigosamente

---

[118] A referida obra, segundo Bedani (2013, p. 98-99), marcou não apenas Reich, mas influentes personalidades, "tais como o filósofo Friedrich Nietzsche, o filósofo e psicólogo Franz Brentano (1838-1917), o médico e psicólogo Wilhelm Wundt (1832-1920) e o físico Albert Einstein (1879-1955)". A obra percorre "a história do materialismo desde os primeiros filósofos gregos até Kant, e deste até importantes pensadores e cientistas do século XIX, inclusive Marx e Darwin [...]".

entronassem o mecano-materialismo como visão de mundo privilegiada, totalizadora e absoluta". O referido método poderia ajudar a construir uma psicologia científico-natural, contudo, Lange advertia para que os processos corpóreos jamais fossem "encarados à maneira dos 'materialistas', ou seja, como 'fundamento último dos fenômenos psíquicos' (LANGE, 1865/1879, vol. 2, p. 418)".

Na obra de Lange, Reich encontrou material para refletir sobre a dinâmica da sensação, pois, segundo Bedani (2007a, p. 97), "o filósofo alemão enfatizou que o mundo das sensações é 'o único mundo dado' (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2ª seção, p. 328), que a sensação é '*real e dada*' (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2ª seção, p. 326)".

Conforme explica Bedani (2007a, p. 97-98), Lange criticou "o ponto de vista mecanicista que concebia os movimentos ou vibrações dos átomos do cérebro como algo objetivo e as sensações, como simples aparências ou miragens dessa objetividade [...]", e mostrou-se

> indignado com o fato de o âmbito subjetivo ter sido reduzido a um 'nada'. A existência subjetiva já não mais representaria 'a verdadeira, a própria existência'; e a consciência, ponto de partida de todo o conhecimento desde Descartes, teria se tornado um mero 'fenômeno subjetivo' (LANGE, 1866/1950, vol. 2, 2ª seção, p. 325).

Bergson, segundo Bedani (2007a, p. 98 e 99), foi um outro filósofo que analisou a questão da sensação, de outra perspectiva. Para esse pensador francês, "as sensações só podem ser apreendidas no plano qualitativo e não estão, portanto, sujeitas à quantificação". Contudo, Reich "cogitou a possibilidade, desde o início de sua pesquisa, de conciliar as 'quantidades intensivas' (sensoriais) e as 'quantidades extensivas' (físicas)".

No texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, Reich (1990b, p. 3, tradução nossa) deixou claro o quanto essa questão lhe era significativa e, já nos primórdios de sua pesquisa, ele:

> [...] sabia que se tivesse sucesso em encontrar o princípio comum de funcionamento da sensação e da excitação, *então, pela primeira vez na história da pesquisa científico-natural, uma conexão prática seria estabelecida entre o mundo psíquico, subjetivo e o mundo físico, objetivo*.

Ao desenvolver o conceito de *Trieb* - traduzido comumente do alemão para o português, no jargão psicanalítico, como pulsão -, o fundador da psicanálise "estabeleceu um importante vínculo, no entendimento de Reich, entre os âmbitos quantitativo e qualitativo ao associar 'afeto e 'idéia'" (BEDANI, 2007a, p. 100).

Considerada um dos conceitos fundamentais da psicanálise, a pulsão assume uma ligação entre um montante de afeto (ou seja, uma quantidade de energia) e uma representação

ou uma ideia (ou seja, uma qualidade). O referido conceito é, na metapsicologia freudiana, aquele que permite pensar a relação entre o corpo e a mente, sendo, portanto, um dos alicerces teóricos da psicossomática freudiana. Freud o desenvolveu utilizando pressupostos do mecanicismo-materialismo (baseando-se numa energética referenciada nos princípios da física newtoniana) e com base na doutrina do paralelismo psicofísico.

Segundo Bedani (2007a, p. 99), "a ligação entre 'afeto' (que remete a fatores quantitativos) e 'representação' ou 'idéia' (que aponta para aspectos qualitativos)" teria determinado o curso da embrionária pesquisa de Reich. Numa passagem do texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, Reich (1990a, p. 4-5) analisa a conexão afeto-ideia presente na concepção de pulsão freudiana e afirma que afeto e ideia não estão conectados nem funcionalmente, nem geneticamente, no referido conceito, pois, para Freud, aquelas seriam entidades psicológicas completamente diferentes e separadas:

> Freud foi, eu acredito, o primeiro pesquisador no campo da psicologia a assumir a existência de uma 'energia psíquica'. De acordo com essa visão, ideias e percepções psíquicas achavam-se associadas a quantidades de 'afeto' variáveis. Tais afetos, que posteriormente foram simplesmente chamados de 'emoções', eram a expressão de pulsões biológicas. Por exemplo: um processo de repressão podia atuar somente sobre uma ideia, como no caso da histeria, deixando o afeto correspondente sem repressão; ou podia agir apenas sobre o afeto, deixando a ideia intocada, como na neurose obsessiva. Podia ocorrer, também, de ambos (ideia e afeto) serem reprimidos, como acontece em certos casos de amnésia completa. Para essa visão não há conexão funcional, nem genética, entre ideias e afetos. 'Ideia' e 'afeto' são entidades psicológicas completamente diferentes e separadas. (REICH, 1990a, p. 4 e 5, tradução nossa).

A ausência de uma conexão funcional e genética entre ideia e afeto decorre de Freud ser partidário da doutrina do paralelismo psicofísico. Segundo Bedani (2007a, p. 127), a referida doutrina "considera, em linhas gerais, que mente e corpo são dois processos independentes, sem correlação causal, mas correspondentes. Essa concepção inspirou-se no célebre dualismo cartesiano [...]". Assim, Freud teria assumido que afeto e ideia seriam entidades distintas, ainda que relacionadas.

O conceito de pulsão, ao procurar estabelecer uma relação entre o domínio psicológico e a esfera somática, foi a ferramenta teórica criada por Freud para abordar o problema da relação corpo-mente. Bergson, segundo Bedani (2007a, p. 128), também se preocupou com esse problema, seguindo a "tradição de Lange e também dos espiritualistas que criticavam a arrogância positivista". O filósofo francês, contudo, não era partidário do paralelismo psicofísico e propôs-se a analisar, no seu livro *Matéria e Memória*, "os limites da concepção paralelista, investigando as conexões que se estabelecem entre o cérebro e a consciência".

Bergson não negou que “a consciência está de alguma forma ligada ao cérebro”, no entanto, “insistiu que ela não pode ser totalmente reduzida àquele órgão”. Para o filósofo francês, “entre a vida anímica e a vida do corpo haveria [...] muito mais do que um paralelismo de funções – ocorreria, na verdade, uma relação de ‘solidariedade’” (BEDANI, 2007a, p. 129).

No artigo *Sobre a Energética das Pulsões*, de 1923, Reich reconheceu que, apesar das críticas de Bergson ao paralelismo psicofísico estarem se tornando cada vez mais importantes e ser difícil continuar defendendo a doutrina do paralelismo, optou por não abandonar totalmente essa teoria, considerando-a, ainda, uma boa hipótese de trabalho. Contudo, nesse artigo, Reich não se limitou ao paralelismo de Freud e adotou, como ponto de partida para suas investigações teóricas, as teorias paralelistas do biólogo alemão Richard W. Semon (1859-1918), às quais conferiu grande importância e reconheceu que ele o influenciou consideravelmente, considerando-o como um daqueles pesquisadores que, antes dele, quando tratava de um problema, tentava abordá-lo “de maneira global, não mecanicamente do ponto de vista químico-físico, mas de uma perspectiva funcional” (REICH, 1996a, p. 63 e 64, tradução nossa).

As sensações, no entendimento de Semon, conforme Bedani (2013a, p. 110-111), “precisariam ser vistas como ‘dados imediatos’ e ‘fundamentais’”, “como uma espécie de informação básica e pura”, elas apontariam “para o que é conhecido de imediato, não para algo que precisaria ser definido ‘em relação a algo mais simples ou mais bem conhecido’ (SEMON, 1909/1923, p. 58)”. Esforçando-se para estabelecer vínculos entre o registro “energético” e o registro sensorial, Semon considerou que cada “‘processo específico de excitação’ teria como correspondência uma ‘sensação concreta’ (SEMON, 1909/1923, p. 60)”. Um exemplo desse processo de paralelismo psicofísico seria a “sensação de luz” (registro sensorial) a qual equivaleria a “uma ‘excitação’ ou ‘processos energéticos’ (físicos) que ocorreriam ‘na retina, nervo ótico e área visual do cérebro’”.

Segundo Bedani (2007a, p. 131), “o biólogo alemão era adepto de um certo paralelismo psicofísico que chamou a atenção do jovem Reich”. Em seu artigo de 1923, Reich adotou o seguinte pressuposto: “Nós devemos proceder do ponto de vista de Semon de que toda sensação é acompanhada de um processo paralelo de excitação fisiológica no órgão correspondente, e que a sensação é, assim, o aspecto psíquico do estímulo fisiológico” (REICH, 1975a, p. 146-147, tradução nossa). Bedani (2007a, p. 131) explica que “o biólogo alemão levou em conta, em suas pesquisas, que a sensação representa uma faceta psicológica da excitação, ‘uma das muitas formas pelas quais as excitações materiais fazem-se conhecidas a nós’ (SEMON, 1904/1921, p. 281)”.

Reich, em seu artigo de 1923, definiu pulsão da seguinte maneira: "*funcionalmente, a pulsão sexual é o aspecto motor de todo prazer experienciado no decorrer da filogênese e da ontogênese; psicologicamente, é uma expressão da memória do prazer já experienciado"* (REICH, 1975a, p. 156, tradução nossa).

Anos mais tarde, no livro *A Função do Orgasmo*, Reich teceu alguns comentários sobre as suas conclusões apresentadas no referido artigo de 1923. Ao reduzir o conceito de pulsão ao de prazer - com sua definição de que a pulsão sexual seria a lembrança motora de um prazer previamente experienciado -, Reich (1979a, p. 50) começou a "atacar o problema da relação entre o conceito quantitativo de 'impulso' [pulsão] e o conceito qualitativo de 'prazer'". Ele explicou que, sem se dar conta disso, tinha dado o primeiro passo para a sua "ulterior unificação funcional do *conceito quantitativo de excitação* e do *conceito qualitativo de prazer*".

Em outros textos, produzidos durante a sua investigação, segundo Bedani (2007a, p. 153), Reich, também, "salientou seus esforços, iniciados com o estudo da energética das 'pulsões', em vincular os fenômenos da 'excitação' e 'sensação'." Esse estudioso da obra de Reich explica que este, "já no início de sua obra, suspeitava que a sensação prazerosa e o impulso somático integravam-se em um nível mais profundo". A atividade motora seria o "princípio comum de funcionamento", o nível mais profundo de integração entre a sensação prazerosa e o impulso somático.

No texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, Reich (1990a, p. 5, tradução nossa) afirmou que, diferentemente da psicanálise - que concebia a pulsão em instâncias separadas (ideia e afeto) –, para ele "*a pulsão não era nada mais do que a função motora do prazer em si mesmo*". Segundo esse autor, "uma vez que a sensação de prazer é uma função *psíquica* enquanto a pulsão é uma função *física*, estas duas funções no organismo, previamente separadas, foram, com um só golpe, combinadas em uma 'unidade funcional'" (REICH, 1990a, p. 6, tradução nossa).

Em síntese: "*pulsão e prazer eram uma e mesma coisa em relação à atividade motora*", ou seja, "a excitação corporal, a pulsão, era idêntica à sensação psíquica em relação a um dado processo biológico, a atividade sexual motora" (REICH, 1990a, p. 6, tradução nossa). Reich representou graficamente a mencionada relação funcional entre a "atividade motora" – uma função mais ampla e unificadora -, a partir da qual se desenvolvem duas outras funções que se condicionam mutuamente: a "pulsão" e o "prazer":

FIGURA 1
Fonte: Reich (1990a, p. 6).

A propósito, Bedani (2007a, p. 154) explica que a “atividade motora”, a “pulsão” e a “sensação de prazer”:

> [...] formam, segundo Reich, uma “unidade funcional”, posto que são indissociáveis: elas se manifestam, porém de forma hierárquica. A “atividade motora” é mais profunda e ampla, enquanto o “impulso” [pulsão] e a “sensação de prazer” são mais superficiais; além disso, os três fenômenos ocorrem simultaneamente (a função-mãe não extingue os fenômenos superficiais, e estes, convivem com o seu princípio comum de funcionamento).

Na época em que estabeleceu essa relação funcional pela primeira vez, Reich (1990a, p. 6, tradução nossa) reconheceu que, ainda não se sabia “*o que* se movia no corpo”, não era evidente a natureza da mencionada “atividade motora”. Contudo, ele explicou que “a técnica de pensamento do funcionalismo orgonômico havia obtido sua primeira e importante posição: *Ideias podem surgir e ir embora. A sua existência depende do estado de movimento da energia corporal*”.

Foi a partir da referida relação funcional que Reich (1990a, p. 6, tradução nossa), entre os anos de 1919 e 1923, vislumbrou uma questão metodológica que se tornou um dos fundamentos do funcionalismo orgonômico:

> Sensação e excitação são idênticas em relação a um princípio comum de funcionamento indeterminado. Sensação é uma função da excitação, e excitação, por sua vez, é uma função da sensação. São inseparáveis e formam uma unidade funcional; ao mesmo tempo, não são idênticas, mas diferentes uma da outra, de fato, são opostas uma a outra. Desse modo surgiu, a primeira formulação da “simultaneidade de identidade e antítese”. (REICH, 1990a, p. 6, tradução nossa).

Essa “inovação na forma pensar”, segundo Reich (1990a, p. 7, tradução nossa), “não tinha precedentes no campo da ciência natural”. Segundo esse autor, “o elemento fundamentalmente novo era a assunção de que *duas funções poderiam ser simultaneamente idênticas e antitéticas”*.

A propósito das outras formas de pensar, Reich (1990a, p. 7, tradução nossa) afirmou que:

> A filosofia natural podia, apenas, oferecer a concepção monista sobre a unidade do corpo e da alma; a concepção dualística do paralelismo psicofísico; a dependência mecanicista-materialista, unilateral, da alma para o corpo; e a dependência espiritualista (idealística-metafísica) da matéria para com o mundo espiritual sobrenatural. O método de pensamento de Freud era essencialmente materialista, mas, também, dualista. Ele operava com dois tipos de pulsões que não tinham nenhuma ligação entre si em âmbitos profundos. Inicialmente, havia os "instintos sexuais" e os "instintos do ego"; depois, os "instintos sexuais" e o "instinto de morte". (REICH, 1990a, p. 7, tradução nossa).

A origem do funcionalismo orgonômico, como técnica funcional de pensar, remonta, portanto, aos primórdios da obra reichiana, quando, conforme afirma Bedani (2007a), sua metodologia de pesquisa foi inaugurada ao estudar a dinâmica da pulsão, o que o levou a sua primeira formulação da "simultaneidade de identidade e antítese"[119]. Na sua autobiografia científica, intitulada *A Função do Orgasmo*, e em *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, entre outros textos, Reich reconheceu o artigo *Zur Trieb-Energetik* (Sobre a Energética das Pulsões), de 1923, como sendo o primeiro marco de sua obra. Segundo Bedani (2007a, p. 152), "os estudos que resultaram no texto de 1923 conduziram o autor, em etapas subsequentes de seu trabalho, não somente a importantes pesquisas de caráter clínico e experimental, como também, a investigações de natureza epistemológica".

4.3.4 Adesão de Reich à psicologia celular

Além das influências anteriormente já descritas, Bedani (2013b, p. 2) afirma que "Reich foi herdeiro direto e continuador de uma orientação investigativa conhecida como psicologia celular". Essa corrente de investigação, formada por cientistas e filósofos e originada no final do século XIX e início do século XX, "apostou na tese de que as criaturas unicelulares seriam dotadas de uma sensorialidade básica e, até mesmo, de um psiquismo rudimentar". Os adeptos da psicologia celular partiram do pressuposto de que as funções psíquicas complexas, tais como a linguagem, teriam se desenvolvido filogeneticamente de organismos arcaicos, como as amebas e os protozoários. Os adeptos da referida corrente de investigação "adotaram os micro-

---

[119] Bedani (2013a, p. 116) suspeita que "o conceito reichiano de princípio comum de funcionamento sofreu alguma influência das ideias de Lange", embora Reich não tenha admitido explicitamente essa influência. Segundo Bedani, na obra *Geschichte des Materialismus*, Lange propôs que, "para lidar com as complexas relações entre o mundo material (físico) e o mundo sensorial (psicológico), que se buscasse por 'uma *terceira e desconhecida coisa* como causa de ambos [os mundos]', pois isso poderia conduzir a investigação a um âmbito 'mais profundo do que a simples identificação daqueles dois mundos' (LANGE, 1886/1950, vol. 2, 2ª edição, p. 328, tradução nossa, grifo do autor)".

organismos unicelulares como objetos de pesquisa essenciais para o entendimento da mente humana".

Segundo Schloegel e Schmidgen (2002, p. 622, tradução nossa), foi o médico e biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919) o primeiro a esboçar uma psicologia celular, partindo do pressuposto filosófico de um monismo evolucionário, o qual postula a unidade entre a mente e a matéria. Para eles, Haeckel manteve a posição de que "a consequência óbvia da teoria da evolução seria que a totalidade da matéria orgânica estaria 'ensouled' (*beseelt*) [no original[120]] – ou seja, que possuiria uma vida psíquica".

Conforme afirmam Schloegel e Schmidgen (2002), Haeckel estaria convicto de que toda célula teria uma *psyche*, de que o protoplasma do corpo celular e a substância do núcleo seriam o suporte material para a vida psicológica. De acordo com este, a convicção de que a célula conteria o substrato material da vida psíquica poderia ser melhor exemplificada no caso dos protistas, pois, ainda que eles se constituam em seres unicelulares, seria inegável que a célula desses seres possui tanto sensação como movimento voluntário. Para Haeckel, conforme Schloegel e Schmidgen (2002, p. 423, tradução nossa), "ainda que não haja evidência sugerindo que eles possuam nervos, músculos, um cérebro, ou órgãos dos sentidos, os protistas, não obstante, apresentam a 'forma de sensação' simples de prazer e dor e a 'forma de movimento' simples de atração e repulsão".

Essas funções psicológicas elementares foram consideradas por Haeckel como sendo inconscientes. Já a consciência, como função psíquica, emergiria, gradualmente, no desenvolvimento filogenético e ontogenético, quando uma "divisão de trabalho" passa a ocorrer nas estruturas celulares, constitutivas do organismo (SCHLOEGEL, SCHMIDGEN, 2002).

Bedani (2013b, p. 6) explica que,

> Acreditando, em suma, em uma tendência evolutiva linear que promoveria continuamente o aumento de complexidade e pautando-se pela suposição de que as criaturas mais "simples" (como as amebas e paramécios) teriam contribuído, no processo evolutivo, com matrizes psicofisiológicas que, de alguma forma, teriam chegado às células dos seres mais "complexos", os estudiosos da psicologia celular procuraram investigar laboratorialmente a existência, em unicelulares, de rudimentos de funções psicológicas tradicionalmente atribuídas aos seres humanos, tais como volição, apreensão sensorial e capacidade de aprendizado.

Schloegel e Schmidgen (2002) e Bedani (2013a, 2013b) incluíram, como adeptos da psicologia celular, além de Haeckel, os seguintes pesquisadores: o psicólogo francês Alfred

---

[120] Poderia-se traduzir o termo como "em-almada" ou "em-psicada" no sentido de possuir "alma", ou seja, um psiquismo.

Binet (1857-1911), o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), o fisiologista alemão Max Verworn (1863-1921) e o zoólogo norte-americano Herbert Spencer Jennings (1868-1947).

Realizando experimentos com os micro-organismos unicelulares e pautando-se em dados colhidos em experimentos realizados por outros cientistas, os adeptos da psicologia celular procuraram determinar "se a capacidade dos micro-organismos de responder aos estímulos externos deveria ser atribuída a uma consciência rudimentar ou, tão somente, a fatores mecânicos de caráter físico-químico" (BEDANI, 2013b, p. 6-7). Para esses pesquisadores, a existência de um sistema nervoso e de órgãos dos sentidos não seria condição necessária para o fenômeno da sensação.

Como mostrou-se anteriormente, a partir de 1936, Reich realizou experimentos com amebas, procurando confirmar a universalidade de sua hipótese, isto é, a fórmula do orgasmo, segundo a qual os processos elementares da matéria viva seriam regidos por uma sequência de processos: tensão mecânica – carga energética – descarga energética – relaxamento mecânico, fórmula esta que ele julgou ter encontrado, inicialmente, nos seres humanos. Foram esses experimentos que abriram caminho para a investigação e o estudo das partículas denominadas por ele *bions* (ver item 2.2).

Além de ter realizado experimentos com amebas e organismos unicelulares, Reich, frequentemente, fez menção, em sua obra, "a uma função perceptiva filogeneticamente arcaica que se faria presente desde os organismos unicelulares", isto é, "à ideia de que existiriam níveis perceptivos elementares e profundamente calcados na filogênese" (BEDANI, 2013b, p. 2).

Em 1934, Reich (1982b) publicou dois ensaios teóricos, denominados *Der Urgegensatz des Vegetativen Lebens* ("A Antítese Primária da Vida Vegetativa") e *Die Vegetative Urform des Libido-Angst-Gegensatzes* ("A Forma Vegetativa Primária da Antítese Libido-Angústia")[121], nos quais, fundamentado na visão da psicologia celular, ele teorizou e apresentou sua visão sobre as funções da sexualidade e da angústia, que, segundo ele, seriam propriedades básicas de todos os organismos vivos, incluindo os seres unicelulares. A sexualidade e a angústia formariam uma antítese fundamental da matéria viva e do aparelho psíquico em particular, da qual posteriormente outras funções superiores derivariam:

> Excitação sexual e angústia devem ser vistas como funções antitéticas da matéria viva em geral, bem como do aparelho psíquico em particular. Elas formam uma *antítese básica*, da qual as funções superiores do sistema de impulso derivam secundariamente. Qualquer impulso motor que sirva para

121 Os referidos artigos foram, posteriormente, integrados, traduzidos para o inglês e constituem o segundo capítulo "Sexuality and Anxiety", do livro *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* (REICH, 1982b), o qual é a fonte utilizada na presente dissertação.

> colocar o biossistema mais perto do mundo exterior é funcionalmente idêntico à excitação sexual. *Os fatos disponíveis nos permitem ver na excitação sexual a função básica da energia da vida per se*. Angústia, como uma reação primeira e irredutível da matéria viva, é a antítese fundamental da excitação sexual. Deste modo, há um *dualismo funcional* na matéria viva em geral e no aparelho psíquico em particular. (REICH, 1982b, p. 21, tradução nossa)

Manifestações da sexualidade e da angústia, conforme concebidas por esse autor, poderiam ser observadas em todos os organismos e haveria duas formas ou movimentos biofísicos fundamentais relativos a essas funções psíquicas. A sexualidade se manifestaria quando o organismo "dirige-se ao mundo" e o prazer da sexualidade seria sentido concomitantemente a uma expansão ou estiramento corporal. A antítese da sexualidade, a angústia, seria a expressão de "fuga do mundo" e seria sentida concomitantemente a uma contração, encolhimento corporal, a uma tendência a adotar a forma esférica: "Quando fogem do mundo, todas as criaturas vivas têm uma tendência a adotarem uma forma esférica ou alguma coisa parecida com ela se a estrutura esquelética completamente desenvolvida está presente" (REICH, 1982b, p. 40, tradução nossa). Reich (1982b, p. 41, tradução nossa) exemplifica:

> A forma esférica básica quer seja alcançada por retraimento dos órgãos protuberantes (pseudópodes, antenas dos caracóis etc.), ou pelo arqueamento da espinha e retraimento da cabeça e extremidades, é expressiva da função de "fuga do mundo". Em contraste, o estiramento do corpo, distensão das extremidades e da cabeça, a "expansão para fora do centro do corpo", indica a função de "dirigir-se para o mundo".

Os movimentos expressivos da sexualidade e da angústia, tanto no caso dos organismos multicelulares quanto dos unicelulares, seria causado pelo fluxo de fluídos do corpo. A direção do fluxo dos fluídos seria igual à direção psíquica ou biológica da função, de modo que "a tendência para o mundo – expansão, dissipação da angústia etc. – harmoniza-se com o fluxo *centrífugo*". Já as "tendências de fuga do mundo – adoção da forma esférica, geração de angústia etc. – harmoniza-se com o fluxo *centrípeto*" (REICH, 1982b, p. 42, tradução nossa).

Em 1949, no seu livro *O Éter, Deus e o Diabo*, ao realizar uma investigação sobre a relação da sensorialidade com a produção de conhecimento, Reich apresentou o conceito de sensação de órgão, a ser explorado com mais detalhes no item seguinte, o qual parte do pressuposto de que a apreensão sensorial é um fenômeno fundamental para o funcionamento de todos os seres vivos, sendo uma função direta do movimento do protoplasma. Pode-se verificar, na seguinte transcrição, a filiação de Reich (2003, p. 128) à corrente da psicologia celular: "a sensação não está de forma alguma amarrada aos terminais nervosos sensoriais. Toda matéria plasmática percebe, com ou sem nervos sensoriais. A ameba não tem nervos sensoriais ou motores e mesmo assim percebe".

A fim de esclarecer o conceito de protoplasma, ou plasma celular, que foi agora mencionado, e que será utilizado com mais frequência, no decorrer do capítulo, julgamos oportuno apresentar a síntese de Bedani (2013b, p. 4) sobre o referido termo:

> Tido como um marco da História da Biologia (WELCH; CLEGG, 2010), o conceito de protoplasma despontou na primeira metade do século XIX e despertou grande interesse nas ciências biológicas até as décadas iniciais do século XX (CORREA, 1998; GEISON, 1969). Para os cientistas do período o protoplasma designava, em linhas gerais, um composto gelatinoso-viscoso, transparente e dotado de contratilidade (capacidade de movimento espontâneo) e irritabilidade (capacidade de responder a certos estímulos) (BERNARD, 1879) que, fazendo-se presente nas cavidades dos organismos unicelulares e das células dos multicelulares, estaria diretamente associado, em animais e plantas, às propriedades essenciais da vida, tais como digestão (assimilação de nutrientes), respiração e reprodução. Analisando, de um ponto de vista mais atual, o papel desse conceito, o biólogo, naturalista e historiador da ciência Ernst W. Mayr (1904-2005) esclareceu que o protoplasma, 'o material celular fora do núcleo', é atualmente designado como citoplasma; para o autor, a bioquímica e microscopia eletrônica do século XX teriam identificado 'a verdadeira composição do citoplasma': 'organelas celulares, membranas e macromoléculas' (MAYR, 2008, p. 34-35). Um autor como Reich, entretanto, interessou-se muito mais pela dimensão dinâmica, funcional, sistêmica do protoplasma (dimensão essa ilustrada especialmente pela contratilidade plasmática) do que por sua composição estrutural.

No próximo subitem realizar-se-á uma breve incursão em uma outra perspectiva teórica cuja influência sobre o pensamento de Reich foi imprescindível para o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, a saber, o materialismo dialético. Essa abordagem de investigação foi utilizada por esse pesquisador, entre outras aplicações, como método para o estudo experimental dos *bions*, quando ele começou a esboçar os primeiros pressupostos e princípios do seu funcionalismo energético, o qual, possibilitou a investigação da energia orgone e das primeiras leis funcionais, e posteriormente, passaria a ser aprimorado tornando-se a técnica funcional de pensar, também denominada por Reich de funcionalismo orgonômico, a sua metodologia de investigação da natureza.

4.3.5 Aspectos metodológicos do materialismo dialético

O contato de Reich (1990, p. 7) com o materialismo dialético ocorreu por volta do ano de 1927 e, em 1929, ele publicou o livro *Materialismo Dialéctico e Psicanálise*, procurando responder a questão: "Existirão ligações entre a psicanálise de *Freud* e o materialismo dialéctico de *Marx* e de *Engels?*" (REICH, 1983a, p. 15).

No referido livro, Reich (1983a, p. 18) definiu a psicanálise como sendo "apenas um método psicológico que, com meios científicos, procura descrever e explicar a vida psíquica, considerada como um domínio particular da natureza", não sendo uma *Weltanschauung* - uma

cosmovisão ou um sistema filosófico -, de modo que ela não sendo capaz de engendrar um, "a psicanálise não poderia substituir nem completar a concepção materialista da história". Como ciência natural, ela não teria nada em comum com as concepções históricas de Marx, pois, se seu verdadeiro objeto "é a vida psíquica do homem tornado ser social", então, no entendimento de Reich (1983a, p. 19), "ela só se interessaria pelo psiquismo das massas na medida em que nele surgem fenómenos individuais". Assim, escapariam ao método psicanalítico o fenômeno da consciência de classe "e os problemas tais como o movimento de massas, a política, a greve, que são do domínio da sociologia" (REICH, 1983a, p.19).

A psicanálise, conforme esclareceu Reich (1983a, p. 20), não poderia substituir a sociologia, "nem sequer extrair de si própria uma doutrina sociológica". Contudo, ela poderia "desempenhar, relativamente à sociologia, o papel de ciência auxiliar, por exemplo, sob a forma de psicologia social". Entre outros alcances, a psicanálise poderia, por exemplo, "discernir a influência das ideologias sociais no desenvolvimento psíquico do indivíduo".

A psicanálise e a sociologia marxista, como ciências, seriam irmãs, pois a primeira trataria dos fenômenos psíquicos, enquanto, a outra, dos fenômenos sociais, e, portanto, estas podem se ajudar mutuamente, pois "o facto social deve ser explorado no psiquismo individual, ou inversamente, o facto psíquico no ser social" (REICH, 1983a, p. 21). A sociologia, afirmou Reich (1983a, p. 21), "não poderia explicar uma nevrose, uma perturbação da aptidão para o trabalho ou da atividade sexual". Contudo, esse autor afirmou que a relação entre a psicanálise e o materialismo dialético – a metodologia de investigação marxista, que não se limita à disciplina da sociologia marxista -, seria de outra ordem:

> Mas tratando-se do materialismo dialéctico, já o mesmo não acontece. Neste caso, das duas uma: ou a psicanálise se opõe ao marxismo como método – neste caso ela seria idealista e antidialéctica – ou então é possível demonstrar que, no seu domínio específico, a psicanálise aplicou de facto o materialismo dialéctico e desenvolveu teorias correspondentes – inconscientemente, como tantas outras ciências naturais. Do ponto de vista do método lógico, a psicanálise só pode opor-se ao marxismo ou concordar com ele.

Percebe-se, assim, como Reich procurou mostrar, no decorrer do seu livro, que a doutrina psicanalítica estaria em concordância com os pressupostos epistemológicos do materialismo dialético. Ele investigou as teorias psicanalítica das pulsões, a repressão e o inconsciente freudiano, as fases de desenvolvimento da libido, a gênese e a dinâmica do sintoma neurótico, e mostrou que os conceitos elaborados por Freud estariam alicerçados numa compreensão materialista a respeito do psiquismo e que seu funcionamento seria regido por uma dialética.

No capítulo intitulado “A Dialéctica do Psiquismo”, do livro *Materialismo Dialéctico e Psicanálise*, Reich (1983a, p. 67 e 68) relembrou que “a dialéctica materialista de *Marx* surgiu em oposição à dialéctica idealista de *Hegel*”. Aquele autor explicou que Hegel “considerava a dialéctica dos conceitos como fator primordial do desenvolvimento histórico e considerava o mundo real como simples reflexo das ideias ou conceitos que se desenvolvem dialecticamente”. Em oposição a Hegel, “Marx inverteu num sentido materialista esta concepção do mundo [...] ao reconhecer no fenómeno material o factor primordial ao qual estão subordinadas as ideias”. Buscando em Hegel a concepção dialética do devir, Marx teria aniquilado, no dizer de Reich, “simultaneamente o idealismo metafísico de *Hegel* e o materialismo mecanicista do século XVIII”.

Os princípios essenciais do materialismo dialético, conforme apresentados por Reich (1983a), são:

1) “*A dialéctica não é apenas uma forma do pensamento; existe na matéria independentemente do pensamento; por outras palavras, o movimento da matéria é objectivamente dialéctico*”. A matéria não é reduzida aquilo que só existe no “cérebro” do investigador, “mas, com a ajuda dos seus sentidos e do seu pensamento – também este submetido às leis da dialéctica – ele abarca diretamente o devir material da realidade objectiva” (RECH, 1983a, p. 68). Rompe-se, assim, com o idealismo kantiano e com qualquer tipo de reducionismo psicologista.
2) O “*desenvolvimento*” de todos os fenômenos naturais, incluindo a sociedade, “não resulta, como afirmam todos os metafísicos, idealistas ou materialistas, de um ‘princípio do desenvolvimento’ ou de uma ‘tendência para o desenvolvimento inerente a todas as coisas’”; mas,

> [...] *resulta de uma contradição interna, de contradições cindidas na matéria, de um conflito entre estas contradições; conflito que não pode ser resolvido no actual modo de existência da matéria, de forma que as contradições o destroem para criar outro, no qual novas contradições surgem* e assim por diante. (REICH, 1983a, p. 69)

3) “*Objectivamente, aquilo que engendra o desenvolvimento dialéctico não é bom nem mau, mas sim necessário. No entanto, aquilo que começou por favorecer o desenvolvimento pode acabar por paralisá-lo”* (REICH, 1983a, p. 69).
4) “O desenvolvimento dialéctico, resultante de contradições, faz com que *nada seja durável*; *tudo o que nasce traz em si o germe da sua desaparição*” (REICH, 1983a, p. 70).

5) "*Todo o desenvolvimento é a expressão e a consequência de uma dupla negação: negação da negação*" (REICH, 1983a, p. 70).
6) "*As contradições não são absolutas mas interpenetram-se mutuamente*". Reich (1983a, p. 72) esclareceu, mais detalhadamente, esse princípio, afirmando que:

> A determinada altura a quantidade transforma-se em qualidade. Toda a causa de um determinado efeito é ao mesmo tempo efeito deste último que age como causa. Não existe apenas acção recíproca de fenómenos nitidamente separados, mas interpenetração destes fenómenos, acção e reação de um sobre o outro. Além disso, em determinadas condições, um elemento pode transformar-se no seu contrário.

7) *"O desenvolvimento dialéctico é progressivo, mas em certos momentos progride por saltos*" (REICH, 1983a, p. 73).

A partir de 1929, Reich aplicou os princípios do materialismo dialético articulados aos da doutrina freudiana nos seus estudos clínicos-terapêuticos e nos seus ensaios teóricos de cunho político social[122]. Contudo, a aplicação da metodologia de investigação dialético-materialista não se restringiu aos ensaios teóricos reichianos, pois ele a empregou, também, nos seus experimentos laboratoriais, sobretudo, na interpretação dos seus experimentos sobre biogênese e com os *bions*, realizados entre 1936 e 1939 (ver item 2.3 *O período dos primeiros experimentos laboratoriais e o desenvolvimento da vegetoterapia caractero-analítica*).

Numa série de experimentos com substâncias inorgânicas aquecidas até elevadas temperaturas, Reich (1979b, p. 144, tradução nossa) se propôs a verificar "precisamente o processo pelo qual a matéria inorgânica é convertida em orgânica". Segundo ele, cientistas como Leeuwenhoek, Tyndall e Pasteur – os quais também trabalharam com infusões e experimentos a fim de verificar se a matéria não-viva poderia ser transformada em matéria viva -, não conseguiram observar esse processo de transformação,

> [...] porque tais pesquisadores não observavam *continuamente* seus preparados. Há um grande número de *estágios de desenvolvimento* entre a partícula inanimada de terra ou a fibra vegetal individual e as observações de micróbios ou protozoários completamente organizados. Há *estágios preliminares dos organismos completos* e há estágios em que é difícil decidir se o torrão de terra ou a fibra vegetal está viva ou não. (REICH, 1979b, p. 144, tradução nossa).

Interessado em compreender os "estágios de desenvolvimento" que envolviam a passagem de processos mecânicos, não-vivos - por exemplo, o intumescimento de uma fibra vegetal decomposta ou de um cristal de terra -, para um processo vivo – por exemplo, o

[122] Por volta dessa mesma época, Reich entrou em contato com outra perspectiva de investigação, o funcionalismo antropológico de Malinowski - que também teve impacto em suas ideias e exerceu influência no desenvolvimento do funcionalismo orgonômico -, a qual será abordada no subitem seguinte.

desprendimento de uma vesícula que se separa de uma fibra vegetal -, Reich (1979b, p. 144, tradução nossa) julgou necessário "traçar, em particular, os *detalhes* de como a matéria inorgânica é transformada; isto é, o processo de intumescimento, desintegração vesicular, a formação de vesículas etc.".

Na metodologia empregada em seus experimentos, - a qual, segundo Reich, se diferenciava da empregada por outros pesquisadores anteriores a ele, porque abandonava a maneira estática, mecanicista de pensar, se desinteressava pela estrutura química dos processos, e conferia maior importância à compreensão sobre o processo e a dinâmica das funções e formas que apareciam, isto é, ao processo de transformação -, esse pesquisador passou a operar com os princípios do materialismo dialético, por exemplo, ao considerar "que não há limites entre o mundo vegetal e o mundo animal, entre a matéria não-viva inorgânica e a matéria viva" (REICH, 1979b, p. 144 e 145, tradução nossa).

O emprego do materialismo dialético em seus experimentos permitiu que ele avançasse suas pesquisas no campo da biogênese, transcendendo as limitações que uma metodologia puramente mecanicista acarretaria, e que aos poucos, ao derivar princípios teóricos da pesquisa prática, fosse formulando uma dialética energetista, funcionalista, ao qual viria, anos mais tarde, se configurar no funcionalismo orgonômico.

Um capítulo do livro *The Bion Experiments*, publicado, originalmente, em 1938, foi dedicado por Reich a esclarecer o emprego que ele fez do método dialético-materialista nos seus experimentos com os *bions*. Inicialmente, Reich (1979b, p. 147, tradução nossa) forneceu um esclarecimento sobre a diferença entre o seu método de pesquisa e os métodos tradicionalmente empregados em bacteriologia:

> Desde que a técnica bacteriológica envolveu o matar da vida, só é natural que a pesquisa com micróbios devesse utilizar a prática de matar e manchar o material morto. Manchar os preparados revela claramente as estruturas e preserva-as para estudos contínuos. Em contraste direto a isso, entretanto, estava um dos princípios de nosso trabalho, que nós só estudamos matéria viva em movimento, porque é a *mutabilidade*, o *funcionamento*, e não o elemento estático, não a estrutura, que são de interesse primário.

Uma abordagem fundamentalmente dialético-materialista, afirmou Reich (1979b, p. 150, tradução nossa), "requer que o organismo seja examinado como ele é, o que equivale a dizer que a vida seja estudada no estado vivo". Só assim, no entendimento de Reich, seria possível compreender particularidades e singularidades do processo da vida que não estariam acessíveis pela abordagem mecanicista em que "os objetos vivos são mortos a fim de que se estude a vida no organismo morto, um procedimento que está fadado a resultar em uma visão mecânica da vida".

Partindo do pressuposto de que "o princípio dinâmico básico da vida governa a vida toda, isto é, o organismo como um todo e cada parte individual do organismo", Reich (1979b, p. 150 e 151, tradução nossa) considerou que uma pesquisa científica, "verdadeiramente produtiva", "deve ser continuamente motivada e orientada pela necessidade de visualizar o todo sem perder de vista o detalhe". O olhar holístico empregado por Reich considerava mais importante compreender os eventos da natureza em termos de funções, do que em termos de substância, pois, segundo ele:

> O importante sobre a vida, entretanto, não é a substância complexa, mas a função complexa. Conceitos como biogênese, molécula, energia etc., são apenas adições práticas para o entendimento. Eles não têm qualquer relação com nenhum fato. Eles tentam substituir a ação da "substância" pela compreensão da função. Eles nos falam apenas do processo mecânico, mas se tornam metafísicos quando chamados a explicar a função. Desde que tais conceitos nada mais são do que acréscimo à compreensão e não fatos reais, e desde que não abrangem quaisquer funções, eles são mais um estorvo do que uma ajuda para a pesquisa prática. [...] A infelicidade da concepção químico-mecânica sobre a vida é que se tenta chegar ao todo, a partir da parte, *somando os detalhes,* ao invés de *buscar a função do todo em cada parte individual*. (REICH, 1979b, p. 151, tradução nossa).

Fundamentado num olhar e pensamento sistêmico, muito antes de existir uma terminologia moderna da biologia sistêmica, Reich empregou uma terminologia própria, a que dispunha na época (CAPRA, 1982, p. 337), para descrever processos em que o micro e o macro são regidos pelos mesmos princípios. Capra (1982, p. 337), a esse propósito, afirmou:

> Lamentavelmente, a linguagem da moderna biologia sistêmica ainda não existia para Reich, de modo que, algumas vezes, ele expressou sua teoria da matéria viva e sua cosmologia em termos que estavam enraizados no velho paradigma e eram um tanto inadequados.

Reich (1979b, p. 151, tradução nossa) ilustrou essa maneira de pensar ao afirmar como ele concebeu a identidade das correntes plasmáticas na ameba e no ser humano: "Segundo nosso ponto de vista metodológico, não há diferença entre a corrente plasmática de uma ameba, que é visível, e a corrente vegetativa que qualquer um experimenta em certos estados de excitação". Por outro lado, o método mecanicista-materialista, ao buscar explicações dividindo e despedaçando o organismo, fundamentado na perspectiva cartesiana, impediria o cientista de captar a função biológica do todo (REICH, 1979b, p. 150 e 151).

A identidade estabelecida por Reich entre as correntes plasmáticas observadas nos seres unicelulares e as sensações de correntes nos seres humanos aponta para uma outra característica metodológica utilizada por esse pesquisador, a saber, o emprego do raciocínio analógico. Reich, não raras vezes, realizou o emprego de analogias entre fenômenos de áreas distintas e, dessa maneira, buscou estabelecer pontes entre fenômenos aparentemente distintos. Com base nesse

princípio metodológico, ele julgou ter descoberto propriedades que unificavam fenômenos distintos em relação a um princípio de funcionamento comum. Esse aspecto metodológico será melhor descrito e explicado no decorrer do capítulo.

Ao descrever a aplicação do método dialético-materialista nos seus experimentos, Reich (1979b, p. 152, tradução nossa) mencionou um outro princípio metodológico utilizado por ele, o qual considera como importante que o cientista preste atenção nas reações do próprio organismo aos fenômenos por ele investigados:

> [...] quando vejo uma ameba estendendo-se e o protoplasma fluindo nela, reajo a essa observação com todo o meu organismo. A identidade da sensação física vegetativa de meu corpo com o fluxo do plasma objetivamente visível da ameba é diretamente evidente para mim. Sinto-o como algo que não pode ser negado. Seria errado derivar a teoria científica disto somente, mas é essencial, para pesquisas produtivas, que a confiança e a força para o trabalho experimental estrito sejam derivadas de tais atos vegetativos de percepção involuntários.

Reich (1979b, p. 152, tradução nossa) não deixa de reconhecer que “as experiências de mensuração e replicação terão a última palavra na ciência”, no sentido de configurar objetividade e precisão às percepções subjetivas do cientista. Contudo, diferentemente do mecanicismo que afasta e desconsidera as impressões subjetivas do cientista na sua metodologia de investigação, Reich propõe que o cientista preste atenção às suas sensações orgânicas, corporais, em relação aos seus fenômenos de estudo, pois estas se apresentariam como uma ferramenta essencial de conhecimento na pesquisa natural. Esse princípio metodológico foi posteriormente aprofundado e esclarecido pelo fundador da orgonomia quando ele cunhou a noção de sensação de órgão, a qual será abordado no item a seguir.

Ao se indagar sobre “afinal, por que existem coisas como desenvolvimento?”, em outras palavras, buscando responder a questão sobre como e por que ocorrem as transformações na natureza, Reich (1979b, p. 153, tradução nossa), optou pelo materialismo-dialético como sendo a abordagem que poderia responder a essa questão, sem cair numa metafísica ou num finalismo causal. Segundo esse pensador:

> O materialismo dialético, por outro lado, estabelece que o desenvolvimento vem da presença de opostos dentro da matéria que causam uma contradição antagônica. Tal contradição não pode ser resolvida dentro de determinada situação. Por conseguinte, os opostos forçam uma *mudança* na situação e forma-se algo *novo*. Esse *algo novo* – formado pela resolução da contradição – desenvolve novas contradições, que, por sua vez, forçam soluções ulteriores, e assim por diante. Assim, tudo está em um constante estado de fluxo. Nada é separado nem absoluto, tudo interatua. (REICH, 1979b, p. 153 e 154, tradução nossa).

O materialismo dialético, que utiliza apenas os conceitos de matéria e energia como determinantes do desenvolvimento e que rejeita o “fatalismo metafísico” e o “casuísmo

mecanicista" - ou seja, sem supor "a existência de um alvo sobrenatural para além do processo energético", e, negando "a existência de um princípio propositado na natureza e [...] de um princípio causal mecanicista" -, apresentou-se a Reich (1979b, p. 157, tradução nossa) como uma abordagem mais apropriada a ser utilizada em suas pesquisas do que as perspectivas anteriormente por ele avaliadas, a saber, o vitalismo e o mecanicismo-materialista.

Contudo, ao responder à questão sobre "a origem do desenvolvimento ou das transformações na natureza" assumindo, como um de seus pressupostos, a existência de uma contradição interna à matéria, o materialismo dialético inseriu um outro problema epistemológico: "o que dá origem a essa contradição interna"? (REICH, 1979b, p. 158, tradução nossa), a esse propósito, Reich afirmou que:

> É absolutamente essencial compreender muito claramente como a *contradição interna acontece* e compreender sua função. Uma revisão do arsenal científico do materialismo dialético nos força a admitir que, até aqui, essa questão não tinha sido nem colocada nem respondida. Até agora, tem sido difícil encontrar um lugar para o desenvolvimento biológico no pensamento dialético-materialista.

Buscando compreender como os diferentes tipos de relações antitéticas na natureza atuam entre si, em especial, como uma antítese exterior a um sistema pode transformar-se em uma antítese interna a um sistema e, principalmente, como as relações antitéticas levam ao desenvolvimento biológico, Reich considerou necessário distinguir três tipos de relações antitéticas na natureza:

a) A "antítese dos sistemas", ou a "antítese sistemática", a qual, "aplica-se em todas as áreas da existência", pois "não há área em que um corpo não esteja em oposição a algum outro corpo, em uma ou outra função, quer seja na interação das moléculas ou na relação entre os seres humanos ou nos corpos celestes" (REICH, 1979b, p. 160, tradução nossa). Essa antítese se limitaria as relações de oposição entre os sistemas, como consequência uma terceira direção ou movimento é gerado, contudo, sem conduzir a uma contradição interna nos sistemas envolvidos (REICH, 1979b, p. 158);

b) A "antítese dissociativa", a qual "domina tanto a existência inorgânica quanto a orgânica" (REICH, 1979b, p. 161, tradução nossa), em que numa antítese entre sistemas, "uma contradição *externa*, ou antítese, tornou-se uma contradição *interna*" (REICH, 1979b, p. 158-159, tradução nossa); O sistema afetado pela contradição interna é levado a uma ruptura ou dissociação, assim, passa-se de uma unificação para uma dissociação; e

c) A "antítese genética", que "está associada exclusivamente com a existência orgânica" (REICH, 1979b, p. 161, tradução nossa). Nesse tipo de antítese ocorre o processo de passagem de uma dissociação para uma reunificação da antítese. Da mesma maneira que uma antítese do

sistema pode dar origem a uma antítese dissociativa, esta, pode dar origem a uma antítese genética. Um exemplo fornecido por Reich (1979b, p. 160, tradução nossa) é: “Uma célula viva se desassocia antes de dividir-se, primeiro internamente, pelo processo da mitose. A copulação das duas células externamente dissociadas significa a reunificação da antítese”.

Segundo o autor, “todos os três tipos de antíteses ocorrem no mundo dos organismos vivos. *O orgânico e o inorgânico têm em comum a antítese sistemática e dissociativa, mas o orgânico difere do inorgânico pela função de antítese genética*” (REICH, 1979b, p. 161, tradução nossa), pois, a partir dessa antítese, surge uma terceira nova entidade, como por exemplo: “A copulação e a procriação correspondem à unificação de duas antíteses em uma terceira nova entidade. A propagação do indivíduo é, ao mesmo tempo, a dissociação da entidade única”.

Todas as formas de existência que passam por desenvolvimento seriam, conforme o entendimento de Reich, governadas pelo processo de dissociação e oposição, processo este caracterizado por não ser um processo estático, mas sim dinâmico. Buscando, responder à pergunta sobre como as contradições levam ao desenvolvimento, Reich (1979b, p. 164, tradução nossa) teorizou que “todo desenvolvimento contém dentro de si as seguintes funções unidas em ‘uma’ função comum”: 1) “Antítese dos sistemas”; 2) “Relação antitética dissociativa ou divisão (por internalização da antítese dos sistemas)”; 3) “Oposição das forças divididas”; e 4) “Reunificação das forças divididas, com progressiva ruptura, em série geométrica (apenas na esfera orgânica)”.

Reich afirma que “a *lei dialética do desenvolvimento*”, a que abrange a fragmentação, a oposição e a unificação, *“é a lei básica de todo o desenvolvimento orgânico*”. Tanto “a ramificação do troco de uma árvore em galhos, em seguida, destes em ramos, destes em hastes de folhas, destas em folhas, destas em nervuras centrais das folhas e destas em finas veias” quanto “a ramificação do sistema nervoso e do sistema de vasos sanguíneos no corpo” expressam a “dialética na realidade da natureza” (REICH, 1979b, p. 167, tradução nossa). Segundo esse autor, o fator essencial para que se compreenda a lei dialética do desenvolvimento, a função dialética da vida, “é que essa divisão do todo não afeta sua homogeneidade, porque, não importa quão fragmentado e antitético o sistema nervoso possa ser, ele funciona, não obstante, como um todo *unitário indivisível*” (REICH, 1979b, p. 169, tradução nossa).

Ao empregar os exemplos no campo do funcionamento da natureza para descrever a lei dialética do desenvolvimento, Reich esclareceu um outro pressuposto epistemológico empregado por ele, o qual afirma que a natureza tem um funcionamento dialético e que na

pesquisa dialético-materialista não se trata de refletir sobre a natureza em termos dialéticos, mas, sim, em observar a dialética da natureza, pois, "o processo natural, em si, é dialético. Longe de serem meras conceituações, a diferenciação do todo homogêneo e as relações antitéticas podem ser vistas, medidas e fotografadas na realidade" (REICH, 1979b, p. 166, tradução nossa). O materialismo dialético, afirmou Reich (1979b, p. 168, tradução nossa), "não é apenas um método filosófico, mas, também, reflete verdadeiramente os processos que ocorrem na natureza". O funcionalismo orgonômico herdará a concepção de que um sistema de pensamento deve refletir as leis do funcionamento da natureza, uma herança da contraposição marxista à dialética idealista hegeliana, o que traduz o primeiro princípio do materialismo dialético, sintetizado por Reich, conforme apresentado anteriormente.

Na sua elucidação sobre a lei dialética do desenvolvimento, Reich afirmou que, da mesma forma que um organismo individual se constitui num todo e funciona de maneira unitária, o domínio da vida, também, possui um funcionamento unitário, no sentido de ser governado por um princípio fundamental que rege todas as formas de vida existentes. Reich, então, perguntou-se: quais seriam as funções naturais que um metazoário e um protozoário teriam em comum? (REICH, 1979b, p. 169). Ao responder a essa indagação ele invocou a sua formulação sobre a antítese fundamental da vida vegetativa, que ele havia esboçado por volta de 1934, a qual afirma que, em todos os organismos, há uma antítese da sexualidade (prazer) e da angústia (medo), e afirmou que, no caso específico do ser humano, essa antítese é funcionalmente idêntica às funções fisiológicas dos sistemas parassimpático (vago) e do simpático. Em relação a esses sistemas vegetativos e sua relação de antítese, Reich (1979b, p. 165-166, tradução nossa) considerou que:

> Eles compartilham uma origem comum; formam uma unidade; são uma função que pertence ao mesmo sistema vegetativo, mas a *unidade* funcional vegetativa divide-se em *duas funções e direções de correntes antitéticas*. *A ansiedade se torna o oposto da excitação sexual; ela corresponde à direção da função da energia elétrica e flui opostamente à da sexualidade*. Similarmente, o vago e o simpático opõem-se um ao outro.

Reich representou a unidade e a antítese do sistema nervoso autônomo no seguinte diagrama[123]:

---

[123] Esse diagrama foi utilizado, posteriormente, por Reich, para representar diversas outras relações de antítese e unidade, ou antítese e identidade, durante o período do funcionalismo orgonômico. A leitura que se pode fazer é que a função, ou domínio de funcionamento, representado pelo ponto localizado na parte de baixo do diagrama, é mais abrangente do que as outras duas funções dissociadas, representadas pelos arcos na parte superior do diagrama, que estão em relação de antítese entre si e que derivam, ambas, da função mais abrangente, e, por isso, constituem-se em uma unidade.

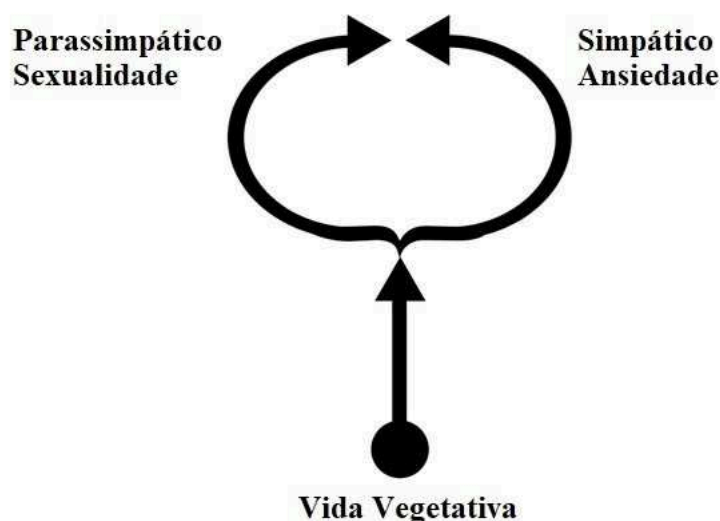



FIGURA 2
Adaptado de Reich (1979b, p. 166).

O organismo metazoário, afirmou Reich (1979b, p. 169-171, tradução nossa), "funciona como um todo, isto é, homogeneamente, exatamente como o protozoário", quando ele "se estende, ele o faz exatamente como um organismo inteiro. Quando assustado, ele se contrai como um organismo inteiro, da mesma maneira que a ameba retrai todo o seu pseudópodo". Todos os organismos vivos, segundo ele, "são permeados por um fator comum básico que segue um dado sistema de leis, independentemente de toda a diferenciação e das relações antitéticas". O caráter fundamental da vida e que "governa todo o desenvolvimento e todos os produtos do desenvolvimento", para esse autor, "consiste em duas funções antitéticas de expansão e de contração, de tensão e de relaxamento, e de carga e de descarga" (REICH, 1979b, p. 171, tradução nossa).

Partindo do pressuposto dialético de que "as esferas orgânica e inorgânica não são duas áreas estritamente distintas, totalmente desconectadas, sem qualquer ponte entre elas", Reich (1979b, p. 171, tradução nossa) admitiu que "a vida orgânica exibe os mesmos processos físicos e químicos que a matéria inorgânica – particularmente, os processos mecânicos e elétricos – a matéria inorgânica e orgânica são, em geral, funcionalmente idênticas". Contudo, o sequenciamento das funções tensão mecânica -> carga elétrica -> descarga elétrica -> relaxamento mecânico, denominado por Reich fórmula do orgasmo e, posteriormente, fórmula da vida, seria específico ao domínio da vida:

> *Os fatores mecânicos e elétricos fundamentais que predominam na matéria inorgânica ocorrem de forma agregada nos organismos vivos em uma relação funcional que é específica à vida*. Não há processo inorgânico em que o

> enchimento mecânico (expansão) se transforma em carga elétrica, em seguida em descarga elétrica, e depois em relaxamento. Essa *sequência* das funções mecânicas e elétricas é específica da vida, e *a diferencia da esfera inorgânica*. (REICH, 1979b, p. 173, tradução nossa)

Nos seus experimentos sobre a origem da vida, buscando compreender como a vida orgânica origina-se da matéria inorgânica, Reich (1979b, p. 164, tradução nossa) assumiu que a vida "contém em si as funções mecânicas, químicas, elétricas específicas do inorgânico. Entretanto, no processo de evoluir, ela desenvolve suas próprias leis, que a retiram da inorgânica". A vida seria regida, portanto, por uma função própria derivada de funções encontradas na natureza não-viva, contudo, organizada de tal maneira que seria específico do vivo:

> A uniformidade do funcionamento orgânico é regulada pelo processo de tensão-carga, tanto nos órgãos individuais quanto no organismo total. A uniformidade entre os processos orgânicos e inorgânicos está contida nas funções de expansão-contração e carga-descarga. A diferença entre orgânico e inorgânico surge da combinação específica das funções no orgânico, que, por outro lado, ocorre individualmente nas substâncias inorgânicas. (REICH, 1979b, p. 23 e 24, tradução nossa).

Como conclusão da lei dialética do desenvolvimento, Reich (1979b, p. 173, tradução nossa) considerou que a fórmula da vida "não apenas distingue a vida da matéria sem vida, mas, [...], deve, em princípio, governar todas as funções vivas". Mais especificamente, esse autor afirmou que:

> A fórmula da vida (ou orgasmo) governa todo o funcionamento vegetativo, não apenas todo o organismo biológico, mas, também, cada uma de suas partes. Cada célula metazoária está sujeita à lei da vida que nós resumimos na fórmula tensão-carga [...]. Assim, deveria ser possível demonstrar a função tensão-carga tanto na função global uniforme de qualquer organismo vivo quanto no funcionamento detalhado de suas células individuais. Isso é verdadeiro desde que não se examinem os processos mecânicos separadamente dos processos químico-elétricos, e vice-versa, mas, ao invés, sempre os considere em relação com o ritmo vital. (REICH, 1979b, p. 173, tradução nossa).

Apesar de considerar a sua formulação sobre a emergência da vida a partir da matéria inorgânica, procurando demonstrar, experimentalmente, a continuidade entre os domínios da matéria não-viva e da matéria viva, e de fornecer uma explicação dialético-materialista para os resultados encontrados por ele nos seus experimentos com os *bions*, e, de desenvolver a sua teorização sobre a fórmula da vida, como a lei fundamental que governaria todo o funcionamento da vida como um todo, incluindo as suas partes, como importantes contribuições no campo da epistemologia da vida, Reich reconheceu que, ainda, existiam muitas lacunas a serem explicadas sobre os processos de diferenciação dentro da esfera da vida, admitindo, não saber como se originam determinadas funções da natureza a partir de outras mais antigas:

> Nós estamos, certamente, ainda, muito distantes de começar a compreender todas as diferenças dentro da esfera da vida vegetativa. Já temos uma visão geral sobre parte da comunalidade fundamental, mas nós não sabemos, ainda, sobre todas as circunstâncias e condições que, na esfera da vida, fazem com que uma nova função surja da antiga. (REICH, 1979b, p. 174, tradução nossa).

Está explícita, no pensamento dialético-materialista, a ideia de que existe um desenvolvimento, um processo de evolução ou de transformação das funções na natureza, do passado em relação ao presente. Assim, a análise dialético-materialista percorre o caminho do processo evolutivo, do passado em direção ao presente, procurando descrever quais foram as relações de antítese e os conflitos que levaram ao desenvolvimento histórico dos processos naturais. Partindo do estudo desses processos antitéticos e dissociativos, o materialismo-dialético, leva a uma visão que organiza o desenvolvimento dos processos evolutivos da natureza "em forma de árvore", em que novas funções específicas surgem, por antítese, e se organizam numa estrutura que se ramifica em uma complexidade crescente, de forma análoga ao crescimento de uma árvore que de um broto se ramifica em tronco, hastes, folhas etc.

O funcionalismo orgonômico, como se procurará mostrar, caminhará num sentido contrário ao do materialismo-dialético, ao buscar por princípios comuns de funcionamento. Ele se move "como que do presente ao passado" e "da estrutura complexa à simples". Assim, ao investigar a natureza procurando por "raízes em comum" entre fenômenos antitéticos, os princípios formulados pelo funcionalismo orgonômico simplificam a estrutura de organização da natureza, em termos de funções cada vez mais simples e abrangentes. O funcionalismo percorre o sentido contrário ao da dialética, buscando por funções primordiais, existentes antes de ocorrer as diferenciações das funções mais novas referentes a determinados domínios específicos de funcionamento da natureza. Ao buscar por um princípio de funcionamento comum a dois domínios distintos da natureza, o funcionalismo caminha no sentido "das folhas ao tronco", para usar a analogia da árvore, do nível mais complexo de organização do desenvolvimento dos processos naturais para um nível mais simples dessa organização. Por isso, ele se mostra como um sistema de pensamento que tende a uma unificação dos diversos domínios existentes da natureza, forçando a integração de saberes pertencentes a diferentes disciplinas.

Como será explorado nos itens seguintes, os desenvolvimentos teóricos de Reich sobre a "lei dialética do desenvolvimento", em particular, os três tipos de relações de antíteses apresentadas por ele, nesse período de sua obra, influenciarão algumas de suas formulações sobre os princípios do funcionalismo orgonômico.

Reich (2001, p. XXIX) esclareceu, no prefácio à 3ª edição do livro *Psicologia de Massas do Fascismo*, que “o materialismo dialético, cujos princípios foram desenvolvidos por Engels no *Anti-Dürhring* (*sic*), transforma-se em *funcionalismo energético*. Este *progresso* foi possibilitado pela descoberta da energia biológica, o orgone (1936-1939)”.

Assim, Reich desenvolveu o funcionalismo orgonômico partindo da sua conjectura inicial, esboçada no início da década de 1920, de que há, no funcionamento da natureza, uma primazia da energia em relação à matéria, e, sobretudo, fundamentado nas descobertas que considerou ter realizado, experimentalmente, sobre o funcionamento da energia orgone, pois, da mesma forma que o materialismo histórico-dialético, o funcionalismo reichiano assume que as suas leis devem ser derivadas do funcionamento da natureza.

Ainda que a investigação da energia orgone tenha sido essencial para o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, entendemos que essa investigação só foi possível graças ao emprego de uma específica e diferente forma de pensar, que, como se procurou ter mostrado, foi um desenvolvimento realizado, aos poucos, desde os primórdios da obra reichiana.

Convém esclarecer que o conceito de energia orgone, conforme proposto por Reich, refere-se a uma energia que seria real, concreta, que apesar de ser desprovida de matéria em sua natureza primordial, não se constituiria num conceito construído com referenciais da metafísica, pelo contrário, seria fruto de uma “descoberta científica”, cujo caminho teria sido solidamente pavimentado pelo emprego de métodos experimentais, como se pode notar ao estudar os trabalhos reichianos. Esse é o motivo de Reich não se considerar um vitalista pois, para esse pesquisador, as correntes vitalistas se enquadrariam no campo de teorias fundadas em conceitos metafísicos e/ou místicos e, portanto, sem fundamento científico (REICH, 2009, 1979a).

Pode-se sumarizar algumas das ideias desenvolvidas por Reich derivadas do emprego dos princípios do materialismo-dialético que se farão presentes, também, no funcionalismo orgonômico:

1) O funcionalismo orgonômico deriva suas leis do funcionamento da natureza, em oposição ao idealismo metafísico, uma herança direta do primeiro princípio do materialismo-dialético;

2) O funcionamento da natureza está em perpétua transformação, “nada é durável”, conforme o quarto princípio do materialismo-dialético, nas palavras de Reich (1979b, p. 154, tradução nossa), “tudo está em constante estado de fluxo. Nada é separado nem absoluto, tudo interatua”;

3) Do item 2) pode-se derivar que domínios aparentemente distintos da natureza estabelecem algum tipo de relação entre-si, uma herança do sexto princípio do materialismo dialético;

4) O emprego de raciocínio analógico entre fenômenos de domínios distintos da natureza, a fim de estabelecer princípios de funcionamento em comum entre esses fenômenos;

5) A natureza é regida por pares de funções que estabelecem entre si uma relação de antítese;

6) O estudo da natureza deve priorizar a observação continua e direta dos processos tais como eles ocorrem na natureza, atentando para a dinâmica e a transformação dos processos. No caso do estudo da matéria viva, deve abranger o seu estudo no estado vivo, em movimento, "porque é a *mutabilidade*, o *funcionamento*, e não o elemento estático, não a estrutura, que são de interesse primário" (REICH, 1979b, p. 147, tradução nossa);

7) O pesquisador deve atentar para as reações de seu organismo aos objetos estudados, as quais fazem parte do ato de conhecer, assim como do próprio funcionamento da natureza, e constituem-se em uma ferramenta da pesquisa natural que não pode ser deixada de lado. A fim de conferir objetividade às suas reações orgânicas, o pesquisador deve fazer uso de instrumentos de medição e técnicas de replicação; e

8) A natureza é regida por princípios que abarcam o micro e o macrocosmos e, no caso dos seres vivos, deve-se atentar para as funções que regem a totalidade do organismo, sendo este, sempre, concebido como *um todo unitário indivisível*. Ou seja, ao estudar a natureza, em especial, os fenômenos da vida, deve-se empregar uma perspectiva holística.

Por volta do mesmo período em que empreendeu estudos e investigações político-sociológicas, fundamentado na articulação entre o materialismo dialético à psicanálise, Reich se interessou e investigou uma outra perspectiva, que contribuiu para formulação do funcionalismo orgonômico, trata-se do funcionalismo antropológico do polonês Bronislaw Malinowski, tema do próximo subitem.

4.3.6 A influência do funcionalismo antropológico de Malinowski

4.3.6.1 Introdução ao item

O antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) foi reconhecido por Reich (2003) como uma de suas principais influências. O livro *Der Einbruch der Sexualmoral* ("A Invasão da Moral Sexual"), escrito durante o período em que Reich "estava procurando estabelecer interfaces entre o marxismo e a psicanálise", e publicado em 1932, foi

fundamentado nos trabalhos etnológicos de Malinowski sobre a sexualidade dos habitantes das ilhas Trobriand (BEDANI, 2019, p. 28).

O interesse de Reich no trabalho de campo de Malinowski, segundo Bedani (2019, p. 26), "resultou em troca de correspondência entre os dois pesquisadores (na década de 1930 e início da década de 1940) e em alguns encontros pessoais". O primeiro desses encontros ocorreu em 1933, em Londres, e, os demais, em Oslo, no período em que Reich estava exilado nessa cidade, entre 1934 e 1939. Os dois pesquisadores tornaram-se amigos, e, "em mais de uma oportunidade, Malinowski redigiu declarações públicas de apoio ao colega".

Malinowski, segundo Durham (1986, p. 7), no seu percurso acadêmico, inicialmente, havia se dedicado às ciências exatas, à matemática e à física, acabou, posteriormente, por motivos de saúde, abandonando suas pesquisas na física e resolveu dedicar-se à antropologia. Ele iniciou sua nova carreira "em Leipzig, sob orientação de Karl Bücher e Wilhelm Wundt, mas dirigiu-se logo em seguida para a Inglaterra, onde, em 1910", matriculou-se na *London School of Economics*. Esse antropólogo empreendeu algumas pesquisas de campo, entre elas, em 1914, em Mailu na Melanésia, e durante os anos de 1915 a 1917, nas ilhas Trobriand, arquipélago situado a nordeste da Nova Guiné (DURHAM, 1986).

Malinowski ficou conhecido por ter desenvolvido uma abordagem funcional na antropologia, a qual foi empregada nos seus estudos e nos seus trabalhos de campo etnológicos. Segundo Sredniawa (1981, p. 613, *apud* Bedani, 2019, p. 27), a "sua sólida formação em Física e Matemática desempenhou, certamente, importante papel em suas posteriores formulações acerca da perspectiva funcional na área da Etnologia". Bedani (2019, p. 29) ao se referir ao trabalho desenvolvido por Malinowski acrescentou que este "não se dedicou apenas aos trabalhos de campo e aos relatos de suas investigações, pondo-se a teorizar, também, sobre os significados etnológicos que, a seu ver, deveriam ser atribuídos aos conceitos de função e funcionalismo".

A influência das ideias de Malinowski, em especial, de seu funcionalismo antropológico, na construção do funcionalismo orgonômico é, conforme ponderou Bedani (2019, p. 26), "um tópico praticamente inexplorado" e, até onde se tem conhecimento, "não há estudos que resgatem, de forma aprofundada, o intercâmbio que os dois autores estabeleceram". Este pesquisador da obra reichiana, ao examinar "certo conjunto de concepções funcionalistas malinowskianas", identificou "alguns elementos teórico-metodológicos que contribuíram para a construção da perspectiva funcional reichiana" (BEDANI, 2019, p. 25 e 26), sendo eles: a) o primado da realidade biológica do indivíduo; b) a noção de função, de totalidade e de unidade funcional; e c) a observação participante.

Apresentaremos, a seguir, esses três elementos que, conforme Bedani (2019) e, também, ao nosso ver, tiveram influência e contribuíram para o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico.

4.3.6.2 O primado da realidade biológica do indivíduo

Um pressuposto fundamental do funcionalismo antropológico de Malinowski (1939, p. 113, tradução nossa) é que "o indivíduo deve ser estudado como uma realidade biológica". Segundo esse autor, o funcionalismo difere de todas as outras teorias sociológicas,

> [...] provavelmente no seu conceito e definição de indivíduo, mais que em qualquer outro aspecto. O funcionalista inclui em sua análise, não somente o aspecto emocional e intelectual do processo mental, mas insiste, da mesma forma, em considerar o homem em sua realidade biológica. Devendo se estudar paralelamente as necessidades do corpo e as influências do meio em suas reações culturais. (MALINOWSKI, 1939, p. 112, tradução nossa).

Assim, aceitar o homem enquanto uma entidade biológica implica, explicou Malinowski (1939, p. 113, tradução nossa), reconhecer que "existem certas condições mínimas que são indispensáveis para o bem-estar pessoal do indivíduo e para a continuação do grupo". Todo ser humano, conforme essa visão, necessitaria, a fins de sobrevivência, nutrir-se, reproduzir-se e manter-se sobre certas condições físicas, tais como, ventilação, temperatura adequada, lugares seguros de sobrevivência contra os perigos da natureza (MALINOWSKI, 1939).

Malinowski forneceu alguns exemplos de condições essenciais mínimas de sobrevivência, a que a atividade cultural necessitaria adequar-se:

> O trabalho fisiológico do organismo de cada indivíduo implica o consumo de alimentos e de oxigênio, movimento e descanso durante o sonho e a recreação. O processo de crescimento no homem necessita de proteção e cuidado em sua primeira etapa e, mais tarde, de um treinamento especial. (MALINOWSKI, 1939, p. 113, tradução nossa).

Estas seriam apenas as condições biológicas mínimas, "a maneira como elas devem ser satisfeitas dentro da cultura requer certas condições adicionais. Essas, por sua vez, dão lugar a novas necessidades que, também, precisam satisfazer-se". Ou seja, as necessidades primárias, biológicas, "não se satisfazem de forma natural por contato direto do organismo do indivíduo com o meio físico". O indivíduo, ainda que para sobreviver necessite satisfazer as suas necessidades biológicas, também, "depende do grupo em tudo aquilo que obtém", assim como, "o grupo e todos seus membros dependem do desenvolvimento material dos instrumentos que utiliza o homem e que veem a ser, em essência, um complemento à anatomia humana vinculado

às correspondentes modificações na fisiologia humana" (MALINOWSKI, 1939, p. 113, tradução nossa).

As respostas fisiológicas às condições biológicas necessárias para sobreviver são, de acordo com o pensamento desse autor, modeladas pela cultura, pois, "em matéria de nutrição o ser humano não age isoladamente e, tão pouco, se comporta meramente de acordo com sua anatomia e fisiologia; nos encontramos, nesse caso, com uma personalidade modelada culturalmente". Malinowski recorda que o apetite e a fome são regulados pelo meio social, e, com base nisso, afirmou que o processo digestivo do homem, "já não depende do ritmo fisiológico da fome e da saciedade", pois, este processo "está regulado e treinado pela rotina diária, de sua tribo, de sua nação ou de sua classe". De uma maneira geral, não somente em relação às necessidades de nutrição, "a fisiologia do indivíduo se encontra, em todas as suas partes, modificadas pelo determinismo social e cultural. O grupo modelou o indivíduo em matérias de gosto e também nas maneiras e modos de comer" (MALINOWSKI, 1939, p. 116, tradução nossa).

A antropologia não estuda o material anatômico e fisiológico do indivíduo, "mas estuda como esse material se modifica com as influências do meio" (MALINOWSKI, 1939, p. 114, tradução nossa), pois, o meio é visto como "indispensável para a realização das necessidades do indivíduo" (MALINOWSKI, 1939, p. 117, tradução nossa).

A cultura, na perspectiva funcionalista, "aparece primeiro, e sobretudo, como uma vasta realidade instrumental", constituída por "artefatos e utensílios, os códigos de organização social, ideias e costumes, crenças e valores, tudo aquilo que ajuda o homem a satisfazer suas necessidades biológicas, através da cooperação e dentro de um meio modelado e reajustado". O organismo humano, por sua vez, necessita se adequar a cultura, e dessa maneira, "se modifica durante o processo e se ajusta a um tipo de situação proveniente da cultura" (MALINOWSKI, 1939, p. 118, tradução nossa). Malinowski explicou mais detalhadamente que:

> Neste sentido a cultura é um fator condicionante, que por meio do treinamento, transmitindo profissões, ensinando uma moral e desenvolvendo o gosto, amalgama a matéria bruta da fisiologia e da anatomia humana com elementos externos, e assim completa as condições dos processos fisiológicos. A cultura produz, dessa maneira, indivíduos cujo comportamento não pode ser compreendido somente pela anatomia e pela fisiologia, mas, que precisam ser estudados através da análise do determinismo cultural, ou seja, dos processos de condicionamento. (MALINOWSKI, 1939, p. 118, tradução nossa).

Ao se indagar sobre o que haveria "de geral atrás da particularidade dos costumes e da especificidade da vida cultural de cada povo", Malinowski, conforme Durham (1986, p. 16), "estabelece que são as próprias características biológicas do homem que determinam necessidades básicas, as quais, devendo ser satisfeitas por todas as culturas, fornecem

parâmetros universais do desenvolvimento cultural". Contudo, "como a satisfação dessas necessidades básicas pode ser realizada de modos diversos, e como qualquer deles implica o estabelecimento de necessidades derivadas, também atendidas de modo específico", o que explicaria "simultaneamente a universalidade da cultura e a particularidade das culturas". Desse modo, "referindo as necessidades humanas (básicas e derivadas) a imperativos de natureza biológica, Malinowski tenta fundamentar a universalidade dos aspectos da cultura na universalidade de suas funções últimas".

O pressuposto de que "o indivíduo deve ser estudado como uma realidade biológica" (MALINOWSKI, 1939, p. 113, tradução nossa) e de que a cultura se funda em relação às necessidades biológicas humanas (MALINOWSKI, 1986) estão, conforme afirmou Bedani (2019, p. 34), "bastante afinadas com o pensamento reichiano".

Reich, inúmeras vezes, usou o termo "animal humano" para enfatizar a importância atribuída ao domínio biológico do ser humano, sendo este concebido como um animal regido por funções naturais presentes em todos os seres vivos, em especial, a sexualidade. No livro *A Função do Orgasmo*, Reich (1979a, p. 197) afirmou que "como todos os seres vivos, o homem precisa, em primeiro lugar, de satisfazer a fome e o instinto sexual. A sociedade contemporânea dificulta a satisfação da primeira e não reconhece o direito de satisfazer o segundo".

Numa aula com seus alunos, ocorrida em agosto de 1950, Reich (1990c, p. 108, tradução nossa) perguntou a eles, "De que ponto de vista devemos observar um paciente?". O paciente, assim como o ser humano de um modo geral, quando investigado pela perspectiva do funcionalismo orgonômico, deveria ser observado e entendido, primeiramente, "como um organismo vivo, do ponto de vista da biologia", pois, "se nós o olharmos do ponto de vista da família, veremos algo bem diferente". Ele indagou: "pegue o exemplo de um trabalhador. A partir de que perspectiva pode-se observar o trabalhador?". O trabalhador, afirmou Reich (1990c, p. 110-11, tradução nossa), pode ser observado de muitas perspectivas, como a cultural, a econômica, até mesmo, a perspectiva estatal, contudo, alguém que opere com base no funcionalismo orgonômico olharia "para o trabalhador a partir do ponto de vista biológico, como um organismo vivo dentro de um sistema social. Então, perguntar-se-ia, qual é a sua função e a sua influência no sistema".

No livro *O Éter, Deus e o Diabo*, como será investigado adiante nesse capítulo[124], Reich concebeu o universo e a natureza como estruturados em domínios de funcionamentos inter-relacionados, contudo, em um nível hierárquico de abrangência, em que os domínios mais

---

[124] A referida questão foi abordada, com mais detalhes, no item 4.4.5 "Uma nova perspectiva: o funcionalismo orgonômico".

amplos, ou profundos, incluiriam leis de funcionamento que se aplicariam aos domínios mais estreitos, ou superficiais. Nesse modelo, o domínio biológico seria mais amplo e mais profundo do que o domínio social. Bedani (2019, p. 35) esclarece, ainda, que “sem jamais minimizar o papel do âmbito social na existência humana, Reich, no entanto, sempre enfatizou a necessidade de não se perder de vista a anterioridade e profundidade da dimensão biológica”.

4.3.6.3 A noção de função, de totalidade e de unidade funcional

Malinowski (1986, p. 169) reconheceu “nada menos que vinte e sete predecessores” antes dele que utilizaram o método denominado, por ele, de funcionalismo. Desde os antigos historiadores gregos, como Heródoto, ao enciclopedista francês Montesquieu, até, mais recentemente, o sociólogo francês Émile Durkheim. Antes de avaliarmos as ideias de Malinowski, convém, explorarmos, introdutoriamente, como o conceito de função passou a ser aplicado no campo das ciências humanas, pois, apesar de Malinowski ser considerado o pai do funcionalismo antropológico, como ele mesmo reconheceu, não foi o primeiro cientista no campo das humanidades a usar uma abordagem funcionalista, tendo, também, sofrido influência de seus predecessores.

Radcliffe-Brown (1935, p. 394, tradução nossa), antropólogo de orientação funcionalista, contemporâneo ao Malinowski, afirmou que “o conceito de função aplicado às ciências humanas está fundamentado na analogia entre a vida social e a vida orgânica”. O reconhecimento dessa analogia e suas importantes implicações foram, conforme aponta esse pesquisador, objeto de investigações antigas que remontam a pensadores como Platão e Protágoras. Contudo, “a primeira formulação sistemática do conceito [de função] aplicado estritamente ao estudo da sociedade foi a de Émile Durkheim, em 1895”.

A “função” de uma instituição social, conforme o conceito de Durkheim, esclareceu Radcliffe-Brown (1935, p. 394, tradução nossa), “é a correspondência entre a instituição social e as necessidades de um organismo social”, no sentido de que “existem condições necessárias de existência das sociedades humanas, assim como existem as condições de existência para os organismos dos animais, e essas condições de existência das sociedades podem ser descobertas pela adequada pesquisa científica”.

A fim de compreender melhor o sentido do conceito de função nessa analogia, Radcliffe-Brown (1935, p. 394 e 395, tradução nossa) argumenta que “um organismo de um animal é uma aglomeração de células e de fluídos intersticiais organizados um em relação ao outro, não como um agregado, mas com um todo integrado”. O organismo “é uma coleção de unidades (células

ou moléculas) organizadas numa estrutura, i.e., num conjunto de relações; o organismo *tem* uma estrutura". A estrutura do organismo é, então, "definida como um conjunto de relações entre entidades". Enquanto o organismo estiver vivo ele "preserva certa continuidade da estrutura, apesar dele não preservar a completa identidade de suas partes constituintes". As partes podem mudar, por exemplo, células morrem e se regeneram, contudo, "o arranjo estrutural das unidades constituintes se mantém similar". Assim, "o processo pelo qual a continuidade estrutural do organismo se preserva é denominado vida. O processo-vital consiste nas atividades e interações das unidades constituintes do organismo, as células e os órgãos nos quais as células estão unidas".

A noção de função pode ser definida, explica Radcliffe-Brown (1935, p. 395, tradução nossa), no sentido de que "a vida de um organismo é entendida como o *funcionamento* de sua estrutura. É através da continuidade do funcionamento que a continuidade da estrutura é preservada". Assim, ao considerar qualquer parte do processo-vital, tais como o processo de respiração, digestão, etc., "sua *função* é a parte que desempenha no processo, a sua contribuição para a vida do organismo como um todo". Pode-se afirmar, então, que a parte – por exemplo, uma célula ou um órgão – "tem uma *atividade* e que essa atividade tem uma *função*", no sentido que se fala da "a secreção do fluído gástrico como a 'função' do estômago". Nota-se, dessa maneira, "que a função de um processo fisiológico recorrente é, então, a correspondência entre ele e as necessidades do organismo (i.e., condições necessárias de existência)".

A definição de função, como descrita por Radcliffe-Brown (1935, p. 396, tradução nossa), "envolve a noção de uma *estrutura*, que consiste em um *conjunto de relações* entre *unidades*, a *continuidade* da estrutura que é mantida por um *processo-vital*, que é feito de *atividades* das unidades constituintes" do organismo.

A aplicação dessa analogia, isto é, o uso do conceito de função como foi definido em relação ao processo-vital orgânico no campo do funcionamento social, implica reconhecer algumas questões, por exemplo, reconhecer as diferenças e as similaridades entre os conceitos de "morfologia social" e "fisiologia social" com os conceitos de morfologia e fisiologia na vida orgânica. Contudo, com a aplicação desses conceitos ao campo social, pôde-se definir o conceito de unidade funcional:

> A definição aqui oferecida de "função" é a contribuição pela qual uma atividade parcial desempenha em relação a atividade total, da qual ela faz parte. A função de um uso social particular é a contribuição que ele dá para a vida social total, como o funcionamento do sistema social total. Tal visão implica que um sistema social (a estrutura social total de uma sociedade junto à totalidade dos usos sociais, na qual a estrutura aparece e da qual ela depende para a sua existência continuada) apresenta certo tipo de unidade, a qual nós podemos nos referir como uma unidade funcional. Nós podemos definí-la

> como a codição em qual todas as partes do sistema social trabalham conjuntamente, com suficiente grau de harmonia e consistência interna, i.e., sem produzir conflitos persistentes os quais não podem ser nem resolvidos e nem regulados. (RADCLIFFE-BROWN, 1935, p. 397, tradução nossa).

A teoria funcional, baseando-se na analogia entre a vida social e a vida orgânica permitiu, permitiu estabelecer que, da mesma forma que a doença orgânica apareceria em decorrência de uma disfunção corporal, também a sociedade poderia sofrer de uma disfunção. Conforme afirmou Radcliffe-Brown (1935, p. 397, tradução nossa), "os gregos do V Sec. A.C. pensaram ser possível aplicar a mesma noção à sociedade, às cidades estados, distinguindo condições de *eunomia*, boa ordem, saúde social, da *dysnomia*, desordem, doença social". Durkheim, no século dezenove, com sua aplicação do conceito de função ao campo das ciências humanas, procurou "lançar as bases para uma patologia social científica, baseado numa morfologia e numa fisiologia".

Enquanto método utilizado em abordagens antropológicas, o funcionalismo antropológico de Malinowski (1986, p. 170) "preocupa-se com a clara compreensão da natureza dos fenômenos culturais, antes que esses sejam submetidos a manipulações especulativas posteriores". Uma investigação funcionalista da cultura, segundo esse antropólogo, seria orientada por questões, como as seguintes:

> Qual é a natureza, a realidade cultural, do casamento humano e da família, de um sistema político, de um empreendimento econômico ou de um procedimento legal? Como esses fatos podem ser tratados através da indução de maneira a produzir generalizações científicas válidas? Há algum esquema universal, aplicável a todas as culturas humanas, que possa ser útil como um guia para o trabalho de campo e como um sistema de coordenadas no estudo comparativo, seja ele de caráter histórico, evolutivo ou que simplesmente almeje chegar às leis gerais de correspondência? (MALINOWSKI, 1986, p. 170).

O funcionalismo antropológico, portanto, se caracterizaria, segundo Malinowski (1986, p. 170), por estudos "que contêm uma apreciação não apenas de fatos isolados, mas de relações e vínculos essenciais", em oposição ao que esse autor se referiu como uma abordagem antifuncional, a qual assumira ser "possível isolar itens singulares de seu contexto cultural" e que definiria "a forma como completamente desvinculada da função". A abordagem funcional, por outro lado, considera que "a forma está sempre determinada pela função e que, a menos que possamos estabelecer essa determinação, não poderemos usar os elementos formais em uma argumentação científica" (MALINOWSKI, 1986, p. 171).

Durham (1986, p. 11) explica que o funcionalismo antropológico está fundado "numa crítica radical a certos postulados e métodos da antropologia clássica (evolucionista ou

difusionista), crítica essa, aliás, que Malinowski partilha com todos os autores designados como funcionalistas". O fundamento dessa crítica, segundo essa autora,

> [...] dirige-se à natureza das unidades de análise empregadas pelos autores clássicos, nos quais a comparação procede a um desmembramento da realidade em itens separados de seu contexto cultural. A manipulação desses fragmentos leva à composição de categorias nas quais o arranjo entre as partes é imposto pelo investigador e não pode, portanto, conferir uma unidade real ao objeto. Perde-se assim a possibilidade de atingir o significado desse objeto. (DURHAM, 1986, p. 41).

A crítica de Malinowski aos pressupostos da antropologia clássica, conforme explica Durham (1986, p. 11), sustenta-se na "afirmação de que os elementos culturais não podem ser manipulados e compostos arbitrariamente, porque fazem parte de sistemas concretos definidos, e sua natureza e sentido dependem da posição que ocupam nesse sistema". O pressuposto de que "a realidade social só pode ser apreendida enquanto sistema constitui a base e a origem dos conceitos de totalidade, de integração e de inter-relação funcional na análise da cultura", sendo esses, conceitos centrais do funcionalismo antropológico.

Malinowski (1986, p. 171 e 172) definiu, como sendo os seguintes, os axiomas de sua perspectiva funcionalista da cultura: a) "A cultura é, essencialmente, um aparato instrumental; através dela o homem é colocado em posição de melhor tratar os problemas concretos específicos que enfrenta em seu ambiente, no decurso da satisfação de suas necessidades"; b) "É um sistema de objetos, atividades e atitudes, no qual cada uma das partes existe como um meio para um fim"; c) "É uma totalidade, em que os diversos elementos são interdependentes"; d) "Tais atividades, atitudes e objetos estão organizados em torno de tarefas importantes e vitais, em instituições", como a família, a política, o sistema de leis, as atividades educacionais e econômicas; e) "Do ponto de vista dinâmico, isto é, com relação ao tipo de atividade, a cultura pode ser analisada sob diversos aspectos, tais como educação, controle social, economia, sistemas de conhecimento, crença e moral, e, também, modos de expressão criativa e artística".

Todo processo cultural, segundo Malinowski (1986, p. 172 e 173), envolve sempre, as três dimensões da realidade social, a saber, "os artefatos, os grupos organizados e o simbolismo", as quais estão "intimamente relacionadas entre si". Além disso, "a forma de uma realidade sociológica não é uma figuração ou uma abstração. É um tipo de comportamento, característico de qualquer relação social". Esse autor explicou que "é impossível isolar o aspecto material do comportamento social ou desenvolver uma análise social completamente separada dos aspectos simbólicos, na medida em que as três dimensões da realidade cultural participam de cada etapa do processo".

A inter-relação e integração funcional das três dimensões da realidade social apresentam-se como a totalidade de um processo cultural o qual não pode ser retalhado arbitrariamente pelo pesquisador:

> Deixamos assim estabelecido que a totalidade de um processo cultural envolvendo o substrato material da cultura, ou seja, os artefatos; os laços sociais humanos, ou seja, modos padronizados de comportamento; e os atos simbólicos, ou seja, as influências de um organismo sobre o outro através de estímulos reflexos condicionados é uma totalidade que não podemos retalhar, isolando objetos da cultura material, sociologia pura ou linguagem como um sistema contido em si mesmo. (MALINOWSKI, 1986, p. 174).

Malinowski (1986, p. 176 e 177) reconheceu que "não há dúvidas de que, na ciência, devemos isolar tanto quanto estabelecer relações", contudo, "se não pudesse mostrar alguns isolados ou unidades que contêm limites naturais para a coordenação e a correlação, o funcionalismo nos levaria a um atoleiro de objetos relacionados e contra-relacionantes". Admitindo que "tais isolados naturais realmente existem", esse autor considerou que essas unidades funcionais "devem constituir a fundamentação de qualquer análise cultural profunda". Sobre a unidade funcional e sua importância para o funcionalismo antropológico, Malinowski afirmou:

> De fato, o isolado funcional é concreto, isto é, pode ser observado como um agrupamento social definido. Tem uma estrutura válida universalmente para todos os tipos de isolados; e é um verdadeiro isolado na medida em que pudermos não apenas enumerar seus fatores abstratos, mas também delinear concretamente o seu contorno. O funcionalismo não teria o direito real de tratar da cultura em seus aspectos fundamentais, tais como os educacionais, legais, econômicos, ou aqueles pertinentes ao conhecimento primitivo ou desenvolvido e à religião, se não fosse capaz de analisar e, portanto, definir cada um deles e relacioná-los com as necessidades biológicas do organismo humano. (MALINOWSKI, 1986, p. 177).

Fundamentado na sua teoria das necessidades biológicas, Malinowski (1986, p. 177) definiu o conceito de função "não apenas através de expressões vazias, como 'a contribuição que uma atividade parcial faz para a atividade total da qual é uma parte'", mas, nas suas palavras, "através de uma referência muito mais definida e concreta àquilo que realmente acontece e que pode ser observado". A definição de função "pode ser obtida mostrando que as instituições humanas – tanto quanto as atividades parciais dentro delas – estão relacionadas a necessidades primárias, isto é, biológicas, e a necessidades derivadas, ou seja, culturais". Assim, "a função significa sempre a satisfação de uma necessidade" que, para esse pensador, estaria presente "do mais simples ato de comer ao desempenho sacramental em que o tomar a comunhão relaciona-se com todo um sistema de crenças, determinado pela necessidade cultural de estar em harmonia com o Deus vivo".

As noções de unidade funcional e de totalidade como inter-relação de partes integradas estão muito presentes na obra reichiana, tanto em seu período inicial, quanto no período da orgonomia, quando Reich passou a operar com a noção de princípio de funcionamento comum, o qual será abordado em detalhes adiante (ver item 4.5.4).

Antes de estabelecer contato com a obra de Malinowski, conforme lembrou Bedani (2019, p. 33), "Reich havia se interessado profundamente, na fase inicial de sua carreira, por teorias vitalistas de caráter sistêmico, que defendiam a tese de que o organismo vivo seria regulado por uma lógica especial e inacessível às leis mecanicistas". Além das teorias vitalistas, o materialismo dialético – outra perspectiva que exerceu forte influência no pensamento reichiano -, também, opera com conceitos que estão orientados por uma visão sistêmica, concebendo os fenômenos da natureza em termos de processos inter-relacionados, cuja dinâmica, a fim de ser apreendida, necessita de uma visão do todo e não das partes.

Contudo, segundo Bedani (2019, p. 33), "é de se suspeitar que o funcionalismo reichiano tenha sido impactado, também, pelo funcionalismo do colega antropólogo", especialmente, pelas noções de unidade funcional e todo integrado, que são frequentemente utilizadas nos textos do período orgonômico de Reich. No subitem 4.5.4 apresentar-se-á uma investigação detalhada dos conceitos de princípio de funcionamento comum e de "todo" enquanto uma unidade funcional, os quais, em nossa leitura, apresentam uma herança do funcionalismo de Malinowski.

4.3.6.4 Observação participativa

A interpretação realizada por Malinowski da vida dos trobriandeses, segundo Durham (1986, p. 10) "se apóia numa imensa riqueza de informações que traduz a valorização dos dados empíricos, cuja coleta, para Malinowski, é simultaneamente uma ciência e uma arte". Pois, conforme essa autora explicou, ele jamais se contentou "com uma única informação de um informante", ao invés disso, ele cotejou diferentes informações, verificou-as "através da observação direta do comportamento das pessoas em situações sociais específicas", examinou "a coerência daquilo que observou diretamente com informações paralelas", e, analisou "o conteúdo emocional do comportamento manifesto".

Barretto (1983, p. 13) explica que entre as proposições metodológicas do funcionalismo antropológico de Malinowski consta uma que diz: "deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Isso sugere contato direto com os nativos, sem intermediários". O antropólogo deve

agir dessa maneira a fim de capturar a verdadeira essência da vida real, pois a vivência real "jamais adere rigidamente a uma regra, a uma fórmula". A vivência real, na aldeia, é necessária afim de se preencher "o esqueleto vazio das construções abstratas", pois, há fatos "que não podem ser captados com questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em plena realidade".

No seu livro autobiográfico, *People in Trouble* ("Pessoas com Problemas"), publicado, originalmente, em 1953, Reich mencionou esse princípio de investigação que propõe ao pesquisador "viver funcionalmente", isto é, "vivenciar na pele" aquilo que se pretende conhecer, o qual foi formulado por Malinowski:

> É impossível manejar funções vitais sem vivenciá-las plenamente. Nenhum mineiro pode extrair carvão enquanto evitar a mina. Nenhum engenheiro pode construir uma ponte sobre um abismo sem correr o risco real de cair nele. Nenhum médico pode curar uma doença infecciosa sem correr o risco de ele próprio vir a se contaminar. Quem nunca se casou nada sabe sobre o casamento, e quem nunca deu à luz ou, ao menos, ajudou no parto de uma criança sabe o que isso vem a ser. [...] Quando Malinowski decidiu estudar culturas antigas, ele foi para as Ilhas Trobriand, onde viveu com as pessoas em suas choupanas, compartilhando de suas vidas e amores. Dessa forma ele descobriu o funcionalismo na etnologia. *Para pensar funcionalmente, você precisa viver funcionalmente* (REICH, 1976, p. 11, tradução nossa, grifo do autor).

Vale lembrar que, antes de empreender estudos sociológicos e de entrar em contato com a obra de Malinowski, Reich atuou como psicanalista e, que a sua prática clínica, que se desenvolveu na técnica de análise do caráter, propunha como essencial que o psicanalista prestasse atenção não somente ao que o paciente dizia, mas que envolvesse todas as manifestações corporais do paciente como foco de análise, o que exigia do terapeuta uma observação participativa muito mais apurada do que aquela utilizada por psicanalistas ortodoxos. Assim, já nos primórdios de seu trabalho clínico, Reich apresentava afinidade com a proposição malinowskiana de observação participativa.

4.3.6.5 Considerações gerais

É possível que investigações mais aprofundadas revelem outras heranças epistemológicas e pontos de convergência entre o funcionalismo malinowskiano e o funcionalismo reichiano. Esse item limitou-se apenas aos três temas de caráter epistemológico e metodológico que conseguimos perceber presentes no desenvolvimento do funcionalismo orgonômico. Outros temas de caráter sociológicos da obra de Malinowski, que tiveram impacto sobre as formulações sociológicas reichianas, cuja importância para a compreensão do

pensamento reichiano não se deve menosprezar, ficaram ausentes da nossa investigação, por restringir-nos aos objetivos do capítulo, ou seja, empreender uma investigação mais diretamente relacionados à dimensão epistemológica do funcionalismo orgonômico.

4.4 A SENSAÇÃO DE ÓRGÃO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NATURAL E A CRÍTICA AO MECANICISMO E AO MISTICISMO

4.4.1 O conceito de sensação de órgão

Um dos pressupostos da técnica funcional de pensar é que o ser humano, segundo Reich (2002, p. 54), “não pode pensar, postular ou fazer nada que não esteja de algum modo enraizado em sua estrutura biopsíquica”, pois “o aparelho biopsíquico do homem é o meio através do qual todas as funções internas e externas têm que passar antes de se tornar pensamentos ou atos”.

Reich se fundamentou nos pressupostos da psicologia celular, a qual concebia que as funções de sensação e percepção, são propriedades da matéria viva, presentes em todos os organismos vivos (ver item 4.3.4 a adesão de Reich à psicologia celular).

Bedani (2013a, p. 26) afirma que “Reich sofreu forte influência da teoria protoplasmática e valeu-se dela para formular seu entendimento a respeito da apreensão sensorial”. Segundo esse comentador, “ele a reexaminou de uma singular perspectiva energética – perspectiva essa que permeou, aliás, toda sua produção”. De acordo com a concepção reichiana, o plasma corporal dos organismos vivos apresenta movimentos que estão relacionados à pulsação e ao funcionamento da energia orgone. Por isso, esses movimentos plasmáticos foram, também, denominados de correntes orgonóticas. As funções de percepção e sensação estariam diretamente relacionadas à capacidade do plasma em mover-se livremente, naturalmente.

No dizer de Reich (2003, p. 86), “a sensação é o crivo através do qual são percebidos os estímulos internos e externos; ela forma a ponte entre ego e mundo externo”. Para ele, essa concepção acerca da função da sensação seria “um fato estabelecido, tanto entre os filósofos naturais como entre os cientistas naturais conscientes de seus métodos de investigação” (REICH, 2003, p. 86).

Com base nas suas concepções energéticas, Reich (2003, p. 87) definiu a sensação como:

> [...] uma função – a função de uma membrana delimitadora que separa o sistema vivo do oceano de orgone circundante. Através dessa membrana, o corpo vivo orgonótico se comunica com todos os outros sistemas de orgone.

> Não é por acidente que os nervos sensoriais desenvolvem-se a partir do ectoderma, a camada germinativa mais externa da gástrula.

Para Reich (2003, p. 63), “uma vez que o plasma corporal é o receptor e transmissor de todas as impressões, um sistema plasmático que flui livremente deve receber impressões que diferem de um sistema aprisionado ou encouraçado”. Durante o seu trabalho clínico, ele percebeu que “o organismo encouraçado não sente corrente plasmática de nenhuma espécie, em nítido contraste com o organismo desencouraçado. Na mesma proporção em que se afrouxa a couraça aparecem sensações de correntes [...]” (sobre “sensações de correntes” ver item 2.3 já desenvolvido).

A asserção de que “a atitude para com a vida, a ‘imagem do mundo’, depende do funcionamento do plasma corporal” estaria provada de modo inequívoco para Reich (2003, p. 66), uma vez que este julgou ter capacitado, na sua atividade clínica, “um grande número de organismos encouraçados a experimentar o fluxo de sua corrente orgonótica”.

A capacidade de um organismo em experimentar o fluxo de corrente orgonótica - que ocorre quando o plasma corporal está livre para mover-se de acordo com a pulsação orgonótica natural -, implica na capacidade de perceber a realidade com base em impressões dos sentidos que espelham o funcionamento da natureza, sem bloqueios ou distorções.

Reich (2003, p. 66 e 67) denominou de sensação de órgão a função de sensorialidade que estaria presente no plasma corporal, que na sua visão, seria a base das impressões dos nossos sentidos,

> basicamente, a natureza dentro e fora de nós só é acessível ao nosso intelecto através das impressões de nossos sentidos. As impressões dos sentidos são essencialmente sensações de órgãos ou, em outras palavras, *procuramos às apalpadelas o mundo à nossa volta através dos movimentos dos órgãos (= movimentos plasmáticos).* Nossas emoções são a resposta à impressão do mundo que nos cerca. Tanto na percepção como na autopercepção, a impressão sensorial e a emoção se fundem para formar uma unidade funcional. (REICH, 2003, p. 66 e 67).

Com base em tais considerações, Reich (2003, p. 67) concluirá que “*a sensação de órgão é o instrumento mais importante da pesquisa científica natural*”[125]. Ele recorda que “a descoberta da energia orgone ocorreu através de um estudo consistente e minucioso das funções

---

[125] Apesar de parecer muito ousada, essa afirmação se refere a um dos alicerces fundamentais da estrutura teórica do funcionalismo orgonômico, pois, como será investigado, no decorrer do capítulo, por trás do conceito de “sensação de órgão” localizam-se as concepções e as noções fundantes da metodologia da orgonomia. Em nosso entendimento, o referido conceito agrega uma série de pressupostos (metodológicos, epistemológicos, cosmológicos, energéticos etc.) que caracterizam a crítica reichiana aos demais modos de conhecer e que, ao mesmo tempo, se constitui na sua identidade epistemológica. Está fora do escopo da presente pesquisa realizar uma crítica epistemológica ao referido. Bedani (2013a), em sua tese de doutorado, investigou com mais profundidade o conceito em questão, descrevendo as suas origens e apontado as suas relações com os outros conceitos do funcionalismo orgonômico.

de energia, primeiro na esfera da psique e, posteriormente, na esfera do funcionamento biológico. O material dessa pesquisa foi a sensação de órgão” (REICH, 2003, p. 67). O conceito de sensação de órgão, a sua relação com o encouraçamento e a sua importância para o funcionalismo orgônomico serão desenvolvidos nos itens seguintes.

4.4.2 Encouraçamento e seu prejuízo na função de sensação de órgão

Ao se indagar repetidas vezes sobre “*por que motivo o homem, ao longo de milhares de anos, sempre que construiu sistemas científicos, filosóficos ou religiosos, errou o caminho com tamanha persistência e com consequências tão catastróficas?*”, Reich (2003, p. 17 e 18) afirmou ter identificado três conceitos, que segundo sua suposição seriam equívocos presentes nos pensamentos mecanicista e místico vigentes: o perfeito, o divino e o estático. Para esse autor, “se olharmos para o centro destes vastos erros, encontraremos o elemento *estático* inúmeras vezes. Ele permeia continuamente todos os conceitos científicos” (REICH, 2003, p. 21).

Considerando, como correta a sua suposição no sentido de “que os grandes erros nos sistemas de pensamento humano estão relacionados aos conceitos de estático-absoluto”, Reich (2003, p. 36) colocou duas questões centrais a serem enfrentadas ao iniciar uma nova orientação científica que fosse capaz de superar esses equívocos por ele diagnosticados: 1) “investigar por que o animal humano, contrariando todas as experiências sensoriais na natureza, adere invariavelmente ao estático absoluto, isto é, ao imóvel, à culpa”[126]; e 2) “determinar se o ‘absoluto’ corresponde a uma realidade qualquer na natureza objetiva”.

A resposta fornecida por Reich (2003, p. 51) às suas próprias indagações é a de que “o erro humano desnecessário é uma qualidade patológica do caráter humano”. Segundo ele, haveria “uma catástrofe não compreendida no desenvolvimento biossocial do animal humano”, a qual teria, como mecanismo central, o encouraçamento biológico (REICH, 2003, p. 53).

> De agora em diante, procuraremos a origem da tendência para errar no encouraçamento do animal humano. Esse encouraçamento é a única função conhecida no homem que se caracteriza pela imobilidade. Ela trabalha contra a mobilidade das funções vitais e se originou como mecanismo inibidor. A imobilidade que nos espanta como a marca de todos os erros humanos – o estático, o absoluto, o irremovível, o eterno – poderia muito bem ser uma expressão do encouraçamento humano. Poderíamos aceitar essa conclusão

[126] Cabe esclarecer que a culpa, em nossa leitura, se constitui num dos elementos de repressão, originada da moral sexual repressiva, cuja expressão biofísica se manifesta na imobilização do fluxo energético no corpo, sendo este, provavelmente, o motivo de Reich ter associado a culpa ao “imóvel” ou ao “estático”. Vale lembrar que a couraça funciona agindo na imobilização da energia orgone pelo corpo e, que a culpa, entre outros elementos repressivos da moral, tais como a vergonha e o nojo, atua como uma força psíquica constituinte da couraça.

> somente se os traços essenciais do errar humano fossem idênticos aos traços essenciais do encouraçamento, bem conhecidos a partir das observações clínicas. Teríamos assim ganho em parte um fundamento seguro, de onde poderíamos julgar nossa perspectiva científica. Faríamos a diferenciação clara entre as expressões de vida do animal humano, isto é, sua mobilidade, por um lado, e seu encouraçamento e bloqueio resultante, por outro. (REICH, 2003, p. 53-54).

Nos organismos encouraçados, afirmou Reich (2003, p. 62) "cujas funções plasmáticas estão obstruídas pelo encouraçamento crônico e autônomo", a sensação de órgão não conseguiria perceber a realidade de modo a captar o seu funcionamento natural, de forma análoga a um espelho arranhado, que cuja imagem refletida estaria distorcida.

Reich (2003, p. 61) é enfático ao dizer que "o *organismo vivo percebe o seu ambiente e a si mesmo somente através de suas sensações*", e que a função de percepção no organismo encouraçado estaria condicionada à capacidade de mobilidade do seu plasma corporal:

> *Exatamente como todas as emoções e reações na vida brotam de sensações de órgãos e movimentos expressivos e correspondem a eles; exatamente como o organismo vivo forma idéias do mundo que o cerca a partir das impressões que derivam das expressões do mundo à sua volta; do mesmo modo todas as emoções, reações e idéias do organismo encouraçado estão condicionadas pelo seu próprio estado de mobilidade e expressão.* [...] *O ser desencouraçado percebe a si mesmo e ao mundo circundante de uma maneira essencialmente diferente do organismo encouraçado.* Uma vez que a percepção de si realmente colore todas as outras sensações, e dado que a sensação é o filtro através do qual o mundo se torna manifesto para nós, o tipo de sensação determina o tipo de percepção e de julgamento. [...] (REICH, 2003, p. 59 e 60).

Nas suas reflexões sobre o papel da sensação de órgão como função de contato com a realidade nos organismos, Reich (2003, p. 62) passou, então, a operar com duas formas de vida essencialmente distintas: a do organismo desencouraçado e a do organismo encouraçado. Segundo ele, "*uma é o organismo vivo que funciona sem distúrbios, com base nos processos naturais. A outra é o organismo vivo cujas funções plasmáticas estão obstruídas pelo encouraçamento crônico e autônomo*". Ao nosso ver, essas duas formas básicas de categorizar o funcionamento dos organismos, precisa ser flexibilizada, ou, talvez, melhor esclarecida. Acreditamos que, conforme pôde-se depreender da leitura de outros textos de Reich, não há organismo humano sem algum nível de encouraçamento, pois certo nível de encouraçamento se faz necessário para a própria sobrevivência. Contudo, quando Reich, em 1949, no livro *O Éter, Deus e o Diabo*, fez essa demarcação teórica sobre dois tipos básicos de funcionamento, "encouraçado" e "desencouraçado", entendemos pelo primeiro termo, como os organismos humanos cujo encouraçamento encontra-se num nível crônico, o que prejudicaria o contato com as suas sensações de órgão, e pelo segundo termo, os organismos que, ainda que possam

apresentar algum nível de encouraçamento, gozam de certa potência orgástica e estão mais aptos a entrarem em contato com suas sensações de órgão.[127]

4.4.3 Mecanicismo e misticismo

Reich (2003) estava consciente de que uma das maiores dificuldades metodológicas que a ciência natural tem de enfrentar refere-se ao problema de conseguir se libertar do ponto de vista subjetivo, almejando com isso ser capaz de realizar julgamentos exatos e descrever funções objetivas da natureza. Contudo, para esse autor, "nenhum julgamento é independente da percepção sensorial individual, e a percepção sensorial pertence ao sistema sensorial *subjetivo* do cientista. Espera-se que ele seja 'objetivo', apesar de jamais conseguir se libertar do ponto de vista subjetivo" (REICH, 2003, p. 45 e 46).

Partindo da concepção de que "a visão física da natureza resulta da constituição biológica do observador da natureza" e de que "a imagem de mundo não pode ser separada do criador da imagem de mundo" (REICH, 2003, p. 87) e, após concluir que existe uma relação entre o encouraçamento e o modo com que as pessoas pensam e sentem, Reich agrupou o modo de pensar das pessoas encouraçadas em dois grandes sistemas de pensamento: o mecanicismo e o misticismo. O mecanicismo estaria associado à doutrina do materialismo e o sob o vocábulo misticismo, Reich agrupou o idealismo, a metafísica e o espiritualismo.

Segundo Reich (2003), esses dois grandes sistemas de pensamento seriam decorrentes da civilização patriarcal, estariam em vigência na nossa civilização durante os últimos cinco mil anos e se revelariam na estrutura de caráter humano, que modelaria o modo de sentir e de pensar das pessoas.

Para Reich (2003, p. 11), o mecanicista seria "a pessoa encouraçada, mecanicamente rígida", que "pensa de forma mecanicista, produz ferramentas mecanicistas e cria uma concepção mecanicista da natureza". Devido ao seu encouraçamento, o mecanicista não teria contato com as excitações orgonóticas em seu corpo, o que lhe impediria de perceber e entender o funcionamento dos eventos naturais regidos pelos movimentos da energia *orgone*, tanto no seu corpo quanto na natureza fora dele. Já o místico seria "a pessoa encouraçada que sente as excitações de seu corpo orgonótico apesar de sua rigidez biológica, mas que não as compreende [...]. Ele não se interessa pelas coisas 'materiais', mas sim pelas espirituais". O pensamento do homem místico seria caracterizado por construir "uma idéia mística, sobrenatural, da natureza".

---

[127] Tecemos alguns outros comentários a esse respeito no subitem 4.4.4 adiante.

Segundo Reich (2003, p. 95), "o homem primitivo animou a natureza de acordo com suas próprias sensações e funções; ele as *animou* mas não as considerou como místicas, como fez seu sucessor várias centenas de anos depois". O pensamento místico estaria caracterizado por "*uma mudança de impressões sensoriais e sensações de órgão para algo irreal e além deste mundo*".

O animismo e o misticismo teriam como ponto em comum o processo de animar a natureza com a projeção de sensações corporais. A diferença entre esses dois sistemas de pensamento "*é que o primeiro projeta sensações de órgão naturais, não distorcidas, enquanto o último projeta sensações não naturais, pervertidas*" (REICH, 2003, p. 96). Tanto o animista quanto o místico "tocam superficialmente uma realidade", contudo, "a distorção da realidade se transforma em absoluto ou fantástico no homem místico, enquanto a animação da matéria inanimada caracteriza o animista" (REICH, 2003, p. 101 e 102).

Para Reich (2003, p. 99), "a essência do misticismo reside no conceito de autonomia sobrenatural de emoções e sensações". Segundo ele, "todo conceito de natureza baseado na autonomia das emoções" seria místico, "independentemente dos próprios pontos de vista que manifestou". Ele afirma que concepções tais como o espiritualismo religioso, o paralelismo psicofísico e, em certa medida, o próprio mecanicismo seriam místicas, pois não conseguiriam compreender as emoções e as sensações "em termos de excitações concretas, fisiologicamente tangíveis".

Esse autor (2003, p. 101) esclareceu mais detalhadamente que,

> *O misticismo está enraizado em um bloqueio das sensações de órgão diretas e no reaparecimento dessas sensações na percepção patológica de 'poderes sobrenaturais'*. Isto é verdade para o espiritualista, o esquizofrênico, o físico religioso e qualquer tipo de paranoico. Se uma pessoa mística tentar descrever a natureza a partir das condições prévias dadas por sua estrutura de caráter, produzirá apenas uma imagem da realidade que, embora reflita processos reais, não está em harmonia com processos objetivos e sim distorcida [...].

Em *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, Reich (1990a, p. 2, tradução nossa) afirmou que o desenvolvimento do pensamento funcional baseou-se em uma convicção não provada, ou seja, em uma conjectura: "*A vida emocional humana não é de origem sobrenatural. Ela localiza-se dentro dos limites da natureza e é passível de investigação. Semelhante ao restante da natureza, ela obedece às leis funcionais da matéria e da energia*".

Essa sua convicção, segundo Reich (1990a, p. 2, tradução nossa), precisou lutar contra dois fatos: a) a incapacidade da doutrina mecanicista-materialista – em especial, da química, da física e da matemática – em descrever funcionalmente a vida emocional, pois essa doutrina só

conseguiria acessar “domínios não essenciais da vida”; e b) a fundamentação do campo das emoções, para a maior parte das pessoas, “em poderes místicos, sobrenaturais, que estão universalmente baseados, de alguma forma, na ideia de uma entidade divina que existe para além do âmbito de todas as percepções sensoriais”.

No curso de sua obra, segundo Bedani (2007a, p. 41), Reich “esforçou-se em determinar as bases ‘físicas’ dos processos emocionais; suas pesquisas levaram-no, então a concluir que as emoções não se originam de esferas ‘sobrenaturais’, mas sim, de profundos processos bioenergéticos”. O entendimento de Reich (1990a, p. 2, tradução nossa) era no sentido de que “a vida humana emocional acha-se localizada *dentro* do domínio dos processos naturais compreensíveis”.

Por “mecanicista”, Reich (2003, p. 31 e 32) considerou “uma composição ainda indefinida de diversos conceitos agrupados em volta da matéria e seu movimento”. Esses conceitos estariam relacionados a uma concepção que conferiria à matéria os atributos de ser “estática, visível, palpável, inalterável, regida pela lei da ‘conservação da matéria’, movida por uma ‘força’ absoluta, eterna, em forma de átomos e ‘poeira cósmica’”. As ideias de *absoluto* e o *estático* eram assumidas como atributos dos conceitos mecanicistas, “até por aquelas escolas de psicologia com orientação dinâmica, como a de Freud, na forma de idéias inconscientes preestabelecidas”.

Além dessas características, o pensamento mecanicista, seria caracterizado, também, pelo perfeccionismo, uma característica não encontrada na natureza, pois esse sistema de pensamento não tolera incertezas e fluxos imprevisíveis, diferentemente dos processos na natureza, que seriam caracterizados pela imprevisibilidade e imprecisão. Conforme afirmou Reich (2003, p. 89-90):

> O físico mecanicista típico pensa de acordo com os princípios da construção da máquina, a quem serve em primeiro lugar. Uma máquina deve ser perfeita. Portanto, o pensamento e a ação do físico devem ser ‘perfeitos’. *O perfeccionismo é uma característica essencial do pensamento mecanicista*. Não permite erros. Incertezas e situações em fluxo são indesejáveis. O mecanicista trabalha com modelos artificiais da natureza quando faz experimentos. O experimento mecanicista do século XX perdeu as características essenciais da investigação autêntica – o controle e a imitação de processos naturais, que caracterizaram o trabalho de todos os pioneiros nas ciências naturais. Todas as máquinas do mesmo tipo são semelhantes até o mais ínfimo detalhe. Desvios são considerados imprecisões. No campo da construção de máquinas, isto é bastante correto. Porém esse princípio conduzirá ao erro se for aplicado a processos da natureza. A natureza é imprecisa, a natureza não opera mecanicamente e sim funcionalmente. Portanto, o mecanicista sempre se contrapõe à natureza quando usa seus princípios mecanicistas. Há uma harmonia regrada de funções naturais que permeia e governa todos os seres. Porém a harmonia e a existência de leis não são a camisa de força mecânica que o homem mecanicista impôs ao seu caráter e à sua civilização. A civilização mecanicista é um desvio da lei da natureza;

> mais ainda, é uma perversão da natureza, uma variante extremamente perigosa [...]

Reich tinha consciência, desde o início de sua obra, de que a teorização científica não era indissociável de visões de mundo e concepções epistemológicas (BEDANI, 2012; REICH, 1942). Segundo Bedani (2012), já nos primórdios de seu trabalho, Reich chegou à conclusão de que estes dois sólidos sistemas de pensamento concorriam na explicação dos fatos, ou seja,

> a concepção mecano-materialista, que pretendia reduzir todo e qualquer evento às leis da mecânica e à ação das partículas subatômicas; e a concepção espiritualista, que procurava explicar os acontecimentos naturais ou sociais por meio da ação de forças extra-físicas (REICH, 1950b/1990) (BEDANI, 2012, p. 110).

Bedani (2012, p. 111) afirma que Reich não acreditava que o mecanicismo estivesse errado *a priori*. O problema para ele, com essa concepção, era a sua pretensão arrogante em tentar abarcar todos os domínios da realidade. Apesar de suas ferramentas conceituais permitirem desvelar os eventos mecanicamente determinados, o mecanicismo "se mostrava muito limitado, porém, para retratar os estratos profundos do funcionamento da vida ou do Cosmo". Em relação às doutrinas espiritualistas, explica Bedani que Reich nunca foi adepto da ideia de que o Universo seria povoado por entidades sobrenaturais, "mas procurou entender por que essa crença dominava grande parte da humanidade".

O mecanicismo e o misticismo, conforme afirma Reich (2003, p. 126), "se combinam para formar uma imagem de vida nitidamente dividida, com um corpo consistindo em substâncias químicas *aqui* e uma mente ou alma *ali*, misteriosa e inexplorável, inacessível como só mesmo o próprio Deus". Não foi ao acaso que essa cisão entre o corpo e a alma ocorreu, ela decorreu das relações entre a sociedade e a formação caracterológica das pessoas, mais especificamente, da maneira como a sociedade patriarcal, regida por uma moral sexualmente repressiva, impediu o funcionamento natural das pessoas.

Por volta de 1928, quando a análise do caráter estava sendo desenvolvida, Reich (1990a, p. 23, tradução nossa) procurou evidenciar a importância do meio social para a formação do caráter ao sustentar que:

> A análise do caráter descobriu que a origem social de uma pessoa acha-se fixada, de forma congelada, em seu caráter. Ao modificar os impulsos instintuais, as organizações sociais produzem a estrutura de caráter típica, e a estrutura de caráter dos seres humanos de uma determinada época reproduzem as instituições sociais e suas correspondentes ideologias.

No entendimento de Reich, conforme explica Bedani (2007a, p. 86), o sistema social dominante "procura moldar (e domar) a estrutura de caráter, nela embutindo conceitos

tradicionalistas que negam a vida, amortecem a sexualidade e abafam as capacidades reflexivas". Dessa maneira, valores autoritários e patriarcais são disseminados milenarmente por meio da estrutura de caráter das pessoas.

Os dois sistemas de pensamento empregados pela humanidade, "o *mecanicismo* (materialismo, atomismo, quimismo etc.) e o *misticismo* (idealismo, metafísica, espiritualismo etc.), os quais remontam milhares de anos de desenvolvimento", segundo Reich (1990a, p. 2, tradução nossa), "são mantidos por poderosas organizações sociais".

Essa intrincada dinâmica entre a formação do caráter e a propagação das ideologias mecanicistas e místicas é, mais detalhadamente, descrita por Reich (2003, p. 12):

> Tanto o mecanicista quanto o místico se situam dentro dos limites e leis conceituais de uma civilização que é governada por uma combinação contraditória e assassina de máquinas e deuses. Essa civilização forma as estruturas mecanicistas e místicas dos homens; e as estruturas de caráter mecanicistas e místico não param de reproduzir uma civilização mecanicista e mística. Tanto os mecanicistas quanto os místicos se encontram no interior do arcabouço da estrutura humana numa civilização condicionada pelo mecanicismo e pelo misticismo. Não conseguem captar os problemas básicos dessa civilização porque seu pensar e sua filosofia correspondem exatamente à condição que projetam e continuam a reproduzir.

A origem do errar humano na construção dos seus sistemas científicos, filosóficos ou religiosos remonta, no entendimento de Reich, portanto, ao processo de encouraçamento empregado pela civilização para formar e domar as estruturas de caráter das pessoas. Cortando e impedindo o contato do organismo com suas excitações orgonóticas, no caso das estruturas mecanicistas, ou distorcendo as suas sensações de órgão em percepções que não refletem processos objetivos da natureza, no caso das estruturas místicas, a civilização humana ao formar estruturas de caráter encouraçadas impediu o organismo humano de desenvolver um sistema de pensamento capaz de acessar os domínios de funcionamento mais profundos da natureza.

4.4.4 Considerações sobre a crítica reichiana ao mecanicismo e ao misticismo

As críticas que Reich teceu ao mecanicismo e ao misticismo merecem algumas considerações. Da maneira com elas aparecem em *O Éter, Deus e O Diabo,* é possível depreender que as pessoas ou são "não-encouraçadas", ou são "encouraçadas" ("mecanicistas" ou "místicas"), em outras palavras, Reich apresentou essas três estruturas de caráter de uma maneira muito rígida. Parece ser oportuno e imprescindível resgatar e interpretar esses três tipos de estruturas caracterológicas à maneira que ele, em 1929, apresentou a distinção entre o caráter genital e o caráter neurótico, ou seja, de uma maneira mais flexível.

No artigo *Der Genitale und der Neurotische Charakter – Untersuchungen über die libido-ökonomie Funktion des Charakters* ("O Caráter Genital e o Caráter Neurótico – Estudos sobre A função econômico-libidinal do Caráter"), publicado, originalmente, em 1929, e, posteriormente, incluso em forma de capítulo no livro *Análise do Caráter*, Reich (1998) definiu e distinguiu duas formas básicas de funcionamento caracterológico.

Segundo Reich (1998, p. 171), caso o encouraçamento do caráter tenha excedido um certo grau e, se esse utilizou "principalmente moções pulsionais que em circunstâncias normais servem para estabelecer contato com a realidade", e, ainda, se "a capacidade de satisfação sexual foi por meio disso fortemente restringida", então, poder-se-ia afirmar que "existem todas as condições para a formação do caráter neurótico". Haveria, portanto, diferenças qualitativas entre indivíduos neuróticos e pessoas capazes de trabalhar e amar, relacionadas diretamente às "maneiras como o caráter liga a libido contida" no organismo.

Conforme o entendimento de Reich (1998, p. 171), "há meios adequados e inadequados de assimilar a angústia", ou dito de outro modo, de administrar a economia libidinal no organismo: "*A satisfação orgástica genital da libido e a sublimação* provam ser protótipos de *meios adequados*, todos os tipos de *satisfação pré-genital* e de *formações reativas* provam ser *inadequados".* Essa diferença qualitativa equivale a uma diferença quantitativa: "o caráter neurótico sofre uma crescente estase da libido precisamente porque seus meios de satisfação não são adequados às necessidades do aparelho pulsional", diferentemente do caráter genital que "é governado por uma firme alternância entre tensão e satisfação adequada da libido" e que está de posse "de uma *economia da libido regulada".*

Contudo, no referido texto, Reich (1998, p. 172) afirmou que essa diferenciação deve ser entendida como "tipos básicos", de modo que "os caracteres reais representam uma mistura, e se a economia da libido é ou não permitida depende apenas de em que medida o caráter se aproxima de um ou de outro tipo básico". Disso pode-se depreender que não existe um caráter totalmente genital, mas que os carácteres reais, mesmo os mais saudáveis, representam uma configuração mais próxima de um funcionamento genital, ainda que possam apresentar certos traços neuróticos e, certamente, algum nível de encouraçamento.

Transpondo a maneira flexível de enxergar a diferenciação entre os carácteres neurótico e genital - que, em outras palavras, expressa o grau de encouraçamento e o nível de regulação da economia libidinal das pessoas – para a diferenciação estabelecida por Reich, a partir de 1946, entre as estruturas encouraçadas mecanicistas e místicas, e a estrutura "não-encouraçada", poder-se-ia colocar a seguinte questão: também, nesses casos, o caráter real não seria uma composição, uma mistura, do nível e do tipo de encouraçamento apresentado por determinada

pessoa? Nossa leitura é no sentido de que não existe uma estrutura não-encouraçada pura, de que certo nível e grau de encouraçamento se faz necessário para a sobrevivência do organismo. Consideramos possível que determinada pessoa, um cientista por exemplo, com fortes bloqueios, com traços de funcionamento característicos do que foi denominado por Reich de "mecanicista", consegue apresentar, em algum nível, a função de contato com a sua realidade interior de modo a perceber algumas de suas correntes plasmáticas e que tal percepção lhe permite pensar, também, da maneira que Reich denominou de funcional.

As críticas ao mecanicismo e ao misticismo, apresentadas em *O Éter, Deus e o Diabo*, foram construídas fundamentadas no conceito de sensação de órgão, o qual permitiu que Reich estabelecesse uma relação entre o funcionamento biológico não-encouraçado com a percepção de determinados domínios de funcionamento da natureza, em que os fenômenos correspondem mais diretamente ao movimento espontâneo da energia orgone, movimento esse que seria fluído, contínuo, não rígido, e, por outro lado, a dificuldade de um organismo humano encouraçado em perceber fenômenos pertencentes a esses domínios de funcionamento. Com base em tais distinções, esse pesquisador e pensador realizou uma demarcação epistemológica entre as formas de conhecimento denominadas por ele de funcionalismo, mecanicismo e misticismo.

Na nossa leitura a associação entre o funcionamento biológico e o caracterológico das pessoas e o tipo de conhecimento desenvolvido por elas, conforme as três demarcações epistemológicas propostas por Reich, tem certa validade no campo do conhecimento, e, ainda que teoricamente possa se operar com essa demarcação tríplice, em relação às pessoas, seres humanos reais, deveria ser tomada uma atitude mais flexível, tal qual foi tomada por Reich ao diferenciar os tipos básicos de caráter genital e neurótico, e os carácteres reais, como uma mistura dos tipos básicos.

Com essa proposição, quer-se afirmar que o funcionalismo orgonômico, ainda que seja uma ferramenta de pensamento que possa apresentar certa dificuldade de entendimento e operação, por ter características que a diferenciam de outras formas de conhecimento mais tradicionais e academicamente difundidas, não se apresenta como uma ferramenta exclusiva de organismos humanos não-encouraçados, uma vez que, não existem organismos que não apresentam algum tipo de encouraçamento. Quando Reich usou o termo "desencouraçado", entendemos que ele se referiu aos seres humanos cujo nível de encouraçamento não se encontra no estado crônico, que goza de certa potência orgástica, por ter uma couraça funcional, ou seja, maleável às circunstâncias em que se encontra. Não consideramos se tratar de um tipo real "desencouraçado", pois, conforme afirmamos anteriormente, com base na própria teoria

reichiana, é possível depreender que certo nível de encouraçamento se faz necessário para a sobrevivência.

Apesar disso, concordamos e consideramos válidas as críticas tecidas por Reich em relação ao prejuízo que o encouraçamento causa na função de sensação de órgão, e julgamos como pertinente e relevantes a constatação desse autor de que certas estruturas caracterológicas, por conta do tipo e do grau de encouraçamento, apresentarão dificuldades para operar com o funcionalismo orgonômico.

Além dessas considerações, é necessário, também, resgatar a importância e o valor dos sistemas de pensamento que Reich nomeou de mecanicismo e de misticismo. Ainda que Reich reconheceu a importância do mecanicismo em relação às descobertas e progressos realizados no domínio de funcionamento da natureza materialmente estruturada, onde não se percebe o movimento plasmático, por exemplo, no domínio das máquinas, esse autor pareceu desconsiderar a importância dos avanços científicos e tecnológicos promovidos por cientistas de orientação mecanicista-materialista, para o campo da ciência e do conhecimento de um modo geral. O próprio Reich só pôde realizar muitas de suas pesquisas, graças ao uso de diversos dispositivos desenvolvidos a partir de uma perspectiva mecanicista (microscópio, contador Geiger, eletroscópio etc.). Além disso, algumas das principais intuições e pressupostos utilizados por Reich no desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, o principal deles, a saber, que a energia funciona antes de qualquer matéria, são uma herança direta de escolas de pensamento consideradas por Reich como místicas, ou metafísicas.

4.4.5 Uma nova perspectiva: o funcionalismo orgonômico

A origem do funcionalismo orgonômico, como se procurou mostrar, remonta aos primórdios da obra reichiana. Seu desenvolvimento, recorda Reich (2003, p. 87), só foi possível graças ao portão aberto, pela teoria analítica da estrutura do caráter, "para a percepção da natureza da sensação", que teve como consequência o fato da sensação ter-se tornado o objeto da pesquisa científica reichiana. Segundo esse autor, a descoberta da energia biológica dentro do organismo e, posteriormente, a descoberta da energia orgone atmosférica "foram apenas consequências lógicas do primeiro ato: *a descoberta de que a sensação é uma função da excitação; em outras palavras, que há uma identidade funcional entre a quantidade de excitação e a intensidade de sensação*".

A primeira formulação da identidade e antítese entre sensação e excitação e a posterior teoria sobre a potência orgástica levaram Reich (2003, p. 5) ao que foi considerada por ele como

sua principal descoberta, ao compará-la com a descoberta do litoral do continente América, realizada por Colombo: "na realidade, fiz apenas uma única descoberta: *a função da pulsação orgástica do plasma*. Ela representa o trecho de litoral a partir do qual tudo o mais se desenvolveu" (REICH, 2003, p. 5).

Quando Reich usou o termo a *função da pulsação orgástica do plasma,* para referir-se a sua principal formulação, ele aglutinou, ou condensou, no referido termo, uma série de concepções e de teorias desenvolvidas por ele, ao longo de, pelos menos, vinte anos de pesquisas, as quais, sinteticamente, poderiam ser assim expressas: a) a ideia de que todo organismo vivo pulsa; b) que essa pulsação se manifesta nos fluídos vivos (o protoplasma); c) que essa pulsação está diretamente relacionada ao funcionamento de uma energia presente em todos os seres vivos; d) que todos os organismos, incluindo suas partes, estão regidos por um ritmo vital, a fórmula da vida, a qual estabelece esse ritmo de pulsação; e) que há uma antítese fundamental primária no funcionamento da vida entre sexualidade e angústia, que se manifesta nos movimentos de expansão (ir para a mundo) e de contração (retorno ao si); f) que o encouraçamento, de origem social, afeta essa pulsação, ou seja, o funcionamento vital e perturba a função genital do organismo humano, assim como o contato com a realidade; g) que o ser humano *orgasticamente potente,* cujo encouraçamento não se encontra num nível crônico, é capaz de experimentar a convulsão orgástica, fenômeno universal em todos os seres vivos; h) que o organismo desencouraçado percebe as sensações de corrente no seu corpo, ou seja, o movimento da energia no seu corpo; e i) que a percepção da realidade, a qual está presente em todos os seres vivos, está condicionada pela pulsação plasmática, de modo que o encouraçamento afeta a capacidade de perceber a realidade.

Foram esses conceitos, associados aos seus estudos epistemológicos, que levaram Reich a considerar a noção de sensação de órgão como a ferramenta mais importante para a pesquisa natural e, como decorrência desses estudos, a desenvolver uma cosmovisão própria.

Referindo-se à função da pulsação orgástica do plasma, Reich (2003, p. 6 e 7) afirmou que, quando ele se concentrou "nesse único problema por três décadas", dominando-o e se "orientando no interior de sua função natural fundamental, apesar de todos os obstáculos e ataques pessoais", ele percebeu "que havia transcendido o arcabouço conceitual da estrutura do caráter humano existente e, com isso, nossa civilização durante os últimos cinco mil anos". Nas palavras desse autor,

> Encontrei-me numa esfera de pensamento nova e diferente que eu precisava investigar antes de poder prosseguir. Esse esforço de localizar-me e orientar-me dentro da nova esfera funcional de pensamento, em contraste com a esfera mecanicista e mística da civilização patriarcal, demandou cerca de quatorze anos, aproximadamente de 1932 até a elaboração deste livro, 1946 e 1947.

O funcionalismo orgonômico, afirmou Reich (2003, p. 12), *"coloca-se fora do arcabouço da civilização mecanicista e mística*. Ele não derivou da necessidade de 'enterrar' essa civilização. Logo, não é revolucionário *a priori"*. Para esse autor,

> O funcionalismo orgonômico representa o modo de pensar do indivíduo desencouraçado e que, portanto, está em contato com a natureza dentro e fora de si mesmo. *O animal humano vivo age como qualquer outro animal, ou seja, funcionalmente; o homem encouraçado age de modo mecanicista e místico. O funcionalismo orgonômico é a expressão vital do animal humano desencouraçado, sua ferramenta para compreender a natureza.* (REICH, 2003, p. 12).

Reich (2003, p. 12 e 13) complementou a sua definição argumentando que, para o funcionalismo orgonômico poder funcionar, ele precisa situar-se "fora da esfera social da civilização mecanicista". "Funcionar", afirmou esse autor, "não significa nada além de investigar, entender e proteger a vida como uma força da natureza". O pensamento funcional precisa situar-se "fora do arcabouço da nossa civilização porque a própria vida está fora dele, pois não é investigada, mas sim temida e mal compreendida". Com isso, esse autor quer dizer que existe um domínio vasto de fenômenos da natureza, os quais expressam manifestações diretas da energia orgone, principalmente no que se refere ao domínio da vida, que não puderam ser acessados ou compreendidos pelas ciências tradicionais, pois, essas encontram-se aprisionadas pelas limitações impostas pela nossa sociedade.

No percurso trilhado em suas pesquisas, Reich se empenhou "em encontrar ou construir uma concepção metodológica que espelhasse, com o máximo de fidedignidade possível, as matrizes profundas dos seres vivos e do Universo" (BEDANI, 2012, p. 111). Bedani (2012, p. 111) explica que Reich,

> [...] desde o primeiríssimo estágio de seu trabalho, supôs que deveria existir, abaixo da camada fenomênica superficial da realidade (por vezes acessível à lógica mecano-materialista), um estrato mais profundo e amplo, estrato esse que seria abastecido por uma energia específica (distinta e, ao mesmo tempo, fonte das tradicionais formas de energia) e que apresentaria uma dinâmica bastante singular (não compatível com a lógica mecanicista) (REICH, 1950b/1990; BEDANI, 2007).

Os estudos empreendidos por Reich em áreas distintas do conhecimento, incluindo humanidades, ciências biológicas e física, e a maneira singular com que esse pesquisador pensava e observava os fenômenos da natureza, orientado por um pensamento holístico, levaram-no a conceber uma cosmovisão, em que o universo se caracteriza por ser dinâmico, em constante fluxo de transformações, com diversos domínios de funcionamento da natureza que

se desenvolvem por diferenciações de funções de domínios anteriores e mais amplos e que continuam interligados[128].

Assim, haveria, dentro da cosmovisão reichiana, um domínio mais amplo e primário, regido pelas funções da energia orgone livre de massa, a saber: a função de pulsação (composta pelas funções de pulso e de onda) e pela função de superposição cósmica[129], que teria dado origem à matéria, inaugurando assim uma primeira diferenciação entre o domínio da energia orgone livre de massa e o domínio do mundo físico-material, regido, entre outras, pelas leis da mecânica e da eletricidade. O mundo físico sem vida seria regido tanto pelas funções primordiais da energia orgone livre de massa quanto por funções específicas ao seu domínio de funcionamento (as funções de tensão e relaxamento mecânico, e de carga e de descarga elétricas, ocorrendo separadamente). Uma segunda grande diferenciação, teria ocorrido na natureza, quando, a vida emergiu da natureza sem vida, regida pela fórmula da vida, isto é, o sequenciamento em quatro tempos (tensão-carga-descarga-relaxamento), a qual inaugurou o domínio da vida. A energia orgone organísmica, presente nas funções vivas e atuante diretamente no protoplasma orgânico, seria responsável por sequenciar o ritmo da vida. O domínio da vida, por ter se originado do domínio do mundo físico-material, seria, também, regido pelas funções da matéria, além das específicas funções da vida. O domínio da vida, por sua vez, também se diferenciaria em diversos outros domínios com funções específicas, por exemplo, a sociedade humana e o psiquismo humano etc., os quais formariam domínios próprios, dentro do domínio da vida. Para esse autor,

> [...] em algum lugar, em um dado período, a vida começou a se diferenciar do resto da natureza. O que chamamos hoje de sociedade humana se desenvolveu depois de milhões de anos, a partir da ampla esfera de vida. É uma parte especificamente diferenciada da esfera do viver, exatamente como essa esfera é uma parte especificamente diferenciada da natureza. (REICH, 2003, p. 28).

Reich (2003, p. 28) afirmou que mesmo que não se possa explicar como ocorreu algumas dessas diferenciações, seria errado considerar "que a natureza é parte da esfera do viver", ou que os princípios da natureza seriam derivados da sociedade humana. O homem, enquanto indivíduo, "está sujeito às leis da vida e às suas circunstâncias sociais" (REICH, 2003, p. 28), contudo, também o aparato sensorial e emocional se desenvolveu em algum momento na natureza, "os elementos emocionais não podem ter existido desde tempos imemoriais; eles devem ter se desenvolvido" (REICH, 2003, p. 31 e 32).

---

[128] A noção de princípio de funcionamento comum, desenvolvida por Reich, a qual é o fundamento de sua cosmovisão, é abordada no item 4.5.4 a seguir.

[129] A função de superposição cósmica e de criação são abordadas no item 4.5.4.

O olhar de Reich (2003, p. 36 e 37) percebeu uma hierarquia entre os diversos domínios de funcionamento na natureza, principalmente no que se refere ao desenvolvimento de novas funções naturais (ou domínios de funcionamento), e atribuiu importância às relações presentes entre esses domínios:

> [...] acontece que nossa terceira esfera de vida, a social, é menor que a biológica, mas mais ampla que a dimensão psicológica, consciente ou moral. A existência psíquica e moral coloca-se dentro do contexto social e extrai o conteúdo de suas idéias constantemente desta função, e de maneira nenhuma o contrário. A ciência da esfera social da vida é a 'sociologia' ou a 'história'. Ela não pode trabalhar com quantidades, com exceção dos estudos estatísticos, porém se assenta num sistema conceitual, o sociológico. Neste sistema conceitual, o elemento psíquico-moral tornou-se relativo, isto é, foi reduzido às relações interpessoais. [...] Contudo, o sistema de pensamento social não penetrou no quarto sistema, o biológico, de que é função parcial. (REICH, 2003, p. 36 e 37).

Essa hierarquização entre os domínios de funcionamento visa não perder de vista as relações que um determinado domínio estabelece com outros, em especial, com aquele em que ele se diferenciou, seu domínio "mãe" por assim chamar. Dessa forma, ao se estudar um determinado fenômeno, deve-se levar em conta as relações que esse fenômeno estabelece com os princípios de funcionamento de outros domínios da natureza aos quais ele pertence ou se relaciona. Como será abordado mais adiante (item 4.5.4), na natureza as funções existem em pares antitéticos, que estabelecem entre si uma identidade funcional em relação a um nível mais profundo de funcionamento.

Como herança da lei dialética do desenvolvimento, a cosmovisão orgonômica concebe o desenvolvimento como um processo dinâmico na natureza, tudo estaria em um eterno fluxo: "consequentemente, não existe mais ponto firme onde se apoiar; tudo deslizou para dentro de um fluxo" (REICH, 2003, p. 31 e 32). Ou seja, não haveria processo natural que poderia ser caracterizado como estático, absoluto, imutável, eterno. Além disso, as leis que governam os processos naturais, as funções na natureza, "se caracterizam pela ausência de qualquer tipo de perfeccionismo" (REICH, 2003, p. 90).

Conforme exemplifica Reich (2003, p. 90 e 91), as leis funcionais são diferentes das leis mecanicistas, pois, dentro de um mesmo domínio de funcionamento, encontram-se infinitas variações de fenômenos regidos pelas mesmas leis funcionais. Assim, a cosmovisão orgonômica concebe um universo, que, por estar em constante transformação, em fluxo constante, também é imprevisível, incerto, irregular, quanto às manifestações das formas e dos movimentos. A imprevisibilidade e a irregularidade são características dessa cosmovisão:

> Em uma floresta que cresceu naturalmente encontramos um princípio uniforme de crescimento. No entanto, não há duas árvores – nem duas folhas, entre as centenas de milhares de árvores – que se pareçam uma com a outra com

> semelhança fotográfica. O campo de variações é infinitamente mais amplo que o campo de uniformidade. Embora seja possível encontrar a lei uniforme da natureza e vê-la funcionar em cada detalhe único, por menor que seja, não há algo que possa ser reduzido ao perfeccionismo. Com todas as suas leis, os processos naturais são incertos. O perfeccionismo e a incerteza são mutuamente exclusivos. Não se pode objetar esse fato assinalando a exatidão das funções em nosso sistema solar. É verdade, as órbitas dos planetas ao redor do Sol não mudaram por milhares de anos. Mas milhares, até milhões de anos têm apenas um papel menor nos processos da natureza. A origem do sistema planetário é exatamente tão incerta quanto seu futuro. Isto é algo que se costuma reconhecer. Assim, mesmo o sistema planetário, este mecanismo 'perfeito' dos astrofísicos, é imperfeito nas flutuações 'irregulares' dos períodos térmicos, explosões solares, terremotos e outros. Tampouco a formação do clima ou o fluxo e refluxo das marés funcionam de acordo com as leis das máquinas. O fracasso do mecanicismo científico nestes campos da natureza é óbvio, como o é a dependência destes campos quanto às funções de uma energia cósmica primordial. Há uma lei na natureza; isto é certo. Mas essa lei não é mecanicista.

O perfeccionismo, conforme afirmou Reich (2003, p. 91), "é uma exatidão compulsiva da civilização mecanicista; é exata dentro, mas não fora da esfera de funções mecanicistas, dos modelos artificiais da natureza". A pesquisa mecanicista, com auxílio da matemática, propõe-se a descrever padrões repetitivos, aquilo que não muda na natureza, o *estático*, no dizer de Reich. Assim, ela é incapaz de captar o movimento da vida, as funções da natureza movente, aquilo que só se percebe na experiência do *continuum* dos processos naturais, pois os processos reais são "irregulares", "imprevisíveis" e "irreplicáveis":

> Toda pesquisa natural é e sempre foi tateante, 'irregular', instável, flexível, eternamente corretiva, fluente, incerta e insegura, mas, apesar disso, está em contato com processos reais. Pois esses processos reais, a despeito de todas as suas leis básicas unificadoras, são variáveis no mais alto grau, livres no sentido de serem irregulares, imprevisíveis e irreplicáveis. (REICH, 2003, p. 91).

O pensamento funcional, disse Reich (2003, p. 107), "não tolera nenhuma condição estática. Para ele, todos os processos naturais estão em movimento, mesmo no caso de estruturas enrijecidas e formas imóveis". As estruturas e as formas imóveis são concebidas como movimento cristalizado, aquilo que outrora se movia, por estar desprovido de estrutura material, no processo evolutivo, acabou se materializando e cristalizando. É atenção ao movimento que permite ao pensamento funcional estar em contato com os processos naturais:

> É precisamente essa mobilidade e incerteza em seu pensar, esse fluxo constante, que coloca o observador em contato com o processo da natureza. O termo 'em fluxo' ou 'fluente' é válido, sem qualificações, para as percepções sensoriais do cientista observando a natureza. O que está vivo não conhece condições estáticas de qualquer ordem, a menos que esteja sujeito à imobilização devido à couraça. A natureza também 'flui' em cada uma de suas diferentes funções, bem como na sua totalidade. A natureza também não conhece condições estáticas de qualquer ordem. (REICH, 2003, p. 107).

O organismo humano pode compreender "apenas o que experiência em si mesmo", como muito de sua vitalidade móvel tornou-se enrijecida devido à couraça, "o homem encouraçado" passou a pensar "predominantemente em termos de matéria". A sua compreensão da natureza viva se reduziu ao domínio do que ele experiencia em si mesmo, ou seja, aos componentes imóveis de seu ser. Assim, seu olhar e pensamento se orientaram cada vez mais para à estrutura químico-física dos processos naturais, tendo escapado ao seu pensamento "as leis de movimento do organismo vivo" (REICH, 2003, p. 124 e 125).

> Devido à tragédia social que atingiu o animal humano milhares de anos atrás na forma da degeneração místico-mecanicista, ele só teve acesso às suas funções mecânicas, à estrutura do esqueleto, aos músculos, aos vasos sanguíneos e nervos, à composição química do organismo e assim por diante. Dado que a vitalidade móvel no homem foi encouraçada e tornou-se assim inacessível, o próprio princípio da vida, o movimento, ou seja, a característica realmente mais essencial da vida, permaneceu como um livro fechado. (REICH, 2003, p. 124 e 125).

O organismo desencouraçado, esclareceu Reich (2003, p. 126), "experimenta o *self* principalmente como uma unidade em movimento. Suas sensações de órgão lhe dizem que a parte essencial da vida não é a substância". Um organismo sem couraça "encontrará, interpretará e compreenderá a expressão da vida nos seus próprios movimentos. O movimento é sua essência; a estrutura é importante, mas não básica". Foram estas considerações que levaram Reich a determinar a sensação de órgão como o instrumento mais importante da pesquisa natural e a estabelecer uma visão *funcional* da natureza.

No capítulo intitulado "A demonstração objetiva da radiação orgone"[130], do livro *A Biopatia do Câncer*, Reich (2009, p. 103) expressou que a pesquisa natural deve tomar o cuidado de rejeitar "as alegações místicas baseadas na *interpretação errônea* das sensações de órgão", mas, ao mesmo tempo, esse pesquisador afirmou que não se pode "negar a existência dessas sensações" como ferramenta de pesquisa, e, assim como deve-se rejeitar interpretações distorcidas das sensações de órgãos, "também devemos rejeitar uma ciência natural fragmentada de maneira mecanicista, porque ela separa as sensações de órgão dos processos vitais dos órgãos". Segundo ele, "*a autopercepção é uma parte essencial do processo vital",* de modo que "os processos no interior dos tecidos e nossa percepção deles formam uma *unidade funcional* indivisível".

Uma visão *funcional* da natureza, conforme entendida por Reich (2009, p. 104), deve levar em conta quatro princípios importantes: 1) "todo organismo vivo é uma unidade funcional

---

[130] O conteúdo do referido capítulo foi publicado, originalmente, no artigo "The Discovery of the Orgone: Experimental investigations of biological energy", na revista *International Journal of Sex-Economy and Orgone Research*, vol.1, no. 2, 1942, p. 108-130.

autocontida – e não simplesmente a soma mecânica de órgãos. A função biológica fundamental controla o organismo total, exatamente como governa cada órgão"; 2) "todo organismo vivo é uma parte da natureza circundante e é funcionalmente idêntico a ela"; 3) "toda percepção está baseada na correspondência entre uma função dentro do organismo e uma função no mundo externo, isto é, na harmonia orgonótica"; e 4) "toda autopercepção é a expressão imediata de processos objetivos dentro do organismo (identidade psicofísica)".

A pesquisa orientada pelo funcionalismo orgonômico, esclareceu Reich (2009, p. 104), concebe "a realidade de nossas sensações" com base no princípio de que "o ego observador, perceptivo (sujeito) e o objeto observado, percebido, formam, juntos, uma unidade funcional", diferente da pesquisa mecanicista que "divide essa unidade em dualidade". Segundo esse autor, "*toda descoberta importante se origina da sensação subjetiva ou da experiência de um fato objetivo, isto é, em harmonia orgonótica*". O que a pesquisa natural exige, apenas, é "tornar objetiva a sensação subjetiva, separando-a de seu estímulo e abarcando a origem do estímulo". Para isso, pode fazer uso da experimentação ou da replicação de fenômenos vivenciais subjetivos, a fim de conferir objetividade ao estímulo ou ao objeto da sensação.

O funcionalismo orgonômico, segundo Reich (1990a, p. 13, tradução nossa), "não é um tipo diferente ou novo de filosofia natural, mas um tipo diferente e novo de *instrumento de pesquisa natural*". Ele admite, ainda, que se trata de "um instrumento muito incompleto", que poderia ser comparado a "um machado de pedra, que possibilitou a descoberta do ferro, que, por sua vez, possibilitou o desenvolvimento posterior do machado de pedra em machado de ferro e assim por diante". Esse método ou esse instrumento de pesquisa natural, também, "passa por um desenvolvimento que é, sem a menor dúvida, muito mais importante do que os fatos que são descobertos".

4.5 A METODOLOGIA DO FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

4.5.1 Introdução ao item

Nos itens anteriores, nos propusemos, inicialmente, a rastrear as origens teóricas e epistemológicas que pavimentaram o caminho para que Reich elaborasse a sua própria perspectiva de investigação, descrevemos o conceito de sensação de órgão e a cosmovisão forjada pelo autor as quais abriram caminho para que ele desenvolvesse o funcionalismo orgonômico, uma nova perspectiva, que segundo ele, seria capaz de superar as limitações do mecanicismo e do misticismo.

Esse item se dedica a descrever a metodologia do funcionalismo orgonômico, inicialmente, apresenta-se uma síntese dos pressupostos que sustentam a metodologia dessa perspectiva de investigação, em seguida, aborda a questão do uso da observação direta e da experimentação como ferramenta auxiliar no processo de pesquisa, para então investigar com mais detalhes a noção de princípio de funcionamento comum, alicerce central do funcionalismo de Reich e, por último, dedica-se a apresentar uma definição do conceito de função, como aparece no funcionalismo orgonômico.

4.5.2 Os pressupostos do funcionalismo orgonômico

O método funcional foi desenvolvido, primeiramente, no estudo das funções psíquicas e somáticas antes que pudesse ter sido aplicado à investigação da energia orgone. Convém, agora, sumarizar algumas das convicções que orientaram o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, e que foram sendo formuladas, por Reich, em sua maioria, durante as décadas de 1920 a 1940. Conforme se procurou mostrar anteriormente, algumas delas sofreram influências de outros autores e escolas de pensamento, podendo ser assim apresentadas:

1) O funcionamento natural é basicamente um processo energético, em outras palavras, há uma primazia da energia em relação à matéria, pois a energia, de algum modo, é mais fundamental que a matéria (REICH, 1990a);
2) Os processos energéticos primordiais expressam-se na forma de movimentos espontâneos (REICH, 1950a);
3) O funcionamento psíquico é um funcionamento natural. A vida humana emocional não é de origem sobrenatural, o seu funcionamento é acessível à pesquisa natural e existe uma energia que opera no psiquismo. As emoções são processos energéticos (REICH, 1990a);
4) O funcionamento da natureza se expressa em termos de pares de funções que estabelecem entre si uma relação de antítese ou de complementariedade, e, ao mesmo tempo, em um nível mais profundo, de identidade (REICH, 1990a, 1950a);
5) O funcionamento da natureza está em perpétua transformação, tudo está em constante estado de fluxo, nada é separado, nem absoluto, tudo interatua (REICH, 1983a);
6) *"O zero (0) não existe na natureza"*, pois não existe nenhum vácuo, todo espaço é preenchido por um *continuum*, com energia orgone cósmica (REICH, 1950a, p. 176, tradução nossa);

7) O estudo da natureza deve priorizar a observação contínua e direta dos processos naturais (REICH, 2003, 1990a, 1979b);
8) Como na natureza tudo está em movimento; como os processos naturais são, em primeira ordem, processos de energia; e, como o movimento expressa processos de energia, segue-se que a observação deve priorizar o movimento em relação à estrutura químico-física ou à forma da estrutura. O movimento é mais importante que a matéria (que é o elemento *estático*). A forma ou a estrutura é entendida como movimento de outrora, hoje, cristalizado. Nas palavras de Reich (2003, p. 201), “aprendemos a traduzir forma por movimento. Forma, no pensamento orgonômico funcional, é movimento *congelado*”;
9) O ser vivo é um *todo unitário indivisível*, ou seja, uma *unidade funcional*, e não se reduz à soma mecânica de seus órgãos (REICH, 2009);
10) A função biológica fundamental (expressa pela fórmula da vida: tensão mecânica – carga energética – descarga energética – relaxamento mecânico) controla o organismo total, exatamente como governa cada órgão. Existem na natureza leis que governam o micro e o macrocosmos (REICH, 2009, 1979b);
11) Todo organismo vivo é uma parte da natureza circundante e é funcionalmente idêntico a ela (REICH, 2009);
12) Toda percepção está baseada na correspondência entre uma função dentro do organismo e uma função no mundo externo, isto é, na harmonia orgonótica (REICH, 2009);
13) Toda autopercepção é a expressão imediata de processos objetivos dentro do organismo (identidade psicofísica) (REICH, 2009);
14) A sensação de órgão é o principal instrumento de pesquisa natural (REICH, 2003); e
15) O funcionalismo orgonômico deriva suas leis do funcionamento da natureza. As formulações das leis funcionais devem espelhar o funcionamento da natureza, não são “meras abstrações mentais” (REICH, 2003, 1990a).

Foi o emprego destes pressupostos nas suas pesquisas e na sua prática clínica que conduziu Reich, gradualmente, à formulação do funcionalismo orgonômico e, consequentemente, ao que ele considerou ser a descoberta da energia orgone.

Ao refletir sobre porque ninguém antes dele havia conseguido abrir o caminho para a descoberta da energia orgone, Reich (1991c, p. 36, tradução nossa) se perguntou: “não parece lógico agora que a descoberta da energia biológica teve lugar não no campo da química ou da

física, mas no campo da biopsiquiatria?". A resposta que ele forneceu a essa questão, referindo-se ao princípio que orientou as suas investigações, foi:

> O princípio-guia não foi o do funcionamento do motor a Diesel, mas a *pulsação* do coração, de um vacúolo ou de protozoário. Não foi o composto químico, mas a atração sexual, não os raios X, mas a excitação emocional, não o voo de um avião, mas o voo de um pássaro ou os movimentos de um peixe, não o movimento de um pistão de um motor, mas a contração orgástica ou a contração de crescimento do embrião. Resumindo: foram *as manifestações funcionais da matéria viva, e não as manifestações mecânicas da matéria não-viva, que trouxeram a economia-sexual às trilhas que levam à energia orgone*. As manifestações da vida revelaram a energia que as governam pela simples razão de que a pesquisa sexo-econômica não tomou emprestado nada do domínio do não-vivo. Em vez disso, ela aprendeu a deduzir a natureza do movimento vivo, e, com isso, a natureza da energia biológica, a partir da observação direta. (REICH, 1991c, p. 36 e 37, tradução nossa).

Além do emprego da observação direta, em especial, no que se refere ao movimento da matéria viva, Reich (1991c, p. 37, tradução nossa) afirmou que "o método funcional de pesquisa requer um conhecimento multidisciplinar e dos fatos básicos e a habilidade de relatar fatos isolados em conjunto". É por esse motivo que os "especialistas que pensam e trabalham mecanicisticamente" apresentam tanta dificuldade em compreender as leis funcionais da natureza.

Reich apontou, ainda, dois outros critérios que, segundo ele, são fundamentais para o pensar correto e que evitariam equívocos e conclusões falsas. O primeiro deles afirma que "o observador científico deve conhecer sua própria perspectiva para não fazer afirmações incorretas. Deve saber em que esfera funcional da natureza estão situados ele mesmo e seus objetivos" (REICH, 2003, p. 23). Com isso, Reich quer nos advertir que o ser humano é uma parte da natureza e que o seu funcionamento obedece a certas leis funcionais específicas ao domínio de funcionamento ao qual está inserido, mas que essas leis funcionais não refletem, necessariamente, as funções e atributos de outros domínios de funcionamento da natureza, pois, segundo ele, "surpreso com a sua própria capacidade de pensar, o homem caiu na armadilha das conclusões errôneas sobre si mesmo e as aplicou à natureza" (REICH, 2003, p. 30).

Por isso, o cientista deve saber situar o seu domínio de funcionamento em relação aos demais domínios da natureza, para não atribuir funções ou atributos que são específicos do funcionamento humano aos fenômenos pertencentes a esses outros domínios.

O outro critério, relacionado ao anterior, que Reich aponta como fundamental para o pensar correto, foi expresso por ele assim: "o cientista aumentará seus erros na proporção em que negligenciar seu próprio sistema de percepções sensoriais e sua consciência. Ele deve saber como ele mesmo funciona quando percebe e pensa" (REICH, 2003, p. 23). Dito de outra

maneira por Reich (1991c, p. 37, tradução nossa): "a pesquisa funcional pressupõe um conhecimento e um domínio da própria estrutura de caráter de si mesmo e dos outros. Assim é porque toda percepção e toda sensação tem um pouco da estrutura de caráter".

Segundo Reich (2003, p. 23), se esses critérios de pensamento forem aceitos, poder-se-á evitar "uma das fontes mais importantes do erro humano: *a ignorância do cientista ou pensador quanto ao seu próprio sistema conceitual e às suas percepções sensoriais*".

> Em outras palavras, toda técnica de pensamento anterior do animal humano corria o perigo de atribuir à natureza determinadas qualidades da estrutura humana que não podem ser encontradas num dado objeto da natureza; o mesmo vale para o outro perigo, qual seja, o de evitar funções desconhecidas ou desacreditadas na estrutura humana, embora também elas sejam encontradas na natureza. (REICH, 2003, p. 23).

Reich afirmou que "o fracasso completo em reconhecer a existência de uma energia cósmica básica deve ser atribuído aos efeitos do segundo perigo" (REICH, 2003, p. 23), pois, conforme o entendimento desse autor, foi devido à falta de contato dos cientistas em relação às suas próprias percepções sensoriais, que estes ficaram impedidos de investigar e compreender as manifestações da energia orgone.

Em decorrência de tais pressupostos, "toda ciência natural autêntica", defendeu Reich (2003, p. 28), deve situar-se "fora de um quadro de referência social específico" e julgar "a essência da existência humana no vasto contexto da natureza", pois "um determinado quadro de referência social não se harmoniza com a posição objetiva do homem na natureza, mas reflete os conceitos errôneos que, no decorrer do tempo, o animal humano formou sobre sua posição na natureza". Não se trata aqui de descartar o funcionamento social, ou de não levar em conta as leis funcionais sobre o domínio da sociedade humana, mas, sim, de cuidar para não inverter a ordem de funcionamento dos domínios na natureza, ainda que o homem esteja condicionado aos fatores sociais, não são estes os fatores primordiais que o "enraízam" na natureza, senão, outras leis naturais mais fundamentais.

Sem o conhecimento de si mesmo, afirmou Reich (2003, p. 29), "*o animal humano tirou conclusões a seu respeito e as aplicou à essência da natureza*". Contudo, esse pensador reitera:

> Já que o homem é uma parte da natureza e não o contrário, só pode tirar conclusões a partir da natureza, nunca o inverso. Mesmo quando estudamos o aparato perceptivo e conceitual do próprio animal humano para aprender como percebemos o mundo à nossa volta, devemos investigar as funções naturais do homem. Em outras palavras, devemos derivar a própria percepção sensorial dos processos físicos, naturais, e não examiná-los fora dos processos da natureza. (REICH, 2003, p. 29).

Se, por um lado, Reich descartou a possibilidade de uma neutralidade na pesquisa natural, entre o cientista e o seu fenômeno de investigação, diferentemente do credo positivista, admitindo que "toda percepção está baseada na correspondência entre uma função dentro do organismo e uma função no mundo externo", empregando a sensação de órgão como principal instrumento na pesquisa natural, por outro lado, ele está consciente dos cuidados que uma abordagem funcional deve tomar para não correr o risco de "distorcer a realidade".

Os cuidados apontados por Reich levam em conta o primeiro princípio do materialismo-dialético, a saber, que o conhecimento sobre a natureza deve espelhar diretamente o funcionamento desta, devendo o cientista cuidar para não se deixar levar por atravessamentos ideológicos, ou por determinadas visões de mundo, que possam conferir atributos não existentes aos fatos da natureza, ou buscar explicações a partir de falsas relações entre os fatos, e, sobretudo, cuidar e atentar para as possíveis barreiras que a própria estrutura de caráter do cientista pode apresentar em relação à percepção de determinados fenômenos.

4.5.3 A observação direta e o uso da experimentação como ferramenta auxiliar

Priorizando a observação direta, mas, conferindo, também, importância à experimentação para controlar as observações, o funcionalismo orgonômico se diferencia de certas tradições científicas clássicas - em que o cientista é orientado a deixar de lado o que sente e pensa referente ao seu objeto de investigação -, pois emprega a sensação de órgão como o instrumento de investigação da natureza. Contudo, o funcionalismo, também, diferencia-se de abordagens de investigação puramente descritivas, introspectivas ou reflexivas, pois emprega a experimentação como ferramenta de controle das observações, a fim de conferir maior objetividade às percepções.

Reich (2003, p. 110) afirmou que "a observação direta da natureza é mais importante que o experimento. Para controlar minhas observações, posso organizar meus experimentos de tal forma que estudo a *natureza* e *não minhas modificações da natureza*". Esse pensador exemplifica a forma como emprega a experimentação procurando investigar o funcionamento natural sem empregar alterações artificiais nos fenômenos estudados:

> Observo que, influenciadas pelo orgone concentrado e pela água, as plantas crescerão espontaneamente melhor que no escuro e sem água. Agirei de acordo com as condições naturais de crescimento se fizer um experimento irradiando a semente com energia orgone concentrada e depois comparar seu crescimento com a semente que recebeu dose menor ou então nenhuma radiação. Mas, se eu expuser essa semente a uma solução química com que nunca entraria em contato na natureza, terei produzido uma mudança artificial nas propriedades da semente. Meu resultado pode ser útil, inútil ou até prejudicial. Porém não

> terei estudado um processo natural se tiver produzido condições experimentais que não podem ser encontradas na natureza. (REICH, 2003, p. 110 e 111).

O funcionalista, afirmou Reich (2003, p. 118), "usa o experimento para confirmar suas observações e os resultados de seu pensamento. Ele não substitui pensamento e observação por experimentação". Diferentemente do mecanicista que, "não acredita em seus sentidos e em seu pensamento", o funcionalista "acredita de fato nos seus sentidos e seu pensamento" e inclui "tudo em sua observação, considerando tudo possível, derrubando as barreiras entre as ciências porque compreende suas interconexões", de tal forma que progride "de modo constante e coerente em direção ao princípio de funcionamento mais simples".

Além disso, o funcionalista difere, também, "do místico e do crente religioso por conhecer suas incertezas e controlá-las experimentalmente" (REICH, 2003, p. 118). Desse modo, "contradizendo os metafísicos, teístas e relativistas", Reich (2003, p. 48), no percurso de sua investigação, apoiou-se "em observações diretas e processos passíveis de controle na natureza". Apesar de utilizar uma metodologia de investigação que opera como o pressuposto de uma *unidade funcional* entre o ato da percepção e o objeto percebido[131] e de levar em conta seus sentimentos e percepções como ferramenta primordial do ato de conhecer, para Reich, a experimentação nunca deixou de ser uma ferramenta necessária para conferir rigor e objetividade às observações:

> Tomo todas as precauções disponíveis para eliminar tantos erros quantos for possível. Não filosofo e não faço afirmações sobre a natureza se não tenho observações e experimentos controlados em que fundamentar minhas afirmações. Acima de tudo, levo em consideração – em exata consideração – as relações entre as minhas próprias percepções e os processos naturais que independem de mim. (REICH, 2003, p. 48).

Foi o emprego da observação direta, fundamentada na sensação de órgão, auxiliada pelo emprego da experimentação, que permitiu que Reich (2003, p. 49 e 50) considerasse ter

[131] Esse pressuposto assemelha-se ao conceito de intencionalidade de Edmund Husserl (1859-1938). Sabe-se que Reich tinha algum conhecimento da fenomenologia husserliana, ainda que, durante toda a sua obra, até aonde pudemos investigar, fez apenas duas pequenas menções a Husserl. A primeira apareceu numa nota de rodapé no artigo *Sobre a Energética das Pulsões*, do ano de 1923, a segunda, apareceu em *O Éter, Deus e o Diabo*, em que ele afirmou: "As incertezas para julgar as próprias percepções e conclusões sempre foram tão grandes que se sentia muitas vezes que escolas filosóficas famosas haviam chegado a uma barreira de ruminação compulsiva (por exemplo, Husserl)" (REICH, 2003, p. 46). Apesar da fenomenologia de Husserl poder ser considerada, numa leitura reichiana, como um exemplo de pensamento metafísico ou de idealismo e, desse autor nunca ter reconhecido aquele como uma de suas influências, consideramos poder haver certa herança da fenomenologia husserliana no referido pressuposto e em outras concepções reichianas, por exemplo, ao valor conferido às vivências no *Lebenswelt* em relação à teorização desprovida de vivência, que, de certo modo, se faz presente no pressuposto reichiano de priorizar a observação direta e na sua noção de sensação órgão como ferramenta de pesquisa. Apesar de importante, até onde conhecemos, as relações entre o funcionalismo orgonômico e a fenomenologia husserliana ainda não foram objeto de estudos aprofundados.

descoberto as propriedades da energia orgone cósmica, propriedades estas que lhe eram desconhecidas quando esse investigador iniciou sua pesquisa e, igualmente, desconhecidas para outros cientistas naturais. Segundo o autor, essas propriedades foram descobertas “aos poucos através de observação e experimentação” e vieram a ele “como sequência lógica de processos de pensamento”.[132]

4.5.4 Simultaneidade de identidade e variações: O Princípio de funcionamento comum (PFC)

O funcionalismo orgonômico, de acordo com o pensamento de Reich (2003, p. 112), diferencia-se de todos os outros métodos conceituais, pois “não apenas vê uma inter-relação de funções, mas busca uma terceira relação funcional comum e mais profunda”. Reich julgou ter encontrado uma lei geral sobre o funcionamento da natureza, que pode ser sinteticamente apresentada da seguinte maneira: na natureza as funções ocorrem em pares antitéticos (em oposição) ou em pares complementares, mas, ao mesmo tempo em que esses pares se apresentam como variações distintas entre si, essas variações (as funções pareadas) também estabeleceriam uma relação de identidade entre si, em relação a uma função anterior, que seria originária a ambas.

Em *O Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico*, o autor descreveu como desenvolveu os princípios básicos da técnica funcional de pensar e lembrou que, pelo menos de 1925 em diante, nas suas pesquisas, “toda função recém descoberta foi carregada com a questão: *onde está a segunda função que é a contrapartida funcional da função recém descoberta?*” (REICH, 1990a, p. 14, tradução nossa). A título de exemplo, a angústia foi descoberta como a contrapartida funcional do prazer. Dando continuidade a essa linha de raciocínio, Reich (1990a, p. 14, tradução nossa) esclareceu que, assim que duas funções pareadas são descobertas,

> [...] segue-se logicamente a questão: se os dois fatos funcionam como variações, se são mutuamente exclusivos, como prazer e angústia, ou determinam um ao outro, como impulso e prazer ou sistema parassimpático e sexualidade, em que TERCEIRA função são idênticos? Ou dito de outro modo: *Com referência a que propriedades são funcionalmente idênticas?*

Essa técnica de raciocínio passou a operar, portanto, com um trio formado pelas duas variações e seu princípio de funcionamento comum (PFC). Uma vez que o trio é estabelecido -

---

[132] Uma síntese de algumas das propriedades da energia orgone é apresentada no próximo capítulo.

em outras palavras, que o princípio de funcionamento comum é descoberto -, o raciocínio continua a fim de descobrir se o recém descoberto PFC é uma contraparte de outra função desconhecida:

> Será o recém encontrado princípio comum de funcionamento, por exemplo, a identidade funcional do prazer e angústia na excitação biológica do organismo, *uma condição última irredutível ou o próprio princípio comum de funcionamento é o resultado de uma dissociação ou cisão?* (REICH, 1990a, p. 14-15, tradução nossa).

O procedimento, referente à essa técnica de raciocínio, poderia ser assim esquematizado: busca-se descobrir o princípio de funcionamento comum de duas funções pareadas, a1 e a2, em A, então passa-se a buscar a função pareada de A, por exemplo em B e, sucessivamente, achar X como o princípio de funcionamento comum em que as variações A e B são funcionalmente idênticas. O diagrama da figura 3 ilustra o que foi dito:

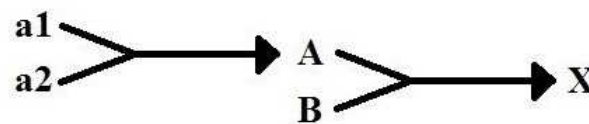



FIGURA 3
Adaptado de Reich (1990a, p. 15).

No diagrama anterior, a1 e a2 são variações e, simultaneamente, funcionalmente idênticas com relação à função A, que é seu princípio de funcionamento comum. A e B, por sua vez, também são variações que são funcionalmente idênticas com relação a X, o princípio comum de funcionamento de A e B (REICH, 1990a, p. 15).

A fim de ilustrar o uso dessa técnica, Reich (1990a, p. 15) forneceu o seguinte exemplo para representar a relação funcional entre as variações expansão e contração e o seu PFC, a excitação biológica:

FIGURA 4
Adaptado de Reich (1990a, p. 15).

A excitação biológica representa o domínio mais profundo de funcionamento em ralação às suas variações expansão e contração, que são mais superficiais. Expansão e contração, por sua vez, situam-se num nível mais superficial do que o seu PFC (a excitação biológica), mas mais profundo que as suas variações, e encontrar-se-iam numa relação funcional que Reich denominou de *oposição alternada*, pois são mutuamente exclusivas, isto é, seriam impossíveis de ocorrer ao mesmo tempo, porém, uma se alterna em relação à outra. Contudo, as variações prazer e função do vago (em relação ao PFC expansão) encontrar-se-iam numa relação funcional de complementariedade, pois a dimensão psíquica do prazer ocorreria em nível físico representado pela ativação de funções do sistema parassimpático. O mesmo tipo de relação funcional de complementariedade ocorreria no par funcional angústia e função do simpático.

Bedani (2019, p. 54), ao explicar, com mais detalhes, o conceito de princípio de funcionamento comum (PFC), o qual, também, pode ser denominado de princípio de funcionamento abrangente (PFA), considerou-o como uma "uma espécie de matriz que regularia o surgimento das variações a partir de um fenômeno de base". Esse princípio modelador, conforme esse pesquisador, "apresentar-se-ia, em sua forma mais básica, com três funções, de maneira que, de uma função originária *A* se desenvolveriam ou se derivariam duas outras funções interconectadas, *A1* e *A2*". Se estabeleceria, dessa maneira:

> [...] um sistema formado não apenas por um trio de fenômenos, mas também, por dois níveis operacionais: *A* seria a função-mãe e pertenceria a um nível mais profundo e abrangente em relação às suas variações, as funções-filhas *A1* e *A2*, as quais, por sua vez, "habitariam", ambas, um nível mais superficial. (BEDANI, 2019, p. 54).

As funções-filhas *A1* e *A2*, ainda que distintas, "corresponderiam e conservariam, necessariamente, alguma característica da função de base". Apesar de diferentes, as funções-filhas "mostrar-se-iam, ao mesmo tempo, idênticas" em relação ao seu princípio de funcionamento comum, o qual "definiria a função-mãe e seria repassado, por assim dizer, às funções-filhas" (BEDANI, 2019, p. 55).

Reich (2003, p. 112) esclareceu que "a variação tem suas próprias leis funcionais que diferem de outras variações. Ao mesmo tempo, a variação obedece ao princípio geral de funcionamento de sua origem", ou seja, as variações diferem entre si, sendo idênticas apenas em relação ao PFC. Conforme explica Bedani (2019, p. 55), as variações e a função mãe, o seu PFC, operam ao mesmo tempo, ainda que em diferentes níveis de profundidade, devendo-se ressaltar, também, que as variações não extinguem a função-mãe:

> [...] *A1* e *A2* não seriam idênticas quando comparadas uma a outra, mas o seriam em relação a um fator comum que adviria da função de base e que a caracterizaria. Além disso, o surgimento da dupla de funções específicas não

> extinguiria a função de origem: o princípio comum *A* e suas variações, *A1* e *A2,* operariam ao mesmo tempo, ainda que em diferentes níveis de profundidade.

Simultaneidade de identidade e antítese de duas funções ou *identidade das variações em seu princípio de funcionamento comum* (PFC) foram os termos utilizados, por Reich, para nomear a condição anteriormente descrita, segundo Bedani (2019, p. 55), "em que variações especializadas e interconectadas mostrar-se-iam idênticas em relação a um fator de base ou denominador comum". Este autor ressalta que "nem sempre se estabeleceria uma relação antitética entre as funções-filhas", podendo as variações apresentarem diferentes tipos de relações entre si.

Reich (1950a, p. 165-167, tradução nossa) identificou e descreveu diversos tipos de relações funcionais entre as funções, entre elas: *oposição simples* (quando se opõem, mas podem ocorrer ao mesmo tempo), *oposição antagônica* (quando são mutuamente exclusivas), *oposição alternada* (quando se opõem mutuamente, mas de forma alternada), *transformação funcional* (quando as funções pareadas podem ser transformadas uma na outra, como, por exemplo, a transformação de energia em matéria e vice-versa).

A fim de representar a relação funcional entre dois pares de funções com o seu PFC, Reich utilizou o seguinte símbolo e nomeou essa forma de "equalizar" as funções-filhas A1 e A2 em relação à função-mãe A, de equação orgonométrica:

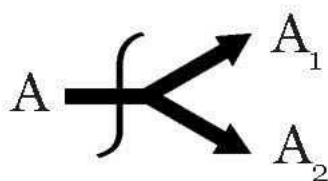



FIGURA 5
Adaptado de Reich (1950a, p. 165).

Assim, A1 e A2 apresentariam uma identidade funcional em relação à A. Cabe lembrar que o conceito de "identidade funcional" foi introduzido por Reich, em meados da década de 1930, para indicar a equivalência funcional entre a couraça caracterológica e a couraça somática, no papel de mecanismo defensivo, conforme ele descreveu no livro *A Função de Orgasmo*: "as atitudes musculares e caracterológicas têm a mesma função nos mecanismos psíquicos: podem substituir-se umas às outras e podem ser influenciadas umas pelas outras. No fundo, não podem separar-se; são *idênticas* na sua função" (REICH, 1979a, p. 212).

Reich (1950a, p. 165, tradução nossa) afirmou que, “no processo da *divisão celular*, sem dúvida alguma, se expressa uma distinta lei natural”, e a maneira de pensar e formular as equações orgonométricas, isto é, a equalização de um par de variações que diferem entre si, mas que são iguais em relação à uma propriedade qualitativa presente e originária a ambas, deve estar “de acordo com a aparência ou manifestação dessa lei natural”. Segundo esse autor:

> Uma ameba *A* constitui-se numa “entidade” ou “unidade” formada de energia orgone cósmica. No processo de propagação, *A* se divide em duas novas entidades, *A1* e *A2*, cada uma das quais tem basicamente as mesmas qualidades de *A*. A divisão que ocorre não é de uma natureza mecânica, aritmética. *A* não é *A1* mais *A2*, nem *A1* ou *A2* são metades de *A*, como 4 = 2 + 2 e 2 = 4 : 2. *A* é funcionalmente idêntico a *A1* e *A2*. Mas 4 = 4 + 4 é impossível. (REICH, 1950a, p. 165, tradução nossa).

O pensamento numérico, puramente quantitativo, seria inútil e incapaz de levar a algum entendimento sobre o funcionamento natural. Reich (1950a, p. 165 e 166, tradução nossa) afirmou que “No ponto em que a função *A* se divide nas funções *A1* e *A2* ocorre uma DISSOCIAÇÃO *onde um certo princípio de funcionamento continua a existir como um* PAR FUNCIONAL”. O processo de dissociação e a formação de pares funcionais podem ser representados da seguinte forma:

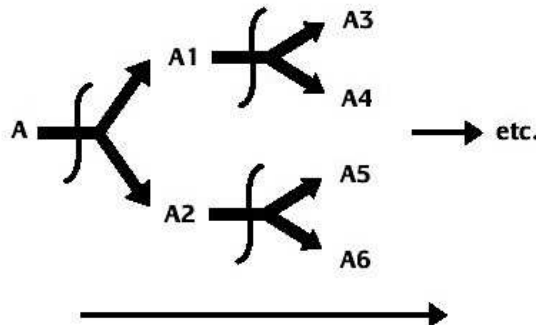



FIGURA 6
Adaptado de Reich (1950a, p. 166).

Deve-se ter em mente, alertou Reich (1950a, p. 168, tradução nossa), que “a operação da *equação* não se *relaciona* com as funções pareadas diretamente, mas as relaciona *com respeito ao que elas têm em comum, o terceiro constituinte da equação orgonométrica*”. As variações são idênticas somente em relação ao seu PFC, entretanto, “por mais que as variações possam diferir qualitativamente e quantitativamente, é sempre verdade que a identidade funcional se refere às características básicas que permeiam todos os constituintes funcionais de um dado campo funcional”. Essas características, segundo esse autor, “são primeiramente dadas

no PFC”. É a identidade funcional, expressa pelo PFC, e não as funções variadas, “que integram todos os constituintes de um campo da natureza em um único, completo e unitário *todo*”.

Um “todo”, uma “unidade integrada”, não se constitui pela soma de suas partes, pois “é a essência do conceito de ‘integração’ de que unidades existem individualmente por si mesmas e ainda assim existem também simultaneamente como constituintes de um único TODO” (REICH, 1950a, p. 168, tradução nossa). O organismo vivo, formado por seus diversos órgãos, ilustra esse significado de integração em contraposição ao todo visto como, meramente, soma das partes (REICH, 1950a, p. 168, tradução nossa). Segundo esse pensador, o sistemático “todo” ou a unidade funcional

> [...] não é o número de partes, mas o princípio de funcionamento comum que permeia todas as unidades que são integradas dentro de um domínio de funcionamento bem definido. [...] o PFC permanece essencialmente o mesmo enquanto o todo específico existir. E o todo funcional apenas permanece o que é, enquanto for governado pelo mesmo PFC. (REICH, 1950a, p. 168, tradução nossa).

Existem diversos tipos de transformações que estabelecem a relação entre um PFC e as variações, assim como, existem, também, diversos tipos de relações entre as funções pareadas. Segundo Reich (1950a, p. 169, tradução nossa), “o conceito de ‘todo integrado’ não contém quaisquer funções rígidas ou inalteráveis. Ele muda e, portanto, sempre se constitui também num *processo*”. Por conta disso, esse autor afirmou que, “para descrever um domínio funcional, não é suficiente conhecer o estado presente das funções; nós devemos conhecer suas funções de transformação se quisermos compreender o todo *como um processo*”.

Cabe lembrar que a orgonomia lida com o domínio da natureza regido pelas manifestações da energia orgone cósmica. Ainda que essa energia, no entendimento de Reich (1950a, p. 161 e 162, tradução nossa), penetre tudo, sendo onipresente, “em seu estado natural, primordial”, ela “não obedece às leis clássicas da mecânica e eletrodinâmica”. No entanto, segundo esse autor, essa energia “revelou funções, primeiramente observadas no domínio do vivo, que seguem leis inteiramente novas”, leis estas que seriam até então desconhecidas pela ciência.

A fim de continuar a presente investigação sobre os princípios metodológicos do funcionalismo orgonômico, faz-se necessário, nesse momento, caracterizar com mais precisão o domínio de fenômenos que se insere como objeto de investigação da orgonomia, e dessa maneira, dar seguimento à proposta do capítulo de esboçar uma demarcação epistemológica do funcionalismo orgonômico em relação ao campo de conhecimento da ciência.

A natureza, conforme concebida por Reich (1950a, p. 163, tradução nossa), teria como característica básica o movimento e a mudança, e se constituiria em “uma unidade básica juntamente com uma infindável variabilidade”. Seria regulada por certo determinismo e, ao mesmo tempo, seria imprevisível em relação às suas variações. As características “não rígidas”, “em movimento” e “sempre mudando”, segundo esse pesquisador, “aplicam-se plenamente às manifestações da energia orgone cósmica”. Com base nessas constatações, Reich colocou a seguinte questão: “é possível construir uma forma elástica de pensamento por onde o caráter *funcional* da natureza pudesse ser descrito matematicamente de uma forma similar àquela com as quais as funções tecnológicas são descritas por equações algébricas ou diferenciais? ”.

A matemática, segundo Reich (1950a, p. 164, tradução nossa), trabalha com quantidades, “definições numéricas de estados ou movimentos rígidos na natureza”, e apresenta-se como uma ferramenta incapaz de operar com qualidades, pois “NENHUMA QUALIDADE das funções da natureza entram ou podem entrar nas operações numéricas”, tendo como seu intento “abstrair-se de toda qualidade e aparência e reduzir todas as funções naturais a meras quantidades”. Essa “natureza exclusivamente quantitativa” constitui “o maior obstáculo para uma abordagem funcional abstrata da natureza tanto para a Matemática clássica como para a Orgonometria”.

Assumindo que toda ciência se fundamenta em seu próprio “aparato matemático, de modo a obter suas generalizações e abstrações das novas funções naturais”, Reich (1950a, p. 161, tradução nossa) esforçou-se para desenvolver, no funcionalismo orgonômico, uma espécie de formalismo matemático que permitiu que ele operasse com abstrações e que o levou à formulação de leis funcionais referentes à natureza. A orgonometria funcional, o último ramo do conhecimento desenvolvido por Reich, procurou responder afirmativamente a esta questão: “pode o princípio geral da matemática ser aplicado a um tipo de funcionamento não-rígido, que sempre se move e muda, nunca é estático? ” (REICH, 1950a, p. 163, tradução nossa).[133]

É possível, agora, demarcar o domínio de funcionamento da natureza que é objeto da orgonomia, ou, ao menos, diferenciá-lo daquele que é objeto da ciência mecanicista-

---

[133] Reich não deixou claro o que ele entendia por “princípio geral da matemática”, consideramos que o que esse pensador procurou desenvolver se associa mais ao campo da lógica, do que ao da matemática, uma vez que a orgonometria procura associar os âmbitos qualitativo ao quantitativo, conferindo, sempre, primazia às funções qualitativas, pois essas representariam melhor o caráter funcional da natureza. Nossa avaliação é no sentido de que, apesar da orgonometria apresentar relação com a matemática e com a lógica, da maneira como foi apresentada pelo autor, ela necessita ser melhor investigada por estudos no campo da filosofia da matemática e lógica, a fim de ser melhor compreendida e esclarecida. Estudos e investigações nesse sentido, ainda que fundamentais para melhor elucidar e compreender os fundamentos da orgonomia, até aonde sabemos, não foram realizados. Um estudo que se aproxima disso foi a investigação empreendida por Bedani (2019), que investiga o conceito de função no funcionalismo orgonômico, apontando suas diferenças e semelhanças com os conceitos filosófico (ontológico), teleológico e matemático de função. Uma síntese do estudo de Bedani será apresentado no item 4.5.5 a seguir.

materialista. Se a ciência materialista-mecanicista, fundamentada na matemática puramente quantitativa, propôs-se a investigar a parte imóvel da natureza, isto é, a matéria, ou tentou reduzir os fenômenos da vida ao campo da matéria, do imóvel, do estático, o funcionalismo orgonômico de Reich, por sua vez, buscou estudar a natureza a partir de sua característica mais fundamental: o movimento espontâneo da energia orgone, e a partir dessa característica, descobrir as leis funcionais e desenvolver sua metodologia de investigação. Em orgonomia, afirmou Reich (1950a, p. 164, tradução nossa),

> [...] a observação direta e a percepção sensorial das qualidades funcionais da natureza, como por exemplo, a forma e o crescimento das nuvens, a vibração e o cintilar do céu, os fenômenos luminosos na sala escura etc. vieram se tornar requisitos de primeira ordem em nossa pesquisa natural. Antes de medirmos qualquer coisa, nós devemos conhecer, ver e sentir o que medimos.[134]

Devido ao seu caráter funcional, a natureza não pode ser estudada por uma abordagem exclusivamente quantitativa, pois “é impossível derivar abstrações rígidas, corretas de funções sempre em movimento e mutáveis; é igualmente impossível aplicar abstrações rígidas [...] a processos naturais sempre mutáveis” (REICH, 1950a, p. 164, tradução nossa). A saída para esse impasse é a tarefa para a orgonometria:

> [...] formular abstrações que mostrem em si mesmas as características básicas do funcionamento natural: fluidez, apesar de uma forma comum básica, uma variabilidade interminável e uma imprevisibilidade de acordo com uma lei natural básica N, que abrange tudo. (REICH, 1950a, p. 164, tradução nossa).

Podemos, agora, retornar a nossa atenção aos aspectos metodológicos do funcionalismo orgonômico, mais especificamente à aplicação do conceito de PFC e sua relação com as transformações entre a função-mãe e as funções-filhas.

Por conta da natureza ser tão fluída em seus campos básicos, especialmente no campo do vivo, diferentemente dos processos puramente mecânicos, Reich (1950a, p. 169 e 170, tradução nossa) afirmou ser necessário descrever as suas “transformações funcionais concretamente e conhecer o tipo de integração dos constituintes em um todo”. Segundo ele:

> Cada uma das unidades funcionais sob investigação deve ser concretamente bem definida, seja uma nuvem, um organismo ou um processo de qualquer tipo. Essa definição deve incluir as transformações. [...] Nós devemos conhecer a textura funcional e as transformações, isto é, os *processos* envolvidos, se quisermos ter sempre esperança de nos mover em direção ao PFC de toda a natureza N. (REICH, 1950a, p. 170, tradução nossa).

---

[134] Reich, nessa citação, referiu-se à “sala escura”, trata-se de um recinto em seu laboratório, construído com as mesmas características de um acumulador de energia orgone, isto é, material orgânico por fora e metal por dentro. Muitas das observações, realizadas por esse pesquisador, referentes aos fenômenos luminosos e aos movimentos da energia orgone ocorreram dentro desse recinto, que, por concentrar a energia orgone em seu interior e ser um ambiente escuro, favorecia a observação desses fenômenos.

Ao caminhar em direção aos PFCs mais profundos e amplos, Reich (1950a, p. 176, tradução nossa), intuitivamente, concluiu que toda a natureza deveria estar regida por um princípio de funcionamento comum N, que abrangeria todo o funcionamento da natureza. Esse princípio ele considerou ser o número *um*, no sentido de ser:

> [...] a *unidade* básica de toda existência, a lei natural que penetra em tudo, o PFC de toda a natureza. É dado teoricamente no oceano de orgone cósmico, o "éter", o "contínuo que em tudo penetra", a "lei natural fundamental", a qual, como o PFC de *toda* a natureza, necessariamente permeia e limita qualitativamente o número ilimitado de variações à direita da equação [ver figura 7] com N designando o PFC de toda a natureza, X e Y designando as primeiras duas variações, e V designando o próprio princípio de variação. Cada simples variação à direita da equação variará ela própria de acordo com o funcionalismo orgonômico da natureza: cada variação funcionará como uma variação no que diz respeito ao seu PFC à esquerda; e simultaneamente funcionará como um PFC para todas as variações seguintes à direita. (REICH, 1950a, p. 176-177, tradução nossa).

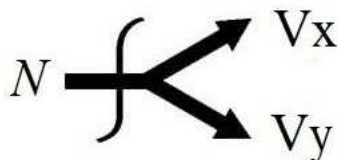



FIGURA 7
Adaptado de Reich (1950a, p. 177).

A pesquisa funcional da natureza pode assumir dois caminhos, ou duas direções: "ela pode investigar a característica essencial de um certo domínio funcional, o PFC, então dirigir-se às suas variações. Neste caso, nós investigamos o processo de *desenvolvimento* que é dado pelo sentido de *A* para x e y" (REICH, 1950a, p. 171, tradução nossa). Ou, ao invés disso, "seguir em direção ao PFC da natureza como um todo", ou seja, "investigar a dada função natural não como um PFC, mas como uma variação x ou y", e, após de ter estabelecido suas características particulares, buscar-se a sua função pareada, procurar-se pela sua inter-relação funcional e, com base nisso, tentar-se encontrar o seu PFC, conforme o esquema:

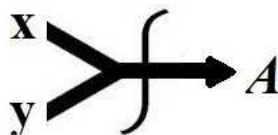



FIGURA 8
Adaptado de Reich (1950a, p. 171).

Conforme esclareceu Reich (1950a, p. 171, tradução nossa), “há *duas* DIREÇÕES dadas em nossas equações orgonométricas. A que vai do PFC às variações, retrata o desenvolvimento. A outra, que vai das variações ao PFC, descreve a *história natural* ou o *desenvolvimento passado estruturado*”. Essas duas direções poderiam ser representadas no seguinte esquema:

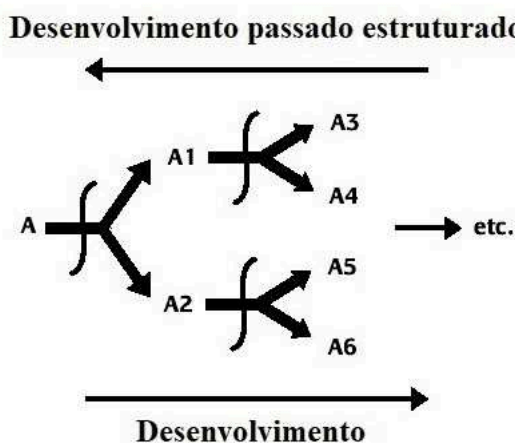



FIGURA 9
Adaptado de Reich (1950a, p. 166).

Reich (2003, p. 112) afirmou que, atuando no sentindo que vai das variações ao PFC, ao buscar uma “unificação lógica e simples de duas funções em um terceiro princípio de funcionamento comum”, o funcionalismo orgonômico imprimiu duas marcas que fazem parte de sua identidade epistemológica e, ao mesmo tempo, de sua metodologia: 1) “no decorrer de uma compreensão progressiva, todas as funções existentes tornam-se mais simples e não mais complicadas”; e 2) “com a unificação em um princípio de funcionamento comum, surge automaticamente uma orientação de pesquisa que pressiona pelo conhecimento de princípios de funcionamento ainda mais simples e mais abrangentes”.

Pode-se deduzir da direção que se segue na pesquisa um importante princípio para avaliar a posição ou profundidade das funções, de modo que “Elas podem ficar mais perto ou mais afastadas do princípio básico da natureza. Quanto mais perto estão, mais abrangentes são; quanto mais estreitas são, menor é o seu campo de funcionamento” (REICH, 1990a, p. 16, tradução nossa). Assim, quanto mais profunda for uma função, mais perto do princípio básico da natureza ela se encontra e, portanto, o seu princípio de funcionamento comum tem um alcance maior.

Portanto, o funcionalismo orgonômico “se opõe nitidamente a todos os outros métodos conceituais”, pois, conforme entendimento de Reich (2003, p. 112), “para o mecanicista e o metafísico, a complexidade do mundo aumenta na proporção direta do crescimento do

conhecimento de fatos e funções. Para o funcionalista, os processos naturais tornam-se mais simples, claros e transparentes".

A metodologia do funcionalismo se caracteriza, segundo Reich (2003, p. 114), por ser uma "exploração histórica e genética". Diferentemente do pensamento mecanicista que "favorece as diferenças, tem o hábito de negligenciar o que é comum e, portanto, torna-se rígido e nitidamente divisor", o funcionalismo orgonômico, ao buscar pelo princípio de funcionamento comum, "está interessado principalmente nas características comuns" e, uma vez que "os traços comuns apontam invariavelmente para uma origem comum", essa metodologia de investigação torna-se também uma investigação sobre a origem e sobre o desenvolvimento das funções da natureza.

É evidene a semelhança da referida característica metodológica com a metodologia empregada por Darwin quando este estudou traços idênticos nos animais, a fim de entender o processo histórico de desenvolvimento da natureza e buscou por leis genéticas, evidência esta que foi reconhecida pelo próprio Reich (2003, p. 114) ao firmar que:

> Quando Darwin estudou a origem do homem, enquanto proveniente dos animais superiores, considerou muito mais importante que os embriões do homem, do porco, do macaco e do cachorro apresentassem tantos traços idênticos, em vez de quaisquer diferenças sutis. Desta maneira, descobriu o princípio comum de evolução dos vertebrados, que é válido para o homem e o macaco.

Além de Darwin, Reich (1990d, p. 65, tradução nossa) reconheceu que Freud também o influenciou a pensar em termos históricos e em termos de desenvolvimento dos processos: "Eis o que aprendi de Freud [...]: pensar em termos históricos, de desenvolvimento – sempre, sempre. Como isso se desenvolve? Qual é o primeiro, o segundo, o terceiro passo, e assim por diante, do processo de desenvolvimento mais amplo?".

O funcionalismo orgonômico, como se antecipou anteriormente, sofreu forte herança de alguns dos princípios e pressupostos metodológicos do materialismo dialético (ver item 3.3.5). Ainda que haja diferenças fundamentais entre os princípios e conceitos fundantes do funcionalismo reichiano e os do materialismo dialético, é possível perceber algumas semelhanças, por exemplo, na ideia de que a natureza é regida por pares de funções. No materialismo dialético, a relação entre os fatos é sempre de ordem antagônica ou de oposição; no funcionalismo orgonômico, essa é uma das possibilidades, mas não a única, em que a identidade funcional pode se apresentar. Além disso, como já mencionado antes, o materialismo-dialético tem uma orientação prospectiva, em que o desenvolvimento da natureza se apresenta em ordem de complexidade crescente, já o funcionalismo orgonômico, ao buscar

por um PFC, acaba tomando um caminho em sentido contrário, buscando por princípios cada vez mais simples e amplos, no sentindo de integração e unificação dos diversos domínios da natureza e ramos do conhecimento.

Em relação às diferenças entre o funcionalismo orgonômico e a dialética, Maluf (2009, p. 171) afirmou o seguinte:

> Embora na orgonomia a complementariedade dos opostos seja fundante, ela não é idêntica à dialética. Nesta última, a síntese surge da pressão da contradição existente entre opostos, enquanto na primeira, além da direção da seta que representa o novo, o indeterminado, a "criação" (tomando-se a representação no sentido esquerda-direita), há também a representação da "historicidade", do desenvolvimento (sentido direita-esquerda), em que o PFC (Princípio Funcional Comum) da função, num determinado domínio, pode ser "variação", ao mesmo tempo, de um domínio mais abrangente e profundo.[135]

Buscando responder à pergunta sobre "a origem do desenvolvimento ou das transformações na natureza", no período em que realizou suas investigações com base no materialismo-dialético, Reich teorizou sobre três diferentes tipos de relações antitéticas na natureza, as quais foram descritas no item 3.3.5: a antítese dos sistemas, a antítese dissociativa e a antítese genética.

Esses três tipos de antíteses foram reformulados e desenvolvidos no funcionalismo orgonômico, em princípios funcionais da natureza: a antítese dos sistemas reaparece reformulada como o princípio de que, na natureza, toda função tem uma contraparte, que pode ou não estar em relação de antítese, mas que, certamente, estabelece alguma identidade funcional com sua função pareada. A antítese dissociativa reaparece reformulada como o princípio de que uma função-mãe, um PFC, dissocia-se e dá origem a pares de funções-filhas, as variações.

A antítese genética reaparece reformulada como a função denominada por Reich (1950a, p. 181, tradução nossa) de *criação*, que, no dizer desse autor, corresponde ao "desenvolvimento de novas unidades individuais em um processo de desenvolvimento tal como o brotar em Biologia" ou o aparecimento de "formas inteiramente novas de existência tais como o desenvolvimento de novas espécies". Essa função "aparece baseada na emergência de um PFC qualitativamente diferente, que daí para frente desenvolverá suas próprias variações específicas".

A forma básica da equação orgonométrica, como representada pela figura 5, não se aplica à função de criação. Segundo Reich (1950a, p. 181 e 182, tradução nossa), a forma básica da equação orgonométrica "está em completo acordo com a divisão em amebas, a partir da qual

---

[135] É possível acompanhar a explicação de Maluf com base na figura 9.

ela foi originalmente derivada. Mas ela falha se nós tentarmos aplicá-la à procriação em domínios biológicos superiores àqueles dos protozoários". A função de criação adota uma outra forma, que será adiante apresentada, contudo, para melhor compreendê-la, faz-se necessário apresentar uma outra função fundamental, a qual está na raiz da função de criação.

Fundamentado em observações detalhadas e minuciosas em campos diversos da natureza, Reich considerou ter encontrado um princípio fundamental de funcionamento, que cobriria um amplo domínio de funcionamento da natureza, o qual foi denominado por ele de *superposição cósmica*. Esse pesquisador descreveu em detalhes esse princípio, assim como outras propriedades da energia orgone, no livro *A Superposição Cósmica* (REICH, 2003)[136]. Mais facilmente observável no caso de seres vivos, mas também ocorrendo na natureza não-viva, "a superposição bioenergética está estreitamente ligada à excitação plasmática e às sensações de corrente em dois sistemas orgonóticos [...]" (REICH, 2003, p. 202). A importância e a abrangência desse princípio, conforme concebido por Reich, podem ser evidenciadas na arguição fornecida por esse autor em *A Superposição Cósmica*:

> Reduzida e abstraída à sua mais pura forma, a superposição na esfera biológica aparece como a aproximação de duas correntes orgonóticas por meio da atração e contato bioenergético pleno. Membranas, órgãos, fluídos, nervos, força de vontade, dinâmica inconsciente e outros elementos não devem ser levados em conta aqui, já que não se constituem em superposição. A superposição de duas correntes de orgone apresenta-se como um princípio de funcionamento comum (PFC) da natureza, que funde dois organismos vivos de uma maneira específica – específica à função natural básica, e não aos dois organismos. Em outras palavras, *a superposição de duas correntes de energia orgone, enquanto função, vai muito além da biologia*. Também governa outras esferas da natureza, do mesmo modo que governa sistemas vitais. (REICH, 2003, p. 202 e 203).

Afim de se descobrirem as esferas da natureza, além do domínio da vida, "que são governadas pela superposição de duas correntes de energia orgone", Reich (2003, p. 203), alertou para que se preste atenção à forma básica e ao movimento, que ele considerou representar a função de superposição entre duas correntes de energia orgone que se aproximam e se fundem:

[136] O referido livro foi originalmente publicado de forma independente, contudo, posteriormente, foi publicado em edição conjunta ao livro *O Éter, Deus e o Diabo*. A referência utilizada na presente pesquisa refere-se à tradução brasileira da edição americana conjunta de ambos os livros.

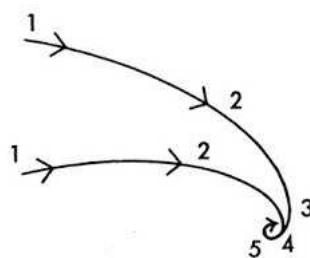



FIGURA 10
Adaptado de Reich (2003, p. 203).

Reich (2003, p. 204) descreveu as seguintes características funcionais na forma básica e no movimento de duas correntes de orgone quando ocorre a superposição, respectivamente aos números da figura 10: 1) duas direções de fluxo da energia orgone; 2) convergência ("atração") e aproximação mútua de duas correntes de energia; 3) superposição e contato; 4) fusão; e 5) curvatura acentuada da trajetória do fluxo.

Uma corrente ou unidade de energia orgone, conforme observações e estudos realizados por Reich (2003, p. 205), apresentaria um movimento de *onda giratória*, como apresentado na figura 11.

FIGURA 11
Adaptado de Reich (2003, p. 205).

Segundo esse autor, haveria "ampla e bem fundamentada evidência quanto ao fato de que *duas destas unidades de energia orgone espiraladas e excitadas se atraem e se aproximam uma da outra até se superporem*" (REICH, 2003, p. 205), cujo movimento pode ser visualizado na figura 12.

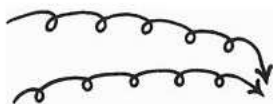



FIGURA 12
Adaptado de Reich (2003, p. 206).

Investigando uma série de fenômenos pertencentes a domínios diferentes da natureza, fundamentado em observações e descrições minuciosas de eventos como o movimento

espiralado das galáxias, o movimento giratório dos planetas, a formação dos furacões, o movimento da aurora boreal, o ato sexual, inúmeros movimentos e formas encontrados no domínio da vida, e procurando abstrair os padrões de uniformidade encontrados nesses movimentos, Reich (2003) concluiu que a superposição cósmica estaria na origem de todos eles e abrangeria os três grandes domínios funcionais da natureza: 1) a *energia orgone livre de massa*, denominado também de *oceano primordial de energia orgone cósmica*; 2) a natureza não-viva; e 3) os fenômenos da vida.

No domínio da vida, a superposição levaria à formação de uma *forma básica da matéria viva*, que se manifestaria numa uniformidade que poderia ser facilmente constatada nos formatos de diversos fenômenos biológicos, como nas sementes e nos bulbos das plantas, nas células espermáticas dos animais, nos ovos e embriões dos animais, em todos os órgãos do corpo animal, nos organismos unicelulares, nos corpos inteiros de plantas e animais etc. (REICH, 2003, p. 218 e 219).

Segundo Reich (2003, p. 219), "*pode-se reduzir facilmente todas as formas na esfera da matéria viva à forma de ovo*". Essa uniformidade, que teria um formato semelhante ao de um ovo, ou ao de uma gota, e que foi denominada de *orgonoma*, seria decorrente do movimento da superposição das duas ondas giratórias o qual imprimiria, na matéria viva, a referida forma, expressando o movimento da energia orgone no momento da superposição, cristalizando esse movimento na forma básica da matéria viva, mas, também, gerando o movimento circular interno da energia orgone dentro dos sistemas orgonóticos vivos.

A superposição cósmica teria uma outra importante função, a saber, a criação da matéria. A matéria "emergiria" do substrato de energia orgone livre de massa, conforme uma hipótese levantada por Reich (2003, p. 206), a qual vinculou essa emergência à função de superposição. Assumindo o "oceano primordial de energia orgone" como sendo "completamente livre de massa", esse autor considerou a seguinte arguição para fundamentar sua conjectura de que a matéria seria criada por energia livre de massa:

> Parece lógico assumir como decorrência que, *no processo de superposição de duas unidades de energia orgone livres de massa espiraladas e altamente excitadas, perde-se energia cinética, a taxa de movimento giratório decresce bastante, a trajetória do movimento encurva-se abruptamente e ocorre uma mudança da trajetória em forma de um giro alongado que avança no espaço para um movimento circular no lugar da superposição.* Exatamente neste ponto do processo, emerge a massa inerte a partir do movimento mais lento de duas ou mais unidades de orgone superpostas. [...] O ponto fundamental é a emergência da massa inerte a partir da energia cinética congelada.

A massa seria criada, conforme suposição de Reich (2003, p. 207), “pela superposição de duas ou mais unidades de energia orgone em movimento giratório espiralado, através da perda de energia cinética e encurvamento abrupto da trajetória alongada para um movimento circular”. Esse autor ilustrou esse hipotético processo da seguinte maneira:

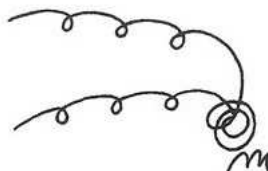



FIGURA 13
Fonte: Reich (2003, p. 207).

Essa suposição estaria, conforme Reich (2003, p. 206 e 207), “totalmente de acordo com as bem conhecidas leis da física clássica”, assim como “com a teoria quântica”, cuja discussão não está no escopo deste trabalho. A relação funcional entre o movimento giratório da energia orgone livre de massa com a criação da matéria estaria na base de diversos fenômenos da natureza, de modo que, com base nessa formulação teórica, Reich abriu caminho para diversas aplicações da orgonomia em campos como a astrofísica, a física, a meteorologia, as quais ele julgou ter encontrado suporte experimental para sustentar as suas teorias.[137]

Após essa breve apresentação sobre a função de superposição, pode-se retornar à função de criação. Ao diferenciar o PFC atuante na divisão celular de um protozoário com o PFC atuante na divisão celular de um metazoário, Reich (1950a, p. 182, tradução nossa) afirmou que:

> O PFC “animal” não se divide ou se dissocia como uma ameba no processo de propagação. Antes que um novo animal ou planta possa vir a ser, ocorre superposição, fusão e interpenetração de um par de variações. Primeiramente, os dois organismos, macho e fêmea, se superpõem, eles se fundem e se interpenetram energeticamente, aí então suas respectivas células germinativas repetem a fusão e a interpenetração. No decorrer desse processo, da fusão e de duas variações pareadas, um novo PFC, uma unidade funcional é “criada”.

[137] Nos últimos anos de vida, Reich dedicou-se a investigar, teorica e experimentalmente, as funções primordiais da energia orgone com mais profundidade e detalhamento, buscando compreender a relação da energia orgone livre de massa com a criação da matéria. Ele desenvolveu equações orgonométricas antigravitacionais e experimentos a fim de verificar se suas formulações estavam corretas, as quais, segundo ele, teriam indicado que a gravidade não seria uma função direta da matéria, mas antes, estaria relacionada ao movimento da energia orgone (REICH, 1957). Além disso, realizou experimentos a fim de investigar os efeitos da energia orgone quando posta em interação com a energia nuclear (REICH, 1951b) e desenvolveu uma série de experimentos com o cloudbuster, a fim de conferir as suas formulações teóricas sobre o funcionamento da energia orgone livre de massa e sua relação com a matéria maior concretude e fundamentos empíricos.

O processo de criação, conforme Reich (1950a, p. 182, tradução nossa), não poderia ser expresso pela equação orgonométrica básica, no formato em que foi formulada e se apresenta na figura 8, "uma vez que a direção geral leva de um PFC A para um *novo* PFC". No caso da função de criação, está-se "lidando com desenvolvimento e não com análise histórica". A criação de um novo PFC *A1*, afirmou Reich,

> [...] é assim precedida pela fusão de duas funções pareadas e simultaneamente opostas, X e Y. Nós devemos supor que o processo de criação espelha alguma lei natural básica. Nós achamos que fusão e criação não estão limitadas aos sistemas orgonóticos metazoários. As amebas usualmente se propagam por simples divisão sem fusão. Entretanto, é sabido que, por vezes, amebas se fundem, assim criando uma nova unidade *A1* a partir de duas variações, onde a nova propagação, através de simples divisão pareada, novamente segue seu curso. (REICH, 1950a, p. 182, tradução nossa).

Contudo, no caso da formação do zigoto a partir de dois gametas[138], é necessário que ocorra a fusão entre as células germinativas do macho e da fêmea, antes que a divisão simples ocorra. A criação de um novo PFC, *A1*, "encaixa-se no processo de fusão de duas funções naturais básicas pareadas" (REICH, 1950a, p. 182, tradução nossa), podendo ser expressa por:

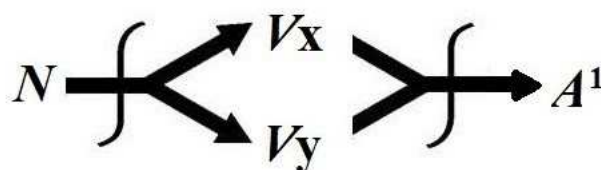



FIGURA 14
Fonte: Reich (1950a, p. 182).

A figura 14, a equação orgonométrica da função de criação, pode ser assim lida: "N representa a lei natural orgonômica básica, V o próprio princípio de variação, X e Y, as variações concretas, e A1, o PFC que emerge da função de X e Y" (REICH, 1950a, p. 183, tradução nossa). A função de criação não se limitaria à reprodução, podendo ser encontrada em diversos fenômenos da natureza onde um novo PFC emerge, contudo, Reich (1950a, p. 183, tradução nossa) esclareceu que o "símbolo N representa funções básicas da energia orgone cósmica *indiferenciada*, e não as funções naturais secundárias, tais como massa inerte e energia mecânica". Ainda necessitaria verificar se a função de criação estaria presente em determinadas

[138] A fim de se rastrear as origens do funcionalismo, vale notar que, quando Reich teorizou sobre a antítese genética, em que ocorre o processo de passagem de uma dissociação para uma reunificação da antítese, ele utilizou esse mesmo exemplo, o que permite depreender que a função de criação reaparece como uma reformulação da antítese genética.

combinações químicas presentes, por exemplo, na criação de moléculas, como na ligação do Na (sódio) com o Cl (cloro). A esse respeito, esse autor esclareceu que:

> A criação parece ser limitada somente às funções orgone *livres primordiais*. Isto inclui mais do que a vida, uma vez que a energia orgone cósmica primordial é livre, isto é, não é limitada. A criação em todos os domínios do vivo aparece como uma continuação imediata de funções de energia orgone primordial livre de massa dentro dos limites da matéria membranosa. Entretanto, como a experiência XX tão claramente demonstrou, a própria matéria membranosa em sistemas vivos emerge da estruturação da energia cósmica primordial livre. (REICH, 1950a, p. 183, tradução nossa).[139]

A função de superposição cósmica e a função de criação foram as formulações teóricas utilizadas por Reich para descrever as raízes cósmicas dos fenômenos da natureza presentes nos três grandes domínios. Assim, fenômenos astrofísicos, como a formação de galáxias, fenômenos climáticos, como a formação de furacões, fenômenos biológicos, como o ato sexual e a origem da vida, passaram a serem vistos como fundados nesse PFC abrangente, originário do oceano de energia orgone cósmica, que unificaria os três grandes domínios da natureza.

Fundamentado na orgonomia, em especial, nas funções de superposição cósmica e de criação, fica mais clara a asserção de Reich no sentido de que antes de ser visto como um ser social, ou até mesmo como um ser biológico, o ser humano deveria ser compreendido em relação às propriedades cósmicas presentes nele: "as raízes do homem no universo são representadas pelas funções de superposição, fusão e criação, que ele tem em comum com as funções cósmicas e processos de uma natureza puramente orgone-*física*" (REICH, 1950a, p. 183, tradução nossa).

A aplicação da metodologia do funcionalismo orgonômico, em especial, a busca por PFC cada vez mais simples e amplos, orientou as pesquisas e os desenvolvimentos teóricos de Reich em direção ao que ele considerou ser o PFC de toda a natureza. Foi, "somente há pouco tempo atrás" que, conforme afirmou Reich (1950a, p. 170, tradução nossa), pôde-se aprender "como a mente se desenvolve funcionalmente a partir dos instintos, os instintos a partir das funções bioenergéticas, essas funções a partir dos desvios da energia física, e essas, por sua vez, a partir das funções da energia cósmica".

Assim, "ao derrubar todas as barreiras erigidas pelo mecanicista contra a natureza, ao diferenciar funções comuns de variações específicas", o funcionalismo orgonômico "reduz diferentes fatos a interconexões funcionais, funções a processos de energia e diversos processos de energia a uma lei funcional da natureza de validade geral". Reich (2003, p. 119) deixou claro que "o que importa", ao se operar com o funcionalismo orgonômico, "é a orientação para a

---

[139] O experimento XX será abordado no próximo capítulo.

pesquisa na observação da natureza. E essa orientação (simplificação e unidade contra complexidade) depende da estrutura do cientista".

Conforme afirmou Reich (2003, p. 122), "a inter-relação funcional dos fatos de áreas diferentes e amplamente separadas, obtidos através de diferentes métodos de investigação, mas subordinados a um mesmo princípio teórico", o qual opera com a noção de PFC, "não é bruxaria ou mágica, e sim uma técnica de pensamento que pode ser aprendida. Ajudados por essa técnica conceitual, podemos transpor abismos que, até agora, dificultaram seriamente a pesquisa biológica e médica". A propósito, vale lembrar que o funcionalismo orgonômico, ao adentrar no vasto campo dos fenômenos naturais, utilizou como bússola de orientação, o "movimento e os processos de energia" e os "movimentos primitivos e processos de energia vital", os quais - diferentemente da ciência mecanicista, que buscou se orientar pela estrutura da matéria e pelos processos químicos - são mais simples e acessíveis à observação, conferindo, simplicidade e, ao mesmo tempo, acesso aos domínios profundos de funcionamento da natureza à abordagem desenvolvida por Reich.

> É o movimento biológico primário, isto é, a emoção primária que, de maneira simples, combina a substância vital de vários estratos de organização em *um* estrato. Em princípio, tornamo-nos independentes dos trajetos dos nervos e das glândulas específicas porque colocamos o problema no lugar a que ele pertence: o fundamento do funcionamento vital. As linhas de orientação de nossa técnica conceitual não são a matéria ou a estrutura, mas sim o movimento e os processos de energia. Já que substâncias e formas estruturais são de uma complicação sem fim, enquanto movimentos primitivos e processos de energia vital são extremamente simples e acessíveis à observação, adquirimos uma perspectiva nova e cheia de esperança. Neste ponto, é a própria simplicidade de nossa perspectiva clínica e experimental que nos separa de nossos colegas que trabalham com substâncias químicas e estruturas na patologia mecanicista. (REICH, 2003, p. 122).

Reich forneceu, com muito mais detalhes, descrições, exemplos e outros aspectos formais da orgonometria e do funcionalismo orgonômico nos seus textos do período orgonômico, isto é, que foram escritos após ele considerar ter descoberto a energia orgone em 1939. Foge ao escopo do presente trabalho cobrir e descrever todos eles, ainda que tal tarefa seja útil para uma compreensão mais profunda e exata do funcionalismo reichiano. Contudo, antes de finalizarmos esse item, consideramos necessário apresentarmos a formulação orgonométrica sobre um importante aspecto do funcionalismo, o qual já foi apresentado sucintamente antes, a saber, aquele que versa sobre a unidade funcional entre pesquisador e a natureza, o qual, se constitui em um dos fundamentos do funcionalismo orgonômico.

No texto *Orgonometric Equations*, Reich (1950a, p. 170, tradução nossa), manifestou sua preocupação em relação às abordagens que se satisfazem "com meras abstrações da mente".

Segundo ele, “deixar uma mente, que não é compreendida, relacionar ocorrências únicas desconectadas da natureza, não levou e nunca levará a lugar algum”. A fim de se construir uma abordagem sólida, que não caia nos perigos do misticismo, ou seja, que não distorça a realidade, “devemos compreender primeiramente o princípio de funcionamento comum na própria natureza”, e, para se alcançar essa meta, “devemos, primeiramente, coordenar o observador, como uma parte da natureza, com o domínio observado, de tal forma, que nós descrevemos realidades e não nossas fantasias distorcidas acerca das funções naturais”. Orgonometricamente, a unidade funcional entre o domínio da natureza observado e o observador da natureza “aparecem como funções variadas de um princípio de funcionamento comum, a energia orgone cósmica, que governa ambos”. Reich representou essa relação funcional na equação orgonométrica apresentada na figura 15. Abstrações estariam enraizadas em funções concretas da natureza, pois, conforme esclareceu Reich:

> Abstrações são operações de uma mente capaz de perceber; a percepção está enraizada como uma variação na natureza de uma forma concreta. DEVEMOS MOSTRAR QUE CADA ABSTRAÇÃO CORRESPONDE A FUNÇÕES CONCRETAS DA NATUREZA, OBSERVÁVEIS E VERIFICÁVEIS de acordo com a forma funcional [conforme ilustrado na figura 15]. O sistema de técnica de pensamento assim não flutuará *acima* da natureza desconectada. Ele deve ser parte da natureza em si, seguindo as mesmas leis básicas da natureza. Também o pensamento científico e o processo objetivo que está contido na forma de pensamento de um par funcional têm seu PFC *fora* de seu próprio domínio em um terceiro constituinte, mais básico, do processo total de pensamento. É este estrito requisito da Orgonomia que a faz parecer tão estranha e, algumas vezes, “não-científica” aos libertinos no campo da formulação de teorias. (REICH, 1950a, p. 170 e 171, tradução nossa).

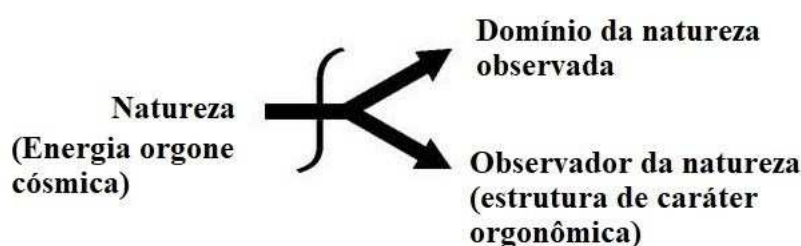



FIGURA 15
Fonte: Reich (1950a, p. 170).

Com base no que foi dito, é possível concluir que “o processo natural sob investigação e o processo de investigação” formam, também, um par funcional, “cujo PFC é o ‘contato orgonótico’ entre o pesquisador e a natureza” (REICH, 1950a, p. 171, tradução nossa). A noção de contato orgonótico é crucial para todo o campo aplicado da orgonomia, em especial, para a orgonoterapia, dado que um dos fundamentos dessa terapia é a capacidade do terapeuta de

entrar em contato com o que se passa no organismo do paciente, de tal forma que um terapeuta sem bloqueios deveria conseguir sentir em seu próprio corpo aquilo que ocorre no corpo de seu paciente.

4.5.5 O conceito de função no funcionalismo orgonômico

O conceito de função e seus correlatos - tais como, dependência funcional, identidade funcional, pensamento funcional, método funcional etc. -, conforme afirma Bedani (2019, p. 3), "foram fundamentais para o desenvolvimento da obra de Reich", posto que esse autor "valeu-se extensivamente do conceito de função e forjou, também, sua própria teoria funcionalista" (BEDANI, 2019, p. 39). Assim, a fim de concluirmos a investigação sobre os fundamentos epistemológicos do funcionalismo orgonômico, proposta como objetivo do presente capítulo, esforçaremos-nos a apresentar uma resposta à seguinte questão: Qual é o sentido conferido por Reich ao conceito de função em sua obra?

Para isso, iremos nos fundamentar em conclusões apresentadas pelo referido pesquisador da obra reichiana em sua recente publicação, a qual realizou uma investigação sobre a inserção da perspectiva funcional no funcionalismo orgonômico, haja vista que esse pesquisador também procurou responder à questão que estamos nos propondo responder (BEDANI, 2019). Diretamente relacionada a ela, isto é, ao sentido do conceito de função na obra reichiana, retornaremos, neste subitem, a duas outras questões epistemológicas que percorreram a obra de Reich e que reapareceram nos textos finais sobre o funcionalismo orgônomico, a saber, a questão da causalidade e a questão do finalismo.

Como a noção de função não é unívoca, isto é, pode conter vários significados, Bedani (2019, p. 4) constatou que "o vocábulo em apreço pode assumir, no discurso científico, ao menos três sentidos, que não raramente se cruzam". Trata-se, segundo esse autor, de dois sentidos filosóficos e de um sentido matemático do conceito de função. Na sua pesquisa, esse autor se propôs a rastrear as origens dos significados desse termo como ele apareceu na filosofia clássica grega e a apresentar o desenvolvimento do conceito de função ao longo da história da matemática. Como a análise empreendida por Bedani, referente aos sentidos do conceito de função na obra de Reich, foi realizada com base nos três sentidos que ele julgou ter encontrado para o referido termo no discurso científico, iremos apresentar uma síntese de suas conclusões a esse respeito.

Filosoficamente, o conceito de função pode ter um sentido ontológico e um teleológico. Segundo Bedani (2019, p. 5), "na filosofia grega clássica, a palavra ἔργον (*ergon*) designava,

entre outros sentidos, trabalho, ação, realização, função". O termo *ergon*, como função, poderia "assumir duas acepções, remetendo ora à 'atividade de uma coisa', ora ao 'produto dessa atividade'".

Platão (427-347 a.C.), conforme Bedani (2019, p. 5), teria caracterizado o termo *ergon* "como aquilo que apenas a coisa 'é capaz de fazer' ou que 'faz melhor do que qualquer outra coisa'", denotando, dessa forma, "virtuosismo e excelência". Além disso, o termo grego *ergon* como função apresentava, também, um sentido teleológico, ou seja, "podia realçar ora as características específicas de alguma coisa, ora sua serventia ou propósito" (BEDANI, 2019, p. 6), de modo que o primeiro uso do termo remete ao seu significado ontológico e o último, ao teleológico.

O conceito ou noção de função na matemática foi fruto de um longo processo de desenvolvimento histórico já presente no período babilônico, o qual, segundo Bedani (2019, p. 9), "passou por diversas etapas e reformulações, alcançando, por fim, um lugar de destaque nos campos da Lógica e Matemática", cujas "contribuições para a construção da ciência moderna também foram cruciais".

O moderno conceito matemático de função, segundo Bedani (2019, p. 16), pode ser descrito da seguinte maneira:

> A moderna noção matemática de função se estabeleceu, mais precisamente, como um gênero particular de relação que se estabelece entre dois conjuntos. Do ponto de vista matemático, uma Relação é uma "conexão, correspondência ou contraste entre um par de objetos, medidas, números etc." (KLERK, 2007, p. 112, tradução nossa). Em linguagem matemática mais técnica, poder-se-ia dizer que, dados dois conjuntos não-vazios, *A* e *B*, sendo *A* o conjunto de partida e *B*, o conjunto de chegada, Relação é a correspondência que se estabelece entre os elementos de *A* e *B*. Se o elemento *x* pertence ao conjunto de partida *A* e o elemento *y*, ao conjunto de chegada *B*, dar-se-ia uma relação R de *A* em *B* quando o "elemento *x* de *A* é 'associado' ao elemento *y* de *B* mediante um certo critério de 'relacionamento' ou 'correspondência'" (IEZZI; MURAKAMI, 1977, p. 65). A relação R é, ela própria, definida como um conjunto de pares ordenados (*x, y*). (BEDANI, 2019, p. 16).

Contudo, não é qualquer relação entre dois conjuntos numéricos que permite caracterizar a relação como sendo uma função matemática, pois, conforme um grupo de matemáticos franceses, conhecido pelo pseudônimo de "Nikolas Bourbaki", segundo Bedani (2019, p. 16-17), a função passou a ser "caracterizada como um gênero especial de relação entre variáveis que pertencem a dois conjuntos (o conjunto de partida e o conjunto de chegada)", mais especificamente,

> [...] para cada elemento do conjunto de partida existe ou corresponde, tão somente, um elemento no conjunto de chegada. Se a variável *x* pertencer ao conjunto *A* e a variável *y*, ao conjunto *B*, estabelecesse uma relação funcional de *A* em *B* se, para cada valor atribuído a *x* existir, em correspondência, um e somente um valor de *y*. (BEDANI, 2019, p. 16-17).

O conceito de função exerceu forte influência tanto no âmbito da atividade científica, quanto, também, no campo da Teoria do Conhecimento, o que implica reconhecer que Reich "esteve entre os cientistas que sofreram impacto direto da epistemologia do conceito de função" (BEDANI, 2019, p. 18). A fim de se compreender os sentidos que Reich atribuiu ao conceito de função na sua vasta obra, é necessário levar em conta, conforme afirmou Bedani (2019, p. 38), "diversas formulações que não dizem respeito, ao menos de forma direta, à questão da funcionalidade", pois, Reich,

> [...] estabeleceu, ao longo de todo seu percurso, uma contínua intersecção entre proposições científicas e elaborações epistemológicas, gerando uma retroalimentação que exige que o estudioso de sua produção retome, muitas vezes, as postulações de teor mais científico para, depois, examinar a base epistemológica que deu sustentação a tais proposições. (BEDANI, 2019, p. 38).

Para compreender os sentidos que Reich atribuiu ao conceito de função, faz-se necessário entender uma série de outros conceitos que se relacionam, direta ou indiretamente, àquele conceito (e seus correlatos, como funcional, dependência ou identidade funcional, funcionalismo etc.) e que foram desenvolvidos ao longo de toda sua obra. O presente capítulo procurou abordar a maioria desses conceitos, os quais se constituem na proposta metodológica do funcionalismo orgonômico.

Objetivando pavimentar o caminho rumo à resposta que se quer construir sobre o conceito de função na obra de Reich, considera-se útil lembrar, ainda que brevemente, alguns dos elementos constitutivos da metodologia do funcionalismo orgonômico, conforme foram sintetizados por Bedani (2019, p. 52 e 53):

a) o funcionalismo orgonômico se constituiria numa perspectiva metodológica alternativa ao "mecanicismo" e ao "misticismo", sendo, importante lembrar que Reich "via a 'estrutura mecanicista' como o indivíduo que, por não ter contato com as fluidas 'correntes plasmáticas', apenas podia se agarrar à dimensão superficial e quantitativa dos fenômenos", e a "estrutura mística" era vista "como o sujeito que tinha algum contato com os 'fluxos plasmáticos', mas que, por não conseguir reconhecê-los como um fato corporal objetivo, atribuía a eles uma origem sobrenatural";

b) o funcionalismo orgonômico se constituiria numa "importante ferramenta intelectual para o ser humano 'desencouraçado' (ou seja, o indivíduo que não se distanciou de suas espontâneas "correntes vegetativas", nem as converteu patologicamente em representações de entidades suprafísicas)";

c) Reich, no funcionalismo orgonômico, conferiu "especial atenção ao 'movimento', ou melhor, à motilidade espontânea dos fenômenos (motilidade que teria por base uma força primordial descoberta pelo autor - a energia orgone - e que se distinguiria da 'substância', 'estrutura' ou 'função congelada')"; e

d) o funcionalismo orgonômico "insistiu na necessidade de o pesquisador identificar, em fenômenos inter-relacionados, os princípios que lhes são comuns, sem menosprezar, porém, as variabilidades e complexidades dos eventos estudados", conforme abordamos no subitem anterior, "trata-se da busca pelo 'princípio funcional comum' — a função que dá origem às suas variações e é mais ampla e profunda que elas".

Funcional, na perspectiva reichiana, explica Bedani (2019, p. 88), é "aquilo que remete ao movimento, não a qualquer tipo de movimento, mas à motilidade espontânea. Na base desse automovimento estaria uma 'força específica': a energia orgone cósmica". O funcionalismo orgonômico se constituiria, então, na "técnica de pensamento que procuraria retratar conceitualmente a mobilidade autônoma dos fenômenos".

Levando em conta esses conceitos cruciais da metodologia do funcionalismo orgonômico, pode-se, agora, retornar aos três sentidos do conceito de função encontrados por Bedani no discurso científico e relacioná-los aos sentidos que Reich conferiu a esse conceito no seu funcionalismo, a fim de procurar dar uma resposta à questão que nos propomos responder.

O sentido ontológico da função, discutido desde Platão e Aristóteles, "como aquilo que é próprio de algo (o *ergon* como característica definidora de uma coisa)", conforme explicou Bedani (2019, p. 89), "chegou, também, ao trabalho de Reich", mas ele o teria adaptado a sua perspectiva científica geral.

A função de um fenômeno, no seu sentido ontológico, não seria possível de ser apreendida, explica Bedani (2019, p. 90), apenas catalogando suas características e quantificando-as, pois, "na perspectiva reichiana, para se alcançar a função, é preciso ir além da inventariação dos elementos constituintes e apreender o fenômeno em termos de seu estado, sentido ou expressão de movimento".

A perspectiva metodológica reichiana, segundo Bedani (2019, p. 86), "propôs-se a olhar, antes de tudo, para a motilidade, transformação, evolução dos fenômenos, opondo-se, assim, às perspectivas epistemológicas que, de imediato, dirigiam a atenção para os elementos fortemente estruturalizados". O funcionalismo orgonômico, "sem negar o papel fundamental da dimensão estrutural, convida o investigador a se envolver diretamente, em um primeiro momento, com a processualidade dos fenômenos — pois até mesmo a substância estática não

passaria de movimento congelado". A fim de se manter atento, ao menos em um primeiro momento, às propriedades funcionais de seu objeto de estudo e, para pensar funcionalmente, o funcionalista de orientação orgonômica, segundo Reich,

> [...] precisaria estabelecer um "contato funcional", ou seja, um contato direto e vivencial com o objeto de estudo, orientando-se, nessa interação vívida, por suas "sensações de órgão". Instrumento de pesquisa privilegiado de acordo com Reich, as sensações de órgão seriam percepções mediadoras que permitiriam que o pesquisador "empatizasse", em sua própria corporalidade, com as formas expressivas de seu objeto de estudo. (BEDANI, 2019, p. 88 e 89).

Assim, o pesquisador, orientado pelo funcionalismo orgonômico, "ao estudar funções dotadas de 'motilidade espontânea', pauta-se, em um primeiro momento, por suas 'sensações de órgão', adquirindo assim uma noção vivencial, em sua própria corporalidade, das qualidades ou formas expressivas de seu objeto de estudo", primeiro passo para o seguinte, que seria, então, "identificar eventos mutuamente dependentes e, também, seus princípios de funcionamento comum, cartografando, nesse processo de pesquisa, a inter-relação dos fenômenos e o grau de profundidade em que operam" (BEDANI, 2019, p. 89).

As características próprias de um fenômeno, ou seja, a sua função no sentido ontológico, só poderiam ser descritas, portanto, "em relação ao seu estado de motilidade", e somente as sensações de órgão conseguiriam apreender essas propriedades qualitativas do objeto de estudo, em termos psicológicos. Pois, "semelhantemente a um texto bilíngue, as sensações de órgão teriam condições de traduzir com fidelidade, de acordo com Reich, o estado de movimento dos eventos que se encontram sob escrutínio científico" (BEDANI, 2019, p. 90 e 91). Segundo esse pesquisador,

> Haveria a possibilidade de se estabelecer, assim, uma identidade funcional entre objeto de estudo e sensação de órgão no que se refere ao estado de motilidade — em indivíduos não-encouraçados as sensações de órgão, segundo Reich, refletiriam psicologicamente o grau e tipo de motilidade do objeto sob investigação. (BEDANI, 2019, p. 90 e 91).

O sentido teleológico de função, ou seja, o *ergon* como finalidade ou propósito de alguma coisa, que, também, foi alvo de debates de Platão e Aristóteles, conforme afirmou Bedani (2019, p. 91), "não poderia escapar a Reich", sendo esta uma questão já presente nos primórdios da obra de Reich, quando ele era um estudante de medicina e sentiu-se incomodado com a aplicação do princípio teleológico no campo da medicina[140]. Esse pensador acreditava que o funcionalismo orgonômico superava tanto o pensamento causalista quanto a perspectiva finalista, sendo oportuno, agora, retornarmos ao problema do finalismo.

---

[140] Esse tema foi abordado no item 4.3.3.1 *O problema do finalismo*.

No texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, ao avaliar, orgonomicamente, o princípio de funcionamento comum do prazer e da raiva como sendo a expansão do aparato vital, Reich constatou que:

> A antítese prazer e raiva é consequência do fato de que no prazer a excitação biológica se apossa da superfície do corpo, enquanto que na raiva ela mobiliza a musculatura das camadas profundas e não atinge a pele. A carga na pele aumenta durante o prazer e decresce durante a raiva; este fato é demonstrável no oscilógrafo. Uma vez que a superfície da pele funciona, essencialmente, como um aparato perceptual, enquanto que, em contraste, a musculatura funciona, essencialmente, como um aparelho de movimento e de destruição, essa diferença fisiológica permite explicar, também, a diferença entre as metas das emoções prazer e raiva: a meta da primeira é a *sensação* palpável do *prazer* na superfície do organismo, a meta da segunda é *atividade motora* e a *destruição*. (REICH, 1990a, p. 16 e 17, tradução nossa).

Com base nessas considerações, Reich afirmou que "*o funcionalismo orgonômico faz derivar, portanto, as metas instintuais de funções instintuais;* e não funções instintuais de metas instintuais, como faz a metafísica", pois "a atividade motora da musculatura é anterior à 'meta' de destruição e a função de prazer se estabeleceu antes da 'meta' do prazer" (REICH, 1990a, p. 17, tradução nossa). Poucos anos mais tarde, no texto *Orgonometric Equations*, referindo-se a essa mesma questão, Reich (1950a, p. 178, tradução nossa) escreveu: "*a função sempre precede seu propósito* e nunca o contrário. Este é um ponto crucial no pensamento científico natural: a meta, o uso, o propósito, são sempre secundários em relação às funções que lhes sustentam". Para exemplificar suas afirmações, esse autor forneceu, entre outros, o seguinte exemplo:

> É óbvio que antes de surgir o propósito de viajar de trem para Chicago, a *função* da máquina a vapor precisava ter sido desenvolvida. E a função da máquina a vapor não foi inventada com seu propósito principal vinculado àquela viagem; ela se desenvolveu a partir de funções previamente desenvolvidas, tais como o rolar da roda e a ação de ferver a água. Os primeiros animais humanos que fizeram uma roda girar ou que ferveram água não podiam saber com antecedência, com certeza, quais seriam os propósitos que aquelas funções assumiriam no futuro. (REICH, 1950a, p. 177 e 178, tradução nossa).

Conforme o entendimento de Bedani (2019, p. 54), "Reich estabeleceu uma diferenciação entre a função de origem e seus eventuais propósitos e procurou esclarecer que a finalidade se desenvolve *a posteriori*, a partir das potencialidades contidas no fenômeno original". Bedani (2019, p. 91) explica que os sentidos ontológico e teleológico de função aparecem articulados, no funcionalismo reichiano, da seguinte forma:

> Estabelecendo uma diferenciação entre a função (a característica própria de algo) e o propósito da função (sua meta ou objetivo), Reich insistiu que a finalidade deriva secundariamente das potencialidades contidas na própria função. Assim, a função, no sentido reichiano, refere-se ao grau de motilidade (em uma escala que vai do fluxo espontâneo ao movimento congelado) de um dado fenômeno (algo dotado de propriedades bem definidas), sendo que seus eventuais propósitos ou serventias não são idênticos a sua raiz, mas derivam-se dela.

Um outro sentido que aparece no conceito de função no funcionalismo reichiano é o de "inter-relação", pois, conforme explicou Bedani (2019, p. 92), "uma dada função estava, frequentemente, associada a outra função, estabelecendo-se, entre elas, uma relação de mútua correspondência". Essa noção de inter-relação, conforme a investigação desse pesquisador, estaria "fortemente inspirada, entre outras fontes, pela tradição hegeliana e pelo pensamento engeliano", mas, "também, do conceito matemático de função".

Diferentemente do conceito matemático de função, que estabelece uma relação entre um conjunto de partida (formalmente denominado de "domínio") e um conjunto de chegada (formalmente denominado de "imagem"), em que para cada objeto do domínio exista ou corresponda apenas um objeto no conjunto da imagem, "as relações funcionais, como Reich as compreendia, não pressuporiam a existência de um elemento de partida e um de chegada" (BEDANI, 2019, p. 92). No funcionalismo orgonômico, duas funções seriam mutuamente correlatas, quando estiverem enraizadas no mesmo denominador comum, ou seja, quando derivarem de um mesmo princípio de funcionamento comum, o qual imprime nelas uma propriedade funcional comum a ambas. Bedani (2019, p. 92) descreveu com mais detalhes a relação e a diferença entre o conceito matemático e o orgonômico de função:

> As funções superficiais, ainda que distintas, estariam amarradas, de acordo com entendimento reichiano, não por uma correspondência unívoca pré-determinada (partida-chegada), mas, com frequência, por uma correspondência biunívoca dinâmica (uma função "dançando" com outra), conexão essa que nada teria de arbitrária, visto que sempre seria definida por um princípio comum de funcionamento.

Uma síntese do conceito de função, como aparece no funcionalismo reichiano, levando em conta suas relações com os três sentidos de função - ontológico, teleológico e matemático - , poderia ser, assim, expressa, no dizer de Bedani (2019, p. 92):

> Em resumo, a função, na acepção reichiana, remete inicialmente ao movimento (grau e tipo de motilidade de um dado fenômeno), sendo que seus eventuais objetivos decorrem das potencialidades contidas nelas. Além disso, uma função estaria sempre correlacionada à outra, em um estilo de correspondência não casual, mas sim, definido por uma terceira função de base, que seria comum à dupla de funções e emprestaria a elas seu "código de barras".

Ao operar com princípios de funcionamento comum, Reich julgou ter superado algumas das limitações do modelo de causalidade que imperava no mecanicismo. Ele afirmou que, "*em lugar de 'causas', o funcionalismo coloca 'princípios de funcionamento comum'* de uma ordem sempre mais profunda e mais abrangente". Retomando o exemplo sobre o princípio de funcionamento comum do prazer e da raiva, esse pesquisador sentiu-se autorizado a dizer que "o funcionalismo não faz derivar o 'resultado da atividade motora da 'causa da ação' muscular",

no sentido de que os atos motores destrutivos da raiva não são consequência da ação muscular, mas "o movimento muscular e a atividade motora destrutiva formam uma identidade funcional completa na ação do ódio", pois "uma é inconcebível sem a outra" (REICH, 1990a, p. 17, tradução nossa).

A questão da causalidade recebeu a atenção de Reich (1950a, p. 177, tradução nossa), ainda, no seu texto *Orgonometric Equations*, quando ele afirmou que, "nas equações orgonométricas, não aparecem tais coisas como 'causa' ou 'efeito'", pois, "a ameba *A* não é causa das amebas A1 e A2; nem são estas últimas os 'efeitos' de *A* ou seus 'resultados'. A1 e A2 são resultados ou efeitos do processo natural de divisão celular, e não da ameba *A"*. A sua crítica estava dirigida, mais especificamente, à "ausência de causa e efeito *mecanicista* ou *material*", reconhecendo que, "à medida que o processo funcional corre seu curso, efeitos e resultados aparecem, assim como há metas e objetivos em todo o funcionamento".

A diferença entre a perspectiva orgonômica e os modelos mecanicistas ou finalistas consistiria, segundo Reich (1950a, p. 177, tradução nossa), em que os efeitos mecânicos não são derivados "a partir das causas ou dos propósitos", pois, "*o funcionalismo orgonômico faz derivar os propósitos de funções e os efeitos de processos"*.

Ao retomar o exemplo sobre "a divisão de uma ameba em duas células filhas", Reich (1950a, p. 178, tradução nossa) afirmou que a divisão "nada tem a ver com propósitos ou causas e efeitos, mas, somente, com a função natural básica de um PFC dividindo-se em duas variações". Ou seja, no funcionalismo orgonômico, "a 'causa' do pensamento mecanicista é substituída pelo PFC, o 'efeito' pelas variações. A 'soma total' do pensamento mecanicista é substituída pelo 'todo integrado' ou 'unidade funcional', as 'partes' pelos 'constituintes funcionais'".

Fundamentado nessas proposições poder-se-ia compreender o funcionamento de um organismo vivo em relação aos seus órgãos, como propôs Reich (1950a, p. 178, tradução nossa), ao dizer que "os órgãos não são nem efeitos, nem resultados de quaisquer causas, mas variações no processo de crescimento e expansão, membranas inchadas mais divisão de unidades funcionais", pois o "organismo não é uma soma mecânica de órgãos",

> Nem os órgãos são escravos obedientes de um duende no cérebro; eles são unidades integradas funcionando independentemente, as quais, como unidades, estão novamente integradas no todo funcional primariamente sem causas, sem efeitos, comandos centrais e execução periférica de comandos. (REICH, 1950a, p 178, tradução nossa).

A crítica rechiana ao modelo mecanicista de causalidade se aplicaria, além dos domínios de funcionamento do organismo vivo, a esferas de funcionamento mais profundas, pois "o que

foi dito sobre a importância secundária de causas, efeitos e propósitos também é válido para a 'matéria' e as 'partículas'" (REICH, 1950a, p. 179, tradução nossa). A questão da primazia da energia sobre a matéria, alicerce de toda a obra de Reich, reapareceu, em *Orgonometric Equations*, associada à crítica epistemológica ao finalismo e ao modelo de causalidade. Referindo-se aos conceitos de matéria e partícula, esse autor afirmou:

> Nós estamos finalmente nos afastando destes conceitos como constituintes primários do universo. Isto gerou muita confusão na Biologia e também na Astronomia. A existência da matéria e das partículas não é, obviamente negada. Entretanto, nós não as colocamos mais nas raízes do universo. Matéria e partícula são também variações de funções básicas no oceano de orgone cósmico. (REICH, 1950a, p. 179, tradução nossa).

Na cosmovisão de Reich, o universo "seria pulsátil, pleno de energia e em permanente mudança", de forma que, ao invés de buscar por causas, como faz o mecanicista, ou imputar finalidades pré-concebidas aos eventos, como faz o metafísico, "caberia a uma ciência de teor funcional cartografar, de forma não mecanicista, a processualidade dos fenômenos" (BEDANI, 2019, p. 93).

Assumindo como linha condutora de sua técnica de pensar o movimento e os processos de energia, e não a matéria ou a estrutura, explica Bedani (2019, p. 93), o funcionalismo orgonômico foi construído "sob a égide do movimento, mas de um tipo específico de movimento que o autor denominou como funcional". Conforme as experiências empreendidas por Reich, esse "movimento funcional" teria como característica o "automovimento espontâneo", ou seja, o "movimento que prescinde de algo que o faça mover". Segundo Bedani,

> Sem negar a importância dos elementos "estruturais" e o papel da ciência mecanicista, Reich insistiu, porém, que a força primária que ele acreditava ter descoberto – a energia orgone cósmica – não apenas seria dotada de automovimento (não resultando, portanto, da "conversão" de uma forma de energia em outra), como também, seria a base para as tradicionais formas de energia (elétrica, térmica, entre outras). (BEDANI, 2019, p. 93-94).

Priorizando os processos energéticos e o automovimento das funções, sem, contudo, desconsiderar a dimensão material dos fenômenos, isto é, os seus aspectos estruturais, o funcionalismo orgonômico se constitui, portanto, numa metodologia de investigação da natureza que busca

> [...] apreender o grau de motilidade do fenômeno, parear funções correspondentes e identificar o fenômeno de base que daria origem e definiria as variações, retratando, assim um sistema dinâmico em que variações particulares e seu amplo princípio comum operariam simultaneamente. (BEDANI, 2019, p. 94).

É importante dizer, como reconheceu Reich e esclareceu Bedani (2019, p. 68), "que o desenvolvimento de um determinado PFC em duas variações não era aplicável em camadas

'muito elevadas da natureza', ou seja, em níveis extremamente especializados ou estruturalizados". A aplicabilidade do funcionalismo orgonômico, ou seja, a busca por um PFC e seu par de variações, seria maior à medida que a pesquisa se aproxima "de princípios mais 'básicos', como, por exemplo, o pareamento prazer-angústia" (BEDANI, 2019, p. 68), pois, este seria "um modelo teórico que tem potencial para retratar, de acordo com Reich, certas camadas fenomênicas fluídas e profundas (as camadas que não responderiam, na visão do autor, à causalidade mecanicista)" (BEDANI, 2019, p. 94).

4.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

O funcionalismo orgonômico, como procuramos abordar no decorrer do capítulo, constitui-se numa metodologia de investigação da natureza, desenvolvida, por Wilhelm Reich, durante as décadas de 1920 a 1950, que foi apresentada por esse autor como uma alternativa ao mecanicismo-materialista e ao misticismo. Trata-se de uma perspectiva original que herdou aspectos e pressupostos epistemológicos de diferentes correntes de pensamento, mas que apresenta a sua própria identidade epistêmica e metodológica, a qual não pode ser considerada como "filiada" à nenhuma das escolas e perspectivas das quais ela se originou.

Reich esforçou-se para construir o seu funcionalismo fundamentado nos pressupostos considerados por ele como os mais caros à ciência: a observação direta e o uso da experimentação como ferramenta auxiliar das observações. Além disso, esse pensador estabeleceu o seu funcionalismo sob o primado da energia, ao considerar os processos energéticos como primários em relação à matéria. Ele forjou uma cosmovisão própria, que é a base do funcionalismo orgonômico e tem como pressuposto fundante a existência da energia orgone e suas propriedades: ser automovente, onipresente, pulsante, livre de massa e, ao mesmo tempo, a origem da matéria e das demais formais de energia reconhecidas tradicionalmente pela ciência, cujo princípio de funcionamento - a pulsação e o movimento espontâneo - abrangeria todos os demais domínios da natureza derivados dela. Suas manifestações seriam mais facilmente percebidas nos domínios de fenômenos da natureza em que a fluidez e o movimento dos processos energéticos ocorreriam com maior liberdade, ou seja, os domínios menos estruturalizados e presos à matéria.

Aquelas pessoas, cujo funcionamento energético encontrar-se-ia não tão bloqueado pela couraça, ou seja, em que a couraça não restringiu o movimento espontâneo das sensações plasmáticas, estariam mais aptas a operar com o funcionalismo orgonômico, isto é, a utilizar suas sensações de órgão para perceber os fenômenos da natureza em seu estado de movimento

e assim chegar a um entendimento sobre quais seriam as propriedades funcionais, sobretudo as qualitativas, que caracterizariam os processos em questão.

Em síntese, uma investigação orgonômica deveria: a) basear-se na cosmovisão da orgonomia e nos pressupostos epistemológicos do funcionalismo orgonômico; b) utilizar a sensação de órgão como ferramenta para apreender as propriedades que se deseja investigar, ou seja, estabelecer um contato vivencial e direto com o objeto de investigação; c) utilizar o conceito de função, como desenvolvido por Reich, e, partir de princípios de funcionamento comuns, já descritos por outros pesquisadores, relacionados ao fenômeno ou processo da natureza que se pretende estudar, para melhor compreender como esse processo ocorre: sua origem, sua dinâmica de transformação e sua forma de se relacionar com outros domínios de funcionamento da natureza; d) almejar a descoberta da função pareada ao fenômeno que se procura investigar e/ou a descoberta do princípio de funcionamento comum do qual esse fenômeno deriva e com o qual ele estabelece a sua identidade funcional com a sua função pareada; e) empregar, caso haja necessidade, a experimentação para aferir se as propriedades qualitativas, percebidas pelo pesquisador, constituem-se em fenômenos concretos, buscando, dessa forma, inter-relacionar as propriedades qualitativas às quantitativas dos processos sob investigação; e f) levar em consideração que a análise dos aspectos estruturais e suas respectivas mensurações, ainda que importantes, ocorrem *a posteriori* ao contato orgonótico que o pesquisador emprega a fim de compreender, vivencialmente, as qualidades funcionais do objeto de sua investigação.

É importante ressaltar, como bem explicou Bedani (2019, p. 96 e 97), que a aplicação do funcionalismo orgonômico, enquanto método de investigação da natureza, seria particular aos "sistemas funcionais integrados, ou seja, os ambientes cujos constituintes, além de completamente entrelaçados, carregariam necessariamente algo do todo" e teria "como alvo privilegiado os sistemas funcionais pouco estruturalizados, ou seja, os sistemas em que a motilidade espontânea (de natureza energético-funcional) encontrar-se-ia preservada".

A característica singular desse método de pensamento é a noção de simultaneidade entre identidade e variações, a qual postula que, na natureza, os processos energéticos ocorrem aos pares de funções, sendo estas, ao mesmo tempo, distintas, quando comparadas uma à outra, contudo, simultaneamente, idênticas, por carregarem, ambas as funções, alguma propriedade qualitativa, funcional, da função-mãe, da qual se originam. A propriedade qualitativa que caracteriza a função-mãe e que identifica as variações como um par funcional foi denominada por Reich princípio de funcionamento comum (PFC). Assim, um sistema funcional se constitui por um trio de funções: um par de variações, que se encontra num domínio de funcionamento

mais superficial e estreito e, uma função-mãe, ou seja, o princípio de funcionamento comum, cujo domínio é mais profundo e amplo.

Consideramos que, para os fins dos objetivos a que nos propomos nesse capítulo, as descrições e explicações aqui fornecidas são suficientes para se ter uma noção, ainda que introdutória, dos aspectos conceituais, formais e metodológicos do funcionalismo orgonômico. Sabemos, contudo, que o conteúdo referente ao funcionalismo energético de Reich é muito mais amplo do que aquele que aqui foi abordado e que merece ser investigado por outras pesquisas que adentrem com maior profundidade e detalhamento em questões que precisaram ficar fora do escopo do presente estudo.

Nossa investigação teve como alvo os conceitos que sustentam a formulação reichiana de seu funcionalismo. Realizamos um ensaio teórico sobre a genealogia dessa formulação, e, para isso, procuramos percorrer as suas influências e o seu desenvolvimento desde sua origem, o que resultou num estudo mais extenso do que aquele que se havia previsto inicialmente. Até onde temos conhecimento, nenhum estudo anterior procurou realizar uma reconstrução genealógica do funcionalismo orgonômico, como a que foi realizada no presente capítulo. Por se tratar de uma perspectiva de investigação ainda muito marginalizada, pouco conhecida e estudada academicamente, conforme mostramos no item 3.4, intitulado, *As barreiras enfrentadas pela orgonoterapia para a sua inserção na academia*, também, por ter se originado de perspectivas que divergem dos pressupostos do *mainstream* científico (psicologia celular, correntes vitalistas, materialismo-dialético, psicanálise etc.), consideramos que esse ensaio possa contribuir para introduzir o leitor leigo nos conceitos que sustentam a abordagem reichiana.

Não nos propusemos a tecer críticas epistemológicas aos pressupostos do funcionalismo orgonômico, pois, ao nosso ver, um trabalho nesse sentido, ainda que muito importante, precisaria adentrar nos detalhes específicos dos experimentos realizados por Reich, os quais foram fundamentais para que ele forjasse as suas teorias. Além disso, não avaliamos se as conclusões e os resultados obtidos por Reich em seus experimentos estavam corretos ou não; assumimos-los como possivelmente corretos, baseados nos resultados dos pesquisadores e dos cientistas que se propuseram a replicar vários experimentos reichianos e que acabaram por ratificar as suas conclusões, conforme levantamento realizado por nós no item 3.3, intitulado, *A replicação dos experimentos realizados por Reich por outros pesquisadores* e aguardamos futuras pesquisas, que fogem ao escopo deste trabalho, que possam conferir um parecer mais rigoroso sobre a veracidade de suas teses.

O próximo capítulo parte dos fundamentos epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, apresentados nesse capítulo, para, então, descrever a concepção de saúde-adoecimento, como formulado dentro do quadro teórico da orgonomia.

5 A CONCEPÇÃO DE SAÚDE-ADOECIMENTO NO FUNCIONALISMO ORGONÔMICO

5.1 INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

Neste capítulo, procuraremos descrever os principais conceitos encontrados no corpo teórico da obra de Wilhelm Reich, referentes ao eixo clínico-terapêutico, os quais incluem a sua concepção acerca das propriedades da energia orgone e da sua relação com a dinâmica vital do ser humano, conceitos estes que fundamentam a concepção orgonômica acerca dos processos de saúde-adoecimento.

Parece ser possível esboçar algo que pode ser considerado uma doutrina orgonômica a respeito dos processos de saúde-adoecimento, a qual se organiza em torno da articulação de alguns conceitos-chaves desenvolvidos pelo autor ao longo de sua obra, a seguir sintetizados: *a pulsação orgonótica, o potencial orgonômico, o orgonoma, a pulsação orgonótica organísmica, a fórmula do orgasmo, as direções de fluxo de energia no organismo, os impulsos primários e os impulsos secundários, as perturbações na função de pulsação; a potência orgástica, o encouraçamento emocional; a biopatia e a anorgonia.*

5.2 UMA DEFINIÇÃO PRELIMINAR DA ORGONOTERAPIA

A orgonoterapia, segundo Reich (1998, p. 328 e 329), "compreende todas as técnicas médicas e pedagógicas que usam a energia biológica, o orgone". A energia orgone cósmica, que esse pesquisador julgou ter descoberto em 1939, "*funciona no organismo vivo como energia biológica específica*" e governa todo o funcionamento biológico, expressando-se "tanto nas emoções quanto nos movimentos puramente biofísicos dos órgãos".

Fundamentado, portanto, nas propriedades que julgou ter encontrado no orgone, Reich (1998, p. 330 e 331) desenvolveu uma teoria que concebe as emoções como sendo expressão direta do movimento orgonótico no plasma corporal presente nos fluídos do corpo. No dizer desse autor:

> Fundamentalmente, a emoção não é mais que um movimento plasmático. Estímulos agradáveis provocam uma "emoção" do protoplasma, do centro para a periferia. Por outro lado, estímulos desagradáveis provocam uma "emoção" ou, mais corretamente, "remoção" do protoplasma da periferia para o centro do organismo. Essas duas direções fundamentais da corrente plasmática biofísica correspondem aos dois afetos básicos do aparelho psíquico – prazer e angústia. (REICH, 1998, p. 330).

Esse autor afirmou, também, que, quanto à sua função, "o movimento físico do plasma e a sensação que lhe corresponde são, [...], completamente idênticos. Não podem ser separados; na verdade, são inconcebíveis um sem o outro", pois "uma excitação biofísica do plasma transmite uma sensação, e uma sensação expressa-se num movimento de plasma" (REICH, 1998, p. 330 e 331).

Ao argumentar que, tanto nos casos em que por meio da análise do caráter, ao reativar emoções contidas na couraça do caráter, quanto nos casos em que as emoções são liberadas da couraça muscular por meio das técnicas corporais da vegetoterapia, produz-se "excitações e movimentos plasmáticos" e que "o que se move nesse processo é simplesmente a energia orgone que está contida nos fluídos do corpo", Reich (1998, p. 331) esclareceu que "a *mobilização das emoções e correntes plasmáticas no organismo é idêntica à mobilização da energia orgone*". Ou seja, em ambos os casos, seja na esfera psíquica, ao aplicar a análise do caráter sobre as defesas caracterológicas, seja na esfera somática, ao flexibilizar as tensões corporais, sempre se lida com a energia orgone no organismo. Devido a isso, Reich (1998, p. 331) propôs "incluir tanto a análise do caráter como a vegetoterapia dentro da denominação 'orgonoterapia'", pois, ambas se enraízam no mesmo princípio: "a mobilização das correntes plasmáticas do paciente" e concebem o organismo como uma unidade, uma vez que, para esse autor, não é possível "dividir um organismo vivo em traços de caráter aqui, músculos ali e funções plasmáticas acolá".

A orgonoterapia, sem desconsiderar as esferas psíquica e somática (ou fisiológica), passou a se concentrar nas "*profundezas biológicas,* no sistema plasmático", ou como Reich (1998, p. 331), também, referiu-se em diversas vezes, "no *núcleo biológico* do organismo". Esse autor afirmou que, ao se concentrar no núcleo biológico, "deixamos a esfera da psicologia, e da psicologia 'profunda', e entramos na área das funções protoplasmáticas, indo até mesmo além da fisiologia dos nervos e músculos". Isso não significa desconsiderar os domínios psíquico e somático, muito menos deixar de trabalhar com eles na prática terapêutica, apenas compreendê-los em relação ao seu princípio de funcionamento comum (PFC), a pulsação orgonótica e o seu domínio de funcionamento, o sistema plasmático pulsante.

Assim, a investigação da energia orgone e de suas propriedades teria possibilitado entrar no domínio biológico, que, para Reich, seria mais profundo que os domínios psíquico e somático, e o foco da orgonoterapia, ao se concentrar no núcleo biológico, teria originado uma mudança fundamental na prática clínico-terapêutica reichiana, a qual passou a ser considerada como uma "biopsiquiatria". Segundo esse autor, isso ocorre pois:

> Já não trabalhamos apenas com os conflitos individuais e com encouraçamentos específicos, mas com o próprio organismo *vivo*. À medida que aprendemos a compreender e a influenciar o organismo vivo, as funções puramente psicológicas e fisiológicas são automaticamente incluídas em nosso trabalho. A especialização esquemática já não é mais possível. (REICH, 1998, p. 331 e 332).

Com base no seu entendimento sobre as emoções e sobre a sua relação com a energia orgone, ao investigar os processos energéticos que ocorrem no organismo, Reich desenvolveu um corpo teórico que possibilita compreender a relação entre o psíquico e o somático a partir de uma nova perspectiva, o funcionalismo orgonômico, e, assim, também, compreender a origem de determinadas formas de adoecimentos e propor métodos terapêuticos.

Abordaremos nos próximos itens os principais conceitos que possibilitaram a esse pensador construir a sua abordagem terapêutica e, em especial, a sua concepção de saúde e doença.

5.3 A PULSAÇÃO ORGONÓTICA E O POTENCIAL ORGONÔMICO

5.3.1 O substrato de energia orgone cósmico

As investigações do período orgonômico realizadas por Reich o levaram a concluir que, na base do funcionamento de toda a natureza - a qual envolveria o campo das emoções, o campo dos fenômenos específicos à vida, a natureza material desprovida de vida, e, também, fenômenos que seriam desprovidos de matéria -, agiria uma específica forma de energia primordial, a energia orgone cósmica, a qual teria, como PFC, a pulsação orgonótica. Os processos de saúde-adoecimento passaram a ser compreendidos, na orgonoterapia, com referência à função de pulsação orgonótica, pois, em suma, distúrbios na pulsação – tais como bloqueios ou hiperativações nas funções de pulso e onda - estariam na origem das doenças, e a cura, por sua vez, teria como alvo o restabelecimento da pulsação orgonótica natural.

Além da pulsação orgonótica, Reich (2003, p. 156-167) descreveu uma série de outras propriedades que ele julgou ter encontrado na energia orgone. Está fora do escopo do presente trabalho descrever todas essas propriedades, contudo, julgamos necessário apontar algumas delas, a fim de que se possa ter uma melhor compreensão da função de pulsação e da noção de potencial orgonômico, as quais estão diretamente relacionadas aos processos de saúde-adoecimento, para a orgonoterapia.

A energia orgone seria desprovida de matéria, estaria presente em todo o lugar e seria capaz de penetrar tudo, “com graus variáveis de velocidade”, formando o que Reich (2003, p. 157 e 160) denominou um “contínuo ininterrupto”. Ao esclarecer com mais detalhes algumas dessas propriedades, Reich admitiu que precisou fazer uso emprestado da terminologia da física materialista, a qual, no seu entendimento, não seria a mais adequada para descrever os fenômenos energéticos do orgone. Contudo, ele forneceu a seguinte descrição sobre o orgone:

> Este contínuo varia em diferentes lugares com relação à sua “densidade” ou “concentração”. Ainda estamos usando esses termos mecânicos emprestados da linguagem da física da matéria, embora a energia orgone não seja de natureza material. Portanto, devemos estar preparados para substituir esses termos por outros que se adaptem mais à descrição das funções da energia orgone. O orgone penetra todo o espaço, incluindo o espaço ocupado pela matéria sólida. Ele penetra uma parede de cimento exatamente como o faz com uma parede aço. A diferença encontra-se na velocidade de penetração: o cimento absorve e descarrega a energia orgone lentamente; o aço atrai a energia orgone forte e rapidamente, mas também a reflete instantaneamente, uma vez que o metal parece incapaz de reter a energia orgone. (REICH, 2003, p. 160).

As funções físicas do orgone revelam que essa energia seria dotada da capacidade de automovimento, ou seja, espontaneamente, ela se movimentaria sem a necessidade de outras forças ou princípios que a fizessem se mover, pois estaria, sempre, “*se movendo*”, ou para dizer de outro modo, o orgone está em movimento perpétuo (REICH, 2003). Além disso, o orgone apresentaria “luminância autógena” de cor “cinza-*azulada*, verde-*azulada* ou violeta-*azulada* na maioria dos casos” e se manifestaria de três formas distintas: “formações cinza-azuladas semelhantes a uma névoa, pontos luminantes de um azul-violeta profundo e raios esbranquiçados rápidos”, as quais, segundo o autor, “não são tipos distintos de energia orgone, mas três formas de uma mesma energia sob diferentes condições. A energia orgone muda de uma condição que parece névoa para outra que parece raio quando excitada ou irritada” (REICH, 2003, p. 167). A luminância orgonótica seria fria[141], não desenvolveria calor, ao contrário da eletricidade, e seria “mais forte quando há um contato excitante entre dois campos de energia orgone ou entre um campo de energia orgone e um campo eletromagnético” (REICH, 2003, p. 168).

---

[141] Apesar da luminância não produzir calor, a energia orgone quando concentrada dentro de um acumulador de energia orgone produziria calor por conta da inibição de sua energia cinética (REICH, 1979a, p. 298). A esse propósito, Reich (2003, p. 169 e 170) afirmou: “No acumulador de orgone, uma diferença constante de temperatura (To-T) é mantida entre o ar diretamente acima do acumulador e o ar que circunda. Essas diferenças variam, em média, de 0,3 a 1,5ºC em quartos fechados; ao ar livre, elas atingem com frequência valores altos, como 15 a 20ºC ao sol. Essa diferença de temperatura se deve aparentemente ao calor formado pela reflexão ou pela concentração da energia cinética do movimento de energia orgone nas paredes de metal. A remoção das paredes internas de metal reduz a diferença a 0º ou perto de 0º”.

O estudo da luminância orgonótica e observações em diversos experimentos levou Reich (1951b) a assumir que haveria dentro do oceano de energia cósmica “unidades” ou concentrações da energia orgone, as quais se manifestariam como pontos luminosos de maior intensidade. Reich (1951b, p. 194 e 195, tradução nossa) considerou que as unidades de energia orgone emergiriam do que ele denominou de substrato de energia orgone cósmica ao concentrar-se em determinada quantidade e que, depois, dissipar-se-iam novamente e voltariam ao substrato de energia. Conforme esse autor,

> Podemos comparar esse funcionamento com ondas de água que surgem de um mar ondulado sob a influência de uma brisa forte, produzindo cristas brancas e pontiagudas. As ondas emergem do mar, vivem, cada uma à sua maneira, uma certa duração e afundam, dissolvendo-se novamente no substrato geral. *Assim, cada unidade mostra uma individualidade distinta, um nascimento, um pico de existência individual e um declínio e morte*. (REICH, 1951b, p. 195, tradução nossa).

Uma ilustração aproximada do processo de nascimento, crescimento, declínio e morte de cada unidade individual de energia orgone emergindo e retornando ao substrato geral do oceano de energia cósmica – princípio de funcionamento este que teria uma vasta abrangência, e não é exclusivo da energia orgone cósmica primordial, pois retrataria também o nascimento e o declínio de fenômenos naturais como galáxias, planetas, organismos e nuvens – foi esboçada por Reich (1951, p. 195) no seguinte diagrama:

S = Substrato de energia cósmica primordial
P = Pontos ou picos luminescentes

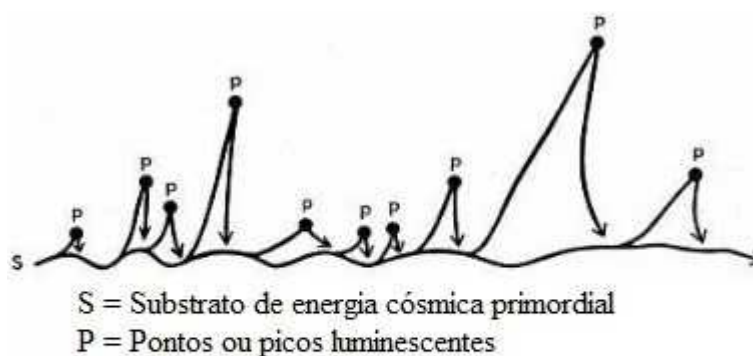



FIGURA 16
Fonte: Reich (1951b, p. 195).

Uma característica da natureza funcional da energia orgone é, conforme descreveu Reich (1951b, p. 199, tradução nossa), que “as unidades de energia orgone não são rigidamente iguais. Não há duas unidades exatamente com o mesmo tamanho ou intensidade”. Os pontos luminosos seriam formados por “um ‘núcleo’ e uma ‘periferia’, sendo o primeiro de maior intensidade que o segundo”. Segundo esse pesquisador, determinadas concentrações de energia orgone poderiam formar unidades distintas de energia orgone após à excitação do oceano

energético, que poderia ocorrer, de várias maneiras, como, por exemplo, na interação de determinada quantidade de orgone com outros sistemas orgonóticos, com faíscas eletromagnéticas, com obstáculos metálicos e, principalmente, com a energia nuclear.

Em relação aos fenômenos luminosos e à criação de unidades de energia orgone a partir do substrato de oceano cósmico, Reich (1951b, p. 200, tradução nossa) afirmou que:

> O caráter básico de todos esses fenômenos é a sua natureza *funcional*. Não há nada de mecânico, rígido ou absolutamente idêntico neles. No entanto, há claramente um PFC em ação, uma lei comum que governa todas as unidades distintas, ainda que as variações sejam sempre tão diversas. Cada unidade individual possui um "núcleo" nítido e uma "periferia" menos nítida. Isso está de acordo com a estrutura bioenergética de todo organismo vivo e também com sistemas planetários. Eles também são compostos por um núcleo e uma periferia energeticamente mais fraca. (REICH, 1951b, p. 200, tradução nossa).

Cada unidade de energia orgone, de acordo com Reich (1951b, p. 200, tradução nossa), passaria por quatro fases típicas, as quais se constituiriam, também, no PFC de toda a natureza viva e não-viva:

> 1. *Nascimento* através da *concentração* de uma certa quantidade de energia primordial.
> 2. *Elevação no nível de energia* por meio de concentração adicional: "*Crescimento*".
> 3. Um *pico* nitidamente luminoso, mais intimamente vinculado a um ponto de luz.
> 4. *Declínio* e *morte*; a unidade se funde mais uma vez com o substrato. Portanto, nascimento e morte, crescimento e declínio, o PFC de toda a natureza viva e não-viva, parecem estar pré-formados já no funcionamento básico de cada minúscula unidade de energia orgone. *Cada unidade é um evento único, irreplicável. Apesar disso, todas as unidades de energia orgone seguem uma lei de funcionamento comum. Obediência a leis e variações infinitas não são, portanto, opostos inconciliáveis;* são funções pareadas do PFC da natureza em geral.

Reich investigou experimentalmente outras propriedades da energia orgone e sua relação com diversos fenômenos da natureza, as quais, ainda que fundamentais para uma compreensão mais precisa da biofísica orgonômica, estão fora do escopo do presente trabalho. Iremos nos ater a duas propriedades da energia orgone que estão mais diretamente relacionadas com o funcionamento vital e, portanto, com os processos de saúde-adoecimento: o potencial orgonômico e a pulsação orgonótica.

5.3.2 O potencial orgonômico invertido

Diferentemente do potencial mecânico, térmico ou elétrico, de energia que "se dirige sempre do sistema mais elevado para o mais baixo ou do mais forte para o mais fraco, nunca vice-versa", "*a energia orgone flui do sistema mais fraco ou inferior para o mais forte ou*

superior", propriedade esta que foi denominada por Reich (2003, p. 157) de potencial orgonômico invertido, ou simplesmente, potencial orgonômico. O potencial orgonômico estaria, na visão reichiana, de acordo, não somente, "com as funções básicas do organismo vivos", mas, também, poderia "ser observado diretamente na natureza não viva", por exemplo, na formação de nuvens no céu[142]. Segundo Reich, caso o funcionamento bioenergético ou orgonômico dos organismos se desse, exclusivamente, com base no potencial mecânico,

> [...] o organismo vivo não apenas *não* seria capaz de manter um nível de energia mais alto quando comparado com o ambiente; ele também perderia seu calor, sua motilidade, sua energia para o ambiente circundante, que tem um nível inferior de energia, em um curto período de tempo. E a pergunta sobre como sucedeu que um organismo deste tipo pudesse vir a existir em primeiro lugar permaneceria sem resposta. (REICH, 2003, p. 157).

O potencial orgonômico, no entendimento de Reich (2003, p. 158), "não contradiz o antigo potencial mecânico. Na verdade, ele esclarece como é possível existir algum nível de energia mais alto", contudo, se ele for aceito como um princípio exclusivo de abrangência universal, "torna-se inválida a 'segunda lei da termodinâmica', a formulação absoluta da 'lei da entropia'". Essa afirmação é no sentido de que somente a segunda lei da termodinâmica é insuficiente para compreender a dinâmica energética do universo, de modo que o potencial orgonômico e o potencial mecânico são funções pareadas de um mesmo PFC, qual seja, o metabolismo da energia orgone, como foi esclarecido por esse autor, anos mais tarde, no texto *Orgonometric Equations*:

> Foi dito que a orgonomia conseguiu provar a irrelevância da segunda lei da termodinâmica, isto é, a "deterioração" ou "morte" do universo. Porém, ela *não* provou, uma vez que o universo efetivamente *está se deteriorando* da mesma forma que qualquer função natural. O que a orgonomia fez, na busca consistente de sua técnica de pensamento, foi encontrar a função na natureza que pareia com o enfraquecimento, a saber, o *fortalecimento do potencial* (*potencial orgonômico*), a criação de um nível de calor mais elevado em corpos celestes e em organismos vivos; (REICH, 1950a, p. 175, tradução nossa).

Reich (2003, p. 158 e 159) afirmou que "o organismo vivo, enquanto sistema de energia mais forte, drena sua energia do nível de energia mais baixo", em conformidade ao potencial orgonômico, cuja abrangência envolveria desde processos intracelulares, pois "o núcleo dentro de cada célula viva [...] drena energia do protoplasma circundante, energeticamente inferior", até a totalidade do organismo. Cada espécie de organismo tem uma "capacidade orgonótica" específica, isto é, um nível de energia próprio, uma espécie de limiar máximo, pois, "caso

[142] Foi o princípio do potencial orgonômico que permitiu que Reich desenvolvesse o *cloudbuster* e, assim, drenar a concentração da energia orgone atmosférica, intervindo, por meio disto, no fluxo orgonômico atmosférico. Detalhes sobre os princípios da aplicação do potencial orgonômico na prática denominada de *cloudbusting* podem ser encontrados em REICH (1952; 1954).

contrário, o organismo vivo não pararia de acumular energia e explodiria ou cresceria indefinidamente". A energia excedente necessita ser descarregada "de acordo com o potencial mecânico (do nível mais alto para o mais baixo) no movimento mecânico, em convulsões orgásticas, na radiação de calor e assim por diante".

Em síntese, o metabolismo da energia orgone, que ocorre na troca contínua de energia do organismo com o meio orgonótico em que se encontra, poderia ser assim resumido: "manutenção de um determinado nível de capacidade por meio da *carga* a partir do oceano circundante de orgone e de alimentos, e pela *descarga* de energia nesse mesmo oceano" (REICH, 2003, p. 159).

Reich esquematizou o metabolismo energético no seguinte diagrama:

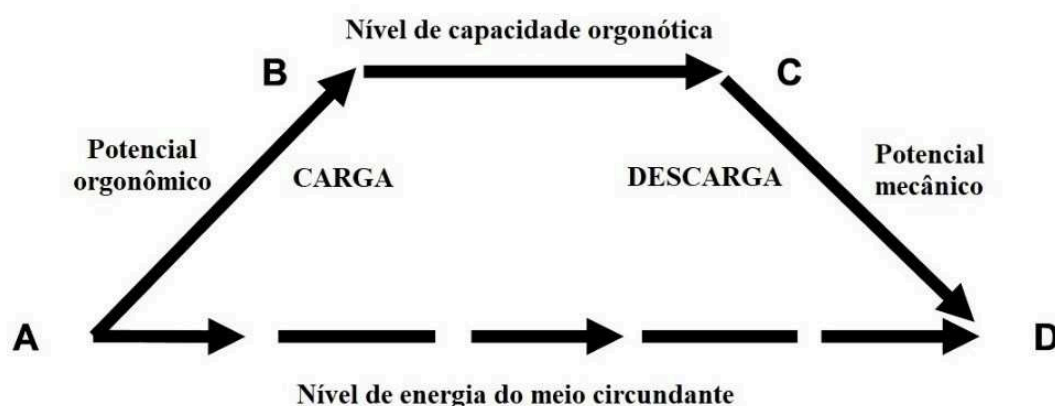



FIGURA 17
Fonte: Reich (2003, p. 158).

Esse metabolismo energético seria fundamental para a manutenção do estado de saúde, pois,

> Quanto mais baixo o nível de capacidade, mais fraca é a capacidade para se carregar, como na biopatia de encolhimento[143]. No organismo que está morrendo, a capacidade de se carregar e manter o nível de funcionamento se perde lentamente. O nível de capacidade abaixa até atingir o nível do oceano orgone circundante. No processo de putrefação depois da morte, ocorre o oposto do que aconteceu durante o crescimento original. Os tecidos materiais perdem sua coesão devido à perda de energia orgone; eles se desfazem; finalmente a unidade se desintegra em bions e depois em bactérias ligadas à putrefação (bacilos proteus e outros). (REICH, 2003, p. 159).

[143] O conceito de biopatia será abordado neste capítulo, mais especificamente, no item 5.11.

O envelhecimento e alguns estados graves de anorgonia[144] seriam causados por uma parada do movimento de energia orgone, a qual "conduz inevitavelmente a um rebaixamento do nível de capacidade [orgonótica] e, assim, à desintegração final da unidade de orgone chamado organismo, como na morte" (REICH, 2003, p. 159).

5.3.3 Pulsação orgonótica e as suas variações: pulso e onda

Outra propriedade fundamental da energia orgone diz respeito à sua forma de movimento, a qual, segundo Reich, é caracterizada pela pulsação, uma inter-relação funcional entre dois movimentos que ocorrem simultaneamente: os pulsos e as ondas. O movimento de pulso envolve funções que já haviam sido estudadas por Reich no início de suas pesquisas, a saber, os movimentos de contração e expansão. Já, por volta de 1935, ao investigar experimentalmente o potencial elétrico da pele, esse pesquisador teria percebido certo padrão de "pulsos" e "ondas" que se manifestariam no comportamento bioelétrico. Além desses, as observações microscópicas realizadas por ele, nos seus experimentos com os bions e com os protozoários teriam revelado a presença de um padrão espiralado nos seus movimentos[145].

Contudo, foram, sobretudo, as observações realizadas na sala escura – um recinto, com as mesmas propriedades de um acumulador de orgone –, após ter visualizado pontos luminosos deslocarem-se em trajetórias com forma espiralada ou cicloidal, que teriam permitido a Reich (1996b) compreender como os dois movimentos, o de pulso e o de onda, estariam inter-relacionados funcionalmente.

Essas suas observações e seus experimentos permitiram que Reich (2003, p. 162) concluísse que "todos os movimentos ondulatórios de energia orgone primordial pulsam" e diferenciasse as duas funções, onda e pulso, a fim de melhor compreender como elas estão inter-relacionadas na pulsação. Assim, a função de pulso consistiria "em movimentos de expansão e contração alternados" e a função de onda seria "uma progressão estável de cristas e depressões de onda".

---

[144] Segundo Reich (2009, p. 353), "o conceito de *anorgonia* abrange aquelas condições biopáticas que compartilham de uma fonte comum, qual seja, *um bloqueio na mobilidade do plasma*". Esse conceito é abordado, com mais detalhes, no item 5.11.

[145] Reich (1994, p. 165 e 166, tradução nossa) fez menções às *Kreiselwelle* (ondas espiraladas) em duas notas em seu diário no ano de 1938. Em 21 de agosto de 1938, ele afirmou que "o processo envolvido numa onda espiralada parece ilustrar a fórmula de Einstein $E = mc^2$ [...]" e, em 1 de setembro de 1938, afirmou "minha hipótese de onda espiralada parece solucionar inúmeras contradições na física", seguido de um desenho da *Kreiselwelle* (semelhante ao que aparece na Figura 19a, a seguir).

Utilizando o exemplo de movimentos ondulantes rítmicos na superfície da água de lagos, Reich (2003, p. 162) afirmou que, na função de pulso, “o meio, como a água no lago, por exemplo, parece se mover de um determinado centro para todas as direções, indo e vindo”, por outro lado, na função de onda, “a água balança para cima e para baixo, fazendo assim cristas e depressões das ondas progressivas que percorrem a superfície da água”. O movimento de pulso seria um “processo essencialmente *descontínuo*” e o movimento de onda, “um processo *contínuo*”. Sobre essa distinção, esse autor afirmou, ainda, que:

> Se seguirmos a trajetória de uma determinada crista ou depressão de onda, obteremos uma linha contínua; a própria forma da onda é uma linha contínua. No entanto, seguindo as posições de expansão ou contração extremas na função pulsatória, obteremos *pontos*, e não uma linha. Através da observação do movimento de orgone atmosférico no cume de montanhas, podemos discernir claramente *pulsos* e *ondas*. (REICH, 2003, p. 163).

Reich ilustrou a sobreposição dos picos pulsatórios no curso das ondas da seguinte maneira:

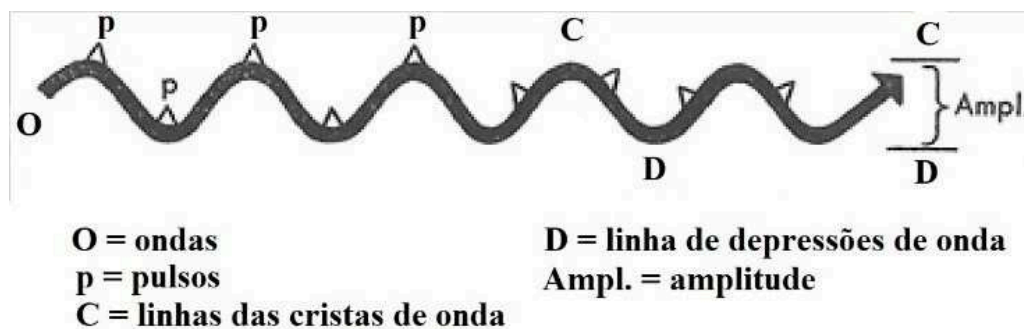



FIGURA 18
Fonte: Reich (2003, p. 163).

No livro *O Éter, Deus e o Diabo*, escrito por volta de 1946, Reich (2003, p. 163) esclareceu que só percebeu a diferença básica entre os movimentos de pulso e de onda em 1935, quando mediu e fotografou a bioenergia na superfície da pele. Contudo, ele afirmou: “foi só em 1948 que compreendi a inter-relação funcional interna entre pulso e ondas no sistema orgonótico”.

Como antecipamos anteriormente, foram, sobretudo, as observações das manifestações luminosas da energia orgone, realizadas na sala escura, que permitiram que Reich compreendesse como as funções de onda e pulso estariam relacionadas. Em um de seus últimos escritos do período orgonômico, intitulado *Orgonomic Functionalism in Non-Living Nature*

(“Funcionalismo Orgonômico na Natureza Não-viva”), esse pesquisador descreveu com mais detalhes os três tipos de fenômenos luminosos observados na sala escura:

> Na sala escura, observamos a existência de três diferentes fenômenos luminosos: uma neblina densa cinza-azulada, em movimento, que se contrai e expande lentamente; luzes amareladas, em movimento rápido, que irradiam em todas as direções e desaparecem tão rapidamente quanto ocorrem; e pontos azul-violeta que parecem emergir das paredes de metal em intervalos rítmicos e se movem ao longo de caminhos circulares. (REICH, 1996b, p. 9, tradução nossa).

O terceiro grupo de fenômenos - os pontos azul-violeta que apresentam trajetórias circulares -, segundo Reich (1996b, p. 10, tradução nossa), expressaria um tipo de movimento que “corresponderia à trajetória descrita em um ponto localizado na periferia de um giroscópio avançando”. Esse tipo de movimento foi denominado pelo autor de *spinning wave* (em alemão “Kreiselwelle”, em português “onda giratória”) e abreviado como KRW (em relação ao nome em alemão). A propósito desses pontos luminosos e de suas trajetórias, Reich (1996b, p. 10, tradução nossa) afirmou que:

> Pudemos observar que os pontos de luz em sua lenta flutuação descrevem, de maneira praticamente uniforme, uma série de *loops* espaçados. Nos trechos alongados do trajeto, o ponto move-se mais rapidamente do que nos *loops*. Igualmente, a luminescência, no setor alongado do trajeto, é mais intensa do que nos *loops*. A impressão luminosa revela-se como um *ponto* de intensa luminescência no arco alongado, enquanto que, na região do *loop,* ele se manifesta como uma *área* de fraca luminescência.
> O ritmo deste movimento é claramente *pulsante*. Ele consiste em um alongamento ou *expansão* e um encurtamento ou *contração* do trajeto do movimento. O alongamento está associado à *aceleração* e a contração no *loop* à diminuição da velocidade do movimento.

Esse movimento foi representado por Reich na seguinte ilustração:

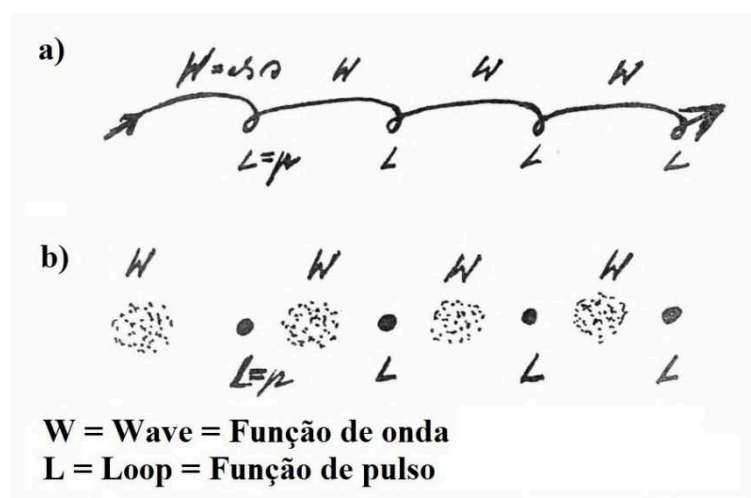



FIGURA 19
Fonte: Reich (1957, p. 40).

As funções distintas de pulso (p) e de onda (o) "são parte da função básica única da pulsação (P)" e "expressam uma relação da maior importância entre funções *descontínuas* (p) e *contínuas* (o) da natureza", de forma que "a pulsação se constituiria no princípio de funcionamento comum tanto de pulsos como de ondas, as duas funções diversas da pulsação" (REICH, 2003, p. 164 e 165).

A "onda giratória", esclareceu Reich (1996b, p. 11, tradução nossa), não teria nenhuma relação com a onda senoidal mecânica, nem com as funções geométricas da parábola ou de uma hipérbole. De modo diverso às funções conhecidas pela ciência mecanicista, a onda giratória "consiste numa *série de ondas* que são interrompidas ou subdivididas por *pontos* arranjados ritmicamente. Os arcos alongados são em forma de *onda*, enquanto os loops apresentam *caráter de partícula*, mas sem ser, realmente, partículas".

Reich (1996b, p. 10 e 11) forneceu uma descrição mais detalhada dos movimentos de onda e de pulso - e suas respectivas características de processos contínuos e descontínuos -, os quais constituem a pulsação, na seguinte passagem:

> Se imaginarmos agora uma excitação pulsante de algum tipo movendo-se ao longo de uma série de ondas giratórias, ela deve necessariamente assumir a forma do meio. *A excitação irá oscilar em uma sequência alternada de ondas alongadas e pontos extremamente atrasados. A série de ondas é contínua enquanto os pontos são descontínuos*. Se observarmos agora a sequência de excitação exclusivamente na série de ondas, somos forçados a concluir que a excitação é de caráter ondulatório. Se, por outro lado, observarmos a sequência de excitação exclusivamente nos pontos, somos forçados a concluir que a excitação tem caráter de *partícula*. No primeiro caso, temos a impressão de um *continuum* e, no segundo, sentimos que o processo é *descontínuo*." (REICH, 1996b, p. 10 e 11, tradução nossa).

A pulsação, ou a onda giratória, e suas funções de onda (com caráter de processo contínuo) e de pulso (com caráter de "partícula", "pontos" e de processo descontínuo) foram ilustradas, por Reich, no seguinte esquema, que procura inter-relacionar as três funções:

FIGURA 20
Fonte: Reich (1996b, p. 11).

A função de onda seria caracterizada pelo predomínio do *movimento*, pois seria uma força ou um ímpeto em direção ao movimento. Já a função de pulso seria caracterizada por uma tendência (ou um ímpeto) em direção à *inércia* ou *imobilidade*, "ainda que essa inércia nunca seria, completamente, alcançada". Essa antítese funcional apontaria para uma alternância entre "geração de energia" e "desaparecimento de energia", a qual equivaleria à alternância entre

momentum (impulso, quantidade de movimento) e uma tendência à *inércia* (REICH, 1996b, p. 12, tradução nossa).

A função de massa, no entendimento de Reich (1996b, p. 13, tradução nossa), estaria intimamente relacionada à função de pulso, que envolveria uma "*contração* da trajetória quando o movimento realiza a curva em direção ao loop e se torna extremamente lento naquele ponto, sem tonar-se completamente parado". Segundo as conclusões desse pesquisador, "a função de 'massa' está, de fato, geneticamente vinculada à função de *loop* na onda giratória", pois, a massa passaria a ser formada "pela primeira vez, no movimento de *loop* da trajetória" da onda giratória[146].

A concepção de saúde, para a orgonomia, passou a ser vista diretamente relacionada com o fenômeno da pulsação orgonótica, pois, como será abordado adiante, o processo de encouraçamento, o qual está na base e na gênese de uma série de processos de adoecimento, manifesta-se como bloqueio ou super-excitação do fluxo da energia orgone no organismo, ou seja, como uma perturbação na função de pulsação orgonótica. A fim de se compreender como a função de pulsação se manifesta no domínio do vivo, ou seja, a função da pulsação orgonótica organísmica, precisaremos estudar a forma orgonoma, pois a direção e o fluxo da energia orgone nos organismos está diretamente associada a ela.

5.4 O ORGONOMA E A PULSAÇÃO ORGONÓTICA ORGANÍSMICA

Num experimento realizado entre dezembro de 1944 e janeiro de 1945 - que ficou conhecido como experimento XX –, Reich (2009, p. 63 e 64) congelou água destilada que, anteriormente, havia contido bions, mas que estava "*absolutamente livre de partículas*" e viu, após três semanas, aparecerem "*flocos densos depois de descongelados*". Esses flocos eram bions e, segundo ele, o experimento revelou "*um processo através do qual a energia orgone que existe na água livremente, isto é, que não está contida na matéria bionosa, pode se organizar em substância plasmática, viva, apresentando todos os critérios da vida*".

O experimento XX[147], no dizer de Reich (2003, p. 213), "reproduz o processo de *biogênese primária*, isto é, a formação original de matéria viva, plasmática, através da condensação da energia orgone livre de massa". Os bions que surgiram nesse experimento

[146] A formulação reichiana sobre as funções pulso e onda, integradas na pulsação orgonótica, também, apresentou-se como uma tentativa do autor em compreender a característica dual, onda-partícula, da luz.

[147] Grad (1955; 2002) e Snyder (2002) replicaram os procedimentos utilizados por Reich no experimento XX e observaram as mesmas formações de flocos, formas com membranas, que esse pesquisador julgou ter encontrado.

apresentavam "todas as propriedades da matéria viva (*estrutura, pulsação, reprodução, crescimento e desenvolvimento*)". Esse autor concluiu que, "*no processo do experimento de congelamento, a energia se transforma em matéria.* Essa matéria está viva". Reich (2003, p. 215) descreveu assim esse processo:

> Neste processo, a energia orgone congelada passa por todas as fases da formação de bions reveladas pela biofísica orgone: formas T se desenvolvem em bions PA através da absorção de energia orgone livre de massa; os bions PA crescem e assumem formas maiores, arredondadas, parecidas com "ovos" pequenos; algumas dessas "formas ovais" se expandem e tomam a forma de feijões; as formas de feijão adquirem mobilidade e formam protozoários. (REICH, 2003, p. 215).

A formação da matéria viva decorreria da contração da energia orgone livre de massa, que teria se contraído no processo de congelamento da água, contudo, no entendimento de Reich (2003, p. 217), essa contração energética "existe *antes* da formação da matéria, como função básica do orgone cósmico". Para ele, "a *contração da energia orgone se faz acompanhar de condensação, e a condensação se faz acompanhar de formação de partículas de matéria de dimensões microscopicamente pequenas"*.

Assumindo que a energia orgone livre de massa daria origem à matéria viva, e, ao observar o peculiar formato dos bions que apareceram no experimento XX, formato este semelhante ao de um ovo, ou uma gota de água, Reich (2003, p. 217) concluiu que esse formato corresponderia a uma "conexão funcional" entre o movimento espiralado da energia orgone e o formato da matéria viva, em outras palavras, o movimento da energia orgone imprimiria um formato na matéria viva. Esse pesquisador denominou orgonoma "a *forma básica da matéria viva*" e a representou da seguinte maneira:

FORMA GEOMÉTRICA

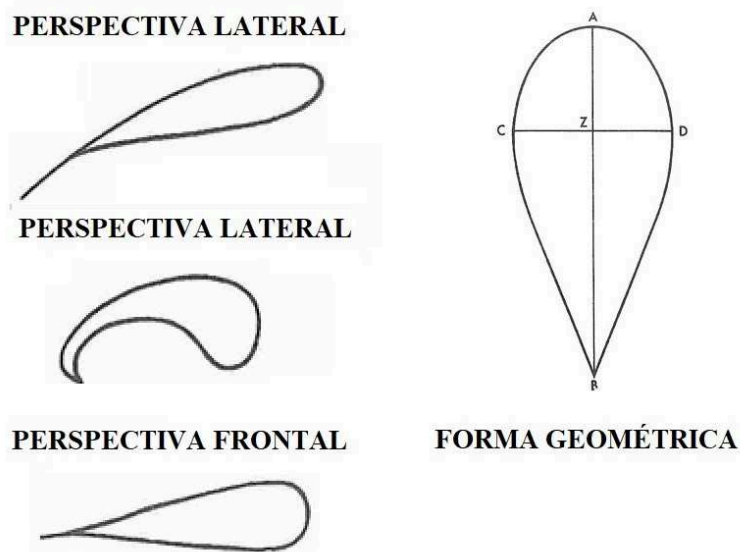



FIGURA 21
Fonte: Reich (2003, p. 218 e 220).

Como antecipamos no capítulo anterior, esse formato básico ou fundamental da matéria viva pode ser encontrado em diversos fenômenos da natureza, como nos organismos unicelulares, nas sementes, nas folhas, nas flores e nos bulbos das plantas, nas células dos animais, nos ovos, nos embriões e em todos os órgãos do corpo humano (coração, bexiga, fígado, baço, pulmão, cérebro, testículo, ovário, útero, estômago etc.)[148], o que levou Reich (2003, p. 219) a concluir que "*pode-se reduzir facilmente todas as formas na esfera da matéria viva à forma de ovo* sem violentar as variações individuais da forma". A respeito do orgonoma, esse pesquisador afirmou que "essa forma básica varia de comprimento, largura e espessura. Pode aparecer em subdivisões da mesma forma, como nos vermes; mas, seja como um todo ou como uma parte, a forma básica da matéria viva mantém sempre o mesmo aspecto oval" (REICH, 2003, p. 219 e 220).

Além das análises geométricas, ou morfológicas, dos referidos fenômenos biológicos, Reich percebeu que o formato orgonoma estava diretamente relacionado com a trajetória de uma onda giratória isolada, depois de curvada no centro, tendo suas duas extremidades aproximadas, conforme o esquema abaixo:

---

[148] A lista de fenômenos da natureza que apresentam semelhança com o formato do orgonoma parece ser numerosa. É curioso que tanto o formato do orgonoma quanto o formato espiralado da energia orgone apresentam semelhança com o formato de uma curva geométrica baseada na sequência de Fibonacci (1 1 2 3 5 8 ..., em que o próximo número da série é determinado pela soma dos dois anteriores), a qual, também, é encontrada em diversos fenômenos da natureza. Não temos conhecimento de nenhuma pesquisa ou autor que tenha procurado vincular a teoria de Reich sobre o movimento da energia orgone com a sequência numérica do matemático Fibonacci.

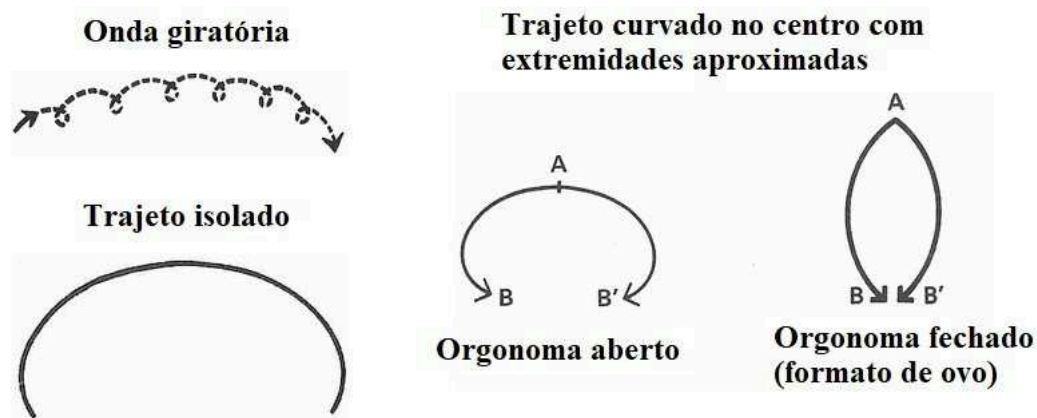



FIGURA 22
Fonte: Reich (2003, p. 221 e 222).

Reich derivou o formato do orgonoma da forma do movimento primordial da energia orgone livre de massa, buscando, dessa maneira, uma origem mais profunda – num domínio de funcionamento mais amplo - para esse formato básico encontrado na natureza. Ele designou "orgonoma aberto" o formato encontrado na onda espiralada, no domínio da energia livre de massa, e "orgonoma fechado" a forma básica encontrada no domínio da vida (a qual teria a forma do ovo).

Contudo, foi o fenômeno da convulsão orgástica - no campo da biofísica - que abriu o caminho para que esse pesquisador chegasse na origem da forma do orgonoma e estabelecesse uma relação direta entre "um movimento *biológico* fundamental" com um "movimento *físico*" e com "a forma básica dos corpos vivos". Também denominada de reflexo do orgasmo, a convulsão orgástica é, conforme as amplas investigações empreendidas por Reich, um fenômeno biológico universal, investigado por ele, pela primeira vez, em 1935, quando observou nos seus pacientes – cujo trabalho de desencouraçamento já havia liberado as correntes plasmáticas - um peculiar movimento corporal, que envolve a totalidade do organismo num único movimento ondulatório e involuntário.

> O fenômeno mais evidente no reflexo do orgasmo é o *esforço das duas extremidades do torso – boca e genitais – para se aproximarem um do outro.* Esse fenômeno biofísico realmente me colocou no trilho que levou à origem da forma no orgonoma. Na convulsão orgástica de um animal ou no movimento natatório da medusa, o corpo parece vergar-se a partir do centro, aproximando as duas extremidades. (REICH, 2003, p. 223).

Assumindo que "*a matéria viva é energia orgone congelada*", Reich (2003, p. 223) concluiu que "*a forma do movimento da energia orgone deve necessariamente se traduzir na forma de matéria viva,* a forma do orgonoma", de modo que, "*a forma do órgão deve derivar da forma do movimento da energia orgone cósmica*". Não somente a forma básica da vida - o orgonoma biológico - seria derivada do movimento orgonótico, como, também, as próprias correntes plasmáticas e os movimentos dos organismos.

> A corrente plasmática não flui continuamente, e sim em impulsos rítmicos. Daí falarmos em PULSAÇÃO. Pode-se observar a pulsação claramente na circulação sanguínea de todos os metazoários. A corrente pulsatória de fluidos corporais é trabalho do orgone organísmico, uma expressão direta de sua forma de movimento. A partir da pulsação dos fluidos corporais, devemos raciocinar *a posteriori* que há uma pulsação da energia orgone. Esta conclusão é confirmada pela observação de determinados protozoários, nos quais ondas pulsatórias de excitação atravessam o corpo e põem o protoplasma em movimento. Entre os vermes, as ondas de excitação de natureza pulsatória passam da extremidade caudal para a cabeça. Pode-se observar o mesmo fenômeno em determinadas células cancerosas ameboides. (REICH, 2003, p. 224).

Haveria, assim, dois tipos de movimentos pulsatórios na matéria viva, os quais, segundo Reich (2003, p. 225), precisariam ser distinguidos: "*o movimento pulsatório da energia orgone* no organismo e seu efeito, *o movimento pulsatório mecânico dos fluídos corporais*". Esse autor designou o primeiro movimento de "pulsação bioenergética funcional" e o segundo de "pulsação mecânica", e afirmou que, nesta última, sua rotação "avança alternando expansão e contração alternadas". Em seres unicelulares, como as amebas, sem estruturas rígidas e vesículas grandes, "a pulsação bioenergética coincide totalmente com o fluxo orgânico de fluidos", conforme se pode visualizar na figura 23. Em outros organismos, como os colpídeos e os paramécios, com corpo rígido e estruturas vesiculares grandes, só se poderia discernir "o movimento da energia pelo deslocamento de todo o corpo".

Reich ilustrou, no seguinte esquema, a excitação interna do plasma de um ser unicelular e a correspondente direção local do movimento que a excitação interna produziria:

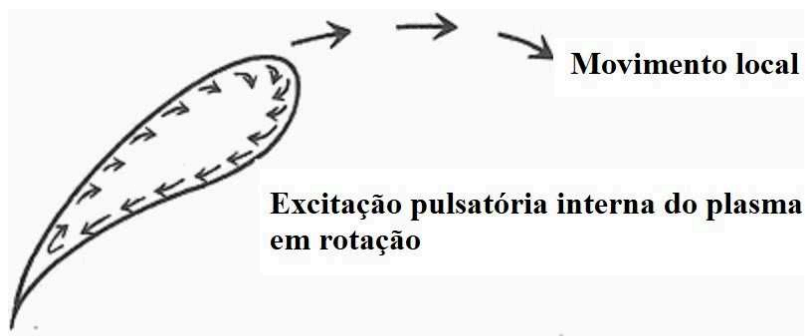



FIGURA 23
Fonte: Reich (2003, p. 225).

Esse pesquisador apontou uma identidade entre o movimento interno do plasma pulsante de amebas e de células cancerosas e a "forma externa do movimento dos *Trichomonas vaginalis,* colpídeos e paramécios", sendo esse movimento "um movimento pulsatório de arremeter, que não se dá em linha reta mas à maneira de uma espiral", semelhantemente ao da onda giratória (REICH, 2003, p. 226). A sua conclusão a esse respeito é a de que "esta harmonia no formato do movimento de partículas de energia, da corrente plasmática, das ondas de excitação orgonótica e das formas dos órgãos não pode ser mera coincidência", seria prova de que "ela [a harmonia] é governada por uma lei comum de movimento revelada repetidamente nas formas individuais dos movimentos e das estruturas".

A membrana do orgonoma vivo seria, conforme Reich (2003, p. 230 e 231), formada pelo "congelamento" ou "cristalização" da energia orgone livre de massa convertida em matéria, e seu formato curvo seria decorrência do movimento curvo da energia orgone. O orgone livre de massa continua a se mover dentro das membranas, "luta para expandir a membrana, como se quisesse irromper de dentro da bolsa em que está presa".

A "oposição entre a energia orgone livre de massa e o orgone congelado que se tornou matéria membranosa" (REICH, 2003, p. 235) daria forma ao orgonoma vivo, pois o orgonoma bioenergético, ao tentar se libertar dos limites da membrana a pressionaria, conferindo a ela o seu formato, conforme o seguinte raciocínio:

> O orgone livre de massa sempre luta para romper o enclausuramento causado pela membrana. *O orgonoma bioenergético é estendido e aberto; o orgonoma material é fechado.* Já que as ondas de excitação do orgonoma bioenergético se movem dentro dos limites do orgonoma material fechado, elas necessariamente pressionam a fronteira criada pela membrana [...]. (REICH, 2003, p. 235).

O fluxo interno do orgonoma aberto e a sua dinâmica em relação ao orgonoma fechado foi representado por Reich na seguinte ilustração:

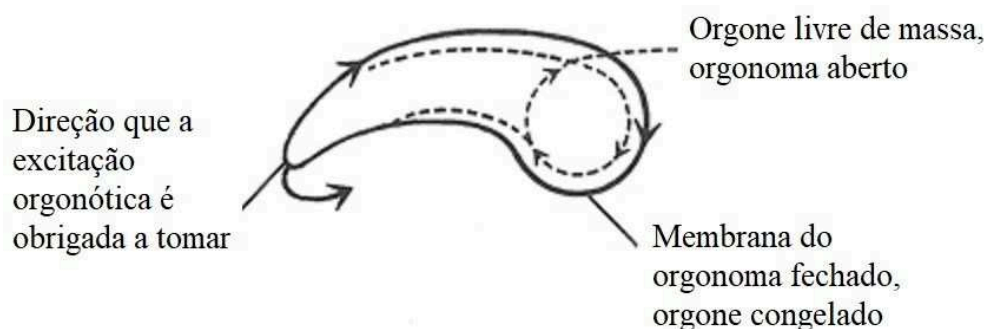



FIGURA 24
Fonte: Reich (2003, p. 235).

Reich (2003, p. 235 e 236) lançou as bases para desenvolver uma morfologia orgonômica fundamentado na ideia de que a energia orgone livre de massa, com seu movimento circular para fora da membrana e para frente, forçaria e expandiria as membranas. No dizer do autor, "*a função de crescimento corresponde à expansão das membranas do orgonoma fechado*", o que poderia ser verificado "nas protuberâncias arredondadas que dão início à formação de cada novo órgão no embrião de todas as espécies animais", as quais exibem, novamente, a forma típica do orgonoma.

Em certos organismos mais flexíveis, sem estruturas rígidas, o movimento de rotação original do orgonoma aberto torna-se claramente evidente, contudo, mesmo em organismos com esqueletos e estruturas musculares extensas – que borram "a aparência externa das ondas de excitação" – existem, ainda, "a excitação rítmica e o pulso de corrente da circulação sanguínea, bem como a corrente orgonótica ou excitação plasmática, que são percebidos subjetivamente" (REICH, 2003, p. 236).

O reflexo do orgasmo seria o fenômeno biológico em que se poderia perceber o movimento do orgonoma bioenergético, mesmo no caso de seres com estruturas mais complexas, uma vez que esse fenômeno atinge o organismo inteiro. Segundo Reich (2003, p. 237), "*a superposição de dois orgonomas fechados é a base bioenergética da superposição de dois organismos durante a copulação*", conforme pode ser observado na figura 25(b). Esse pesquisador afirmou que no referido processo,

> [...] as extremidades caudais altamente excitadas se interpenetram corporalmente; os dois orgonomas se fundem bioenergéticamente para formar um só sistema de energia altamente carregado. É característico da homogeneidade de todos os processos na esfera vital que as funções energéticas de excitação, superposição, interpenetração e fusão se repitam nas mesmas funções das células reprodutivas. Pois, durante a copulação, a célula do esperma e a célula do óvulo continuam a função de superposição e fusão dos orgonomas da fêmea e do macho [...]. (REICH, 2003, p. 237).

O reflexo do orgasmo estaria, portanto, enraizado em funções da energia orgone cósmica e “teria uma função vital muito mais geral do que a simples fertilização” (REICH, 2003, p. 237). Ao elucidar o movimento da energia orgone no orgonoma durante a função do orgasmo - conforme apresentado na figura 25(a) –, Reich detalhou como essa energia flui nos organismos vivos de um modo geral. Esse funcionamento energético, seu movimento e sua dinâmica, estaria na base de todos os processos biológicos.

a)

1) Direção de *movimento para a frente*: antenas, pendúculos ópticos, vesículas de cérebro primitivo.
2) Direção de crescimento.
3) Continuação da direção do movimento orgonótico
4) *Maior excitação orgonótica*, deflexão mais abrupta.
5) Erupções intermediárias.

b) **GE .... Fluxo direto da corrente genital. Fusão do fluxo de energia ♂ e ♀**

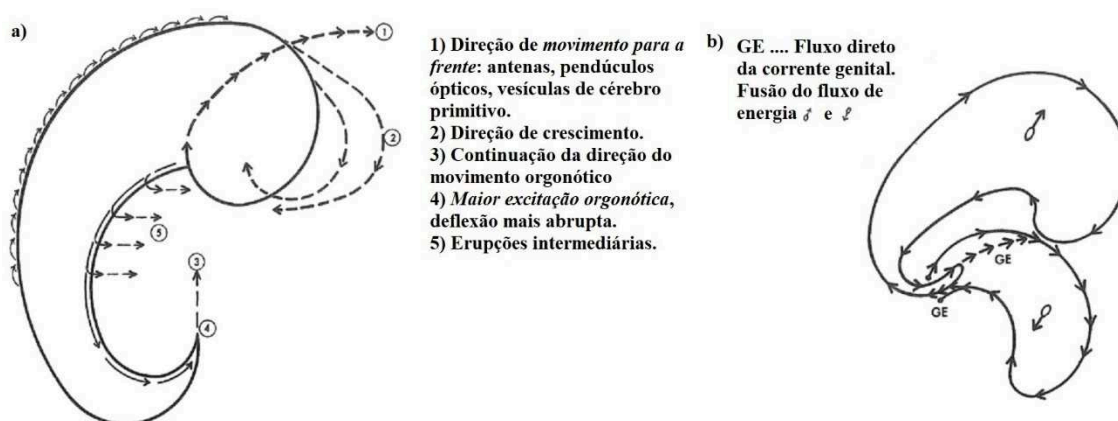



FIGURA 25
Fonte: Reich (2003, p. 239 e 242).

O fluxo energético representado na figura 25(a) pode ser assim compreendido:

> *Primeiro, o movimento local para a frente atua invariável e logicamente na direção da extremidade maior e mais ampla. Segundo, os órgãos genitais se localizam invariável e logicamente do lado ventral, perto da extremidade caudal. Terceiro, quando em estado de excitação orgonótica do orgonoma, o órgão genital se expande através da ereção na direção do movimento local para a frente. Quarto, os movimentos que causam a interpenetração e fusão dos órgãos genitais do macho e da fêmea levam toda a extremidade caudal para a frente de uma maneira altamente energética.* (REICH, 2003, p. 238).

Esse movimento específico da energia orgone no organismo estaria na base das funções vitais, atuando, por exemplo, no crescimento e na morfogênese do organismo. Reich (2003, p. 240) afirmou que “é de presumir que a curva da trajetória da onda condiciona a curva das costas, e não o contrário”. Contudo, após a formação do orgonoma material fechado, “ele confina as ondas bioenergéticas de excitação e as força a defletir da trajetória original estendida". Assim, “*enquanto as direções dos orgonomas material e bioenergético estiverem em harmonia, não haverá novas formações e direções do movimento do todo*”. Esse pesquisador considerou, também, que o crescimento e o desenvolvimento de órgãos, por exemplo, resulta de a tentativa da energia orgone livre de massa romper a membrana biológica,

> *O crescimento no eixo vertical (longitudinal) e o movimento local para a frente aparecem então como funções da energia orgone do corpo, o resultado de sua tentativa de romper a bolsa da membrana limitadora.* A membrana "acompanha", isto é, expande e, assim, forma as bolsas protuberantes dos órgãos em sua condição primitiva. (REICH, 2003, p. 241).

Reich (2003, p. 241) notou que, diferentemente das "costas, onde os orgonomas material e bioenergético estão em harmonia", no lado ventral do corpo, em que ocorre a deflexão da energia orgone livre de massa, encontram-se "múltiplas formações de órgãos de diversos tipos" e, com base nessas considerações, abriu um campo para a aplicação do funcionalismo orgonômico na morfogênese dos órgãos, pois, se suas conclusões estiverem corretas, "os órgãos formados pela protusão das membranas devem sempre se originar no lado ventral, onde a direção da corrente de energia biológica sofre uma deflexão de seu curso habitual".

A cópula dos animais ocorreria como função do movimento da energia orgone, que "*defletida da cabeça para a cauda, isto é, oposta à sua direção natural, pressiona em direção ao órgão genital na direção original para a frente, excitando-o e forçando-o a avançar para uma ereção*". Após a concentração do orgone no órgão genital, "*´há somente UMA possibilidade de fluir para fora na direção pretendida – a fusão com um segundo organismo, de tal modo que a direção da excitação do segundo organismo se torne idêntica à direção das ondas de orgone do primeiro"* (REICH, 2003, p. 242 e 243), conforme ilustrado na figura 25(b).

A função da superposição cósmica, a qual governa o orgasmo, é permitir que orgonoma bioenergético ultrapasse a esfera do orgonoma material, permitindo que a pulsação orgonótica avance no sentido cósmico, para além das limitações das membranas biológicas:

> *Enquanto a energia de um organismo flui para dentro do sistema de energia do segundo organismo, a energia orgone livre de massa realmente consegue transcender os limites do orgonoma material, isto é, o organismo, e, ao se fundir a um sistema orgonótico fora do seu, continua fluindo*. (REICH, 2003, p. 243).

Com base nessas considerações, pode-se compreender como a pulsação orgonótica ocorre no domínio biológico e, assim, definir a pulsação bioenergética – também denominada de pulsação organísmica - em termos da associação simultânea das funções de onda e de pulso no domínio bioenergético.

Bedani (2008) representou graficamente as funções de pulso e de onda num orgonoma contendo as sete divisões segmentares respectivas ao corpo humano – os segmentos "ocular", "oral", "cervical", "torácico", "diafragmático", "abdominal" e "pélvico" – na seguinte ilustração:

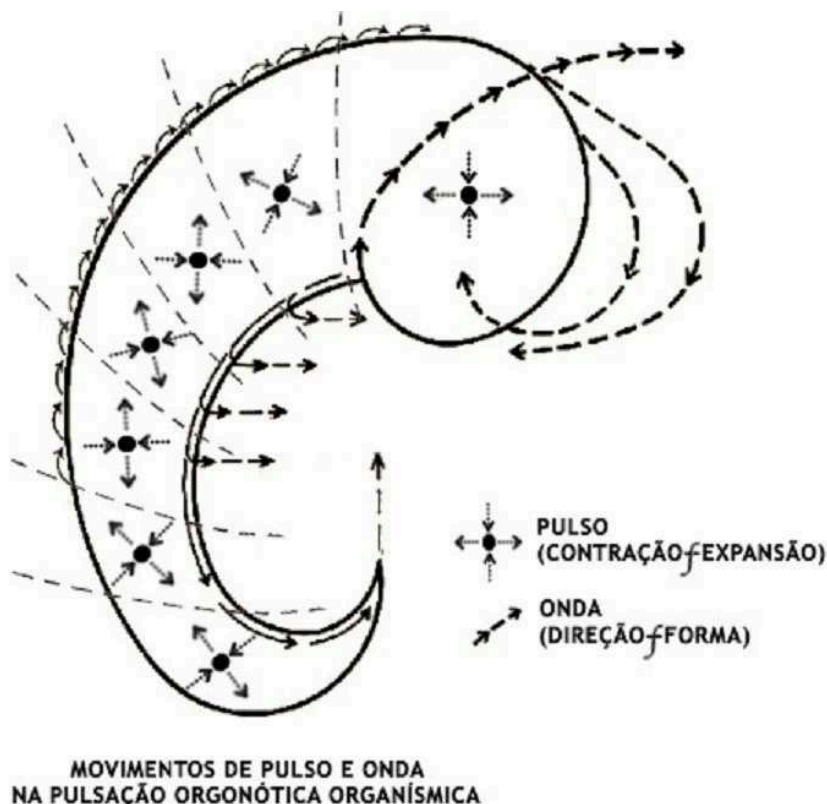



FIGURA 26
Fonte: Bedani (2008, p. 16).

Pode-se observar a direção e a forma específica da onda giratória no orgonome humano, ou seja, ela sobe verticalmente, em sentido antigravitacional, pelas costas, quando alcança a região da cabeça e é *parcialmente* impedida, pelo orgonome material, de seguir seu curso "natural" – conforme o movimento da onda espiralada no orgonome aberto -, assim, ela é forçada a descer em direção aos genitais. Essa, portanto, é a função onda (BEDANI, 2008).

Simultaneamente à função onda manifesta-se a função pulso, na forma de contração e expansão, que ocorre, em partes específicas do corpo humano, como as células, órgãos e os segmentos corporais, e ao mesmo tempo, no corpo como um todo.

O conjunto interligado dos fenômenos relacionados à pulsação orgonótica organísmica, em linguagem orgonométrica, foi assim descrito por Bedani (2008, p. 17):

> [...] da mais ampla e profunda função "pulsação orgonótica organísmica" derivam-se duas outras funções, mais superficiais: a função "pulso" e a função "onda". A função "pulso", por sua vez, deriva-se em duas funções (ainda mais superficiais, tanto em relação ao "pulso" quanto à "pulsação"): a função "contração" e a função "expansão"; simultaneamente, a função "onda" se deriva em duas funções (mais superficiais, tanto em relação à "onda" quanto à "pulsação"): a função "direção" e a função "forma". (BEDANI, 2008, p. 17).

O equacionamento orgonométrico da pulsação orgonótica organísmica e de suas funções variadas, segundo Bedani (2008), pode ser descrito da seguinte maneira:

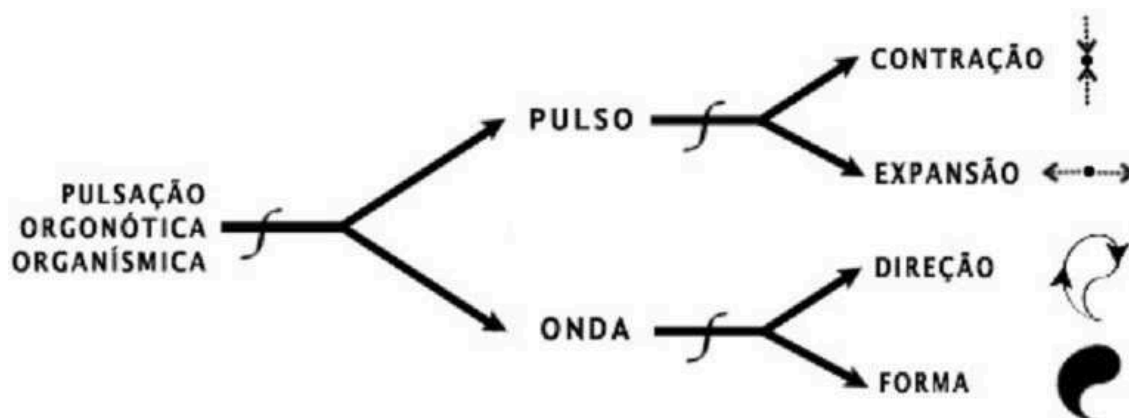



FIGURA 27
Fonte: Bedani (2008, p. 17).

A pulsação orgonótica organísmica, ou bioenergética, situa-se no mais profundo nível de funcionamento biológico do qual outras funções mais superficiais derivariam - por exemplo, a função do orgasmo (tensão-carga-descarga-relaxamento) -, sendo aquele, portanto, o conceito que sustenta todas as demais formulações da dinâmica vital da orgonoterapia. Nos próximos itens, apresentaremos uma síntese de algumas outras noções relacionadas à dinâmica vital, isto é, à regulação energético-emocional, que, a nosso ver, formam o corpo teórico da dinâmica vital da abordagem terapêutica reichiana. Algumas delas já foram exploradas no decorrer desta dissertação e serão apenas retomadas, brevemente, a fim de apresentarmos uma sistematização desses conceitos fundamentais, os quais julgamos ser necessários para a compreensão da doutrina orgonoterapia.

5.5 A FÓRMULA DO ORGASMO OU FÓRMULA DA VIDA (TCDR)

Antes da formulação do conceito orgonômico de pulsação, o qual está baseado na função de onda e de pulso, Reich havia compreendido a pulsação biológica com base na função do orgasmo, também denominada de fórmula da vida, que se expressaria num peculiar processo, específico ao domínio do vivo, representado por um ritmo em quatro tempos: 1) *tensão mecânica*; 2) *carga bioenergética*; 3) *descarga bioenergética*; e 4) o *relaxamento mecânico*, nessa ordem, e que foram abreviadas de TCDR (tensão, carga, descarga e relaxamento), de

modo que, as duas primeiras foram consideradas como variações da função expansão e, as duas últimas, como variações da função contração (REICH, 2003, p. 197).

A fórmula do orgasmo foi assim equacionada orgonometricamente, com base nas funções de contração e expansão:

FIGURA 28
Fonte: Reich (2003, p. 197).

A fórmula do orgasmo decorreria da antítese primária da vida vegetativa, isto é, das funções de expansão e contração, sendo essas, como abordamos anteriormente, consideradas por Reich, na sua formulação orgonômica de pulsação, como variações da função de pulso. Além disso, a fórmula do orgasmo teria o seu funcionamento regido pelo potencial orgonômico, que estabelece que os sistemas orgonóticos, incluindo os organismos, absorvem a energia orgone do meio, e, a fim de não extrapolarem o seu limiar máximo energético, necessitam descarregá-la em concordância ao potencial mecânico.

O orgasmo saudável – que ocorre em pessoas orgasticamente potentes -, portanto, tem como função a descarga da energia sexual - o orgone organísmico - que se acumularia, naturalmente, no organismo. O acúmulo de energia não descarregada adequadamente seria a fonte energética das neuroses e de determinadas doenças orgânicas[149]. O orgasmo não é a única maneira de descarregar a energia sexual, porém, seria o canal natural mais propício para essa função, pois, parte dessa energia seria forçada a ser descarregada, somente, pela via genital, outra parte, poderia ser descarregada por meio de outras ações.

As quatro funções componentes da fórmula do orgasmo TCDR estão presentes e em todas as funções vitais do organismo, na expressão das emoções e nos movimentos vitais (células, órgãos etc.).

[149] Abordamos esse assunto com mais detalhes adiante, mais especificamente, no item 5.9 *A Potência orgástica e a autorregulação energética*.

> Descobriu-se que a convulsão orgástica governa todo o reino animal nas próprias raízes de sua existência bioenergética. Além do mais, verificou-se que os quatro momentos da fórmula do orgasmo – *tensão –> carga -> descarga -> relaxamento* – também governam a divisão da célula. Expansão e contração, as duas funções básicas pareadas do orgasmo, também dominam o desenvolvimento do embrião. Em acréscimo, pode-se ver esta mesma função claramente no comportamento de protozoários tais como vorticelas, entre outros. (REICH, 2003, p. 196).

Ao afirmar que somente os sistemas orgonóticos vivos apresentam a convulsão orgástica e que seria essa a lei específica do vivo, Reich (2003, p. 198) deixou clara a importância desse processo para a dinâmica vital do organismo: "a convulsão de um organismo vivo é um evento total que, além de não ameaçar a integridade do sistema, melhora seu bem-estar e se constitui, como parte fisiológica integral do todo, em função básica do metabolismo de energia".

A fórmula do orgasmo, ou fórmula da vida, possibilitou compreender os bloqueios energéticos no corpo em termos de sua insuficiência de carga (bloqueios hipo-orgonóticos) ou de insuficiência de descarga (bloqueios hiper-orgonóticos), adiante abordados.

5.6 AS DUAS DIREÇÕES DE FLUXO DA ENERGIA ORGONE NO ORGANISMO HUMANO

Os movimentos da energia orgone no organismo podem seguir duas direções de fluxo: do centro do organismo para a periferia, que remete ao movimento de expansão, e, inversamente, da periferia para o centro do organismo, que remete ao movimento de contração. Essa direção de fluxo centro-periferia é determinada pela função pulso da energia orgone.

Associado ao movimento de centro-periferia há um fluxo perpétuo de energia orgone no sentindo vertical do organismo, no sentido céfalo-caudal, um movimento circular: subindo dos pés à cabeça (pela parte de trás do corpo) e descendo da cabeça aos genitais/pernas (pela parte da frente). Essa direção do fluxo vertical é determinada pela função onda da energia orgone.

A descarga das emoções e da energia orgone ocorre, portanto, associada aos dois fluxos energéticos no organismo: do centro para a periferia e no sentido vertical-descendente, ou seja, céfalo-caudal, e os bloqueios energéticos, por sua vez, interrompem esse fluxo energético, perturbam a pulsação, gerando regiões com acúmulo ou escassez de energia. A fim de melhor compreendermos a noção de emoção, como aparece na doutrina da orgonoterapia, associada ao movimento da energia orgone e a sua relação com o fluxo energético no organismo, no próximo item abordaremos a diferenciação entre os impulsos - ou emoções - primários e secundários.

5.7 OS IMPULSOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS E OS TRÊS NÍVEIS DA ESTRUTURA BIOPSÍQUICA HUMANA

Os experimentos bioelétricos sobre a sexualidade e a angústia realizados por Reich (1990b, p. 15) a partir de 1934, conduziram-no à formulação de uma teoria sobre as emoções e sobre a estrutura energética do bioaparelho. Inicialmente, esse pesquisador havia concluído que a energia que se movia no corpo, mensurada por ele em termos de potenciais elétricos, seria a bioeletricidade. Investigações posteriores o levaram a concluir que essa energia não seria a eletricidade, ainda que apresentasse certa relação com esta, mas, se trataria de uma específica forma de bioenergia, a qual foi, posteriormente, denominada orgone.

O estudo da sensação psíquica empreendido por Reich o levou a concluir que a sensorialidade seria uma propriedade universal da matéria viva e que estaria fundamentada no movimento da bioenergia: "*a bioenergia se move, de acordo com a situação, em taxas de velocidades diferentes, em direções diferentes e em modos diferentes no organismo*. Move-se independentemente dos caminhos e áreas nervosas de um modo biologicamente compreensível" (REICH, 1990b, p. 19, tradução nossa).

Fundamentado nos princípios da psicologia celular, em observações clínicas de fenômenos relativos a percepção dos movimentos energéticos nos corpos dos seus pacientes, nos dados e observações colhidos em experimentos com seres humanos e com amebas, Reich sentiu-se autorizado a inferir que haveria uma identidade funcional entre os seres humanos e a ameba, no que concerne às excitações biológicas básicas e às direções das correntes plasmáticas.

> Até mesmo a ameba apresenta as correspondentes correntes de plasma do centro para a periferia nas situações prazerosas, e da periferia para o centro nas situações angustiosas. Assim, o homem e a ameba são funcionalmente idênticos com relação às excitações biológicas básicas e às direções de correntes. (REICH, 1990b, p. 19, tradução nossa).

A teoria das emoções, elaborada por Reich, reside na sua noção de "antítese primária da vida vegetativa", isto é, de que expansão e contração são os movimentos fundamentais da matéria viva e correspondem às emoções primárias de prazer e desprazer (ou angústia).

> A ameba não possui nervos, mas a antítese emocional básica do vivo já funciona na ameba. Os nervos autonômos não são, portanto, uma pré-condição para as principais reações da vida. Em vez disso, eles aparecem como *formas organizadas* de funções pertencentes a um domínio de funcionamento biologicamente mais profundo. As funções de prazer e angústia são muito mais antigas filogeneticamente do que o sistema parassimpático e simpático. (REICH, 1990b, p. 19, tradução nossa).

Pode-se observar que Reich assume o pressuposto da anterioridade filogenética da função psíquica do prazer e da angústia, ou seja, as emoções primárias existem independentemente da existência do sistema nervoso, são anteriores a este, pois, no pensamento desse autor, elas existiram em "bilhões de organismos que funcionaram durante incontáveis milênios antes que sequer houvesse cérebro" (REICH, 2003, p. 129). É evidente que em um organismo estruturado com sistema nervoso (SN), esse sistema participa do processo emotivo. Contudo, entendidas como movimentos da bioenergia, as emoções localizam-se num domínio de funcionamento mais profundo e amplo que o SN e, de forma alguma, estão restritas ao domínio de funcionamento deste. Ou seja, a compreensão do processo emocional, em conformidade aos princípios do funcionalismo orgonômico, não parte do estudo do SN, mas de processos biológicos mais fundamentais, tais como, a expansão e a contração, as quais são funções básicas presentes em toda a matéria viva.

Não obstante isso, não se trata de desconsiderar o papel do SN na expressão emocional, mas de compreender "*que tipo de relação existe entre estas duas funções básicas* [expansão e contração] *e o sistema nervoso autônomo"*. Em outros termos, trata-se de compreender como a antítese funcional expansão e contração manifesta-se nas funções mais complexas do sistema nervoso autônomo. Ao investigar a "muito complexa natureza da excitação vegetativa dos diferentes órgãos", Reich (1979a, p. 225) considerou que

> [...] o *Vago (Parassimpático)* funciona sempre onde aparecem a *extensão,* a *dilatação*, a *congestão do sangue*, a *tensão* e o *prazer*. Os nervos *simpáticos*, pelo contrário, estão em função sempre que o organismo se apresenta sem energia, *contraído*, *esvaziado de sangue*, sempre que há *palidez*, *angústia* e *dor*. [...] o *Vago opera no sentido da expansão, do "sair de si para o mundo", do prazer e da alegria, enquanto o simpático opera no sentido da contracção, do "fechar-se em si próprio", da tristeza, do desprazer. O processus vitae* consiste numa permanente alternância entre a expansão e a contracção. [...] a função do vago e a função *sexual*, por um lado, bem como a função do simpático e a função do *desprazer* ou da *angústia*, por outro, são *idênticas*. (REICH, 1979a, p. 225).

Os movimentos biológicos de expansão e de contração no protoplasma das amebas e nas manifestações corporais dos seres humanos foram considerados por Reich como funcionalmente idênticos, o que o levou a concluir que as emoções correspondem, em última instância, ao movimento protoplasmático.

Ao observar que "as correntes de plasma biológico têm um caráter 'emocional'", Reich (1990b, p. 19, tradução nossa) chegou ao seguinte princípio de funcionamento comum: "*o tipo*

de emoção era idêntico ao tipo de movimento de bioenergia. O caráter do movimento pode ser melhor descrito como uma espécie de lenta ondulação que se move como uma onda”[150].

As investigações sobre as emoções e sua relação com o movimento bioenergético, as quais foram baseadas sobretudo em experimentos e observações clínicas, permitiram que Reich (1990b, p 20, tradução nossa) elaborasse uma concepção funcional da estrutura bioenergética do bioaparelho, também denominado biossistema ou aparato vital, o qual, segundo ele, é “composto de um ‘centro bioenergético’ ou cerne e de uma ‘periferia bioenergética’”. Nos animais com sistema nervoso, “o centro é formado pelo aparelho ganglionar autônomo e a periferia pela membrana de superfície”, pois “a célula ganglionar típica refletia, claramente, este esquema funcional em seu próprio domínio de funcionamento”.

Todo sistema vivo seria, portanto, estruturado em termos de um núcleo ou centro bioenergético e de uma periferia bioenergética - uma membrana de superfície do organismo -, e, também, de “*um campo de energia orgone que pertence à unidade viva em funcionamento*”, que, abrange uma área além das membranas, e que “mostra todas as reações biológicas exatamente como faz a pele. Expande-se, contrai-se, pode ser excitado [...]” (REICH, 1990b, p. 22, tradução nossa). Essa estrutura bioenergética básica se aplicaria tanto aos microcomponentes (células e estruturas intracelulares), como aos órgãos e aos segmentos corporais, incluindo o organismo como um todo.

A estrutura do aparato vital foi assim ilustrada pelo autor:

[150] Foram esses atributos, a velocidade lenta e o caráter ondulatório que guiaram o pensamento de Reich a considerar que a bioenergia não seria a eletricidade. Posteriores experimentos realizados por esse autor teriam confirmado essa asserção. Muitos desses experimentos foram descritos numa série de artigos intitulada *Orgonotic Pulsation* (“Pulsação Orgonótica”) publicados no *International Journal for Sex-Economy and Orgone Research* (“Jornal Internacional de Economia-Sexual e de Pesquisa Orgone”).

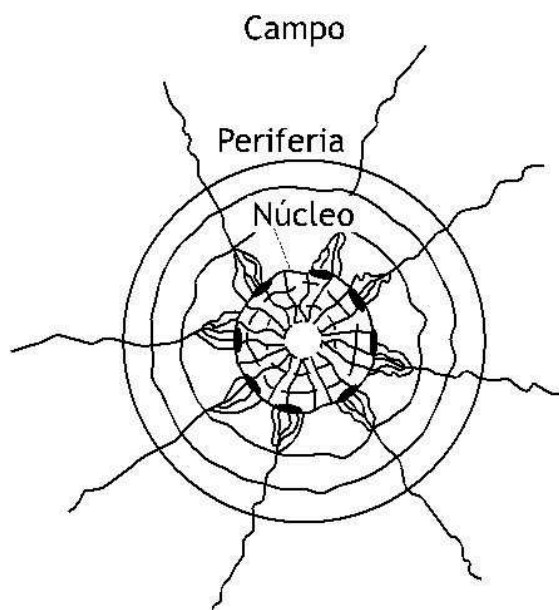



FIGURA 29
Fonte: Reich (1990b, p. 20).

A fim de melhor esclarecer como Reich desenvolveu essa concepção de bioaparato, consideramos importante informar que, no período anterior às investigações sobre a energia orgone, esse pesquisador já havia esboçado uma concepção de bioaparato fundamentada nas ideias de trocas elétricas entre fluídos e membranas, desenvolvidas pelo médico e fisiologista Kraus[151]. Ele sumarizou as ideias de Kraus, da seguinte maneira: "o corpo é governado por processos eléctricos e se compõe, por um lado, de inúmeras *'superfícies fronteiriças' entre as membranas*, e, por outro, de fluidos electrolíticos de densidade e natureza diferentes". Nas fronteiras entre os fluídos e as membranas, por conta da diferença de concentração nas cargas elétricas dos fluídos e das membranas, "desenvolve-se (*sic*) *diferenças de tensão nas superfícies fronteiriças,* e, como resultado dessas diferenças, verifica-se (*sic*) *quedas de potencial* de intensidade variável" (REICH, 1979a, p. 214).

Com base nessas ideias, Reich (1979a, p. 216) esboçou um modelo sobre o funcionamento energético básico de um aparato vital, como sendo composto por "um sistema complicado de fluidos e membranas de densidade e capacidade eléctrica diferentes", cujo "aparelho de carga" operaria "automaticamente *no centro"*, isto é, seria carregado "*de dentro, espontaneamente".* No período em que ele desenvolveu esse modelo, como afirmamos anteriormente, Reich não havia desenvolvido sua teoria sobre a energia orgone e concebia todo

[151] Reich, ao longo de sua obra, fez diversas menções ao livro *Allgemeine und Spezielle Pathologie der Person* ("Patologia Geral e Específica do Indivíduo") do fisiologista Friedrich Kraus.

o funcionamento energético dos sistemas vivos como sendo de caráter bioelétrico. Assim sendo, ele afirmou que as cargas elétricas no aparato vital,

> [...] estariam em movimento constante, de zonas de elevado potencial para outras de potencial mais baixo. Mas, no todo, iria predominar *uma* direção: a direção do *centro* (onde actua a fonte da carga elétrica) para a *periferia*. Consequentemente, [o aparato vital] encontrar-se-ia de preferência em condições de expansão. De vez em quando, como os ciliados, voltaria à forma de esfera, na qual, com o mesmo conteúdo físico, a *tensão da superfície é mais baixa*. Se a produção de energia interior aumenta muito, [o aparato vital], contraindo-se um certo número de vezes, pode descarregar a energia para o exterior; está, portanto, em condições de *regular* a sua energia. (REICH, 1979a, p. 216).

A descarga de energia, segundo Reich (1979a, p. 216), no sentido do centro para a periferia do organismo, seria "extremamente agradável, porque liberta o organismo da contensão". Em períodos posteriores, esse pesquisador passou a visualizar esse processo em termos de correntes plasmáticas, movimentos dos fluídos corporais, que seriam expressão direta do movimento da energia orgone no organismo, sem, contudo, desconsiderar que esses processos bioelétricos ocorram, mas, situando-os como processos secundários, em domínios de funcionamento mais superficiais do que os processos orgonóticos.

Após essa breve exposição sobre o desenvolvimento da noção do bioaparato e de sua relação com a antítese primária da vida, pode-se, agora, retornar à teoria das emoções.

Reich (1990a, p. 18, tradução nossa) considerou que, "se, sob certas condições externas, a função prazer não pode funcionar sem ser perturbada, então a função de expansão do aparato vital se cinde na busca do prazer e em raiva". No ser humano, diferentemente do que ocorre nos outros animais, "a contradição entre organismo e organização social autoritária fez com que impulsos secundários, estranhos ao restante da natureza, emergissem dos impulsos naturais primários, os quais são funções de expansão". Na sua autobiografia científica, esse autor afirmou que foi em 1936 que ele pôde compreender com mais clareza a diferença entre impulsos *naturais primários* e os impulsos *secundários* (REICH, 1979a, p. 93).

Os impulsos secundários, originados do processo de encouraçamento, tornam o organismo incapaz de realizar a convulsão orgástica natural, razão pela qual, somente, os impulsos primários poderiam descarregar adequadamente a energia do organismo:

> A antítese dos impulsos *primários* e *secundários* é fácil de determinar a partir da presença ou da ausência, respectivamente, da capacidade de convulsão orgástica natural. Os impulsos primários produzem "gratificação", i.e., uma redução objetiva no nível de energia. Os impulsos secundários não produzem nenhuma gratificação no cerne do organismo. A característica que opõe os impulsos secundários aos impulsos primários, ou seja, a impotência orgástica, torna-se o princípio de funcionamento comum de todos os impulsos secundários. (REICH, 1990a, p. 18, tradução nossa).

Os impulsos primários naturais brotam do núcleo bioenergético e, quando não são bloqueados pela couraça, expressam as emoções primárias, relacionadas à capacidade natural de amar. Reich (2003, p. 69 e 70) descreveu a dinâmica emocional envolvida no processo de transformação dos impulsos primários em impulsos secundários, que ocorre como decorrência do processo de encouraçamento, o qual obstrui a livre expressão dos impulsos primários que brotam do núcleo bioenergético ao construir uma espécie de "muro" em torno desse último:

> *O organismo encouraçado é essencialmente diferente do desencouraçado no sentido de que erige um muro rígido entre seu cerne biológico, de onde brotam todos os impulsos naturais, e o mundo em que ele vive e trabalha. Como resultado, todo impulso natural, particularmente no que diz respeito à função natural do amor e à capacidade de amar, é obstruído.* O cerne vital do organismo encouraçado continua tendo seus impulsos, porém eles não podem mais encontrar livre expressão. *Na tentativa desesperada de "se expressar", todo impulso natural é forçado a penetrar ou atravessar o muro do encouraçamento. O impulso deve usar de força para atingir a superfície e o objetivo.* (REICH, 2003, p. 69 e 70).

A essência desse processo, isto é, desse uso da força para superar o encouraçamento, reside na "*transformação de todos os impulsos amorosos em destrutividade no momento em que atravessam a couraça*". Os impulsos amorosos constituem-se nos impulsos biológicos básicos, também, considerados como primários ou naturais, e no processo de atravessar a couraça, "o ser total da pessoa encouraçada adquire uma característica que só pode ser descrita como dureza ou desarmonia" (REICH, 2003, p. 70). Esse processo pode ser assim ilustrado:

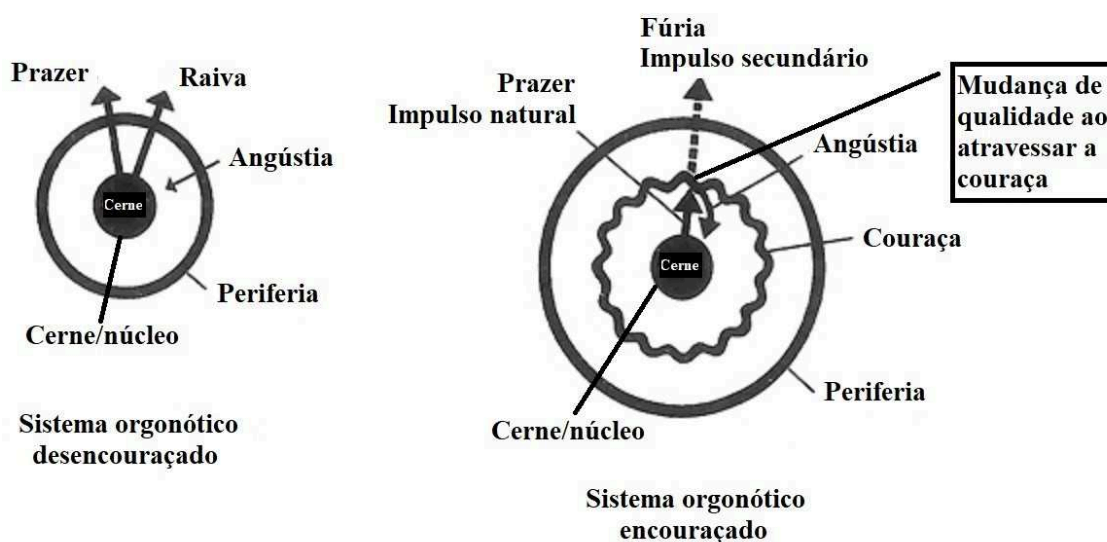



FIGURA 30
Adaptado de Reich (2003, p. 70 e 130).

A emoção raiva, associada ao impulso de destruição, aniquilamento e agressão, merece um esclarecimento que foi apresentado por Reich (1979a, p. 125) no seu livro *A Função do Orgasmo*. Os seres vivos, afirmou esse autor, "desenvolvem impulsos *destruidores* quando querem aniquilar uma fonte de perigo", de modo que o objetivo primário do impulso natural não é satisfazer um desejo primitivo de destruição, "mas defender o interesse do 'instinto de vida' (emprego intencionalmente a expressão mais corrente na época): *evitar a angústia e preservar o Ego na sua totalidade. Colocado numa situação de perigo, eu destruo porque não quero sentir angústia e quero viver*".

Portanto, não existe um "carácter biológico *primário* do instinto de destruição", em outros termos, não há um impulso primário da raiva ou da destruição, pois "um animal não mata outro pelo prazer de matar", mas "porque tem fome ou porque sente a vida ameaçada". Por outro lado, pode brotar do cerne biológico a raiva ou a "destruição como função do ser vivo, ao serviço do 'instinto de vida'" (REICH, 1979a, p. 125). O ser vivo necessita do impulso destrutivo, da raiva, para realizar a função primária de prazer, quando esta fica impedida de realizar-se diretamente.

Reich (1979a, p. 125 e 126) definiu a *agressão* como "*'acto ou efeito de aproximar'. Todas as manifestações positivas da vida são agressivas*", seu objetivo "*é sempre possibilitar a satisfação de uma necessidade vital"*, e concluiu que:

> [...] a agressão não é um instinto no sentido específico, mas o meio indispensável pelo qual cada impulso instintivo se manifesta. Todo o impulso instintivo é agressivo em si, porque a tensão exige satisfação. Daí que haja uma *agressividade destruidora, uma agressividade sadista, uma agressividade locomotora e uma agressividade sexual*. (REICH, 1979a, p. 126).

Se a satisfação do impulso sexual, o qual é agressivo naturalmente, é negada, impedida de realizar-se, "a pressão de a satisfazer, apesar da negação, continua a fazer-se sentir", então, "nasce o impulso de conseguir o prazer desejado *a todo o custo",* de modo que "a nota agressiva começa a dominar a nota especificamente amorosa", em outros termos, "a agressão, que primitivamente era apenas um meio, torna-se ela própria um fim, isto é, uma acção libertadora da tensão". A agressão "torna-se agradável *como manifestação vital*. Assim se origina o *sadismo*. O ódio desenvolve-se através da própria perda do objetivo do amor. Odeia-se tanto mais quanto mais impedimentos há para se amar ou ser amado" (REICH, 1979a, p. 126). Dessa maneira, surgem os impulsos secundários[152], ou perversos, específicos aos seres humanos:

---

[152] Uma das principais rupturas teóricas referente ao funcionamento biopsíquico, entre Reich e Freud, reside na diferenciação entre impulsos primários e secundários, de modo que, para o primeiro autor não existe um impulso primário masoquista, ou impulso primário orientado diretamente para a destruição como um fim em si mesmo, pois, "*o desejo de aniquilamento ou destruição existente no carácter não é mais do que a fúria resultante da*

> [...] o desejo de destruição ou aniquilamento realiza-se através da agressividade com objectivos sexuais. O assassínio com estupro corresponde-lhe exatamente. A condição prévia desse tipo de comportamento anormal é o bloqueio completo da capacidade de gozar, completa e naturalmente, o prazer genital. [...] a perversão denominada "sadismo" é uma mistura de impulsos primários de natureza sexual com impulsos secundários de natureza destrutiva. Esta perversão não aparece no reino animal e é uma característica adquirida tardiamente, isto é, um *instinto secundário*. (REICH, 1979a, p. 126).

Os impulsos secundários, específicos ao domínio do ser humano, originam-se da impotência orgástica e "*cada espécie de comportamento destrutivo que surge independentemente é a reacção do organismo à impossibilidade de satisfação de uma tendência biológica, sobretudo se se trata do instinto sexual"* (REICH, 1979a, p. 126). Quando os organismos são vistos em relação às manifestações emocionais, "inquestionavelmente, a distinção mais importante entre sistemas orgonóticos encouraçados e desencouraçados é o desenvolvimento do sadismo destrutivo no primeiro" (REICH, 2003, p. 130).

Na última edição, revista e alterada, do livro *Die Funktion des Orgasmus*[153] ("A Função do Orgasmo"[154]), escrita em 1944, Reich descreveu, com mais detalhes, as diferenças entre agressão, destruição, sadismo e masoquismo, os quais consideramos ser oportuno apresentar, pois permitem que se entenda com mais clareza a diferenciação entre os impulsos primários e secundários, ou perversos:

> *Agressão* é todo tipo de conquista *ativa*, seja ao obter um parceiro sexual, ao resolver um problema ou ao superar dificuldades da vida cotidiana. A agressão faz parte do comportamento saudável normal em todas as atividades realizadas quando em face ao mundo.
> *Destruição* é a erradicação de objetos ou impedimentos perigosos. É um comportamento biológico e pode ser racional como, também, irracional ou neurótico. É sempre irracional ou neurótica quando ditada por motivos e conteúdos inconscientes e reprimidos.
> *Sadismo* é sempre, fundamentalmente, destrutivo e cruel. Surge da excitação sexual represada e sua finalidade é a gratificação sexual. Nesse sentido, o sadismo é sempre patológico, um sinal evidente de uma economia sexual perturbada, onde quer que ocorra e em qualquer contexto.
> *Masoquismo*, de acordo com as investigações econômico-sexuais, não é o oposto do sadismo; isto é, não é a expressão de um esforço em busca de prazer através da dor (como afirma a psicanálise). Masoquismo, seja erótico ou moral, é um ato de agressão contra a outra pessoa, um ato que faz uso do sofrimento como seu meio. Fisiologicamente, corresponde ao impulso para a liberação,

---

frustração na vida e da falta de satisfação sexual", de modo que "*o masoquismo não corresponde a qualquer instinto biológico. É consequência de uma perturbação orgástica* e da tentativa sempre frustrada de corrigir essa perturbação. *Resultado e não causa da neurose, o masoquismo é a expressão de uma tensão sexual que não pode ser aliviada*" (REICH, 1979a, p. 119 e 201).

[153] *Die Funktion des Orgasmus* foi escrito em 1926 e publicado, originalmente, em 1927. A tradução para o inglês ocorrida em 1944 contou com algumas alterações e recebeu um outro título: *Genitality in the theory and therapy of neuroses* ("Genitalidade na teoria e na terapia das neuroses"). Trata-se de uma obra diferente de outra intitulada *The Discovery of the Orgone: The Function of the Orgasm* ("A Descoberta do Orgone: A Função do Orgasmo"), publicada, originalmente em inglês, no ano de 1942, a qual foi traduzida para o português sob o título de *A Função do Orgasmo.*

[154] A referida obra foi traduzida para o português sob o título de *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*.

> sem culpa, da tensão, ou para a satisfação, através da outra pessoa. Contudo, o masoquismo não é um instinto no sentido biológico. Não existe no mundo animal, assim como o sadismo. Ambos são sintomas da patologia social. (REICH, 1980, p. 176, tradução nossa).

Em síntese, pode-se afirmar que as emoções, na concepção orgonômica, são vistas como impulsos naturais primários ou secundários. Os impulsos naturais primários envolvem a busca pelo prazer natural e à disposição natural para o amor, os quais correspondem ao movimento de expansão da bioenergia do cerne biológico em direção ao mundo. A angústia ou medo compreende o movimento da bioenergia em direção contrária, retorno ao cerne, ou visto como retraimento da energia em direção ao Eu, o qual se manifesta no movimento de contração bioenergética. A raiva, enquanto impulso natural e expressão direta do cerne biológico, existe apenas na medida que está a serviço da função primária do prazer, ou seja, não existe um impulso de raiva com fim na destruição em si mesma. A raiva ou agressão funciona com o propósito de destruir aquilo que impede o organismo de satisfazer seu impulso natural de prazer. É somente nesse sentido que a raiva existe enquanto impulso natural primário, ou seja, como um meio para atingir o prazer sexual. Pode-se acrescentar, ainda, que a raiva e o prazer identificam-se no movimento de expansão primário, enquanto a angústia, ou o medo, expressa-se na contração bioenergética.

Os impulsos secundários, perversões dos impulsos naturais, seriam característica exclusiva dos seres humanos e decorreriam dos impedimentos que a sociedade autoritária patriarcal imporia ao animal humano ao impedi-lo de satisfazer suas necessidades biológicas mais fundamentais, os seus impulsos sexuais. Essa imposição seria marcada pela moral sexual repressiva e se faria presente desde a educação das crianças, pois estas estariam desde cedo impedidas de satisfazer suas necessidades sexuais básicas[155].

Com base no modelo do aparato vital e na diferenciação entre impulsos primários e secundários, Reich (2001, p. XV e XVI), no prefácio à 3ª edição em língua inglesa do seu livro *Psicologia de Massas do Fascismo*, escrito em 1942, descreveu "três níveis diferentes da estrutura biopsíquica", os quais seriam necessários levar em conta ao avaliar o comportamento humano.

A estrutura biopsíquica humana, em outros termos, o caráter humano, são "depósitos, com funcionamento próprio, do desenvolvimento social", assim organizados: a) o nível superficial de sua personalidade, em que o homem médio apresenta-se como "comedido,

---

[155] Os estudos antropológicos de Malinowski teriam fornecido evidências de que em sociedades matriarcais, orientadas por uma moral sexualmente afirmativa, não haveria o desenvolvimento de impulsos sexuais perversos, como o sadismo e o masoquismo.

atencioso, compassivo, responsável, consciencioso". Segundo Reich, "não haveria nenhuma tragédia social do animal humano se este nível superficial da personalidade estivesse em contato direto com o cerne natural profundo"; b) o segundo nível, abaixo do primeiro e acima do cerne biológico, consiste no "inconsciente" ou "reprimido" de Freud e corresponde exatamente ao que foi definido como os "impulsos secundários"; e c) "a terceira camada, a mais profunda, que designamos por *cerne biológico*". Na camada mais profunda, em condições sociais que favoreça o funcionamento do ser humano com base na expressão direta dos impulsos do cerne biológico, o homem revelar-se-ia como "um animal racional essencialmente honesto, trabalhador, cooperativo, que ama e, tendo motivos, odeia".

Reich (2001, p. XVI) afirmou que é impossível flexibilizar a estrutura de caráter do homem atual e penetrar no cerne biológico, "sem primeiro eliminar-se a superfície social espúria e não genuína. Mas, ao cair a máscara das boas-maneiras, o que primeiro surge não é a sociabilidade natural, mas sim o nível de caráter perverso-sádico". Segundo o autor,

> É esta infeliz estruturação que é responsável pelo fato de que qualquer impulso natural, social ou libidinoso, proveniente do cerne biológico, seja forçado a atravessar o nível das pulsões secundárias perversas, que o distorcem, sempre que pretenda passar à ação. Esta distorção transforma a natureza originalmente social dos impulsos naturais em perversidade e, deste modo, leva à inibição de todas as manifestações autênticas de vida. (REICH, 2001, p. XVI).

É importante ressaltar que a camada intermediária, os impulsos secundários, decorre de uma repressão dos impulsos primários, do prazer sexual, mas, posteriormente, os próprios impulsos perversos precisam, também, ser reprimidos, por não serem aceitos socialmente. Esse processo dinâmico de sucessivas repressões ocorre ao longo da vida das pessoas, mas é no período da infância e da adolescência, ou seja, nas etapas de desenvolvimento psicológico, que a repressão sexual atua moldando a estrutura de caráter das pessoas.

A repressão das emoções expressa-se psiquicamente, nos traços neuróticos de caráter, e, ao mesmo tempo, somaticamente, nos bloqueios corporais. Do ponto de vista biofísico, tanto os bloqueios corporais quanto os traços de caráter neuróticos formam uma unidade funcional, cujo princípio de funcionamento comum reside na perturbação do fluxo da energia orgone pelo organismo, ou seja, perturbações na função de pulsação, os quais são manifestações direta do processo de encouraçamento.

No próximo item, abordamos as perturbações da pulsação com base nos princípios energéticos até agora expostos.

5.8 AS PERTURBAÇÕES NA FUNÇÃO DE PULSAÇÃO

As emoções constituem-se, como visto anteriormente, em movimento protoplasmático que, em última instância, corresponde ao movimento do orgone no organismo. Em outros termos, as emoções correspondem diretamente ao movimento energético no organismo (REICH, 2003, 1998). Como decorrência do processo de encouraçamento, a repressão das emoções, manifesta-se, no nível de funcionamento mais profundo do organismo, como perturbações no movimento de pulsação energético, os quais podem ocorrer como "bloqueios" que imobilizam a energia ou como "hiperativações" que superexcitam o fluxo energético.

A fórmula do orgasmo (TCDR) permite compreender dois grandes grupos de bloqueios energéticos: regiões no organismo com déficit de energia, comumente denominadas de bloqueios hipo-orgonóticos, e regiões no organismo com estase energética, comumente denominada de bloqueios hiper-orgonóticos (TROTTA, 1999).

O primeiro grupo compreende os bloqueios gerados quando o processo de encouraçamento inibe a função de carga associada à expressão de uma determinada emoção, que surge, mas sem carga (ou com pouca carga energética) para sua expressão natural. Esse tipo de bloqueio apresenta-se em regiões flácidas do corpo com hipotonia muscular, baixa irrigação e fluxo sanguíneo, tendendo a ser pálidas, frias, ou seja, desvitalizadas (REICH, 2009, 1979a; TROTTA, 1999).

Já os bloqueios hiper-orgonóticos são gerados quando o processo de encouraçamento impede a descarga da energia, de modo que as emoções ficam contidas no organismo, pois não podem ser descarregadas. Esse tipo de bloqueio está associado a regiões do corpo com tensões e espasmos musculares e expressa-se, entre outras manifestações, em regiões corporais com hipertonia muscular, com congestão líquida ou acúmulo excessivo de determinado tipo de tecido, tendendo a ser quentes, hipersensíveis ou doloridas (REICH, 2009, 1979a; TROTTA, 1999).

Os bloqueios hiper-orgonóticos e hipo-orgonóticos compreendem, em nossa leitura, perturbações na função de pulso e estão, mais diretamente, relacionados à direção centro – periferia da energia e ao movimento de contração e expansão.

A função onda permite compreender o fluxo circular da energia orgone no organismo na direção céfalo-caudal, em que a energia sobe pelas costas, desce e descarrega-se pela frente em direção ao genitais (REICH, 2003). Assim, é possível compreender os segmentos da couraça, os sete anéis perpendiculares ao eixo vertical do organismo, como bloqueios que imobilizam partes isoladas do trajeto da função onda, conforme afirmou Reich (2003, p. 227):

> As correntes plasmáticas (mecânicas) e orgonóticas (bioenergéticas) no homem – circulação do sangue e ondas de excitação – possuem o mesmo caráter rítmico, ondulatório e segmentar observado na minhoca. *A disposição segmentar da couraça expressa a imobilização de partes isoladas da trajetória da onda,* ou em outras palavras, uma onda se congela em um segmento do orgonoma formado. (REICH, 2003, p. 227).

É importante esclarecer que, nos segmentos, também, ocorrem os bloqueios referentes à função de pulso, ou seja, de carga e descarga da energia orgone. Os segmentos apresentam-se como hipotônicos ou hipertônicos. Contudo, ao observar o movimento da energia em todo o organismo, no sentido vertical-circular, pode-se verificar que a disposição horizontal dos segmentos, perpendicularmente ao eixo vertical, funciona como uma espécie de "barreiras de contenção", perturbando, dessa forma, o fluxo da função onda da energia, que ocorre no sentido vertical (céfalo-caudal).

A relação entre a função pulso com a matéria e a função onda com o desprendimento da matéria permite, ainda, realizar uma série de teorizações sobre determinados fenômenos no campo dos processos de saúde-adoecimento[156]. Com base no que apresentamos anteriormente, quando abordamos o conceito de pulsação orgonótica, podemos afirmar que, de um modo geral, a função de pulso está relacionada a um movimento da energia orgone "em direção à matéria", de "prender-se à matéria" e de "forçar" a matéria viva a pulsar de acordo com a fórmula do orgasmo (TCDR) (REICH, 1996b). Assim, determinadas funções vitais, mais diretamente relacionadas às exigências de carga e descarga da matéria viva, estariam relacionadas à função de pulso.

Já a função de onda estaria relacionada a um movimento da energia orgone de se "desprender" da matéria, "desgarrar-se da matéria", de "forçar" o organismo em direção ao domínio de funções cósmicas desprovidas de matéria, por exemplo, a função de superposição cósmica (REICH, 1996b). Além da função de superposição cósmica expressa no ato sexual, na convulsão orgástica, uma série de outros fenômenos não sexuais poderia, em nossa leitura, ser expressão do anseio de fusão cósmica existente no homem, tais como, algumas expressões artísticas, alguns fenômenos religiosos[157] e o próprio contato íntimo do homem com a natureza,

---

[156] Esse parágrafo e os seis subsequentes foram baseados, sobretudo, em conversas que tivemos com o nosso co-orientador, o professor Dr. Ailton Bedani, e constituem-se em uma tentativa de teorização sobre os processos físicos e energéticos que ocorrem no organismo a partir das últimas conclusões de Reich no campo da orgonomia física, em especial, na relação entre as funções de onda e de pulso com a matéria.

[157] Vale notar que em uma série de expressões artísticas os movimentos realizados manifestam-se em ondas e espirais, os movimentos corporais dos artistas apresentam "ritmos ondulatórios", e em pinturas abstratas, "tribais", das mais diversas culturas, encontram-se figuras que lembram a forma do orgonoma ou que derivam de uma espiral. Além disso, é comum em certos fenômenos religiosos, a ocorrência do transe corporal, o qual, também, expressa-se em uma manifestação corporal ondulatória, rítmica. Contudo, o contato do organismo com suas

fenômenos estes que, numa leitura orgonômica, colocariam o organismo em contato com suas funções cósmicas mais profundas.

A função pulso, além disso, seria caracterizada por uma espécie de "desaceleramento" da energia, num sentido à inércia - sem, contudo, atingir a inércia -, e a função onda, por outro lado, seria caracterizada por um movimento mais rápido da energia, uma vez que ela, não estando associada à função massa, apresentaria um movimento mais livre.

Um funcionamento saudável, portanto, em nossa leitura, corresponde a um equilíbrio entre esses dois grandes domínios de funções, ou seja, se fossemos conceber esse funcionamento como um pêndulo, haveria de ocorrer um equilíbrio entre as duas funções da pulsação, onda e pulso, uma alternância pendular entre elas, sem haver preponderância de nenhuma delas. O organismo saudável manifestaria a pulsação orgonótica sem pender, preponderantemente, em direção às suas funções mais diretamente relacionadas ao corpo físico (função de pulso), tão pouco, apresentar-se-ia "descolado" de sua realidade física e, portanto, não penderia, preponderantemente, em direção às sensações cósmicas para além do corpo físico (função de onda). O funcionamento saudável seria expresso, portanto, pelo equilíbrio, determinado pela alternância entre as duas funções, pulso e onda, permitindo que as duas dimensões da vida, a material e a cósmica (livre de matéria), não se sobressaiam uma sobre a outra. É importante ressaltar que essa metáfora do pêndulo deve ser tomada com ressalvas, uma vez que as funções de onda e de pulso ocorrem simultaneamente, uma associada à outra.

Com base nessas considerações, pode-se afirmar que, quando o processo de encouraçamento incidir sobre a função pulso, perturbando-a, poderia ocorrer acúmulo excessivo de energia orgone organísmica, que atuaria no sentido a forçar a matéria do organismo a descarregar essa energia, por meio de funções físicas corporais, uma vez que a matéria corporal estaria forçada a responder ao alto nível de concentração de energia organísmica. Esse acúmulo excessivo de energia não descarregada – que exerce pressão a fim de ser descarregada -, com o tempo, poderia ser transformada em energia *DOR* (sigla para *Deadly ORgone* ou "Orgone Mortal", adiante abordado) e originaria processos de adoecimento, como aqueles que envolvem a alteração patológica da constituição da matéria orgânica, tais como inflamações e alguns tipos de câncer.

Por outro lado, quando o processo de encouraçamento incidir sobre a função onda, perturbando-a, poderia acontecer um processo de dissociação da energia orgone de suas funções corporais-físicas, em que ela passaria a agir em desarmonia com as funções corporais-físicas.

---

funções cósmicas, poderia ocorrer, mesmo sem a expressão dos referidos fenômenos, por exemplo, numa prática como a meditação.

A energia orgone, nesses casos, ao invés de se manifestar no estado DOR (mais estagnada, acumulada e presa à matéria), manifestar-se-ia como superexcitação, num estado de “hiper-ativação” da pulsação orgonótica, uma vez que a função onda teria um movimento mais acelerado que a função pulso, por não estar diretamente associada à função massa.

É necessário, também, considerar que a tendência fusional da onda, ou seja, seu movimento em direção à superposição cósmica, pode promover um aumento da excitação que, então, tentará ser metabolizado pela função pulso, por meio da coligação à massa, ou seja, na expressão de uma emoção plasmática. O inverso, também, pode ocorrer, ou seja, uma emoção plasmática pode ativar a função onda, no sentido da fusão cósmica. O processo de encouraçamento, portanto, ao incidir sobre uma das funções, pode afetar a outra função.

O experimento ORANUR[158] (*Orgone Energy Against Nuclear Energy*, cuja tradução poderia ser “Energia Orgone Contra a Energia Nuclear”), realizado, por Reich (1951b), durante os anos de 1950 e 1951, e posteriores investigações realizadas por ele (REICH, 1955, 1954, 1952) indicaram que a energia orgone poderia apresentar três estados de existência em relação ao grau de mobilidade, ou “metabolismo”, energético.

Reich (1955, 1951b) denominou de energia orgone o estado natural de livre fluxo dessa energia, correspondente à pulsação orgonótica encontrada nos organismos saudáveis, ou seja, em que a energia não se encontra nem imobilizada e nem acelerada e em que o metabolismo energético, regulado pelos processos de carga e descarga, apresentar-se-ia em equilíbrio funcional.

Esse pesquisador denominou de reação ou efeito ORANUR o estado constante de super-excitação e aceleração da pulsação orgonótica. Essa perturbação na pulsação poderia decorrer do processo de encouraçamento, mas, também, da reação da energia orgone quando posta em interação com a energia nuclear radioativa, ou com campos eletromagnéticos ou com raios-x. A pulsação energética acelerada, super-excitada, perturbaria o metabolismo energético, forçando o organismo a carregar-se ou a descarregar-se excessivamente, gerando disfunções energéticas no nível mais profundo de funcionamento, que, dependendo da intensidade, duração

---

[158] Durante o início da década de 1950, preocupado com os efeitos maléficos da energia nuclear – especialmente, após a explosão das bombas atômicas durante a Segunda Guerra Mundial, e sabendo dos riscos de ocorrer novos ataques nucleares -, de posse de conhecimento sobre as propriedades e o funcionamento da energia orgone, Reich (1951b) decidiu investigar experimentalmente os efeitos dessa energia ao ser posta em interação com a energia radioativa nuclear. Por considerar que a energia orgone seria livre de massa no seu estado primordial, ou seja, pré-atômica, ela atuaria no processo de criação da matéria e, também, na organização da matéria sem vida no processo de biogênese (criação da vida) e, sobretudo, por evidenciar as suas características terapêutico-curativas, esse autor conjecturou que o orgone poderia ser utilizado para neutralizar os efeitos maléficos da radiação nuclear - e, até mesmo, ser empregado com o fim de curar os efeitos da energia nuclear -, que pareciam ser antagônicos aos efeitos do orgone.

e associação com outros fatores, poderia agir como um PFC e causar alterações patológicas em outros domínios de funcionamento do organismo, por exemplo, no sistema nervoso autônomo (REICH, 1955, 1954, 1951b).

O outro estado de perturbação da pulsação orgonótica foi denominado, por Reich, de efeito ou reação *DOR* (*Deadly Orgone*, cuja tradução poderia ser "Orgone Mortal" ou "Orgone Letal"), caracterizado por uma estagnação energética, acompanhado de uma redução ou paralisação da pulsação orgonótica, a qual acarretaria num acúmulo excessivo de energia não descarregada[159], que ficaria "presa", desequilibrando, dessa forma, o metabolismo orgonótico[160]. Essa perturbação poderia decorrer do processo de encouraçamento, mas, também, de uma prolongada reação ao efeito ORANUR, em que o estado de super-excitação seria transformado num estado de baixa-excitação, sem vida (REICH, 1955, 1954, 1951b).

Os efeitos ORANUR e DOR, descritos e investigados por Reich em seus experimentos, revelaram que o funcionamento energético do organismo responde diretamente ao funcionamento do orgone atmosférico ao seu redor, de modo que as perturbações que o orgone atmosférico apresenta em sua pulsação, também, manifestam-se no organismo que esteja em interação com ele (REICH, 1951b). Ainda que relevantes para uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento da energia orgone e sua relação com os processos de saúde e adoecimento, a descrição dos detalhes e pormenores desses experimentos está fora do escopo da presente pesquisa.

Reich concluiu que, independentemente de fatores externos que possam, também, perturbar a pulsação orgonótica, haveria um fator primordial no funcionamento do organismo, o principal processo de regulação do metabolismo energético, cuja ação, por ocorrer no domínio de funcionamento mais profundo do organismo, a pulsação orgonótica, acabaria por impactar em todas as funções vitais do organismo. Trata-se da convulsão orgástica ou, em outros termos, do orgasmo saudável, realizado conforme a potência orgástica.

Fizemos, no decorrer desse trabalho, diversas referências ao conceito de potência orgástica de modo que ele já foi brevemente apresentado. Faz-se necessário, agora, apresentar

---

[159] É importante esclarecer que, desde o período psicanalítico, quando Reich desenvolveu a sua teoria sobre a potência orgástica e sobre a função do orgasmo, ou seja, muito antes da realização do experimento ORANUR, ele já havia assumido que o processo de estagnação e acúmulo de energia não descarregada seria maléfico para o organismo e, ao mesmo tempo, fonte de adoecimentos. Contudo, foi no período orgonômico, que ele, já com conhecimento no campo da biofísica orgonômica, pôde aprofundar e conhecer com mais detalhes esse processo de paralisação energética e seus efeitos nos processos de saúde-adoecimento, mais especificamente, o seu efeito nas células e nos tecidos vivos.

[160] Ao descrever o efeito DOR, Reich comparou a água em livre fluxo de um rio em movimento com a água estagnada, paralisada, em um pântano. No rio, o metabolismo energético não estaria paralisado e os processos vitais seriam mais ricos, em decorrência do movimento da água. Por outro lado, no pântano, haveria menos vitalidade por conta da falta de movimento na água paralisada.

outras considerações reichianas sobre esse conceito, a fim de aprofundar-nos neste que foi considerado pelo autor como o seu mais importante conceito, visto que ele sempre ocupou um lugar central nas formulações teóricas na obra reichiana, especialmente, em referência à doutrina e à dinâmica vital que formam o corpo teórico da orgonoterapia.

5.9 A POTÊNCIA ORGÁSTICA E A AUTORREGULAÇÃO ENERGÉTICA

A biopatologia orgonômica, ou seja, o campo de doenças surgidas em decorrência da perturbação da pulsação orgonômica, tem, conforme Reich (1990a, p. 20), como princípio de funcionamento comum, a impotência orgástica, isto é, a incapacidade de convulsão orgástica. Em outros termos, a impotência orgástica é o denominador comum entre todas aquelas pessoas que sofrem de algum distúrbio sério na função de pulsação, a qual está na origem de toda biopatologia.

A descoberta da impotência orgástica como um PFC levantou, segundo Reich (1990a, p. 20, tradução nossa), "imediatamente a seguinte questão: a que função básica se pode reduzir as diversas formas da impotência orgástica?". A resposta a que o autor chegou foi: ao "*enrijecimento ou encouraçamento do organismo, i.e., uma contração crônica de grandes áreas musculares*", o que implicou em reconhecer que "o encouraçamento muscular é o princípio de funcionamento ao qual todos os fenômenos da impotência orgástica podem ser remontados".

Se "a própria impotência orgástica é um princípio de funcionamento comum de uma ordem mais elevada do que o encouraçamento muscular, que ele próprio se cinde", Reich (1990a, p. 20, tradução nossa), ao aplicar os princípios do funcionalismo, formulou a seguinte pergunta: "onde está a antítese funcional da impotência orgástica e suas muitas divisões?". A resposta, baseada nas investigações clínicas dos neuróticos, a que o autor chegou foi:

> A antítese funcional é o *bloqueio respiratório*. Uma parte essencial da impotência orgástica é a angústia de prazer orgástico. Essa angústia faz com que a pessoa prenda a respiração no momento em que a excitação orgástica aumenta. Isso evita a descarga orgástica. O bloqueio respiratório condiciona a impotência orgástica e a impotência orgástica condiciona o bloqueio respiratório. Ambos estão enraizados na couraça muscular. (REICH, 1990a, p. 20, tradução nossa).

É possível, conforme Reich (1990a, p. 20, tradução nossa), equacionar assim essas três funções, ou seja, o encouraçamento e o seu par de variações, o bloqueio respiratório e a impotência orgástica:

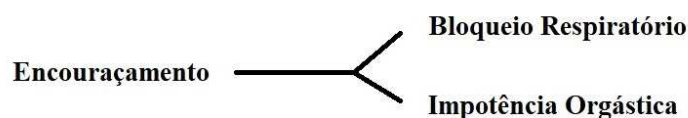



FIGURA 31
Adaptado de Reich (1990a, p. 20).

O encouraçamento muscular, segundo Reich (1990a, p. 20, tradução nossa), divide-se, inicialmente, "no bloqueio respiratório e na incapacidade da convulsão orgástica", conforme descrevemos anteriormente e, depois, em uma série de outras divisões: "em um desejo ardente pelo prazer e na incapacidade para sentir prazer (angústia de prazer) ou na necessidade de amar e na incapacidade para amar"; ou "em sadismo e no remorso, como ocorre no caso de uma doença obsessiva"; ou "em perversão e em moralismo"; ou "em trabalho compulsivo e na incapacidade para o trabalho"; ou "em nítidas separações entre o bem e o mal etc.".

O bloqueio respiratório, por sua vez, funciona como um PFC "mais elevado para uma classe de funções patológicas, tais como peito imóvel, pressão sanguínea elevada, dilatação do coração, excesso de dióxido de carbono no sague etc." (REICH, 1990a, p. 20 e 21, tradução nossa). Assim, o bloqueio respiratório e a impotência orgástica formam um par de funções complementares, pois uma não existe sem a outra[161].

No texto *Sobre o Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico* [162], escrito entre 1946 e 1947, ao referir-se a sua teoria do orgasmo, Reich (1950c, p. 99, tradução nossa) afirmou que "o problema da função do orgasmo, com suas implicações psicanalíticas, nunca deixou de ocupar o centro do pensamento e do trabalho orgonômico". A importância do fenômeno do orgasmo para a doutrina da orgonoterapia pode ser expressa nos seguintes termos:

> O problema da formação do caráter humano não pode estar separado do problema do orgasmo; somos forçados a aceitar o encouraçamento do caráter como o acontecimento patogênico mais importante no desenvolvimento biofísico do animal humano, o qual está dirigido *contra* as funções involuntárias da vida. (REICH, 1950c, p. 99, tradução nossa).

---

[161] No capítulo "A Célula Cancerosa" do livro *A Biopatia do Câncer,* Reich aplica os princípios da fórmula do orgasmo e do potencial orgonômico aos processos intra-celulares, na sua investigação sobre a gênese do câncer.

[162] Existem duas traduções para a língua inglesa, do referido texto, originalmente escrito em alemão. A primeira tradução, realizada por Myron R. Sharaf, foi publicada numa série de artigos no *Orgone Energy Bulletin*, durante os anos de 1950 a 1952, e foi intitulada *Orgonomic Functionalism Part II: On The Historical Development of Orgnomic Functionalism* ("Funcionalismo Orgonômico Parte II: Sobre O Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico"). A segunda tradução, realizada por Derek e Inge Jordan, foi publicada numa série de artigos na revista *Orgonomic Functionalism*, durante os anos 1990 a 1992, e recebeu o título, ligeiramente, diferente de *The Developmental History of Orgonomic Functionalism* ("A História do Desenvolvimento do Funcionalismo Orgonômico"). Utilizamos as duas traduções no decorrer dessa dissertação.

As funções involuntárias a que Reich se refere são os fenômenos decorrentes da pulsação orgonômica – como as expressões emocionais e a convulsão orgástica -, as quais o encouraçamento[163] perturba e bloqueia. Por se tratar de um conceito central, cuja importância para a compreensão da doutrina da orgonoterapia foi evidenciada pelo próprio autor, consideramos necessário descrever, com mais detalhes, alguns dos aspectos da teoria do orgasmo e da potência orgástica, a fim de compreender como diferenciar as manifestações da potência e da impotência orgástica, as quais, em última instância, permitem diferenciar, o caráter genital – ou próximo da genitalidade – do caráter neurótico.

A teoria do orgasmo e a sua noção associada de potência orgástica nasceram no período psicanalítico da obra de Reich (1979a, p. 82), a partir da constatação clínica desse médico, ao perceber que "*a gravidade de cada espécie de doença psíquica está em relação directa com a gravidade da perturbação genital; a perspectiva de cura dependem diretamente da possibilidade de produzir capacidade de satisfação genital completa".*

Reich (1979a, p. 83 e 84) procurou investigar a "*fonte de energia da neurose*" pelo "seu âmago somático", pois, para ele, "esse âmago não podia ser senão energia sexual contida". A "*perturbação genital*" se constituiria na "*fonte de energia dos sintomas neuróticos*", pois, nas suas palavras, "quanto mais exactamente os meus doentes me descreviam o seu comportamento e experiência no acto sexual, tanto mais firme se me esboçava a convicção de que *todos, sem exceção,* se encontravam *severamente* atingidos na sua sexualidade".

Devido à repressão sexual, segundo Reich (1979a, p. 93), os pacientes neuróticos apresentam uma sexualidade, preponderantemente, *pré-genital,* a qual "é fundamentalmente diferente da *genital,* na sua dinâmica". Em conformidade ao que apresentamos sobre os impulsos primários e secundários, esse autor afirmou mais detalhadamente que:

> se as atividades sexuais não genitais são contidas, a função genital é perturbada. Esta perturbação provoca fantasias e acções pré-genitais. As fantasias e acções pré-genitais, que se encontram nas neuroses e perversões, são não só a causa primária da perturbação genital, mas também sua consequência. (REICH, 1979a, p. 93).

Ao analisar as fantasias que apareciam durante o ato sexual de seus pacientes, na maioria dos casos, Reich (1979a, p. 84) notou que surgiam "atitudes sadistas ou vaidosas entre os homens; angústia, inibição ou imaginação de virilidade entre as mulheres". Para o homem que, pretensamente, considerava-se potente, o ato sexual significava "perfurar, dominar ou conquistar a mulher", pois o que eles buscavam, no fundo, era "provar justamente a potência

---

[163] No próximo item abordamos a noção de encouraçamento.

ou ser admirados pela resistência erectiva". Contudo, por trás da pretensa potência, "revelavam-se agudas perturbações na erecção e da ejaculação. *Em nenhum destes casos havia sequer um vestígio de comportamento involuntário ou de perda da atenção durante o acto*".

Foi a investigação profunda e minuciosa do ato sexual realizado nos pacientes e em pessoas saudáveis que permitiu que Reich (1979a, p. 85) diferenciasse a potência ejaculativa (capacidade de ejacular) e a potência eretiva (capacidade de ter ereção) da potência orgástica[164], que foi definida pelo autor como "*a capacidade de entrega à corrente de energia biológica, sem inibições; é a capacidade de descarga da excitação sexual contida, por meio de convulsões corporais involuntárias, mas agradáveis".*

No livro *Die Funktion des Orgasmus*[165], publicado em 1927, Reich descreveu os detalhes e as características presentes nas fases do ato sexual realizado no indivíduo orgasticamente potente, os quais são os mesmos para o homem e para a mulher, e, também, as perturbações da função do orgasmo no indivíduo orgasticamente impotente. No texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism,* esse autor continuou a descrever as manifestações do orgasmo como aparecem no indivíduo orgasticamente potente e no impotente, atualizando a sua investigação com base na perspectiva orgonômica, levando em conta, entre outras questões, a função de superposição cósmica e as demais propriedades e funções da energia orgone.

Ainda que a teoria do orgasmo tenha sido, inicialmente, desenvolvida com referenciais psicanalíticos e aplicada ao campo psicopatológico, foi com base nela que Reich desenvolveu a sua doutrina, de modo que a noção de potência orgástica – e a correlata noção de impotência orgástica -, nunca deixou de ser um critério fundamental para o discernimento entre o estado de doença e o de sanidade[166], assim como, um dos aspectos mais relevantes da dinâmica vital humana como vista pela orgonoterapia.

---

[164] Segundo Reich (1979a, p. 85), até 1923, ano do nascimento da teoria do orgasmo, só se conhecia na sexologia e na psicanálise a potência ejaculativa e eretiva. Quando ele apresentou à sociedade psicanalítica a sua teoria sobre a potência orgástica, esta foi mal recebida e incompreendida.

[165] Esse livro foi traduzido para o português sob o título de *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual*.

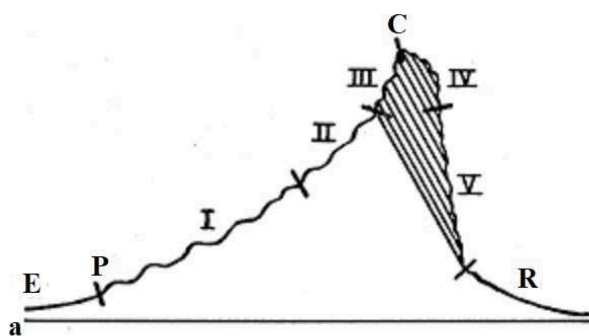
[166] Consideramos relevante apresentar uma passagem do livro *A Função do Orgasmo*, de 1942, em que Reich (1979a, p. 84 e 85) expressa a importância da noção de potência orgástica para a compreensão de sua doutrina médica, na época, denominada, por ele, de economia-sexual: "O estudo deste problema constitui o núcleo do domínio clínico que designei por 'economia sexual'. Desempenha na economia sexual um papel semelhante ao complexo de Édipo na psicanálise. Quem o não compreender com precisão deve renunciar a ser considerado economista da sexologia. Nunca perceberá verdadeiramente as consequências que se devem tirar desta teoria. Não compreenderá nem a diferença entre 'são' e 'doente', nem a angústia de prazer no homem, nem a natureza patológica do conflito pais-filhos, nem a miséria do casamento. Talvez apresente projectos de reformas sexuais mas nunca tocará verdadeiramente no âmago da angústia e da miséria sexual. [...] Porque lhe faltam os fundamentos mais importantes, agarrar-se-á necessariamente às antíteses entre natureza e cultura, instinto e moral, sexualidade e trabalho intelectual. Não poderá resolver verdadeiramente uma única questão de pedagogia. Nunca

Reich (1950c, p. 100, tradução nossa) frisou que muitos dos pesquisadores que estudaram a sua teoria "negligenciaram a descoberta mais essencial da pesquisa do orgasmo", a qual estabelece que "a função do orgasmo não é nem um acontecimento isolado do vago nem um outro distinto do simpático, nem é tampouco um acontecimento localizado nos órgãos genitais", trata-se de um fenômeno que envolve a totalidade do organismo:

> O orgasmo se manifesta como uma CONVULSÃO repetida de TODO o organismo. Isto é verdadeiro para o reino animal. Deste modo, o orgasmo não é um acontecimento localizado nos genitais. O aparelho genital desempenha somente o papel desencadeador para a convulsão corpórea total e, durante o orgasmo, funciona como o principal órgão para a descarga de energia e emissão do sêmen no homem. Assim, a função do orgasmo representa um problema do funcionamento TOTAL do organismo em termos *bioenergéticos*. (REICH, 1950c, p. 100, tradução nossa).

Consideramos necessário apresentar algumas das descrições do que Reich denominou de "fases do orgasmo", quando realizado no indivíduo saudável, que dizem respeito à convulsão orgástica como expressão da pulsação orgonótica não-perturbada, isto é, livre de bloqueios e de impulsos secundários, as quais, em nossa leitura, são fundamentais para esclarecer a diferenciação entre a potência e a impotência orgástica. Não cobriremos nesse item todas as descrições e detalhes sobre o orgasmo apresentados por Reich nos seus textos, ainda que fundamentais para quem pretende se aprofundar no estudo da doutrina reichiana; limitar-nos-emos, apenas, aos aspectos que, em nossa leitura, são os mais essenciais.

Reich (1979a, p. 86) representou as fases típicas do ato sexual, com potência orgástica, que ocorrem de forma igual em ambos os sexos, na seguinte curva:

compreenderá a identidade do processo sexual e do processo vital, e por isso tão-pouco compreenderá a teoria sexoeconómica do cancro. Irá considerar 'são' o que é 'doente' e doente o que é saudável".

a = Estado sem excitação

E = Excitações preliminares (pré-prazer)

P = Início da penetração

I = Fase do controle voluntário do aumento da excitação

II = Fase das contrações musculares involuntárias e do aumento automático da excitacão

III = Subida repentina e abrupta até o clímax (C)

IV = Orgasmo

V = Queda abrupta da excitação

A parte *tracejada* representa a fase de *convulsões corpóreas involuntárias*

R = Relaxamento agradável

FIGURA 32
Adaptado de Reich (1979a, p. 86).

No período orgonômico, ao abordar o fenômeno em questão, Reich (1950c, p. 100, tradução nossa) afirmou que, nas fases preliminares à penetração, “a *totalidade organísmica* do acontecimento plasmático do orgasmo também se manifesta nas funções preparatórias que conduzem à convulsão total”, em que se encontram as seguintes “funções preliminares indispensáveis”:

> a) Excitação e expansão do *campo orgonótico* do organismo;
> b) Atração em direção a um segundo sistema de energia orgone que já está excitado ou facilmente se excita. “Excitação” aqui significa uma abrupta elevação do nível de energia do organismo em termos estritamente orgone-*físicos*; (REICH, 1950c, p. 101, tradução nossa).

As funções descritas nos itens a e b correspondem à fase “E”, excitações preliminares, da curva do orgasmo, anteriores à penetração. Seguindo a fase “E” iniciam-se as fases “P”, “I-V” e “R”, em que ocorre:

> c) Aproximação e fusão de *dois* sistemas de energia orgone em *um* sistema altamente carregado, que se manifesta na “superposição” dos organismos;
> d) Elevação adicional no nível de energia no que é agora *um* sistema orgonótico por meio da excitação recíproca das duas partes constituintes, o homem e a mulher [...]; e
> e) Subida repentina abrupta de carga na unidade de dois sistemas orgonóticos (“CLÍMAX”), seguida pelas repetidas convulsões totais e descarga de energia com subsequente queda abrupta do nível de energia (“GRATIFICAÇÃO”). (REICH, 1950, p. 101, tradução nossa).

Vejamos com mais detalhes as fases posteriores à fase das excitações preliminares:

Na fase I, no início da penetração, “o impulso do homem para penetrar profundamente aumenta, mas sem tomar a forma sadista”, a “excitação concentra-se por meio da fricção, *mútua*, *vagarosa, espontânea e não forçada, na superfície do pénis* e na *glande* bem como na

parte posterior da mucosa da vagina". O corpo, segundo Reich (1979a, p. 87), "está ainda menos excitado do que o órgão genital". O Ego está ativo nesse momento, interessado em "esgotar todas as possibilidades de prazer e conseguir uma forte tensão antes de o orgasmo começar", mas isso "não acontece no meio de raciocínios conscientes, mas espontaneamente, com base nas experiências de anteprazer [preliminares] individualmente diferentes [...]". As sensações de prazer, em homens e mulheres orgasticamente potentes, "são tanto mais fortes quanto mais vagarosas e mais suaves são as fricções, e quanto melhor sincronizadas estão uma com a outra", o que "pressupõe um alto grau de capacidade de se identificar com o parceiro" (REICH, 1979a, p. 87).

Por outro lado, o indivíduo orgasticamente impotente é caracterizado pelo "impulso de uma fricção violenta com anestesia do pénis (manifestado em caracteres sadistas neuróticos compulsivos, que se queixam de incapacidade de ejaculação), e a pressa nervosa dos que sofrem de ejaculação prematura". Rir e falar durante o ato sexual – exceto "no que se refere a trocarem expressões carinhosas" – são sinais de "graves perturbações do poder de entrega" (REICH, 1979a, p. 87).

A fase I estaria, entre outros aspectos, caracterizada pelo fato de que nela "a interrupção da fricção é, em si, agradável por causa das sensações de prazer especiais, que aparecem no repouso, e que se realizam sem esforço psíquico", de modo que "a interrupção do acto sexual pela retirada do pénis não é desagradável desde que aconteça depois de uma pausa de repouso". Além disso, "o prolongamento voluntário da primeira fase do acto sexual [...] até um certo ponto é inofensivo e actua como intensificador do prazer" (REICH, 1979a, p. 87 e 88). Importante mencionar que a fase I corresponde ao primeiro tempo, "tensão mecânica", da fórmula do orgasmo[167].

Com a fricção contínua, a excitação aumenta e "apodera-se gradualmente de *todo o corpo*, enquanto o próprio pénis se mantém mais ou menos regularmente excitado", de forma que, "como resultado de um novo aumento, geralmente rápido, da excitação genital, estabelece-se", assim, a fase II, caracterizada pelas "contrações musculares involuntárias" em que "*já não é possível o controlo voluntário do curso da excitação*" (REICH, 1979a, p. 87 e 88). A excitação sexual nessa fase apresenta as seguintes particularidades:

> a) O aumento da excitação já não pode ser regulado; pelo contrário, ela domina toda a personalidade, provocando a aceleração do pulso e a *expiração profunda*;

[167] Foi, sobretudo, a investigação minuciosa da fenomenologia do orgasmo o caminho que levou Reich a desenvolver a sua fórmula do orgasmo.

> b) A excitação física concentra-se cada vez mais no órgão genital; estabelece-se uma sensação adocicada, que se pode descrever como uma espécie de "*fluir da excitação" proveniente dos órgãos sexuais*;
> c) Esta excitação condiciona de início contracções involuntárias de toda a musculatura dos órgãos genitais e da pelve. Essas contracções ocorrem de forma ondulatória: os picos das ondas correspondem à penetração total do pénis, os vales das ondas à sua retirada. Mas logo que a retirada ultrapasse um dado limite, estabelecem-se imediatamente contracções espasmódicas, que aceleram a ejaculação. Na mulher, a musculatura lisa da vagina contrai-se;
> d) Nesta fase a interrupção do acto é absolutamente desagradável: as contracções musculares, que levam ao orgasmo bem como à ejaculação no homem, com a interrupção, tornam-se espasmódicas em vez de rítmicas; isto causa um desprazer violento e ocasionalmente também sensações de dor na pelve e na espinha; além disso, em consequência do espasmo, a ejaculação dá-se mais cedo do que com o ritmo não perturbado. (REICH, 1979a, p. 88).

Diferentemente da fase anterior, "a interrupção ou modificação voluntária do curso da excitação na segunda fase é prejudicial, porque nela a evolução se opera já reflexamente". A "intensificação ulterior das contracções musculares involuntárias", por meio do "aumento de sua frequência", leva à fase III, ou seja, à subida abrupta e depressa da excitação até o *Clímax* (de III até C na curva), que, normalmente, "coincide com as primeiras contracções musculares ejaculatórias no homem" (REICH, 1979a, p. 88). As fases II e III correspondem ao segundo tempo, "carga bioenergética", da fórmula do orgasmo.

A fase IV, o orgasmo, é caracterizada por:

> Uma perturbação do consciente mais ou menos forte; as fricções *aumentam espontaneamente*, depois de se terem acalmado um pouco no momento do "auge do clímax", e o impulso de penetrar "completamente" torna-se mais intenso com cada contracção muscular ejaculatória. Na mulher, as contracções musculares fazem-se da mesma maneira que no homem; apenas se estabelece a diferença, de que a mulher saudável, durante e logo depois do clímax, quer receber "completamente". (REICH, 1979a, p. 87 e 88).

A potência orgástica, segundo Reich (1979a, p. 90), seria caracterizada, sobretudo, pelas fases finais, "da excitação e da resolução da tensão", que ocorrem da fase IV em diante. Na fase V, "a excitação orgástica reparte-se por todo o corpo e condiciona vivas *convulsões de toda a musculatura*". O alívio da tensão, sentida como descarga motora (curva descendente do orgasmo), "é principalmente uma consequência *da reversão da excitação para o corpo.* Esta reversão é sentida como uma *súbita* redução da tensão". Em relação ao processo de reversão da excitação dos genitais para o corpo, esse pesquisador afirmou que:

> O clímax representa o momento crítico de transição da intensidade máxima de excitação dos órgãos genitais para o começo da perda de intensidade dessa mesma excitação. *O retrocesso completo da excitação constitui, por si mesmo, o que se chama satisfação e significa duas coisas distintas: distribuição da excitação pelo corpo e descarga do aparelho genital*. (REICH, 1979a, p. 89).

Na fase final do ato sexual “R”, do relaxamento agradável, “a excitação extingue-se em curvas suaves e é substituída imediatamente por uma *descontracção* [relaxamento] *física e psíquica agradável*”. É comum surgir um desejo de dormir e, ainda que as relações sensuais se extinguam, “mantém-se uma relação carinhosa, ‘saciada’, para com o parceiro, a que se associa o sentimento de gratidão”. No indivíduo orgasticamente impotente, em contraste a isto, há os sentimentos de “*fadiga de chumbo*, nojo, aversão, tédio ou indiferença e ocasionalmente ódio”, a excitação sexual não desaparece e como resultado, é comum a insônia.

No texto *Contato Psíquico e Corrente Vegetativa*, publicado em 1935, Reich (1998, p. 274) afirmou que a sua teoria sobre a função do orgasmo “foi o resultado não de investigações puramente psicológicas, mas sim de investigações psicofisiológicas”. Diferentemente de Sándor Ferenczi (1873-1933), cujas tentativas para chegar a uma teoria sobre a genitalidade, teria culminado “apenas numa ‘psicologização’ de fenômenos biológicos e fisiológicos”, Reich não concebeu o orgasmo como um fenômeno psíquico, pois, segundo ele:

> O orgasmo não é um fenômeno psíquico. Pelo contrário, é um fenômeno produzido unicamente pela *redução* de toda a atividade psíquica à função vegetativa primordial, isto é, precisamente pela suspensão de fantasias psíquicas e da atividade imaginativa. No entanto, é o problema central da economia psíquica. (REICH, 1998, p. 274).

Se o ato sexual for visualizado em duas grandes fases, pode-se dizer que a experiência *sensorial* do prazer seria preponderante na primeira e a experiência *motora*, na segunda. As fases pré-clímax, correspondem aos dois primeiros momentos, tensão mecânica e carga bioenergética da fórmula do orgasmo, e as fases pós-clímax, aos últimos dois momentos, descarga bioenergética e relaxamento mecânico. A parte tracejada da curva corresponde exatamente ao momento de relaxamento vegetativo involuntário.

Reich (1979a, p. 89) esclareceu que, os estudiosos, antes dele, consideraram como “a verdadeira descarga” do orgasmo aquelas “reduções parciais da excitação, que *são parecidas* com a do orgasmo”, mas não chegaram a compreender os fenômenos finais relativos à descarga e ao relaxamento total da excitação, ou seja, “a convulsão bioenergética involuntária do organismo e a *completa redução da excitação*”, as quais “são as características mais importantes da potência orgástica”.

O orgasmo realizado com base na potência orgástica “forma a função biológica original e básica que o homem tem em comum com todos os seres vivos”, de modo que, “todas as sensações da natureza derivam desta função ou do desejo dela” (REICH, 1979a, p. 89 e 90), pois a função natural do orgasmo é expressão direta do anseio cósmico que existe dentro do homem, isto é, de suas funções energéticas mais primitivas e profundas, ou seja, da função de

superposição cósmica. Contudo, em consequência da repressão sexual que atinge a esmagadora parcela da sociedade, os homens perderam a capacidade da entrega final às convulsões vegetativas involuntárias.

Reich (1950c, p. 102, tradução nossa) alertou para o fato de que muitas conclusões acerca do fenômeno do orgasmo encontradas em manuais de fisiologia estão equivocadas, pois "são geralmente derivadas de observações do comportamento de seres humanos encouraçados, *orgasticamente impotentes*", ou seja, derivadas "da observação de funções *patológicas* e não das naturais". Assim, esse autor esclareceu que:

> *Transpiração, ansiedade, contrações espasmódicas, durante a descarga e restrição das convulsões involuntárias ao aparelho genital são manifestações PATOLÓGICAS, claramente mostradas pelos estudos clínicos comparativos, devido à angústia do orgasmo.* (REICH, 1950c, p. 102, tradução nossa).

Indivíduos orgasticamente potentes, segundo Reich (1950c, p. 102, tradução nossa), têm uma descarga orgástica "com o *reflexo do orgasmo* percorrendo seu curso completo" e mostrando "durante o período preliminar uma excitação que está caracterizada pela *graça* e pela *calma*". Contrariamente a isso,

> O macho ou fêmea ansiosamente excitado, transpirando, espasmódico, com rápidos batimentos cardíacos durante a aproximação e o abraço genital é principalmente um indivíduo que está angustiosamente *superexcitado*, devido à longa abstinência ou ansioso devido à preocupação social ou de outros tipos. (REICH, 1950c, p. 102, tradução nossa).

A fusão genital natural[168] é, no dizer de Reich (1950c, p.102, tradução nossa), "um *sereno* acontecimento majestoso que termina numa descarga bioenergética profunda e relaxamento". Assim, a fim de se compreender corretamente a natureza da função genital, deve-se discernir entre "o comportamento sexual dos animais humanos encouraçados, sexualmente angustiados e reprimidos" dos "organismos desenvolvidos e funcionando orgonoticamente".

Além disso, por fundamentar a sua teoria do orgasmo, também, em observações das convulsões totais do plasma de protozoários, animais desprovidos de nervos, Reich (1950c, p. 102 e 103, tradução nossa) concluiu que "A CONVULSÃO ORGÁSTICA É UMA EXPRESSÃO DA CARGA E DA DESCARGA PROTOPLASMÁTICA QUE É INDEPENDENTE DA EXISTÊNCIA DE UM SISTEMA NERVOSO". Ou seja, aqueles pesquisadores que reduziram o fenômeno do orgasmo à região genital ou restringiram-no como pertencente, apenas, aos metazoários – animais estes "que já possuem um sistema nervoso autônomo" – estariam, conforme afirmou esse autor, "bem distantes do percurso que a

---

[168] Como pode-se observar, Reich usou os termos "abraço genital" e "fusão genital natural" como sinônimos do ato sexual.

orgonomia faz com suas conclusões relacionadas ao acontecimento bioenergético denominado ORGASMO", pois "a função do orgasmo está muito mais profundamente enraizada na filogênese do que no sistema nervoso autônomo".

Contudo, Reich (1950c, p. 103, tradução nossa) reconheceu que, no caso específico dos metazoários, o parassimpático e o simpático se fariam presentes como instrumentos da função do orgasmo, "mas não são as fontes, nem os únicos executores da convulsão orgástica; esta convulsão é um acontecimento *plasmático primordial*".

Ao reconhecer que nos metazoários o sistema nervoso autônomo participa do fenômeno do orgasmo, e por ter relacionado ao parassimpático a função de expansão e ao simpático, a de contração, Reich (1950c, p. 103, tradução nossa) julgou pertinente esclarecer a seguinte questão: "a convulsão orgástica é também uma *expansão* ou é uma *contração?*", a qual foi assim respondida:

> Todas as funções, como emissão, total entrega ao companheiro no abraço genital, descarga de energia etc., parecem indicar que a gratificação orgástica é um acontecimento *expansivo*, *vagotônico*, para fora, não um acontecimento contrativo, simpaticotônico. No entanto, como estamos lidando com CONVULSÃO, isto é, uma repetida alteração entre contração e expansão extremas, *com predominância da expansão*, as funções simpáticas também devem estar envolvidas. Não pode haver forte expansão para fora sem uma contração precedente; há sempre uma contração antes do disparo; há uma excitação central nas amebas pouco antes dos pseudópodes se formarem e se estenderem.[169] (REICH, 1950c, p. 103, tradução nossa).

A potência orgástica refere-se, portanto, à capacidade para realizar a convulsão orgástica, livre de bloqueios e perturbações na função de pulsação, de forma a descarregar a energia acumulada, a qual só existe no indivíduo sexualmente maduro, cuja genitalidade encontra-se livre de inibições. O indivíduo cuja genitalidade encontra-se inibida torna-se orgasticamente impotente, pois "*a perturbação sexual em geral é consequência da perturbação genital*" (REICH, 1979a, p. 94). A "*inaptidão interna do indivíduo para atingir de forma duradoura uma satisfação correspondente às reinvindicações sexuais e à estase libidinal do momento,* mesmo quando se encontra nas condições externas mais favoráveis", Reich (s/a, p. 59) denominou impotência orgástica.

O indivíduo orgasticamente impotente, por consequência da repressão sexual, a qual perturba a pulsação orgonótica impedindo a adequada convulsão orgástica, encontra-se incapaz

---

[169] Segundo Reich (1950c, p. 103, tradução nossa), "a prova mais conclusiva para a predominância da expansão no orgasmo foi obtida, em 1935, por meio de experimentos bioelétricos ao estudar a função do prazer na Universidade de Oslo, na Noruega. A descarga orgástica do sêmen era caracterizada por impulsos para fora e não pelos de retração; eles apareciam no eletrograma como *picos* retratando os impulsos de emissão, e não como depressões ou vales que são características da ação simpática".

de descarregar a energia sexual - o orgone – e, assim, restabelecer a sua vitalidade energética. Reich representou graficamente a estase energética decorrente do acúmulo sucessivo de energia sexual não descarregada na seguinte ilustração:

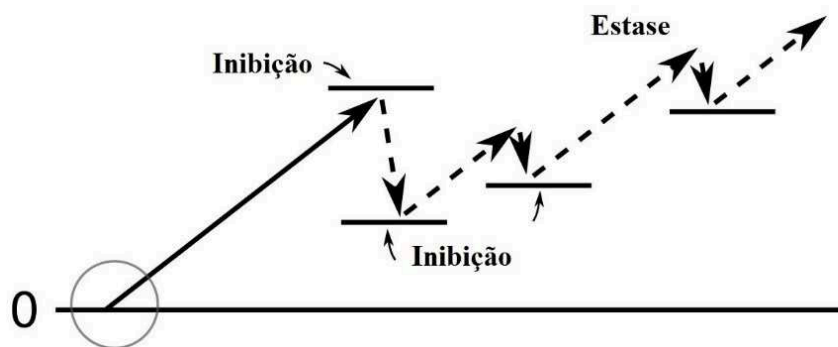



FIGURA 33
Adaptado de Reich (1979a, p. 92).

A perturbação na função de pulsação e o consequente acúmulo de energia não descarregada se tornam, com o passar do tempo, a fonte energética do adoecimento orgânico, no sentido de afetar tanto o funcionamento psíquico quanto o físico-somático, pois tanto as funções psíquicas quanto as fisiológicas enraízam-se na pulsação orgonótica. Reich notou, também, que o acúmulo de energia pode intensificar um conflito psíquico, assim como, também, um conflito psíquico pode impedir a satisfação sexual genital, gerando, com isso, um acúmulo energético. Sobre essa relação recíproca entre um fenômeno fisiológico, isto é, a excitação sexual, e os conflitos de natureza psíquica, esse autor escreveu:

> A excitação sexual é manifestamente um fenômeno *fisiológico*. Os conflitos da neurose são de natureza *psíquica*. Só pode acontecer que um pequeno conflito, normal em si mesmo, cause uma *pequena* perturbação no equilíbrio da energia sexual. Esta pequena congestão intensifica o conflito, e o conflito, por sua vez, aumenta a congestão. Assim, o conflito psíquico e a congestão da excitação somática aumentam-se reciprocamente. O conflito psíquico central é a relação sexual pais-filhos. Não falta em nenhuma neurose. *É o material histórico, da experiência do qual a neurose se alimenta no seu conteúdo.* Todas as fantasias neuróticas provêm da relação sexual primitiva da criança para com os pais. Mas o conflito pai-filho não podia, só por si, provocar um desequilíbrio psíquico permanente, se não fosse alimentado continuamente pela congestão da excitação actual, que se manifesta no início. Daí que a congestão da excitação seja, sempre, o factor *actual* da doença, que alimenta a neurose não no seu conteúdo mas *energeticamente*. (REICH, 1979a, p. 92 e 93).

A noção de potência orgástica foi o primeiro conceito relacionado ao processo de saúde-adoecimento desenvolvido por Reich. É a partir dele que nasce, na clínica reichiana, a ideia de que a sexualidade genital saudável cumpre uma função essencial para a autorregulação energética do organismo, e, portanto, de que o processo de saúde-adoecimento está diretamente

relacionado com a função da genitalidade. Ainda que tenha sido desenvolvido, no período psicanalítico da obra reichiana, como um conceito referente aos processos psicopatológicos, as posteriores descobertas clínicas e experimentais empreendidas pelo autor levaram-no a considerar a potência orgástica e a função do orgasmo como fundamentos do funcionamento biológico, atuantes nos domínios mais profundos da vida, isto é, na pulsação orgonótica organísmica. Assim, a estase sexual – o acumulo de energia não descarregada - e os distúrbios associados à pulsação orgonótica estão na origem de todas as biopatias, as quais dizem respeito a “todos os processos de doenças causadas por uma disfunção básica no aparelho vital autonômico” (REICH, 2009, p. 154).

Em referência à sua conclusão sobre a estase sexual ser um denominador comum de todas as biopatias[170], Reich (2009, p. 155), no seu livro *A Biopatia do Câncer*, afirmou:

> As muitas manifestações do câncer, tal como a multiplicidade de neuroses e psicoses, encobrem um único denominador comum: *a estase sexual*. Isto nos conduz diretamente à nossa tese: *a estase sexual representa um distúrbio fundamental da pulsação biológica*. A excitação sexual é uma função básica do sistema plasmático vivo. *A função sexual é, de maneira demonstrável, a função produtiva vital em si.* Um distúrbio *crônico* desta função deve necessariamente coincidir com uma biopatia. (REICH, 2009, p. 155).

É importante ressaltar que a ideia de sexualidade genital, livre de impulsos secundários, em última instância, significa a capacidade de amar do indivíduo. Assim, a noção de saúde, para doutrina orgonômica, “depende da *potência orgástica*, isto é, do grau da capacidade de entrega e de vivência no que respeita ao clímax da excitação no acto sexual natural. Está baseada na atitude de carácter não neurótico da capacidade de amor do indivíduo”. Por outro lado, as doenças “são o resultado de uma perturbação da capacidade natural para amar”, de modo que o fator fundamental para curar a impotência orgástica “é o restabelecimento da capacidade natural de amor. Depende tanto das condições sociais como das psíquicas” (REICH, 1979a, p. 17).

A impotência orgástica, assim como o seu PFC, o encouraçamento, não tem uma origem biológica, mas, sim, socioeconômica, pois, segundo Reich (1979a, p. 18), “não se encontra nos estágios da história humana anteriores ao desenvolvimento do patriarcado”. (REICH, 1979a, p. 18). O adoecimento emocional é “consequência do caos sexual da sociedade”, que, desde a origem do patriarcado,

> [...] tem tido a função de submeter psiquicamente o homem às condições de existência predominantes, de interiorizar a mecanização externa da vida. Serviu para trazer à superfície as fixações psíquicas de uma civilização mecanizada e autoritária, tornando o homem incapaz de agir livremente. (REICH, 1979a, p. 17).

[170] Abordamos adiante, no item 5.11, o conceito de biopatia.

Nas sociedades patriarcais, em que impera a moral sexual repressiva, “as pessoas que são educadas com uma atitude negativa perante a vida e o sexo adquirem uma *angústia de prazer*, que fisiologicamente se caracteriza pela fixação crônica de um comportamento espasmo-muscular”. Essa angústia de prazer, que está na origem do encouraçamento, “é um *medo biofisiológico*, e constitui o problema central da investigação psicossomática”, pois “a personalidade do homem moderno, que reproduz uma cultura autoritária e patriarcal de seis milénios, *é tipificada por uma armadura caracterológica contrária à sua natureza interior e insensível à miséria social que o rodeia*” (REICH, 1979a, p. 18).

As energias vitais, afirmou Reich (1979a, p. 17 e 18), “regulam-se naturalmente sem dever ou moralidade compulsiva – ambos sinais seguros de que existem sentimentos anti-sociais”. Ações anti-sociais “são a expressão de *impulsos secundários, resultantes* [de perturbações] *da vida natural, e estão em desarmonia com a sexualidade autêntica*”.

Abordaremos no próximo item o princípio de funcionamento comum da impotência orgástica, ou seja, o encouraçamento emocional, também denominado de encouraçamento biológico ou plasmático, o qual apresenta duas variações: a couraça caracterológica, no domínio psíquico, e a couraça somática, no domínio fisiológico. Essas são noções fundamentais da teoria psicossomática de Reich e permitem compreender como a mente e o corpo constituem-se em uma unidade funcional.

5.10 O ENCOURAÇAMENTO EMOCIONAL

5.10.1 Introdução ao item

Para a concepção reichiana, as emoções encontram-se num domínio de funcionamento mais profundo que os domínios psíquico e somático. O processo de encouraçamento manifesta-se como uma perturbação na função de pulsação, função esta que corresponde, diretamente, ao movimento da energia orgone no organismo, o qual está associado a uma das emoções ou impulsos primários, ou seja, prazer ou desprazer. O encouraçamento emocional, como perturbação na função de pulsação organísmica, apresenta-se como um PFC de suas duas variações: o encouraçamento caracterológico e o encouraçamento somático.

Os termos caráter e couraça apareceram, pela primeira vez, na obra reichiana, num texto publicado em 1922, intitulado *Zwei Narzisstische Typen: Ergänzende Bemerkungen zu Dr. Alexanders “Kastrationkomplex und Charakter”* (“Dois Tipos Narcisistas: Observações Complementares ao Artigo ‘Complexo de Castração e Caráter’ do Dr. Alexander”) e

permaneceram como categorias centrais do pensamento clínico reichiano durante toda a sua obra, aparecendo, inclusive, nos textos finais de sua produção, como no artigo publicado em 1955 e intitulado *The Medical DOR-Buster* ("O DOR-Buster Médico"). Durante todo esse período, os referidos conceitos sofreram sucessivas alterações, pois foram reelaborados a partir de novas leituras feitas com base nas investigações clínicas e experimentais realizadas pelo seu autor.

5.10.2 O encouraçamento caracterológico

A noção de caráter já existia no corpo teórico freudiano antes de Reich fazer uso dela e, apesar de ele ter elaborado a sua própria teoria caracterológica, esta, na sua origem, foi desenvolvida com referência à noção de caráter como aparece articulada às terminologias cunhadas por Freud, tais como a libido, a pulsão, o princípio de realidade, o princípio do prazer, o complexo de Édipo, os sistemas psíquicos referentes à primeira tópica freudiana (o inconsciente, o pré-consciente e a consciência), a teoria da repressão, os agentes da segunda tópica freudiana (o Eu, o Supereu e o Isso, também traduzidos como "Ego", "Superego" e "Id"), os processos de identificação do Eu etc.

Além de fazer referência às noções da doutrina freudiana, Reich (1998, p. 149) reconheceu, em um artigo escrito em 1930 sobre a sua teoria do caráter, três aspectos presentes no conhecimento psicanalítico, ou, em outros termos, três pressupostos da metodologia de investigação psicanalítica, os quais, segundo ele, tornaram possível "fornecer à teoria do caráter novos pontos de vista" e "chegar a novas descobertas", quais sejam: 1) "a teoria dos mecanismos inconscientes"; 2) "a abordagem histórica" e 3) "a compreensão da dinâmica e economia dos processos psíquicos". Esses pressupostos, em nossa leitura, continuaram sendo utilizados, pelo autor, mesmo nos momentos posteriores ao período psicanalítico de sua obra, ainda que esses elementos teóricos e metodológicos tenham recebido novas fundamentações a partir dos pressupostos do funcionalismo orgonômico.

Em *Zwei Narzisstische Typen*[171], Reich (1975b, p. 134 e 135, tradução nossa) empregou o termo "neurose de caráter" no sentido de que:

> [...] não há neurose, não importa quão claramente definida, sem traços de uma perturbação de toda a personalidade. Sentimentos de inferioridade, um sintoma que acompanha todas as neuroses – a "ferida narcísica" (Marcinowsky) – são a expressão, sempre presente, dessa perturbação.

---

[171] A fonte utilizada na presente pesquisa foi uma tradução para o inglês desse artigo, intitulado *Two Narcissistic Types,* publicado no livro *Early Writings Volume One*.

Nesse mesmo artigo, associada à neurose de caráter, Reich (1975b, p. 136, tradução nossa) empregou a expressão "couraça narcísica", ao afirmar que, "como uma regra, a couraça narcísica aparece mais cedo ou mais tarde e requer do analista toda a sua habilidade para penetrá-la". Almeida e Albertini (2014, p. 135) explicam que essa terminologia foi utilizada, por Reich, "para indicar a presença de defesas egossintônicas que desempenham o papel de acobertar determinados conteúdos psíquicos. Trata-se de uma forma de proteção que tende a acompanhar as neuroses de caráter".

Assim, conforme explicam Almeida e Albertini (2014, p. 136), a partir da noção de neurose de caráter, Reich assumiu a tese de que "toda neurose sintomática está assentada em um caráter neurótico, o que implica que os sintomas constituiriam uma espécie de cume de toda uma montanha comprometida". A montanha a que a analogia se refere é a personalidade - cujo sinônimo, na terminologia psicanalítica, é caráter -, de tal modo que, com essa elaboração teórica, "tanto nas neuroses sintomáticas, como nas de caráter, os traços de caráter neuróticos configurariam um condensado mecanismo de defesa, qual seja, a couraça de caráter".

A couraça de caráter, segundo Almeida e Albertini (2014, p. 136), consiste numa estrutura defensiva egossintônica, que, "pelo gasto de energia efetuado para sua manutenção e funcionamento, implicaria num determinado controle da libido" e, durante o processo de análise, "atuaria como resistência". Em um artigo publicado em 1928, intitulado *Über Charakteranalyse* ("Sobre a Análise do Caráter")[172], Reich (1998, p. 56 e 57) definiu o conceito de couraça de caráter da seguinte maneira:

> A totalidade dos traços de caráter neuróticos manifesta-se na análise como um compacto *mecanismo de defesa* contra nossos esforços terapêuticos, e quando remontamos analiticamente à origem dessa "couraça" de caráter vemos que ela tem, também, uma função econômica definida. Tal couraça serve, por um lado, de proteção contra os estímulos externos e, por outro, consegue ser um meio de obter controle sobre a libido, que está continuamente pressionando desde o id, pois a energia libidinal e sádica é gasta nas formações reativas neuróticas, nas compensações etc. A angústia está sendo continuamente ligada nos processos que estão na base da formação e preservação dessa couraça, da mesma maneira que, segundo a descrição de Freud, ela é ligada nos sintomas compulsivos. (REICH, 1998, p. 56 e 57).

A couraça de caráter, portanto, apresenta uma dupla função protetora: 1) contra estímulos externos – os quais envolvem as relações com outras pessoas, especialmente, as relações familiares –; e, 2) também, contra os perigos internos, ou seja, contra os conteúdos psíquicos que precisam ser reprimidos, pois, caso contrário, colocariam o indivíduo em contato com a angústia. A função econômica a que Reich se refere diz respeito ao controle que a couraça

[172] O referido artigo foi, posteriormente, incluso como capítulo do livro *Análise do Caráter*, o qual foi a fonte utilizada nessa dissertação.

exerce na libido (energia sexual), a fim de determinar as quantidades de excitação que podem ligar-se a determinados conteúdos psíquicos, controle este que é a essência do processo de repressão e, também, como consequência, das formações neuróticas.

No mesmo artigo de 1928, Reich (1998, p. 59) complementou a definição de couraça do caráter ao afirmar que essa função de defesa se expressa durante a análise como uma resistência do caráter à descoberta do inconsciente, ou seja, como uma defesa narcísica cronicamente implantada na estrutura psíquica e que se expressa na maneira e na forma típica de agir do paciente.

> A couraça do caráter é a expressão concreta da *defesa narcísica* cronicamente implantada na estrutura psíquica. Além das resistências conhecidas, que são mobilizadas contra cada nova peça de material inconsciente, há um fator de resistência constante enraizado no inconsciente, que não pertence ao conteúdo, mas à *forma*. Como se origina no caráter, chamamos de "resistência de caráter" a esse fator de resistência constante. [...] A resistência de caráter não se expressa em termos de conteúdo, mas de forma: o comportamento típico, o modo de falar, andar, gesticular, e os hábitos característicos (como o indivíduo sorri ou escarnece, se fala de maneira coerente ou incoerente, o *quanto* é polido e o *quanto* é agressivo). O indício da resistência de caráter não está naquilo que o paciente diz e faz, mas no *modo como* fala e age. Também não está no que ele revela em sonhos, mas no *modo como* ele censura, distorce, condensa etc. (REICH, 1998, p. 59).

Durante meados da década de 1920 até 1933, Reich (1998, p. 84) desenvolveu a técnica de análise do caráter, cujo foco é o afrouxamento da couraça do caráter e a ruptura do aparelho de defesa narcísico, que, quando bem realizada, resulta, imediatamente, em: 1) "*liberação dos afetos de suas ancoragens e disfarces";* e 2) em *"estabelecimento de uma entrada para a área central do conflito infantil – o complexo de Édipo e angústia de castração*". A vantagem da sua técnica de análise do caráter, segundo esse autor, é que "não se atinge apenas o conteúdo de experiências infantis; mais importante ainda, elas são trazidas diretamente à análise no contexto específico em que foram assimiladas, isto é, *na forma em que foram moldas pelo ego*".

Em 1929, Reich publicou o artigo *Der Genitale und der Neurotische Charakter: Untersuchungen über die libido-ökonomische Funktion des Charakters* ("O Caráter Genital e o Caráter Neurótico: A Função Econômico-Sexual do Caráter") em que, entre outras contribuições para a sua teoria caracterológica, forneceu detalhes sobre a formação do caráter.

Reich (1998, p. 166) afirmou que a fase final do desenvolvimento do caráter, em que ele termina de ser moldado, é a fase edípica. É importante esclarecer que, por fase edípica, esse autor está referindo-se às fases de desenvolvimento da organização sexual, cuja teorização é de Freud, e concerne à noção de que o desenvolvimento psíquico acompanha o desenvolvimento sexual, ou seja, o desenvolvimento das excitações da libido em torno de complexos ideativos

associadas às zonas erógenas. Freud (2016, p. 108) dividiu as referidas fases em duas grandes modalidades, as *pré-genitais,* "as organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não assumiram o papel predominante" – a primeira organização pré-genital, em termos do desenvolvimento ontogenético, é a *oral* e a segunda a *anal* -, e a *genital,* cuja organização da vida sexual estaria sob o primado da zona genital[173].

A formação do caráter, conforme Reich (1998, p. 166), ocorre, "por um lado, sobre a influência dos perigos ameaçadores do mundo externo e, por outro, pelas necessidades prementes do id". Essa formação ocorre por uma "adaptação *autoplástica*", isto é, "o organismo modifica a si próprio, [...], para sobreviver", de modo que, "em termos biológicos, a formação do caráter é uma função autoplástica iniciada por estímulos perturbadores e desagradáveis do mundo externo (estrutura da família)". Por estrutura da família, pode-se entender, aqui, a passagem pelo complexo de Édipo, outro conceito freudiano que, em síntese, afirma que a estrutura e o desenvolvimento do psiquismo humano têm sua origem numa série de processos psíquicos e afetivos, tais como identificação, introjeção e repressão de conteúdos e afetos sexuais os quais envolvem a tríade pai-mãe-filho. O fator primordial do complexo de Édipo é a proibição do incesto, proibição esta responsável por uma série de repressões de conteúdos sexuais incestuosos que a criança estabelece com seus progenitores.

A maneira como ocorre a passagem pelo complexo Édipo, em especial, a maneira como ocorrem as proibições ao tabu do incesto e a forma como as crianças são educadas em relação ao contato que estabelecem com suas pulsões sexuais – por exemplo, se são permitidas brincadeiras saudáveis, se podem ou não masturbar-se sem culpa etc. -, são, todos, fatores socialmente e culturalmente determinados e que geram na formação do psiquismo um "choque entre o id e o mundo externo", o qual está na origem da formação do caráter: "por causa do choque entre o id e o mundo externo (que limita ou frustra totalmente a satisfação da libido), e, instigado pela verdadeira angústia produzida por esse conflito, o aparelho psíquico ergue uma barreira protetora entre si próprio e o mundo externo" (REICH, 1998, p. 166).

A formação do caráter e da couraça acompanham, portanto, o desenvolvimento do aparelho psíquico, o que implica, também, que o processo de encouraçamento acompanha o desenvolvimento ontogenético do psiquismo humano, desenvolvimento este que, numa leitura freudiana e reichiana, envolve a passagem pelo complexo de Édipo e acompanha o desenvolvimento da sexualidade:

---

[173] Freud (2016) apresentou com maiores detalhes a sua teoria sobre as fases de desenvolvimento da organização sexual em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado em 1905.

> Freud ensinou-nos a conceber o ego, isto é, a parte do mecanismo psíquico dirigida para o mundo externo, e por isso mesmo exposta, como um aparelho preparado para aparar estímulos. Aqui tem lugar a formação do caráter. Freud descreveu, de maneira muito clara, a luta que o ego, como um pára-choque (*sic*) entre o id e o mundo externo (ou id e o superego), tem de assumir. O mais importante nessa luta é que o ego, em seus esforços para ser o mediador entre as partes hostis a fim de sobreviver, introjeta os objetos repressivos do mundo externo – na realidade, precisamente os objetos que frustram o princípio de prazer do id – e os retém como árbitros morais, como o superego. Portanto, a moralidade do ego é um componente que não se origina no id, isto é, não se desenvolve no organismo-libidinal-narcísico, mas é, antes, um componente estranho emprestado do mundo externo invasivo e ameaçador. (REICH, 1998, p. 166).

Com base nessas considerações, Reich (1998, p. 167, grifos nossos) afirmou ser possível "conceber o *caráter do ego* – talvez o ego freudiano em geral – como uma *couraça que protege o id* contra estímulos do mundo externo". Pode-se entender que o caráter e a couraça são duas faces da mesma moeda, dois processos relacionados,

> No sentido freudiano, o ego é um agente estrutural. Por caráter entendemos aqui não só a forma externa desse agente, como também a soma total de tudo o que o molda na forma de modos típicos de reação, isto é, modos de reação característicos de *uma* personalidade específica. Em resumo, concebemos o caráter como um fator determinado essencialmente de modo dinâmico e que se manifesta no comportamento característico de uma pessoa [...] Esse caráter do ego é moldado por elementos do mundo externo, a partir de proibições, inibições pulsionais e as mais variadas formas de identificação. (REICH, 1998, p. 167).

Essas passagens indicam uma dimensão importante da formação do caráter apontada por Reich (1998, p. 167), que se refere à sua gênese sociocultural, pois "os elementos materiais da couraça do caráter têm sua origem no mundo externo, na sociedade". Ainda que a sua formação esteja diretamente relacionada ao funcionamento biológico do organismo, gerando perturbações corporais, o fator primordial da formação do caráter, em termos de sua origem, refere-se à forma como a moral sexual determina a economia sexual das pessoas que, no caso da nossa sociedade, fundamentada em ideologias autoritárias, é marcada por uma repressão da sexualidade gerando indivíduos orgasticamente impotentes, em outros termos, neuróticos.

A formação do caráter e a repressão sexual (também denominada recalque) estão intrinsicamente relacionadas, de modo que, como afirmou Reich (1998, p. 167 e 168), o caráter se desenvolve em função da repressão sexual:

> A relação entre caráter e recalque pode ser observada no seguinte processo: a necessidade de recalcar exigências pulsionais origina a formação do caráter. Contudo, uma vez que o caráter foi moldado, poupa a necessidade de recalque, absorvendo energias pulsionais – que flutuam livremente no caso dos recalques habituais – na própria formação do caráter. A formação de um traço de caráter, portanto, indica que um conflito que envolve recalque foi solucionado: ou o próprio processo de recalque se torna desnecessário ou um recalque incompleto é transformado numa formação relativamente rígida justificada

> pelo ego. Assim, os processos da formação do caráter estão inteiramente de acordo com as tendências do ego para unificar os empenhos do organismo psíquico. (REICH, 1998, p. 167 e 168).

No artigo *Die Charakterologische Überwindung des Ödipus-Komplex*[174] ("A Solução Caracterológica do Complexo de Édipo"), escrito em 1930, Reich (1998, p. 152) forneceu ricas descrições sobre a formação do caráter como uma "solução" do complexo de Édipo, ou como ele expressou, "*a formação do caráter principia como uma forma definida de superação do complexo de Édipo*".

Ao se referir, no referido artigo, "aos fatores que levam o caráter a assumir a forma definida na qual ele pode funcionar", Reich (1998, p. 151), forneceu uma definição mais precisa sobre o caráter, enquanto forma de reação típica e sua relação direta com o encouraçamento, ou seja, sua função de defesa:

> O caráter consiste numa mudança *crônica* do ego que se poderia descrever como um *enrijecimento*. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se tornou crônica, merece a designação de "encouraçamento", pois constitui claramente uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo. (REICH, 1998, p. 151).

Contudo, Reich (1998, p. 151) esclareceu que a couraça apresenta "brechas", "através das quais, segundo a situação, interesses libidinais e outros são enviados para fora e novamente puxados para dentro como pseudópodes", de modo que, "a própria couraça deve ser considerada flexível". O grau de flexibilidade da couraça constitui a diferença entre estruturas crônicas, ou patológicas, e estruturas saudáveis.

> Seu modo de agir procede sempre de acordo com o princípio do prazer e do desprazer. Em situações de desprazer a couraça se contrai; em situações de prazer, ela se expande. *O grau de flexibilidade do caráter, a capacidade de se abrir ou de se fechar ao mundo exterior, dependendo da situação, constitui a diferença entre uma estrutura orientada para a realidade e uma estrutura de caráter neurótico*. (REICH, 1998, p. 151 e 152).

O núcleo da formação "*definitiva da* couraça" é "o conflito entre os desejos genitais incestuosos e a frustração real da satisfação desses desejos". Por conta disso, Reich (1998, p. 152) considerou a "*a formação do caráter"* como resultado da "*superação do complexo de Édipo*". As condições que levam à formação do caráter "correspondem às circunstâncias sociais predominantes às quais a sexualidade infantil está submetida", o que torna evidente a origem

[174] O referido artigo foi, posteriormente, incluso em forma de capítulo no livro *Análise do Caráter,* sob o título, ligeiramente modificado, de "A solução caracterológica do conflito sexual infantil", o qual foi a fonte utilizada na presente pesquisa.

social da formação do caráter, pois, "se essas circunstâncias mudarem, também se modificarão as condições da formação e da estrutura do caráter". Ainda que haja meios diversos para solucionar o conflito edipiano, as condições em que se encontram o ego da criança frente às exigências pulsionais incestuosas são sempre as mesmas:

> Se considerarmos o aspecto comum dessas condições, encontraremos, por um lado, desejos genitais extremamente intensos e, por outro lado, um ego relativamente fraco, que, por medo de ser punido, procura se proteger por recalques. O recalque conduz a um represamento das forças pulsionais que, por sua vez, ameaça aquele recalque simples com uma irrupção das pulsões recalcadas. O resultado é uma transformação do ego, por exemplo, o desenvolvimento de atitudes destinadas a evitar o medo, que podem ser sintetizadas pelo termo "timidez". (REICH, 1998, p. 152).

Uma transformação do ego, como a timidez ou qualquer outra atitude semelhante, ainda que impliquem numa restrição daquele, simultaneamente, "ao evitar situações perigosas, que poderiam estimular o que está recalcado", também, "fortalece o ego". Contudo, "essa transformação do ego – por exemplo, a timidez – não é suficiente para dominar a pulsão. Pelo contrário, ela conduz facilmente ao desenvolvimento da angústia e torna-se sempre a base comportamental de fobias da infância". Assim, "a fim de manter o recalque, torna-se necessária uma transformação adicional do ego; *os recalques têm de ser cimentados*, o ego tem de *enrijecer*, a defesa tem de assumir um caráter cronicamente operante e automático". A própria angústia infantil continua a ameaçar os recalques e a enfraquecer o ego tornando-se necessário "criar-se também uma formação protetora contra a angústia". Por trás de todas essas medidas tomadas pelo ego, encontra-se "o medo consciente ou inconsciente de punição, mantido desperto pelo comportamento prevalecente de pais e professores" (REICH, 1998, p. 152 e 153).

O processo econômico-libidinal de enrijecimento do ego, conforme Reich (1998, p. 153), forma-se em três etapas. 1) "identifica-se com a realidade frustrante, personificada pela imagem da principal pessoa repressiva"; 2) "volta contra si mesmo a agressão que mobilizou contra a pessoa repressiva e que também produziu angústia", processo este que "liga o componente mais importante da energia agressiva, bloqueia parcialmente a motricidade e, desse modo, cria o fator inibidor do caráter"; e 3) "desenvolve atitudes reativas contra os empenhos sexuais, isto é, utiliza a energia desses empenhos para servir a seus próprios objetivos, que é o de evitá-los".

As múltiplas condições que conduzem à formação do caráter e que se expressam na singularidade de cada estrutura de caráter, conforme listou Reich (1998, p. 156), dependem dos seguintes fatores: 1) da fase, ou estágio de organização libidinal, na qual a pulsão é frustrada; 2) da frequência e da intensidade das frustrações; 3) das pulsões contra as quais a frustração é

principalmente dirigida; 4) da correlação entre indulgência e frustração; 5) do sexo do principal responsável pela frustração; e 6) das contradições nas próprias frustrações. Dependendo das condições de ocorrência desses fatores, os caráteres se formarão apresentando estruturas específicas.

Com base em inúmeros estudos de caso, os quais levam em conta as condições específicas de formação do caráter, Reich descreveu, no seu livro *Análise do Caráter*, algumas formas definidas de caráteres neuróticos, em oposição ao caráter genital, entre os quais: o caráter passivo-feminino, o histérico, o compulsivo, o fálico-narcisista e o masoquista[175]. Outros pesquisadores neo e pós-reichianos, tais como Alexander Lowen e Federico Navarro, baseados nas descrições originais reichianas, propuseram, também, descrições acerca de formas definidas de caráteres neuróticos. Como se pode depreender da leitura dos textos reichianos, nem todas as pessoas encaixam-se, exclusivamente, num único tipo de caráter definido, sendo comum elas apresentarem configurações que mesclam aspectos de diferentes caracterologias.

Independentemente das especificidades de cada tipo de caráter neurótico, é relevante compreender o que permite distinguir as condições que levam à formação de um estado crônico ou patológico das que levam à formação de um estado flexível ou saudável de encouraçamento. Assim, se a passagem pelo complexo de Édipo é comum a todos, o que distingue se o encouraçamento atingirá um grau de flexibilidade ou de rigidez crônica é a forma com que esse processo acontecerá. Reich (1998, p. 153 e 154) deixou claro que “o encouraçamento do ego é consequência do medo de punição, à custa da energia do id, e contém as proibições e normas de pais e professores”, ou seja, a forma como a cultura e determinadas famílias reprimem a sexualidade está diretamente relacionada com o grau de encouraçamento do ego.

> Uma personalidade cuja estrutura de caráter impede o estabelecimento de uma regulação econômico-sexual da energia é a condição prévia de uma doença neurótica futura. Desse modo, as condições fundamentais para a doença não são o conflito sexual da infância e o complexo de Édipo como tais, mas estão na maneira como são resolvidos. Uma vez que, entretanto, o modo como esses conflitos são resolvidos é em grande parte determinado pela natureza do próprio conflito familiar (intensidade do medo de punição, amplitude da satisfação pulsional, caráter dos pais etc.), o desenvolvimento do ego na criança pequena *até*, e incluindo, a fase edípica determina, no fim das contas, se uma pessoa se tornará neurótica ou se alcançará uma economia sexual regulada, com base da potência sexual e social. (REICH, 1998, p. 154).

[175] Nos textos *O Éter, Deus e o Diabo* e em *A Superposição Cósmica*, já no período orgonômico de sua obra, Reich (2003) passou a operar com três categorias básicas referentes à estrutura de caráter: o caráter genital ou funcional, o místico e o mecanicista. Em nossa leitura, essas três formas definidas de caráter não excluem e não se contrapõem às definições apresentadas em *Análise do Caráter*, apenas possibilitam uma releitura dos caráteres neuróticos, em termos do caráter mecanicista, e das estruturas psicóticas em termos do caráter místico.

No caso do caráter neurótico, conforme descreveu Reich (1998, p. 154 e 155), o encouraçamento “foi *longe demais* e permitiu ao ego enrijecer-se de tal maneira que impediu a realização de uma vida sexual e uma experiência sexual ajustadas”, que, por conta da restrição imposta às pulsões inconscientes, perpetua a estase sexual, a qual, por sua vez, aumenta continuamente. O acúmulo excessivo de energia sexual determina a formação de novas reações de caráter neurótico “contra as exigências sexuais desenvolvidas em conexão com conflitos atuais em situações de vida importantes”. Forma-se, então, um ciclo:

> [...] a estase aumenta e conduz a novas formações reativas, exatamente como seus predecessores fóbicos. Contudo, a estase sempre aumenta mais rapidamente do que o encouraçamento até que, por fim, a formação reativa já não é adequada para manter a tensão psíquica sob controle. É nesse ponto que os desejos sexuais recalcados irrompem e são imediatamente evitados pela formação de sintomas (formação de uma fobia ou seu equivalente). (REICH, 1998, p. 155).

No processo de encouraçamento, ocorre uma sobreposição e fusão das diversas posições de defesa do ego, de modo que, conforme Reich (1998, p. 155), “no corte transversal da personalidade, encontramos lado a lado reações de caráter que, em termos de desenvolvimento e tempo, pertencem a períodos diferentes”. Em síntese:

> [...] podemos também dizer que o caráter neurótico, tanto em seus conteúdos como em sua forma, é composto inteiramente de compromissos, tal como o sintoma. Contém a exigência pulsional infantil e a defesa, que pertencem à mesma ou a diferentes fases de desenvolvimento. O conflito infantil básico continua a existir, *transformado em atitudes que emergem numa forma definida*, como modos automáticos de reação que se tornaram crônicos e a partir dos quais mais tarde tem de ser destilado pela análise. (REICH, 1998, p. 162).

A teoria reichiana sobre a formação do caráter chama atenção para o fato de que as condições que determinam a sua formação “são determinadas pela ordem social dominante no que diz respeito à educação, moralidade e satisfação das necessidades, em última análise, pela estrutura econômica vigente da sociedade” (REICH, 1998, p. 156), fatores estes que apontam para a indissociabilidade entre o campo da saúde e o campo social. A propósito dessa questão, esse autor declarou que:

> [...] o vínculo parental, a repressão da masturbação na primeira infância, a exigência de abstinência na puberdade e a contenção do interesse sexual dentro da instituição do casamento (hoje sociologicamente justificada) representam a antítese das condições necessárias para se estabelecer e levar a efeito uma economia psíquica econômico-sexual. A moralidade sexual existente não pode senão criar a base de neuroses de caráter. A economia sexual e psíquica é impossível com as morais que são tão veementemente definidas hoje. Essa é uma das consequências sociais inexoráveis da investigação psicanalítica de neuroses. (REICH, 1998, p. 163).

Passados cerca de noventa anos desde que Reich escreveu essas palavras, pode-se afirmar que houve mudanças na sociedade, mesmo que esta não seja homogênea em relação à moralidade sexual, e, ainda que tenha existido certos avanços em relação a certos aspectos na forma como a sexualidade é tratada no domínio social – por exemplo, na cultura ocidental vigente a abstinência sexual não é mais valorizada, exceto por parte de alguns religiosos -, entendemos que, em termos de desenvolvimento psicossexual, especialmente no que concerne à educação sexual das crianças e dos adolescentes, a nossa sociedade encontra-se, ainda, muito distante de empregar as condições que permitiriam um desenvolvimento sexual saudável em nossas crianças.

5.10.3 Encouraçamento somático

Num importante texto que marca o momento de ruptura de Reich (1998, p. 313 e 314) com o movimento psicanalítico, o qual foi escrito em 1935 e intitulado *Psychischer Kontakt und Vegetative Strömung*[176] ("Contato Psíquico e Corrente Vegetativa"), esse autor afirmou que, com base na sua prática clínica orientada pela técnica de análise do caráter, ele concluiu que "a couraça funciona sob a forma de atitudes musculares crônicas e fixas". Ele percebeu que, "quando a couraça do caráter é desfeita pela análise do caráter, a agressividade fixada geralmente vem à superfície em primeiro lugar". A agressividade "fixada" a que o autor se refere é a agressividade ou a raiva que precisou ser inibida pelo ego em decorrência de frustrações acerca da repressão dos impulsos sexuais e do medo da punição.

As investigações clínicas, conforme Reich (1998, p. 314 e 315), revelaram que "a inibição da agressividade e a couraça psíquica andam de mãos dadas com um tônus aumentado; sendo que às vezes há até uma rigidez na musculatura das extremidades e do tronco". Em relação aos pacientes mais cronicamente encouraçados, esse autor notou que:

> Pacientes com bloqueio afetivo deitam-se no divã duros como tábuas, totalmente rígidos e imóveis. Não é fácil conseguir uma alteração nesse tipo de tensão muscular. Se o analista tenta persuadir o paciente a relaxar, a tensão muscular é substituída por inquietação. Em outros casos, observamos que os pacientes fazem vários movimentos involuntários, cuja inibição imediatamente produz sentimentos de angústia. (REICH, 1998, p. 314 e 315).

Com base nessas constatações, Reich formulou a identidade funcional entre a couraça do caráter e a hipertonia ou rigidez muscular, pois, segundo suas conclusões:

> *Todo aumento de tônus muscular e enrijecimento é uma indicação de que uma excitação vegetativa, angústia ou sensação sexual foi bloqueada e ligada*.

[176] O referido texto foi, posteriormente, incluso nas 2ª e 3ª edições do livro *Análise do Caráter*.

> Quando surgem sensações genitais, alguns pacientes conseguem eliminá-las ou enfraquecê-las por meio da agitação motora. O mesmo se pode dizer da absorção dos sentimentos de angústia. (REICH, 1998, p. 315).

A repressão de conteúdos psíquicos, segundo Reich (1998, p. 315), manifesta-se em termos de tensões musculares, pois "há uma *diferença* no estado de tensão muscular *antes* e *depois* de se solucionar um recalque severo". Mais especificamente sobre isso, esse autor afirmou que,

> Em geral, quando os pacientes estão em estado de resistência, isto é, quando uma idéia ou uma moção pulsional é barrada da consciência, eles sentem uma tensão no couro cabeludo, na parte superior das coxas, na musculatura das nádegas etc. Quando conseguem superar essa resistência por si mesmos ou pela interpretação correta do analista, sentem-se subitamente aliviados. Numa situação dessas, uma paciente disse, certa vez "É como se eu tivesse experimentado uma satisfação sexual". (REICH, 1998, p. 315).

A constatação de que "toda recordação do conteúdo de uma idéia recalcada produz também um alívio psíquico", e de que "a tensão psíquica" e "o relaxamento são estados biofísicos", levou Reich (1998, p. 315 e 316) a solidificar a sua noção sobre "a unidade da função psíquica e somática", de modo que "a rigidez muscular e a rigidez psíquica são uma unidade, sinal de uma perturbação da motilidade vegetativa do sistema biológico como um todo". Assim, esse autor começou a entender que "todo neurótico é muscularmente distônico" e que "toda cura se manifesta diretamente num 'relaxamento' ou numa melhora do tônus muscular".

Na sua autobiografia científica, Reich afirmou que "os nossos doentes referem, sem exceção, que tiveram períodos na infância, durante os quais aprenderam a reprimir impulsos de ódio, de angústia ou de amor, por meio de certas práticas do comportamento vegetativo (respiração, pressão abdominal, etc.)", o que leva a compreender que "a rigidez muscular, onde quer que apareça, não é 'consequência', 'expressão' ou 'fenômeno concomitante', do mecanismo repressivo [...], pelo contrário, a rigidez somática representa a parte mais essencial do processo de repressão". Com base nisso, pode-se afirmar que "o *espasmo da musculatura é o lado somático do processo de repressão e a base da sua preservação contínua.* Nunca são músculos isolados que ficam tensos, mas grupos musculares, que pertencem a uma *unidade funcional vegetativa*" (REICH, 1979a, p. 235-237).

Ao ilustrar a unidade funcional entre as defesas da couraça caracterológica e da couraça muscular, em outros termos, como o processo de repressão envolve o tensionamento de grupos musculares associados a expressão de terminados afetos, Reich afirmou:

> O espasmo do esfíncter anal, que é a causa de diversas perturbações intestinais muito graves, é provocado por um medo de evacuação adquirido na infância.

> Constitui um bloqueio. [...] Berta Bornstein descreve a retenção das fezes numa criança de ano e meio. Com medo de sujar o berço, ela ficava num permanente estado espasmódico e, à noite, só conseguia dormir sentada e encolhida, com as mãos fechadas. A contenção muscular das fezes é o protótipo do recalque em geral e seu passo inicial na zona anal. Na zona oral, o recalque pelo enrijecimento da musculatura da boca e por um espasmo na musculatura da laringe, da garganta e do peito; na zona genital, manifesta-se como tensão contínua na musculatura pélvica. (REICH, 1998, p. 316 e 317).

Na sua autobiografia científica, Reich (1979a, p. 237) forneceu outro exemplo, afirmando que na repressão do impulso de chorar, "não só fica tenso o lábio inferior, mas, também, toda a musculatura da boca e do maxilar, bem como a correspondente musculatura do pescoço", ou seja, "todos os órgãos que entram em acção como unidade funcional do choro".

No decurso da análise do caráter, quando a tensão muscular começa a ceder devido ao relaxamento das defesas caracterológicas, "o que vem à superfície é a angústia e/ou agressão, ou o impulso libidinal" (REICH, 1998, p. 319). O impulso libidinal corresponde ao fluxo da excitação e fluídos corporais, que, conforme descrevemos anteriormente, envolvem os dois movimentos fundamentais centro-periferia, sendo o sentido da excitação no prazer e na agressão (raiva), do centro em direção à periferia, e na angústia, na direção contrária. Ao perceber que "o fluxo de excitação [...] pode ser liberado da rigidez muscular, do tônus muscular crônico aumentado", Reich (1998, p. 319) concluiu que "a *hipertonia muscular crônica representa uma inibição do fluxo de toda forma de excitação (prazer, angústia, raiva) ou, pelo menos, uma redução significativa da corrente vegetativa*". Essas considerações foram realizadas no período entre 1934 e 1935, ou seja, antes desse pesquisador realizar seus experimentos com a energia orgone, de modo que, posteriormente, ele passou a considerar a excitação como movimento da energia orgone organísmica e passou a utilizar o termo "correntes plasmáticas" para referir-se às "correntes vegetativas", e, também, descreveu outras perturbações que a couraça gera na pulsação orgonótica.

Reich (1979a, p. 236) passou a entender que "*cada rigidez muscular contém a história e o significado de sua origem*", ou seja, que a couraça muscular é "sobretudo, a forma na qual se encerra a experiência infantil como consequência do exercício inadequado ou inibido de uma função", de modo que esse autor passou a considerar a neurose "não apenas a expressão de uma perturbação do equilíbrio psíquico", mas, também, num sentido muito mais exato e profundo, "a *expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da mobilidade natural"*, pois "*a estrutura psíquica é outrossim determinada estrutura biofisiológica".*

A noção de couraça muscular permitiu que Reich (1979a, p. 236) desenvolvesse a análise do caráter na vegetoterapia carátero-analítica, pois o trabalho direto sobre as atitudes

musculares e sobre as funções vegetativas ofereceu "a possibilidade de evitar, se for necessário, o desvio complicado por meio da estrutura psíquica, e de chegar directamente ao domínio dos afectos, partindo da atitude somática".

> Desta maneira, não só o afecto reprimido se manifesta em função da recordação correspondente; mas também se assegura a libertação dos afectos reprimidos contanto que a atitude muscular crónica que o exprime tenha sido bem compreendida e totalmente desfeita. (REICH, 1979a, p. 236).

Na sua autobiografia científica, Reich (1979a, p. 112 e 113) afirmou que, na sua obra *Análise do Caráter*, "a teoria analítica do carácter podia ainda aparecer como uma ampliação da teoria freudiana da neurose". Todavia, ambas as teorias entram em conflito, porque esta teoria é baseada em concepções mecanicistas e aquela não. Um dos aspectos fundamentais dessa oposição diz respeito ao fato de que "a concepção sexoeconómica do aparelho psíquico não é de natureza propriamente psíquica, mas *biológica*", em especial, fundamentada na noção de impulsos primários naturais e de impulsos secundários, os quais apresentam divergência em relação aos fundamentos epistemológicos do conceito de pulsão freudiano.

Contudo, duas heranças freudianas se mantiveram fortes na clínica reichiana: 1) a noção de que o psiquismo não se reduz à esfera da consciência; e 2) a noção de que a sexualidade cumpre uma função primordial no desenvolvimento psíquico. Assim, "no trabalho clínico, a diferenciação entre o que é *reprimido* e o que é *susceptível de se tornar consciente* desempenhou papel preponderante. Também o desempenhou a discriminação dos diferentes graus do desenvolvimento da sexualidade na criança" (REICH, 1979a, p. 113).

Ainda que Reich (1979a, p. 57 e 246), mesmo nos períodos posteriores ao psicanalítico, no seu fazer clínico, tenha continuado a trabalhar com a noção de "reprimido", ou seja, de que o paciente se "defende" de conteúdos inconscientes, a noção de inconsciente, para esse autor, passou a ser compreendida, não como realizava Freud, pelos "derivativos do inconsciente", "mas na sua profunda realidade, atacando directamente as suas relações com a energia vegetativa", pois "*o 'inconsciente' freudiano está presente e é concretamente apreensível na forma de sensações e impulsos orgânicos vegetativos*".

Por ser essa uma questão que se refere a um dos aspectos fundamentais da clínica reichiana, julgamos oportuno retomar uma passagem de uma entrevista realizada por Reich (1979c, p. 19 e 20), em 1952, na qual esse pensador esclareceu como ele concebia o inconsciente e diferenciou sua concepção da freudiana:

> A psicanálise, como bem sabe, trabalha com palavras e ideias inconscientes. São estes os seus instrumentos. Segundo Freud, como o compreendi, como ele o publicou, o inconsciente pode apenas ser trazido à luz a partir das Wortvorstellungen (ideias verbais) [representações-palavra] quando se

> formaram as “imagens de palavras”. Por outras palavras, a psicanálise não pode penetrar abaixo ou além do segundo ou terceiro ano de vida. A psicanálise está amarrada ao seu método. Tem que cingir-se ao método que consiste na utilização das associações e das imagens de palavras [representações-palavra]. Actualmente, a análise de carácter introduziu a interpretação da expressão emocional. Enquanto Freud revelou o mundo inconsciente, pensamentos, desejos, etc., eu consegui interpretar as expressões emocionais. Até então, não podíamos “interpretar a mente”. Podíamos apenas encadear associações verbais.

Ao referir-se à noção freudiana de inconsciente, nessa mesma entrevista, Reich (1979c, p. 68 e 69) esclareceu que “o seu inconsciente [de Freud] não era mais que uma ideia. Não é real. Nunca foi real”, e perguntou ao seu interlocutor: “Sabe em que ponto é que se torna real?”, ao que, ele próprio, forneceu a seguinte resposta: “Nas contorções que fazemos sair do organismo através do nosso trabalho. [...] O inconsciente revela-se na terapia orgone, por acções do protoplasma”. Numa nota de rodapé, relativa à passagem anterior, o autor esclareceu, com mais detalhes, porque o inconsciente de Freud não seria real, ou seja, não teria uma realidade objetiva:

> Tornar consciente o inconsciente – em essência, a função da psicanálise – é um processo especulativo, intuitivo, de interpretação. Na terapia orgone, a actuação sobre a rigidez caracterológica e muscular, provoca uma liberação de bioenergia que se exprime por movimentos clônicos, e a vivência de sensações corporais descritas como correntes. Este movimento fornece uma linguagem objectivamente expressiva, eliminando a necessidade das especulações psicanalíticas verbais, que muitos censuram por não científicas. (REICH, 1979c, p. 68 e 69).

No período orgonômico, Reich não se dedicou a escrever uma obra sobre o que poderia ser denominada de “psicologia de base orgonômica”, a qual poderia esclarecer os pontos de ruptura e convergência entre uma tal psicologia orgonômica e a psicologia freudiana. Consideramos que um dos pontos centrais relacionados a essa temática seria responder às seguintes questões: 1) a noção de inconsciente se faria presente no pensamento reichiano, em especial, ao período orgonômico de sua obra? 2) Caso sim, como ela poderia ser caracterizada?

Baseando-nos nas passagens acima e, também, numa pequena passagem do texto *The Developmental History of Orgonomic Functionalism*, em que Reich (1991a, p. 11, tradução nossa) afirmou que “não restringimos a sensação à experiência consciente ou mesmo à ‘consciência’” e, também, que “existem sensações, especialmente as sensações de órgãos, que raramente atingem o limiar da consciência”, julgamos ser possível responder afirmativamente a questão no sentido de que um “inconsciente reichiano” poderia ser entendido como as funções plasmáticas que perderam a sua mobilidade natural, aquilo que se tornou imóvel dentro do que vive, em outros termos, a parte do biossistema que se enrijeceu, como defesa e contenção de

emoções que não puderam ser expressadas no momento e na situação em que emergiram, e que ficaram, por assim dizer, congeladas, ou seja, à espera de algum dia se expressarem novamente. Em conformidade a isso, Reich (1998, p. 354) afirmou que "*uma experiência infantil só pode ter um 'efeito a partir do passado' se estiver ancorada numa couraça rígida que continua agindo no presente*".

Assim, a imobilidade congelada no organismo, a qual corresponde a um passado histórico, na origem, um movimento expressivo, mas que, no tempo presente, se apresenta como imobilização - imobilização esta que não se faz sentir nem perceber na consciência -, poderia ser entendida como a esfera inconsciente. A restauração da mobilidade que havia sido perdida despertaria na memória, sensações e afetos relativos ao passado, que estariam, por assim dizer, reprimidos. Um "inconsciente reichiano", com base nessas considerações, poderia ser melhor caracterizado como um "inconsciente emocional", distinguindo-se do "inconsciente freudiano", que, foi melhor caracterizado como sendo estruturado em termos de associações de representações-palavra.

Uma passagem de um dos seus últimos textos referentes à orgonoterapia, escrito em 1948 e intitulado *The Expressive Language of the Living in Orgone Therapy*[177] ("A Linguagem Expressiva da Vida na Orgonoterapia"), ajuda a elucidar o que acabamos de afirmar e ilustra bem a importância clínico-terapêutica que Reich (1998, p. 349) conferiu a sua noção de "despertar" as emoções reprimidas:

> [...] já expliquei por que a recordação de experiências traumáticas não é essencial para a orgonoterapia; de pouco serve, a não ser que venha acompanhada da emoção correspondente. A emoção expressa no movimento é mais do que suficiente para esclarecer os infortúnios do paciente, além do fato de que as recordações emergem por si quando o terapeuta trabalha corretamente. O que continua a nos intrigar é como as funções da memória inconsciente podem depender dos estados de excitação plasmática, como as recordações se preservam, por assim dizer, na consciência plasmática. (REICH, 1998, p. 349).

Essa última questão apontada pelo autor, isto é, a relação entre o inconsciente e os estados de excitação plasmática, é, a nosso ver, um dos problemas epistemológicos do pensamento orgonômico, relativo ao campo da psicologia, que necessita ser investigado e abordado por futuras pesquisas, especialmente por oferecer a possibilidade de melhor esclarecer os pontos de ruptura e de continuidade entre a psicologia freudiana e a psicologia reichiana.

---

[177] O texto apareceu como capítulo na 3ª edição de *Análise do Caráter*.

Retornamos às questões clínicas e seguimos com o texto *A Linguagem Expressiva da Vida*, no qual, ao apontar as limitações da psicologia ortodoxa e da psicologia profunda, por estarem presas a estruturas verbais, Reich (1998, p. 332) afirmou que:

> [...] o funcionamento do organismo vivo está além de todas as idéias e conceitos verbais. A fala humana, forma biológica de expressão numa fase avançada de desenvolvimento, não é um atributo específico do organismo vivo, o qual funciona muito antes de existirem uma linguagem e representações verbais. Assim, a psicologia profunda lida com uma função vital que tem origem numa fase relativamente tardia do desenvolvimento biológico. Muitos animais expressam-se por sons. Mas o organismo vivo já funcionava antes, e continua tendo um funcionamento que vai além do uso de sons como forma de expressão. (REICH, 1998, p. 332).

Reich (1948, p. 360, tradução nossa) afirmou que "o processo de formação da palavra mostra, por si, a forma como os organismos 'se expressam'. O termo "expressão", aparentemente na base das sensações de órgão, descreve precisamente a linguagem da vida", pois "*os organismos expressam-se em movimentos*, em 'movimentos expressivos'". Sobre o termo "movimento expressivo", esse autor detalhou que:

> O movimento expressivo é uma característica inerente ao protoplasma. É ele que distingue estritamente os organismos vivos de todos os sistemas não-vivos. O termo significa, literalmente, que algo nos sistemas vivos "pressiona a si mesmo para fora" e, consequentemente, "se move". Isso só pode significar o movimento do protoplasma, ou seja, a expansão ou a contração. O significado literal de "emoção" é "mover-se para fora", o qual é o mesmo que "movimento expressivo". O processo físico da emoção plasmática, ou do movimento expressivo, está ligado imediatamente a um *significado* facilmente *compreensível*, que costumamos chamar *expressão emocional*. Assim, o movimento do protoplasma expressa uma emoção, e a emoção ou a expressão de um organismo está incorporada ao seu movimento. A última parte dessa afirmação requer um acréscimo porque sabemos, pela orgonoterapia, que há uma expressão nos seres humanos provocada pela imobilidade e pela rigidez. (REICH, 1948, p. 360, tradução nossa)[178].

Assim, para Reich (1998, p. 332 e 333), a linguagem verbal deriva "da percepção de movimentos internos e de sensações de órgãos", de forma que "as palavras que descrevem estados emocionais refletem *diretamente* o movimento expressivo correspondente do organismo vivo". Contudo, nem todas as expressões emocionais podem ser colocadas em palavras, pois "*o organismo vivo tem seus próprios modos de expressar o movimento*", isso porque existe uma dimensão do movimento expressivo que se encontra "*para além das limitações da linguagem*", ou seja, "o organismo vivo possui uma linguagem expressiva própria, antes de, para além de, e independente de toda a linguagem verbal".

---

[178] Optamos por traduzir essa passagem diretamente da tradução para a língua inglesa, realizada por Theodore P. Wolfe, da obra *Character Analysis,* nas demais passagens utilizamos a tradução oficial do referido livro para a língua portuguesa do Brasil.

De posse de tal perspectiva, Reich (1998, p. 333 e 334), gradativamente, no seu fazer clínico, passou a entrar na esfera biológica, isto é, a acessar diretamente os movimentos expressivos dos seus pacientes. Vejamos, em um exemplo, como esses pressupostos passaram a ser aplicados no campo terapêutico:

> Os pacientes chegam aos orgonoterapeutas cheios de aflições. O olhar experiente pode perceber essas aflições diretamente, a partir dos movimentos expressivos e da expressão emocional dos corpos. Se o analista deixa o paciente falar ao acaso, descobre que ele tende a *rodear* suas aflições, isto é, *escondê-las* de uma maneira ou de outra. Para chegar a uma avaliação correta do paciente, o analista deve começar pedindo-lhe que *não* fale. Essa medida é muito reveladora, porque assim que o paciente deixa de falar as expressões emocionais de seu corpo ficam mais nítidas. Após alguns minutos de silêncio, o analista em geral percebe seu traço de caráter mais saliente, ou melhor, compreende a expressão emocional do movimento *plasmático*. (REICH, 1998, p. 334).

Reich (1998, p. 335) dessa forma transcendeu a esfera da linguagem verbal e passou a trabalhar "num nível de compreensão biologicamente mais profundo", com "*a linguagem da expressão facial e corporal*", pois "só quando *sentimos* a expressão facial do paciente é que estamos em condição de compreendê-la". Compreender a expressão facial do paciente significa, conforme esse autor, "saber que *emoção* está sendo *expressa* por ela. E não faz diferença se a emoção é móvel e ativa ou imóvel e reprimida. Precisamos aprender a reconhecer a diferença entre uma emoção móvel e uma emoção reprimida".

O trabalho clínico orientado pelos movimentos expressivos fez com que Reich percebesse as diversas manifestações da couraça muscular em termos de distúrbios, tais como a respiração curta e presa, as tensões na face responsáveis pelas expressões faciais, as tensões nas musculaturas dos olhos, da testa da cabeça, do pescoço, da boca e da garganta, assim como, as tensões na musculatura da região pélvica e dos membros inferiores. Segundo Trotta (1996, p. 24 e 25), "o conjunto dessas tensões musculares está sempre relacionado com a contenção da expressão de emoções e a supressão das sensações sexuais-genitais", pois, conforme afirmou Reich (1998, p. 340), "a *função essencial da couraça muscular é impedir o reflexo do orgasmo"*. Assim, após a flexibilização da couraça, quando a mobilidade biológica se restaurava, aparecia, nos pacientes, o reflexo do orgasmo, que pode ser descrito, também, da seguinte maneira:

> [...] um fluxo de sensações, movimentos musculares involuntários e movimentos vegetativos pelo corpo (movimentos plasmáticos) que ocorriam da cabeça até às (*sic*) pernas e que terminavam se fundindo num movimento reflexo pulsátil de todo o corpo a que ele [Reich] denominou Reflexo do Orgasmo. Esse reflexo seria a expressão plena de um bom funcionamento do organismo; e assim passou a constituir-se na meta terapêutica. (TROTTA, 1996, p. 25).

A impotência orgástica nada mais é, segundo Reich (1998, p. 338), do que a "incapacidade de pulsação e convulsão plasmática no ato sexual", resultante das retenções energéticas que a couraça gera no organismo. Por conta disso, "a tarefa central da orgonoterapia é destruir a couraça. Em outras palavras, ela deve restaurar a motilidade do plasma corporal", ou seja, restabelecer a pulsação orgonótica natural.

> No organismo encouraçado, a função de pulsação de todos os órgãos é enfraquecida num maior ou menor grau. Cabe à orgonoterapia restabelecer a capacidade plena de pulsação, o que acontece biofisicamente quando se destrói o mecanismo de retenção. O resultado de uma orgonoterapia ideal é o aparecimento do *reflexo do orgasmo*, que, como sabemos, é a mais importante manifestação de movimento no reino animal, além da respiração. (REICH, 1998, p. 338).

O trabalho clínico-terapêutico de Reich sobre a couraça muscular, buscando liberar as emoções reprimidas e restabelecer a plena capacidade de pulsação, fez com que ele notasse que a contenção muscular das emoções ocorre não pelo enrijecimento de músculos isolados, mas, sim, pelo bloqueio de grandes grupos musculares, os quais, em conjunto, formam uma defesa contra a expressão de uma emoção específica. Esse autor percebeu, também, que, além dos bloqueios corporais que se manifestam como tensões musculares, formando regiões rígidas, há certos bloqueios que se manifestam como flacidez muscular.

As posteriores investigações sobre a origem e o funcionamento do processo de encouraçamento muscular, realizadas por Reich (1998, p. 341), permitiram que esse autor descobrisse um padrão com que a couraça muscular se manifesta no organismo humano, qual seja, a sua disposição segmentar, a qual foi descrita, com detalhes, no texto *A Linguagem Expressiva da Vida*, a ser abordado no próximo item.

5.10.4 A disposição segmentária da couraça

5.10.4.1 O segmento corporal como uma unidade funcional de expressões emotivas

Reich (1998, p. 341) pode perceber que "os bloqueios musculares individuais não seguem o percurso de um músculo ou de um nervo, são completamente independentes dos processos anatômicos". Assim, "ao examinar cuidadosamente casos típicos de várias doenças, à procura de uma lei que governe esses bloqueios", esse autor concluiu que "a *couraça muscular está disposta em segmentos*".

A organização do organismo em termos de uma disposição segmentar, segundo Reich (1998, p. 341), não é uma exclusividade humana, pois "é uma forma muito mais primitiva de

funcionamento dos seres vivos do que aquela encontrada em animais altamente desenvolvidos". Ela já é encontrada em animais como os anelídeos e, também, nos répteis como as cobras. A indicação de que "os vertebrados descendem de organismos estruturados segmentarmente" poderia ser depreendida da "estrutura segmentar da espinha dorsal", das "terminações nervosas correspondentes aos segmentos da medula espinhal" e do "arranjo segmentar dos gânglios no sistema nervoso autônomo".

Quando Reich (1998, p. 341) afirmou que "a couraça está disposta em segmentos", ele quis dizer que "ela funciona de maneira circular, na frente, dos dois lados, e atrás, como um *anel*", motivo pelo qual, esse autor também se referiu aos segmentos da couraça por anéis da couraça. De maneira sintética, pode-se dizer que:

> [...] *um segmento da couraça compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional*. Em termos biofísicos, um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais. (REICH, 1998, p. 342).

Em termos de movimentos expressivos, os segmentos são independentes, no sentido de que a flexibilização de um segmento, ou a liberação de uma emoção nele contida, não tem, como consequência direta, a liberação ou a flexibilização do segmento corporal adjacente ou de qualquer outro segmento corporal. É evidente que o corpo, enquanto uma unidade funcional, está totalmente integrado e que, por conta disso, a flexibilização de um segmento terá algum impacto nos demais segmentos. Contudo, o que Reich apontou é que existe uma independência funcional entre os segmentos, por conta de eles, também, constituírem-se, cada um, numa unidade funcional diretamente relacionada à expressão emocional e a cada uma dessas regiões corporais.

Como forma de exemplificar a independência funcional dos segmentos, Reich (1998, p. 342) afirmou que "o afrouxamento do segmento ocular da couraça" "não atinge o segmento oral" adjacente a ele, pois somente a liberação desse segmento "não é capaz de provocar os impulsos de morder contidos no queixo enrijecido". Apesar de cada segmento apresentar-se como uma unidade funcional, a liberação de alguns impulsos pode necessitar da liberação de mais de um segmento corporal:

> A liberação do reflexo do vômito, por exemplo, não libera necessariamente um impulso reprimido de chorar, se a couraça do anel ocular ainda não tiver sido dissolvida. E mesmo depois de se terem dissolvido os dois segmentos superiores da couraça, ainda pode ser difícil liberar o impulso de chorar, enquanto o terceiro e o quarto segmentos abaixo, no tórax, estiverem em estado de contração espástica. (REICH, 1998, p. 343).

Com base nessas constatações, Reich (1998, p. 342 e 341) notou que “os segmentos da couraça têm *sempre* uma estrutura *horizontal* - nunca vertical”. As exceções são os braços e as pernas, “cujas couraças funcionam em conjunto com os segmentos do tronco adjacente, isto é, os braços com o segmento que compreende os ombros e as pernas com o segmento que compreende a pelve”. As couraças, afirmou esse autor, “*têm uma estrutura circular, segmentar, formando ângulos retos com a espinha dorsal*”, e “*as correntes plasmáticas e as excitações emocionais* [...] *correm paralelas ao eixo do corpo*”. Por conta disso, a inibição da expressão emocional “opera perpendicularmente à direção da corrente plasmática”. Além disso, “as correntes orgonóticas só se fundem no reflexo do orgasmo quando sua passagem *ao longo* de todo o organismo, não está obstruída”, de modo que o reflexo do orgasmo é sinal de que ocorreu a restauração da mobilidade plasmática da totalidade dos segmentos corporais.

Reich (1998, p. 343) considerou que “as correntes orgonóticas que irrompem no afrouxamento de cada anel da couraça” e que correspondem à energia corporal liberada tentam, “espontaneamente, fluir no sentido *longitudinal*”, ou seja, correm “em direção às contrações transversais ainda não dissolvidas” e dão “ao paciente a inconfundível sensação de um ‘bloqueio’, sensação que era muito fraca ou totalmente ausente enquanto não havia qualquer corrente plasmática livre”.

O movimento interno dos bions e os movimentos do verme expressam diretamente o movimento ondulatório plasmático. Reich (1998, p. 344) notou que esses movimentos “são governados por ondas de excitação, que correm da extremidade da cauda, ao longo do eixo do corpo”, pois, “nos vermes, os segmentos se alternam de forma rítmica e regular entre a contração e a expansão”, de modo que, nesses seres, “a função de locomoção está inseparavelmente ligada a esse movimento ondulatório plasmático”. A conclusão a que esse autor chegou é que “a *energia biológica está sendo transmitida nesses movimentos de onda*”. No ser humano, não é diferente, pois, “*na disposição segmentar da couraça muscular, encontramos o verme no homem*”. Esse pesquisador esquematizou a direção do fluxo orgonótico transversalmente aos anéis da couraça no seguinte esquema:

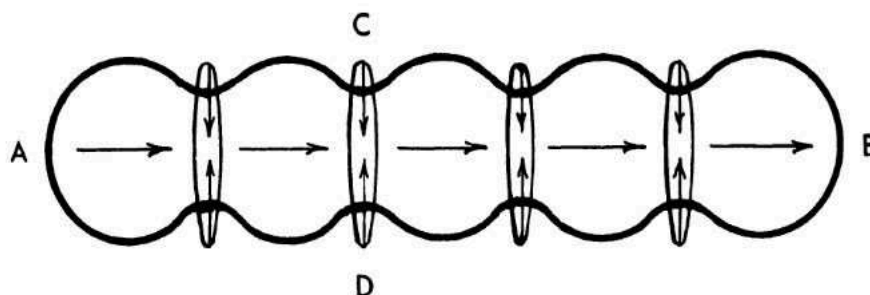



FIGURA 34
Fonte: Reich (1998, p. 344).

O fluxo da energia orgone, portanto, segue do ponto A em direção ao ponto B e os anéis da couraça apresentam-se transversalmente ao eixo vertical do corpo, ou seja, ao eixo céfalo-caudal. Nos seres humanos encouraçados, afirmou Reich (1998, p. 344 e 345), a energia orgone está presa às contrações crônicas dos músculos, de forma que:

> O orgone corporal não começa a fluir livremente assim que o anel da couraça é afrouxado. A primeira reação é de tremores clônicos, juntamente com a sensação de comichão ou formigamento. Clinicamente, essa reação significa que a couraça está cedendo e que o orgone corporal está sendo liberado. Sensações genuínas de ondas de excitação plasmática só podem ser experimentadas quando se dissolveu toda uma série de segmentos da couraça, por exemplo, bloqueios musculares na região dos olhos, boca, garganta, peito e diafragma. Quando isso acontece, sentem-se pulsações acentuadas, *semelhantes a ondas*, em partes liberadas do corpo, que se movem para cima em direção à cabeça, e para baixo em direção aos órgãos genitais. (REICH, 1998, p. 344 e 345).

Reich identificou, ao todo, sete segmentos corporais no organismo humano, os quais foram ordenados e nomeados da seguinte forma: o primeiro segmento é o *ocular*; o segundo, o *oral*; o terceiro, o *cervical*; o quarto, o *torácico*; o quinto, o *diafragmático*; o sexto, o *abdominal*; e o sétimo, o *pélvico*. Baker (1980, p. 66 e 67), discípulo direto de Reich, representou a localização dos sete segmentos do corpo humano na seguinte imagem:

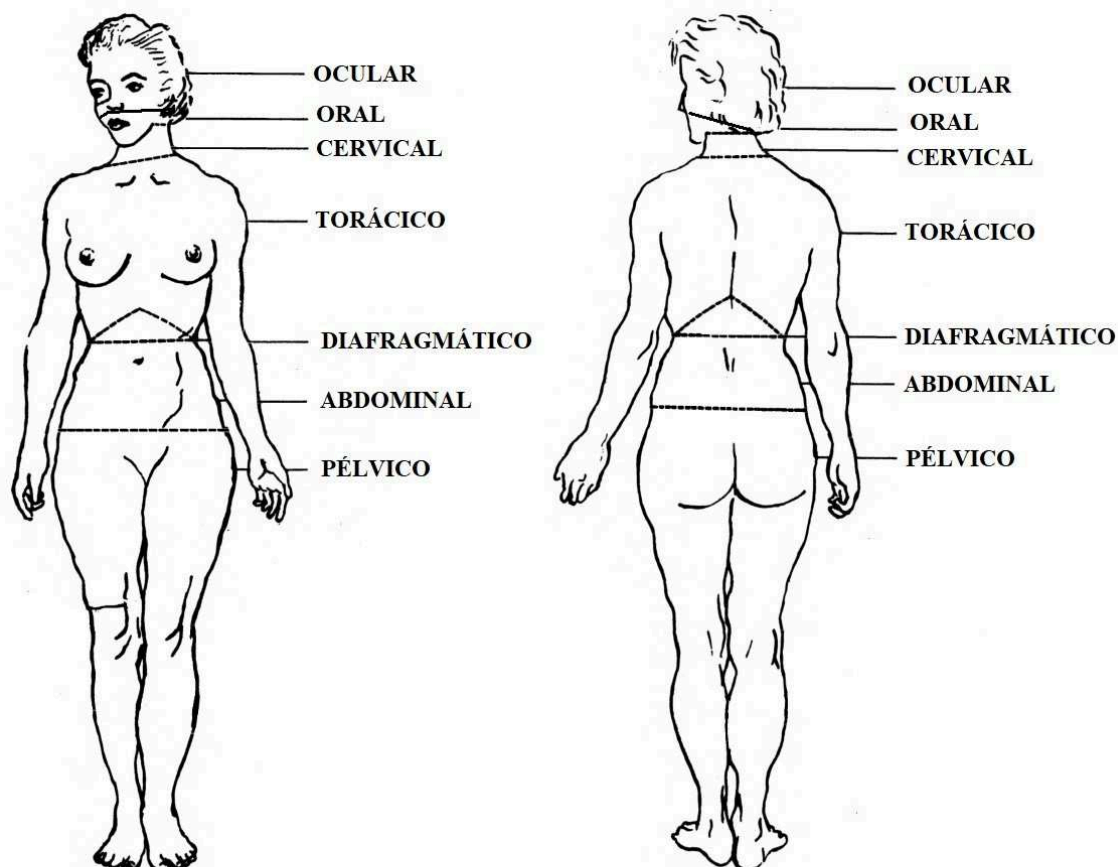



FIGURA 35
Adaptado de Baker (1980, p. 66 e 67).

Vejamos agora os componentes e os aspectos relacionados ao encouraçamento de cada um dos sete segmentos. Faremos uma síntese das informações apresentadas no texto reichiano *A Linguagem Expressiva da Vida,* no qual Reich (1998) se dedicou a descrever os detalhes sobre o encouraçamento e o desencouraçamento de cada um dos sete segmentos, mas, também, completaremos essas informações com outras descritas no livro *O Labirinto Humano*, escrito pelo médico, psiquiatra e orgonoterapeuta Elsworth F. Baker (1903-1985), no livro "*Emotional Armoring*: *An Introduction to Psychiatric Orgone Therapy*" ("Encouraçamento Emocional: Uma Introdução à Orgonoterapia Psiquiátrica", escrito pelo, também, médico, psiquiatra e orgonoterapeuta - último discípulo direto de Reich -, Morton Herskowitz (1918-2018) e, nos textos de Ernani E. Trotta, biólogo, psicólogo e orgonoterapeuta brasileiro.

5.10.4.2 O primeiro segmento: ocular

O segmento ocular "compreende todas as estruturas que se estendem do escalpo até a base do nariz, bochechas superiores e a borda superior do occipital". Compreende, portanto, a maioria dos músculos do crânio (occiptais, frontal, prócero, temporais, auriculares etc.) e,

também, o encéfalo, que inclui os dois hemisférios cerebrais, o cerebelo, o tronco encefálico, a glândua pituitária e a glândula pineal, “com suas importantes funções reguladoras hormonais”, o tálamo e a formação reticular, “que são os principais reguladores emocionais”. Nesse segmento estão contidos “alguns dos mais importantes exteroceptores corporais, isto é, os órgãos que sentem o ambiente, pois nele estão presentes os órgãos da visão, da audição e da olfação” (HERSKOWITZ, 2001, p. 38, tradução nossa).

As estruturas anatômicas incluídas nesse segmento servem às seguintes funções: à senso-percepção, à atenção e à concentração, à memória, ao controle do sistema motor, à ação inteligente, à consciência, ao contato para fora de si, ou seja, à percepção externa na experiência com o mundo – por meio dos sentidos da visão, audição e olfação - e, “com base nessas percepções, a regulação do organismo em termos de suas respostas endócrinas, das funções autonômicas e do crescimento do corpo” (HERSKOWITZ, 2001, p. 38, tradução nossa).

Exceto pelas sensações de campo, sentidas pela pele, que ocorrem à distância e que indicam a proximidade de seres e objetos, - sensações estas que são mais profundamente desenvolvidas em pessoas cegas -, o segmento ocular é o locus principal de toda a percepção externa (HERSKOWITZ, 2001, p. 38, tradução nossa), ou seja, “voltado para todos os contatos efetuados à distância” (BAKER, 1980, p. 72).

O primeiro segmento “é crucial no relacionamento do paciente com outras pessoas e com o mundo”, de modo que “a extensão do dano que é feito ao indivíduo através do encouraçamento dos olhos é inestimável”, pois a experiência do mundo, da realidade e da própria existência, realizada por meio de olhos vitalizados e cheios de luz é diferente da experiência do mundo visto por olhos entrincheirados atrás da couraça (HERSKOWITZ, 2001, p. 38 e 40, tradução nossa).

Herskowitz (2001, p. 42, tradução nossa) afirmou que “o olho é único entre os órgãos sensoriais, não somente por suas funções receptoras e coordenadoras, mas, também, por ser um órgão de expressão emocional”. Sobre o poder de expressão emocional dos olhos, esse autor afirmou:

> A energia descarregada pelos olhos vitalizados é poderosamente eficaz e comunicativa. Assim como muitos olhos estão prejudicados em suas funções sensoriais, estão, também, prejudicados, expressivamente. Os olhos devem poder afirmar plenamente todas as emoções. As principais emoções (raiva, tristeza, medo, alegria, desejo), bem como as expressões corolárias de afetos (excitação, desdém, suspeita, questionamento, flerte, desapontamento), todas têm suas distintas expressões oculares. O grau em que os olhos são incapazes de expressar essas emoções é um índice da extensão do encouraçamento dos olhos. (HERSKOWITZ, 2001, p. 42, tradução nossa).

Ao reprimir as emoções associadas ao primeiro segmento, “tanto a expressão visual quanto os concomitantes fisiológicos dessa expressão tornam-se não funcionais”, de forma que “alguns pacientes começam a chorar em voz alta e os seus olhos parecem tristes, mas não há lágrimas ou há, apenas, um leve umedecimento nos olhos”. Alguns pacientes, segundo Herskowtiz (2001, p. 42, tradução nossa), chegam a verbalizar: "Desde criança que não choro.". Sobre essa questão, esse autor afirmou que:

> [...] não apenas o desejo de chorar foi banido, mas a capacidade das glândulas de produzir lágrimas foi destruída. Da mesma forma, quando os olhos têm menos capacidade de expressar emoções vivas, os músculos oculares têm menos poder para mover o olho com entusiasmo. (HERSKOWITZ, 2001, p. 42, tradução nossa).

Há muito tempo, segundo Herskowitz (2001, p. 43, tradução nossa), os olhos “foram descritos como os ‘espelhos da alma’”, a observação pode ser antiquada, mas permanece verdadeira, pois “nenhum segmento do corpo revela tanto o caráter da pessoa como os olhos”.

> As qualidades sorrateiro, enganador, culpado, modesto, ofensivo, mesquinho, triste, amargo, cínico, assustado, animado, ardente, esperançoso, confiante e alegre, que se combinam para definir a estrutura caracterológica, podem ser lidas nos olhos. É pelo fato de serem tão poderosos que os olhos são tão amplamente evitados. (HERSKOWITZ, 2001, p. 43, tradução nossa).

As manifestações essenciais de encouraçamento no segmento ocular foram descritas, primeiramente, por Reich (1998, p. 341 e 342) e incluem:

> [...] uma contração e imobilização de todos, ou quase todos, os músculos dos globos oculares, das pálpebras, da testa, da glândula lacrimal etc. Testa e pálpebras rígidas, olhos sem expressão e globos oculares protuberantes, expressão semelhante a uma máscara e imobilidade dos dois lados do nariz são as características essenciais desse anel da couraça.” (REICH, 1998, p. 341 e 342).

Além dessas manifestações de encouraçamento, Baker (1980, p. 72) incluiu, também, as contrações “dos músculos profundos na base do occipital, envolvendo portanto até o próprio cérebro”. Esse autor afirma que, ainda que “o cérebro demonstre contrações de maior ou menor intensidade em todas as neuroses; se for adequadamente mobilizado, o resto do organismo conseguirá tolerar a expansão e o movimento”. Sobre essa questão ele considerou, mais detalhadamente, que:

> A contração parece dar-se basicamente nos centros vegetativos. A contração muscular é causada e mantida por esta outra, vegetativa, a qual resulta da inibição original, ou seja, de proibições específicas, que dão margem a contrações específicas, que controlam vários grupos musculares responsáveis por impedir que as inibições se manifestem. (BAKER, 1980, p. 72).

Herskowitz (2001, p. 42, tradução nossa) afirma que “o sintoma mais comum do encouraçamento no segmento ocular é a dor de cabeça”. As dores de cabeça, segundo esse

autor, “podem ser devidas à tensão muscular na região frontal ou, menos freqüentemente, nas áreas parietais ou temporais, ou à tensão suboccipital que se irradia para a frente”. É necessário esclarecer que “uma dor de cabeça ocasional não indica um encouraçamento sério neste segmento, mas as dores de cabeça recorrentes sugerem a presença de encouraçamento crônico”, o qual pode encobrir várias emoções reprimidas, por trás da contração nesse segmento.

Segundo Baker (1980, p. 72 e 73), as dores de cabeça frontais são provocadas “pelo soerguer crônico das sobrancelhas na expressão de ansiedade ou de surpresa”. Esse autor indificou, além das dores de cabeça, os seguintes sintomas associados ao encouraçamento de primeiros segmento: “os sintomas de tontura”, os quais “são provocados por uma couraça insuficiente, que permite o movimento de mais energia do que pode ser tolerado”; a incapacidade de chorar; a “miopia e outros distúrbios visuais”; e a ditalação das pupilas, a qual seria mais comum no esquizofrênico e, indicaria “uma profunda ansiedade”.

De um modo geral, conforme Herskowitz (2001, p. 41, tradução nossa), pode-se dizer que os “problemas de concentração, dissociação, despersonalização e consciência estão relacionados às funções do segmento ocular”. Esse autor afirmou que “todos os pacientes com epilepsia idiopática (epilepsia de origem desconhecida, que inclui o maior número de epilépticos)” examinados por ele, “tiveram problemas graves de encouraçamento nos olhos”.

Trotta (1996, p. 31) listou as seguintes patologias associadas ao encouraçamento do primeiro segmento: síndromes psicóticas em geral; cefaléias; epilepsia; certos tipos de cegueira; disfunções na visão como a miopia, a hipermetropia, o estrabismo, o glaucoma, o astigmatismo e a presbiopia; rinites; sinusites; certas formas de surdez; otites; e síndrome de Menière.

5.10.4.3 O segundo segmento: oral

Segundo Reich (1998, p. 342 e 343), o segmento oral “compreende toda a musculatura do queixo e da faringe, e a musculatura occipital, incluindo em torno da boca”. Herskowitz (2001, p. 44 e 45, tradução nossa) afirmou que “o segmento oral se estende posteriormente a partir do queixo e abrange a boca, a mandíbula, as bochechas e os músculos occipitais. Inclui as partes superiores da garganta interiormente”. Trotta (1996, p. 31) listou, mais especificamente, as seguintes estruturas componentes do segundo segmento: todas as estruturas que compõem a boca e seus anexos, ou seja, os lábios, os dentes, a gengiva, a bochecha, a língua, o palato, o sistema gustativo, as glándulas salivares, a mandíbula, os músculos masséteres, pterigóides, orofaringe, nasofaringe e todos os músculos envolvidos na mímica facial.

Todos os músculos que compõem o segundo segmento, afirmou Reich (1998, p. 342 e 343), "estão funcionalmente relacionados uns com os outros. Assim, por exemplo, o afrouxamento da couraça do queixo é capaz de produzir espasmos na musculatura dos lábios e a emoção correspondente de chorar ou desejo de sugar". Por conta disso, "as expressões emocionais de chorar, morder furiosamente, gritar, sugar, fazer todo o tipo de caretas, nesse segmento, dependem da motilidade livre do segmento ocular".

Baker (1980, p. 77) avaliou que:

> [...] a expressão total do segmento oral pedende da livre movimentação do segmento ocular e, às vezes, do relaxamento de segmentos inferiores. O choro poderá ficar incompleto, por exemplo, enquanto não estiverem livres os dois segmentos subseqüentes. O queixo poderá estar tenso, com os dentes cerrados, ou então artificalmente relaxado, ao passo que os lábios talvez estejam finos e decididos ou grossos e sensuais.

Herskowitz (2001, p. 45, tradução nossa) afirmou que, "emocionalmente, a expressão mais profunda do segmento oral concentra-se na capacidade de sugar e na maneira de sugar". Segundo esse autor, "muitas das outras funções orais evoluíram em resposta a como as necessidades de sucção foram satisfeitas na infância". Caso "as necessidades orais do infante tivessem sido completamente gratificadas", comportamentos característicos como "tagarelice e balbuciação constante, mandíbulas triturantes apertadas, expressão facial triste, lábios finos e tensos, voz firme" poderiam nunca existir.

O formato dos lábios, assim como a maneira com que eles são mantidos, expressam muito, em termos da dinâmica emocional das pessoas. Segundo Herskowitz (2001, p. 46, tradução nossa), "os lábios grossos" que se mantém boquiabertos "revelam déficts de baixa energia e mentais. É como se lhes faltasse vontade ou energia para formar suas bocas". Há, também, "os lábios finos, apertados e mordazes"; "os lábios lascivos que parecem rastejantes"; "os lábios cerrados firmemente contra os dentes em escárnio", como se estivessem dizendo: "Não, obrigado, eu não quero nada que venha de você"); "os lábios tensos e volumosos sempre à espera de serem alimentados"; e "os lábios suaves e arredondados que podem beijar docemente e sugar com ternura".

Além dos lábios, outra região do segmento oral que expressa emoções é a das mandíbulas, que, "frequentemente, são um lugar de raiva contida". Herskowitz (2001, p. 47, tradução nossa) esclareceu que, no estágio de desenvolvimento de um indivíduo, "na época em que os seus braços e as suas pernas ainda são fracos demais para administrar golpes, o poder da musculatura da mandíbula é suficiente para ferir o ofensor".

Assim, se o infante sente raiva, surge, então, o impulso de morder que se manifesta como um tensionamento de sua mandíbula. Caso a raiva e o impulso de morder se associem a

traços defensivos de caráter que impeçam a sua adequada expressão e descarrega, com o passar dos anos, a tensão na mandíbula se torna crônica. Sintomas podem surgir desse processo de repressão da raiva, pois, conforme descreve Herskowitz (2001, p. 47, tradução nossa), “a raiva reprimida contida na musculatura da mandíbula cronicamente tensa é o agente de um ranger de dentes noturno e outros problemas dentários. Quando a tensão é grave, o indivíduo pode desenvolver uma dor crônica de baixo grau nas mandíbulas”.

As emoções contidas no segmento oral, sintetizadas por Baker (1980, p. 77 e 78), incluem “o morder com raiva, o choro de ódio, os gritos, a sucção, e os esgares com a boca”. O encouraçamento pode acarretar um “progressivo fechamento da garganta durante a expiração”, cujo mecanismo, segundo esse autor, remonta aos primerios estágios do engolir, e pode ser traduzido nas seguintes palavras: “têm de fazer descer goela abaixo cada um de seus impulsos”. Ou seja, “engolir” os sentimentos que não puderam ser expressados.

Os sentimentos e emoções reprimidos, contidos na região da boca, podem ser vizualizados em termos de traços de caráter, como o paciente falar “muito pouco ou então desmedidamente, em situações de pressão, podendo inclusive gaguejar”, e, ao mesmo tempo, nas suas expressões faciais, as quais “como um todo devem ser objeto de uma cuidadosa observação”, pois, conforme indicou Baker (1980, p. 77):

> Pode-se observar um risinho idiota, um sorriso sarcástico ou um preciativo contorcer dos lábios. Talvez seja visível um sorriso timidamente amistoso, ou então a boca se mostrará triste, severa ou mesmo cruel. O queixo talvez se apresente frouxo, ou achatado, pálido, sem vida. Poderá estar proeminente, dando uma imagem aguerrida e provocando o enrijecimento da parte inferior da boca, que retém o choro. O queixo tenso provoca uma voz monótona e contida. A garganta contraída faz com que saiam gemidos, uma voz fina e uma respiração rascante. A boca estará seca (de ansiedade) ou então salivando excessivamente (com as necessidades orais insatisfeitas). (BAKER, 1980, p. 77).

Por outro lado, o indivíduo que não apresenta forte encouraçamento nos dois primeiros segmentos, não apresenta em sua face “linhas destacadas de cor ou demarcação de temperatura. A pele (como em todos os segmentos) deve ter uma qualidade vibrante”. Assim, conforme Herskowitz (2001, p. 48 e 49, tradução nossa), “quando o segmento oral está livre do encouraçamento, ele se move suavemente ao fazer caretas, faces bobas ou rostos zangados, e participa com o segmento ocular ao expressar o medo de boca aberta e olhos arregalados”. Além disso, “ele é capaz de morder com força, mas não é cronicamente contraído em um padrão de morder. A voz reflete uma garganta sem tensão, capaz de expressar gritos de medo, fúria trovejante e soluços que chegam até a barriga”. Em síntese, nos indivíduos sem encouraçamento crônico, “o segmento oral é sempre pleno, sério e modulado para expressar as nuances de todos

os sentimentos", pois "sugar é fácil e proporciona prazer e paz. A pele responde a estados emocionais com a cor apropriada. O rosto fica vermelho na expressão de raiva e amor e fica pálido quando o corpo experimenta medo".

Trotta (1996, p. 32) listou as seguintes patologias associadas ao encouraçamento do segmento oral: diversas formas de depressão, de síndromes maníacas e de psicopatologias que estão associados aos conteúdos orais de dependência à figura materna; certas patologias orgânicas tais como a gastrite, a úlcera, a bronquite asmática, as colites, a turberculose, a psoríase e a enxaqueca; certos distúrbios da função sexual, tais como a frigidez, a impotência, a nifomania e o vaginismo; e todas as patologias odontológicas, tais como as cáries, os obcessos, as gengitives e as periodontites.

5.4.10.4 O terceiro segmento: cervical

A couraça do *terceiro* segmento, conforme descrita Reich (1998, p. 445 e 446), "compreende essencialmente a musculatura profunda do pescoço, os músculos platisma e esternocleidomastóideo". Além disso, "a contração espástica do segmento do pescoço inclui também a língua", pois, em termos de anatomia, "a musculatura da língua liga-se ao sistema ósseo cervical, e não aos ossos faciais inferiores". Essa inserção anatômica

> [...] explica porque os espasmos da musculatura da língua estão ligados funcionalmente à compreesão do pomo-de-adão e à contração da musculatura profunda e superficial da garganta. Pelos movimentos do pomo-de-adão, é possível dizer quando o afeto de raiva ou o impulso de chorar de um paciente está sendo inconsciente e literalmente "envolido"." (REICH, 1998, p. 445 e 446).

Mais detalhadamente, conforme a lista realizada por Trotta (1996, p. 32), pode-se dizer que compõem o terceiro segmento as seguintes estruturas: as vértebras cervicais, os músculos do pescoço e de ligação deste com a cabeça e com a cintura escapular, entre eles, o esternocleidomastóideo, os escalenos, os paravertebrais cervicais, os hióideos, o platisma, o trapézio e o elevador da escápula. Além dessas estruturas, estão também inclusos a língua, por causa de sua inserção no osso hióide (uma parte da estrutura óssea cervical), e os componentes da garganta, isto é, a faringe, a laringe, a traqueia, o esôfago, e, também, as glândulas tireóide e paratireóides.

Herskowitz (2001, p. 49, tradução nossa) alertou para o fato de que "a presença dos plexos cervical e bracial, das artérias carótidas, das veias jugulares e do nervo vago, todos em posições relativamente expostas, cria a possibilidade de grave perturbação com a agudização da couraça", o que "exige cautela terapêutica na abordagem desse segmento".

Afim de se compreender, sem dificuldade, a função emocional da couraça do pescoço, basta, conforme afirmou Reich (1998, p. 445 e 446), “imitar o movimento expressivo da atitude de raiva ou de choro”. Herskowitz (2001, p. 49, tradução nossa) complementa a explicação ao afirmar que “a função da couraça no segmento cervical é conter os gritos e os choros e converter a raiva agressiva em resistência teimosa”. Segundo esse último autor, “o segmento cervical é uma das principais áreas do corpo onde a história de espancamentos físicos na infância fica gravada”.

Baker (1980, p. 78) afirma que, como consequência do processo conteção da raiva ou do choro no pescoço, o resultado é “o pescoço duro”, que em termos caracterológicos poderia ser descrito como “a teimosia” e traduzido em palavras como “Eu *não vou* chorar”. Segundo esse autor, “a raiva ou o choro são literalmente engolidos sem que o paciente tenha sequer consciência de o estar fazendo. O medo de ser sufocado provoca um bolo na garganta, encobrindo o desejo de sufocar alguém”.

O ato de engolir o grito ou o choro, conforme Herskowitz (2001, p. 49, tradução nossa), “pode ser facilmente observado quando a laringe sobe e desce”. Caso o paciente não consiga engolir o choro, ele pode reagir de três maneiras, isto é, “pode abrandar a respiração até o ponto em que o impulso desaparece”, ou “pode começar a tossir ou a mordaçar-se”, e, caso ele seja “suficientemente corajoso”, então, ele “gritará ou chorará”.

O choro profundo, no final de sua expressão, é liberado pela garganta. Contudo, ele “tem sua origem na região diafragmática, onde ele se estende para baixo, em direção ao o abdomen e para cima, em direção à garganta e à boca”. Herskowitz (2001, p. 50 e 51, tradução nossa) esclarece que, “apesar da intensidade da dor, que é a fonte do choro, a entrega total ao impulso é gratificante. Há alegria na liberdade de ceder-se ao fluxo energético”. O choro é, também, uma descarga energética, e toda descarga energética é aliviante. Porém, muitos pacientes aprendem a segurar o choro desde a tenra infância, contraindo a musculatura da garganta, o que torna o choro uma expressão dolorosa:

> Por causa do hábito de apertar a garganta contra o som de emoções intensas é, freqüentemente, fisicamente doloroso para os pacientes tentarem gritar. A garganta automaticamente comprime o som emergente; e depois de algumas tentativas, o paciente não pode continuar por causa da dor. Quando a garganta está desencouraçada, então pode-se gritar por longos períodos sem desconforto. A única consequência física pode ser um ligeiro aprofundamento temporário da voz. (HERSKOWITZ, 2001, p. 51, tradução nossa).

Herskowitz (2001, p. 52, tradução nossa), assim como Baker, apontou a teimosia, como “a principal causa do encouraçamento da musculatura cervical posterior”. A couraça, nesse segmento, comunica duas mensagens: 1) “no nível mais profundo, representa a incapacidade

de ceder à raiva que está presente e, no nível mais superficial, diz: 'Você não pode me ferir ou me forçar ainda mais. Eu não cederei.'". Portanto, "para algumas pessoas que são incapazes de se opor ativamente", a couraça, no terceiro segmento, ou seja, o enrijecimento do pescoço, "é o único meio disponível de oposição". Por conta disso, esses autores consideraram que "a couraça cervical é a assinatura da teimosia".

Além da teimosia, o encouraçamento cervical pode representar uma defesa contra o medo da surras, assim como contra a raiva que alguns indivíduos têm por terem sido espancados no período da infância. A propósito dessa questão, Herskowitz (2001, p. 52, tradução nossa) considerou que:

> Indivíduos que foram espancados fisicamente em sua infância, ou aqueles a quem o ambiente administrou uma surra simbólica, aprendem a endurecer-se contra o golpe e contra a sua raiva reativa apertando seus pescoços e tentando reduzir sua área de superfície. Em alguns, isso se torna uma atitude crônica de afastamento e seus pescoços crescem, permanentemente, dessa maneira.

Há, também, "a couraça cervical dos arrogantes - aqueles que tentam tornar a si mesmos elevados". Nesse caso, "a musculatura do pescoço aparece como se esticada, os músculos superficiais, especialmente em pessoas mais velhas, destacam-se sob a pele como cordões tensos de cordas". O entendimento de Herskowitz (2001, p. 52, tradução nossa) sobre o encouraçamento, nesses casos, é:

> A tentativa aqui é criar a maior distância possível entre a cabeça espiritual e o corpo ignorante, especialmente suas partes inferiores impertinentes. Tais pescoços nunca se rendem suavemente, para que as sensações corporais não pervertam o cérebro elevado.

O indivíduo, cujo segmento cervical apresenta-se não encouraçado, "é capaz de chorar, de gritar e de enfurecer-se livremente; os sons vocais são ressonantes e emocionalmente responsivos". Além disso, "o esôfago está livre para participar do reflexo de vômito. O pescoço é capaz de mover-se, coordenadamente e graciosasamente, de forma livre, e participa, de forma harmoniosa, com os movimentos do ombro", de modo que "a palpação do segmento não revela nenhuma tensão muscular incômoda" (HERSKOWITZ, 2001, p. 52, tradução nossa).

Entre os sinais e sintomas de encouraçamento no terceiro segmento encontra-se a tendência e o medo de desmaiar, pois "a constrição crônica no pescoço está relacionada à tendência a desmaiar (devido à pressão sobre as carótidas) e ao medo de desmaiar e de ser sufocado (a sensação física de constrição é convertida em fantasias de sufocamento)". (HERSKOWITZ, 2001, p. 51, tradução nossa).

No indivíduo de estrutura caracterológica compulsiva, a couraça cervical pode estar "centrada não tanto na musculatura profunda da garganta, mas sim nos músculos que controlam

a rotação ou a inclinação da cabeça", pois é comum a essas pessoas manter "a cabeça rigidamente reta", de modo que, quando o terapeuta "tenta virar a cabeça para a direita ou para a esquerda, encontra grande resistência" (HERSKOWITZ, 2001, p. 51, tradução nossa).

Baker (1980, p. 79) listou os seguintes sinais como sendo os principais indicadores da couraça no terceiro segmento: "engolir frequentemente, mudar de voz, respirar com dificuldade, tossir, ter a sensação de um bolo na garganta, além de sufocação (fantasias de felação)".

Dew (1973, *apud* HERSKOWITZ, 2001, p. 51) estabeleceu relação entre o encouraçamento cervical, juntamente com o bloqueio oral, na etiologia do hipertireoidismo.

Trotta (1996, p. 33) listou as seguintes patologias associadas ao encouraçamento do terceiro segmento: as faringites, as laringites, as amigdalites; o acne e outras dermatoses da face e do pescoço; artrose cervical; nevralgia cérvico-branquial; sintomas associados às disfunções da tireóide e paratireóides, os quais podem incluir distúrbios de crescimento, de amadurecimento sexual, no metabolismo de um modo geral, problemas de ossificação e no ciclo sono-vigília.

5.10.4.5 O quarto segmento: torácico

Ao descrever o quarto segmento, Reich (1998, p. 346 e 347) esclareceu que, "embora seja verdade que as funções da couraça desse segmento podem ser subdivididas, é muito mais vantajoso tratar o tórax como um todo". Segundo esse autor, "todos os músculos intercostais, os grandes músculos torácicos (peitorais), os músculos dos ombros (deltóides) e o grupo muscular entre as escápulas estão envolvidos no encouraçamento do tórax".

O segmento torácico, conforme descreve Herskowitz (2001, p. 52 e 53, tradução nossa), "se estende desde abaixo do pescoço até o diafragma". Essa região corporal inclui os músculos "peitoral maior e menor, os deltóides, o serrátil, os intercostais, o trapézio, o latissimus dorsi, os rombóides, o infra-espinhal e outros músculos menores e a fáscia profunda". Esse autor afirmou que, caso fôssemos considerar algum segmento o mais importante de todos – embora uma consideração como esta só pode ser realizada, meramente, como um exercício intelecutal, pois o funcionamento emocional e físico envolve a totalidade do organismo -, "seria o segmento torácico, por duas razões". Primeiro, "porque contém órgãos absolutamente vitais para os processos vitais - o coração e os pulmões" e, segundo, "porque é a principal fonte motora do nível de energia do corpo", de modo que "o encouraçamento nesse segmento afeta a função de todos os outros segmentos".

Além do coração e dos pulmões, estão inclusos no quarto segmento o esôfago – “que é importante porque, aparentemente, é o lugar (possivelmente junto com a extremidade inferior da traquéia) do ‘nó’ no peito e, também, porque participa do reflexo do vômito” (HERSKOWITZ, 2001, p. 52 e 53, tradução nossa) -, o timo, “as mamas e todas as estruturas componentes dos braços e das mãos” (TROTTA, 1996, p. 34).

A propósito da inclusão dos braços e das mãos no quarto segmento, Reich (1998, p. 347), afirmou que “a maioria dos movimentos expressivos emocionais dos braços e das mãos também provém das emoções plasmáticas dos órgãos do tórax. Em termos de biofísica, esses membros são extensões do segmento torácico”.

Reich (1998, p. 349) assinalou que “a couraça torácica constitui uma parte fundamental do encouraçamento muscular geral”. Segundo ele,

> Historicamente, ela pode ser remontada aos momentos de mudança mais decisivos e mais conflituosos da vida da criança, muito provavelmente numa época bastante anterior ao desenvolvimento da couraça pélvica. Por isso, não é de surpreender que, no decurso da dissolução da couraça torácica, encontremos recordações de todo tipo de maus-tratos traumáticos, frustrações amorosas e desapontamentos em relação à pessoa responsável pela educação da criança. (REICH, 1998, p. 349).

Segundo Baker (1980, p. 79), o quarto segmento “é o primeiro segmento a sofrer os bloqueios quando aprende a reter a inspiração e a reduzir a ansiedade. Deste modo, a expiração nunca é completa. O bloqueio pressiona o plexo solar e reduz a excitação do simpático”.

As principais manifestações da couraça torácica incluem “as atitudes de ‘autocontrole’, de ‘ensimesmamento’, de ‘reserva’”. Os “ombros puxados para trás”, afirmou Reich (1998, p. 346 e 347), “expressam precisamente o que mostram – ‘contenção’”.

> Juntamente com a couraça do pescoço, a do tórax transmite a expressão de ‘obstinação’ (*stiffneckedness*) e ‘teimosia’ reprimidas. Quando não está cronicamente encouraçada, a expressão transmitida pelo movimento do quarto segmento é a de ‘sentimentos que fluem livremente’. Quando encouraçada, ela é de ‘imobilidade’ ou ‘indiferença’. (REICH, 1998, p. 346 e 347).

Além dessas manifestações, Reich (1998, p. 346) notou que a couraça torácica manifesta-se, também, “pela elevação da estrutura óssea, por uma atitude crônica de inspiração, por respiração superficial e pela imobilidade do tórax”. Vale lembrar que “a atitude de inspiração é o instrumento mais importante para a repressão de *qualquer* tipo de emoção”. Conjuntamente a esse aspecto da couraça torácica, ela “é particularmente decisiva não só porque representa uma parte importante da couraça do organismo em geral, mas também porque os sintomas biopáticos têm um caráter particularmente perigoso nessa região”.

Herskowitz (2001, p. 53, tradução nossa) ressalta que “todos os pacientes que chegam à terapia apresentam algum grau de encouraçamento do segmento torácico”. Em certos pacientes, “o peito pode estar petrificado de anos de restrição”; em outros, “a única dificuldade pode estar na amplitude ou completude das excursões respiratórias”.

Como um exercício intelectual hipotético, esse autor afirmou que “o fato de que todo paciente tenha um peito encouraçado não implica, entretanto, que um tórax desencouraçado seja equivalente a saúde”, pois seria possível, ao menos, teoricamente, “que o tórax não esteja encouraçado, e que a couraça esteja presente em outros segmentos, particularmente, nos inferiores”. Contudo, no funcionamento real do organismo humano, “tal hipótese é improvável de ocorrer por causa da dinâmica da couraça no peito, isto é, se há encouraçamento em outro segmento, é provável que o peito também esteja encouraçado para diminuir o impulso energético contra esse outro segmento” (HERSKOWITZ, 2001, p. 53, tradução nossa).

O encouraçamento no quarto segmento cumpre um papel de reduzir a carga energética na expressão emocional, freando impulsos que se originam, também, em outras partes do organismo. Por conta disso, é comum que o encouraçamento de outros segmentos estejam funcionalmente associados ao encouraçamento do quarto segmento. A esse propósito, Herskowitz (2001, p. 53, tradução nossa) afirmou, mais detalhadamente, que:

> Para onde quer que haja encouraçamento em outras partes do corpo, o segmento do tórax vem em auxílio dessa couraça reduzindo a intensidade da carga energética, atenuando assim a dor. Se alguém reprime um grito, o peito encouraçado ajuda nesse processo ao frear o nível geral de energia, tornando menos provável que alguém sinta vontade de gritar. (HERSKOWITZ, 2001, p. 53, tradução nossa).

Esse processo de contenção respiratória, como mecanismo de inibição dos impulsos, tem seu início em fases precoces do desenvolvimento humano, iniciando no período neo-natal. Segundo estudo de Margaret Ribble (1994, *apud* HERSKOWITZ, 2001, p. 53, tradução nossa), “se o recém-nascido saudável é submetido a longas separações de sua mãe, como em um hospital americano típico, há ‘tensão muscular crescente e persistente e essa tensão crescente é acompanhada por respiração inadequada’”.

Sobre o mecancismo defensivo central da couraça torácica, Herskowitz (2001, p. 54, tradução nossa) afirmou que, “ao reduzir o nível de energia, a couraça no peito torna toda a dor menos aguda, todos os conflitos menos tensos”, de modo que, “situações insuportáveis tendem a se tornar mais toleráveis”. Acerca do início desse processo no período ainda em que as crianças são bebês, esse autor esclareceu que:

> A couraça torácica começa no início da infância, quando o neonato descobre as propriedades de alívio da tensão da inspiração profunda, seguidas da

> expiração incompleta. Mais tarde, na idade em que objetos de medo podem ser reconhecidos, a criança reage com a inspiração profunda da respiração, que se torna parte da reação patognomônica ao medo. Em uma sociedade em que as necessidades de bebês e crianças são tão mal atendidas, em que a submissão é tão valorizada, a prevalência de couraça não é surpresa. (HERSKOWITZ, 2001, p. 54, tradução nossa).

Ao inibir a respiração, a fim de diminuir o sofrimento, ou seja, ao controlar a sua respiração impedindo que esta ocorra naturalmente, a criança "está tentando estabelecer um modus vivendi". Alguma sensação do corpo, afirma Herskowitz (2001, p. 57, tradução nossa), "está ciente de que, em face da dor insuportável, prender a respiração o máximo de tempo possível bloqueará a dor". Em outros termos, "a receita para diminuir a dor não é tão dramática, basta, apenas, impedir que a expiração se conclua".

Associada à sua função de inibição de energia, "a couraça do peito também reprime as expressões mais fortes de amor, raiva, tristeza e saudade, assim como o medo" (HERSKOWITZ, 2001, p. 54, tradução nossa). Reich (1998, p. 347) afirmou que "a 'raiva furiosa', o 'choro sincero', o 'soluço' e a 'saudade insuportável' são essencialmente emoções que têm origem no segmento do tórax", por isso que "essas emoções naturais são estranhas ao organismo encouraçado". Segundo esse último autor, "a raiva de uma pessoa encouraçada é 'fria'; ela considera o choro 'infantil', 'não masculino' e como 'falta de caráter'; considera a saudade 'efeminada', sinal de um 'caráter fraco'".

O riso, segundo Baker (1980, p. 81), "parece originar-se do peito e é a menos compreensível das expressões emocionais". Esse autor afirmou que, exceto o homem, "os animais não riem". Sobre a relação entre o riso e o choro, esse autor afirmou que:

> Em princípio, o riso é uma manifestação de alegria, mas parece ser resposta a qualquer excitação acima do nível de tolerância. O riso e o choro podem acontecer ao invés de qualquer outra emoção, bem como um no lugar do outro, além de cumprirem com suas funções elementares. O choro natural é o resultado de uma necessidade; na qualidade de reação secundária, é um veículo socialmente mais aceitável do que emoções como a raiva. (BAKER, 1980, p. 81).

Herskowitz (2001, p. 55, tradução nossa) afirmou que "a expressão completa de qualquer emoção profunda é acompanhada pelas mesmas amplas excursões do peito". Assim, na expressão da saudade, "o peito fica pulsante", "durante a raiva, ele arfa" e "convulsiona em ondas quando se soluça". Por outro lado, "quando essas emoções precisam ser reprimidas, ele se mantém rígido o quanto for possível", ou seja, "a raiva em chamas", que foi contida, "é caracterizada pelo peito arfante, a ira fria é descrita pelo tórax rígido, o exterior tenso e em ordem, mas com o fogo ardendo no interior".

A função central da couraça no peito, como inibidora de energia e como contenção das emoções profundas, segundo Herskowitz (2001, p. 55, tradução nossa), "é a razão pela qual a respiração figura tão predominantemente na orgonoterapia psiquiátrica", pois "a respiração livre e aberta, ao aumentar a pressão energética, energiza o corpo e acentua as áreas de couraça, chamando-as para a ação".

A perturbação da função respiratória pode ocorrer "em suas fases inspiratória ou expiratória". Em alguns casos, "nos indivíduos que respiram muito superficialmente, a inibição para expirar pode não ficar aparente até que a fase inspiratória seja aumentada". A razão para isso, conforme Herskowitz (2001, p. 56, tradução nossa), "é que, com uma respiração mínima, não há motivo para a inibição. Então, com pouco oxigênio absorvido, os fogos queimam tão baixo que nada é despertado; há, somente, energia suficiente para manter a existência". Contudo, "assim que se solicita ao paciente a respirar mais profundamente, uma distorção acentuada aparece na fase expiratória".

A partir de uma perspectiva terapêutica, a respiração desinibida, a qual é profunda e completa nas suas fases inspiratória e expiratória, diz respeito tanto ao aspecto mais estrito, que se refere à sua função energizadora, isto é, de aumento na carga energética na expressão dos impulsos, quanto ao seu aspecto mais amplo, que se refere à liberação do fluxo energético aos segmentos inferiores, em direção ao segmento pélvico. A propósito do segundo aspecto, Herskowitz (2001, p. 57, tradução nossa) considerou mais detalhadamente que:

> A visão mais ampla incorpora a percepção de que, com a expiração totalmente livre, surge um impulso energético que, se for desimpedido, flui pelo abdômen e é percebido nos genitais. Este último aspecto não tem conexão direta com a função vegetativa básica (oxigenação) da respiração. É a razão pela qual os indivíduos se protegem contra a respiração livre em segmentos abaixo do peito. À medida que o encouraçamento do peito diminui na terapia, o encouraçametno nos segmentos inferiores aumenta para afastar as sensações da energia que provoca ansiedade enquanto ela se dirige aos genitais. (HERSKOWITZ, 2001, p. 57, tradução nossa).

As funções de inspiração e de expiração da respiração, também, relacionam o indivíduo ao seu mundo, pois, "em profunda inspiração, nós introjetamos o mundo, em um sentido quase literal" e, "em plena expiração nos abandonamos a um fluxo cósmico". Assim, "na medida em que temos medo da vida ou medo de outras pessoas, não podemos arriscar a respiração livre" (HERSKOWITZ, 2001, p. 57 e 58, tradução nossa).

O quarto segmento não se restringe à função respiratória, ele também "inclui a atividade muscular da cintura escapular e dos membros superiores". Segundo Herskowitz (2001, p. 58, tradução nossa), "a principal função da encouraçamento da cintura escapular é ativar a armadura defensiva da escápula, da clavícula e da musculatura do ombro". Em face dos sentimentos de

“medo ou ansiedade, uma pessoa tende a comprimir a musculatura dorsal e a levantar os ombros, como se fosse afastar golpes por trás e proteger o pescoço”.

Segundo Herskowitz (2001, p. 58, tradução nossa), “a couraça da musculatura dos membros superiores envolve a inibição da agressão ou dos gestos de ternura e de desejo”. A propósito do encouraçamento dos braços e das mãos, Reich (1998, p. 348) afirmou mais detalhadamente que:

> A inibição dos órgãos internos do peito acarreta geralmente uma inibição dos movimentos dos braços que expressam ‘desejo’, ‘abraço’ ou ‘busca de alguma coisa’. Esses pacientes não estão *mecanicamente* incapacitados; podem mover os braços muito bem. *Mas assim que o movimento dos braços se associa ao movimento expressivo de anseio ou desejo a inibição se instala*. Por vezes, essa inibição é tão forte que as mãos, e em especial as pontas dos dedos, perdem a carga orgonótica, ficam frias e pegajosas e, por vezes, muito doloridas. É bastante provável que a gangrena das pontas dos dedos de Raynaud se baseie nessa anorgonia específica. Em muitos casos, é simplesmente um impulso de estrangular que está encouraçado nas escápulas e nas mãos, e é responsável pela constrição vasomotora nas pontas dos dedos. (REICH, 1998, p. 348).

Assim, “com o bloqueio pronunciado de energia nas extremidades, como na couraça torácica que acompanha a ansiedade, as mãos ficam frias e úmidas com suor frio”. Herskowitz (2001, p. 59, tradução nossa) considerou que “este efeito é tão pronunciado que se tornou um sinal para detectar ansiedade”.

Não somente os movimentos dos ombros e dos braços revelam a agressividade inibida, como, também, os “movimentos tensos dos dedos, como dedos constantemente batucando e tilintando ou mãos inquietas”. Herskowitz (2001, p. 59, tradução nossa) esclarece que, “assim como a expressão de ódio e de raiva é inibida nas mãos e nos dedos, assim, também é a manifestação de ternura”, pois “existem pessoas cujo toque é tão grosseiro quanto um latido áspero”, e que “são incapazes de perceber ternamente através das pontas dos dedos ou de transmitir sensibilidade”.

Outra função da couraça na musculatura paravertebral (os músculos ao longo da coluna), nos segmentos torácicos e nos segmentos inferiores, conforme afirma Herskowitz (2001, p. 59, tradução nossa), é “converter a raiva em rancor”, de forma que, “de um modo menos intenso, a couraça desses mesmos músculos acompanha o afastamento interpessoal”.

Um dos sinais marcantes do encouraçamento torácico, conforme observou Reich (1998, p. 349), é a “exagerada sensibilidade às cócegas” nos múculos interscotais. Segundo esse autor, “o fato de essa sensibilidade não ser simplesmente uma ‘aversão às cócegas’ e, sim, um aumento biopático da excitabilidade evidencia-se com seu desaparecimento quando a couraça é dissolvida”. Além das “cócegas a qualquer grau acentuado” e da “irritabilidade ao toque na

região torácica", Herskowitz (2001, p. 59 e 60, tradução nossa), listou outros sinais de encouraçamento no quarto segmento:

> O encouraçamento do segmento torácico pode se evidenciar no tom da pele, nas mudanças de cor, nas mudanças de temperatura, na sensibilidade da pele e na sensibilidade dos tecidos nessa região corporal. A sensibilidade das mamas femininas é, evidentemente, mais significativa do que a sensibilidade da área peitoral masculina. O encouraçamento da respiração pode ser observada visualmente. A tensão anormal na área paraespinhal e do ombro pode ser percebida por palpação e por observação do comportamento anormal. O encouraçamento que afeta os usos agressivos dos membros superiores é eliciado quando o paciente tenta perfurar, apertar, estrangular ou arranhar. (HERSKOWITZ, 2001, p. 59 e 60, tradução nossa).

Sobre o encouraçamento do quarto segmento nas mulheres, Baker (1980, p. 81) afirmou que "as mulheres com couraça neste segmento têm seios insensíveis e lhes desagrada amamentar".

Uma das manifestações mais agudas do encouraçamento no tórax, conforme Herskowitz (2001, p. 54, tradução nossa), é a síndrome de angústia. Esse autor afirmou que nesse caso, "não só o terapeuta vê o peito preso com medo de expor a emoção reprimida, mas o paciente também percebe a couraça e a lista entre seus sintomas". Os pacientes expressam em frases o que sentem no tórax: "Eu não consigo recuperar o fôlego", "Eu tenho um nó no meu peito" e "Meu peito parece ter um peso".

Além do adoecimento emocional, o encouraçamento torácico, quando crônico, pode vir a se tornar uma pré-condição para diversos adoecimentos orgânicos, em especial, cardiopatias e os pneumopatias. Sobre isso, Reich (1998, p. 347) forneceu a seguinte arguição:

> A expansão crônica do tórax acompanha a tendência para a hipertensão, palpitações e angústia; em casos graves, de longa duração, há também tendência para hipertrofia do coração. Vários distúrbios cardíacos resultam diretamente dessa expansão, ou indiretamente, a partir da síndrome de angústia. O enfisema pulmonar é resultado direto da expansão crônica da cavidade torácica. Estou inclinado a acreditar que se deve encontrar também aqui a predisposição para a pneumonia e a tuberculose. (REICH, 1998, p. 347).

A asma, conforme Baker (1980, p. 80), "é uma condição altamente frequente nos casos de couraça do peito, pois há uma super-excitação do parassimpático para superar a contração simpática". Segundo esse autor, "o paciente assume uma fachada calma e corajosa para encobrir sua profunda ansiedade. Em outras palavras, recusa-se a sentir-se ansioso".

Herskowitz (2001, p. 54, tradução nossa) listou uma série de distúrbios do aparelho respiratório, tais como "o enfisema, a asma brônquica, a bronquite crônica, a doença pulmonar obstrutiva crônica, o carcinoma broncogênico", que "estão associados a configurações específicas de couraça torácica".

Entre outras patologias associadas ao encouraçamento do quarto segmento, Trotta (1996, p. 35) listou as seguintes: angina pectoris; enfarte do miocárdio; insuficiência cardíaca; “neurose cardíaca”; nevralgia braquial; artroses e doenças reumáticas dos braços e das mãos; mastites; displasias e tumores da glândula mamária.

O peito livre de encouraçamento, segundo Herskowitz (2001, p. 60, tradução nossa), “apresenta-se macio e vivo”, pois ele “está livre de qualquer tensão na base da expiração”, de modo que “os ombros se movem suavemente para a frente em uma expressão de ceder enquanto o pescoço e a cabeça se flexionam para trás suavemente e sutilmente”.

Reich (1998, p. 349) afirmou que, “essencialmente, a função da entrega está ligada ao movimento plasmático dos segmentos do peito e do pescoço”, de modo que “não se pode pensar em estabelecer a potência orgástica enquanto a couraça torácica não tiver sido dissolvida, e as emoções de raiva, desejo e tristeza genuína não forem liberadas”.

5.10.4.6 O quinto segmento: diafragmático

Reich (1998, p. 349) afirmou que “o segmento que compreende o diafragma e os órgãos abaixo dele é, em termos de função, independente do segmento do tórax”. Essa independência funcional, segundo esse autor, pode ser confirmada “pelo fato de que o bloqueio do diafragma permanece inalterado, mesmo após a dissolução da couraça torácica e a irrupção da raiva e das lágrimas”.

O segmento diafragmático, conforme Herskowitz (2001, p. 60, tradução nossa), “ocupa a região do corpo entre a cavidade torácica superiormente e a cavidade abdominal inferiormente”. Reich (1998, p. 350) descreveu, assim, esse segmento:

> O quinto segmento de couraça forma um anel de contração que se estende desde o epigástrio e a parte inferior do esterno, seguindo ao longo das costelas inferiores em direção às inserções posteriores do diafragma, isto é, às décima, décima primeira e décima segunda vértebras torácicas. Compreende essencialmente o diafragma, o estômago, o plexo solar, o pâncreas, o fígado e dois feixes de músculos salientes que se estendem ao longo das vértebras torácicas inferiores.

Esse segmento, segundo Herskowitz (2001, p. 60, tradução nossa), “encontra-se em estreita associação com o pericárdio”. Além dos órgãos e das estruturas anatômicas citados por Reich, Trotta (1996, p. 36) listou, como inclusos no quinto segmento, o duodeno, a vesícula biliar, os rins, as glândulas supra-renais, o baço e os “diversos músculos da região tóraco-lombar e do abdômen (paravertebrais, grande dorsal, oblíquos, transverso, reto abdominal, psoas, quadrado lombar etc.)”.

Em relação às funções fisiológicas, Herskowitz (2001, p. 60, tradução nossa) afirmou que “o diafragma é usado em todos os esforços expulsivos, seja espirrando, chorando, tossindo, rindo, vomitando, excretando fezes ou urina ou expulsando o feto do útero”. Segundo esse autor, “é evidente, pela descrição desses atos expulsivos, que as energias do diafragma podem ser empregadas para cima, até a extremidade cefálica, ou para baixo, até a extremidade caudal”.

Essa dupla direção do fluxo energético – para cima e para baixo do diafragma -, pode ser observada em bebês, pois, conforme Reich (1998, p. 357), “nas cólicas das crianas pequenas, o vômito é acompanhado de diarréia”. Segundo Herskowitz (2001, p. 60, tradução nossa), a mesma livre descarga do diafragma pode ser observada, na terapia, “quando o paciente vomita impulsivamente e passa a flatular”.

Por conta disso, Baker (1980, p. 82), comparou o diafragma “a uma elevação de terra, dividindo o corpo humano em parte superior e inferior. Acima deste, a expressão tem rumo ascendente, para os olhos, boca, braços. Abaixo, a expressão se dá através da pelve”. O fato dos conteúdos estomacais serem expelidos em ambas as direções corrobora essa compreensão acerca da dupla direção de fluxo do diafragma.

Herskowitz (2001, p. 60 e 61, tradução nossa) afirmou que “a relação íntima do diafragma com o coração e com uma porção das vísceras abdominais” poderia, por si só, “indicar que o encouraçamento, nesse segmento, seria acompanhado por uma série de distúrbios orgânicos”, contudo, de um modo geral, “a prática clínica confirma isso”. De acordo com esse autor, a expressão emocional do segmento diafragmático, quando encouraçado, indica repulsa e raiva anal:

> O diafragma apontado para a cabeça está associado ao vômito; e o vômito é uma expressão fisiológica de repulsa ("não posso digerir isso"). O diafragma posicionado para descarga na extremidade caudal, como na diarréia, está obviamente relacionado à raiva em um nível anal. Portanto, não é de surpreender que o encouraçamento do diafragma possa conter raiva explosiva que remotam aos períodos infantis. (HERSKOWITZ, 2001, p. 60 e 61, tradução nossa).

O encouraçamento no segmento diafragmático, segundo Herskowitz (2001, p. 61, tradução nossa), “é revelado na prisão da respiração na parte inferior da expiração e no inchaço do abdomen com a expiração”. A manifestação evidente da couraça, nesse segmento, conforme apontou Reich (1998, p. 350), “é a lordose da coluna vertebral. Geralmente o terapeuta consegue colocar a mão entre as costas do paciente e o divã. O rebordo costal anterior projeta-se para frente e para fora. É difícil, se não impossível, dobrar a coluna para frente”. Em relação a isso, Herskowitz (2001, p. 61, tradução nossa) considerou que “a tensão muscular responsável

pela lordose é revelada na hipersensibilidade do paciente à palpação profunda e na rigidez dos músculos das costas".

A hipersensibilidade nos segmentos abdominal e pélvico, conforme Herskowitz (2001, p. 62, tradução nossa), "está claramente relacionada à incapacidade de tolerar a sensação sexual; obtêm-se isso quando se prende a respiração e se tensiona cronicamente o diafragma". Ou seja, segundo Reich (1998, p. 351), "o organismo defende-se contra as sensações de prazer ou de angústia que inevitavelmente são acarretadas pelo movimento do diafragma", o que nos permite compreender "por que é tão forte a resistência à pulsação plena do diafragma".

Na orgonoterapia, segundo Herskowitz (2001, p. 62, tradução nossa), "quando se estimula o diafragma para a condição desencouraçada", possibilitando ao paciente respirar, profundamente, sem trancar o fluxo de excitação para a pélve, "ele passa a poder tolerar as sensações sexuais. Por outro lado, com o diafragma encouraçado, ele interrompe o fluxo sexual, mas sente uma irritabilidade e uma tensão reflexa (um análogo da ansiedade)".

A maior função do encouraçamento diafragmático, conforme afirmou Herskowitz (2001, p. 62 e 63, tradução nossa), "é prender a energia que seria intolerável ao sujeito caso fosse percebida e vivenciada". Desse modo, um diafragma encouraçado pode servir tanto para restringir a expressão da raiva profunda, como "também pode limitar o choro a um nível tolerável". Contudo, ao contrabalancear os impulsos de ansiedade e os sexuais, o diafragma desempenha um papel crítico. Como que ele faz isso?

> Um exame da anatomia funcional da área fornece uma resposta plausível. Primeiro, o diafragma é um músculo forte. Já vimos como, quando o diafragma funciona sem tensão, é caracterizado por respostas propulsivas (espirros, vômitos, diarréia). Por outro lado, quando é tenso, constitui um feixe de tensão bastante poderoso. Segundo, ele está perto do plexo solar, o maior plexo nervoso do simpático. Por causa da proliferação de órgãos abaixo do diafragma, uma tremenda energia flui nesta área. Dado um sistema que descarrega uma grande quantidade de energia (o plexo solar) e um sistema capaz de bloquear uma grande quantidade de energia (o diafragma), a capacidade do segmento diafragmático de liberar ou inibir o fluxo de energia para segmentos inferiores é compreensível. (HERSKOWITZ, 2001, p. 62, tradução nossa).

Herskowitz (2001, p. 61, tradução nossa) afirmou que a singularidade do segmento diafragmático na terapia "não se refere às emoções que estão contidas quando ocorre o encouraçamento desse segmento, mas o que acontece quando ele, juntamente aos segmentos acima dele, estão livres da couraça". Nesse sentido, Reich (1998, p. 351) afirmou que, diferentemente dos primeiros quatro segmentos superiores, em que "a linguagem corporal traduz-se facilmente para a linguagem verbal, e o movimento expressivo é *imediatamente* inteligível", quando se trabalha com o segmento diafragmático, "a situação é mais complicada",

pois, "*assim que a couraça do segmento do diafragma é dissolvida, já não temos mais condições de traduzir a linguagem do movimento para a linguagem verbal*". Esse é o ponto em que se começa a sair da esfera psíquica e a entrar na esfera mais profunda do funcionamento biológico.

A liberação do segmento diafragmático da couraça pode ser alcançada, segundo Reich (1998, p. 356), "fazendo o paciente liberar, repetidas vezes, o reflexo do vômito, enquanto lhe ordenamos rigorosamente não suspender a respiração durante o esforço para vomitar, e sim continuar a inspirar e a expirar energeticamente". Assim, "a liberação repetida desse reflexo leva, inevitavelmente, à dissolução da couraça do diafragma". Contudo, há uma pré-condição antes de se trabalhar o diafragma, "a couraça dos segmentos superiores deve ter sido dissolvida *antes*, isto é, as correntes orgonóticas nas regiões da cabeça, pescoço e tórax devem estar funcionando livremente".

Há uma íntima relação entre o reflexo do vômito e a sua manifestação em termos convulsivos, com o reflexo do orgasmo, que também se manifesta convulsivamente. A liberação do reflexo do vômito e a consequente dissolução da couraça diafragmática são pré-condições para a posterior liberação do reflexo do orgasmo, envolvendo uma convulsão total do organismo, enquanto o primeiro, envolve a convulsão apenas da parte superior do tronco, sem incluir a pelve. Ambos os reflexos, o do vômito e o do orgasmo, quando liberados, expressam o movimento ondulatório, céfalo-caudal, da energia orgone no organismo e os seus bloqueios, evidenciam a perturbação na função de pulsação orgonótica causada pela couraça.

Vejamos com mais detalhes as descrições relativas ao reflexo do vômito e ao ato de vomitar, as quais são necessárias para a compreender a função biofísica do encouraçamento desse segmento e, também, são relevantes para a compreensão da expressão do reflexo do orgasmo, cuja liberação constitui-se na meta terapêutica ideal da orgonoterapia.

O ato de vomitar, segundo Reich (1998, p. 357), "é um movimento expressivo biológico, cuja função realiza precisamente o que ele 'expressa': *expulsão convulsiva de conteúdos do corpo*". Ele está baseado "num movimento peristáltico do estômago e do esôfago, numa direção *contrária* à de sua função normal, ou seja, *em direção à boca*". Esse autor descreveu o reflexo do vômito da seguinte maneira:

> O vômito é acompanhado de uma convulsão do tronco, uma rápida curvatura do epigástrio, com as extremidades da cabeça *e* da pelve *lançando-se para a frente*. [...] . *Em termos de energia, fortes ondas de excitação correm do centro do corpo para cima, em direção à boca, e para baixo, em direção ao ânus.* A expressão emocional nesse caso fala em linguagem tão elementar que não pode haver dúvidas da profunda natureza biológica dessa linguagem. Trata-se simplesmente de entendê-la. (REICH, 1998, p. 357).

Complementando a descrição anterior, Reich (1998, p. 356) afirmou que, "*assim que o diafragma se expanda e se contraia livremente, isto é, que a respiração funciona de forma plena e espontânea, o tronco se esforça, a cada expiração, por se dobrar na região do abdome superior*". Portanto, pode-se dizer que, no reflexo do vômito, *"a extremidade cefálica faz um esforço para a frente, em direção à extremidade pélvica.* A parte média superior do abdome encolhe-se".

Reich (1998, p. 357) afirmou que "o movimento total que acomete o tronco durante o vômito é, do ponto de vista puramente fisiológico (não emocional), o mesmo que o do reflexo do orgasmo". Esse autor constatou a relação entre os dois reflexos, o do vômito e o do orgasmo, a partir dos seus resultados clínicos, ao observar as reações de seus pacientes, após a dissolução da couraça diafragmática. Para ele,

> [...] a dissolução do bloqueio do diafragma suscita, com certeza, as primeiras convulsões do tronco que subsequentemente se desenvolvem no reflexo completo do orgasmo. Essas convulsões são acompanhadas por expiração profunda e por uma onda de excitação que se propaga para cima, começando na região do diafragma e indo para a cabeça, e para baixo, em direção aos genitais. Sabemos que a dissolução dos segmentos superiores da couraça é uma pré-condição indispensável para se liberar a convulsão total do tronco. (REICH, 1998, p. 357).

Contudo, quando se libera o diafragma, mas, os segmentos abaixo do diafragma, o abdômen e a pelve, encontram-se, ainda, encouraçados, a excitação liberada, apesar de seguir seu fluxo em direção aos genitais, não consegue atingir a pelve, pois, "no movimento da onda de excitação em direção à pelve, a excitação orgonótica invarialmente encontra um bloqueio no meio do abdome. Ou o meio do abdome se contrai de forma nítida e rápida, ou a pelve se move para trás e fica contraída nessa posiçao" (REICH, 1998, p. 358).

Herskowitz (2001, p. 63, tradução nossa) listou os seguintes sinais do encouraçamento no segmento diafragmático: a "incapacidade de respirar até a completa finalização da expiração"; o "inchaço do abdômen na expiração"; a "incapacidade de vomitar com o reflexo do vômito"; a "lordose da coluna"; as "cócegas excessivas na região diafragmática"; o "choro espasmódico"; os atos de "segurar e prender esta região ao expressar a raiva"; e, também, a "incapacidade de perceber a sensação de prazer nas áreas subdiafragmáticas do corpo, com uma respiração plena e livre".

Baker (1980, p. 83) listou os seguintes sintomas e patologias associados ao encouraçamento do quinto segmento: os "distúrbios nervosos do estômago"; as "náuseas mais ou menos constantes com incapacidade de vomitar"; a "úlcera péptica"; os "distúrbios da vesícula biliar"; e os problemas hepáticos e o diabetes. Segundo esse autor, "os órgãos

abdominais mais importantes localizam-se na altura do diafragma e o bloqueio desta área provoca muitos distúrbios psicossomáticos".

Trotta (1996, p. 37) listou, entre outros, os seguintes sintomas e patologias associados ao encouraçamento no quinto segmento: a "pancreatite"; a "insuficiência pancreática"; a "congestão hepato-biliar"; "diversas hepatopatias"; os "cálculos de vesícula"; a "insuficiência supra-renal (Addison)"; a "hiperfunção supra-renal (Cushing)"; o "piloro-espasmo"; a "obesidade"; a "neurose de angústia'; a "insuficiência renal"; e os "cálculos renais".

5.10.4.7 O sexto segmento: abdominal

Ao descrever "o *sexto* anel da couraça de funcionamento independente", Reich (1998, p. 358) reportou-se à "contração no meio do abdome", que funciona como uma barreira contra o fluxo da excitação em direção à pelve, observada, por ele, após a dissolução da couraça diafragmática. Esse autor descreveu a couraça abdominal nos seguintes termos:

> O espasmo do grande músculo abdominal (retos abdominais) é acompanhado por uma contração espástica dos dois músculos laterais (transversos abdominais), que vão das costelas inferiores até a margem superior da pelve. Estes músculos podem ser facilmente palpados como cordões musculares rijos e dolorosos. Nas costas, esse segmento corresponde às porções inferiores dos músculos que correm ao longo da coluna (grande dorsal, eretor da espinha etc.). Esses músculos também são claramente sentidos como cordões rijos e dolorosos (REICH, 1998, p. 358).

Herskowitz (2001, p. 63, tradução nossa) forneceu uma descrição mais detalhada sobre as estruturas anatômicas que compõem o sexto segmento, a qual foi assim exposta:

> O segmento abdominal se estende da região à baixo do diafragma até a borda da pélvis. A musculatura inclui os músculos oblíquos externos e suas aponeuroses, os músculos oblíquos internos, o transverso abdominal e o reto abdominal, todos localizados anteriormente e lateralmente; os músculos sacroespinhal, quadrado lombar e psoas maior e menor, localizados posteriormente. O segmento abdominal contém a maior porção dos intestinos, as bordas inferiores dos rins, os ureteres e as porções do útero e da bexiga urinária.

Trotta (1999, p. 46) afirmou que o segmento abdominal "é o segmento da couraça mais puramente ligado ao sentimento de medo". Além disso, esse autor esclareceu que "a parte superior do rim situa-se no segmento diafragmático e a parte inferior no segmento abdominal", levando-se em consideração "a sua [do rim] forte vinculação com o medo, podemos considerá-lo funcionalmente mais ligado ao sexto segmento". Devido ao fato da região do umbigo guardar memórias ligadas à vida intra-uterina, o sexto segmento "está ligado a sentimentos muito primitivos".

A relação do sexto segmento com o medo também foi descrita por Herskowitz (2001, p. 63, tradução nossa),

> As pessoas seguram o abdômen apertado, principalmente, pelo medo. Quando a couraça abdominal é atacada, o medo é a primeira emoção que aparece, depois aparece a raiva, sempre coberta pelo medo. As duas áreas onde residem o medo da agressão física são a nuca (da apreensão de um possível golpe na cabeça) e o abdome (da apreensão no ventre).

Ainda que "em menor grau, o medo de um ataque físico também resida, posteriormente, na musculatura lombar", Herskowitz (2001, p. 63 e 64, tradução nossa) afirma que "a expressão comum dos músculos da lombar encouraçados é a tensão de resentimento". Segundo esse autor, "o resentimento contido na couraça do ombro e pescoço excede a do segmento abdominal". Além disso, "freqüentemente ocorre tensão na região do flanco naqueles que estão relativamente desarmados, mas não tiveram a oportunidade de uma descarrega genital, por um longo período de tempo". É comum essa tensão desaparecer "quando as necessidades sexuais são satisfeitas".

A couraça abdominal pode ser reconhecida, conforme listou Herskowitz (2001, p. 64, tradução nossa): "quando há demarcações de temperatura ou de cor sobre a superfície da área"; "quando há tensão muscular superficial ou profunda na região"; "quando o abdômen bloqueia a onda de excitação que se origina no segmento diafragmático quando a excitação da respiração se move em direção a pélve"; "quando há excesso de cócegas na musculatura do flanco"; ou "quando há alguma doença somática no segmento que reflete a couraça".

Entre sintomas e patologias associadas ao encouraçamento do sexto segmento, Trotta (1996, p. 38 e 39) listou: "diarréias, prisão de ventre, colites, diverticulites, obstruções, ascite, hérnias, lombalgias etc.".

Reich (1998, p. 358) considerou que "o afrouxamento do sexto segmento de couraça é mais simples do que o de todos os outros segmentos. Depois de dissolvido, é fácil abordar a couraça do *sétimo* e último segmento, a *couraça pélvica*".

5.10.4.8 O sétimo segmento: pélvico

O sétimo e último segmento, o pélvico, compreende todas as estruturas do baixo ventre e da cintura pélvica, incluindo, também, os membros inferiores. Mais especificamente, Trotta (1996, p. 39) listou as seguintes estruturas: os "órgãos genitais (pênis, vagina, útero, próstata, testículos, ovários e seus anexos), bexiga, uretra, ampola retal, ânus, região sacra, músculos do diafragma pélvico e todas as estruturas componentes dos membros inferiores".

No encouraçamento deste segmento, a maioria da musculatura pélvica está envolvida. Contudo Herskowitz (2001, p. 64, tradução nossa) afirmou que "entre os músculos mais freqüentemente envolvidos estão o elevador do ânus, os esfíncteres anais, o bulbocavernoso, o isquiocavernoso (que regula a ereção do pênis e do clitóris), os músculos glúteos e os adutores da coxa". Sobre o encouraçamento dos músculos da pelve, Reich (1998, p. 358) afirmou que:

> Na maioria dos casos, a couraça pélvica compreende quase todos os músculos da pelve. Toda a pelve está retraída. O músculo abdominal acima da sínfise fica dolorido. O mesmo acontece com os adutores da coxa, tanto os da superfície como os mais profundos. O músculo do esfíncter anal está contraído, por isso o ânus se retrai. Ao se contraírem os músculos glúteos voluntariamente se entenderá porque estes estão doloridos. A pelve está 'morta' sem expressão. Essa 'inexpressividade' é a 'expressão' da assexualidade. Emocionalmente, não se sentem quaisquer sensações ou excitações.

A principal função do encouraçamento no segmento pélvico, conforme Herskowitz (2001, p. 65, tradução nossa), "é evitar a completa sensação do fluxo de energia para os genitais". Ao atingir este objetivo, além das tensões e contrações na musculatura pélvica descritas por Reich, Herskowitz (2001, p. 65, tradução nossa), também, indicou que

> As nádegas estão tensas e muitas vezes frias. Os adutores da coxa estão tensos, tendendo a manter as pernas juntas. O assoalho pélvico é empenado para cima. O pênis inclina-se para uma coloração azulada cianótica em alguns casos; e, embora, não se inspecione a mucosa vaginal em terapia, há uma alta probabilidade de uma tendência similar em algumas mulheres.

Em decorrência do encouraçamento no sétimo segmento, conforme indicou Reich (1998, p. 358 e 359), "há uma 'angústia pélvica' e uma 'raiva pélvica' específicas", pois "a couraça pélvica é igual à dos ombros, uma vez que também mantém ligados em si impulsos de raiva e de angústia". O mecanismo básico de conversão dos impulsos primários em secundários, nesse segmento, pode ser descrita nos seguintes termos: "*como a couraça não permite o desenvolvimento de movimentos involuntários, isto é, não permite que as convulsões passem por esse segmento, as sensações de prazer transforma-se inevitavelmente em impulsos de raiva*". Ou seja, "na pelve como em qualquer outra região do organismo vivo, *o prazer inibido transforma-se em raiva e a raiva inibida transforma-se em espasmos musculares*". A raiva pélvica se manifesta, no ato sexual, em comportamentos de "'bater' ou 'perfurar' por meio de fortes movimentos pélvicos de estocadas para a frente". Reich (1998, p. 359) interpretou a expressão emocional desses movimentos, da seguinte maneira:

> A expressão desse movimento é inconfundível. Além da expressão de raiva, a de desprezo também é claramente óbvia: desprezo pela pelve e por todos os

> seus órgãos, pelo ato sexual e, especialmente, pelo parceiro sexual. [...] A raiva e o desprezo, que tanto distorceram o movimento expressivo do amor genital, refletem-se nos termos vulgares disseminados, que se agrupam à volta da palavra "foda".

Herskowitz (2001, p. 65, tradução nossa) afirmou que o bloqueio no segmento pélvico "das sensações de onda descendente obtidas pela liberação dos segmentos superiores da couraça", também se manifesta em termos de "uma anestesia total para as sensações agradáveis, ou elas são minimamente percebidas e, à medida que a intensidade delas aumenta, o mesmo ocorre com a angústia, aumenta". A angústia, que é a marca da couraça pélvica, "vem do medo agudo do prazer intenso".

> Por trás dessa angústia, está a fúria de ter sido negado o que poderia ser tão bom. A raiva e o desprezo às vezes falam diretamente na severa dureza com que algumas pessoas "fazem amor"; a consciência cultural geral, involuntária, dessa severidade é revelada no, sempre presente, "Te fode" (no original "*Fuck you*"). (HERSKOWITZ, 2001, p. 65, tradução nossa).

No nosso atual contexto cultural, afirmou Herskowitz (2001, p. 65, tradução nossa), "o encouraçamento do segmento pélvico é praticamente universal". Pois, "se a pélvis escapou da couraça durante as proibições de treinamento de toalete, durante o estágio anal, dificilmente poderá evitar, vários anos depois, o efeito de amortecimento do prazer de uma cultura negativa em relação ao amor". É pertinente esclarecer que "a aparente liberdade sexual relativa aos adolescentes contemporâneos não deve ser confundida com a saúde sexual".

> Embora, seja óbvio que há mais atividade sexual na adolescência do que outrora, e, ainda que isso seja geralmente preferível à abstinência, a maior parte da atividade sexual dos adolescentes é na modalidade de "querer possuir a pessoa" (no original "*balling*") e "foder a pessoa" (no original "*screwing*"), uma grande distância do amor saudável. Portanto, não antecipamos que a geração dos filhos dos nossos filhos estará livre do encouraçamento pélvico. (HERSKOWITZ, 2001, p. 65, tradução nossa).

Como decorrência do encouraçamento pélvico, Reich (1998, p. 358) listou uma série de sintomas e patologias associados, entre elas: a "prisão de ventre"; a "lombalgia"; as "tumorações de todo o tipo no reto"; a "inflamação nos ovários"; os "pólipos no útero"; os "tumores benignos e malignos"; a "irritabilidade da bexiga"; a "anestesia da vagina ou da superfície do pênis, com hipersensibilidade da uretra"; o "corrimento acompanhado do desenvolvimento de protozoários no epitélio vaginal (*Trichomonas vaginalis*)"; "no homem, como resultado da anorgonia da pelve, encontramos ou falta de ereção ou uma hiperexcitabilidade ansiosa que resulta em ejaculação precoce"; e "na mulher, encontramos completa anestesia vaginal ou então espamos dos músculos vaginais".

Baker (1980, p. 84) acrescenta, como sintomas de encouraçamento nesse segmento, que "pés e pernas poderão estar frios e úmidos, apresentando dormência, sensações de formigamento e varicoses". Trotta (1996, p. 40 e 41) inclui, entre outros, os seguintes sintomas e patologias associados ao encouraçamento pélvico: as "cistites"; as "dismenorréias", a "síndrome pré-menstrual"; as "vaginites"; as "uretrites"; as "hemorróidas"; a "varicocele"; as "varizes nas pernas"; as "artroses nas articulações da virilha, joelho e tornozelo"; a "síndrome das pernas inquietas"; os "distúrbios da micção"; distúrbios relacionados à esterilidade; e a "nevralgia do ciático (podendo levar a paralisias)".

5.10.4.9 O reflexo do orgasmo e a superposição cósmica

Com a dissolução dos sete anéis da couraça, em especial, do último anel, o pélvico, os pacientes quando estimulados a respirar profundamente, em estado de entrega e em contato profundo com suas emoções, expressavam o reflexo do orgasmo. Reich (1998, p. 359 e 360) reconheceu que as emoções contidas pela couraça pélvica têm "uma expressão facilmente traduzível para a linguagem verbal e que as emoções liberadas falam uma linguagem clara". Contudo, ele encontrou dificuldades para traduzir em palavras a expressão dos "*movimentos expressivos que se manifestam regularmente depois da dissolução da angústia e da raiva*". Esse pesquisador descreveu, da seguinte maneira, os movimentos do reflexo do orgasmo:

> Esses movimentos consistem em suaves movimentos da pelve, para a frente e para cima, nitidamente expressivos de desejo. É como se a extremidade pélvica quisesse curvar-se para a frente ao máximo. Pensa-se instintivamente nos movimentos de vaivém das caudas dos insetos, por exemplo, das vespas e das abelhas. O movimento é ilustrado com especial clareza pela atitude da extremidade caudal das libélulas e das borboletas no ato sexual. (REICH, 1998, p. 360).

A sensação orgânica subjetiva que acompanha o reflexo do orgasmo, segundo Reich (1998, p. 360), revela ser ele uma "atitude de entrega" que "é acompanhada de anseio (*longing*)". Mas " 'anseio' de quê?", perguntou esse autor. Segundo ele,

> A linguagem verbal parece corresponder inequivocamente a esse fenômeno natural. Digo 'parece'. Como a linguagem verbal é apenas uma tradução da linguagem expressiva do organismo vivo, não sabemos se as palavras 'cópula' e 'satisfação' expressam realmente aquilo que é função do reflexo do orgasmo. Além disso, já assinalamos que não se pode traduzir para a linguagem verbal o movimento expressivo das *convulsões* orgásticas. (REICH, 1998, p. 360).

Tentando compreender que "anseio" seria esse que o reflexo do orgasmo expressa, Reich (1998, p. 361) se perguntou: "*Qual é a origem do extraordinário papel da pulsão*

genital?", pois, segundo ele, "ninguém duvida de sua força natural e fundamental. Ninguém pode evitá-la; todas as criaturas vivas estão sujeitas a ela". Essa força biológica manifesta-se na base da "cópula e as funções biológicas a ela relacionadas constituem uma função básica do organismo vivo que garante a continuação de sua existência".

Reich (1998, p. 361) procurou a resposta para essa questão na forma básica como se manifesta o ato sexual em dois organismos de sexos diferentes, ou seja, na superposição - conforme descrevemos anteriormente no item 5.4 O ORGONOMA E A PULSAÇÃO ORGONÓTICA ORGANÍSMICA) e ilustramos na figura 25b. Esse pesquisador assumiu que "a existência do organismo vivo está enraízada na SUPERPOSIÇÃO de dois sistemas orgonóticos de sexos diferentes", mas admitiu não ter "resposta para a mais simples de todas as questões: "*Qual é a origem da função da superposição de duas criaturas de sexos diferentes? Qual é a sua importância? Qual é o seu 'significado'? Por que a perpetuação da natureza viva está enraízada precisamente nessa forma de movimento e não em qualquer outra?".*

Em relação aos referidos problemas, Reich (1998, p. 361 e 362) considerou que "a linguagem verbal não é capaz de explicar nada", pois "os conceitos formulados pela linguagem verbal sobre o processo de superposição sexual são, eles próprios, derivados de sensações orgânicas que introduzem, acompanham e seguem à superposição". Assim, termos como "anseio", "ímpeto", "cópula", "conjugação" e "sastisfação" "são apenas imagens de um proceso natural que as palavras não conseguem tornar inteligível". Para compreender a superposição sexual, "devemos procurar outros processos naturais primários, que tenham uma validade geral maior do que a superposição sexual do organismo e que sejam mais profundos do que as sensações orgânicas a que correspondem os conceitos da linguagem verbal".

Com base nos princípios do funcionalismo orgonômico, em especial, ao "aprender a ler *formas de movimento* a partir de *formas corporais*, e ler *formas de expressão* a partir de *formas de movimento*", Reich (1998, p. 364 e 365) identificou a pulsação biológica como um princípio de funcionamento comum da natureza viva. Ao invés de buscar explicações mecanicistas, ou neurológicas, para o reflexo do orgasmo, ele buscou compreender esse fenômeno com base na identidade funcional que esse movimento específico apresenta com outros encontrados no domínio da vida, por exemplo, o movimento de pulsação da medusa.

> O sistema nervoso central da medusa está localizado no meio das costas, como o plexo solar nos vertebrados. Quando a medusa se move, as extremidades do corpo aproximam-se e afastam-se, numa alternância rítmica. É esta a essência heurística de nosso salto mental: *os movimentos expressivos no reflexo do orgasmo são, em termos de identidade de função, iguais aos de uma medusa nadando*. (REICH, 1998, p. 364 e 365).

Os dois movimentos, o da medusa e o reflexo do orgasmo, expressam uma forma muito primitiva de pulsação biológica, que foi assim descrita por Reich (1998, p. 365):

> Nos dois casos, as extremidades do corpo, isto é, as extremidades do tronco, movem-se em direção uma da outra, num movimento rítmico, como se quissessem se tocar. Quando se aproximam, temos o estado de contração. Quando se afastam ao máximo, temos o estado de expansão ou relaxamento do sistema orgonótico. É uma forma muito primitiva de *pulsação biológica*. Quando essa pulsação se acelera, tomando uma forma *clônica*, temos o movimento expressivo da convulsão orgástica.

Em anos subsequentes, ao aplicar os princípios do funcionalismo orgonômico em suas pesquisas sobre a energia orgone, Reich teria concluído que a pulsação biológica seria, ela mesma, uma variação de um princípio de funcionamento mais profundo, a pulsação orgonótica livre de massa. Com base nessa conclusão, esse autor, passou a considerar que a fusão genital estaria, no fundo, enraízada, nas funções energéticas mais profundas do cosmos, em especial, a função denominada superposição cósmica, a qual se trata de um fenômeno, que, para a orgonomia, tem uma abrangência universal, pois está presente nos três grandes domínios de funcionamento da natureza: o oceano de energia orgone cósmica, o domínio da matéria sem vida e o domínio da vida.

5.10.4.10 Algumas considerações sobre o encouraçamento dos sete segmentos

Consideramos, ainda, necessário tecer algumas considerações sobre a noção de encouraçamento somático e de sua relação com a disposição segmentária da couraça.

Um segmento corporal, conforme síntese de Trotta (1996, p. 25), "corresponde a um conjunto de estruturas orgânicas de diferentes naturezas que guardam entre si relações de vizinhança, embora não necessariamente de conexão anatômica". A unidade funcional formada pelas estruturas componentes de um segmento está definida pelo seu "funcionamento integrado [...] relacionado com os sentimentos e as expressões emocionais". Conforme esse autor, "o encouraçamento causa perturbações funcionais que terminam afetando em conjunto as estruturas componentes do segmento". Entre as aplicações práticas que o conceito de segmento fornece para o trabalho terapêutico, podem-se destacar que as "intervenções sobre uma das estruturas do segmento atingem também as demais. Por exemplo, certas patologias do aparelho vestibular podem ser curadas com intervenções sobre os olhos".

Com a definição da estrutura segmentária da couraça, Trotta (1996, p. 27 e 28) afirmou que "todo o entendimento orgonômico e a metodologia terapêutica têm sido orientados pelo trabalho de desencouraçamento segmentar". Contudo, conforme ressaltou esse autor, nem todas

as perturbações geradas pela couraça restringem-se, apenas, aos aspectos que podem ser diagnosticados avaliando os segmentos individualmente, pois “alguns aspectos do encouraçamento abarcam disfunções anatômico-fisiológicas mais amplas que o terapeuta precisa avaliar paralelamente à avaliação segmentar”. Entre elas, esse autor, destacou os seguintes aspectos: a) as dimensões corporais e o estado geral da musculatura, o qual pode apresentar-se como estado de “hipertonia e hipertrofia generalizada de toda da musculatura ou inversamente uma hipotonia e uma hipotrofia generalizada”; b) a presença ou a ausência de “acúmulo de gordura nos tecidos conjuntivos subcutâneos (adiposidade) ou o “acúmulo de líquido nos espaços intersticiais (edema generalizado) ou a “dilatação de certas cavidades corporais como, por exemplo, a cavidade torácica ou a cavidade abdominal”; c) uma “alteração no eixo de sustentação do corpo (coluna vertebral) gerando diferentes perturbações posturais”; d) a manifestação da patologia em, apenas, um dos lados do corpo, isto é, uma manifestação em termos de lateralidade corporal comprometendo todo o lado esquerdo ou o lado direito; e e) a manifestação da patologia em termos de uma disfunção restrita a todo um aparelho ou sistema anatômico-fisiológico, como é o caso de “pacientes que apresentam perturbações em todo o seu aparelho digestivo da boca até o ânus” ou de outros que “apresentam patologias generalizadas, ou da pele, das articulações, ou da veias (estrutura varicosa)”. Todos esses aspectos mais amplos, segundo esse autor, “devem ser avaliados paralelamente à avaliação segmentar”.

Os segmentos da couraça apresentam-se como regiões de bloqueio e de perturbação do fluxo orgonótico corporal, os quais, como procuramos mostrar, constituem-se na dimensão somática dos processos de repressão, que, em última instância, defendem o bioaparelho contra a angústia e o sofrimento. O processo de encouraçamento somático acompanha o desenvolvimento ontogenético do organismo, o qual é determinado por aspectos emocionais e fisiológicos. Ainda que Reich, nos seus textos sobre o encouraçamento caracterológico, tenha evidenciado o importante papel do complexo de Édipo para a estruturação do caráter - em especial, a sua materialização na maneira como as ideologias de nossa sociedade afetam a educação sexual das crianças no seio familiar -, em uma perspectiva mais ampla, pode-se afirmar que qualquer trauma psicológico que uma criança, ou mesmo um adulto, vivencie pode desencadear algum mecanismo de encouraçamento, o qual se manifesta somaticamente em termos de bloqueios corporais. Sobre a relação do encouraçamento somático, em especial, dos bloqueios corporais com os traumas emocionais e com as fases de desenvolvimento ontogenético, Trotta (1996, p. 28) afirmou que:

> Um determinado bloqueio pode estar associado a conteúdos psico-afetivos ligados a várias fases do desenvolvimento ontogenético. Isto porque, uma vez criado um bloqueio através de um primeiro evento traumático, esse bloqueio

> vai ser posteriormente intensificado por ocasião de novos traumas encerrando novos conteúdos psico-afetivos. E os diferentes bloqueios se entrelaçam, se inter-relacionam, como Reich descreveu sobre a denominação de entrelaçamento das defesas instintivas. (TROTTA, 1996, p. 28).

Como "os eventos iniciais de encouraçamento geralmente ocorrem em fases muito precoces do desenvolvimento", é comum que eles atinjam "primeiro os segmentos superiores e depois os inferiores" (TROTTA, 1996, p. 28). Isso, também, está relacionado com o fato de que as funções de coordenação e integração das funções sensório-corporais ocorrem, ontogeneticamente, num ordenamento que segue o sentido céfalo-caudal, de modo que as funções do primeiro segmento corporal começam a se desenvolver antes, por exemplo, da sustentação do pescoço, do controle do esfincteres, do caminhar etc. Contudo, não se deve pensar em termos de uma linearidade estrita, ou seja, não é o caso de que, sempre, o encouraçamento de um segmento superior anteceda o encouraçamento de um segmento inferior, até porque, mesmo o encouraçamento do quarto segmento é, normalmente, o primeiro que ocorre e sempre acompanha os demais. Porém, ao se pensar sobre a instauração dos bloqueios corporais, é necessário levar em conta, conforme apontou Reich, que o encouraçamento apresenta relação direta com as etapas de desenvolvimento ontogenético.

Ainda que, ontogeneticamente, o encouraçamento possa seguir um sentido céfalo-caudal, "a defesa contra a 'angústia genital da puberdade' reforça de baixo para cima o encouraçamento dos segmentos", e, conforme Trotta (1996, p. 28), confere "a todos eles um conteúdo sexual-genital, consolidando a couraça em sua versão final e interrelacionando de forma complexa os diferentes bloqueios".

Trotta (1996, p. 28 e 29) alertou para o perigo de se "correlacionar determinados bloqueios com determinados conteúdos psico-afetivos e determinadas fases de desenvolvimento" de maneira simplista e de forma generalizada. Por exemplo, ainda que um bloqueio no segundo segmento sempre esteja, de alguma forma, relacionado "a conteúdos psico-afetivos da fase oral", esses conteúdos podem, posteriormente, estar influenciados por outros conteúdos de períodos posteriores do desenvolvimento ontogenético. Assim, esse autor exemplicou a sua advertência afirmando que:

> [...] o erotismo oral que remonta à fase de amamentação constitui-se no ponto de partida para, não só a constituição do narcisismo primário e da auto-estima, como também para formas mais evoluídas de vínculo erótico estando, portanto, associado a todos estes conteúdos. Por outro lado, a chamada raiva oral que, primitivamente, se associa à posição depressiva, ao desmame, frequentemente se associa também a conteúdos edípicos. Por outro lado, nem todos os conflitos ligados à fase oral manifestam-se predominantemente no 2º segmento. É muito conhecido o fato de que vários bloqueios de 4º segmento e 5º segmento e patologias associadas (asma, gastrite, diabete, colecistite etc.) envolvem um núcleo oral. Ou seja, quando se fala de oralidade como um processo psico-

> afetivo, esse, como todos os outros, está localizado no corpo todo e não pode ser restrito à região da boca. (TROTTA, 1996, p. 29).

De forma análoga, Trotta (1996, p. 29) adverte que processos psico-afetivos como o narcisismo, o masoquismo e a histeria são "processos [...] complexos, que abarcam a totalidade da estrutura caracterológica do indivíduo e, portanto, a totalidade de sua estrutura corporal, estando ligados a bloqueios de vários segmentos".

Baker (1980, p. 54) apresentou um esclarecimento que permite discernir entre dois tipos de processos de encouraçamento somático. Há, segundo esse autor, "as contrações musculares temporárias ou naturais", que se manifestam "em qualquer animal vivo quando ameaçado, mas são deixadas de lado quando a ameaça desaparece", e "as contrações permanentes ou crônicas", as quais "são oriundas da mesma fonte, mas frente à continuidade de ameaças ficam sempre ativas, tornando-se crônicas e chegando a reagir a perigos permanentes internos e não mais externos". É importante esclarecer que nos textos de Reich sobre o encouraçamento somático, esse autor, na maioria dos casos, refere-se ao segundo tipo.

5.10.5 O encouraçamento biológico como princípio de funcionamento comum (PFC) do encouraçamento somático e caracterológico

5.10.5.1 Aspectos gerais

No seu texto *Sobre o Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico*, Reich (1950b; 1952b) aprofundou suas teorizações sobre o encouraçamento com base no funcionalismo orgonômico, de modo que a antítese funcional entre a couraça caracterológica e a couraça muscular ou somática, foi elaborada com base no seu princípio de funcionamento comum, isto é, no bloqueio do movimento plasmático.

É importante esclarecer que, para a concepção orgonômica, o domínio de funcionamento biológico ou plasmático - também denominado de bioenergético - é mais amplo e profundo que os domínios somático e psíquico. O domínio biológico inclui os processos vitais que mais diretamente expressam a pulsação orgonótica, por exemplo, as emoções e todas as funções vitais que se expressam em termos de alternância entre contração e expansão.

Reich (1952b, p. 2 e 4, tradução nossa) definiu o "somático" ou o "corpóreo" como "todos os eventos no organismo que ocorrem como alterações da estrutura dos tecidos e como processos químicos e físicos". Pode-se entender esse domínio como os processos vitais mais

diretamente relacionados à constituição da matéria e presos à sua estrutura[179]. O domínio psíquico foi definido, por Reich, como o campo dos fenômenos “das sensações, percepções e ideias”. Tanto o domínio somático quanto o psíquico são regidos pela lei geral da pulsação organísmica, contudo, as manifestações dos fenômenos nesses domínios expressam-se em termos de variações, cujo funcionamento, também, apresentam outras propriedades específicas do seu campo de fenômenos.

Reich (1950b) identificou o encouraçamento muscular como o PFC de duas variações, que surgem sempre conjuntamente, o bloqueio respiratório e a impotência orgástica. Ao seguir a lógica de investigação do funcionalismo orgonômico, esse autor passou, então, a buscar pelo princípio de funcionamento comum do encouraçamento muscular e de sua antítese, o caráter neurótico, no cerne biológico, mais profundo.

Buscando um caminho seguro para descobrir o PFC do encouraçamento somático e caracterológico, Reich (1950b, p. 55, tradução nossa) considerou que deveria começar por uma “investigação cuidadosa dos fenômenos e expressões” da função do encouraçamento. Com base na investigação clínica do encouraçamento muscular, esse autor constatou que:

> [...] ele [o encouraçamento muscular] não é uma formação estática, rígida, mas que corresponde a uma *paralisação do funcionamento do vivo em consequência do equilíbrio dinâmico de forças opostas*. A couraça não funciona como uma parede de concreto, mas como dois automóveis cujos motores estão ligados mas não podem se mover porque estão funcionando um contra o outro com força igual. Esta imobilidade do bloqueio da vitalidade é somente uma manifestação exterior. Precisamos empurrar um automóvel um pouco para o lado para que os dois veículos se movam. Falando tecnicamente, é exatamente isto que acontece quando nós “mobilizamos” a couraça. (REICH, 1950b, p. 55 e 56, tradução nossa).

Essa “paralisação do funcionamento do vivo”, propriedade básica do encouraçamento, seria, no entendimento reichiano, exclusivo do ser humano, pois, conforme Reich (1950b, p. 56 e 57, tradução nossa), “com exceção do animal humano e suas instituições”, não há, no domínio da natureza, algo “que possa ser caracterizado como uma *supressão* no sentido bio-social da palavra, a qual tem sido bastante familiar ao homem civilizado por milhares de anos”. Essa supressão bio-social se materializa na “formação do caráter”, a qual foi considerada por esse autor como “uma certa peculiaridade funcional que não tem nada de comparável a ela no restante da natureza”.

Reich (1950b, p. 59, tradução nossa) esclareceu que, durante a análise do caráter, ele se deparou com a “tarefa de ‘perturbar o equilíbrio neurótico’ do paciente”, pois a couraça do

[179] Em nossa compreensão, esse domínio coincide com os processos estudados pela fisiologia da medicina ocidental contemporânea.

caráter neurótico apresenta-se como “uma estrutura construída e entranhada na personalidade total”. Por conta disso, o caráter neurótico vivencia os distúrbios na sua vitalidade não como “elementos doentios”. Em contraste com o sintoma neurótico - que é percebido como uma doença ou um agente estranho -, os distúrbios causados pela couraça caracterológica neurótica são vivenciados “como elementos orgânicos da personalidade”.

> O ataque terapêutico sobre a couraça é experienciado pelo paciente como uma invasão demoníaca no mais íntimo de sua personalidade. No seu “próprio eu”. Um bloqueio afetivo, por exemplo, que limita sua capacidade de viver e sua *joie de vivre* é para ele, NESSA CIVILIZAÇÃO, um esplêndido e útil mecanismo de autodefesa. Se esse equilíbrio neurótico é perturbado, se a couraça é rachada, então as emoções fortes aparecem, geralmente raiva sádica e ansiedade. Para o funcionalismo, isto significa que a couraça do animal humano nada mais é do que a motilidade congelada. A “motilidade” ou “emoção” foi liberada da rigidez caracterológica. (REICH, 1950b, p. 59, tradução nossa).

Como as emoções, para Reich, são concebidas em termos de movimento protoplasmático, isto é, pertencentes ao domínio biológico, e, ao definir a couraça como uma “motilidade congelada”, ou seja, como emoção paralisada, esse autor passou, então, a se referir ao processo de encouraçamento em face do seu nível biológico. O encouraçamento emocional - também denominado encouraçamento plasmático ou encouraçamento bioenergético - é o PFC do encouraçamento somático e do caracterológico, pois tanto as funções somáticas ou fisiológicas quanto as funções referentes ao psiquismo são regidas, em termos de seu PFC, pela pulsação orgonótica organísmica.

As três funções orgonóticas fundamentais que existem na natureza foram apresentadas no capítulo anterior, a saber: 1) a relação funcional entre pares de funções, com base num PFC; 2) a antítese dissociativa, isto é, a dissociação de um PFC em duas variações de funções pareadas; e 3) a função de criação, isto é, a emergência de um novo PFC, a partir da fusão de duas funções naturais distinta. O encouraçamento não segue nenhum desses três princípios funcionais, pois ele se desenvolve como uma dissociação de um impulso primário, de modo que a função dissociada e antagônica do impulso primário gera um bloqueio neste, o qual se expressa em termos de uma paralisação no movimento da expressão emocional. O que se segue é a expressão de um impulso secundário. O bloqueio emocional, ou seja, a couraça em nível biológico, foi representado no seguinte esquema, por Reich:

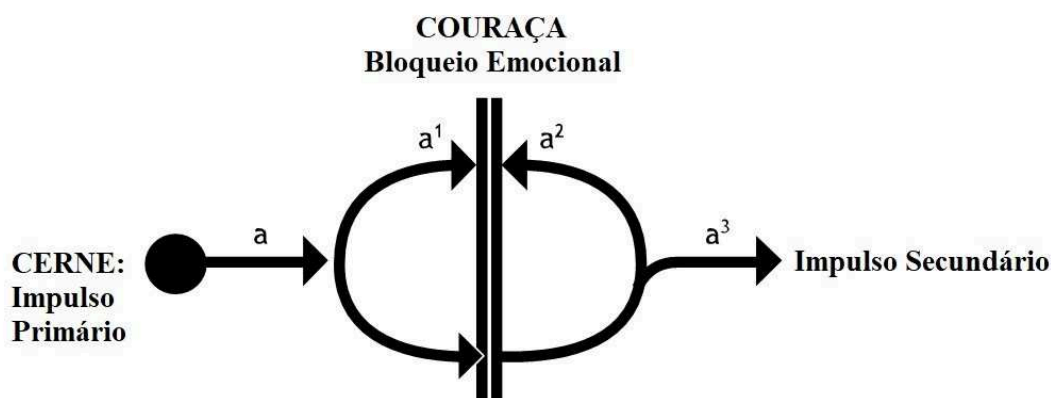



FIGURA 36
Fonte: Reich (1950b, p. 60).

Reich (1950b, p. 60, tradução nossa), em referência a esse esquema sobre a couraça, afirmou que "a excitação biológica original é ainda produzida no cerne do organismo, mas ela não penetra até a superfície nem chega a se transformar em ação de um modo simples. Dissocia-se do mesmo modo que as outras funções naturais". Contudo, essa dissociação específica do processo de encouraçamento apresenta-se como uma paralisação, e não como fonte de outras variações e funções naturais, as quais são caracterizadas por estarem sempre em movimento.

> Esta dissociação, contudo, não ocorre em variações pareadas, simples e amplas, como, por exemplo, no sistema vascular ou num tronco de uma árvore; mas, antes de mais nada, uma formidável organização de bloqueio é inserida, a qual constitui o mecanismo real da couraça rígida e da falta de contato humano. *Um ramo da excitação dissociada vira-se contra o outro ramo* (a2 contra a1) de tal modo que se cria uma *paralisação* no movimento ou na motilidade do organismo. *Uma variação suprime completamente a outra e mantém permanentemente esta supressão*. (REICH, 1950b, p. 60, tradução nossa).

Com base nessa arguição, pode-se depreender que "tanto a energia de supressão quanto a excitação suprimida se originam da mesma fonte", ou seja, do cerne biológico. A título de exemplo, Reich (1950b, p. 60, tradução nossa) afirmou que "a energia da supressão moralística da sexualidade infantil e o próprio brincar com os genitais se desenvolvem do mesmo impulso de brincar com os genitais". O mesmo raciocínio pode ser aplicado "a todas as funções moralistas, isto é, compulsivamente morais".

No decorrer da formação e do desenvolvimento do caráter, Reich (1950b, p. 60, tradução nossa) afirmou que "a cisão funciona mais uma vez tranquilamente", contudo, "não é mais a energia natural primordial que é usada nas funções dissociadas, mas a *energia pervertida, bloqueada e dirigida para dentro*". Ou seja, os próprios impulsos secundários precisam,

também, ser reprimidos ou bloqueados. Essas formações do caráter baseadas nos sucessivos bloqueios e dissociações dos impulsos formam as formações reativas.

A couraça, enquanto um mecanismo de "bloqueio interno da atividade biológica", dá origem a "uma profusão de fenômenos sociais e individuais", os quais, segundo Reich (1950b, p. 61, tradução nossa), "podem ser remontados a duas características básicas do homem encouraçado: EVASIVIDADE E DESTRUTIVIDADE". Por evasividade, esse autor entende ser a característica da pessoa encouraçada de evitar entrar em contato com suas emoções e com o mundo de um modo geral, pautando-se por comportamentos defensivos, pelo medo do contato e pelo estabelecimento de contatos substitutos, os quais não permitem uma satisfação real de suas necessidades. A destrutividade, por sua vez, refere-se aos impulsos secundários caracterizados pela necessidade de destruição.

5.10.5.2 O Encouraçamento biológico, a angústia orgástica e a impotência orgástica

No item que dedicamos à potência orgástica, apresentamos a equação orgonométrica do encouraçamento muscular como sendo o PFC de duas variações, a impotência orgástica e o bloqueio respiratório. Antecipamos, também, uma conclusão de Reich no sentido de que, na origem do encouraçamento, encontrar-se-ia um "medo biofisiológico", que ele denominou angústia de prazer e, posteriormente, angústia orgástica ou angústia do orgasmo, o qual se constituiria, segundo sua visão, no problema central da investigação psicossomática. Veremos, no presente item, como o encouraçamento biológico forma o PFC da angústia orgástica e da impotência orgástica.

A couraça concebida em relação ao domínio biológico ou plasmático, conforme sintetiza Bedani (2013a, p. 181), expressa-se "por um amortecimento do movimento plasmático espontâneo e um simultâneo bloqueio à percepção direta desse movimento". Esse autor explica que, em diversas oportunidades, Reich "afirmou que o núcleo do encouraçamento humano reside no pânico em relação aos movimentos corporais 'involuntários', originários, a seu ver, dos impulsos bioenergéticos primários" (BEDANI, 2019, p. 45). Esses movimentos involuntários, conforme descrevemos em itens anteriores, "teriam seu protótipo ou expressão máxima na 'convulsão orgástica' ou, mais precisamente, no fenômeno da 'convulsão bioenergética involuntária do organismo'" (BEDANI, 2019, p. 45).

A angústia do orgasmo consiste, segundo Reich (2003, p. 146), em um horror, um medo aterrorizante, de entrar em contato com o cerne biológico, ou seja, com as forças plenas do orgone em livre movimento:

> [...] nada nos surpreende mais do que o TERROR que se apodera do indivíduo encouraçado quando entra em contato com seu cerne biológico, com o que chamamos de correntes plasmáticas. A biofísica orgone denominou essa reação 'angústia de orgasmo'. Estaríamos atenuando a situação se assumíssemos que a angústia de orgasmo é só uma dentre outras angústias humanas [...] A angústia de orgasmo é muito mais e muito diferente de uma simples fobia ou de, digamos, um ataque neurótico de angústia. (REICH, 2003, p. 146).

Diferentemente de "uma simples fobia", que "se limita a um único objeto ou situação, uma faca ou um quarto escuro", Reich (2003, p. 146 e 147) esclareceu que "a angústia de orgasmo é uma experiência biológica total da qual não há como recuar", pois ela "se faz acompanhar da experiência de perda total da personalidade e da orientação na vida". A formação do caráter do Eu, a qual se desenvolve como um processo de defesa contra as angústias mais fortes que o indivíduo encontra em sua vida, envolve, no domínio bioenergético, a paralisação ou o congelamento do livre movimento da energia orgone. Essa paralisação do movimento energético é a própria defesa da couraça em nível plasmático, de modo que despertar esse movimento e entrar em contato com a mobilidade espontânea orgonótica suscitaria a angústia orgástica e colocaria o biossistema em grande perigo.

> O que se constitui em perigo é a perda súbita do controle sobre as forças profundas do biossistema. É, além do mais, ou melhor, antes de tudo, a incapacidade do organismo de lidar com a força plena da bioenergia natural que torna a situação tão perigosa nestes casos. O indivíduo que, desde a infância, acostumou-se com emoções intensas e não possui fortes pulsões secundárias não corre perigo quando desenvolve emoções fortes. Porém o indivíduo que foi encouraçado toda sua vida e nunca sentiu as emoções fortemente, ou que só teve como saída descarregar a energia em sintomas neuróticos, cai na desorientação e desespero mais completos quando precisa encarar subitamente o pleno vigor de sua bioenergia. Complementarmente, o indivíduo saudável, que descarrega a bioenergeia regularmente no abraço genital, nunca acumula a quantidade de estase de energia que faria somar o impacto da energia proveniente de emoções enclausuradas ao perigo do colapso da couraça. (REICH, 2003, p. 146 e 147).

Ao investigar a impotência orgástica, Reich descreveu um círculo vicioso entre a produção de sintomas e o acúmulo de energia sexual não descarregada. Bedani (2019, p. 57) discorreu sobre esse círculo vicioso nos seguintes termos: "as inibições moralizantes interiorizadas (de cunho autoritário) obstaculizariam o livre curso da 'excitação sexual' (ou do impulso sexual 'primário', 'natural'), o que conduziria a uma situação de 'estase [acúmulo ou contenção] de energia'". Quanto mais perdurasse a estase energética, mais debilitado se encontraria o indivíduo, dificultando, ainda mais, a adequada descarrega energética.

> Isso ocorreria porque a excitação estagnada, ao procurar escoamento, daria origem a formações patológicas extremamente desgastantes, pois, ainda que buscando promover algum alívio, tais formações demandariam grandes

> esforços que, contudo, jamais solucionariam efetivamente a tensão sexual. (BEDANI, 2019, p. 57).

A contenção da excitação sexual, a estase energética decorrente dessa contenção e as formações patológicas que, por sua vez, aumentariam ainda mais a estase conduziriam o organismo à formação de uma angústia do orgasmo, ou seja, um medo de entrar em contato com suas sensações sexuais genitais, que acabaram se tornando volumosamente acumuladas:

> Enfraquecido por conta de custosos sintomas, o "organismo" desenvolveria um temor da "excitação sexual contida." Esse processo — frustração externa, contenção crônica, desgaste, medo da excitação — conduziria à "angústia orgástica", ou seja, ao "medo que o Eu tem em relação à avassaladora excitação do sistema genital, por ter sido alienado (*estrangement*) da experiência de prazer" (REICH, 1942/1989, p. 161, tradução nossa). A "angústia orgástica" representaria, portanto, o temor que o indivíduo desgastado sentiria em relação à sua volumosa excitação sexual contida. (BEDANI, 2019, p. 57-58).

A angústia orgástica e a impotência orgástica estão, portanto, intimamente relacionadas, de maneira que, conforme afirmou Bedani (2019, p. 58 e 59), "uma condicionaria a outra". Portanto, trata-se de "fenômenos distintos, mas mutuamente correspondentes". A relação íntima entre a angústia orgástica e a impotência orgástica foi assim descrita, por esse autor:

> O intenso temor, no indivíduo encouraçado, da elevação da excitação sexual (a angústia orgástica) geraria um estado de tensão que atravancaria o percurso da excitação em direção à periferia corporal e sua consequente resolução na forma de convulsões orgásticas (a impotência orgástica). E a impossibilidade de a periferia reagir convulsivamente aumentaria, por sua vez, a estase e, consequentemente, o pânico da excitação (quanto mais difícil se tornasse a descarga convulsiva periférica, mais se acentuaria o medo da excitação, e vice-versa). (BEDANI, 2019, p. 59).

A impotência orgástica, conforme descrevemos, constitui-se num fenômeno de natureza somática, pois se expressa em termos de uma "paralisia periférica das convulsões involuntárias", tendo, como função pareada, o bloqueio respiratório e, como PFC, o encouraçamento muscular. A angústia orgástica se constitui num fenômeno de natureza psíquica, pois se expressa em termos de uma sensação intensa de medo ou pânico de entrar em contato com as excitações genitais. Os dois fenômenos de natureza distinta, a impotência orgástica e a angústia orgástica, apresentar-se-iam numa relação funcional, pois, conforme Bedani (2019, p. 59), "seriam idênticos em relação à sua função de base, que, nesse caso, o autor [Reich] identificou, a partir de suas pesquisas, como o 'encouraçamento' [biológico]".

A noção de simultaneidade entre identidade e variações pode ser, portanto, ilustrada com base nesse exemplo da inter-relação funcional estabelecida entre a impotência orgástica e a angústia orgástica, fenômenos estes que apresentam natureza distinta, mas que, ao mesmo tempo, constituem-se numa unidade, quando vistos em relação ao seu PFC, o encouraçamento biológico. Bedani (2019, p. 59) explicou, em detalhes, a referida inter-relação funcional:

> O encouraçamento diria respeito a um fenômeno objetivo e pertencente a um nível operacional mais amplo, que teria como função amortecer ou imobilizar não apenas a excitação sexual, mas todo o "sistema bioenergético" (REICH, 1953/1975g, p. 199, tradução nossa), a fonte das "emoções" ou "impulsos primários". A "angústia orgástica" e a "impotência orgástica" tornar-se-iam, assim, idênticas no que concerne ao elemento "imobilidade": a "angústia orgástica" seria a expressão da paralisia psíquica ou do pânico diante do aumento da excitação, enquanto a "impotência orgástica" seria a expressão da paralisia periférico-motora diante do impulso orgástico-convulsivo.

Faz-se necessário ressaltar, conforme esclarece Bedani (2019, p. 59), que, segundo Reich, "o encouraçamento não deveria ser visto [...] como a causa da 'angústia orgástica' e da 'impotência orgástica'". Para o funcionalismo orgonômico, "a função objetiva mais profunda, o 'encouraçamento', teria se desenvolvido, ramificado ou derivado em duas funções mais superficiais, a 'angústia orgástica' e a 'impotência orgástica'". Ou seja, "os três fenômenos ocorreriam simultaneamente, ocupando, porém, diferentes níveis de profundidade".

Veremos, no próximo item, um exemplo que esclarece a aplicação do funcionalismo orgonômico no campo da medicina, e ilustra a noção do encouraçamento emocional, ou biológico, compreendido como um PFC de suas variações, o encouraçamento somático e o caracterológico, na investigação de um distúrbio orgânico, a úlcera estomacal.

5.10.5.3 Um exemplo clínico: a úlcera gástrica

A biomedicina[180] - ou, como Reich (1952b, p. 1 e 2, tradução nossa) a denominou, "a medicina clássica", cuja compreensão sobre a saúde e a adoeça, conforme o entendimento desse autor, baseia-se "somente nos processos físicos e químicos" – "sabe que a úlcera estomacal é acompanhada por uma superprodução de ácido gástrico". A partir dessa constatação, essa medicina determinou que "a úlcera estomacal surge em consequência do dano causado pela acidez no tecido da parede do estômago". A respeito do raciocínio empregado por essa medicina, esse autor considerou que:

> Está correto, mas cobre somente uma parte-função da doença, o lado químico-físico ou fisiológico. Deste modo, este ponto de vista investiga a alteração do tecido como resultado da ação química e as consequências fisiológicas dessa alteração, como o perigo da perfuração da parede estomacal, degeneração cancerosa, distúrbios da digestão, dores no corpo, vômitos etc. A medicina

[180] Quando usamos o termo "biomedicina", referimo-nos à medicina ocidental contemporânea, pautada pelos princípios da ciência biológica construída pelos referenciais do mecanicismo-materialismo. Esclarecemos que o prefixo "bio" utilizado, muitas vezes, por Reich, como em biopatia ou em bioenergia, denota o domínio de funcionamento biológico, cuja compreensão, por esse autor, é essencialmente distinta do que é denotado por muitos autores da atualidade com o uso do mesmo prefixo "bio", em termos como biomedicina ou biopoder. Conforme procuramos mostrar, no decorrer dessa dissertação, a visão de Reich sobre o campo dos fenômenos da vida se opôs à doutrina mecanicista-materialista.

> clássica não explica, nem sabe explicar, porquê uma úlcera se desenvolve em certos organismos e em outros não. (REICH, 1952b, p.2, tradução nossa)[181].

A medicina mecanicista não conhece o "background" ou a "disposição" para a ocorrência da úlcera estomacal. O funcionalismo orgonômico, conforme Reich (1952b, p. 2, tradução nossa), considera que "a úlcera estomacal com suas funções químico-físicas está enraizada num princípio de funcionamento *mais geral* que *não* é de natureza químico-física". Diferentemente da perspectiva orgonômica, "a medicina mecanicista químico-física", que "trabalha e faz pesquisa cuidadosamente e com muitos recursos" e que se constitui num "perfeito aparelho de pesquisa nos domínios da física e da química", é uma ferramenta incapaz de compreender as funções vitais que se encontram "além do domínio químico-físico".

Tanto a perspectiva mecanicista, que considera somente "o aspecto puramente corpóreo ou somático da pesquisa", quanto as perspectivas dualista e monista da medicina psicossomática, e, também, o "psicologismo", que estabelece uma relação de causalidade direta entre os aspectos psíquicos e os sintomas somáticos, são, segundo Reich (1952b, p. 2, tradução nossa), insuficientes para compreender o processo de desenvolvimento de uma doença no organismo.

Reich (1952b, p. 2, tradução nossa) afirmou que a psicologia profunda "descobriu que certas estruturas *psíquicas* mostram uma inclinação evidente para o desenvolvimento de certos sintomas *corporais*" e que, para essa psicologia, "os impulsos destrutivos reprimidos constituíam o mecanismo essencial nesses sintomas corporais". A medicina psicossomática, conforme esse autor, "desenvolveu-se a partir da observação simultânea do somático e do psíquico no organismo". Sobre a medicina psicossomática, mais especificamente, sobre suas concepções dualista ou monista, Reich esclareceu:

> Desde o começo suas operações metodológicas eram dualistas *ou* monistas. Corpo e alma constituíam "uma única e só coisa" ou eram colocados paralelamente, um condicionando o outro, mas ainda assim basicamente processos *independentes*. Por exemplo, a angústia e a destrutividade eram compreendidas como processos psíquicos em contraste com um processo somático como a deterioração inflamatória do tecido. Neste ponto, a jovem e esperançosa medicina do futuro cometeu seu primeiro e enorme erro de raciocínio. (REICH, 1952b, p. 2 e 3, tradução nossa).

---

[181] É importante esclarecer que, atualmente, considera-se que a bactéria *Helicobacter pylori* (*H. Pylori*) esteja relacionada ao desenvolvimento de úlceras estomacais e de outras afecções gástricas. Segundo Ladeira, Salvadori e Rodrigues (2003), cerca de 50% da população mundial está contaminada pelo *H. pylori*, contudo, a maior parte dessas pessoas não apresenta nenhum sintoma, ou apenas, sintomas de menor importância. Reich escreveu o seu estudo clínico sobre a úlcera num período anterior à descoberta dessa bactéria e desconsiderou esse fator etiológico para essa doença, contudo, consideramos que a investigação desse autor possa oferecer contribuições que permitam compreender como outros fatores, em especial, os emocionais, possam estar relacionados ao desenvolvimento da úlcera estomacal e de outras afecções gástricas.

O pensamento psicossomático[182] estabeleceu uma relação de causalidade entre o domínio psíquico e o somático ao dizer que os "impulsos e emoções, concebidos como funções psíquicas, 'produzem' os sintomas somáticos". Segundo Reich (1952b, p. 3, tradução nossa), "a 'psicologização' das funções corporais químico-físicas começou com Groddeck, que, por exemplo, relacionou a esterilidade numa mulher *diretamente* com a rejeição inconsciente de um filho"[183].

Ainda que seja possível "encontrar, em mulheres estéreis, uma rejeição ao marido ou ao filho, (quando a esterilidade não é resultante de uma obstrução puramente mecânica devido à inflamação das trompas de falópio)", e que seja "correto que essa rejeição tem, também, alguma coisa a ver com a esterilidade", segundo Reich (1952b, p. 3, tradução nossa), "é incorreto e enganador afirmar que a 'rejeição inconsciente *produz* esterilidade'".

> O investigador tem de demonstrar, no mínimo, *de que modo* a rejeição *psíquica* causa a esterilidade somática. O novo ponto de vista da causação psíquica das doenças somáticas perde sua função se for usado mecanicamente e não funcionalmente. O insight funcional só é adquirido se for possível identificar as funções *específicas* que levam do ódio inconsciente à contração das trompas de falópio. A afirmação "o ódio inconsciente causa a esterilidade" é puramente mecânica e, portanto, sem sentido, como, também, a afirmação "a eletricidade causa a luz". (REICH, 1952b, p. 3, tradução nossa).

O funcionalismo orgonômico não estabelece uma relação direta entre o domínio psíquico e o somático, mas, antes, busca compreender como ambos os domínios estão enraizados com base no mesmo PFC, a excitação bioenergética e a pulsação orgonótica organísmica. Desse modo, a concepção orgonômica não nega a participação dos processos químico-físicos e dos psíquicos na gênese de adoecimento e, ainda que reconheça que ambos os domínios interatuam, essa concepção não estabelece uma relação de causalidade direta entre eles, de modo que não se pode afirmar que é o psíquico que gera o sintoma físico, nem o contrário. Assim, ao assumir o domínio biológico, ou bioenergético, como o PFC, dos domínios psíquico e somático, o funcionalismo orgonômico assume que esses domínios são, simultaneamente, idênticos, em relação a uma função mais ampla e profunda e, ao mesmo tempo, distintos, em relação ao nível das variações, as quais são governadas por funções específicas às suas esferas de funcionamento.

> *Os processos mecânicos existem e são importantes, mas somente no domínio das funções mecânicas, físicas e químicas*. O aumento de suco gástrico causa na verdade uma desintegração da parede do estômago num modo puramente

[182] Existem outras perspectivas que procuram compreender a relação do psíquico com o somático e, provavelmente, nem todas apresentam as características descritas por Reich, no que ele denominou "medicina psicossomática" e "pensamento psicossomático". Está fora do escopo dessa pesquisa avaliar as outras perspectivas que investigam os aspectos referentes à relação entre os domínios psíquico e o somático.

[183] Reich refere-se, nessa passagem, ao médico alemão Georg Walther Groddeck (1866-1934), pioneiro no campo da medicina psicossomática no ocidente.

> mecânico. Contudo, o ódio reprimido não causa dano à parede estomacal quer mecanicamente, quer diretamente. Ele certamente pertence ao quadro da doença, mas *devemos ser capazes de perceber as funções específicas que conduzem da função do ódio inconsciente para o resultante excesso de acidez que atua sobre a parede estomacal.* (REICH, 1952b, p. 3, tradução nossa).

O funcionalismo orgonômico, segundo Reich (1952b, p. 3, tradução nossa), “demonstra sua utilidade para a compreensão da função *total* bem como das funções parciais”. Essa perspectiva busca mostrar como as variações, o psíquico e o somático e as suas manifestações específicas, por exemplo, o ódio reprimido e o dano físico na parede do estômago, ou seja, as funções parciais, estão integradas na função total do organismo. Vejamos como o raciocínio orientado pela noção de princípio de funcionamento comum permite essa integração.

> A visão funcional mostrou-nos que o ódio é uma expressão de certas ações *musculares*. Mostrou, também, que a supressão de uma excitação de ódio é funcionalmente idêntica à contração muscular ou a um espasmo muscular. O processo na musculatura e o processo psíquico, no domínio emocional, *condicionam* um ao outro, são dependentes um do outro, não podem ser separados um do outro, e, portanto, não podem ser compreendidos de forma independente, se quisermos descrever os processos objetivos *corretamente*. A repressão do ódio psíquico e a contração muscular fisiológica formam um par funcional e, portanto, devem ser funcionalmente idênticas em relação a uma terceira função específica e mais *profunda*. (REICH, 1952b, p. 3 e 4, tradução nossa).

Reich (1952b) considerou que, no caso da úlcera estomacal, ainda que haja uma interação entre os domínios psíquico e o somático, ou seja, uma relação funcional entre o ódio e os processos físicos na parede estomacal, cada um desses processos segue suas próprias leis que são específicas ao seu domínio.

> Na úlcera estomacal, o ódio suprimido e a contração ou espasmo da parede estomacal funcionam numa interação. Todo avolumar-se do ódio aumenta a contração da parede do estômago. Contudo, os processos de ulceração e ódio são também independentes um do outro, pois uma vez iniciado o processo de formação da úlcera na parede estomacal, ele segue suas *próprias* leis físico-químicas. A crescente acidez estomacal danifica a parede do estômago; a parede do estômago danificada é menos resistente a esta influência, e o processo continua até à perfuração da parede. Observamos a interação funcional entre a acidez estomacal e a estrutura do tecido como um domínio de funcionamento nas funções *químico-físicas* e a vemos como *independentes do psíquico*. (REICH, 1952b, p. 4, tradução nossa).

Seguindo a aplicação dos princípios do funcionalismo orgonômico no estudo da úlcera estomacal, ao buscar pelo “princípio comum de funcionamento do psíquico *e* dos distúrbios somáticos em funcionamento”, nas suas palavras, Reich (1952b, p.4, tradução nossa) esclareceu que: “podemos colocar os distúrbios psíquicos e somáticos somente numa *única* relação distinta e recíproca, *mas não podemos ligá-los diretamente*”. A única relação distinta e recíproca

apresentada pelos distúrbios físicos e psíquicos, expressa em termos de um PFC, é a perturbação na pulsação orgonótica que decorre do encouraçamento.

Segundo Reich (1952b, p. 4, tradução nossa),

> O *terceiro* princípio comum em que o distúrbio psíquico bem como o somático da "úlcera estomacal" tem suas raízes, seu princípio comum de funcionamento (PCF), é muito mais amplo e muito mais profundo do que a estrutura dos tecidos da parede estomacal ou o ódio psíquico reprimido. Os dois distúrbios se originam de uma *contração geral do organismo*, isto é, um distúrbio no campo de *funcionamento bioenergético*. Não podemos encontrar um único caso de úlcera estomacal em que a úlcera local e o ódio inconsciente específico não sejam construídos sobre um *encouraçamento* já presente no organismo ou numa anorgonia generalizada.

Contudo, Reich (1952b, p. 4, tradução nossa) afirmou que “o encouraçamento geral não forma a base *específica* para a úlcera e para o ódio”. Assim, além de uma perturbação na função de pulsação total do organismo, ou seja, do encouraçamento geral, na gênese de uma doença, cujo sintoma somático manifesta-se numa determinada região corporal, como é o caso da úlcera, deve-se levar em conta a existência de funções específicas relacionadas à manifestação do sintoma local. No caso específico da úlcera estomacal, esse autor afirmou que:

> Existem sempre funções especiais que são responsáveis pelo fato de o distúrbio bioenergético geral ser expresso precisamente na *parede estomacal* como úlcera. E esta localização específica ou concentração do distúrbio biológico no estômago requer uma demonstração clara: está enraizada numa contração especialmente desenvolvida do *segmento diafragmático*, que acompanha todo ódio "silencioso". (REICH, 1952b, p. 4, tradução nossa).

A úlcera estomacal, assim como as demais patologias orgânicas, envolve uma perturbação na função de pulsação orgonótica, perturbação esta que pode ser compreendida como o encouraçamento geral. Contudo, a localização do sintoma físico-químico na parede estomacal, assim como o ódio reprimido, ambos relacionados, apontam, também, para uma função específica do encouraçamento no segmento diafragmático. A relação entre o somático e o psíquico se efetua com base numa terceira função presente num domínio mais amplo e profundo, o domínio biológico. É a perturbação na pulsação orgonótica geral, incluindo a contração específica no segmento diafragmático, que possibilita compreender como, no caso da úlcera, o somático e o psíquico estão relacionados, sem, contudo, estabelecer uma relação direta entre eles.

Dessa maneira, o funcionalismo orgonômico estabelece uma integração entre funções parciais e a função total do organismo e concebe como “errôneo estudar uma úlcera estomacal isolada do organismo total, tal como é errôneo negligenciar o poderoso ódio reprimido” (REICH, 1952b, p. 5, tradução nossa). A função do orgasmo governa o funcionamento total do organismo, pois se encontra no domínio da pulsação orgonótica, de modo que, havendo um

quadro de encouraçamento crônico, que perturba a economia sexual ao ponto de gerar a impotência orgástica, ter-se-ão, então, as condições energéticas para o aparecimento de posteriores sintomas psíquicos e somáticos. A localização específica de um sintoma corporal e o conteúdo emocional envolvido em cada patologia estão relacionados às funções específicas e aos bloqueios nos segmentos do corpo, que são únicos de cada pessoa.

A partir da noção de pulsação orgonótica e da função do orgasmo, funções estas que englobam todo o funcionamento vital, da noção de encouraçamento biológico, como uma perturbação geral na função de pulsação, e também, da noção de perturbações específicas às funções dos domínios psíquico e somático, pode-se afirmar que a perspectiva desenvolvida por Reich abre caminhos para compreender, de forma integrada: 1) como os domínios psíquicos e somáticos estão relacionados; e 2) como o funcionamento de uma parte local do organismo está relacionado e, ao mesmo tempo, enraizado no funcionamento da unidade total do organismo.

> O princípio comum de funcionamento de *todas* as formas de encouraçamentos biológicos, e consequentemente de todos os distúrbios somáticos e psíquicos que se desenvolvem a partir deles, está clinicamente provado que é *pulsação orgonótica perturbada*, total ou parcialmente. Não se pode apresentar um único caso de úlcera estomacal em que a *impotência orgástica* não esteja presente; de modo semelhante, ninguém encontrará úlceras em seres humanos potentes orgasticamente. *A função do orgasmo é a medida da pulsação orgonótica, não nos estreitos domínios psíquicos e somáticos de funcionamento, mas no mais profundo e mais amplo domínio de funcionamento da biologia do organismo total*. (REICH, 1952b, p. 5, tradução nossa).

Essas considerações permitem derivar alguns significados práticos relacionados ao domínio terapêutico e a uma doutrina sobre as doenças de base orgonômica. A medicina mecanicista, segundo Reich (1952b, p. 5, tradução nossa), encontrar-se-ia incapaz de curar a úlcera, pois concebe essa doença em termos de seu sintoma, o qual, para ela, "abarca somente a função mecânica", de modo que, "no melhor dos casos", essa medicina "só podia tratar o distúrbio químico-físico", sem, contudo, atingir o "background" bioenergético da doença.

Ainda que "a resposta da psicologia profunda à úlcera estomacal" seja melhor que a visão da medicina mecanicista, as técnicas terapêuticas psicológicas podem "melhorar, mas não realmente curar uma úlcera estomacal ao tornar o ódio inconsciente consciente", pois, conforme afirmou Reich (1952b, p. 5, tradução nossa), "o próprio ódio suprimido cresce do reservatório geral da bioenergia bloqueada, ou seja, a contração diafragmática espasmódica, e é continuamente reproduzido aí".

Uma doutrina orgonômica acerca dos processos de saúde-adoecimento deve, necessariamente, levar em conta o funcionamento dos processos vitais em termos do domínio bioenergético, o qual se encontra numa hierarquia mais profunda e ampla do que os domínios

somático e psíquico, e, é em relação àquele domínio, que se pode compreender como o psíquico e o somático constituem-se numa unidade em termos de seu PFC, ou seja, a função de pulsação orgonótica. O encouraçamento crônico perturba a pulsação orgonótica e gera uma estase energética, de modo que a cura de uma doença causada por uma perturbação na economia energética envolve o restabelecimento da potência orgástica. Fundamentado nesses princípios, Reich (1952b, p. 5, tradução nossa) considerou que:

> O *background* bioenergético geral das funções somáticas e psíquicas não pode ser excluído se desejamos curar uma úlcera. O encouraçamento geral, e com ele a contração diafragmática local, só pode ser removido se o metabolismo adequado da bioenergia é restabelecido por intermédio da descarga orgástica. Este fato está, sem a menor dúvida, clinicamente provado.

Ao operar com "o princípio de funcionamento comum 'bioenergético' dos processos 'psíquicos' e 'somáticos'", Reich (1952b, p. 5 e 6, tradução nossa) possibilitou, também, um entendimento sobre uma parte do que se denomina pré-disposição para o adoecimento, pois, conforme mostramos, o adoecimento não se resume a sua dimensão químico-física ou psíquica, uma vez que envolve o *background* bioenergético. Ao considerar "uma ordenação nova e importante no funcionamento organísmico", qual seja, a hierarquização entre o domínio do funcionamento bioenergético e as suas variações, o somático e o psíquico, segundo esse autor, foi possível compreender a úlcera em termos de uma inter-relação funcional nesses três domínios, pois, "sob condições especiais, o encouraçamento geral do organismo desenvolve uma antítese de funcionamento patológica: a destrutividade suprimida e as alterações somáticas da parede estomacal", a qual pode ser, assim expressa orgonometricamente:

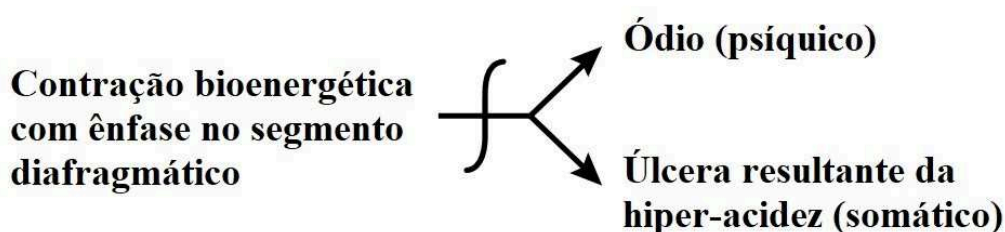



FIGURA 37
Fonte: Reich (1952b, p. 6).

Consideramos importante esclarecer que as condições especiais que fazem com que ocorra um encouraçamento mais ou menos intensificado em determinado segmento corporal com determinada configuração de bloqueios energéticos e com ênfase ou não em determinada emoção, suprimindo ou intensificando determinados impulsos, encontram-se na história de vida da pessoa, no processo de desenvolvimento psicológico e ontogenético, especialmente na

maneira como a pessoa vivenciou os momentos chave da constituição do seu "Eu", os quais, remontam ao período intrauterino. Desse modo, os aspectos psicodinâmicos e caracterológicos do funcionamento do organismo humano são imprescindíveis para a compreensão da gênese de determinado quadro patológico que se busque investigar. Entendemos que são essas condições especiais, as quais dizem respeito à configuração específica do encouraçamento em cada indivíduo, que se constituem, ao menos em parte, no que se denomina a pré-disposição para o posterior surgimento de sintomas corporais e psíquicos.

A investigação sobre a úlcera gástrica fundamentada nos princípios do funcionalismo orgonômico permite, segundo Reich (1952b, p. 6, tradução nossa), generalizar as seguintes relações funcionais que se apresentam no funcionamento geral do organismo humano: a) "o domínio do funcionamento psíquico é mais estreito do que o domínio do funcionamento bioenergético"; b) o domínio psíquico "está nitidamente separado do domínio do somático, do funcionamento físico-psíquico, apesar de todas as inter-relações entre o somático e o psíquico"; e c) "*a ligação do domínio psíquico com o somático não é nunca direta, é sempre derivada por intermédio do princípio comum de funcionamento das emoções bioenergéticas*".

As implicações de tais relações funcionais para o campo da terapêutica e de uma doutrina orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento podem ser expressas nos seguintes termos:

> A terapia causal radical das chamadas doenças psicossomáticas só pode significar a *alteração da base de reação bioenergética*; naturalmente isto inclui e não exclui o tratamento mecânico-somático e o psíquico. *A economia da bioenergia* forma o cerne real do assunto, a chave para essa economia é a função da potência orgástica, em outras palavras, a capacidade do organismo de descarregar seu acúmulo de energia num modo apropriado biologicamente por intermédio das convulsões orgásticas totais. (REICH, 1952, p. 6, tradução nossa).

O funcionalismo orgonômico, conforme esclareceu Reich (1952b, p. 10, tradução nossa), não nega a participação dos processos mecânicos, químico-físicos, nos processos vitais, contudo, compreende "as funções químico-físicas no organismo como variações das funções biofísicas básicas" e subordina "as primeiras às segundas", o que lhe faz ficar "em nítida oposição ao pensamento mecanicista". A propósito, esse autor esclareceu que:

> A contradição entre o funcionalismo orgonômico e o mecanicismo está relacionada exclusivamente à questão da qualidade das funções naturais *primárias*, das quais derivam as funções secundárias, terciárias etc. *O domínio de funcionamento químico-mecanicista em si mesmo obviamente não é questionado.* Questiona-se somente a posição e o alcance de seu domínio. (REICH, 1952b, p. 10 e 11, tradução nossa).

O mesmo raciocínio pode-se aplicar à psicologia profunda, ou seja, à psicanálise, que, conforme as palavras de Reich (1952b, p. 8, tradução nossa), "como consequência de seu próprio método de raciocínio, que é correto no campo do psiquismo", equivoca-se ao querer abranger com o seu método fenômenos que não pertencem ao domínio do psíquico, que, na visão reichiana, estão inseridos num domínio de funcionamento, cujas leis funcionais não podem ser reduzidas ao campo do simbólico, sendo um desses fenômenos, o orgasmo.

5.11 APROFUNDAMENTOS DO PROCESSO DE ENCOURAÇAMENTO: AS NOÇÕES DE BIOPATIA E DE ANORGONIA

5.11.1 Aspectos gerais

Durante o período orgonômico de sua obra, Reich (2009) aplicou os princípios do funcionalismo orgonômico em diversos experimentos clínicos, os quais permitiram aprofundar a sua investigação sobre o fenômeno do encouraçamento – iniciada, conforme mostramos no decorrer dessa dissertação, no início de sua trajetória científica - e possibilitaram realizar uma demarcação das patologias que teriam como denominador comum um distúrbio na função de pulsação no organismo como um todo. A esse grupo de doenças ele denominou biopatias.

Uma outra condição patológica, denominada anorgonia, que seria originada por uma súbita imobilização do plasma e por uma redução da atividade pulsatória, também foi descrita por esse pesquisador, nesse período de sua obra.

Os estudos sobre as biopatias empreendidos por Reich (2009) ampararam-se, além do conhecimento advindo de suas atividades clínico-terapêuticas, em diversos experimentos, muitos deles com ratos, em que ele acompanhou e descreveu, detalhada e minuciosamente, os processos celulares e tissulares presentes na formação dos tumores malignos. As interpretações e o entendimento sobre os referidos processos celulares observados por esse autor foram todos fundamentados nos princípios da sua metodologia de investigação: o funcionalismo orgonômico.

Consideramos relevante ressaltar que, nos seus experimentos sobre o câncer, Reich (2009) julgou ter observado os efeitos benéficos do uso do acumulador de energia orgone. Segundo suas investigações, esse dispositivo permitiu carregar energeticamente os organismos cujo processo de adoecimento havia rebaixado o nível da energia orgone. Assim, nos casos de adoecimentos causados por uma perturbação na função de carga energética, em que os organismos encontrar-se-iam num estado de encolhimento plasmático crônico – entre eles,

alguns casos de câncer -, o acumulador de energia orgone ter-se-ia se mostrado uma ferramenta útil para auxiliar no processo terapêutico. Para Reich (2009), os efeitos desse dispositivo terapêutico poderiam ser evidenciados por testes sanguíneos desenvolvidos por esse pesquisador, os quais permitiam medir a carga orgonótica presente no sangue.

Outros pesquisadores, conforme levantamento apresentado no segundo capítulo, após a morte de Reich, continuaram a estudar experimentalmente o acumulador de energia orgone e a empregar o teste sanguíneo para aferir os efeitos desse dispositivo, corroborando, dessa maneira, as conclusões apresentadas por esse autor. Ainda que muito importante para o estudo da orgonomia, está fora do escopo da presente pesquisa avaliar os estudos experimentais realizados por Reich e por aqueles que continuaram a investigar experimentalmente as suas ideias.

Segundo Reich (2009), as biopatias e a anorgonia têm como origem o encouraçamento plasmático que, muitas vezes, inicia-se em fases precoces do desenvolvimento ontogenético, incluindo os períodos intrauterinos e os primeiros estágios neonatais. Abordaremos os referidos conceitos de biopaia e de anorgonia, assim como as considerações reichianas sobre o início do encouraçamento, nos itens a seguir.

5.11.2 A noção de biopatia

No livro *The Cancer Biopathy*[184] ("A Biopatia do Câncer"), publicado, originalmente, em 1948, ao referir-se ao tumor canceroso, Reich (2009, p. 153) afirmou que este "é somente um sintoma visível da doença que chamamos 'câncer'", de modo que "o tratamento localizado do tumor canceroso através de cirurgia ou radiação com rádio ou raios X se constitui, portanto, apenas no tratamento de um sintoma, não da doença em si". De acordo com a visão orgonômica, "a morte por câncer não é o resultado da presença de um ou mais tumores. É na verdade o resultado final da doença biológica sistêmica 'câncer', que é causada por um processo de desintegração no organismo total".

Esse autor entendia que o pensamento médico-mecanicista sobre o câncer vigente na sua época estaria limitado ao estudo dos sintomas do câncer e, ainda, não tinha conseguido

[184] A referida obra constitui-se, em sua maioria, de artigos publicados na revista *International Journal of Sex-Economy and Orgone Research* ("Jornal Internacional de Economia Sexual e Pesquisa Orgone"), durante a primeira metade da década de 1940, os quais foram posteriormente reagrupados e compilados em forma de livro. A fonte utilizada para a presente pesquisa é a tradução para o português dessa obra.

atingir um nível de entendimento dessa doença em termos de uma disfunção orgânica total, ou seja, em termos de ser essa uma doença sistêmica, distinta dos seus sintomas locais:

> A literatura médica não fornece informação sobre a *natureza* dessa doença sistêmica. A assim-chamada *predisposição para o câncer* indica apenas que processos mortíferos, não investigados até agora, estão trabalhando por trás do tumor canceroso. A típica caquexia do câncer, o último estágio da doença, deve ser considerada somente a fase extrema, visível do processo sistêmico desconhecido 'câncer'". (REICH, 2009, p. 153).

O termo *biopatias* passou a ser utilizado, por Reich (2009, p. 154), para referir-se "a todos os processos de doenças causadas por uma disfunção básica no aparelho vital autonômico", que teriam como "*denominador comum* [...] *um distúrbio na função natural de pulsação no organismo como um todo*".

Após ter-se iniciado a disfunção na pulsação, ela poderia "se manifestar em uma diversidade de padrões sintomáticos de doença", ou seja, "a biopatia pode resultar em um carcinoma (biopatia carcinomatosa)" ou "conduzir a uma angina no peito, asma, hipertensão cardiovascular, epilepsia, catatonia ou esquizofrenia paranóica, neurose de angústia, esclerose múltipla, coréia, alcoolismo crônico e assim por diante". Independentemente dos "fatores que determinam a direção em que uma biopatia se desenvolverá", de primeira importância para a concepção orgonômica das biopatias, segundo Reich (2009, p. 154), é o seu denominador comum, qual seja, um grave distúrbio na pulsação.

O referido denominador comum das biopatias permitiu que Reich (2009, p. 154) realizasse uma demarcação no campo patológico, pois os acometimentos orgânicos, entre eles, "fraturas, abscessos localizados, pneumonia, febre amarela, pericardite reumática, envenenamento alcoólico agudo, peritonite infecciosa, sífilis, etc. *não* são, consequentemente, biopatias", uma vez que "não se desenvolvem a partir de distúrbios na pulsação autonômica do aparato vital total", estando eles "circunscritos", de tal maneira "que podem de modo apenas secundário causar um distúrbio da pulsação biológica". As biopatias, portanto, não incluem as doenças traumáticas e nem as infecciosas.

Por outro lado, quando "for incontestável que o processo da doença começa com um distúrbio da pulsação, não importa que padrão secundário de doença daí resulte"; pode-se afirmar que se trata de uma doença biopática, ou seja, uma doença específica do aparelho autonômico vital, cuja perturbação afeta a totalidade do organismo (REICH, 2009, p. 154).

O denominador comum às biopatias, isto é, o distúrbio crônico na pulsação orgonótica, estaria relacionado à estase sexual, pois a tese de Reich (2009, p. 155) é no sentido de que esta "*representa um distúrbio fundamental da pulsação biológica*". Partindo das premissas de que

"a excitação sexual é uma função básica do sistema plasmático vivo" e de que "*a função sexual é, de maneira demonstrável, a função produtiva vital em si*", poder-se-ia concluir que "um distúrbio crônico desta função deve necessariamente coincidir com uma biopatia".

Assim, o mecanismo central de uma biopatia, segundo Reich (2009, p. 156), "*é um distúrbio na descarga da excitação biossexual*", de modo que, "onde quer que apareçam", formam "a base para distúrbios do funcionamento biológico, isto é, uma biopatia". Por distúrbio na descarga da excitação biossexual, pode-se entender, em outros termos, a impotência orgástica, cuja essência encontra-se nas perturbações da função da convulsão orgástica.

A fim de tornar compreensível, com mais detalhes, como as biopatias originam-se de disfunções na pulsação orgonótica, Reich (2009, p. 156) lembrou que a pulsação biológica – à época do texto compreendida somente em termos da função de pulso – constitui-se numa alternância entre expansão e contração, e que essa alternância é um processo vital fundamental, que rege tanto o homem quanto a ameba.

No caso de seres unicelulares, "esse processo pode ser observado nas contrações rítmicas dos vacúolos ou nas contrações e movimentos sinuosos do plasma nos organismos" desses seres. No caso dos metazoários, a pulsação poderia ser facilmente visualizada "no sistema cardiovascular, em que a batida do pulso é uma clara evidência de pulsação". Contudo, "sua manifestação no organismo como um todo varia de acordo com a estrutura dos órgãos individuais", pois a pulsação se apresentaria de distintas formas em cada um dos órgãos e, no orgasmo, permearia a totalidade do organismo:

> Nos intestinos, por exemplo, a pulsação aparece como 'peristalse' – ondas de expansão e contração alternadas. Na bexiga, a pulsação biológica funciona em resposta ao estímulo de expansão mecânica causada pelo preenchimento da bexiga com urina. O processo também se manifesta nas funções musculares, como contração dos músculos estriados e peristalse ondulante dos músculos lisos. Ele permeia todo o organismo na convulsão orgástica (reflexo do orgasmo). (REICH, 2009, p. 156).

Existem diferenças entre as biopatias, de modo que as mais graves se caracterizam por um encolhimento total do sistema plasmático, entre as quais se encontram alguns tipos de câncer.

Reich (2009, p. 157 e 158) notou que "*o encolhimento biopático começa com uma preponderância crônica da contração e uma inibição da expansão no sistema plasmático*". Segundo esse autor, "isto se manifesta de maneira mais nítida nos distúrbios respiratórios de pacientes neuróticos e psicóticos, em que há uma restrição da pulsação pulmonar e torácica (alternância de expansão e contração) e predomina a atitude inspiratória". Sobre o processo de contração crônica, denominado simpaticotonia, Reich considerou, mais detalhadamente, que:

> A contração geral (simpaticotonia) não se limita aos órgãos individuais. Ela abrange todos os sistemas de órgãos, seus tecidos, o sistema sanguíneo, o endócrino, bem como a estrutura de caráter. Ela se manifesta de diversas formas segundo sua localização, como, por exemplo, pressão sanguínea alta e taquicardia no sistema cardiovascular, encolhimento dos glóbulos vermelhos de sangue (formação de bacilos T[185], poiquilocitose, anemia) no sistema sanguíneo, bloqueio afetivo e encouraçamento de caráter na esfera das emoções, constipação espasmódica no canal alimentar, palidez da pele, impotência orgástica na função sexual e assim por diante. (REICH, 2009, p. 157 e 158).

Assim, conforme afirmou Reich (2009, p. 158), "*o encolhimento biopático no câncer é consequência de uma contração crônica e gradual do aparato autonômico vital*".

É importante lembrarmos que, quando esse autor se refere ao aparato autonômico vital, ainda que esteja fazendo referência, também, às funções vitais realizadas pelo sistema nervoso autônomo, ele admite "renunciar à visão que domina a medicina contemporânea de que os nervos autonômicos dos organismos multicelulares simplesmente transmitem impulsos e são rígidos eles mesmos", pois "o próprio sistema nervoso autônomo se expande e se contrai, ou seja, é móvel" (REICH, 2009, p. 169).

> *A contração e a expansão da ameba continuam existindo no organismo multicelular na forma de sistema nervoso autônomo contrátil e expansível. Esse sistema nervoso autônomo nada mais é do que plasma contrátil organizado. O movimento emocional, vegetativo, autonômico é portanto uma expressão direta da corrente plasmática*. (REICH, 2009, p. 170).

Ou seja, ainda que seja inegável que as funções do sistema nervoso autônomo desempenham um papel na expressão das emoções e dos impulsos do cerne do organismo - no ser humano e em todos os seres possuidores de sistema nervoso -, esse sistema, também, é regido pela função vital mais fundamental, a pulsação plasmática, pois as emoções entendidas em termos de seu PFC - isto é, da pulsação plasmática e da antítese primária da vida, expansão-contração - encontram-se num domínio de funcionamento mais profundo e amplo que o próprio sistema nervoso autônomo, de forma que este último é, apenas, uma variação das emoções e funciona sob o primado do PFC daquelas.

Em suas investigações clínicas, Reich observou como o processo de encouraçamento se manifesta corporalmente em termos de bloqueios na pulsação do organismo. Esse autor descreveu como o bloqueio das excitações sexuais eram acompanhados por disfunções orgânicas:

> O bloqueio da excitação biossexual nos genitais, por exemplo, se faz acompanhar por um espasmo da musculatura pélvica, como os espasmos uterinos de mulheres frígidas e neuróticas, que levam frequentemente a dores

[185] Os bacilos T são um tipo específico de bions originados do processo de putrefação celular, encontrados nas células cancerígenas.

> e distúrbios menstruais, pólipos e miomas. O espasmo uterino não tem outra função senão impedir que a energia biossexual seja sentida na vagina. (REICH, 2009, p. 159).

Em conformidade com essas observações, Reich (2009, p. 159) notou que "os espasmos que inibem o fluxo livre das correntes plasmáticas afetam particularmente a musculatura *anular*, como por exemplo na garganta, na entrada e saída do estômago, no ânus e assim por diante". Segundo esse autor, essas seriam "áreas do organismo em que o câncer acontece com frequência significativa". Assim, os bloqueios na corrente plasmática, isto é, na expressão dos impulsos e das emoções, estariam relacionados às disfunções fisiológicas, pois "o distúrbio na carga biológica em uma glândula, uma membrana mucosa ou uma área específica da pele é causado por um bloqueio muscular próximo do ponto afetado que interrompe a corrente plasmática".

A investigação orgonômica sobre a biopatia do câncer assumiu, portanto, que "toda estase energética prolongada no sistema biológico plasmático", o sistema autonômico vital, manifesta-se "inevitavelmente através de sintomas somáticos, bem como psíquicos" (REICH, 2009, p. 196) e revelou *"um terceiro fator, mais profundo: o distúrbio da pulsação plasmática que opera na base biológica comum de soma e psique*" (REICH, 2009, p. 197). Os experimentos realizados por Reich (2009, p. 197) o teriam permitido concluir "que uma *inibição da função sexual autonômica pode induzir um encolhimento biopático do sistema nervoso autônomo*"*,* ainda que esse autor tenha reconhecido não saber "se esta etiologia é válida para todas as formas de câncer".

Buscando um entendimento mais aprofundado sobre as origens das biopatias, em especial, sobre o surgimento do câncer, pautado em suas premissas, Reich (2009, p. 195) indagou-se: "*o que acontece nos tecidos e no sangue como consequência do encolhimento biopático?* Em outras palavras, *de que forma o encolhimento geral do sistema autonômico produz o tumor local?*" A resposta antecipada por ele é que "*a consequência geral do encolhimento biopático é a putrefação dos tecidos e do sangue. O crescimento de tumores cancerosos é somente um de seus sintomas*".

A linha geral de seu raciocínio é a de que "*a motilidade do sistema biológico plasmático é danificada em si pelo encolhimento biopático*", em termos caracterológicos, o encolhimento vegetativo se expressa em uma resignação perante à vida, um medo profundo de expressar os impulsos biológicos, ou seja, um medo em nível plasmático de movimentar-se, de tal forma que, com o prolongamento dessa condição, "o sistema plasmático se contrai e o organismo

perde sua estabilidade autonômica e a auto-regulação de sua função locomotora. O estágio final do processo é uma deterioração gradual da substância corporal” (REICH, 2009, p. 198).

Com base nessas considerações, é possível compreender, com mais detalhes, a distinção das biopatias das lesões puramente mecânicas[186], pois, segundo Reich (2009, p. 199), “o funcionamento biológico do organismo total não é prejudicado por uma lesão mecânica local”. Por outro lado, no dizer desse autor (REICH, 2009, p. 199),

> [...] *uma paralisia funcional é uma manifestação de um distúrbio biológico total. A função da formação do impulso plasmático no cerne biológico do organismo é, ela mesma, perturbada* e pode causar uma perda extensa de substância nos tecidos (atrofia muscular, caquexia geral, anemia, etc.).

Portanto, uma biopatia envolve uma paralisia, à nível plasmático, a qual perturba a formação de um impulso no cerne do organismo. Essa paralisação plasmática corresponde à inibição da expressão emocional, pois, para o funcionalismo orgonômico, as emoções nada mais são do que o movimento plasmático. Assim, é possível afirmar que na base das biopatias há, sempre, um fundo emocional, que, em níveis biofísicos, corresponde à perturbação na função de pulsação orgonótica. Ressalta-se que esse fundo emocional, da maneira como é concebido pela doutrina da orgonomia, é a causa real das biopatias, pois toda a dinâmica vital, para essa doutrina, é, sempre, uma dinâmica emocional, posto que as emoções regulam o funcionamento da vida.

Reich (2009, p. 210) esclareceu que, ao perceber que “a estase sexual, que produz ‘a neurose de estase’, está na base tanto da biopatia carcinomatosa como da cardiovascular”, ele foi levado a concluir que deveria existir “uma diferença essencial entre o câncer e as biopatias cardiovasculares”. Esse pesquisador notou que “as vítimas de câncer apresentam predominantemente uma mansidão emocional e uma resignação caracterológica”, contrastando com estas, “as pessoas que sofrem de hipertensão cardiovascular, isto é, de uma contração vascular crônica, são, [...], em sua maior parte facilmente excitáveis, com ‘labilidade emocional’, personalidades explosivas”. Ele afirmou nunca ter visto “pacientes de câncer com emoções violentas, explosões de raiva e assim por diante”, o que lhe levou a concluir “pela existência de diferenças específicas entre as duas formas de biopatia, a despeito de sua etiologia comum na estase sexual”. O fator essencial, nessa diferenciação, para o autor, “é *como o organismo reage à excitação sexual represada depois que ela aconteceu*”.

---

[186] Sabe-se que uma lesão cerebral ou um dano “mecânico” severo em um órgão vital pode, sim, gerar uma paralisia funcional. Entendemos que Reich, nessa passagem, apenas quis diferenciar a lesão mecânica local, que não afeta a pulsação total do organismo, ou seja, que não gera uma paralisia funcional, das biopatias, as quais afetam o funcionamento total do organismo.

Sobre a distinção entre a biopatia cardiovascular e a biopatia de encolhimento carcinomatosa, Reich (2009, p. 211) considerou, mais detalhadamente que:

> *Na biopatia cardiovascular* (neurose de angústia como consequência da abstinência), *a excitação sexual permanece viva* biologicamente, isto é, fisiológica e emocionalmente. Em outras palavras, o cerne biológico do organismo, o aparelho vital autonômico continua gerando energia em sua mais plena extensão. Quando se contrai, no entanto, o organismo reage com explosões de angústia ou raiva e com sintomas somáticos, como o hipertiroidismo, a diarréia e outros. *Por outro lado, no câncer o cerne biológico reduz sua produção de energia.* Com a diminuição da produção de energia, as emoções e excitações tornam-se cada vez mais fracas. Desse modo, o metabolismo energético é profundamente muito mais perturbado do que nas desordens que produzem sintomas mais visíveis, como a histeria. Encarada do ponto de vista funcional, uma explosão de raiva ainda é uma descarga de energia, mesmo que patológica. *A calma emocional crônica, por outro lado, deve coincidir com uma estagnação bioenergética na célula e no sistema plasmático*.

Percebendo que em algumas biopatias a vitalidade ainda persiste, ou seja, que há ainda carga emocional, e que em outras ocorre uma "*resignação* sem protesto aberto ou velado contra a negação da alegria na vida", Reich (2009, p. 214) considerou que essa resignação deveria "ser considerada como uma das causas essenciais da biopatia de encolhimento". O encolhimento biopático, segundo esse autor, "*representa, portanto, uma continuação da resignação caracterológica crônica no campo do funcionamento celular*".

> O processo de encolhimento avança na direção do centro, isto é, do 'cerne biológico'. O cerne biológico nada mais é do que a soma de todas as funções plasmáticas da célula. Depois que o processo de encolhimento tiver atingido esse cerne, o próprio plasma se contrai. (REICH, 2009, p. 214).

Na busca por um entendimento sobre como os processos emocionais estariam relacionados aos processos celulares, em especial, às formações tumorais, Reich (2009, p. 218) se concentrou na seguinte questão: "*como é possível que uma célula imóvel, vivendo e funcionando em união harmoniosa com outras células, se transforme em uma célula móvel, 'selvagem', que emerge do tecido local e destrói tudo no seu caminho?*" Essa questão deveria levar em consideração um outro fato, ainda mais estranho, pois "a própria célula cancerosa é uma estrutura extremamente fraca, que se desintegra facilmente".

Na trilha pela reposta à referida questão, o conhecimento advindo da experiência clínico-terapêutica de Reich, especialmente, as suas investigações sobre o fenômeno do encouraçamento como um processo que tem suas origens na infância e que, acompanha o desenvolvimento ontogenético, certamente devem ter contribuído para que o autor, ao buscar compreender a gênese do câncer, partisse de uma orientação histórico-genética, isto é, compreendesse o fenômeno em questão como algo cujas origens antecedem, em muito, o

surgimento dos sintomas locais. Seguindo esse caminho, Reich (2009, p. 218) considerou como "errôneo acreditar que a célula cancerosa se desenvolve diretamente das células saudáveis", pois, segundo o seu entendimento, "*uma célula imóvel, saudável, não se transforma subitamente em uma célula agitada, móvel, em proliferação.* Ocorre uma série de mudanças patológicas no tecido e em seu entorno imediato muito antes do desenvolvimento da primeira célula cancerosa". Sobre os processos envolvidos nessas mudanças patológicas no tecido, esse pesquisador considerou que:

> Essas mudanças locais emergem, elas mesmas, de uma doença geral do aparelho vital. O crescimento de uma célula cancerosa em um lugar específico é, na realidade, apenas *uma* fase no desenvolvimento da doença geral chamada 'câncer'. Designamos esta doença sistêmica de *biopatia de encolhimento carcinomatosa*. O tumor canceroso não é sequer a parte mais importante da doença, é apenas a mais aparente, e foi, até o presente momento, o único fator visível e palpável da biopatia do câncer. Portanto, descobrir que a biopatia de encolhimento é a verdadeira doença foi da maior importância, pois dirigiu nossa atenção para os fatores essenciais. (REICH, 2009, p. 218).

As investigações experimentais, empreendidas por Reich (2009, p. 223 e 224), sobre os processos envolvidos na formação do tecido canceroso, permitiu a esse pesquisador, concluir:

> 1. A célula cancerosa plenamente desenvolvida é apenas o produto final de uma longa seqüência de processos patológicos nos tecidos afetados. Esses processos nunca foram investigados.
> 2. Há um certo número de fases características de desintegração tissular e determinadas formas celulares que são encontradas somente em tecido não saudável.
> 3. A primeira fase da degeneração do tecido canceroso é a perda da estrutura normal através da formação de vesículas.
> 4. O tecido em desintegração vesicular produz dois tipos básicos de bíons: os bions PA e os bacilos T pequenos, pretos, com formato de lança[187].
> 5. *As células cancerosas se organizam a partir dessas vesículas de energia bionosa, transformando-se, com um certo número de fases intermediárias, em protozoário amebóide móvel.*

Reich (2009, p. 224 e 225) observou que o processo tissular de formação do câncer poderia ser caracterizado pela "*estrutura vesicular do tecido circundante*" e pelas "diversas

[187] É importante esclarecer que, por "bions PA" ("pacotes de areia"), Reich (2009, p. 34 e 35) se refere a um tipo de específico dessas vesículas, identificados por ele quando as obteve a partir da areia do mar, que apresentam cor azulada e seriam benéficas à saúde. Por bacilos T (a letra T é utilizada em alusão ao termo "Tod" que significa morte em alemão), esse autor se refere a um tipo de bions antagônicos aos bions PA, que apresentam formato esticado, tamanho menor que os bions PA e cor preta. Segundo seus experimentos e conclusões, os bacilos T "podem ser obtidos a partir da degeneração de todo tipo de substância protéica" e são "*produto de processos degenerativos pútridos nos tecidos*". Entre as substâncias utilizadas para obter esses bacilos, esse pesquisador citou: "*sangue de pacientes com câncer*", "*tecido canceroso*", "*células e tecidos pré-cancerosos*" e "*sangue em degeneração*". Por serem capazes de aglutinar-se e, dessa forma, darem origem a estafilococos, a estreptococos e a bacilos, esse autor os denominou de bacilos T. Reich relatou ter injetado os bacilos T em camundongos saudáveis e verificado que estes deram origem a "tumores cancerosos, destrutivos e infiltrantes". Além disso, ele registrou ter observado o efeito antagônico entre os dois tipos de bions, pois "*os bíons PA têm a capacidade de matar ou imobilizar os bacilos T pretos*".

formações que ou evoluem para um câncer plenamente desenvolvido ou resultam de sua desintegração". Os seus experimentos e observações teriam indicado que "a primeira fase no desenvolvimento de um tumor canceroso sempre é a desintegração vesicular do tecido" e "que a proliferação de células cancerosas nas áreas circundantes" deveria "ser atribuída não só ao avanço do tecido canceroso já formado, mas também – e talvez mais ainda – à desintegração do tecido circundante amolecido". Ou seja, tecido não tumoroso saudável, circundante ao tumor, passaria por uma espécie de "amolecimento" e de desintegração vesicular, a qual permitiria a posterior proliferação das células tumorais:

> O tecido circundante saudável deve passar ele mesmo por desintegração vesicular antes de permitir a infiltração do tumor nas cercanias. É uma questão de ação recíproca entre o tecido canceroso formado e o tecido saudável que o cerca. O primeiro grupo de células em desintegração vesicular se organiza como um tecido composto de células cancerosas. Esse tecido canceroso formado danifica o tecido saudável que o circunda e desencadeia sua desintegração vesicular. Esse tecido circundante que está se desintegrando agora não oferece resistência à infiltração, retrocede cada vez mais e se transforma progressivamente em células cancerosas. (REICH, 2009, p. 224 e 225).

O processo de "desenvolvimento de um tumor canceroso", segundo Reich (2009, p. 227), "simplesmente corresponde à *autodesintegração protozoária e auto-infecção do organismo.* Ou, em outras palavras, *os tecidos individuais do organismo metazoário se transformam em organismos unicelulares de tamanho e forma variados*". Nesse processo, portanto, ocorre uma espécie de "regressão" do funcionamento vital de uma organização mais complexa, a metazoária, para uma mais simples, a protozoária. Os tecidos dos órgãos, formações biológicas mais complexas, desintegram-se em vesículas e em protozoários, formações biológicas mais simples.

As observações em orgonoterapia, segundo Reich (2009, p. 227 e 228), indicaram que "*espasmos locais* e *distúrbios de carga do tecido* são as causas básicas da formação do tumor" e que "a *inibição respiratória* é a principal causa do encolhimento sistêmico e, por conseguinte, também influencia a formação de tumores". Contudo, "esses processos explicam os distúrbios no organismo e no órgão, porém não explicam o distúrbio das funções da *célula* nos órgãos afetados". Restava, ainda, responder as antigas perguntas: "*Qual é a função do orgasmo sexual no metabolismo da célula? Por que motivo desenvolveu-se essa função primordial e em que processos biofísicos celulares ela se baseia?*"

As investigações de Reich (2009, p. 228 e 229) o levaram a concluir que "o tumor canceroso local se desenvolve em órgãos espásticos e pouco carregados, isto é, em órgãos que estão *sufocando*" e que "este processo afeta gravemente cada uma das células". Era possível,

portanto, “presumir que o desenvolvimento de uma célula cancerosa a partir de uma célula normal em repouso corresponde a uma mudança na função celular ‘bioenergética’ (físico-orgonótica)”.

As descrições do biólogo alemão Richard Hertwig (1850-1937), “o primeiro cientista a investigar e formular a relação do núcleo com o plasma, em sua famosa ‘relação núcleo-plasma’”, conduziram o caminho para que Reich (2009, p. 229 e 231) investigasse a referida relação “*em termos da biofísica orgone*”.

Reich (2009, p. 231) concebeu a célula como um sistema orgonótico e compreendeu a relação entre o núcleo da célula – “o sistema mais rico em orgone dentro da célula” e o plasma celular – “o sistema orgonoticamente mais fraco” - com base no potencial orgonótico, que estabelece que “*o sistema de orgone mais forte retira energia do sistema mais fraco e a atrai*”.

> O núcleo apresenta todas as características orgonóticas com mais intensidade que o plasma. Ele irradia com mais força que o plasma e possui uma cor azul intensa. Ao redor da célula encontra-se um *campo de energia orgone*, que pode ser designado como a parte mais fraca em orgone no *sistema orgonótico total* da célula. (REICH, 2009, p. 231)

O núcleo, compreendido com base no funcionalismo orgonômico, segundo Reich (2009, p. 232), “é o centro de energia e a fonte de energia da célula, seu ‘sistema nervoso autônomo’, por assim dizer” e “o plasma celular é o depósito de comida e o órgão executivo dos impulsos provenientes do núcleo, exatamente como os órgãos digestivos e locomotores do metazoário são os órgãos executivos do sistema autonômico”. A relação núcleo-plasma, como toda relação entre sistemas orgonóticos, seria governada pelo potencial orgonômico, a qual poderia ser estabelecida nos seguintes termos: “*o núcleo retira constantemente energia orgone do plasma celular, que a assimilou através da absorção de nutrientes e da respiração*. Deste modo, o núcleo mantém sua preponderância de energia orgone em relação ao plasma”.

Reich (2009, p. 232) afirmou que “a relação núcleo-plasma precisa ser determinada não apenas em termos de material, isto é, de acordo com a *massa*, mas também – e mais importante – em termos de energia, de acordo com a diferença entre a carga de orgone”. Esse pesquisador passou a conceber o processo de divisão celular em termos do potencial orgonômico e da função do orgasmo e forneceu a seguinte argumentação para o referido processo:

> Quando o plasma cresce no período entre duas divisões celulares, a energia orgone se acumula no plasma. Num determinado momento, o núcleo cresce rapidamente; isto é, ele corrige a relação de carga orgonótica. Daí se segue que, durante a fase *entre duas divisões* (duas convulsões orgonóticas), *a absorção de energia orgone para dentro da célula excede de longe a descarga de energia orgone nas cercanias*. Isto explica o crescimento da célula total até o momento de sua divisão (e não os processos químicos e materiais). A preponderância do fluxo de energia orgone de fora para dentro do núcleo conduz inevitavelmente a um *excesso de energia orgone* e, com ele, à inversão

> do fluxo de energia dentro do núcleo para fora dele. *A descarga do excesso de energia biológica ocorre em todos os seres vivos – em plantas bem como em animais, em metazoários bem como em protozoários – através da convulsão do plasma total ou, em outras palavras, através do orgasmo.* (REICH, 2009, p. 232).

Percebendo que a sua fórmula do orgasmo poderia ser aplicada, também, aos processos de divisão celular, Reich (2009, p. 232) afirmou que aquela "deve ser, por conseguinte, idêntica à 'fórmula da vida'" e, assim, concebeu a divisão celular como um "processo orgástico no sentido estrito de *equalização de energia biológica excessiva*". O fenômeno do orgasmo, não mais restrito ao ato sexual, mas sim como uma função vital, seria, no dizer desse autor, "o *regulador da casa de força da energia biológica*". Em relação aos processos celulares, poder-se-ia afirmar que *"o orgasmo descarrega o excedente de energia orgone que se acumula periodicamente nos núcleos celulares*".

Portanto, no entendimento de Reich (2009, p. 233), a função do orgasmo poderia ser aplicada ao funcionamento total da vida e, se os processos de crescimento de um organismo forem vistos em termos de processos de divisões celulares, então, o orgasmo teria como objetivo descarregar o excedente de energia orgone que se acumularia nos núcleos celulares. Além disso, poder-se-ia, também, notar que, com a cessação do crescimento, ou seja, no processo de envelhecimento, que, em termos energéticos, corresponde a uma diminuição da carga energética do organismo, a função do orgasmo perderia, gradualmente, a sua importância.

> [...] nossa teoria do orgasmo é fortemente corroborada por este entendimento dos segredos da função celular e pode então explicar as funções celulares não compreendidas até agora: o orgasmo (descarga de energia orgone através de convulsões) libera o acúmulo excessivo de energia orgone que ocorre em todo processo de crescimento. Quando o processo de crescimento pára – em outras palavras, quando a produção de energia orgone *em excesso* no núcleo biológico diminui gradualmente -, a função do orgasmo também começa a perder a sua importância. Ocorre com menor frequência e, finalmente, cessa. Esta fase, isto é, a involução do organismo, é a característica básica mais importante do envelhecimento normal. Com esta base, a vida na sua fase ascendente é sexualmente vigorosa; em sua fase descendente, torna-se pouco a pouco sexualmente enfraquecida. Este princípio é verdadeiro para os indivíduos e para as gerações de células igualmente. (REICH, 2009, p. 233).

Baseando-se nas suas conclusões sobre a função do orgasmo no metabolismo da célula, mais especificamente, na divisão celular, Reich direcionou a sua investigação para responder à questão que, ainda, faltava, ou seja, compreender a origem da célula cancerosa em termos de uma disfunção celular bioenergética, ou, físico-orgonótica.

A resposta a essa questão foi apresentada, por Reich (2009), no seu livro *A Biopatia do Câncer*, com descrições detalhadas e minuciosas a respeito das fases do desenvolvimento do câncer, em termos de suas alterações celulares e tissulares, melhor ilustrada com fotos, desenhos

e inúmeras informações dos experimentos. Limitar-nos-emos, aqui, apenas, a fornecer uma descrição sintética sobre as conclusões propostas pelo autor.

Segundo Reich (2009, p. 233 e 234), "a contração crônica do organismo impede a respiração e carga e descarga ordenadas de energia orgone no plasma da célula, que se contrai inicialmente e, depois, começa a encolher". Como consequência desse encolhimento, ocorre uma perturbação nos processos químicos metabólicos, entre eles, um "excesso de dióxido de carbono", que "gera uma condição semelhante à sufocação em animais". O sistema autonômico, conforme esse autor, "reage à sufocação, isto é, à extinção temida, através de convulsões violentas, ou seja, hiperatividade completamente descontrolada". Os núcleos celulares desenvolveriam, então, um "excesso de excitação e atividade selvagem quando o funcionamento do plasma se reduz e ele começa a encolher".

Reich (2009, p. 234) afirmou que "o núcleo e o plasma formam normalmente uma unidade funcional", no entanto, "na sufocação do plasma [...] o núcleo reage em clara oposição ao processo doentio no plasma".

> O núcleo, como sistema orgonótico mais forte, ainda pode "se defender" quando o plasma, orgonoticamente mais fraco, começa a sucumbir. Em consequência, a relação núcleo-plasma de Hertwig muda rápida e perigosamente a favor do núcleo com relação às funções energéticas. O excesso de energia no núcleo torna-se grande demais em relação ao plasma, que sufoca. Em uma condição de carga excessiva, o núcleo é capaz de funcionar de *uma* única maneira, através de *luminação e divisão*. Enquanto a radiação de orgone biológico diminui durante o processo de encolhimento dos sistemas plasmático e sanguíneo, a *radiação mitogenética* dos núcleos da célula em sufocação se intensifica em grande proporção. (REICH, 2009, p. 234).

Dessa maneira, conforme Reich (2009, p. 234), "*os núcleos da célula afetada procuram compensar a falha do organismo total* assumindo a função de *descarga* de energia orgone, que o organismo total não consegue mais levar a cabo devido à impotência orgástica e à contração do sistema plasmático". Ou seja, "*no nível biológico mais profundo, a descarga de energia, na forma de luminação e divisão de núcleos, substitui as convulsões orgásticas naturais do sistema plasmático total*".

O processo de encolhimento plasmático acabaria, portanto, alterando gravemente o funcionamento do plasma, de modo que as divisões celulares não poderiam mais prosseguir de maneira normal, fisiológica. A relação núcleo-plasma ficaria perturbada e, como efeito, ocorreria a profusão de divisões celulares (mitoses) no tecido canceroso, afetando, também, a formação do núcleo da célula. Mais especificamente sobre as alterações no núcleo da célula, Reich (2009, p. 235) afirmou:

> Ele se desintegra, formando bíons individuais de intensa radiação. Esta desintegração bionosa afeta toda a célula e até se estende às células circunvizinhas, reduzindo-as a uma massa informe de vesículas bionosas [...] É a partir dessa massa bionosa, estimulada pela energia orgone que não mais funciona de modo harmonioso no organismo, que os protozoários chamados "células cancerosas" crescem agora.

O processo de formação da célula cancerígena corresponde a uma regressão no funcionamento biológico, pois "o metazoário pára de funcionar, enquanto o protozoário floresce, como na lagoa estagnada na qual não há mais metabolismo energético". Sobre esse processo de regressão, Reich (2009, p. 235) afirmou que "a vida naufraga, recua e passa a funcionar no *nível biológico mais baixo*, pois onde um metazoário não pode mais sobreviver, um protozoário e certamente um bíon ainda podem funcionar".

A conclusão final sobre o tumor canceroso é de que este é "*meramente uma manifestação tardia, palpável, de um distúrbio severo do equilíbrio orgonótico e da função unitária do organismo*". Em referência aos processos celulares, o câncer pode ser compreendido como "*o resultado de uma rebelião dos núcleos celulares afetados contra os processos de sufocação e encolhimento no plasma. É essa rebelião que gera o 'crescimento celular selvagem'*" (REICH, 2009, p. 235).

Estabelecendo uma analogia entre a neurose de angústia e o câncer, Reich (2009, p. 235) afirmou que o "processo nos núcleos celulares corresponde ao distúrbio no sistema autonômico quando de uma crise de angústia, como na neurose de angústia, por exemplo", de modo que "seria perfeitamente apropriado falar de *uma crise de angústia entre os núcleos das células no tecido em sufocação*". Contudo, as duas manifestações patológicas apresentam distinções, uma vez que, na neurose de angústia, o funcionamento total do organismo não é debilitado,

> Na neurose de angústia, a crise afeta tanto o cerne biológico como a periferia biológica; a crise de angústia no câncer só afeta os núcleos, enquanto a periferia do sistema orgonótico e suas células permanecem 'emocionalmente' calmas. Na neurose de angústia, a angústia toma o organismo como um todo; na formação de um tumor local, a crise de angústia fica confinada ao tecido e, mesmo ali, só aos núcleos celulares. Na neurose de angústia, todo o organismo retém sua capacidade total de funcionamento; na formação de tumor local, o organismo inteiro está no processo de morrer e apenas os núcleos ainda são fortes e capazes de desenvolver 'angústia'. Portanto, em última análise, o mecanismo de biopatias resultantes da estase sexual é um mecanismo celular patológico. (REICH, 2009, p. 235).

Reich (2009, p. 252), a partir de suas investigações no campo do encouraçamento e das biopatias, elaborou uma concepção acerca da dinâmica vital que "reduz todas as manifestações vitais à função biofísica básica de *pulsação*", pois "o processo vital consiste fundamentalmente em uma oscilação contínua, no organismo como um todo e em cada um de seus órgãos

individualmente, entre *expansão* e *contração*". O estado de saúde passou a ser compreendido, então, em relação à função de pulsação:

> A "saúde" se distingue por uma regulação econômico-sexual de energia e pela *completude* destas pulsações em todos os órgãos. Quando a expansão predomina constantemente sobre a contração, falamos de *vagotonia* crônica. Quando a contração predomina constantemente sobre a expansão, falamos de uma *simpaticotonia* crônica. A *contração* que se mantém cronicamente leva, como vimos, a espasmos musculares e uma preponderância crônica da atitude inspiratória. Em consequência, há um excesso de dióxido de carbono nos tecidos (*ver* Warburg), um processo de encolhimento e a perda de substância corporal, culminando em caquexia. (REICH, 2009, p. 252).

Ou seja, "o processo vital se expressa como uma pulsação constante em cada órgão, de acordo com o seu próprio ritmo e, no organismo total, de acordo com um ritmo de prazer-angústia característico de cada indivíduo". Reich (2009, p. 252 e 253) esclareceu que, "no orgasmo sexual, o excesso de energia é periodicamente nivelado por pulsações extremas (convulsões)", ou seja, no reflexo do orgasmo. Anos mais tarde à publicação de *A Biopatia do Câncer,* conforme abordamos em itens anteriores, esse pesquisador diferenciou na pulsação orgonótica duas funções, o pulso e a onda, as quais, segundo ele, permitem compreender com mais aprofundamento a dinâmica energética do funcionamento da vida e sua relação com as funções da energia orgone livre de massa.

Referindo-se à função de pulsação, Reich (2009, p. 253) afirmou que "a expansão e a contração também governam *todo o espectro vital* em *uma pulsação estendida*". Em outros termos, a soma de todos os processos de uma vida poderia ser visualizada como um único "grande" pulso.

> A expansão do sistema biológico se estabelece com a fertilização do ovo e continua (com predominância da expansão sobre a contração) até a meia-idade. O crescimento, a sexualidade, a felicidade na vida, a atividade expansiva, o desenvolvimento intelectual e assim por diante normalmente predominam até bem além dos quarenta anos. Porém daí em diante, com o começo do processo de 'envelhecimento' – denominado involução -, a contração do sistema autonômico vai gradualmente assumindo as rédeas. O crescimento pára e dá lugar a um processo muito lento de encolhimento, que afeta todas as funções vitais e finalmente culmina, durante a velhice, em uma involução dos tecidos. A involução natural dos idosos se faz acompanhar de uma cessação da função sexual. O ímpeto para o prazer sexual, para a atividade e o desenvolvimento também diminuem. O caráter torna-se 'conservador', a necessidade de descanso predomina. (REICH, 2009, p. 253).

Ao discutir a base biofísica da orgonoterapia, Reich (2009, p. 297) considerou que "ela pode ser reduzida a uma simples fórmula biológica: *melhoria da reação B do organismo; redução ou eliminação da reação T*". Por reação B, esse autor se referiu a uma série de manifestações biológicas que seriam indicativas do estado de saúde, isto é, de uma pulsação

equilibrada, e, por reação T, manifestações que seriam indicativas do estado de doença, isto é, da perturbação da pulsação, as quais, caso perdurassem, poderiam levar o organismo ao estado de encolhimento biopático. Assim, "se houver uma reação T preponderante no sangue e nos tecidos, a orgonoterapia deve aumentar a reação B ou terá fracassado. Inversamente, a terapia pode ser considerada bem sucedida se as reações T forem substituídas pelas reações B".

No quadro[188] a seguir, pode se visualizar as descrições fornecidas por Reich (2009, p. 297 e 298) que possibilitam comparar as duas formas de reação indicativas do estado de saúde-adoecimento.

Quadro 3 - Comparação entre as manifestações físicas da reação B e da reação T

	Reação B	*Reação T*
Organismo como um todo	Ereto, boa tonicidade. Sem espasmos, sem clonismos. Sensação de força. Capacidade de sentir prazer.	Curvado, flácido ou hipertônico. Espasmos, clonismos. Sensação de fraqueza. Incapacidade de sentir prazer. Angústia de prazer.
Pele	Quente, tom saudável, róseo ou bronzeado. Transpiração quente.	Fria, pegajosa; lívida, enrugada, de pálida a um branco cadavérico; suor frio.
Musculatura	Relaxada, capaz de alternar tensão e relaxamento; forte. Sem couraça muscular. Boa peristalse, sem constipação, sem hemorroidas.	Muitas vezes com excesso de gordura. Couraça muscular generalizada, particularmente nos maxilares, testa, pescoço, adutores das coxas, nádegas e costas.
Expressão facial	Vivaz, variável.	Como uma máscara, rígida.
Sangue	Reação B na autoclave. Eritrócitos túrgidos, pulsantes; margem larga e forte de orgone; desintegração bionosa muito lenta na solução fisiológica de NaCl. Sem bacilos T nas culturas.	Reação T na autoclave. Eritrócitos pequenos ou encolhidos; sem pulsação; espículas T; margem de orgone fraca e estreita; desintegração bionosa muito rápida na solução fisiológica de NaCl. Estafilococos, estreptococos ou bacilos T nas culturas.

[188] O referido quadro foi transcrito, como lá está, da obra *A Biopatia do Câncer*.

Sistema cardiovascular	Pressão sanguínea normal; pulso regular, calmo, forte.	Pressão sanguínea excessivamente alta ou baixa; pulso muito rápido ou muito lento, irregular ou fraco.
Tecidos (células epiteliais, tecidos provenientes de biópsia, etc.)	Forte turgidez. Sem formação de bíons em KCl.	Turgidez fraca, encolhimento. Estrutura bionosa ou desintegração bionosa rápida em KCl.
Olhos	Brilhantes. Vívida reação pupilar. Globos oculares nem protusos, nem afundados.	Olhar mortiço, "distante". Reação pupilar lentificada; midríase. Globos oculares protuberantes ou afundados.
Respiração	Expiração *completa*, com pausa depois. Livre pulsação do tórax. Sensação de prazer no aparelho genital depois de cada expiração.	Expiração rasa, incompleta. Atitude inspiratória crônica, pausa depois da inspiração. Atitude crônica de angústia no peito. Sem sensação de prazer depois da expiração.
Orgasmo	Regular; convulsão total do corpo. Sem estase sexual.	Ausente ou perturbado. Estase sexual crônica.
Campo de orgone em volta do organismo	Amplo, "elástico".	Estreito ou ausente.

É importante esclarecer que, segundo Reich (2009, p. 299), apesar dos sintomas da reação T serem "idênticos a muitos sintomas da contração simpaticotônica crônica", "os sintomas da reação B não são idênticos à expansão vagotônica crônica". A reação B corresponde a "uma condição do organismo caracterizada pela *pulsação plena, calma e bem ordenada em todos os órgãos*".

Pode-se afirmar que, "em todas as biopatias baseadas na contração ou encolhimento do aparelho vital", a essência da orgonoterapia reside, conforme Reich (2009, p. 299), na "*superação da contração crônica e a estimulação da expansão*", pois só assim se restabeleceria a pulsação natural.

> Depois que o organismo se torna novamente capaz de se expandir, dilatar seus vasos, conduzir o sangue à pele e aos tecidos, absorver fluidos e nutrientes para os tecidos, estabelecer ondas de movimento peristáltico nos intestinos, relaxar os músculos tensos – em outras palavras, *expandir o sistema autonômico como um todo* -, a isto se segue espontaneamente a pulsação normal e se estabelece o estado de função vital que consiste na *oscilação entre contração e expansão, isto é, a pulsação biológica*. (REICH, 2009, p. 299).

Reich (2009, p. 299) esclareceu que “a predominância da reação B sobre a reação T” consiste na “predominância de todas as reações vitais positivas em cada parte do organismo”. A condição para o estado de saúde seria, portanto, a pulsação ordenada do organismo total:

> Como o organismo é uma unidade em funcionamento, a pulsação ordenada do organismo total é o pré-requisito fundamental para neutralizar a reação T nos tecidos e no sangue. E como os bacilos T se desenvolvem a partir da contração crônica do organismo (reação T), é claro que *a pulsação natural e plena do organismo é a base da prevenção do câncer.* Inversamente, a contração crônica é a base geral da biopatia carcinomatosa de encolhimento (REICH, 2009, p. 299).

Compreendido pela ótica da orgonomia, segundo Reich (2009, p. 299), “o problema do câncer não pode se restringir a órgãos isolados ou a um tumor ou enzima”, ou seja, “o câncer não é uma doença local dos órgãos”, mas, sim, é “um problema de funcionamento biológico do organismo como um todo”, em outros termos, de “um processo sistêmico de morte prematura que se manifesta de modo clinicamente tangível nas reações T”. Por conta disso, Reich (2009, p. 299) manifestou a opinião de que “o tratamento do câncer com hormônios, enzimas, congelamento, cirurgia ou radiação local não afeta realmente o cerne do problema”.

Associada às biopatias, Reich descreveu uma outra condição patológica decorrente da perturbação da pulsação orgonótica denominada anorgonia, objeto que será abordado no subitem a seguir.

5.11.3 A noção de anorgonia

Ao introduzir o conceito de *anorgonia*, Reich (2009, p. 353) afirmou que este “abrange aquelas condições biopáticas que compartilham de uma fonte comum, qual seja, *um bloqueio na mobilidade do plasma*”. Mais especificamente, “essa perturbação do funcionamento plasmático” seria caracterizada por “um *rebaixamento da função energética total* do organismo”, a qual “não é conhecida na patologia clássica”, ainda que o praticante de medicina esteja “bastante familiarizado com ela em sua experiência do dia-a-dia”. Como essa perturbação não pode ser diagnosticada por “mudanças estruturais nos tecidos ou lesões nos tratos nervosos”, ela escapou à patologia mecanicista.

A compreensão dessa condição patológica parte do pressuposto orgonômico de que “o movimento de fluidos no organismo não é uma função puramente mecânica” e de que “todos os órgãos, incluindo os nervos, vasos, vias linfáticas e células dos tecidos, são contráteis”, isto é, eles “*pulsam*, embora em ritmos diferentes” (REICH, 2009, p. 370).

Além da noção de que "as funções vitais dos diferentes órgãos estão ligadas à sua pulsação", Reich (2009, p. 370), ao descrever a anorgonia, lembrou que, de acordo com ponto de vista funcional, "todo órgão forma uma *unidade viva* independente do organismo total, plenamente equipado com uma percepção sensorial e com a capacidade de reagir a estímulos". Segundo esse autor, a referida noção de independência funcional do órgão,

> [...] foi confirmada inequivocamente em experimentos com órgãos extirpados, tais como o coração, os intestinos, a bexiga, e assim por diante. Portanto pode-se afirmar justificadamente que o órgão individual reage a ferimentos e distúrbios de sua função do mesmo modo que o organismo total. (REICH, 2009, p. 370)

Com base nas referidas noções e no ponto de vista funcional, Reich (2009, p. 370) afirmou que, "em todas as dimensões da vida, a reação vital às perturbações do funcionamento consiste ou em uma *intensificação* da função específica para destruir o estímulo perturbador, ou em um *afastamento* em relação à fonte do estímulo".

O primeiro tipo de reação, a intensificação, segundo Reich (2009, p. 370), "representa uma luta contra os danos ao organismo" e envolve, entre outras, as seguintes manifestações: os "processos de regeneração e inflamação, aumentos de temperatura do sangue"; "a formação de bíons PA e células cancerosas como defesa contra a desintegração cancerosa dos tecidos"; e "a reação de raiva destrutiva".

A anorgonia, conforme Reich (2009, p. 370), "pertence ao segundo tipo de reação às perturbações do funcionamento", ou seja, ao afastamento, o qual é "comparável a uma *resignação* ou retraimento; em outras palavras, um isolamento da parte adoentada dos órgãos ainda saudáveis". Esse autor forneceu a seguinte descrição para o processo de afastamento ou isolamento:

> O isolamento de órgãos adoecidos é conhecido pela patologia como sequestro. Um exemplo seria a expulsão de uma parte óssea adoecida. No reino animal, um membro adoecido é às vezes eliminado simplesmente ao ser amputado por meio de mordidas. A contraparte do isolamento físico dos órgãos adoecidos é a inflamação com *regeneração*. Quando não há regeneração, isto é, reação de crescimento plasmático, ocorre o isolamento em seu lugar. (REICH, 2009, p. 370 e 371).

As principais características do isolamento do órgão afetado, segundo Reich (2009, p. 371), "são o retraimento dos nervos autonômicos do lugar adoecido e a interrupção de sua pulsação que, por sua vez, resulta, de maneira simples e lógica, em um certo número de sintomas secundários da doença", entre eles, "anemia local, amortecimento sensorial, excesso de dióxido de carbono e, finalmente, atrofia da substância celular". Entre as consequências da

interrupção da pulsação na região adoecida, ocorreria um comprometimento no movimento dos fluidos corporais e o consequente acúmulo destes:

> No caso de carcinoma de estômago ou de ovário, é comum o surgimento de graves ascites, embora não se trate de obstrução mecânica das vias de drenagem. Este acúmulo de fluidos serosos causa distúrbios gerais de funcionamento, como a paralisia intestinal, acelerando assim o processo de morte. (REICH, 2009, p. 371).

O "*bloqueio anorgonótico da motilidade* nos nervos autonômicos" seria, conforme Reich (2009, p. 371), "o principal fator de comprometimento do movimento dos fluidos corporais na região do órgão adoecido". Um edema e outras desordens anorgonóticas poderiam ser compreendidos com base na visão funcional, não em termos de "funções mecânicas, químicas ou físicas", mas, de "funções vitais *orgonóticas* específicas". Esse autor atribuiu uma relação direta entre o estado de vitalidade de um organismo e a atividade pulsatória dos órgãos e dos tecidos.

> A circulação do sangue e dos fluidos corporais tissulares depende da vitalidade da função de pulsação nos órgãos. Quanto mais "vitalizado", mais ativo um organismo, e, quanto mais forte sua pulsação orgonótica, mais rápido e completo será o metabolismo de seus fluidos corporais. A intensificação e redução do metabolismo são funções vegetativas vitais que dependem diretamente da atividade pulsatória geral dos órgãos. A "diminuição de vitalidade" pode ser compreendida na biofísica orgone como uma *redução da motilidade orgonótica*, por vezes, até atingir a anorgonia completa. (REICH, 2009, p. 374 e 375).

Fundamentando-se neste ponto de vista, Reich (2009, p. 375) afirmou que doenças como "o edema que surge com dor de dente", a "inanição", a "lesão ou queimadura de nervos" e os "tumores cancerosos confinados localmente" possuem "*uma* causa essencial: a redução da atividade pulsatória da região do órgão afetado e, consequentemente, um fluxo mais lento dos fluidos corporais". A debilitação da função de pulsação na região enfraquecida gera um acúmulo de fluidos nessa parte, pois "há mais fluido entrando na área adoecida do que saindo dela". A esse propósito, esse autor considerou que:

> A atividade pulsatória de um órgão depende principalmente da atividade dos nervos autonômicos. Uma imobilização dos nervos autonômicos em qualquer dada parte do corpo deve, portanto, resultar em uma parada no movimento dos fluidos corporais. Assim, pode-se compreender facilmente a rápida formação de vesículas cheias de fluido em queimaduras, e o mesmo pode ser dito em relação a diversos outros edemas. (REICH, 2009, p. 375).

Apesar das referidas manifestações corporais advindas da imobilização e da redução da atividade pulsatória no organismo, Reich (2009, p. 380) esclareceu que "a anorgonia pode estar presente *sem* perturbações nos tecidos; seus efeitos podem ser puramente funcionais". Há casos em que a anorgonia envolve "*um distúrbio no funcionamento de todo o conteúdo de orgone do*

corpo, existente *independentemente* das perturbações orgânicas mecânicas ou fisiológicas que possam estar relacionadas à anorgonia".

Convém esclarecer, conforme Reich (2009, p. 380), que "a anorgonia não é idêntica à condição de contração plasmática" que se encontra "na hipertensão vascular". Embora a anorgonia "possa acompanhar ou se seguir à hipertensão muscular e vascular", essa condição, também, "pode aparecer *sem* hipertensão".

A anorgonia se refere "a uma condição patológica bem definida do organismo" e "está particularmente presente em pacientes de câncer e pessoas com propensão para o câncer" (REICH, 2009, p. 353 e 354). Contudo, ela "não é idêntica ao processo de encolhimento carcinomatoso", pois, "mesmo que o encolhimento conduza invariavelmente à anorgonia e à morte, a anorgonia nem sempre leva ao encolhimento", de modo que existem condições anorgonóticas nas quais não se trata "em absoluto de um encolhimento do sistema autonômico" (REICH, 2009, p. 380).

No campo das biopatias, pode-se realizar uma divisão entre doenças que envolvem "a hipertonia do aparelho vital como uma contração biofísica que resiste a impulsos fortes oriundos do cerne biológico", e a "a biopatia de encolhimento", que "se faz acompanhar de um *decréscimo* dos impulsos centrais" e em que "há um *enfraquecimento* gradual das funções pulsatórias dos impulsos" (REICH, 2009, p. 380).

A anorgonia, por outro lado, caracteriza-se "por uma interrupção *súbita* da mobilidade, como na paralisia por choque, que provavelmente representa uma anorgonia *aguda* na sua forma mais pura" (REICH, 2009, p. 380) e "é uma reação puramente biológica ao bloqueio crônico da função do orgasmo" (REICH, 2009, p. 387).

Reich (2009, p. 391) admitiu que é "mais difícil diferenciar a anorgonia resultante de encolhimento plasmático gradual da anorgonia que se instala de modo agudo". Seria a anorgonia "*produzida por uma perda de conteúdo de orgone no corpo"?* Ou ela seria *"meramente o resultado de um bloqueio na motilidade do conteúdo normal de orgone?*" A resposta, fornecida por esse autor, que pretendeu auxiliar na descrição dessa condição patológica, foi a seguinte:

> A fraqueza anorgonótica moderada pode ser facilmente diferenciada dos ataques agudos de anorgonia. O mecanismo é presumivelmente o mesmo nos dois casos. Devemos supor que a anorgonia do tipo que se manifesta em ataques agudos pode se transformar em um processo de encolhimento crônico e que, inversamente, a anorgonia crônica pode culminar em paralisia funcional aguda. Se forem bloqueados os impulsos de expansão, o organismo pode se resignar e, como resultado final, encolher. Se o corpo estiver sujeito a uma perda gradual de energia orgone, pode parar de se expandir. *O que as duas condições têm em comum, em termos biofísicos, é a inibição da expansão, ou,*

> *expresso psicologicamente, a inibição da experiência de prazer*. (REICH, 2009, p. 391).

Como se pode perceber, certos casos agudos de anorgonia, isto é, de bloqueios intensos na capacidade de expansão do organismo, podem levar a um estado de encolhimento biopático, ainda que isso não seja uma regra. Por outro lado, o encolhimento biopático, caracterizado por uma perda de energia na formação dos impulsos, acaba levando a um estado de anorgonia. O estado completo de anorgonia, a paralisação total do movimento energético, seria coincidente ao estado de cessação da formação dos impulsos, o qual, levaria à morte. Contudo, nem todo o estado de anorgonia leva necessariamente à cessação de formação dos impulsos, isso porque, em certos casos, os impulsos continuam sendo formados, ainda que sua expressão esteja enfraquecida, por conta da redução da atividade pulsatória nos órgãos afetados e do fluxo mais lento dos fluidos corporais.

Reich (2009, p. 411) descreveu, ainda, uma relação funcional entre o movimento da energia orgone e a massa inerte biológica. Na condição de anorgonia, "*há menos energia biológica livre e ativa*" e, por conta disso, "*a massa inerte do organismo torna-se maior e, assim, mais pesada com relação à energia ativa que tem que mover o corpo*". Por outro lado, no estado de saúde, ou seja, num estado de "*alta orgonicidade, há mais bioenergia livre e ativa e a massa do organismo torna-se mais leve com relação a ela*". Assim, haveria "uma relação genuína, *passível de alteração*, entre massa e energia no biossistema", que se apresentaria distinta nas condições de anorgonia e nos estados de saúde.

5.11.4 O início da anorgonia e do encouraçamento

Veremos, brevemente, nesse item, algumas das considerações que Reich nos legou a respeito do seu entendimento sobre as possíveis origens do encouraçamento plasmático e da condição de anorgonia.

O período de "formação do embrião até mais ou menos o final do primeiro ano de vida", segundo Reich (2009, p. 409), é considerado "como um período crítico, em que a 'constituição do sistema orgonótico de funcionamento' se estabelece". Os fatores de primeira importância da constituição desse sistema orgonótico seriam a sua orgonicidade, isto é, a sua carga energética, e a capacidade pulsatória dos tecidos ou o grau de mobilidade energética-plasmática do organismo, os quais determinariam o grau de atividade plasmática dos impulsos vitais.

O desenvolvimento embrionário, no dizer de Reich (2009, p. 409), "deveria ser pensado como algo que termina não no nascimento, mas sim na época – dez a doze meses de idade,

grosso modo – em que todas as funções biológicas se fundem em um *biossistema* unificado, coordenado".

> Esse breve espaço de tempo da vida é decisivo para o funcionamento bioenergético posterior. O período crítico do desenvolvimento psíquico situa-se aproximadamente entre o terceiro e o quinto ano de vida. O que dele resulta é profundamente influenciado pelo progresso do período crítico *biofísico* anterior. (REICH, 2009, p. 409).

Reich (2009, p. 391 e 392) passou a entender que o processo de encouraçamento, em especial, o encouraçamento plasmático, assim como a anorgonia, poderiam se originar nas fases iniciais do desenvolvimento humano, de modo que "*o início da anorgonia deve ocorrer muito cedo, uma vez que as funções orgonóticas do corpo adquirem sua individualidade provavelmente durante o desenvolvimento fetal*". Tal fato, alertou esse autor, não deve ser entendido em termos de uma "disposição hereditária", ou seja, de uma herança genética, mas, sim, levar a compreender que o processo de encouraçamento pode originar-se no "*período antes e imediatamente depois do nascimento*".

É importante esclarecer que foi a noção de movimento expressivo que permitiu que Reich (2009, p. 392) se dirigisse, cada vez mais, para as fases mais antigas do desenvolvimento humano, na busca pela compreensão sobre as origens dos adoecimentos. Diferentemente da psicanálise e de outras perspectivas presas à estrutura da linguagem verbal, a orgonoterapia, ao fundamentar-se na "linguagem do movimento", na "linguagem dos órgãos" e na "linguagem da expressão emocional", as quais são, "do ponto de vista filogenético e ontogenético, mais antigas que a linguagem das palavras e idéias", ganhou "acesso às funções vitais no homem e no animal *antes do primeiro ano de vida*, porque emoção e movimento expressivo estão ligados à pulsação plasmática".

Pais e mães encouraçados apresentariam dificuldades para sentir e compreender os movimentos expressivos de seus bebês e, por consequência, estabeleceriam contatos orgonóticos fracos ou não significativos com seus filhos. Essa ausência de contato orgonótico entre os pais e os seus filhos traria impactos negativos para as vivências afetivas dos infantes já nos primeiros momentos de suas vidas.

> Eu gostaria de me limitar aqui a uma influência prejudicial específica nas primeiras semanas de vida que tem sido negligenciada até agora: *a ausência de contato orgonótico, de natureza diretamente física ou psicológica, entre o bebê e a pessoa que toma conta dele*. A capacidade de compreender a linguagem da expressão emocional do bebê depende diretamente da proximidade deste contato: quanto mais completo o contato orgonótico, melhor a compreensão. (REICH, 2009, p. 394).

Depois do nascimento, o bebê recém-nascido, ainda em formação, está inapto a realizar o ato sexual genital, contudo, ele "experimenta contrações orgásticas independentes na cabeça e no pescoço" (REICH, 2009, p. 408). As funções orgásticas orais já estariam presentes - as quais envolveriam a fusão da excitação oral da criança com a excitação nos seios da mãe, da mesma maneira que no ato sexual –, de modo que, dependendo da capacidade orgonótica da mãe, o bebê poderia experimentar ou não, a satisfação de suas necessidades orais e a ativação da pulsação nos segmentos superiores do corpo, as quais, para a orgonomia, são entendidas em termos da função orgástica:

> Os lugares mais significativos de contato do corpo do bebê são a boca e a garganta, altamente carregadas do ponto de vista bioenergético. Este órgão do corpo se lança em busca de gratificação desde o começo. *Se o mamilo da mãe reagir aos movimentos de sucção do bebê de maneira biofisicamente normal, com sensações de prazer, ficará fortemente ereto e a excitação orgonótica do bico se fundirá com a excitação da boca do bebê, até que ambas se tornem uma coisa só, de modo semelhante ao que ocorre no ato sexual orgasticamente gratificante, em que os genitais do homem e da mulher luminam e se fundem orgonoticamente.* (REICH, 2009, p. 394).

Todavia, segundo Reich (2009, p. 394), a maioria das mulheres sofre "de anestesia vaginal e frigidez" e, "de modo correspondente, os seus mamilos são anorgonóticos, isto é, 'mortos'". Algumas mães desenvolvem "uma angústia ou aversão como resposta àquilo que seria naturalmente uma sensação de prazer despertada no peito pela sucção do bebê" e, segundo esse autor, "é por este motivo que tantas mães não querem amamentar seus filhos". Além dessas questões, pode-se acrescentar, também, que:

> [...] um seio anorgonótico funciona fisiologicamente pouco; isto é, a produção de leite fica perturbada. Assim, a boca excitada do bebê depara quer com um mamilo "morto", o que o impede de experimentar satisfação, quer com o bico de borracha não-excitável de uma garrafa a que o bebê ficou restrito por causa da fobia da mãe. (REICH, 2009, p. 394).

A falta de contato orgonótico satisfatório entre a mãe e o bebê estaria na origem de uma série de adoecimentos e causaria severos danos às funções vitais da região da cabeça e do pescoço no infante, os quais, dependendo das condições posteriores do encouraçamento nessas regiões, poderiam, futuramente, apresentar-se como sintomas mais graves.

> A debilitação do funcionamento plasmático na região da boca, pescoço e ombro que encontramos nas biopatias não deixa dúvidas de que os severos danos à orgonicidade do bebê na região da cabeça e pescoço são causados por estes distúrbios da mãe. Distúrbios da fala, falta de expressão emocional, espasmos nos músculos do pescoço, distúrbios alimentares, vômitos espasmódicos histéricos, medo de beijar, depressão, gagueira, mutismo e muitos outros são conseqüências de um funcionamento orgonótico precário dos órgãos da boca e do pescoço. Assim se dá o primeiro contato fisiológico do bebê com o mundo. (REICH, 2009, p. 395).

As condições típicas de nascimento nos hospitais, também, trariam consequências negativas para o desenvolvimento saudável do recém-nascido e estariam na origem do encouraçamento plasmático. Reich (1983b, p. 3 e 4, tradução nossa) descreveu algumas dessas condições, as quais o recém-nascido é submetido num parto hospitalar, no contexto de sua época: a) sair de um útero cálido, cuja temperatura interna é de 37 graus para um ambiente mais frio, cuja temperatura comum é de 18 e 20 graus; b) ser pega de pernas para cima e receber um tapa nas nádegas; c) ser afastada de sua mãe, que não pode ver nem tocar o seu bebê, "após ter estado durante nove meses em contato corporal e a uma temperatura bastante alta"; d) alguns, de origem judaica, sofrem imediatamente a circuncisão; e e) outros, quando os seus lábios procuram o seio da mãe, encontram um bico do seio frio, que não fica ereto, ou que não tem leite, ou que o leite não sai, ou que é o leite é ruim. Condições estas, que são comuns.

Frente a essas condições só restaria às crianças reagir com choro e encolhimento, tanto que "elas se contraem, fogem para seu interior, longe deste mundo", afirmou Reich (1983b, p. 3 e 4, tradução nossa). Elas expressam o seu "não bioenergético", frente a essas condições, emocionalmente, por meio do encolhimento plasmático.

> [...] *as crianças são destruídas no seu querer emocional, na sua expressão natural, emocional de vida exatamente antes e depois do nascimento.* Elas são destruídas antes do nascimento por um útero frio, o que nós chamamos "a-orgonótico", isto é, biologicamente morto, contraído. (REICH, 1979c, p. 41).

Por conta disso, Reich (2009, p. 405) entendeu "a origem do processo de encolhimento biopático *como dependente de funções psíquicas e físico-químicas da atividade bioemocional do organismo no começo de seu desenvolvimento*". No domínio da referida atividade emocional, nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, poderiam ser encontrados os meios para a prevenção do câncer e de outras biopatias.

> Tenho enfatizado a dependência que têm as funções psicossomáticas das funções bioenergéticas da pulsação plasmática. *A atividade pulsatória vívida desde o primeiro momento do nascimento é a única prevenção que se pode conceber contra a contração crônica e o encolhimento prematuro*. (REICH, 2009, p. 406).

A pulsação bioenergética, conforme Reich (2009, p. 406), "é uma função completamente dependente das estimulações do ambiente e do contato com ele". Ainda que "a estrutura de caráter dos pais forma uma parte crucial desse ambiente", é a mãe "*que proporciona o ambiente desde o momento em que se forma o embrião até o momento do nascimento*".

O entendimento orgonômico dos processos de desenvolvimento assume que a "criança recém-nascida, um sistema bioenergético plasmático altamente maleável emerge do útero e será influenciado por uma multidão de impactos do meio ambiente que irão começar a formar o tipo

específico de reação da criança ao prazer e ao desprazer". Ainda que os "danos pré-natais determinem, até certo grau, o modo em que os estímulos pós-natais são absorvidos e estruturados", Reich (1983b, p. 89, tradução nossa) julgou pertinente distinguir "entre os desenvolvimentos pré e pós-natais".

Reich (2009, p. 406) teceu algumas considerações a respeito dos "poucos entendimentos que" ele julgou ter "sobre o desenvolvimento *pré-natal* do organismo". Ainda que, para esse autor, esses entendimentos não sejam "muitos nem são decisivos", consideramos que suas ideias possam lançar luz sobre a importância dos cuidados gestacionais, neonatais e, também, sobre a prevenção do encouraçamento. O referido autor realizou algumas suposições baseadas na noção de que o campo orgonótico da mãe e do bebê interatuariam durante o período da gestação, entre as quais, a de que a pulsação orgonótica da mãe afetaria a pulsação orgonótica do bebê. Referindo-se a hipótese de uma biopatia de encolhimento originar-se no estágio embrionário, esse autor afirmou:

> Se for para situar o surgimento de uma biopatia do encolhimento no estágio embrionário do desenvolvimento, a próxima indagação dirá respeito à influência do sangue materno no embrião, isto é, o efeito da orgonicidade do organismo da mãe, especialmente a condição bioenergética dos órgãos genitais dela, no embrião. (REICH, 2009, p. 406).

Segundo Reich (2009, p. 406), seria "preciso supor que um útero livremente contrátil oferece um ambiente muito mais favorável para o embrião que um útero espástico e anorgonótico". O motivo para essa suposição estaria fundamentado na seguinte razão:

> Em um útero orgonoticamente vigoroso, a circulação de sangue e fluidos corporais é mais completa, tornando mais eficiente o metabolismo energético. Além disso, *a capacidade de carga do tecido materno é transmitida ao embrião. Esta é, afinal, uma parte funcional da mucosa uterina*. (REICH, 2009, p. 406).

O encouraçamento no segmento pélvico da mãe, afirmou Reich (1983b, p. 90, tradução nossa), "impede a descarga orgástica adequada, reduz a vitalidade dos órgãos genitais e deste modo impede o pleno funcionamento bioenergético do feto". Como consequência, "deixa todo o sistema emocional mais vulnerável às pressões e tensões, dificuldades familiares, problemas na gravidez e no próprio parto".

Poder-se-ia, então, compreender, "perfeitamente, portanto, que os filhos de mulheres orgasticamente potentes sejam tão mais vitalizados que os filhos de mulheres frígidas, encouraçadas". Reich (2009, p. 407) lançou uma luz para se entender "a assim chamada 'hereditariedade de temperamento'", como sendo, fundamentalmente, nada mais, "do que o efeito do tecido materno no embrião".

> Concebido dessa forma, pode-se ter acesso a parte do problema da 'hereditariedade do caráter' pela primeira vez. Como as funções emocionais são determinadas pelas funções orgonóticas de energia, é compreensível que o caráter seja inicialmente apenas uma questão do grau de atividade energética. Em outras palavras, *o temperamento é uma expressão da quantidade de atividade pulsatória do sistema orgonótico corporal*. (REICH, 2009, p. 407).

Portanto, o que seria entendido como "*o 'fator hereditário'*", do temperamento, "*seria tangível em princípio como um fator quantitativo da energia*", pois, segundo Reich (2009, p. 407), "é simplesmente lógico que um sistema rico de energia se resigne menos facilmente que um sistema empobrecido de energia. A legítima conclusão é que o nível de energia de um embrião é determinado pelo nível de energia dos órgãos genitais maternos". Sobre a possibilidade de uma anorgonia intrauterina, relacionada às trocas energéticas entre o bebê e sua mãe, esse autor considerou, mais detalhadamente, que:

> Quantitativamente, a deficiência de energia pode ser compreendida como uma diminuição da orgonicidade e compreendida funcionalmente como atividade pulsatória reduzida do plasma. É bem provável que a redução da pulsação plasmática no embrião possa causar anorgonia secundariamente. Assim, não podemos supor automaticamente que o próprio embrião seja de início anorgonótico, embora a mãe possa ter sofrido de uma diminuição do metabolismo da energia orgone. É preciso considerar duas possibilidades: a anorgonia interna do embrião e a anorgonia resultante da anorgonia do aparelho genital materno. (REICH, 2009, p. 407).

Nos casos em que "o organismo da mulher possuía uma alta orgonicidade antes da gravidez", poder-se-ia afirmar, então, que "as condições bioenergéticas para a orgonicidade do embrião são favoráveis". Após o nascimento, conforme Reich (2009, p. 408), "essas condições são posteriormente qualificadas pela estrutura de caráter genital dos pais, que continua na dimensão do desenvolvimento psíquico aquilo que foi estabelecido pela função bioenergética no embrião".

No dizer desse autor,

> *Como a alta orgonicidade conduz a uma atividade instintiva forte, expansiva, evita-se a anorgonia*. Assim, a propensão para uma biopatia de encolhimento carcinomatosa ou uma anorgonia torna-se improvável, embora não inteiramente impossível. Posteriormente, influências destrutivas podem forçar até o organismo mais vigoroso à resignação e ao encolhimento. (REICH, 2009, p. 408).

Reich (1983b, p. 99, tradução nossa) possibilitou, assim, compreender a importância do contato afetivo pleno entre os pais e o bebê e a sua função para o estado de saúde do infante. Visualizando esse contato em termos de funções de energia orgone, esse pesquisador lançou as bases para a prevenção do encouraçamento, ao afirmar que:

> *O contato orgonótico é a experiência e, também, o elemento emocional mais essencial no relacionamento entre a mãe e a criança,* principalmente, no

> período pré-natal e durante os primeiros dias e semanas de vida. O futuro da criança depende dele. Este período parece ser o cerne do desenvolvimento emocional do recém-nascido. (REICH, 1983b, p. 99, tradução nossa).

Alguns terapeutas e pesquisadores de base reichiana, incluindo a Eva Reich, filha de Wilhelm Reich, desenvolveram técnicas terapêuticas, como massagens sutis, para serem aplicadas em bebês com a finalidade de restabelecer a pulsação orgonótica e, dessa forma, potencializar o estado de vitalidade da criança e auxiliar na prevenção das biopatias (E. REICH, 1998).

5.12 A CONCEPÇÃO ORGONÔMICA DE SAÚDE-ADOECIMENTO E ALGUMAS DE SUAS IMPLICAÇÕES

Neste item, retomaremos, de maneira sintética, alguns dos conceitos-chave presentes na obra de Wilhelm Reich e, com base em sua articulação, apresentaremos a concepção de saúde-adoecimento presente na doutrina da orgonomia. A partir dessa concepção, discutiremos e indicaremos algumas das implicações da referida concepção para o campo das práticas em saúde e da Saúde Coletiva.

A concepção de saúde-adoecimento, como se desenvolve na orgonomia, fundamenta-se em torno da polaridade: potência orgástica/livre-pulsação-orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico.

A potência orgástica foi o primeiro conceito relacionado ao processo de saúde-adoecimento desenvolvido por Reich na primeira metade da década de 1920. Segundo ele, o denominador comum de todos os casos clínicos que obtinham sucesso terapêutico era o fato de os pacientes terem alcançado uma vida sexual satisfatória, em oposição aos casos de insucesso, em que os pacientes nunca teriam alcançado o estado de satisfação sexual. Assim ao chegar a um entendimento sobre as condições necessárias para se ter uma vida sexual completa e satisfatória, esse pesquisador definiu a noção de potência orgástica.

O indivíduo orgasticamente potente estaria apto a entregar-se, plenamente, no ato sexual, ao movimento das suas correntes de energia orgone e, também, ao seu parceiro, de modo que, estando ele livre de impulsos secundários, isto é, destrutivos, apresentar-se-ia capaz de descarregar, genitalmente, a energia sexual.

A partir da noção de potência orgástica, nasce, então, na clínica reichiana, a ideia de que a sexualidade genital cumpre uma função essencial para a autorregulação energética do organismo e de que o processo de saúde-adoecimento está diretamente relacionado com a

função da genitalidade. A sexualidade genital madura apresentar-se-ia livre de impulsos secundários e, em última instância, significaria a capacidade de amar do indivíduo. As doenças poderiam ser entendidas como resultado de uma perturbação na capacidade natural para amar, de modo que o fator fundamental para curar a impotência orgástica seria restabelecer essa capacidade.

Convém esclarecer que a noção de sexualidade, como aparece na obra reichiana, está fundamentada na sua teoria sobre as emoções, a qual é orientada pelos pressupostos da psicologia celular e da antítese fundamental da vida, que estabelece que os dois movimentos básicos de todo ser vivo correspondem às duas emoções básicas: expansão-prazer e contração-angústia. A sexualidade corresponde, portanto, ao movimento expansivo, no qual a energia biológica se move do centro do organismo em direção à periferia e está associado às sensações de prazer e à descarga da energia.

A dimensão da sexualidade não se resume unicamente ao ato sexual, ainda que a sua manifestação mais importante para a saúde seja esta, sendo possível compreender que a função básica de expansão e a potência orgástica estão relacionadas com outras atividades que fornecem prazer ao organismo, que o expande em direção ao mundo, e que possibilita, também, de certo modo, descarregar a energia biológica. Por exemplo, quando se está plenamente interessado e concentrado em alguma atividade, a qual dá prazer, que anima, que motiva e que excita, pode-se dizer que a função básica da sexualidade, a expansão, está ali presente. O indivíduo orgasticamente potente é capaz de se entregar completamente, não só ao ato sexual, mas a qualquer atividade que lhe interessa – ao trabalho, ao cuidado dos filhos, ao contato com a natureza, ao esporte, a atividades artísticas etc. -, de modo a se satisfazer energeticamente e dela extrair prazer.

O estudo do fenômeno do orgasmo, o cerne de toda a obra reichiana, levou Reich a estabelecer a fórmula do orgasmo em quatro tempos: tensão mecânica, carga energética, descarga energética e relaxamento mecânico, como sendo um processo vital comum a todos os seres vivos, presente em todas as esferas de funcionamento da vida, o que permitiu a esse pesquisador definir a referida fórmula como a função básica de toda a vida e, também, denominá-la de fórmula da vida.

A fórmula do orgasmo expressa um movimento de pulsação biológico, o qual, segundo o referido autor, teria como princípio de funcionamento comum: a pulsação da energia orgone no organismo. Na segunda metade da década de 1940, Reich atribuiu à fórmula do orgasmo a uma função específica da energia orgone, a função pulso, e descreveu a pulsação orgonótica

como um fenômeno que se manifesta num par de variações: a função pulso e a função onda. A pulsação orgonótica governaria o cosmos e estaria na base do funcionamento de toda a natureza.

O funcionamento vital, para a doutrina orgonômica, é compreendido em termos da pulsação orgonótica, a qual é o princípio de funcionamento comum de todas as demais funções do domínio da vida. De maneira geral, pode-se dizer que, se nada impedir o ritmo natural da pulsação, então, o organismo será inteiramente governado pelo movimento espontâneo da energia orgone. A pulsação, no organismo, apresenta-se de distintas formas, em cada um de seus constituintes, de modo que o funcionamento do organismo apresentar-se-á livre de distúrbios e disfunções quando o ritmo natural da pulsação biológica governar os processos vitais, ou seja, quando não houver perturbações ao fluxo da energia orgone no organismo.

Contudo, se condições e fatores externos ameaçarem perturbar o ritmo natural da pulsação – seja bloqueando ou hiperativando o fluxo da energia orgone –, o organismo, como resposta, reagirá no sentido de libertar-se dessa ameaça, buscando maneiras de esquivar-se desses fatores ou, quando isso não for possível, por meio dos impulsos de raiva e de agressividade, a fim de destruir os fatores perturbadores.

O estado de saúde poderia ser compreendido, então, como a capacidade do organismo de se autorregular frente às possíveis ameaças, a fim de garantir o ritmo natural de sua pulsação, mantendo-o inalterado ou permanecendo capaz de recuperá-lo assim que for possível.

Em certos casos, as condições e os fatores perturbadores podem perdurar por muito tempo ou atingirem uma magnitude tal que o organismo é incapaz de contornar a situação e acaba sendo profundamente afetado em sua pulsação. Caso a perturbação na pulsação se prolongue por muito tempo, ela pode inibir a formação e a expressão dos impulsos vitais, de modo que, então, as partes do organismo ou a sua totalidade fiquem danificadas ou destruídas. Trata-se, nesses casos, do estado de doença. Em situações extremas, quando a pulsação é severamente perturbada, a ponto de os impulsos vitais cessarem a sua formação e o organismo encontrar-se num estado de paralisia orgonótica, o resultado é a morte (RAKNES, 1988).

As emoções, para a orgonomia, encontram-se no nível mais profundo de funcionamento da vida e podem ser entendidas em termos de movimento da energia orgone. A aplicação do funcionalismo orgonômico permitiu compreender o organismo em termos de três grandes domínios de funcionamento: 1) o domínio somático ou fisiológico, que corresponde às funções orgânicas mais diretamente relacionadas ao funcionamento da matéria, isto é, às funções químico-físicas presentes nos processos celulares e nos tecidos; 2) o domínio psíquico, que corresponde às sensações, às percepções e às ideias e, pode-se dizer, que inclui, também, o que alguns estudiosos denominam registro do simbólico e do imaginário; e 3) o domínio biológico,

que tem como variações os domínios somático e psíquico e que seria o domínio mais profundo e mais amplo do que suas variações.

Todos esses três domínios seriam governados pelo princípio de funcionamento comum (PFC) da pulsação bioenergética, a função que estabelece a identidade funcional entre o somático e o psíquico, isto é, a manifestação no organismo da pulsação orgonótica.

As emoções situar-se-iam no domínio biológico, seriam expressas, em termos de movimentos direto da energia orgone e sentidas no domínio psíquico, em termos de ideias e de percepções, e expressar-se-iam, no domínio somático, em termos de funções fisiológicas, tais como a respiração, a expansão vagotônica, a contração simpaticotônica etc.

A referida tripartição dos domínios do funcionamento vital fundamentou-se no pressuposto metodológico do funcionalismo orgonômico de que, na natureza, um fenômeno de base, uma função, dá origem, no mínimo, a duas variações superficiais, as quais são, simultaneamente, funções distintas, contudo, idênticas em relação à função originária. As três funções agiriam, simultaneamente, em níveis operacionais distintos.

O funcionalismo orgonômico permitiu, segundo Reich, retratar, com mais precisão do que o causalismo e o finalismo, a lógica que governaria os estratos profundos dos fenômenos da natureza. Nessa perspectiva, um fenômeno funcional integra, portanto, um trio de funções, a função de base e as suas variações específicas, operando as três operam simultaneamente (BEDANI, 2019).

Portanto, as emoções, entendidas como pertencentes ao domínio biológico, que é o domínio regido pela pulsação bioenergética, encontram-se no domínio mais profundo de funcionamento do organismo, o que implica reconhecer que os processos emocionais fazem-se presentes, de certa maneira, em todos os processos vitais. Pode-se afirmar, então, que, para essa concepção, existe, em termos hierárquicos funcionais, uma primazia das funções emocionais em relação às funções psíquicas e somáticas, ainda que todos os três domínios apresentem independência e funcionem de forma integrada e simultaneamente.

A pulsação biológica governa todos os processos vitais, incluindo o metabolismo energético do organismo, e, como a expressão genuína das emoções requer a capacidade de livre movimento, ou seja, a livre pulsação, pode-se, portanto, estabelecer uma relação entre a capacidade de expressão das emoções com a regulação do metabolismo energético do organismo. Como as emoções, para a orgonomia, decorrem diretamente do movimento da energia orgone, Reich denominou os movimentos corporais movimentos expressivos, pois eles nada mais são do que a expressão das emoções. A imobilização das emoções, em nível biológico, corresponde aos bloqueios da energia orgone; em nível somático, corresponde às

perturbações nas funções fisiológicas, incluindo alterações no ritmo respiratório e na circulação sanguínea e dos fluidos corporais, até mesmo, alterações nos processos celulares; e, em nível psíquico, corresponde aos comportamentos patológicos e às defesas caracterológicas neuróticas.

O discípulo direto de Reich, Ola Raknes (1988, p. 120) distinguiu três pré-requisitos fundamentais para um livre metabolismo energético: 1) "a possibilidade de o organismo absorver livremente a energia da qual precisa através da nutrição, da respiração e do refornecimento de orgônio"; b) "a possibilidade de a energia circular livremente pelo corpo, de forma a estar sempre presente onde se necessita dela"; e c) "a possibilidade de o organismo, a cada vez e através de movimentos adequados, encontrar saída para a energia absorvida".

Discutiremos, com base nas reflexões apresentadas por Raknes (1988, p. 121), os últimos dois pré-requisitos, isto é, a livre circulação e a livre descarga da energia, uma vez que, para esses requisitos "a condição é a completa liberdade de movimento". Esse autor entende "por completa liberdade de movimento" não "a liberdade de movimento absoluta, no sentido de que cada impulso em direção a um movimento possa tomar o seu curso nessa direção e assumir a forma na qual foi percebido inicialmente", mas, ao contrário,

> [...] que nenhum impulso ao movimento seja bloqueado, mas que lhe seja dada, se necessário, uma outra direção e forma; em outras palavras: que não seja reprimido, mas, se necessário, desviado ou substituído por um outro que possa obter uma descarga de energia equivalente. (RAKNES, 1988, p. 121).

Assim, "toda interrupção de um movimento natural espontâneo constitui uma interrupção na pulsação biológica natural", pressuposto este que é fundamental para a concepção orgonômica de saúde-adoecimento. Conforme esclareceu Raknes (1988, p. 121), ao menos que a interrupção não seja grave, nem muito forte e nem muito prolongada e que "o organismo possa por si mesmo readquirir no menor tempo possível a sua livre pulsação", de um modo geral, pode-se dizer que a interrupção não é prejudicial à saúde. Contudo, nos casos de interrupções que impeçam a expressão emocional, ou seja, que impossibilitem a descarga energética das emoções, o estado de saúde é perturbado.

No dizer de Raknes (1988, p. 121), há "uma série de obstáculos aos movimentos que é tão eficaz e prolongada, e que possui repetição frequente ou sistemática, que o organismo não pode por conta própria – pelo menos em pouco tempo – perceber nenhum impulso em direção ao movimento impedido". Esses obstáculos encontram-se nas condições em que as crianças são cuidadas e educadas, ou seja, no período crítico de formação do caráter, de forma que "essa

interrupção de impulsos é tão comum que os organismos adultos com uma capacidade própria de pulsação biológica livre não alterada são puras exceções".

Quando se compreende a saúde em referência à plena capacidade de pulsação e à livre expressão emocional, a impressão que temos é que raras são as pessoas que possuem essa capacidade não danificada, de modo que, conforme afirmou Raknes (1988, p. 121), "não são muitos aqueles que podem considerar-se sãos, caso se escolha como critério de saúde a livre pulsação biológica".

O princípio de funcionamento comum da impotência orgástica é o encouraçamento e este pode ser compreendido como perturbações na pulsação biológica natural, que, biofisicamente, apresenta-se em termos de bloqueios ou hiperativações no fluxo da energia orgone no organismo. Essas perturbações na pulsação correspondem à supressão ou à imobilização das emoções, podendo atingir tanto o cerne biológico, causando uma inibição da formação das emoções, ou, apenas, uma contenção da expressão emocional sem interromper a sua formação.

Com base na noção de encouraçamento, Reich realizou uma demarcação no campo das patologias, denominando biopatias as doenças originadas de um distúrbio na função de pulsação, em cuja gênese encontram-se, sempre, questões emocionais.

O encouraçamento, no indivíduo, poderia originar-se muito cedo, inclusive, no período intrauterino, pois o campo de energia orgonótico da mãe teria algum impacto na pulsação orgonótica do embrião e do feto. Contudo, para além da esfera do indivíduo, Reich considerou que o encouraçamento teria origens sociais, mais especificamente, na moral sexual repressiva presente nas sociedades patriarcais, que afetaria, sobretudo, a maneira como as crianças são cuidadas e educadas. Assim, a maneira patológica em que ocorreria a repressão da sexualidade nas crianças exigiria delas a formação de mecanismos de proteção, em outros termos, as couraças, a fim de lidar com suas angústias e medos frente aos impulsos sexuais.

Segundo Raknes (1988, p. 124), a questão decisiva em relação à forma como ocorre a repressão dos impulsos da criança,

> [...] não é estabelecer qual impulso foi bloqueado primeiro, mas reconhecer se a criança vive a inibição como um freio ou uma proibição à *própria* procura do prazer. Se a criança percebe a inibição como uma proibição, não estará mais em condições de sentir-se interessada por alguma procura primária do prazer, tanto em nível da atividade sexual como em qualquer outro nível de atividade. (RAKNES, 1988, p. 124 e 125).

A inibição da sexualidade se apresenta como uma espécie de dano primário ao funcionamento vital, biológico. Esta inibição, sem sombra de dúvida, é específica de algumas

sociedades humanas e, portanto, apresenta uma gênese sociohistórica. A inaptidão para lidar com as questões emocionais-sexuais residiria como um núcleo comum a todas as biopatias. Seria característico das pessoas com encouraçamento crônico o desenvolvimento de impulsos secundários, impulsos estes, segundo Reich, não encontrados em outras esferas da natureza, sendo exclusivos da humanidade. Diferentemente do caráter genital, isto é, da pessoa cujo funcionamento se caracterizaria pela potência orgástica e pela capacidade de expressar impulsos primários ou naturais, o caráter neurótico seria caracterizado pela incapacidade de expressar seus impulsos primários, estando ele forçado a estabelecer contatos substitutos com o mundo. Assim, suas relações afetivas estariam pautadas por mecanismos defensivos que lhe impossibilitariam sentir satisfação, expressar genuinamente seus sentimentos, nutrir-se energeticamente e afetivamente em seus afazeres diários e, principalmente, descarregar sua energia sexual. Raknes (1988, p. 125) afirma que “a experiência efetuada na clínica psicoterapêutica demonstra como a capacidade para um abandono completo é uma e indivisível, seja na relação sexual, no trabalho ou em qualquer outra atividade”. Essa capacidade é a potência orgástica e a sua condição é a livre pulsação orgonótica.

Reich desenvolveu métodos para diagnosticar o estado da pulsação orgonótica. Muitos deles envolvem a avaliação das condições físicas dos pacientes, tais como a maneira como se realiza o ato sexual, como se expressam as emoções, como se movimentam os corpos, a intensidade da inspiração e a capacidade de expiração, o estado de circulação sanguínea e dos fluidos corporais, o estado de tensão e do tônus muscular, a coloração da pele e a avaliação do tempo de desintegração dos glóbulos vermelhos.

Raknes (1988, p. 125) enumerou quatro grupos de características e pré-requisitos psicológicos, que, segundo ele, estariam presentes nos indivíduos orgasticamente potentes e evidenciaram, em nível comportamental, uma pulsação orgonótica condizente ao estado de saúde: 1) a “capacidade de completa concentração tanto no trabalho como em outra atividade, em uma conversa ou em uma relação genital, e uma sensação de unidade entre o que se é e o que se faz”; 2) a “capacidade de estar e sentir-se em contato consigo mesmo e com os outros, com a natureza e com a arte”, mostrar-se aberto e “ter a coragem e a vontade de permitir que coisas e acontecimentos” transmitam impressões e sensações a si próprios; 3) estar livre da ansiedade e do medo quando não existe perigo e ter a “capacidade de reagir racionalmente mesmo nas situações perigosas, quando se tem um objetivo importante e racional”; e 4) apresentar “intensa e constante sensação de força e de bem-estar”, de modo que parte dessa sensação poderia “ser encontrada nas sensações de *prazer genital durante a expiração*”.

A concepção orgonômica de saúde-adoecimento articulada em torno da polaridade potência orgástica/livre pulsação orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico, poderia ser assim esquematizada:

Quadro 4 – Síntese da concepção orgonômica de saúde-adoecimento	
Saúde apresenta-se como:	**Doença apresenta-se como:**
- Plena capacidade de pulsação orgonótica natural; - Energia flui pelo corpo, no seu ritmo espontâneo, livre de bloqueios;	- Perturbações na pulsação orgonótica natural; - Energia flui pelo corpo em estado de hiperativação, ou seja, acelerada, ou encontra bloqueios, regiões de imobilização da energia em que ocorre acúmulo ou escassez de energia;
- Metabolismo energético e potencial orgonômico equilibrados;	- Metabolismo energético e potencial orgonômico desequilibrados;
- O livre movimento da pulsação orgonótica corresponde à capacidade de expressão emocional genuína e autêntica dos sentimentos, dos impulsos primários;	- As perturbações na pulsação e os bloqueios correspondem aos bloqueios emocionais; Incapacidade de expressão direta dos impulsos primários; Presença forte de impulsos secundários;
- Potência orgástica e organização psicossexual preponderante genital;	- Impotência orgástica e organização psicossexual preponderante pré-genital;
- Ausência de encouraçamento crônico. Presença de couraça flexível, moderada; e	- Presença de regiões corporais com encouraçamento crônico; e
- Não há um predomínio de defesas caracterológicas neuróticas, ainda que possam existir defesas, estas são flexíveis.	- As defesas caracterológicas neuróticas são rígidas e preponderantes; Presença de fixações pré-genitais.
A terapêutica da orgonoterapia consiste em:	
i) Recuperar a plena capacidade de pulsação bioenergética, auxiliando o paciente a restaurar suas funções de carga e descarga energéticas, nas regiões que estão debilitadas; ii) Reduzir e flexibilizar o encouraçamento e as defesas neuróticas;	

iii)	Capacitar o paciente a expressar suas emoções, a estabelecer contatos genuínos com o mundo, a entrar em contato com seus impulsos primários e a descarregar os impulsos secundários da maneira mais saudável possível;
iv)	Estabelecer a potência orgástica;
v)	Restabelecer a capacidade para a autorregulação energética e um metabolismo energético e um potencial orgonômico equilibrados.

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Nessa perpectiva, é importante esclarecer que essa polaridade entre a potência orgástica/livre pulsação orgonótica e a impotência orgástica/encouraçamento crônico serve como um parâmetro para compreender funcionalmente a economia e a dinâmica energética das pessoas. Na prática, as pessoas apresentam uma variação de diversos desses fatores e, em determinados momentos e em contextos de suas vidas, algumas defesas e manifestações do encouraçamento podem intensificar-se, em outras ocasiões, abrandar-se. Esse parâmetro serve, contudo, para que aquelas pessoas que estejam operando com as categorias da orgonoterapia se atentem para os aspectos mais importantes que devem ser levados em conta na interpretação diagnóstica e na condução terapêutica.

Não se pode perder de vista que o funcionalismo orgonômico, a orgonomia e, portanto, também, o conhecimento referente à concepção de saúde-adoecimento legado por Reich são, ainda, incompletos, como o próprio autor fez questão de afirmar. Assim, a conceituação que realizamos no presente trabalho deve ser considerada como uma busca pela sistematização de um conhecimento que, ainda, necessita ser explorado e desenvolvido, pois se trata de um campo ainda aberto para a pesquisa científica.

Os conceitos desenvolvidos por Reich que fundamentam a concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento permitem extrair algumas implicações e contribuições para o campo das práticas em saúde. Iremos discutir, brevemente, algumas delas, no sentido de apontar temáticas que poderão vir a ser melhor investigadas e discutidas em futuros trabalhos.

A concepção reichiana sobre o funcionamento das emoções, sustentada nos princípios do funcionalismo orgonômico, estabelece que as emoções são expressão direta do movimento da energia orgone no organismo, ou seja, da pulsação orgonótica organísmica, e permite enxergar, de maneira integrada, os processos de saúde-adoecimento, pois o somático e o psíquico, ainda que instâncias distintas, apresentam-se como uma unidade funcional em relação ao domínio biológico, isto é, ao seu PFC, a pulsação bioenergética.

As emoções, assim compreendidas, não podem ser, simplesmente, reduzidas a processos químico-físicos neuronais ou a processos do sistema nervoso central. Embora Reich tenha afirmado que, no organismo humano, o sistema nervoso autônomo (SNA) pulse e seja

responsável, também, pela expressão das emoções, em última instância, as funções de expansão-contração e os movimentos de onda são anteriores ao próprio SNA, de modo que este último seria regido pelas funções orgonóticas, isto é, pelas emoções em nível plasmático, e não o contrário. O funcionalismo orgonômico possibilita, então, compreender que, em termos de seu PFC, as emoções apresentam-se como um fenômeno biológico universal, existentes no domínio biológico, e, simultaneamente ao seu PFC, como variações somáticas e psíquicas. Assim, somente em termos do seu PFC, poder-se-iam hierarquizar as emoções como sendo um fenômeno mais amplo e profundo do que as manifestações destas nas variações, isto é, nos domínios somático e psíquico. Contudo, em termos de expressão dos processos biológicos, os quais envolvem a referida tripartição, entende-se que as emoções se apresentam, sempre, em fenômenos simultâneos nos três domínios de funcionamento da vida.

A noção de encouraçamento nos três domínios de funcionamento da vida, o biológico, o somático e o psíquico, abre caminhos para compreender como os processos de adoecimento, presentes nas biopatias, envolvem sempre questões emocionais. Assim, o sofrimento afetivo crônico, a repressão dos impulsos naturais e os eventos traumáticos resultam em perturbações no fluxo natural e espontâneo da energia orgone e, consequentemente, em bloqueios e perturbações nos processos emocionais. Simultaneamente às alterações na pulsação bioenergética, as couraças somática e caracterológica expressar-se-ão, a primeira, em termos de perturbações anatômico-fisiológicas, e a segunda, em termos de comportamentos patológicos, conflitos psíquicos e defesas neuróticas.

A noção de segmento da couraça e a descrição da disposição segmentar da couraça possibilitam, também, compreender como as perturbações nos processos emocionais expressam-se, simultaneamente, em termos de disfunções somáticas-fisiológicas e psíquicas-caracterológicas. A noção de que cada segmento corresponde a “um conjunto de estruturas orgânicas cujo funcionamento integrado está relacionado com determinados processos psicoafetivos e determinados mecanismos de defesa” e de que “o encouraçamento causa disfunções musculares, viscerais e tissulares que tendem a afetar em conjunto todas as estruturas do segmento, embora possa afetar mais algumas estruturas do que outras” (TROTTA, 2000, p. 119 e 120), responde bem ao que se pode entender como uma visão integrada sobre como os processos físicos e psicológicos encontram-se relacionados.

O princípio de simultaneidade entre identidade e variações, ou seja, a noção de que um sistema funcional é composto a partir da tríade função-mãe, ou princípio de funcionamento comum, e as variações, ou as funções-filhas, possibilita operar em termos de relações entre funções, evitando, assim, reducionismos causalistas e finalistas. Aplicado a metodologia do

funcionalismo orgonômico ao campo do funcionamento da vida, permite-se um entendimento sobre como a mente e o corpo são duas instâncias distintas e, ao mesmo tempo, formam uma unidade funcional, evitando imputar sobre uma delas uma primazia em relação à outra. A primazia, no funcionalismo orgonômico, é o domínio energético livre de massa. A nosso ver, esse é o pressuposto orgonômico que possibilita superar a dicotomia mente-corpo, buscando, em ambos os domínios, uma origem anterior e mais ampla, qual seja, a pulsação da energia orgone.

A concepção orgonômica assume, portanto, uma visão integrada, no sentido de apontar como as esferas somática e psíquicas encontram-se relacionadas. Além disso, ao se sustentar numa visão histórico-genética, isto é, que concebe os processos na natureza em termos de processos de desenvolvimento, a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, fundamentada, sobretudo, na noção de encouraçamento, possibilita entender que "as perturbações psicossomáticas são muito anteriores à manifestação dos sintomas das doenças" (TROTTA, 2000, p. 118 e 119).

Portanto, ao se ater às manifestações do encouraçamento, a concepção orgonômica permite diagnosticar disfunções corporais que, para outras perspectivas clínicas, não são consideradas condições patológicas e entender que, caso essas disfunções persistam e se agravem, ou seja, cronifiquem-se, elas podem levar a um futuro quadro de adoecimento clínico sentido ou percebido como tal. Diferentemente, portanto, de muitas abordagens psicossomáticas restritas à descrição da psicodinâmica das doenças orgânicas já manifestas, a abordagem orgonômica, por outro lado, seria capaz de identificar e de intervir em disfunções pré-sintomáticas.

Por conferir especial atenção às referidas disfunções pré-sintomáticas e ao movimento expressivo das emoções no organismo, a concepção orgonômica permitiria entender que "existem disfunções corporais que são parte integrante e base de sustentação da neurose", de modo que essa concepção "não se restringe a explicar o envolvimento psíquico nas doenças orgânicas, mas também o envolvimento de disfunções corporais no caráter neurótico e nas psicopatologias". (TROTTA, 2000, p. 118 e 119).

Uma das implicações que se podem derivar do entendimento orgonômico sobre os processos de saúde-adocimento, restritos ao conjunto de doenças denominadas biopatias, isto é, originadas do processo de encouraçamento, é no sentido de que na origem dessas doenças encontram-se questões emocionais que necessitam ser levadas em consideração no processo terapêutico. Desconsiderar a dimensão emocional presente nas biopatias ou reduzi-las, somente, aos seus aspectos somáticos configura um entendimento parcial e superficial sobre os processos

de saúde-adoecimento das biopatias. Ainda que Reich tenha reconhecido a importância e a excelência do paradigma biomédico para atacar os problemas de saúde concernentes às questões físico-químicas, a concepção orgonômica entende como insuficiente e equivocada limitar a compreensão das doenças biopáticas somente à expressão somática dos seus sintomas, sendo estas manifestações as últimas de um longo processo de adoecimento energético.

Além disso, no caso das psicopatologias, o trabalho com o corpo, visando a mobilização e a expressão das emoções, torna-se uma ferramenta terapêutica imprescindível. As intervenções tradicionais dos psicólogos, restritas, em sua maioria, às interpretações verbais e a uma concepção do adoecimento em termos de questões simbólicas e morais, ainda que úteis, também, seriam insuficientes para atingir o cerne biológico, o qual estaria perturbado em muitas doenças com manifestações de distúrbios psíquicos.

Em relação, portanto, ao campo da saúde mental, consideramos que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento: 1) oferece uma visão distinta do saber hegemônico da psiquiatria de base mecanicista-materialista – o qual é, ainda, muito reducionista e centrado em intervenções farmacológicas, por compreender as desordens emocionais fundamentado na doutrina do centralismo cerebral; e 2) possibilita outra forma de compreender os processos de saúde-adoecimento emocionais, fundamentada nos princípios e na metodologia do funcionalismo orgonômico a qual estabelece, como um dos seus princípios terapêuticos, que se trabalhe diretamente com o cerne biológico, isto é, que se vise à expressão e à mobilização das emoções e que se removam os bloqueios energéticos e, assim, restaure o potencial orgonótico saudável.

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento e a orgonoterapia fundamentam-se, para Reich (2009, p. 196 e 197), no "fato de que soma e psique estão, ambos, enraizados bioenergeticamente no sistema plasmático pulsante (sangue e sistema nervoso autônomo)". Em decorrência dessa concepção,

> [...] a orgonoterapia influencia não a função psicofísica em si, mas sim a raiz comum das funções psíquicas e somáticas. Ela realiza isto liberando o bloqueio respiratório, a inibição do reflexo orgástico e outras inibições do funcionamento biológico. *A orgonoterapia, portanto, não é psíquica nem fisiológica ou química*, *mas antes uma terapia biológica que lida com distúrbios de pulsação no sistema nervoso autônomo*. (REICH, 2009, p. 196 e 197).

Ainda que não tenha sido objeto de avaliação principal em nossa investigação, a terapêutica, presente nas abordagens de base reichiana e na orgonoterapia, utiliza simultaneamente intervenções sobre o corpo e sobre o psiquismo, característica esta que permite, também, entender como a perspectiva orgonômica trabalha de maneira integrada sobre

os processos de saúde-adoecimento. Os métodos clínicos desenvolvidos por Reich, conforme afirmou Trotta (2000, p. 120), utilizam:

> [...] intervenções verbais, corporais e vivenciais, com ênfase no manejo clínico da transferência. A interpretação psicodinâmica, que orienta todas as intervenções terapêuticas, baseia-se na análise do caráter desenvolvida por Reich a partir da psicanálise. As intervenções corporais têm por objetivo a dissolução da couraça (desencouraçamento) acompanhada da liberação de impulsos e emoções reprimidas, favorecendo a restauração da funcionalidade corporal sadia associada à restauração da pulsação e dos fluxos de energia orgônica no organismo. Essas intervenções incluem técnicas de estimulação sensopercetiva ou de ações corporais voluntárias (*actings*) que reproduzem funções importantes no desenvolvimento ontogenético, nos processos de percepção e nos processos de expressão afetivas. Os trabalhos corporais também produzem efeitos no nível intra-psíquico, favorecendo a elaboração, ou perlaboração (*working through*), de conteúdos psíquicos inconscientes, o que contribui para uma reestruturação psíquica e caracterológica do paciente. (TROTTA, 2000, p. 120).

Algumas vezes, Reich classificou a orgonoterapia como sendo uma bioterapia, no sentido de que ela intervenha no funcionamento do domínio bioenergético, isto é, constitua-se num meio de restaurar a pulsação orgonótica natural e de reequilibrar o metabolismo energético do organismo. Essa meta terapêutica, conforme esse autor, poderia ser alcançada ao se trabalhar sobre as inibições emocionais dos pacientes, auxiliando-os na expressão de suas emoções e impulsos reprimidos, o que envolveria, também, intervenções corporais a fim de recuperar funções somáticas perturbadas.

Uma outra contribuição que podemos derivar da concepção orgonômica diz respeito à prevenção das biopatias, tema este que entra no domínio social e cultural. A importância conferida por Reich ao campo da sociologia para o problema das biopatas pode ser visualizada no título que esse autor deu ao último capítulo do seu livro *A Biopatia do Câncer*: “A biopatia do câncer como um problema de sociologia sexual”.

A fim de lançar algumas reflexões reichianas referentes ao campo da prevenção das biopatias, retomaremos algumas passagens finais da obra de Reich dedicada à questão do câncer. O principal fator etiológico apontado por Reich na biopatia do câncer seria a privação da função sexual natural, a qual desenvolveria uma resignação caracterológica geral, nos potenciais pacientes de câncer muito antes de surgirem os primeiros sintomas somáticos. Em decorrência do longo processo de resignação caracterológica, isto é, do amortecimento na formação e na expressão dos impulsos vitais, o processo biopático surgiria da seguinte maneira:

> Primeiro aparecem “distúrbios” locais inofensivos, como úlceras estomacais ou talvez hiperacidez gástrica apenas, hemorróidas, espasmos na garganta, entorpecimento genital, problemas menstruais, enrijecimento da musculatura do peito, e assim por diante. O distúrbio crônico do funcionamento biológico mina cada vez mais a respiração e a pulsação dos tecidos, que começam a se desintegrar lentamente e apodrecer. Surgem os bacilos T e aceleram o

> processo, que se estende por alguns anos. Finalmente, crescem e proliferam protozoários até que o tumor se torne palpável e visível. (REICH, 2009, p. 413)

Assim, "mesmo o diagnóstico mais precoce de um tumor de câncer local é claramente *muito tardio*, porque a biopatia já completou sua devastação do organismo". Apesar de Reich ter desenvolvido métodos para tentar curar o câncer e estabelecer como um dos princípios na terapia do câncer, "influenciar a *perturbação geral da função do biossistema,* para incrementar a reação B do organismo", a conclusão inevitável a que ele chegou foi no sentido de que, do ponto de vista social, "*enquanto a educação continuar produzindo resignação caracterológica e encouraçamento muscular generalizado, a erradicação do flagelo do câncer estará fora de questão*" (REICH, 2009, p. 413 e 414).

O fator etiológico presente, portanto, por trás de todas as biopatias, no dizer de Reich (2009, p. 414), é "*a devastação dos distúrbios sexuais*". Segundo ele, após observar, por vinte e quatro anos, pacientes com câncer, "não havia como escapar deste fato, por mais que eu tentasse: *o câncer é uma putrefação dos tecidos que ocorre enquanto o corpo ainda está vivo e é causado pela privação de prazer do organismo*".

A desconsideração dos cientistas e das pessoas, de um modo geral, em relação a este "fato extremamente simples" decorre, segundo Reich (2009, p. 414 e 415), de "nossa maneira de olhar para a vida", a qual inclui o "nosso moralismo, a incapacitação sexual de nossas crianças e jovens, os preconceitos moralistas na medicina e na educação, em suma, nosso medo da vida e nossa cegueira para com ela, atitudes que transmitimos de geração a geração durante milhares de anos".

A invasão da moral sexual repressiva, os seus efeitos perversos e a incapacidade dos educadores em confiar nas leis naturais da vida seriam os grandes responsáveis pelos distúrbios sexuais e seus males tão presentes em nossa sociedade.

No dizer de Reich (2009, p. 415):

> Nós banimos a função vital mais importante; a rotulamos de pecaminosa, e até mesmo criminosa, e lhe negamos qualquer proteção social. Mais ainda, perpetramos um ato imperdoável: toleramos no passado e continuamos tolerando a presença das coisas que impedem a vida amorosa natural – a pornografia, o boato sexual e a difamação, a compulsão sexual e leis sexuais medievais. Fantasias obscenas, sejam elas hipocritamente moralistas ou abertamente sádicas e pornográficas, ainda ditam a educação de nossas crianças e determinam com quem deveríamos ter relações. Perdemos nossa confiança nas leis naturais da vida e, agora, estamos começando a conhecer as consequências.

Reich (2009, p. 417) apontou, já na sua época, um aumento de ocorrência das doenças biopáticas em relação às doenças não biopáticas (infecciosas, traumáticas), o qual indicaria que,

do ponto de vista etiológico, as doenças "biopatias são fundamentalmente diferentes das doenças não biopáticas" e, principalmente, que elas não são compreendidas.

> A medicina mecanicista, não orientada pela economia sexual, não tem acesso a essa compreensão. *As biopatias são doenças que resultam de distúrbios da pulsação biológica do aparelho autonômico vital, reduzindo assim a potência orgonótica.* Elas são determinadas socialmente e resultam da *estase sexual*. O número de biopatias está crescendo constantemente. A situação é extremamente séria, pede uma investigação e, espera-se, uma solução. (REICH, 2009, p. 417).

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento oferece, segundo Reich (2009, p. 417), "à medicina e à pedagogia algumas percepções importantes que poderiam ajudar, embora não do modo que se poderia pensar", pois, diferentemente do que muitos gostariam de esperar, a orgonomia não descobriu "nenhuma substância química todo-poderosa que, aplicada em grande escala, fosse capaz de acabar de repente com o flagelo das doenças biopáticas". A propósito do combate às doenças biopáticas, esse autor afirmou:

> Não é tão simples. A luta contra as biopatias será uma das tarefas mais difíceis jamais enfrentadas pela sociedade humana. [...] Sua resolução irá certamente requerer a maior revolução no pensamento e na ação que o homem jamais teve que realizar. Será uma conquista não de indivíduos, mas da sociedade como um todo. (REICH, 2009, p. 417).

Assim, por entender que as doenças biopáticas têm sua origem na perturbação da economia sexual do organismo, Reich (2009, p. 418) afirmou que a eliminação dessas doenças "*requer uma mudança radical de toda a higiene sexual da população*".

As conclusões a que Reich (2009, p. 423) chegou indicariam "de modo convincente que o câncer, com uma forma especial de biopatia, está relacionado *inseparavelmente* ao problema da sexualidade e à estrutura de nossa sociedade". Segundo esse autor, essa doença e outras biopatias continuam "sendo um problema não resolvido até hoje porque nem a causa sexual, nem a social foram levadas em consideração". Ou seja, a patologia orgânica não está dissociada da sociologia, pois "hoje se sabe bem no campo da biopsiquiatria que a sexualidade e a sociologia só podem ser tratadas uma com relação à outra".

O otimismo de Reich (2009, p. 423) frente às suas conclusões foi expresso nos seguintes termos:

> Não demorará muito para que *a patologia orgânica, ao avaliar uma lesão tecidual, investigue suas causas sociais e sexuais.* Os seres humanos são organismos *biossexuais* e sociais que desenvolvem distúrbios nas funções tissulares exatamente como o fazem nas suas vidas emocionais.

Reich conferiu especial importância à maneira como a nossa sociedade lida com a sexualidade, especialmente, com a educação sexual das crianças, e nos legou um conhecimento no sentindo de que a prevenção seria o melhor caminho para a erradicação das biopatias.

A prevenção só seria possível, conforme afirmou Raknes (1988, p. 130), com mudanças culturais que favorecessem práticas educativas mais saudáveis, sexo-afirmativas, isto é, que não negassem às crianças, aos jovens, aos adultos e aos anciões, isto é, a todo indivíduo, "o direito a uma vida sexual correspondente às próprias exigências, quando estas últimas não contrastarem com o direito dos outros de dispor da própria pessoa". Segundo esse autor, "o reconhecimento desse direito poria fim à grande parte das calúnias que se levantam furiosamente em muitos ambientes, especialmente naqueles mais restritos e fechados".

O direito a uma vida amorosa genital satisfatória implica, conforme Raknes (1988, p. 130), "em uma exigência correspondente de habitações, para que todos possam ter a oportunidade de estar só ou junto com um companheiro(a) quando ele ou ela sentirem necessidade". Ou seja, aqui, entendemos que as condições de saúde, especialmente as relativas à sexualidade, estão diretamente implicadas nas condições materiais de existência.

A concepção orgonômica de saúde-adoecimento que procuramos sistematizar e apresentar limita-se ao campo das biopatias, pois foi com base na investigação clínico-terapêutica e experimental dessas doenças que Reich desenvolveu o seu corpo teórico doutrinário da orgonoterapia. Ainda que a existência de uma energia biológica especifica seja desconhecida da ciência convencional, lembramos que a doutrina da orgonomia, assim como o funcionalismo orgonômico, os quais sustentam a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, assumem, como seus pressupostos fundantes, que a energia funciona antes da matéria e que todo processo na natureza é, antes, um processo energético.

6 CONCLUSÃO

Com esta dissertação procuramos descrever o percurso investigativo de Wilhelm Reich no desenvolvimento de algumas de suas ideias e teorias, especialmente, aquelas mais diretamente associadas ao funcionalismo orgonômico - a metodologia de investigação da natureza formulada por esse autor -, e sistematizar as principais noções que fundamentam a concepção orgonômica de saúde-adoecimento presentes na obra reichiana.

No primeiro capítulo, percorremos a trajetória de Reich nas três abordagens terapêuticas por ele desenvolvidas: a análise do caráter, a vegetoterapia caractero-analítica e a orgonoterapia. Procuramos identificar as principais características e os aspectos de cada uma dessas abordagens e mostrar como esse pesquisador foi, progressivamente, formulando suas noções, ideias e métodos clínico-terapêuticos, ampliando e aprofundando seu entendimento sobre os processos vitais, a seu ver, energéticos, do ser humano.

No seu primeiro período (1920-1934), denominado psicanalítico, Reich desenvolveu a teoria da potência orgástica e, com base nela, a metodologia psicoterapêutica denominada análise do caráter, a qual é referenciada na doutrina freudiana e configura-se como uma técnica analítica ativa que confere especial importância às manifestações corporais dos pacientes.

No seu segundo período (1934-1939), no qual ocorreram os seus primeiros experimentos laboratoriais, Reich desenvolveu a noção de couraça muscular, a qual estabelece que as defesas psíquicas dos pacientes se manifestam em termos de alterações respiratórias e no tônus muscular e, fundamentado nessa noção, elaborou outras técnicas terapêuticas que intervêm diretamente no corpo do paciente visando à dissolução da couraça, as quais foram integradas à análise do caráter e formaram a segunda abordagem clínico-terapêutica desse autor, denominada vegetoterapia caractero-analítica.

No seu terceiro período (1939-1957), denominado orgonômico, esse pesquisador desenvolveu uma série de outros experimentos laboratoriais, a partir dos quais ele julgou ter descoberto uma forma de energia primordial, denominada orgone, que seria distinta das demais energias reconhecidas pela ciência convencional. Esse autor designou orgonomia o campo do conhecimento destinado a investigar as manifestações da energia orgone. Fundamentado nas descobertas que julgou ter realizado sobre o funcionamento da referida energia, Reich aprofundou o seu entendimento sobre o fenômeno do encouraçamento e desenvolveu novos recursos e técnicas terapêuticas, os quais foram integrados às metodologias anteriores e formaram a sua terceira abordagem terapêutica, denominada orgonoterapia.

É interessante notar que, no percurso do desenvolvimento da orgonoterapia a partir da análise do caráter, Reich foi progressivamente incluindo o corpo como objeto de intervenção terapêutica e desenvolvendo noções, teorias e técnicas que permitiram entender e intervir em níveis considerados por ele cada vez mais profundos de funcionamento do organismo. É possível notar que, simultaneamente a esse percurso – que, poderia ser descrito como um retorno do domínio psíquico em direção ao domínio somático, se levarmos em conta o caminho anterior percorrido por Freud do somático em direção ao psíquico - Reich forjou uma doutrina biológica própria que, no fim, colocou-o em contato com as manifestações da energia orgone, o que, por sua vez, forçou-lhe a entrar no domínio da física e culminou no estabelecimento de uma cosmovisão peculiar fundamentada nos princípios que ele formulou sobre a energia orgone.

Assim, ao avaliar o desenvolvimento das teorias e técnicas clínico-terapêuticas reichianas, pode-se afirmar que: a) a análise do caráter é uma psicoterapia, referenciada pela doutrina freudiana e pela teoria da potência orgástica; b) a vegetoterapia caractero-analítica é uma psicoterapia corporal que mescla aspectos da análise do caráter com princípios psicossomáticos que estavam sendo desenvolvidos por Reich, ainda, antes desse autor forjar sua cosmovisão orgonômica; c) a orgonoterapia é uma terapia funcional de base energética, já referenciada pelos refinamentos metodológicos do funcionalismo orgonômico e de sua cosmovisão; e d) a passagem da vegetoterapia caractero-analítica para orgonoterapia foi possibilitada, sobretudo, pelo desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, uma metodologia de investigação da natureza que opera com princípios energéticos e com uma singular lógica.

Poderíamos dizer, com base na demarcação realizada por Nascimento *et al* (2013), que as características da orgonoterapia permitem enquadrá-la numa abordagem genericamente pertencente ao "paradigma vitalista" em oposição ao "paradigma biomédico", contudo, Reich (2003) preferia não se ver como vitalista, pois considerava que esse termo estaria associado às abordagens místicas ou metafísicas, e ele concebia a sua metodologia de investigação como sendo uma abordagem científico-natural, por fundamentar-se em experimentos e em observações de processos na natureza considerados por ele como concretos.

Os pressupostos epistemológicos e metodológicos desenvolvidos por Reich e materializados no funcionalismo orgonômico - os quais são o fundamento da orgonomia e da orgonoterapia – destoam dos empregados nas escolas de pensamento presentes nas doutrinas psicológicas acadêmicas, tais como a metafísica, o psicologismo, o dualismo cartesiano e o centralismo cerebral, e, também, da doutrina mecanicista-materialista, a qual ainda prepondera

no campo das ciências da natureza, razão pela qual, o saber reichiano se desenvolveu de maneira independente das disciplinas tradicionais da academia, sobretudo, da psicologia e da medicina.

Dedicamos o segundo capítulo desta dissertação a mostrar como o conhecimento reichiano se manteve vivo após a morte de Reich, em 1957, mesmo que às margens da academia, graças a grupos de pesquisadores e terapeutas independentes que fundaram centros de investigação e de formação de terapeutas reichianos e que replicaram e conduziram outros experimentos, os quais ratificaram parte das conclusões apontadas pelo citado autor. Embora esses pesquisadores e terapeutas tivessem criado revistas para publicar suas pesquisas e realizado fóruns e congressos, com raríssimas exceções, o conhecimento reichiano continua, de um modo geral, pouco conhecido e desconsiderado pela comunidade acadêmica.

Destacamos, no segundo capítulo, algumas das barreiras que, a nosso ver, contribuíram e continuam contribuindo para a marginalização da orgonomia e da orgonoterapia em relação a sua inserção na academia e julgamos que a principal delas é a ausência de trabalhos que permitam um entendimento mais claro e profundo da maneira como Reich pensava, de como ele analisava os fenômenos e dos métodos e dos pressupostos que ele aplicou em suas investigações; em suma, de um desconhecimento do funcionalismo orgonômico.

É importante dizer que, mesmo dentro dos círculos reichianos, ou seja, dos pesquisadores independentes que têm se dedicado a pesquisar o saber desenvolvido por Reich, há uma escassez de trabalhos dedicados a investigar o funcionalismo orgonômico, e, mesmo os textos legados por esse autor sobre a sua metodologia de investigação nem sempre são claros o suficiente em suas exposições, deixando lacunas sobre o seu percurso epistemológico e sobre a aplicação de sua metodologia, as quais contribuem para que os pesquisadores de sua obra, especialmente a do período orgonômico, tenham dificuldades para compreender o seu pensamento e, sobretudo, para aplicar, corretamente, as suas teorias.

Ao notar a escassez de trabalhos que possam contribuir para um entendimento mais preciso e claro do pensamento reichiano, especialmente os do período orgonômico, no desenrolar da presente dissertação, consideramos como necessário investigar o funcionalismo orgonômico, tarefa que realizamos no terceiro capítulo. Procuramos percorrer a trajetória teórica e epistemológica que conduziu Reich ao desenvolvimento da sua metodologia de investigação e, dessa forma, buscamos rastrear os autores, as escolas de pensamento e as questões epistemológicas que influenciaram o seu pensamento. Entre as principais influências podem-se citar: a) a psicanálise de Freud; b) o materialismo-dialético de Engels; c) os pesquisadores vitalistas Driesch, Kammerer e Bergson; d) a psicologia celular; e) o funcionalismo antropológico de Malinowski; e f) o cientificismo-empirismo.

Além disso, dedicamo-nos, a apresentar a noção de sensação de órgão, “a principal ferramenta de investigação orgonômica”, no dizer de Reich, a qual estabelece que o pesquisador leve em conta as suas sensações plasmáticas suscitadas ao investigar as propriedades energético-funcionais dos fenômenos da natureza, pois, para esse pesquisador, no ato de investigação, sujeito conhecedor e objeto de investigação formam, também, uma unidade funcional, cuja apreensão sensorial ocorreria nas referidas sensações do pesquisador.

O funcionalismo orgonômico nasceu de um esforço de Reich para desenvolver uma metodologia de investigação que, no seu entendimento, caracterizar-se-ia como científica, pois utiliza, como ferramentas principais, a observação e a experimentação para conferir concretude e objetividade às percepções sensoriais do pesquisador, o que o diferencia da metafísica e do misticismo. Ao mesmo tempo, por fundamentar-se em pressupostos energéticos peculiares, numa cosmovisão própria, e por utilizar uma lógica singular de raciocínio, seria capaz de rastrear e de acessar níveis de funcionamento da natureza que estariam fora do alcance do mecanicismo-materialismo, especialmente, os fenômenos específicos da vida e aqueles diretamente governados pela energia orgone.

Apesar de suas diversas heranças epistemológicas e metodológicas de distintas escolas de pensamento, o funcionalismo orgonômico se apresenta como uma formulação teórica original e singular, que não pode ser classificada como pertencente à nenhuma das escolas da qual se originou, pois, ainda que agregue elementos originários dessas escolas, no conjunto de suas características, ele se diferencia de todas elas, apresentando uma identidade própria.

A característica singular desse método de pensamento é a noção de simultaneidade entre identidade e variações, a qual estabelece que, na natureza, os sistemas funcionais compõem um trio de funções, em que uma função-mãe dá origem a um par de funções-filhas, as quais são, simultaneamente, diferentes entre si, por apresentarem características específicas ao seu domínio de funcionamento, contudo, idênticas, quando comparadas ao princípio de funcionamento comum, que é a função-mãe, que constitui um trio funcional com as funções-filhas. Essa lógica admite que o trio funcional opere, simultaneamente, nos dois níveis: o da função-mãe e o das funções-filhas.

Com base nessa lógica, o funcionalismo reichiano permite, entre outras aplicações, compreender como os domínios psíquico e somático são, num nível superficial, duas instâncias distintas, e, ao mesmo tempo, num nível mais profundo, idênticos em relação ao seu princípio de funcionamento comum – a função de pulsação da energia orgone -, formando, dessa forma, uma unidade funcional.

Sobre os princípios adotados por Reich em suas investigações e sobre a sua forma de pensar, os quais estão materializados no funcionalismo orgonômico, independentemente de serem considerados ou não como científicos, parece-nos que, ao menos, apresentam um valor heurístico, pois esse pesquisador, confrontado com questões que sugiram no percurso de seu trabalho clínico e de suas investigações científico-filosóficas, buscou respostas e soluções ao estabelecer relações entre fenômenos de distintas áreas e derivar propriedades comuns ali encontradas. Assim procedendo, ele realizou um percurso investigativo por diversas áreas do conhecimento, interconectando fenômenos de diferentes domínios da natureza em busca de funções energéticas que ele considerou ser os seus elos de ligação e de origem.

Para exemplificar o que afirmamos no parágrafo anterior, vale lembrar das analogias que Reich estabeleceu entre: a) as sensações de correntes vegetativas percebidas nos pacientes e o movimento protoplasmático observado em seres unicelulares, analogia que fundamentou a sua noção de antítese básica da vida, ou seja, de que os movimentos básicos da matéria viva, a expansão e a contração, estariam associados às emoções básicas de prazer e de desprazer; b) a fórmula do orgasmo em quatro tempos, derivada, inicialmente, da fenomenologia do ato sexual humano, mas, segundo o referido pesquisador, observável em todos os processos biológicos pulsantes, incluindo os movimentos de seres unicelulares; e c) as diversas correlações morfológicas observadas no formato dos bions, das células, das sementes, das plantas, dos órgãos dos animais, dos movimentos internos do plasma celular, dos movimentos de ondulação no ato-sexual de diversos animais e no reflexo do orgasmo, dos movimentos espiralados dos braços das galáxias, dos furações e da aurora-boreal, e, também, dos movimentos de onda e de pulso, segundo esse autor, observável nos fenômenos luminosos da energia orgone.

Ao invés de trabalhar dissecando e separando os fenômenos em suas partes e de priorizar a quantificação de suas propriedades materiais, – como faria um cientista mecanicista-materialista -, esse pesquisador seguiu um outro caminho, priorizando as formas e os movimentos, conferiu especial atenção às transformações das formas, pensou em termos de desenvolvimento dos processos e os processos da natureza em termos de energia ao assumir a primazia da energia em relação à matéria – sem desconsiderar a dimensão material dos processos –, utilizou o raciocínio analógico, ao comparar propriedades entre os fenômenos diferentes, buscou unir os diversos domínios da natureza ao descrever funções de energia cada vez mais amplas e profundas, isto é, os princípios de funcionamento comum.

Entendemos que, sem uma compreensão adequada do funcionalismo orgonômico – e de sua cosmovisão - não se pode compreender a orgonoterapia e as noções principais que compõem a doutrina orgonômica sobre saúde-adoecimento, pois foi por meio dessa

metodologia que Reich realizou investigações clínicas, mais especificamente sobre um grupo de doenças que ele denominou biopatias, as quais teriam, como origem, o encouraçamento crônico e se distinguiriam de outras doenças, cujas origens poderiam ser atribuídas a outras fontes, tais como as doenças infecciosas e as traumáticas.

Dedicamos o quarto e último capítulo da dissertação a investigar e a sistematizar os principais conceitos e as noções em torno dos quais se pode formular a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, podendo-se citar: a) a potência orgástica; b) o encouraçamento; c) a noção de emoção como impulsos primários e secundários; d) a energia orgone; e) a função de pulsação; e f) as suas perturbações e bloqueios.

A função de pulsação da energia orgone, conforme a concepção orgonômica, governa o funcionamento somático em termos de seus movimentos corporais – o movimento dos fluídos nos tecidos e no citoplasma celular, o peristaltismo e a pulsação dos diversos órgãos etc. – e, também, o funcionamento psíquico, uma vez que, para a visão reichiana, as emoções nada mais são do que a expressão direta do movimento de energia orgone no organismo.

As perturbações no movimento da energia orgone, ou seja, as imobilizações no fluxo e na pulsação natural dessa energia no organismo decorrentes do processo de encouraçamento surgem ao longo do desenvolvimento ontogenético, acompanhando a formação e a constituição do psiquismo dos indivíduos, e cumprem uma função emocional de defesa. O encouraçamento funciona como um mecanismo de defesa para que o indivíduo, no decorrer de sua vida, sobretudo, durante a infância – período em que a sua personalidade é constituída -, consiga lidar com seus medos e angústias frentes às situações traumáticas ou geradoras de perigos emocionais. Em certos casos, quando as situações de vida exigem forte encouraçamento, ou seja, quando os traumas vivenciados são muito intensos ou quando as situações de perigo se prolongam, o encouraçamento pode tornar-se crônico, incapacitando o indivíduo de expressar diretamente suas emoções e de entrar em contato com seus sentimentos genuínos, gerando impulsos destrutivos em relação a si mesmo e às outras pessoas.

Pode-se afirmar que o encouraçamento crônico é, para a concepção orgonômica, o denominador comum de uma série de doenças denominadas biopatias. Entre as consequências do encouraçamento crônico, encontra-se o fenômeno da impotência orgástica, o qual se refere à incapacidade do organismo de entregar-se, completamente, ao fluxo da energia orgone durante o ato sexual e de descarregar, satisfatoriamente, a sua energia sexual. Essa energia sexual, quando não descarregada, torna-se estagnada e se constitui num dos fatores decisivos para a perturbação da dinâmica energética vital, perturbação esta que compõe um elemento

central da etiologia de diversos quadros patológicos, em especial, das doenças que apresentam um fundo emocional, consideradas psicossomáticas.

Um organismo saudável, na concepção reichiana, é caracterizado pela capacidade de expressar e de entrar em contato direto com as suas emoções, a qual implica o livre movimento da energia orgone pelo seu corpo, sem obstruções à pulsação orgonótica. O indivíduo saudável é caracterizado, também, como orgasticamente potente, pois seria capaz de entregar-se, completamente, durante o ato sexual, ao fluxo de sua energia orgone e, consequentemente, de descarregar, satisfatoriamente, a sua energia sexual.

A concepção de saúde que se construiu a partir do funcionalismo orgonômico de Wilhelm Reich pode ser entendida, portanto, como o grau com que o organismo funciona de acordo com os movimentos espontâneos da energia orgone; por outro lado, a doença pode ser entendida como o grau de afastamento do funcionamento energético do organismo em relação ao movimento espontâneo da energia orgone. Em outros termos, para essa concepção, enquanto a saúde, por um lado, tende a remeter a um funcionamento que respeita o movimento natural do orgone, a doença, por outro, remete a um funcionamento que se desvia desse movimento.

Especialmente no que tange à Saúde Coletiva, o conhecimento desenvolvido e proposto por Reich oferece uma visão integrada sobre o funcionamento dos processos psíquicos e somáticos, cuja unidade encontrar-se-ia no princípio de funcionamento comum, a pulsação orgonótica, que se expressa nas emoções, as quais podem ser compreendidas como um fenômeno de base tanto dos processos fisiológicos quanto dos psíquicos.

Entendemos que, associada à teoria sobre as emoções construída por Reich, que situa as emoções no domínio de funcionamento mais profundo da vida, concebendo-as, portanto, como processos energéticos fundamentais de toda a matéria viva - processos estes que governariam o funcionamento vital dos seres vivos -, a noção de encouraçamento e de identidade funcional entre a couraça somática e a caracterológica auxilia a entender como os distúrbios emocionais acompanham o desenvolvimento ontogenético dos indivíduos e, também, como os traumas emocionais e a própria formação do caráter das pessoas estão indissociáveis de processos corporais, fisiológicos.

Ao descrever a disposição segmentária da couraça, procuramos descrever algumas das relações existentes entre o funcionamento psíquico e o fisiológico apontadas por Reich e outros orgonoterapeutas, relações estas que ficam mais evidentes quando se entra no domínio clínico-terapêutico, pois estão associadas às formas como as pessoas administram suas emoções mais profundas, isto é, como as expressam ou delas se defendem ao evitar entrar em contato.

Para remover os bloqueios energéticos e restaurar a funcionalidade emocional sadia das pessoas, a orgonoterapia recusa-se a operar com a separação dos domínios somáticos e psíquicos e, ao intervir nas emoções, da maneira como ela as concebe e com as técnicas que utiliza, transcende os limites criados pela medicina e pela psicologia. A visão orgonômica denuncia um duplo monopólio originado de uma mesma cisão: o monopólio da medicina em pretender ser um saber legítimo e exclusivo de intervenção no corpo e, igualmente, o da psicologia, de intervenção no psiquismo; duas disciplinas, medicina e psicologia, que, na nossa visão, constituíram-se originadas de uma mesma cisão, pois separam, em objetos distintos, duas dimensões biológicas, cujo funcionamento entendemos indissociáveis: a mente e o corpo.

Como procuramos mostrar no decorrer da dissertação, a concepção orgonômica estabelece um entendimento no sentido de que, por trás das biopatias, residem questões emocionais, não como efeitos secundários ou paralelos do adoecimento – por exemplo, ao modo que os estudos convencionais se limitam, apenas, a descrever a prevalência da depressão entre os pacientes de câncer -, mas, ao contrário, que, na gênese do processo de adoecimento, no estrato mais profundo do funcionamento vital – que Reich denominou de *background bioenergético* -, as emoções estão envolvidas e exercem uma função fundamental.

As perturbações energético-emocionais decorrentes do processo de encouraçamento estão na origem de diversas doenças orgânicas e psíquicas e, muitas delas teriam sua origem nos primeiros estágios de desenvolvimento humano, podendo, inclusive, iniciar-se no período gestacional, muito antes de manifestarem-se os primeiros sintomas orgânicos.

Uma das implicações dessa concepção é a necessidade de abordar as doenças biopáticas levando-se em conta intervenções no campo das emoções e não somente no tratamento dos sintomas somáticos, pois os sintomas somáticos seriam algo como a ponta do *iceberg*, sinais de disfunções emocionais mais profundas, nas quais residiriam o *background bioenergético* dessas doenças. Ou seja, caso uma terapêutica se limite a tratar, apenas, os sintomas somáticos, sem considerar a dinâmica emocional que estaria na gênese do adoecimento, futuramente, poderia ocorrer que os mesmos sintomas retornem ou novos sintomas surjam.

Se, por um lado, a orgonoterapia condena o desprezo das emoções por parte das intervenções restritas ao domínio somático ou fisiológico, por outro, condena, também, o desprezo pelo corpo por parte de abordagens psicológicas restritas ao campo da fala e de intervenções puramente comportamentais ou simbólicas. Para a concepção orgonômica, muitas das psicopatologias possuem, também, um *background bioenergético*, no qual residem questões emocionais que estão associadas às disfunções corporais, as quais precisam ser levadas em contas na terapêutica.

Reich e seus seguidores desenvolveram diversas técnicas corporais para acessar e dissolver esses bloqueios energético-emocionais, que, na maioria das vezes, são de difícil acesso exclusivamente pelo campo da fala, pois, muitos deles, envolvem fatos traumáticos e conteúdos emocionais ocorridos em fases precoces do desenvolvimento ontogenético, anteriores ao período de aquisição da fala. Esses recursos terapêuticos podem, portanto, ser empregados no tratamento de diversos quadros de sofrimento emocional, constituindo-se em técnicas apropriadas para o tratamento de muitas psicopatologias.

As ideias de Reich propõem a valorização dos cuidados "preventivos" na gestação, no parto e em todas as fases de desenvolvimento humano, pois, quanto mais precoce for o ser humano, especialmente nas fases em que ele ainda não está formado, mais vulnerável ele está ao processo de encouraçamento, de modo que a prevenção das doenças biopáticas requer uma transformação na cultura de educação e do cuidado com as crianças e bebês.

Reich considerou que a origem do encouraçamento residiria na forma como a nossa sociedade lida com a sexualidade, mais especificamente, com a educação sexual das crianças, de modo que o conhecimento por ele construído revela, com máxima importância, que a educação sexual deve ser um tema a ser trazido ao debate das políticas públicas em saúde, uma vez que, para o pensamento reichiano, a função da sexualidade se equivale à função da vida, ou seja, é o pilar de sustentação da saúde.

A doutrina que embasa a orgonoterapia lida com a prevenção do adoecimento e com a promoção da saúde, pois o estado de saúde não é meramente a ausência de doenças, mas a capacidade de um organismo de autorregular-se emocionalmente, isto é, de expressar suas emoções, de entrar em contato com elas, de abastecer-se e de descarregar sua energia vital em trocas afetivas com as diversas dimensões da vida, no trabalho, no conhecimento e no amor.

Pode-se dizer que são muitas e diversas, a nosso ver, as implicações e as contribuições decorrentes da concepção orgonômica sobre saúde-adoecimento, assim como, da orgonoterapia e do funcionalismo orgonômico, para o campo da Saúde Coletiva, as quais não tivemos a oportunidade de investigar com profundidade aqui, uma vez que, o nosso propósito foi apresentar a obra de um autor que ainda é pouco compreendido, por pensar de forma diferente e por partir de categorias próprias de pensamento - o que contribuiu para que a orgonoterapia e o funcionalismo orgonômico não tivessem espaço dentro dos círculos acadêmicos e inserção nas instituições oficiais e públicas de saúde.

Nosso trabalho pretendeu contribuir para esclarecer os princípios utilizados por Reich no desenvolvimento de suas noções mais diretamente relacionadas ao campo da saúde. Para esse fim, fomos obrigados a investigar a metodologia por ele empregada em suas pesquisas: o

funcionalismo orgonômico. Por isso, entendemos que nossa investigação possa auxiliar, também, futuros pesquisadores da obra reichiana que venham a pesquisar outros conceitos ou noções de sua obra e, até mesmo, aqueles que, eventualmente, irão replicar e avaliar os experimentos reichianos e suas conclusões, pois, sem uma compreensão do funcionalismo orgonômico, não nos parece ser possível avaliar, corretamente, as conclusões que esse autor apresentou.

O leitor mais criterioso, certamente, percebeu que nosso trabalho não se propôs a tecer críticas e a avaliar se as proposições reichianas estão ou não corretas. Limitamo-nos, apenas, a realizar menções a trabalhos de outros pesquisadores que replicaram os experimentos reichianos ou a estudar suas ideias. Antecipamos, desde já, nossa opinião no sentido de que avaliações e críticas às noções e às conclusões que Reich obteve de seus experimentos e de suas observações são cruciais para o desenvolvimento maduro das ideias desse autor, as quais precisarão ser confrontadas com outras visões e perspectivas teóricas. Contudo, é nosso entendimento que, antes de se realizar as tarefas da crítica, da avaliação e da confrontação, o pensamento reichiano, sobretudo, do período orgonômico, necessita ser, primeiramente, compreendido, pois, como afirmamos anteriormente, ainda são escassos os trabalhos que se propuseram à tarefa de esclarecer a específica linguagem e linhas de raciocínio que embasam o pensamento desse autor.

Acreditamos ter cumprido o propósito da nossa pesquisa e reconhecemos que o conhecimento exposto nesta dissertação está, ainda, muito longe de contemplar a totalidade das ideias reichianas, mesmo, aquelas restritas ao eixo clínico-terapêutico de sua obra. Propusemo-nos, apenas, a rastrear, a descrever e a sistematizar as noções consideradas, por nós, como centrais para o entendimento acerca da concepção orgonômica de saúde-adoecimento. Julgamos que a referida concepção é um dos pilares centrais da obra reichiana, que sua compreensão é de grande valor para todo pesquisador que se interesse pelo pensamento de Reich, e que é um passo inicial para futuros desdobramentos e aplicações possíveis dos saberes, por Reich desenvolvidos, na sociedade, na Saúde coletiva e no cuidado aos problemas de saúde. Esperamos que futuras pesquisas possam complementar a exposição iniciada por nós ao articular as noções que foram investigadas nesta dissertação com outras ideias e noções presentes nos textos pertencentes aos outros eixos da obra reichiana, tais como os textos sociológicos, políticos e pedagógicos.

De tudo o que foi escrito nesta dissertação, poder-se-ia destacar que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento que se construiu, longe de ser um ponto de chegada, é um ponto de partida, pois é necessário admitir que a comunidade acadêmica não se dedicou, ainda,

suficientemente, à investigação e à avaliação das proposições reichianas com o respeito e o valor que esse autor merece, haja vista as importantes relações (na sua visão) energéticas que envolvem o corpo e a mente discutidas em sua obra. Por isso, há muito a ser desvendado no caminho iniciado por Wilhelm Reich.

Como sugestão, pensamos que pesquisas clínico-experimentais acerca das técnicas da orgonoterapia, incluindo a utilização dos dispositivos orgonômicos, tais como o acumulador de energia orgone e o DOR-buster, pesquisas de intervenção clínica que podem ser desenhadas e outras que deem seguimento ao escrutínio dos fundamentos epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, apenas iniciado por nós na presente investigação, poderiam trazer novas contribuições para a perspectiva reichiana e para suas possíveis aplicações no campo da Saúde Coletiva.

7 REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Paulo. **Reich**: história das idéias e formulações para a educação. São Paulo: Ágora, 1994.

ALBERTINI, Paulo. **Wilhelm Reich**: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. **Boletim de Psicologia**, vol. IXI, no. 135, p. 159-176, 2011.

ALBERTINI, Paulo. **Reich: história das ideias e formulações para a educação**. São Paulo: Ágora, 1994.

ALBERTINI, Paulo. **Na psicanálise de Wilhelm Reich**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

ALMEIDA, Bruno P.; ALBERTINI, P. A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich: publicações de 1920 a 1933. **Psicologia USP**, vol. 25, no. 2, 2014. p. 134-143.

ALVAREZ, R. **Effects of the orgone accumulator blanket on free radicals and dehydroepiandrosterone levels**. Dissertação, Holos University. 2008.

ALVES, Jayme Penerai. Editorial da Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**. v. 1, n. 1, 2014.

ANDERSON, W. A. Orgone therapy in rheumatic fever. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 2, 1950. p. 71-73.

BAKER, Elsworth F. **O labirinto humano**: causas do bloqueio da energia sexual. São Paulo: Summus, 1980.

BAKER, C. F. *et al*. The Reich blood test. **Journal of Orgonomy**, vol. 15, no. 2, 1981. p. 184-218.

BAKER, C. *et al*. Wound healing in mice (part 1). **Annals of the Institute for Orgonomic Science**, vol. 1, no. 1, 1984. p. 12-23.

BAKER, C. *et al*. Wound healing in mice (part 2). **Annals of the Institute for Orgonomic Science**, vol. 2, no. 1, 1985. p. 7-24.

BARRETTO, M. A. P. Da “revolução funcionalista” às novas sínteses antropológicas. **Perspectivas**, São Paulo, vol. 6, 1983. p. 11-18.

BEDANI, Ailton. **Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich**. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007a.

BEDANI, Ailton. Apresentação. In.: MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich**: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007b.

BEDANI, Ailton. **Orgone, orgonome e pulsação orgonótica**. Apostila do Programa de Formação em Abordagem Clínica Reichiana. Mimeografado. Material não publicado. 2008.

BEDANI, Ailton; ALBERTINI, Paulo. Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 2, 2009.

BEDANI, Ailton. "Revisitando a metodologia reichiana de pesquisa: a abrangência e aplicabilidade do funcionalismo orgonômico e da orgonoterapia". In: BORINE, Monica S. (Org.). **W. Reich e J. Pierrakos: Abertura dos Arquivos – Temas Reichianos – CORE Energetics**. São Paulo: Spiral Editora, 2012. p. 107-118.

BEDAN, Ailton. **A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013a. Tese de doutorado.

BEDANI, Ailton. Ecos da psicologia celular na obra de Wilhelm Reich: a percepção como propriedade básica da matéria viva. **Revista Reichiana**, v. 20, 2013b. p. 63-74. (Obs. Tivemos acesso a uma cópia do artigo, contudo a paginação constava com outra numeração).

BEDANI, Ailton. **O funcionalismo energético de Wilhelm Reich**. Apostila. Material ainda não publicado. 2019.

BENNETT, Philip W. The persecution of Dr. Wilhelm Reich by the government of the United States. **International Forum of Psychoanalysis**, vol. 19, no. 1, 2010. p. 51-65. DOI: 10.1080/08037060903095366 .

BLASBAND, R. The orgone energy accumulator in the treatment of cancer in mice. **Subtle Energies & Energy Medicine**, vol. 20, no. 2, 2009. p. 7-14.

BLASBAND, R. et al. Radiation victims and the Reich blood test. **Journal of Orgonomy**, vol. 24, no. 1, 1990. p. 13-25.

BLASBAND, R. Some effects of the ORAC on cancer in mice: three experiments. **Journal of Orgonomy**, vol. 18, no. 2, 1984. p. 202-211.

BRASIL. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS – PNPIC**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Diretrizes do NASF: Núcleo de apoio à saúde da família**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. **Portaria N° 849, de 27 de março de 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. **Portaria N° 702, de 21 de março de 2018**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BREMER, Kenneth M. Medical effects of orgone energy. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 5, nos. 1 e 2, 1953. p. 71-84.

BRENNER, Myron. Orgonotic devices in the treatment of infectious conditions. **Pulse of the Planet**, vol. 3, 1991. p. 49-53.

BRIEHL, Walter. Wilhelm Reich 1897-1957 – análise do caráter. In: ALEXANDER, F.; EISENSTEIN, S.; GROTJAHN, M. **A história da Psicanálise através dos seus pioneiros**. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1981. p. 480-488.

CÂMARA, Marcus V. de A. Wilhelm Reich: dados biográficos e orientações básicas. In.: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 97-107.

CAMPIGLIA, Helena. **Psique e medicina tradicional chinesa**. São Paulo: Roca, 2004.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CAREY, Kevin; DUNLAP, Steven. Culturing SAPA bions. **Journal of Orgonomy**, vol. 22, no. 1, 1988. p. 68-75.

CHASTKA, Edward. The history of the development of medical orgone therapy. **Journal of Orgonomy**, vol. 41, no. 2, 2007.

CORREA, P.; CORREA, A. The reproducible thermal anomaly of Reich-Einstein experiment under limit conditions. **Journal of Aetherometry Research**, vol. 2, num. 6, 2010. p. 1-24.

COSTA, Magali de Moraes Rego. **Wilhelm Reich e a bússola do pensamento funcional**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

COTT, Allan. Orgonomic treatment of ichthyosis. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 3, no. 3, 1951. p. 163-166.

COURIE, Maria. Plant response to orgone energy. **Cosmic Orgone Energy**, vol. 7, nos. 3-4, 1955. p. 203-204.

DEMEO, J. Water evaporation inside the orgone accumulator. **Journal of Orgonomy**, vol. 14, num. 2, 1980. p. 171-175.

DEMEO, J. Orop Arizona 1989: a cloudbusting experiment to bring rains in the desert southwest. **Pulse of the Planet**, vol. 3, 1991. p.82-92.

DEMEO, J. **O manual do acumulador de orgônio:** planos de construção, uso experimental e proteção contra a energia tóxica. Tradução de Maria Lucia Ricci Leite. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995. 182p.

DEMEO, J. Green Sea Eritrea: a 5-year desert-greening CORE project in the SE African-Sahel. **Pulse of the Planet**, vol. 5, 2002a, p. 183-211.

DEMEO, J. Orgone accumulator stimulation of sprouting mung beans. **Pulse of the Planet**, vol. 5, 2002b. p. 168-175.

DEMEO, J. Bion-biogenesis research and seminars at OBRL: progress report. **Pulse of the Planet**, vol. 5, 2002c. p. 100–113.

DEMEO, J. Experimental confirmation of the Reich orgone accumulator thermal anomaly. **Subtle Energies & Energy Medicine**, vol. 20, no. 3, 2009. p. 17-32.

DEMEO, J. Report on orgone accumulator stimulation of sprouting mung beans. **Subtle Energies & Energy Medicine**, vol. 21, no. 2, 2010. p. 51-62.

DEMEO, J. Water as a resonant medium for unusual external environmental factors. **Water Multidisciplinary Research Journal**, v. 3, 2011. p. 1-47.

DEMEO, J. **In defense of Wilhelm Reich**: opposing the 80-years war of mainstream defamatory slander against one of the 20th century's most brilliant physicians and natural scientists. Ashland, Oregon, USA: Natural Energy Works, 2013.

DU TEIL, Roger. "Report given on march 7, 1937 by Prof. Roger du Teil to the Natural Philosophical Society in Nice on the work performed by Dr. Reich (Oslo)". In: REICH, W. **The bion experiments on the origin life**. Traduzido do alemão por Derek e Inge Jordan. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1979. p. 84-90.

DU TEIL, Roger. "Leben und materie". In: REICH, Wilhelm. **Die bione**. Oslo, Kopenhagen, Zürich: SEXPOL Verlag, 1938a. p. 117-125. (Vida e matéria. Comunicação para a Sociedade de Filosofia Natural de Nice, em 18 de Setembro de 1937.)

DU TEIL, Roger. "Drei versuchsreihen auf grund des spannung-ladung prinzips". In: REICH, Wilhelm. **Die bione**. Oslo, Kopenhagen, Zürich: SEXPOL Verlag, 1938b. p. 126-135. (Três séries de experimentos baseados no princípio de tensão-carga. Apresentado à Academia de Ciências da Universidade de Nice em 28 de Setembro de 1937.)

DURHAM, Eunice Ribeiro. "Uma nova visão da antropologia". In. DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). **Malinowski**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ESPANCA, J. The effect of orgone on plant life: part 1. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 3, 1981. p. 23-28.

ESPANCA, J. The effect of orgone on plant life: part 2. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 4, 1982. p. 35-38.

ESPANCA, J. The effect of orgone on plant life: part 3. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 6, 1983a. p. 20-23.

ESPANCA, J. The effect of orgone on plant life: part 4. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 7, 1983b. p. 36-37.

ESPANCA, J. The effect of orgone on plant life: part 5. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 8, 1984. p. 35-39.

ESPANCA, J. Orgone energy devices for irradiation of plants. **Offshoots of Orgonomy**, vol. 9, 1985. p. 25-31.

FARASHCHUK, N; FOMITCHEV-ZAMILOV, M; TSYUMAN, Y. A preliminary study of the effects of Reich's orgone accumulator on oats seed sprouting and the structure of water. **Water Multidisciplinary Research Journal**, vol. 3, 2011. p. 1-47.

FAVRE, Regina. "Terapias neo-reichianas". In: CIORNAI, Selma (Org.). **25 anos depois: gestalt-terapia, psicodrama e terapias neo-reichianas no Brasil**. São Paulo: Ágora, 1995. p. 41-51.

FREUD, S. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)". In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. VII: Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 117-231.

FREUD, Sigmund. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)". In: FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). Tradução de Paulo César de Souza. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. "As neuropsicoses de defesa (1894)". In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Vol. III: Primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 53-72.

FUCKERT, D. Reports on treatments with orgone energy. **Annals of the Institute for Orgonomic Science**, vol. 6, no. 1, 1989. p. 33-52.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1997.

GRAD, Bernard R. Wilhelm Reich's experiment xx. **Cosmic Orgone Engineering (CORE)**, vol. 7, nos. 3-4, 1955. p. 130-143.

GRAD, Bernard R. Some heat experiments implicating the existence of a subtle energy. **Subtle Energies & Energy Medicine**, vol. 7, no. 3, 1996. p. 239-262.

GRAD, Bernard R. Studies on the origin of life: the preparation of primordial cell-like forms. **Pulse of the Planet**, vol. 5., 2002. p. 79–87.

HEBENSTREIT, Günter A. **Die Elektrophysiologie erogener und nicht-erogener Hautzonen in Verbindung mit der Spannungs-Ladungs-Formel Wilhelm Reichs**. Eine experimentelle Untersuchung. Tese de doutorado. Universidade de Viena. 2010.

HEBENSTREIT, G. **Der Orgonakkumulator nach Wilhelm Reich**. Eine experimentelle Untersuchung zur Spannungs- Ladungs- Formel. Diplomarbeit, Universität Wien. 1995.

HERSKOWITZ, Morton. **Emotional armoring: an introduction to psychiatric orgone therapy**. 2.auf. Hamburg: LIT, 2001.

HIGGINS, Mary. RAPHAEL, Chester. (Orgs.). **Reich fala de Freud**. Lisboa: Moraes Editores, 1979a.

HIGGINS, Mary; RAPHAEL, Chester M. “Editor’s note”. In: REICH, W. **The bion experiments on the origin life**. Traduzido do alemão por Derek e Inge Jordan. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1979b. p. 1-2.

HINCHEY, Kevin. “Abertura dos arquivos de Wilhelm Reich”. In: BORINE, Monica S. (Org.). **W. Reich e J. Pierrakos: Abertura dos Arquivos – Temas Reichianos – CORE Energetics**. São Paulo: Spiral Editora, 2012. p. 13-34.

HOPPE, Walter. My experiences with the orgone accumulator. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 1, no. 1, 1949. p. 12-22.

HOPPE, Walter. Further experiences with the orgone accumulator. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 1, 1950, p. 16-21.

KONIA, Charles. An investigation of the thermal properties of the ORAC. **Journal of Orgonomy**, vol. 18, no. 1, 1974. p. 47-64.

KONIA, Charles. An investigation of the thermal properties of the ORAC (II). **Journal of Orgonomy**, vol. 12, no. 2, 1978. p. 244-252.

KONIA, Charles. Electroscopic effects of the medical DOR-buster: preliminary report. **Journal of Orgonomy**, vol. 17, no. 2, 1983. p. 56-60.

LACHICA, Fernando Ortiz. **La relación cuerpo-mente**: pasado, presente y futuro de la terapia psicocorporal. México DF: Editorial Pax México, 1999.

LADEIRA, Marcelo Sady Plácido; SALVADORI, Daisy Maria Fávero; RODRIGUES, Maria Aparecida Marchesan. Biopatologia do Helicobacter pylori. **J. Bras. Patol. Med. Lab.**, Rio de Janeiro , v. 39, n. 4, p. 335-342, 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-24442003000400011&lng=en&nrm=iso>. access on 26 May 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S1676-24442003000400011.

LAPASSADE, Georges. **La bio-energía**: ensayo sobre la obra de W. Reich. Barcelona: Gedisa, 1974.

LASSEK, Heiko. Orgone accumulator therapy of severely diseased people: a personal report of experiences. **Pulse of the Planet**, vol. 3, 1991. p. 39-47.

LEBRUN, P. Neo-Reichian therapy. **Sante Ment Que**. Vol. 2, no. 2, 1977. p. 103-9.

LEVINE, Emanuel. Treatment of a hypertensive biopathy with the orgone energy accumulator. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 3, no. 1, 1951. p. 23-34.

MAGLIONE, Roberto. **Wilhelm Reich and the healing of atmospheres**. Ashland, Oregon, USA: Natural Energy Works, 2011.

MAGLIONE, Roberto. **Methods and procedures in biophysical orgonometry**. Roma: Publicação do autor, 2012.

MALINOWSKI, B. El grupo y el individuo em análisis funcional. **Revista Mexicana de Sociología**, vol. 1, no. 3, 1939. p. 111-133.

MALINOWSKI, B. "A teoria funcional". In. In. DURHAM, Eunice Ribeiro (Org.). **Malinowski**. São Paulo: Editora Ática, 1986. p. 169-188.

MALUF JUNIOR, Nicolau J. "Reich e a Orgonomia". In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 158-173.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich**: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. Wilhelm Reich e a produção acadêmica brasileira entre 1979 e 2008. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 52-65, 2012.

MAZZOCCHI, A., MAGLIONE, R. A preliminary study of the Reich orgone accumulator effects on human physiology. **Subtle Energies & Energy Medicine**, vol. 21, no. 2, 2010. p. 41-50.

MEDEIROS JÚNIOR, Geraldo. **Bioenergologia**: a ciência das energias da vida. Londrina: Universalista, 2000. 448p.

MILIÁN-SANCHEZ *et al*. Anomalous effects on radiation detectors and capacitance measurements inside a modified faraday cage. **Nuclear Inst. And Methods in Physics Research**, vol. 828, 2016. p. 210-228.

MILIÁN *et al*. Anomalies in radioactive decay rates and temperature measurements inside a modified faraday cage. **Pulse of the Planet**, vol. 5, 2002. p. 182.

MÜSCHENICH, Stefan; GEBAUER, Rainer. **Die (Psycho-)Physiologischen Wirkungen des Reich'schen Orgonakkumulators auf den Menschlichen Organismus.** Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade de Marburg, Alemanha Ocidental, 1986. (Os Efeitos Psicofisiológicos do Acumulador de Energia Orgone de Reich).

NASCIMENTO, Marilene Cabral do *et al*. A categoria racionalidade médica e uma nova epistemologia em saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 12, p. 3595-3604, Dec. 2013.

NASCIMENTO, Périsson Dantas. **Do trauma encarnado à biopatia:** a clínica bioenergética do sofrimento orgânico. Curitiba: Appris, 2016. Originalmente tese de doutorado.

NELSON, A. Orgone (Reichian) therapy in tension headache. **Am J Psychother**. Vol. 30, no. 1, 1976. p. 103-11.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD OMS. **Estratégia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2013.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. On the concept of function in social science. **American Anthropologist**, New Series, vol. 37, no. 3, 1935. p. 394-402.

RAKNES, Ola. **Wilhelm Reich e a orgonomia**. São Paulo: Summus, 1988.

RAMALHO, Simone A. Reich em Caminho Independente: O combate ao Nazifascismo. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 134-147.

RAPHAEL, Chester M.; MACDONALD, Helen E. Orgonomic diagnosis of cancer biopathy. Based on a course given by Wilhelm Reich. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 4, no. 2, 1952. p. 65-128.

REICH, Eva. **Energia vital pela bioenergética suave**. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo. Summus, 1998.

REICH, Wilhelm. Der urgegensatz des vegetativen lebens. **Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie**, vol. 1, no. 2, 1934a. p. 125-142.

REICH, Wilhelm. Die vegetative urform des libido-angst-gegensatzes. **Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie**, vol. 1, nos. 3-4, 1934b. p. 207-225.

REICH, Wilhelm. **Experimentelle ergebnisse über die elektrische function von sexualität und angst**. Abhandlungen zur personellen sexualökonomie. Klinische und experimentelle berichte aus dem institute für sexualökonomische lebensforschung. Kopenhagen: Sexpol-Verlag, 1937. 42p.

REICH, Wilhelm. **Die bione**. Oslo, Kopenhagen, Zürich: SEXPOL Verlag, 1938.

REICH, Wilhelm. **Character analysis**. 3.ed. Tradução de Theodore P. Wolfe. London: Vision Press, 1948.

REICH, Wilhelm. Orgonometric equations (I): general form. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 4, 1950a. p. 161-183.

REICH, Wilhelm. Orgonomic functionalism part II: on the historical development of orgonomic functionalism. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 2, 1950b. p. 49-62.

REICH, Wilhelm. Orgonomic functionalism part II: on the historical development of orgonomic functionalism. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 3, 1950c. p. 99-123.

REICH, Wilhelm. **The orgone energy accumulator**: it´s scientific and medical use. Orgone Institute Press, Rangeley, Maine, 1951a.

REICH, Wilhelm. The ORANUR experiment: first report (1947-1951). **Orgone Energy Bulletin**, vol. 3, no. 4, 1951b. p. 185-344.

REICH, Wilhelm. Dor removal and cloud-busting: preliminary communication. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 4, no. 4, 1952a. p. 171-182.

REICH, Wilhelm. Orgonomic functionalism part II: on the historical development of orgnomic functionalism (cont.). **Orgone Energy Bulletin**, vol. 4, no. 1, 1952b. p. 1-12.

REICH, Wilhelm. Orop desert part 1: space ships, dor and drought. **Cosmic Orgone Engineering**, vol. 6, nos. 1-4, 1954. p. 1-140.

REICH, Wilhelm. The medical dor-buster. **Cosmic Orgone Enginnering**, vol. 7, nos. 3-4, 1955. p. 97-113.

REICH, Wilhelm. **Contact with space**: ORANUR second report 1951-1956. New York: CORE Pilot Press, 1957.

REICH, Wilhelm. "Concerning the energy of drives (1923)". In: REICH, Wilhelm. **Early writings**. Volume one. Tradução de Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1975a. p. 143-157.

REICH, Wilhelm. "Two narcissistic types (1922)". In: REICH, Wilhelm. **Early writings**. Volume one. Tradução de Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1975b. p. 133-142.

REICH, Wilhelm. **A descoberta do orgone**: a função do orgasmo. Traduzido do alemão por José Pecegueiro e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979a.

REICH, Wilhelm. **The bion experiments**: on the origin of life. Tradução de Derek e Inge Jordan. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979b.

REICH, Wilhelm. "Parte I – A entrevista". HIGGINS, Mary. RAPHAEL, Chester. (Orgs.). **Reich fala de Freud**. Lisboa: Moraes Editores, 1979c. p. 17-124.

REICH, Wilhelm. **Genitality in the theory and therapy of neurosis**. Traduzido por Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1980.

REICH, Wilhelm. **The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1982.

REICH, Wilhelm. "The orgasm as an electrophysiological discharge". In.: REICH, Wilhelm. **The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1982a. p. 3-20.

REICH, Wilhelm. "Sexuality and anxiety". In.: REICH, Wilhelm. **The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1982b. p. 21-70.

REICH, Wilhelm. "The bioelectrical function of sexuality and anxiety". In.: REICH, Wilhelm. **The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1982c. p. 71-161.

REICH, Wilhelm. **Materialismo dialéctico e psicanálise**. 4.ed. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1983a.

REICH, Wilhelm. **Children of the future**: on the prevention of sexual pathology. Tradução de Derek Jordan, Inge Jordan e Beverly Placzek. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1983b.

REICH, Wilhelm. The developmental history of orgonomic functionalism. Tradução de Derek e Inge Jordan. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v.1, 1990a. p. 1-29.

REICH, Wilhelm. The developmental history of orgonomic functionalism – Part Two. Tradução de Derek e Inge Jordan. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 2, 1990b. p. 1-23.

REICH, Wilhelm. Functional thinking: a discussion with Wilhelm Reich. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 1, 1990c. p. 100-112.

REICH, Wilhelm. Man's root in nature. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 2, 1990d. p. 50-74.

REICH, Wilhelm. Orgonotic pulsation. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 3, 1991c. p. 20-63.

REICH, Wilhelm. The developmental history of orgonomic functionalism – Part Four. Tradução de Derek e Inge Jordan. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 4, p. 1-18, 1992.

REICH, Wilhelm. **Beyond psychology**: letters and journals 1934-1939. Traduzido do alemão para o inglês por Derek Jordan, Inge Jordan e Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1994.

REICH, Wilhelm. Processes of integration in the newborn and the schizophrenic. **Orgonomic Functionalism**: A journal devoted to the work of Wilhelm Reich, Rangeley, Maine, v. 6, p. 51-71, 1996a.

REICH, Wilhelm. Orgonomic functionalism in non-living nature. **Orgonomic Functionalism**, vol. 6, 1996b. p. 1-21.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3.ed. Tradução de Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REICH, Wilhelm. **O éter, deus e o diabo / A superposição cósmica**. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, Wilhelm. Wilhelm Reich's course descriptions and bio reprinted from the 1940 and 1941, **Graduate Faculty Psychology Bulletin**, New School University, New York, v. 2, n.2, 2004.

REICH, Wilhelm. **A biopatia do câncer**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

REICH, Wilhelm. **Psicopatologia e sociologia da vida sexual**. São Paulo: Global Editora, s/a.

ROBINSON, Paul A. **A esquerda freudiana**. Wilhelm Reich – Geza Roheim – Herbert Marcuse. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

RUSSO, Jane Araújo. **O corpo contra a palavra**: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. Originalmente tese de doutorado.

SCHLOEGEL, Judy J.; SCHMIDGEN, Henning. General physiology, experimental psychology, and evolutionism: unicellular organisms as objects of psychophysiological research, 1877-1918. **Isis**, vol. 93, no. 3, 2002. P. 614-645.

SCHOLKMANN *et al*. Anomalous effects of radioactive decay rates and capacitance values measured inside a modified Faraday cage: Correlations with space weather. **Europhysics Letters**, vol. 117, no. 6, 2017. doi: 10.1209/0295-5075/117/62002.

SENF, B**.** Wilhelm Reich: discoverer of acupuncture energy?. **Pulse of the Planet**, Vol. 2, 1990.

SILVA, João R. O. Reich e a psicanálise: o encontro. In.: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 108-125.

SHARAF, Myron. **Fury on earth**: a biography of Wilhelm Reich. New York: St. Martin's Press/Marek, 1983.

SILVERT, Michael. On the medical use of orgone energy. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 4, no. 1, 1952. p. 51-54.

SNYDER, Maxwell. Some observations on Reich's experiment 20. **Pulse of the Planet**, vol. 5, 2002. p. 88-94.

SOUTHGATE, Leon. **Chinese Medicine and Wilhelm Reich**: An analysis of chinese medical and reichian theories of life force and experimental orgone-acupuncture study. Germany: Lambert Academic Publishing, 2009.

TESSER, Charles Dalcanale; LUZ, Madel Therezinha. Racionalidades médicas e integralidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 195-206, Feb. 2008.

TROPP, Simeon. The treatment of a mediastinal malignancy with the orgone accumulator. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 1, no. 3, 1949. p. 100-109.

TROPP, Simeon J. Orgone therapy of an early breast cancer. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 3, 1950, p. 131-138.

TROTTA, E. E.; MARER, E. Orgonotic treatment of transplanted tumors. **Journal of Orgonomy**, vol. 24, num. 1, 1990. p. 39-44.

TROTTA, Ernani. **Psicossomática reichiana e metodologia da orgonoterapia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1996.

TROTTA, Ernani E. Metodologia da orgonoterapia. **Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS**, v. 3, n.3, 1999. p. 32-57.

TROTTA, Ernani E. "Wilhelm Reich e a psicossomática". In: MALUF, Nicolau (Org.). **Reich: O corpo e a clínica**. São Paulo: Summus, 2000. p. 105-122.

WAGNER, Cláudio M. **Freud e Reich**: continuidade ou ruptura? São Paulo: Summus, 1996.

WAGNER, Cláudio M. Reich e a Terapia Psicorporal. In.: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). **Jung e Reich: articulando conceitos e práticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 148-157.

WEVRICK, N. Physical orgone therapy of diabetes. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 3, no. 2, 1951. p. 110-112.

WU C.-Y. *et al*. Bions: a family of biomimetic mineralo-organic complexes derived from biological fluids. **PLoS ONE**, vol. 8, no. 9, 2013.

WU C.-Y. *et al*. Formation and characteristics of biomimetic mineralo-organic particles in natural surface water. **Scientific Reports**, vol. 6, Article number: 28817, 2016.

APÊNDICE A

RELAÇÃO DE REVISTAS ESPECIALIZADAS EM TERAPIAS DE BASE REICHANA E OUTRAS COM PUBLICAÇÕES RELACIONADAS AO PENSAMENTO DE WILHELM REICH[189]

1 REVISTAS ESPECIALIZADAS EM ORGONOMIA E TERAPIAS REICHIANAS

1.1 REVISTAS BRASILEIRAS

Nome	***Energia, caráter e sociedade***
Período de publicação	1990 – 1994
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	3
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado[190]
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial
Contato	Instituto de Orgonomia Ola Raknes - I.O.O.R Escola de Orgonomia Latino Americana – E.O.L.A Rua Ipu N. 12 – Botafogo – Rio de Janeiro - RJ. Brasil. CEP: 22281-040. Tel. +55 021 2266655
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Revista da Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul***
Período de publicação	1997-2002
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	5

[189] As revistas que se encontram inseridas no banco de dados ULRICHSWEB tiveram suas informações obtidas a partir desse. A referida base de dados pode ser acessada pela URL: https://ulrichsweb.serialssolutions.com/. As informações sobre as demais revistas foram obtidas em consulta direta às próprias revistas e às bibliografias sobre orgonomia elaboradas por DeMeo (http://www.orgonelab.org/bibliog.htm) e por Boadella (1985). Levantamento das revistas realizado em 2017.

[190] Algumas das revistas esgotadas podem ser obtidas em sebos ou nos acervos bibliográficos dos núcleos de pesquisa e formação de terapeutas reichianos.

Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial
Contato	Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul Rua Tobias da Silva, 267/504. Porto Alegre – RS. Brasil. CEP: 90.570-020. Tel./Fax.: +55 051 32224304 Email: swr.rs@terra.com.br
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Revista Reichiana***
ISSN	1678-9792
Período de publicação	1992-2013
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	20
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial
Contato	Departamento de Psicoterapia Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae Rua Ministro de Godoy, 1.484 – Perdizes. São Paulo – SP. CEP: 05015-900 Tel./Fax.: +55 011 3866-2730/31/32/34 Email: sedes@sedes.org.br URL: www.sedes.org.br
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB. Aparece indexada na base de dados INDEXPSI http://www.bvs-psi.org.br

Nome	***Cadernos Reichianos***
Período de publicação	1996-1997
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	2
Formato	Impresso

Disponibilidade	Esgotado
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial
Contato	Departamento de Psicoterapia Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae Rua Ministro de Godoy, 1.484 – Perdizes. São Paulo – SP. CEP: 05015-900 Tel./Fax.: +55 011 873-2314
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Pensamento Reichiano em Revista***
ISSN	1980-3516
Período de publicação	2006-2008
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	3
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial: Claudio Mello Wagner, Denise Dessaune, Ernani Eduardo Trotta, Marcus Vinicius Câmara, Nicolau Maluf Jr.
Contato	E-mail: ddessaune@uol.com.br – eduardotrotta@terra.com.br – mvinic@oi.com.br – eneorgon@uol.com.br – doutorsagui@hotmail.com
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Psicologia Corporal***
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	11 (2000 a 2010)
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	Centro Reichiano URL: www.centroreichiano.com.br
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB. Segundo informação obtida na própria revista consta como indexada nas bases de dados Index Psi e na Biblioteca Central da PUC/PR.

Nome	***Anais dos Congressos Brasileiros de Psicoterapia Corporal***
Período de publicação	2004-2017 (PRESENTE)
Periodicidade	Anual
Volumes publicados	11
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	Centro Reichiano em Curitiba URL: http://www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal***
ISSN	2357-9692
Período de publicação	2014-2017 (PRESENTE)
Periodicidade	Semestral
Volumes publicados	6
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Conselho editorial	Apresenta conselho editorial.
Contato	Libertas FLAAB – Federação Latino-Americana de Análise Bioenergética URL: https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

1.2 REVISTAS EM OUTROS PAÍSES

Nome	***Zeitschrifte für Politische Psychologie und Sexualökonomie***
País / Idioma	Dinamarca / Alemão
Período de publicação	1934-1939
Volumes publicados	5
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível gratuitamente na internet.
Descrição	Trata-se da primeira revista editada por Wilhelm Reich, sob o pseudônimo de Ernst Parell.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Tidskrift for Seksualokonomi***
País	Dinamarca
Período de publicação	1939
Volumes publicados	1
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Descrição	Edição de Tage Philipson.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***International Journal of Sex-Economy and Orgone Research***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1942-1945
Volumes publicados	4 Vols.
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento: http://www.wilhelmreichtrust.org
Descrição	Trata-se da segunda revista editada por Wilhelm Reich, a primeira em solo norte-americano e em idioma inglês.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB. Alguns artigos constam como indexados na MEDLINE da PubMed.

Nome	***Annals of the Institute of Orgone***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1947-1948
Volumes publicados	2
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento: http://www.wilhelmreichtrust.org
Descrição	Trata-se da terceira revista editada por Wilhelm Reich.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB. Alguns artigos constam como indexados na MEDLINE da PubMed.

Nome	***Orgone Energy Bulletin***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1949-1953
Volumes publicados	5 Vols.
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento: http://www.wilhelmreichtrust.org
Descrição	Trata-se da quarta revista editada por Wilhelm Reich.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Cosmic Orgone Enginnering (CORE)***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1954 – 1955
Volumes publicados	2
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento: http://www.wilhelmreichtrust.org
Descrição	Trata-se da quinta e última revista editada por Wilhelm Reich. Os volumes aparecem com numeração 6 e 7 pois foram considerados continuação direta da revista predecessora.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Internationale Zeitschrift für Orgonomie - offizielles Organ der Orgone Institute Research Laboratories für deutschsprachigen Gebiete***
País / Idioma	Israel / Alemão e Inglês
Período de publicação	1950
Volumes publicados	1 Vol., 3 nos.
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Descrição	Editora: Tel Aviv : Edition Olympia - Martin Feuchtwanger. Sob a responsabilidade de Wilhelm Reich. Editado por Walter Hoppe.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB. Número OCLC: 60129051

Nome	***Orgonomic Medicine***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1955-1956
Volumes publicados	2 Vols.
Formato	Impresso
Disponibilidade	Esgotado
Descrição	Edição de Elsworth Baker.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Orgonomic Functionalism***
País / Idioma	Inglaterra / Inglês
Período de publicação	1954-1964
Volumes publicados	10 Vols.
Formato	Impresso (mimeografado)
Disponibilidade	Esgotado
Descrição	Edição de Paul e Jean Ritter (Ritter Press)
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Bio-energetic Institute Monographs***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1963-?
Periodicidade	Annual
Volumes publicados	Ao menos 8
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito.
Descrição	Textos de Alexander Lowen e John Pierrakos.
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***The Creative Process***
País / Idioma	Estados Unidos da América / Inglês
Período de publicação	1961-1965
Periodicidade	Annual
Volumes publicados	5
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	Interscience Research Institute Edição de Charles Kelley URL: http://www.kelley-radix.org
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Journal of Orgonomy***
ISSN	0022-3298
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos da América / Inglês
Período de publicação	1967-Presente
Periodicidade	Semestral
Último volume	49
Formato	Impresso/Online
Disponibilidade	Disponível mediante assinatura, alguns artigos estão disponíveis gratuitamente na internet

Descrição	Devoted to the study of orgone energy functions in living and nonliving nature, based on the discoveries of Wilhelm Reich.
Editores	Charles Konia (Editor-In-Chief) Kathy Dunlap (Managing Editor)
Contato	American College of Orgonomy Endereço: PO Box 490 Princeton, NJ 08542 Estados Unidos 732.821.1144 Tel.: 732-821-1144 Fax.: 732-821-0174 URL: http://www.orgonomy.org Email: aco@orgonomy.orgaco@orgonomy.org
Indexação em base de dados	EBSCOhost MLA International Bibliography (Modern Language Association) E-psyche Gale MLA International Bibliography (Modern Language Association) ProQuest MLA International Bibliography (Modern Language Association)

Nome	***Energy & Character - Journal of bio-energetic research***
ISSN	0013-7472
Estado na ULRICHSWEB	Researched / Unresolved
País / Idioma	Alemanha / Alemão
Período de publicação	1970-2009
Periodicidade	Trimestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito
Editor	Andreas Wehowsky
Contato	International Institute for Biosynthesis Deutsches Institut fuer Biosynthese Endereço: Hakenweg 17, Jaderberg, 26349 Alemanha URL: http://www.biosynthesis.org
Indexação em bases de dados	British Library Board Allied and Complementary Medicine Database EBSCOhost Allied and Complementary Medicine Database E-psyche, coverage dropped Ovid Allied and Complementary Medicine Database

Nome	***Offshoots of Orgonomy***
ISSN	0730-1502
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	Estados Unidos / Idioma
Período de publicação	1980-1987 (15 Vols.)
Periodicidade	Semestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento http://www.orgonelab.org/cart/xoffshoot.htm - os dois primeiros volumes disponíveis gratuitamente digitalmente
Descrição	Based on Wilhelm Reich's Orgone (cosmic life energy) theories covering childrearing, education, art, orgonomic devices.
Editor	Marjorie Gruff
Contato	Offshoots Publications Endereço: PO Box 987 Valley Forge, PA 19481 United States
Indexação em base de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB.

Nome	***Emotion - Die Wilhelm Reich Zeitschrift*** ***Triebenergie, Charakterstruktur, Krankheit, Natur und Gesellschaft***
ISSN	0720-0579
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	Alemanha / Alemão
Período de publicação	1980 – 2007
Periodicidade	Semestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito. Alguns artigos encontram-se disponíveis gratuitamente na internet.
Contato	Wilhelm-Reich-Initiative Berlin Endereço: Mommsenstrasse 52, 1000 Berlin 12, Germany URL: http://www.berndsenf.de/EmotionUebersicht.htm
Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Energía, carácter y sociedad***
ISSN	0212-453X
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Espanha / Espanhol
Período de publicação	1983-2004
Periodicidade	Semestral
Último volume	31 (2004)
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento.
Contato	Escuela Española de Terapia Reichiana Endereço: C. Republica de Guinea Ecuatorial, 4-1, Valencia, 46022 Espanha Tel.: 34-96-3727310 Fax.: 34-96-3562090 URL: http://www.esternet.org/ http://www.esternet.org/publicaciones.htm Email: reichiana@cesser.com
Indexação em base de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Annals of the Institute for Orgonomic Science***
ISSN	8755-3252
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1984-Presente
Periodicidade	Irregular
Último volume	13 (2015)
Formato	Impresso/Online
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento. Alguns volumes encontram-se disponíveis gratuitamente em formato digital.
Contato	Institute for Orgonomic Science Endereço: PO Box 2069 Philadelphia, PA 19103 United States Tel.: 610-896-4466 URL: http://www.orgonomicscience.org/ Email: annals@orgonomicscience.org
Indexação em base de dados	E-psyche

Nome	***Sciences Orgonomiques : revue des lois de la vie***
ISSN	0767-6891
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	França / Francês
Período de publicação	1986-199?
Periodicidade	Trimestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito.
Descrição	Deals with biology, physics and medicine from an energetic or orgonomic perspective; discusses applications of the theories and works of Wilhelm Reich.
Contato	Societe d'Edition pour la Diffusion de l'Orgonomie Giuseppe Cammarella, M.D. Endereço: Allee du Chene Vert-Parc Liserb, Nice, 06000 França Tel./Fax.: 04 93 89 31 39 Email: orgonomie1@yahoo.com
Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Pulse of the Planet***
ISSN	1041-6773
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos da América / Inglês
Período de publicação	1989-Presente
Periodicidade	Anual – Irregular
Último volume	Vol. 5 (2002)
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Editor	James DeMeo
Contato	Orgone Biophysical Research Laboratory Endereço: Natural Energy Works, PO Box 1148 Ashland, OR 97520 United States URL: http://www.orgonelab.org Email: info@naturalenergyworks.net
Indexação em base de dados	E-psyche

Nome	***Revista de Ciencias Orgonomicas – Anales de la Fundación Wilhelm Reich***
País / Idioma	Espanha / Espanhol
Período de publicação	1989 – 1994
Periodicidade	Anual
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito
Contato	Fundación Wilhelm Reich URL: http://www.wilhelm-reich.org/revi.html
Indexação em bases de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Energia, Carattere & Società: rivista semestrale organo dell'Istituto Federico Navarro***
País / Idioma	Itália / Italiano
Período de publicação	2001-?
Periodicidade	Semestral
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	Istituto Federico Navarro URL: http://ifen.eu.com/rivista-ifen-n-2/
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***CorpoNarrante***
País / Idioma	Itália / Italiano
Período de publicação	2009-2014 (7 Vols.)
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	Istituto Italiano di Formazione in Analisi Bionergetica URL: https://iifab.org/corponarrante/la-rivista
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Journal of Psychiatric Orgone Therapy***
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	2010-Presente. Não se trata de uma revista publicada em forma de volumes, mas sim de um website que disponibiliza artigos online.
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	The Journal of Psychiatric Orgone Therapy URL: www.psychorgone.com Dr. Simonian P.O. Box 4727 Glendale, CA, 91222
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Rivista di Psicoterapia Analitica Reichiana***
País / Idioma	Itália / Italiano
Período de publicação	2012-2017
Periodicidade	Semestral
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	Società Italiana di Analisi Reichiana (SIAR) URL: https://www.analisi-reichiana.it/psicoterapiaanaliticareichiana/
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***Quaderni del Movimento Reichiano di Napoli***
País	Itália / Italiano
Volumes publicados	14 nos.
Periodicidade	Eventual
Editor	Umberto Rostaing
Indexação em base de dados	Não consta na relação de revistas da ULRISCHSWEB.

Nome	***International Body Psychotherapy Journal***
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Internacional / Inglês
Período de publicação	2001-2017 (16 Vols.)
Periodicidade	Semestral
Formato	Impresso/Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Histórico	Formada pela união das revistas (2002-20??): The USA Body Psychotherapy Journal (United States) (1538-960X) e (1999-20??): European Association for Body Psychotherapy Journal (United States)
Contato	USA Association for Body Psychotherapy European Association for Body Psychotherapy Endereço: 8639 B 16th St, Ste 119, Silver Spring, MD 20910 Estados Unidos Tel.: 202-466-1619 URL: http://www.usabp.org http://www.ibpj.org/archive.php Email: usabp@usabp.org
Indexação em bases de dados	E-psyche

Nome	***Bioenergetic Analysis: The Clinical Journal of the International Institute for Bioenergetic Analysis***
ISSN	0743-4804
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Alemanha / Inglês
Período de publicação	1985-Presente
Periodicidade	Annual
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	International Institute for Bioenergetic Analysis Psychosozial Verlag Endereço: Walltorstr 10, Giessen, 35390 Germany Tel.: 49-641-9699780 Fax: 49-641-96997819 URL: http://www.psychosozial-verlag.de URL: http://www.psychosozial-verlag.de/catalog/index.php/cPath/4000_4980 Email: info@psychosozial-verlag.de

Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Orgonomic Functionalism***
ISSN	1054-075X
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período	1990 – 2019 (7 Vols.)
Periodicidade	Irregular
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	Wilhelm Reich Infant Trust Endereço: Orgonon, Dodge Pond Road, PO Box 687 Rangeley, ME 04970 Estados Unidos Tel.: 207-864-3443 Fax.: 207-864-5156 URL: http://www.wilhelmreichtrust.org Email: wreich@rangeley.org
Observação	Trata-se de uma revista composta apenas de artigos do Reich, organizados e editados postumamente.
Indexação me bases de dados	E-psyche

Nome	***Journal of Biodynamic Psychology***
ISSN	0143-1218
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	Reino Unido / Inglês
Período de publicação	1980-1983
Periodicidade	Anual
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito.
Organização responsável	International Foundation for Biodynamic Psychology. Boyesen Institute for Biodynamic Psychology
Indexação em base de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Energy & Consciousness: international journal of core energetics***
ISSN	1050-5326
Status na URLRICHSWEB	Researched / Unresolved
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1991 - ?
Periodicidade	Semestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito
Descrição	Articles are theoretical and clinical, focussing on the theory and practice of Core Energetic psychotherapy. Research reports and literature reviews are included.
Editor	Dr. Jacqueline Carleton
Contato	Institute of Core Energetics Endereço: 115 E 92nd St, #2A, New York, NY 10010 Estados Unidos Tel.: 212-987-4969 Fax: 914-427-0264 Email: jacarleton@aol.com
Indexação em bases de dados	E-psyche, coverage dropped

2 OUTRAS REVISTAS COM PUBLICAÇÕES SOBRE ORGONOMIA E TEMAS RELACIONADOS

Nome	***Arquivos Brasileiros de Psicologia***[191]
ISSN	1809-5267 (online) 0100-8692 (versão impressa)
País / Idioma	Brasil / Português
Formato	Online/Impresso
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Descrição	A revista Arquivos Brasileiros de Psicologia dedicou o volume 49 n. 2, de 1997, ao aniversário de cem anos de Wilhelm Reich, com publicações exclusivas sobre orgonomia, orgonoterapia e assuntos relacionados ao pensamento reichiano. Além desse volume exclusivamente dedicado à obra de Reich, alguns outros artigos sobre o pensamento reichiano foram publicados em outros volumes.
Contato	http://pepsic.bvsalud.org/revistas/arbp/paboutj.htm Universidade Federal do Rio de Janeiro Av. Pasteur, 250 Fundos

[191] Para essa revista utilizou-se as informações da base de dados Scielo.

	Pavilhão Nilton Campos, Praia Vermelha - Urca 22290-240 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil Tel.: +55 21 3873 5328
Indexação em bases de dados	PsycINFO Portal Capes Minerva LILACS (Bireme) - www.bireme.br Pepsic Index Psi Peridicos (BVS - Psi)- www.bvs-psi.org.br Latindex Scopus Clase Psicodoc Redalyc

Nome	***Subtle Energies & Energy Medicine Journal***
ISSN	1099-6591
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1990-Presente
Periodicidade	Quadrimestral
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Contato	International Society for the Study of Subtle Energies and Energy Medicine Endereço: 2770 Arapaho Rd Ste 132, Lafayette, CO 80026 United States Tel.: 303-425-4625 Fax.: 866-269-0972 URL: http://www.issseem.org - http://journals.sfu.ca/seemj/index.php/seemj Email: info@issseem.org
Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***American Journal of Acupuncture***
ISSN	0091-3960
Estado na ULRICHSWEB	Suspended
País / Idioma	Estados Unidos da América

Período de publicaçao	1972-2004
Periodicidade	Trimestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	American Journal of Acupuncture Endereço: 1840 41st Ave, Ste 102, Box 610 Capitola, CA 95010 Estados Unidos Tel.: 831-475-1700 Fax.: 831-475-1439 URL.: http://acupuncturejournal.com/index.shtml
Indexação em bases de dados	British Library Board Allied and Complementary Medicine Database EBSCOhost Allied and Complementary Medicine Database Elsevier BV Scopus, 1975-1999 Mosby, Inc. Dental Abstracts (Online) National Library of Medicine PubMed OCLC ArticleFirst, vol.18, no.1, 1990-vol.27, no.3, 1999 Ovid Allied and Complementary Medicine Database Personal Alert (E-mail) ProQuest Biological Sciences, Selective - Indexing Ceased Engineering Research Database, Selective - Indexing Ceased Environmental Sciences and Pollution Management, Selective - Indexing Ceased Technology Research Database, Selective - Indexing Ceased

Nome	***Infinite Energy: the magazine of new energy science and technology***
ISSN	1081-6372
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1995-Presente
Periodicidade	Bimestral
Formato	Impresso/Online
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento
Contato	Cold Fusion Technology Endereço: PO Box 2816 Concord, NH 03302 Estados Unidos Tel.: 603-485-4700

	Fax.: 603-485-4710 URL: http://www.infinite-energy.com
Indexação em bases de dados	EBSCOhost MasterFILE Complete, 5/1/2016-

Nome	***International Journal of Live Energy***
Estado na ULRICHSWEB	Ceasead
País / Idioma	Canada / Inglês
Período de publicação	1978-1981
Periodicidade	Trimestral
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito.
Contato	International Journal of Life Energy Endereço: P O Box 204 Toronto, ON M4J 4Y1 Canadá Tel.: 416-667-2471
Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***International Journal of Parapsychology***
ISSN	0553-206X
Estado na ULRICHSWEB	Ceased
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1959-1968; resumed 2000-2001
Periodicidade	Semestral
Formato	Impresso
Disponibilidade	Não obteve-se informação a respeito.
Contato	Parapsychology Foundation, Inc. Address: PO Box 1562 New York, NY 10021 United States Phone: 212-628-1550 Fax: 212-628-1559 Website: http://www.parapsychology.org Email: office@parapsychology.org
Indexação nas bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

Nome	***Water Journal***
ISSN	2155-8434
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	2009-PRESENTE
Periodicidade	Annual
Formato	Online
Disponibilidade	Disponível gratuitamente
Editores	Gerald Pollack (Editor-In-Chief) E-Mail ghp@u.washington.edu Nina Mross (Managing Editor) E-Mail ninam@waterjournal.org
Contato	Endereço: University of Washington, 3720 15th Ave NE, Box 355061 Seattle, WA 98195 United States Tel.: 206-685-1880 Email: submissions@waterjournal.org URL: http://www.waterjournal.org
Indexação em bases de dados	EBSCOhost Academic Search Alumni Edition, 5/1/2015- Academic Search Complete, 5/1/2015- Academic Search Elite, 5/1/2015- Academic Search Premier, 5/1/2015- Academic Search Ultimate, 5/1/2015-

Nome	***Journal of Borderland Research***
ISSN	0897-0394
Estado na ULRICHSWEB	Active
País / Idioma	Estados Unidos / Inglês
Período de publicação	1945 – PRESENTE
Periodicidade	Trimestral
Formato	Impresso / Online
Disponibilidade	Disponível mediante pagamento. Alguns artigos disponíveis gratuitamente em formato digital.
Contato	Borderland Sciences Research Foundation Endereço: PO Box 6250 Eureka, CA 95502 United States Tel.: 707-497-6911 Fax: 815-301-8655 URL: https://borderlandsciences.org/journal/ Email: info@borderlands.com
Indexação em bases de dados	Não consta como indexada em nenhuma base de dados conforme consulta no sistema da URLRICHSWEB

APÊNDICE B

INSTITUIÇÕES DE FORMAÇÃO E PESQUISA EM ABORDAGENS TERAPÊUTICAS DE BASE REICHIANA[192]

1 INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

1.1 CENTROS REICHIANOS

Nome	***Espaço Wilhelm Reich***
País	Brasil
Localização	Maceió – AL: Rua Durval Guimarães, 1217, sala 303 Empresarial Leonardo da Vinci - Ponta Verde São Paulo – SP: Rua Fradique Coutinho, 786-B Vila Madalena
Contato	http://www.espacowilhelmreich.com.br Tels.: (82) 3325.4939 / (11) 3812.9217 Coordenadores: Eleusa M. Passos Tenório, Lílian Lúcia de Oliveira (CRP 15/2448), Márcia Helena de Oliveira (CRP 06/4674).

Nome	***Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich***
País	Brasil
Localização	Rio de Janeiro – RJ
Contato	URL: http://www.ifp-reich.com.br Responsáveis: Denise Dessaune E-mail: ddessaune@uol.com.br Tel.: (21) 2527-5740 Nicolau Maluf Jr E-mail: nicolaumalufjr@gmail.com, Tel.: (21) 2539-6561

[192] Realizamos este levantamento em 2017.

Nome	***Escola Pós-Reichiana Federico Navarro (EFEN)***
País	Brasil
Localização	Rua Teresa Guimarães 67 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ – CEP: 22.280-050
Contato	http://www.orgonomia.com.br E-mail: orgonomia.efen@gmail.com Tel.: (21) 2558-3509 Coordenador: Rudi Luiz Reali (12314 CREFITO/RJ)

Nome	***Centro Reichiano***
País	Brasil
Localização	Av. Prefeito Omar Sabbag, 628 - Jardim Botânico – CEP: 80210-000 Curitiba – PR
Contato	URL: http://www.centroreichiano.com.br Fone/Fax: (41) 3263-4895 E-mail: centroreichiano@centroreichiano.com.br Diretores: José Henrique Volpi (CRP - 08/3685) E-mail: volpi@centroreichiano.com.br *Sandra Mara Volpi (CRP - 08/5348)* E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

Nome	***Núcleo de Psicoterapia Reichiana***
País	Brasil
Localização	*Rua Real Grandeza, Botafogo, Rio de Janeiro – RJ*
Contato	URL: http://www.nucleopsic.org.br *Tel.: (21) 3681 5858* *E-mail:* nucleo@nucleopsic.org.br *Coordenador:* *Ernani Eduardo Trotta (Psicólogo)* *E-mail:* ernanitrotta@gmail.com

Nome	***Instituto Raiz***
País	Brasil
Localização	Rua Henrique Lupo, 929, Vila José Bonifácio, Araraquara - SP – CEP: 14802-304
Contato	URL: http://www.institutoraiz.com.br Tel.: (16) 3336.6375 - (16) 99765.7531 - (16) 98255.4795 E-mail: institutoraiz@hotmail.com / eadraiz@institutoraiz.com.br Diretora: Susana Z Scotton (Psicóloga)

Nome	***Instituto Brasileiro de Análise Reichiana de São Paulo***
País	Brasil
Localização	Rua Simão Alvares, 948, São Paulo – SP.
Contato	URL: http://www.institutoibar.com.br Tel.: (11) 99610-1012 - (11) 97335-3993 E-mail: ibar.ar16@hotmail.com

Nome	***Instituto Reichiano***
País	Brasil
Localização	Rua Oyapock, 642 - Cristo Rei. Curitiba – PR. CEP: 80050-450.
Contato	URL: www.institutoreichiano.com.br https://www.facebook.com/InstitutoReichianoOficial/ Tel.: (41) 3264-9113 E-mail: instituto@institutoreichiano.com.br

Nome	***Viva Vida Orgonomia***
País	Brasil
Localização	Rio de Janeiro – RJ
Contato	URL: https://www.vidavivaorgonomia.com.br Coordenadora: Ana Luz Francés (Psicóloga) Tels.: (21) 2547-0886 - (21) 99874-0886 E-mail: analuzfrances@hotmail.com

Nome	***Escuela Española de Terapia Reichiana (Es.Te.R) – Brasil***
País	Brasil
Localização	SHIS QI 28, Conjunto 17, Casa 19 – Lago Sul, Brasília (DF).
Contato	URL: http://www.esterbr.com.br/ E-mail: espacodecuracoracaodemaria@gmail.com Alessandra Coelho *(CRP 11241)* Tel.: +55 61 9.8172.9044 E-mail: coesterbr@gmail.com

1.2 INSTITUIÇÕES DA ABORDAGEM BIOENERGÉTICA

Nome	***Federação Latino Americana de Análise Bioenergética – FLAAB*** Filiada à IIAB
Países	Argentina e Brasil
Endereço	
Fundação	
Contato	URL: https://www.analisebioenergetica.com/fla/ E-mail: flaab2@gmail.com Tel.: +55 (81) 3441 7462 Facebook: facebook.com/flaab Presidente: Cristina Piauhy (2016-2019)

Nome	***Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo - IABSP*** Filiado à FLAAB / IIAB
País	Brasil
Localização	Rua Aspicuelta, 592, Vila Madalena, São Paulo – SP. CEP: 05433-011
Contato	URL: http://www.bioenergetica.com.br Tel./Fax: (11) 3032.3445 (11) 3815.4855 E-mail: iabsp@bioenergetica.com.br Diretora: Liane Zink

Nome	***Sociedade Brasileira de Análise Bioenergética - SOBAB*** Filiada à FLAAB / IIAB
País	Brasil
Localização	Rua Havaí, 62, Sumaré – São Paulo – SP – CEP: 01259-000.
Fundação	1981
Contato	URL: http://www.analisebioenergetica.com.br E-mail: sobab@uol.com.br Tel.: (11) 3865-7271 Presidente: Eulina Maria de Carvalho Ribeiro (Psicóloga)

Nome	***Associação de Análise Bioenergética do Nordeste Brasileiro Libertas*** Filiada à FLAAB – IIAB
País	Brasil
Localização	Libertas Casa Amarela: Rua Rodrigues Sete, 158, Tamarineira, Recife – PE. CEP 52051-230. Libertas Apipucos: Rua Antônio Batista de Souza, 245, Apipucos, Recife – PE. CEP 52071-370.
Contato	URL: http://www.libertas.com.br Tels.: (81) 3268 3596 / (81) 3268 3311 / (81) 3441 7462 / (81) 99721-2021 E-mail: libertas@libertas.com.br

	Sociedade de Análise Bioenergética do Centro-Oeste do Brasil VIBRARE Filiada à FLAAB – IIAB
País	Brasil
Localização	SHIS QI 5 Conjunto 11 Casa 09, Lago Sul. Brasília - DF. CEP: 71.615-110.
Contato	URL: http://institutovibrare.com/o-vibrare/ Tel.: (61) 99936-7006 e (61) 3245-6271 E-mail: institutovibrare@gmail.com Diretora: Martha de Carvalho Rocha E-mail: martha_rochabr@yahoo.com.br

Nome	***Sociedade de Análise Bioenergética do Rio de Janeiro*** Filiada à FLAAB – IIAB
País	Brasil
Localização	Rua Cesario Alvim, 15 - Humaitá, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22261-030.
Contato	URL: http://www.saberj.com.br/ https://www.facebook.com/saberj.rj/ Tel.: (21) 2286-4923

1.3 INSTITUIÇÕES DA ABORDAGEM BIOSSÍNTESE

Nome	***Instituto Brasileiro de Biossíntese de SP*** Associada à IFB
País	Brasil
Localização	São Paulo – SP
Contato	https://biossintese.com.br - https://www.facebook.com/biossintesedesp/ Diretora: Liane Zink

Nome	***Centro de Biossíntese da Bahia*** Associada à IFB
País	Brasil
Localização	Salvador – BH.
Contato	URL: www.biossintesebahia.com.br Telefone: (55) (71) 3367-2776 E-mail: eunicerodrigues@terra.com.br Diretora: Eunice Rodrigues (CRP0079)

Nome	***Escola de Biossíntese do Rio de Janeiro***
País	Brasil
Localização	Rua Barão de Ipanema, 56 - AP 902. Copacabana. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22050-032.
Contato	http://www.biossintese.psc.br – site em construção Tel.: (21) 2518-4612 E-mail: info@biossintese.psc.br

Nome	***Ligare - Centro de Psicoterapias Corporais***
País	Brasil
Localização	Rua Jessé Camargo, 320, Vale das Paineiras, CEP: 13474-263. Americana – SP
Fundação	1995
Contato	URL: http://www.ligare.psc.br Tel.: (19) 3465.3163, (19) 99939.3163 E-mail: ligare@ligare.psc.br Fundadora: Laine Maria Alves Pizzi (CRP 14671/06)

Nome	***Instituto Lumen: Centro de Estudos Neo-Reichianos*** Associado ao IFB
País	Brasil
Localização	Rua Barão do Amazonas, 2108. Bairro: Jardim Sumaré. Ribeirão Preto – SP. CEP: 14025-110. Também com sedes em São Paulo – SP e Uberlândia – MG.
Fundação	1996
Contato	URL: http://www.institutolumen.com.br Tel.: (16) 3623-3870 Presidente: Suely Silva Freitas

1.4 INSTITUIÇÕES DE OUTRAS ABORDAGENS NEO-REICHIANAS E DE PSICOTERAPIA CORPORAL

Nome	***Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica***
País	Brasil
Localização	Curitiba – PR, Natal – RN, Rio de Janeiro – RJ, São Paulo – SP, Taubaté – SP.
Contato	http://www.ibpb.com.br Tels.: Curitiba: (41) 3264-9113, Natal: (84) 9406-9965, Rio de Janeiro: (21) 2517-3035, São Paulo: (11) 3251-2985, Taubaté: (12) 3631-7282 E-mail: contato@ibpb.com.br Diretor: Ricardo Amaral Rego (Médico) E-mail: ric.rego@uol.com.br

Nome	***Centro de Psicologia Formativa*** (Abordagem de Stanley Keleman)
País	Brasil
Localização	Rua Carlos Góis 375/312 - Leblon - Rio de Janeiro – RJ
Fundação	1995
Contato	URL: http://www.psicologiaformativa.com.br Tel.: (21) 2512.0590 Diretora: Leila Cohn (CRP-05/8164), tel.: +55 (21) 2239-4375 E-mails: leilacohn@psicologiaformativa.com.br - leilacohn@gmail.com

Nome	***Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-Orgânica*** (Vinculado à Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica)
País	Brasil
Localização	Rua Artur Araripe, 33/803 – Gávea. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22451-020.
Contato	URL: http://www.cebrafapo.com.br Tel.: (21) 2537 4081 E-mail: contatocebrafapo@gmail.com Coordenadora: Silvana Sacharny

Nome	***Associação Brasileira de Análise Psico-Orgânica***
País	Brasil
Localização	Rua Corcovado, 57/103 - Jardim Botânico. Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22460-050
Contato	Tel.: (21) 3474-4847 E-mail: abrapo.asso@gmail.com

Nome	***Instituto Core Energetics do Brasil***
País	Brasil
Localização	Rua Tranqüilo Luiz Rosa, 860 - Atibaia – SP.
Contato	URL: http://www.brasil-coreenergetics.com.br Tel.: (11) 4418 1318 E-mail: contato@brasil-coreenergetics.com.br Presidente: *Monica Borine*

Nome	***Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicoterapia NEPP*** (Psicoterapia Neurodinâmica)
País	Brasil
Localização	Rua Visconde de Pirajá 330/1103 – Ipanema - Rio de Janeiro – RJ.
Contato	URL: https://www.facebook.com/NEPP-N%C3%BAcleo-de-Estudo-e-Pesquisa-em-Psicoterapia-141615932567176/ Tels.: (21) 99121-0044 ou (21) 97134-5417.

Nome	***Centro de Psicoterapias Corporais do Rio de Janeiro***
País	Brasil
Localização	Rio de Janeiro – RJ.
Contato	URL: http://www.cpcrj.com.br Responsável: Adriana Marques dos Santos (CRP:05/21755) E-mail: cpcrj.cursos@gmail.com

2 INSTITUIÇÕES EM OUTROS PAÍSES

2.1 CENTROS REICHIANOS

Nome	***American College of Orgonomy*** (Colégio Americano de Orgonomia)
País	Estados Unidos da América
Localização	P.O. Box 490, Princeton, New Jersey 08542.
Contato	URL: http://www.orgonomy.org Tels.: Office (732) 821 1144 , Fax (732) 821 0174 E-mail: aco@orgonomy.org Presidente: Charles Konia, M.D., (Médico) Tels.: Phone (908) 821-1144, Fax (908) 821-0174

Nome	***Wilhelm Reich Infant Trust***
País	Estados Unidos da América
Localização	Orgonon, 19 Orgonon Circle. Dodge Pond Road, P.O. Box 687. Rangeley, ME 04970.
Contato	URL: http://www.wilhelmreichtrust.org

	Tel.: (207) 864-3443 Fax: (207) 864-3453 E-mail: wreich@rangeley.org

Nome	***Institute for Orgonomic Science*** (Instituto para a Ciência Orgonômica)
País	Estados Unidos da América
Localização	115 Charles Street. Basement E. New York, NY 10014, USA.
Fundação	1982
Contato	URL: http://www.orgonomicscience.org Tel.: (610) 896-4466 E-mail: annals@orgonomicscience.org Presidente: Hugh Brenner, PFNP, CRNP Vice Presidente: Stephan Simonian, M.D.

Nome	***The Orgonomic Institute of Nothern California*** (Instituto Orgonômico da Carolina do Norte)
País	Estados Unidos da América
Localização	315 Eldridge Avenue, Mill Valley, CA 94941.
Fundação	2000
Contato	URL: https://orgonomictherapy.com Tel.: 415-388-0622. Responsável: Patricia Frisch E-mail: patricia@orgonomictherapy.com

Nome	***Orgone Biophysical Research Lab (OBRL)*** (Laboratório de Pesquisa em Biofísica do Orgone)
País	Estados Unidos da América
Localização	Greensprings Center, PO Box 1148. Ashland, Oregon 97520 USA.
Fundação	1978
Contato	URL: http://www.orgonelab.org E-mail: info@orgonelab.org Presidente: James DeMeo, PhD. (Meteorólogo)

Nome	***Gentle BioEnergetics Institute*** (Instituto de Bioenergética Suave)
País	Estados Unidos da América
Localização	70 Woodfin Pl. Ste. 419. Asheville, NC 28801.
Fundação	1997
Contato	URL: http://www.gentlebio-energetics.com Tel.: +1 828 298 5854 E-mail: gentlebioenergeticsinstitute@gmail.com Diretor: Richard C. Overly, M.Div. E-mail: rcoverly2@gmail.com

Nome	***Center for Orgonomic Studies***
País	Estados Unidos da América
Localização	
Fundação	
Contato	URL: http://www.dschiffphd.com/ E-mail: dschiff@dschiffphd.com Responsável: Daniel Schiff, Ph.D. Telephone/Fax: 360/ 693-1718 (Vancouver), 503 290-4655 (Portland).

Nome	***The Institute for the Study of the Work of Wilhelm Reich***
País	Estados Unidos da América
Localização	
Fundação	
Contato	http://www.wilhelmreich.net E-mail: admin@wilhelmreich.net Harry Lewis, Ph.D.

Nome	***Centro Reichiano do México***
País	México
Endereço	Real de los Reyes, 204. Colonia de los Reyes Coyoacan. MEXICO – DF.
Fundação	
Contato	URL: http://www.centroreichiano.org/ URL: http://www.facebook.com/centro.reichianodemexico Tel: +44 55 2745 4809 Responsável: Patricia ESTRADA

Nome	***Centre for Orgonomic Research and Education***
País	Reino Unido
Endereço	PO Box 1331, Preston, Lancashire, PR2 OSZ.
Fundação	1996
Contato	URL: http://www.orgonomyuk.org.uk E-mail: info@orgonomyuk.org.uk Responsável e Fundador: Peter Jones

Nome	***Scuola Europea di Orgonoterapia - SEOr / Associazione Italiana per lo sviluppo e l'attuazione del Pensiero Funzionale – AIPeF***
País	Itália
Endereço	Roma, Via Faleria, 8.
Fundação	
Contato	URL: www.seoraipef.org E-mail: info@seoraipef.org Tel.: 347-1945337 Presidente: Francesco Dragotto.

Nome	***Istituto Reich***
País	Itália
Endereço	Via Lipari, 3, 00048 Nettuno RM.
Fundação	
Contato	URL: http://www.istitutoreich.it Tel.: 339 3910827 E-mail: info@istitutoreich.it Coordenador: Fabio Carbonari

Nome	***Centro Studi Eva Reich***
País	Itália
Endereço	Via Camerano, 35 Osimo. Ancona. Via G.B. De Rossi, 39. Roma.
Fundação	1995
Contato	URL: http://www.centrostudievareich.com Tel.: 340.27.96.389 / 0644238110 E-mail: info@centrostudievareich.com

Nome	***Società Italiana di Analisi Reichiana - SIAR***
País	Itália
Endereço	Via Valadier 44 - 00193 Roma. Viale delle Milizie 1 - 00192 Roma.
Fundação	
Contato	URL: https://www.analisi-reichiana.it E-mail: siar@analisi-reichiana.it Tel./Fax: (+39) 06 3224535 Responsável: Dr. Genovino Ferri

Nome	*Instituto Federico Navarro (IFEN) – Scuola di Orgonomia “Piero Borrelli*
País	Itália
Endereço	Corso Umberto I, 35 – 80138 Napoli. Vicolo della Garbatella, 2 – 00154 Roma.
Fundação	1997
Contato	URL: http://ifen.eu.com/ E-mail: ist.federiconavarro@gmail.com Tel.: +393490743116 / +393473311098 Tel.: +393683374846 (Roma) Responsável: Dott. Antonio Angelo Girardi

Nome	***Consulenza e Ricerca Orgonomica***
País	Itália
Endereço	
Fundação	
Contato	URL: http://cellulacancerosa.it E-mail: info@cellulacancerosa.it Tel.: 0733 432218 – 335 5684474 Responsável: A. Vecchietti (Biólogo) E-mail: arvec@libero.it

Nome	***Wilhelm Reich Institut***
País	Alemanha
Localização Endereço	Im Bräunlesrot 20 D-69429 Waldbrunn
Fundação	
Contato	Responsáveis: Dorothea and Manfred Fuckert URL: http://www.fuckert.de Tel.: 06274-92 93 77

	E-mail: dr.dorothea@fuckert.de

Nome	***Instituto Wilhelm Reich***
País	Esapanha
Localização Endereço	
Fundação	
Contato	URL: http://www.institutowilhelmreich.com/ Director: Jerónimo Bellido, Tel/Fax: (96) 3614622. Móvil: 654562833 ; E-mail: revancia@institutowilhelmreich.com Isabel Piñón Escura Tel.: (96)3227411. Movil:650245388; E-mail: isabelar@institutowilhelmreich.com

Nome	***Fundación Wilhelm Reich España*** ***Clínica de Medicina Orgonómica***
País	Espanha
Localização Endereço	C/ Pedro III, 45. 17.600 Figueres (Gerona)
Fundação	
Contato	URL: www.wilhelm-reich.org Tel. 972 506 291 e-mail: cfrigola@comg.es Responsável: Carles Frigola, M.D.

Nome	***Escuela Española de Terapia Reichiana*** É membro da: - International Federation Orgonomic College (IFOC) - Federación Española de Asociaciones de Psicoterapeutas (FEAP) - European Federation of Sexology (EFS) - Federación Española de Sociedades de Sexología (FESS) - European Asociation for Body Psichoterapy (EABP)
País	Espanha
Endereço	Calle República de Guinea Ecuatorial, 4-10. C 46022 – Valencia.
Fundação	1987
Contato	URL: http://www.esternet.org - http://www.esternet.org/ester.htm Tel.: (34) 96 372 73 10

	Fax. (34) 96 356 20 90 E-mail: reichiana@esternet.org Diretor: Xavier Serrano Hortelano

Nome	***International Federation of Orgonomic College - IFOC***
País	Espanha
Endereço	Valência - Espanha
Fundação	1993
Contato	URL: http://www.ifocnet.org/ (Em construção) URL: http://www.assoc-francaise-vegetotherapie.com/index.php?static3/l-ifoc Fundador: Xavier Serrano Hortelano Presidente: Jean-Loïc Albina Vice-presidente: Patricia Estrada Villa

Nome	***The Finnish Institute for Character Analytic Body Psychotherapy*** (Instituto Finlandês de Análise do Caráter e Psicoterapia Corporal)
País	Finlândia
Endereço	Lönnrotinkatu 42, 00180 Helsinki. Kalevankatu 33, B, 8. 00100 Helsinki.
Fundação	
Contato	URL: http://www.luonne.fi/en/index.htm Tel.: 044-591 3444 E-mail: info@luonne.fi Responsável: Jan Pesonen

Nome	***Norsk Karakteranalytisk Institutt*** (Instituto Norueguês de Análise Caracterológica e Psicoterapia Corporal)
País	Noruega
Endereço	
Fundação	1999
Contato	URL: http://www.karakteranalyse.no E-mail: kontor@karakteranalyse.no Responsável: Jan Hageselle

Nome	***Institut Reichien Federico Navarro*** ***Association Française de Végétothérapie Caractéro-Analytique***
País	França
Endereço	24 rue du TEXEL. 75014 PARIS.
Fundação	1990
Contato	URL: http://www.assoc-francaise-vegetotherapie.com Tel. 0033 (0)2 40 77 44 50 / Mobile: 06 43 93 69 19 Fax. 0033 (0)2 40 77 43 63 Responsável: Jean-Loïc Albina E-mail: jlalbina@gmail.com

Nome	***Hellenic Institute of Vegetotherapy & Character Analysis*** ***Center of Psychotherapy & Counseling "Wilhelm Reich"***
País	Grécia
Endereço	12 Athinas Str. 105 51 Athens.
Fundação	1979, 1982
Contato	URL: http://www.kentroraix.gr Responsáveis: Marilena Komi , Despina Markaki Tel: (+30) 210 8812139 , (+30) 210 8812104 Fax: (+30) 211 7155232 E-mail: info@kentroraix.gr

Nome	***Hellenic Association of Orgonomy***
País	Grécia
Endereço	Post Box: 18221 Postal Code: 54008 Thessaloniki, Greece
Fundação	
Contato	URL: http://orgonomy.org.gr Email: info@orgonomy.org.gr

Nome	***Hellenic Orgonomic Association and Greek Journal of Orgonomy*** ***Center of Orgonomic Studies***
País	Grécia
Endereço	T.O. 16519 - Thessaloniki, 54301, Greece
Fundação	
Contato	URL: http://www.orgonomy.gr email: hao@netfiles.gr

Nome	***Orgonome Formación y Psicoterapia Reichiana***
País	Argentina
Endereço	Córdova
Fundação	
Contato	URL: https://www.facebook.com/orgonome/ Tel: +54 351 327-0625

Nome	***Biorgón – Psicologia Somática***
País	Chile
Localização Endereço	
Fundação	
Contato	URL: https://biorgon.cl/ E-mail: contacto@biorgon.cl Responsável: Ignacio Jaramillo Tel: +56 9 770 77 916

2.2 INSTITUIÇÕES DA ABORDAGEM BIOENERGÉTICA

Nome	***The Alexander Lowen Foundation*** (Fundação Alexander Lowen)
País	Estados Unidos da América
Localização	1852 Texas Hill Rd. Hinesburg, VT 05461.
Fundação	2007
Contato	URL: http://www.lowenfoundation.org Tel.: 802-338-2866 Diretor: Frederic Lowen

Nome	***The Institute for Bioenergetic Analysis (IBA)*** ***International Institute for Bioenergetic Analysis (IIBA)*** (Instituto Internacional de Análise Bioenergética)
País	Estados Unidos da América
Localização	Nova York
Fundação	1956 (IBA) 1976 (IIBA)
Contato	URL: http://www.bioenergetic-therapy.com ou http://www.bioenergeticanalysis.org Fundador e presidente: Alexander Lowen (1956-1996) Atual presidente: Garry Cockburn Vice presidente: Claudia Ucros

2.2.1 Centros de Análise Bioenergética nos países europeus

2.2.1.1 Centros europeus filiados à federação européia de psicoterapia - análise bioenergética (EFBAP)

Nome	***The European Federation for Bioenergetic Analysis – Psychotherapy EFBAP*** (Federação Européia de Psicoterapia - Análise Bioenergética) Filiada à IIBA
Países	Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Holanda, Polônia, Portugal, Espanha e Suíça.
Localização	Söhlwiese 15. 37081 Göttingen (Alemanha). Olaf Trapp.
Fundação	1995
Contato	URL: http://www.bioenergeticanalysis.net Presidente: Olaf Trapp (NIBA - Alemanha) E-mail: olaf_trapp@gmx.de

Nome	***Die Österreichische Gesellschaft für körperbezogene Psychotherapie-Bioenergetische Analyse*** (A Sociedade Austríaca para Psicoterapia Corporal em Análise Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	Áustria
Localização	A-6020 Innsbruck, Fallmerayerstr. 14.
Fundação	1978
Contato	URL: www.bioenergetische-analyse.org Tel.: +43 512 580 520 Fax: +43 512 580 520 9 Presidente: Dominik Pesendorfer E-mail: c.pechtl@koerper-psychotherapie.at

Nome	***Sociéte Belge D'analyse Bioénergétique (Sobab)*** (Sociedade Belga de Análise Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	Bélgica
Localização	Rue Belle-Vue 62, 1332 Genval.
Fundação	1976
Contato	URL: http://www.sobab.org Presidente: Ariane VILAIN Tel.: 0495 86.80.13 E-mail: a.v@skynet.be

	Pessoa para contato: Véronique LEJEUNE Tel.: 02 653 78 26 E-mail : v.lejeune@scarlet.be

Nome	***Institut D'analyse Bioénergétique France Sud*** (Instituto de Análise Bioenergética do Sul da França) Filiada à EFBAP
País	França
Localização	5, Boulevard Camille Flammarion. 13001 Marseille.
Fundação	1980
Contato	URL: http://www.iabfs.fr Tel.: 06 18 943 212 E-mail: contactsiabfs@gmail.com Responsável: Pierre Grangier

Nome	***Société Française D'analyse Bio-Énergétique*** (Sociedade Francesa de Análise Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	França
Localização	7 bis rue Popincourt. 75011 Paris.
Fundação	1978
Contato	URL: http://www.sfabe.com Tel.: +33 (0)1 43 55 62 05

Nome	***Collége Français D'analyse Bio-Énergétique*** (Colégio Francês de Análise Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	França
Localização	Toulouse
Fundação	2007
Contato	URL: http://www.cfab.info

Nome	***Norddeutsches Institut Für Bioenergetische Analyse*** Filiada à EFBAP
País	Alemanha
Localização	Elsfleth
Fundação	1979
Contato	URL: https://www.niba-ev.de

	Tels.: 0 49 55 / 9 86 91 20 (Frau Schuster); 0 49 61 / 9 21 97 11 (Frau Beckefeld); Responsável: Pr. Klaus Lennartz E-mail: Hebing-Lennartz@t-online.de

Nome	***Süddeutsche Gesellschaft Für Bioenergetische Analyse*** Filiada à EFBAP
País	Alemanha
Localização	Stuttgart
Fundação	
Contato	URL: http://sgfba.com Responsáveis: Gabriele Füting Tel.: +49 (0) 06251 65345 E-mail: 1.vorsitzende@sgfba.com Karl-Heinz Schubert Tel.: +49 (0) 0721 698941 Fax: +49 (0) 0721 6635967 2.vorsitzender@sgfba.com

Nome	***Società Italiana Analisi Bioenergetica*** (Sociedade Italiana de Análise Bioenergética) Filiada a EFBAP
País	Itália
Localização	Via Magna Grecia, 128 - 00183 Roma.
Fundação	1978
Contato	URL: http://www.siab-online.it Presidente: Patrizia Moselli Tel./Fax: 06/70450819 E-mail: mail@siab-online.it ; amministrazione@siab-online.it

Nome	***Het Nederlands Instituut voor Bio-Energetische Analyse - NIBA-NL*** Filiada à EFBAP
País	Holanda
Localização	
Fundação	1986
Contato	URL: http://www.bioenergetischeanalyse.nl/ Responsável: Greetje Salomons Tel.: 0317-311036 E-mails: gewezet@compaqnet.nl ; E-mail: secretariaat@niba.nu

Nome	***Polskie Stowarzyszenie Analizy Bioenergetycznej*** (Associação Polonesa de Análise Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	Polônia
Localização	*ul. Paderewskiego 11 lok.9*, *61-770 Poznań.*
Fundação	
Contato	URL: http://www.analizabioenergetyczna.org Tel.: +48 691 029 400 E-mail: kontakt@analizabioenergetyczna.org

Nome	***Associação Portuguesa de Analise Bioenergética*** Filiada à EFBAP
País	Portugal
Endereço	Av. António Augusto de Aguiar, 74-1º Dto. 1050-018 Lisboa.
Fundação	1984
Contato	URL: http://apabioenergetica.org Diretores: Pedro Ribeiro da Silva – Presidente Ana Botas – Secretária António Ramos – Tesoureiro Tel.: 913 459 800 E-mail: info@apabioenergetica.org

Nome	***Associació Catalana En L'anàlisi Bioenergética*** Filiada à EFABP
País	Espanha
Endereço	Vilafranca, 32, 1r 3a 08024 Barcelona.
Fundação	2008
Contato	URL: http://www.acabbio.com/ Tel.: 932101197 E-mail: acabbio@hotmail.com Diretora: Anna Brossa Bas (Psicóloga) Tel.: 659753190 E-mail: anna.brossa@gmail.com

Nome	***Euskal Herriko Analisi Bioenergetikako Elkartea*** Asociación de Análisis Bioenergético del País Vasco Filiada à EFBAP
País	Espanha
Endereço	Donostia / San Sebastian
Fundação	1996
Contato	URL: http://www.analisisbioenergetico.org/ E-mail: secretaria@ehabe.org

Nome	***Asociación Madrileña de Análisis Bioenergético*** Filiada à EFBAP
País	Espanha
Localização	Madrid
Fundação	1982
Contato	URL: http://somab.net

Nome	***Istituto Madrileño de Análisis Bioenergético*** Filiado à EFABP
País	Espanha
Endereço	Calle Orense 12. 1ª planta, Oficina 5. 28020 - Madrid.
Fundação	
Contato	URL: Tel.: +34 913 451 152

Nome	***Sociedad Andaluza de Análisis Bioenergético*** Filiada à EFABP
País	Espanha
Endereço	C/ Muñoz Olivé 2 3º Izq. Localidad: SEVILLA Provincia: SEVILLA C.P: 41002
Fundação	1985
Contato	URL: http://www.bioenergeticasaab.com/ E-mail: gruposaab@gmail.com Tel.: 954227396

Nome	***Schweizerische Gesellschaft für Bioenergetische Analyse und Therapie*** (Associação Suíça de Análise e Terapia Bioenergética) Filiada à EFBAP
País	Suíça
Endereço	Weierweid 8, 6122 Menznau.
Fundação	1981
Contato	URL: http://www.sgbat.ch/ Presidente: Hugo Steinmann (Schmiedgasse 50. 6370 Stans) E-mail: sekretariat@sgbat.ch Tel.: 041 500 53 66

2.2.1.2 Centros europeus não filiados à EFBAP

Nome	***Deutsche Verband für Bioenergetische Analyse*** Associação Alemã das Sociedades de Análise Bioenergética
País	Alemanha
Localização	
Fundação	1990
Contato	URL: http://www.dvba.de/

Nome	***Gesellschaft für Bioenergetische Analyse E.V. (GBAev)***
País	Alemanha
Localização	Wrangelstr. 24. 10997 Berlin
Fundação	

Contato	URL: http://www.gba-bioenergetik.de Tel./Fax: 030 - 61 70 29 89 Email: gba-ev@web.de

Nome	***Associació Mediterranea d´Análisi Bioenergetic***
País	Espanha
Endereço	Carrer del Pintor Salvador Abril, 23 pta.2 – 46005 Valencia.
Fundação	1998
Contato	URL: http://www.amab.es Tel.: 654 746 526 Responsável: Elena Guerrero

Nome	***Istituto Italiano di Formazione in Analisi Bionergetica*** Riconosciuto dal Ministero dell'Università e della Ricerca Scientifica e Tecnologica (D.M. 20/03/1998) Affiliato all'I.I.B.A. - International Institute for Bioenergetic Analysis Socio F.I.A.P. - Federazione Italiana Associazioni di Psicoterapia Socio Fondatore dell'Associazione Italiana Psicoterapie Corporee (A.I.P.C.) Membro del C.N.S.P. - Coordinamento Nazionale Scuole Private di Psicoterapia
País	Itália
Endereço	Viale delle Cave Ardeatine, 37 - 00154 Roma.
Fundação	1990
Contato	URL: https://iifab.org/ Diretor: *Giuseppe Carzedda* Tel.: 065741595

Nome	***Istituto di Psicologia Somatorelazionale***
País	Itália
Endereço	Via Antonio Kramer, 6, 20129 Milano MI.
Fundação	1974
Contato	URL: http://www.biosofia.it/ Diretor: Luciano Marchino (Psicólogo) Professor universitário (Docente in IPSO e all'Università di Milano-Bicocca) Tel.: 346 6973975 E-mail: segreteria@biosofia.it

Nome	***Institut Für Bioenergetische Analyse Rheinland***
País	Alemanha
Endereço	
Fundação	
Contato	Pr. Bernd Mundorf E-mail: MundorfBB@aol.com

Nome	***Moscow training Group (MOSCTrng)***
País	Rússia
Endereço	Moscou
Fundação	
Contato	URL: http://www.bioenergeticanalysis.ru/

Nome	***Perm Society for Bioenergetic Analysis (PSBA) - Perm***
País	Rússia
Endereço	Perm
Fundação	
Contato	URL: http://www.permiba.narod.ru/

Nome	***Skandinavisk Institut for Bioenergetisk Analyse (SKIBA)***
Países	Escandinávia: Dinamarca, Suécia, Noruega
Endereço	
Fundação	
Contato	URL:

Nome	***Israeli Society for Bioenergetic Analysis (ISBA) - SDE Warburg***
País	Israel
Endereço	
Fundação	
Contato	URL:

2.2.2 Centros de Análise Bioenergética nos países da América do Norte e na Nova Zelândia

Nome	***North America and New Zealand regional organization of the International Institute of Bioenergetic Analysis - NANZIBA***
Países	Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia
Endereço	6839 Westaway Drive Troy, MI 48085.
Fundação	
Contato	URL: http://www.nanziba.com/ Responsável: Ann Coleman

2.2.2.1 Centros filiados à NANZIBA

Nome	***Atlantic Canada Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Canadá
Endereço	1816 West Ship Habour Road. Lake Charlotte, Nova Scotia. Charlottetown, PE.
Fundação	
Contato	URL: http://website.bioenergetictherapy.ca/ Diretor: Jessie DeBaie E-mail: jessie.debaie@ns.sympatico.ca Tel.: 902-845-2254

Nome	***Central Canada Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Canadá
Endereço	Toronto, ON.
Fundação	2003
Contato	URL: http://www.bioenergetics-canada.com E-mail: info@bioenergetics-canada.com

Nome	***Southern Ontario Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Canadá
Localização	Waterloo, ON.
Fundação	
Contato	Responsável:

	Alex Munroe E-mail: amunroe@golden.net

Nome	***Quebec Society (Sociètiè Quebècoise d'Analyise Bioènergètique)*** Filiada à NANZIBA
País	Canadá
Localização	Montreal, Quebec.
Fundação	1980
Contato	URL: http://soqab.ca/

Nome	***Western Canada Institute for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Canadá
Localização	Victoria, BC.
Fundação	
Contato	E-mail: marionj.ellis@shaw.com

Nome	***New Zealand Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Nova Zelândia
Endereço	PO Box 25128. Panama St. Wellington 6146.
Fundação	
Contato	URL: http://www.bioenergetics.org.nz/ Garry Cockburn: E-mail: garry.cockburn@paradise.net.nz Tel.: 64 04 4736555 Penny Currier E-mail: pennyc@clear.net.nz

Nome	***Bioenergetic Society of Northern California*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	San Francisco, CA.
Fundação	
Contato	Helen Resneck-Sannes: Helenrs@aol.com

Nome	***Southern California Institute for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	619.300.8002. San Diego, CA 92103.
Fundação	1977
Contato	URL: http://sciba.org/ E-mail: info@sciba.org

Nome	***Massachusetts Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	Cambridge, MA.
Fundação	
Contato	URL: http://www.massbioenergetics.org/ Tel.: 978.384.0785 E-mail: info@massbioenergetics.org

Nome	***Michigan Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	Michigan
Fundação	1974
Contato	URL: http://bioenergeticsmsba.org

Nome	***New York Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	160 West 73 Street, 1D New York, NY 10023.
Fundação	1956 (Provavelmente fundada em conjunto com a IIBA)
Contato	URL: http://www.bioenergetics-nyc.org/ Scott Baum, Ph.D E-mail: docsbpsych@aol.com Ron Panvini, Ph.D. doc@bodypsych.com

Nome	***Austin Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	Austin, TX (Texas).
Fundação	
Contato	

Nome	***Dallas Society for Bioenergetic Analysis*** Filiada à NANZIBA
País	Estados Unidos da América
Endereço	Dallas, Texas 75231.
Fundação	
Contato	URL: http://www.bioenergetics-dallas.com/ Tel.: (214) 766-6424 E-mail: spletter@heartmatters.net Responsável: Linda S. Hines E-mail: lindahines@lindahines.com.

2.2.3 Centos de Análise Bioenergética nos países da américa latina

2.2.3.1 Filiados à FLAAB – IIAB

Nome	***Instituto Argentino de Analyisis Bioenergetico*** Filiada à FLAAB – IIAB
País	Argentina
Endereço	
Fundação	1980
Contato	URL: http://www.bioenergetica.org.ar/ Tel.: (54 11) 15 5314 5266 E-mail: instituto@bioenergetica.org.ar

2.2.3.2 Não filiados à IIAB

Nome	***Escuela Latinoamericana de Bioenergética***
País	Argentina
Endereço	Jerónimo Salguero 1137. CP 1177 Buenos Aires, Argentina.

Fundação	
Contato	URL: http://bioenergeticalatam.com.ar Tel.: +54 (11) 4782 7005 E-mail: info@bioenergeticalatam.com.ar Diretora: Susana Yasan

Nome	***Taller de Estudios e Análisis Bioenergético - TEAB***
País	Uruguai
Endereço	
Fundação	1977
Contato	URL: http://www.clinicabioenergetica.org Diretor: Luiz Gonçalvez Boggio (Psicólogo e professor adjunto do Instituto de Clínica da Facultad de Psicología de la UDELAR – Universidad de la República). Tel.: (+598) 99968640 E-mail: lgoncalvez@gmail.com

2.2.4 Centros de Análise Bioenergética em outros países

Nome	***Israeli Society for Bioenergetic Analysis (ISBA)***
País	Israel
Endereço	SDE Warburg
Fundação	
Contato	

Nome	***China Training Group***
País	China
Endereço	Beijing, Shanghai
Fundação	
Contato	

2.3 INSTITUIÇÕES DA ABORDAGEM BIOSSÍNTESE

Nome	***International Foundation for Biosynthesis - IFB*** ***International Institute for Biosynthesis - IIBS***
País	Suíça
Endereço	Benzenrüti 6. CH-9410 Heiden / Switzerland.
Fundação	2001

Contato	URL: http://www.biosynthesis.org Diretores: Silvia Specht Boadella, Ph.D. David Boadella, B.A., M.Ed., D.Sc.hon. Tel. +41 (0)71 891 68 55 Fax +41 (0)71 891 58 55 Email: info@biosynthesis.org

Nome	***California Institute for Biosynthesis*** Associada à IFB
País	Estados Unidos da América
Endereço	Santa Barbara, CA.
Fundação	
Contato	URL: www.biosynthesis-institute.com E-mail: info@biosynthesis-institute.com Tel.: (805) 684-8112 Coordenadora: Heidi Robins

Nome	***Czech Institute for Biosynthesis*** Associada à IFB
País	República Tcheca
Endereço	Eliášova 21. Praha 6, 160 00 CZ. IČ: 226 874 59.
Fundação	
Contato	URL: www.biosynteza.cz Tel.: (00420) 733 715 260 E-mail: info@biosynteza.cz Presidente: Barbora Janečková, Ph.D.

Nome	***Greek Institute for Biosynthesis*** Associada à IFB
País	Grécia
Endereço	P. P. Germanou 10 1152 33 Chalandri, Athens, Greece.
Fundação	
Contato	URL: www.biosynthesis.gr E-mail: biosynth2@gmail.com E-mail: info@biosynthesis.gr Tel.: +30 210 683 6485 Presidente: Dr. Lily Anagnostopoulou

Nome	***Israeli Institute for Biosynthesis*** Associada à IFB
País	Israel
Endereço	30 Haim Levanon St. Tel Aviv.
Fundação	
Contato	URL: http://www.biosynthesis.co.il/ Tel.: ++972 77 5522344 E-mail: biosynteza@gmail.com Presidente: Gil Arad

Nome	***Centro de Psicoterapia Somática em Biossíntese*** ***Portuguese Institute for Biosynthesis*** Associada à IFB
País	Portugal
Endereço	Av. 5 de Outubro, nº 122, 5º Esq. PT – 1050-061 Lisboa.
Fundação	
Contato	URL: http://www.schoolbiosynthesis.com E-mail: geral@cfpsb.com Tel: 217935326 Tel. Móvel: 96 393 97 50 Presidente: Maria del Mar Cegarra Cervantes

Nome	***Russian Institute for Biosynthesis*** LLC “The Center for Psychological Consulting and Body Psychotherapy”
País	Rússia
Endereço	TIN / RRC 7714955305/771401001. IX-3, 32, Begovaya street, Moscow, Russia. 125284.
Fundação	
Contato	Presidente: Victoria Berezkina-Orlova E-mail: vberezkina-orlova@yandex.ru Tel.: +7910 4047832

2.4 INSTITUIÇÕES DE OUTRAS ABORDAGENS NEO-REICHIANAS

Nome	***Institute of Biodynamic Medicine***
País	Reino Unido (Inglaterra e Irlanda)
Endereço	Centurion House London Road Staines-upon-Thames TW18 4AX
Fundação	
Contato	URL: http://www.biodynamic.org E-mail: marymolloy2509@gmail.com Tel.: +353 (0)96 32514 Móvel: +353 (0)86 874 3958 Diretora: Mary Molloy

Nome	***Società Italiana di Biosistemica***
País	Itália
Localização	Via Parisio, 28 40139 Bologna.
Fundação	1986
Contato	URL: http://www.biosistemica.net Tel: 051 443633 Fax: 051 440987 Cell: 347 2469753 Diretor: Prof. Maurizio Stupiggia

Nome	***Somatic Psychotherapy Institute of Australia*** ***Instituto de Psicoterapia Somática da Austrália***
País	Austrália
Localização	Level 1, 215 Darling Street. Balmain NSW 2014.
Contato	URL: http://www.spia.com.au Tel.: +61 423 511 621 Email: spia@spia.com.au

Nome	***Ecole Française d'Analyse Psycho-Organique***
País	França
Endereço	80, rue de Vaugirard - 75006 Paris.
Fundação	
Contato	URL: http://efapo.fr Tel: 01 43 25 69 35

Nome	***Center for Energetic Studies*** (Psicologia Formativa – Stanley Keleman)
País	Estados Unidos da América
Endereço	2045 Francisco Street. Berkeley, California 94709.
Fundação	1971
Contato	URL: http://www.centerpress.com Tel: 510-845-8373 Tel: 510-841-3884 (fax) center@centerpress.com

Nome	***RADIX Institute***
País	Estados Unidos da América
Endereço	
Fundação	1963
Contato	URL: http://radix.org/ Tel: 310-570-2439 E-mail: information@radix.org / training@radix.org

Nome	***Radix Australia / Radix BodyPsychotherapy Association***
País	Austrália
Endereço	Narelle McKenzie East Melbourne, Victoria, Australia
Fundação	
Contato	Tel: +61 4 08 809 357 E-mail: narellemckenzie@internode.on.net URL: www.radixtraining.com.au

Nome	***London Radix Workshops***
País	Inglaterra
Endereço	Londres
Fundação	1985
Contato	URL: http://www.londonradix.com

2.5 ASSOCIAÇÕES DE PSICOTERAPIA CORPORAL

Nome	***European Association for Body Psychotherapy*** Membro da Associação Européia de Psicoterapia
País	Holanda.
Endereço	Tintorettostraat 29/1, 1077 RP Amsterdam, Netherlands.
Fundação	1988
Contato	http://www.eabp.org E-mail: secretariat@eabp.org Tel.: +31(0)6 30439755 Presidente: Carmen Joanne Ablack E-mail: eabp.president2@gmail.com

Nome	***Sezione italiana dell'European Association for Body-Psychotherapy (EABP)*** ***Associação Italiana de Psicoterapia Corporal***
País	Itália
Localização	
Fundação	
Contato	URL: http://www.psicoterapiecorporee.it/

Nome	***United States Association for Body Psychotherapy***
País	Estados Unidos da América
Localização	*3727 W. Magnolia Blvd, BOX 765 Burbank, CA 91505.*
Fundação	
Contato	URL: http://www.usabp.org/

3 PESQUISADORES INDEPENDENTES

Nome	Joseph Heckman, Ph.D.
País	Estados Unidos da América
Contato	19 Forman Ave Monroe, NJ 08831 Tel.: 732-605-0444 email: heckman@aesop.rutgers.edu

Nome	Dr. Charles Konia
País	Estados Unidos da América
Contato	PO Box 490, Princeton, NJ 08542 USA Tel.: 908/ 821-1144. http://charleskonia.com

Nome	Mary Lou MacIlvaine, Ph.D.
País	Estados Unidos da América
Contato	San Diego, California Tel.: (619) 501-0334 http://www.emotionalcontact.com

Nome	Tom DiFerdinando
País	Estados Unidos da América
Contato	New York City Email: daleriever@aol.com

Nome	Judyth Weaver, Ph.D.
País	Estados Unidos da América
Contato	Mill Valley, California Tel.: 415/ 388-3151. http://judythweaver.com

Nome	Dr. Carlos Inza
País	Argentina
Contato	Salguero 1807 - 11A / CP 1425 Buenos Aires, Argentina Tel/fax: (011) 4822-5946 http://www.acupuntura-orgon.com.ar/english1.htm E-mail: acupuntura.orgon@gmail.com acupuntura_orgon@yahoo.com.ar

Nome	Dr. Tina Lindemann
País	Áustria
Contato	Hietzinger Hauptstraße 8, im Gastgarten des Della Lucia links 1130 Wien, Austria www.tinalindemann.com

Nome	Klaus Heimann Private practice in orgonomic therapy
País	França e Alemanha
Contato	Southern France and Munich Tel: 033 561 059 270 email: klausheimann@gmail.com

Nome	Dr. Jorgos Kavouras
País	Alemanha
Contato	Buchenstraße 19 96123 Litzendorf – Pödeldorf, Germany Tel.: 0049 - 95 05 / 10 50 http://www.orgonbox.de http://www.alternative-medicine-naturopathy.com/wilhelm-reich-medical-orgonomy.html email: jorgosorgonbox@gmx.de

Nome	Dr. Vittorio Nicola
País	Alemanha
Contato	http://www.w-reich.de/ http://www.orgonomie.org www.orgonomia.org Hamburg email: vittorio.nicola@tin.it e lnndni@tin.it

Nome	Marc Rackelmann
País	Alemanha
Contato	Stubenrauchstraße 15 / Ecke Rotdornstraße 12161 Berlin-Friedenau Tel.: 030/ 797 812 98 http://www.koerperpsychotherapie-berlin.de email: mr@koerperpsychotherapie-berlin.de

Nome	Dr. Thomas Harms
País	Alemanha
Contato	Bremen Zentrum Für Primäre Prävention und Körperpsychotherapie https://www.zeppbremen.de

Nome	Prof. Dr. Bernd Senf
País	Alemanha
Contato	Vortragsreihe Wilhelm Reich FHW Berlin Krielower Weg 14 A D-14089 Berlin Tel: 0049-(0)30 -3680 1458 http://www.berndsenf.de/ email: bernd.senf@gmx.de info (at) berndsenf.de

Nome	Leon Southgate
País	UK
Contato	http://www.leonsouthgate.com/

Nome	Dr. Sergio Scialanca
País	Itália
Contato	Istituto di Somatopsicoenergetica Cell.: 347 3661580 Via Appia Nuova 465, Roma Cellulare: 347 3661580 http://www.somatopsicoenergetica.org email: info@somatopsicoenergetica.org

Nome	Roberto Maglione / Alberto Mazzocchi
País	Itália
Contato	www.orgonenergy.org info@orgonenergy.org

Nome	Dr. Alberto Foglia
País	Suiça
Contato	Lugano-Paradiso www.albertofoglia.ch

APÊNDICE C

PRINCIPAIS ESCRITOS DE WILHELM REICH: BIBLIOGRAFIA SELECIONADA[193] E ORGANIZADA CONFORME O PERÍODO DE ESCRITA[194]

Abreviações das revistas e periódicos

IZP: Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse
IJP: International Journal for Psycho-analysis
ZSW: Zeitschrift für Sexualwissenschaft
ZPS: Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie (1934-1938) 5 vols.
IJSO: International Journal of Sex-Economy and Orgone-Research (1942-1945) 4 vols.
AOI: Annals of the Orgone Institute (1947)
OEB: Orgone Energy Bulletin (1949-1953) 5 vols.
CORE: Cosmic Orgone Engineering (1954-1955) 2 vols.
OF: Orgonomic Functionalism (publicação póstuma) 7 vols.

1919

1. 1919. "Die Spezialisierung des Ärztestandes. Eine Erwiderung" ("A Especialização da Profissão Médica. Uma Resposta"). ***Wiener Medizinische Wochenschrift*, Vol. 69, No. 28, 1919, pp. 1400-1402.**

2. 1919. "Zur 'Aufklärung' im Kampf gegen die Geschlechtskrankheiten. Bemerkungen zu dem Aufsatz von Kurt Finkenrath" ("Sobre a 'Iluminação' na Luta Contra As Doenças Venéreas. Observações sobre O Artigo de Kurt Finkenrath"). ***ZSW*, VI, 1919, pp. 391-393.**

3. 1919. "Trieb und Libidobegriffe von Forel bis Jung" ("Os Conceitos de Pulsão e de Libido de Forel a Jung"). ***ZSW* IX, 1922, pp. 17-19, 44-50, 75-85.** Apresentado em 14 de junho e 22 de novembro de 1919 no seminário de sexologia, como: "Der 'Libido'begriff von Forel bis Jung". A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

---

[193] Para a elaboração dessa bibliografia foram consultadas as bibliografias já existentes sobre a obra de Reich de Peter Nasselstein (a qual pode ser acessada pela seguinte URL: http://www.orgonomie.net/hdobiblio.htm#english – acesso em 20/04/2019), e de MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento**. São Paulo: Annabume, 2007. Além dessas fontes realizou-se, também, consulta direta a muitas das fontes aqui citadas.

[194] Decidimos organizar os textos de Reich pelo período em que foram escritos e não pelo ano de suas publicações, julgamos que uma bibliografia organizada dessa maneira permite uma melhor compreensão do desenvolvimento das ideias desse autor. Não incluímos nessa relação as cartas e as anotações dos diários de Reich, nem os documentos relacionados aos processos jurídicos sofridos por ele, os quais, também, contém informações valiosas e devem ser considerados como textos de sua obra escrita.

1920

4\. 1920. "Über einen Fall von Durchbruch der Inzestschranke in der Pubertät" ("Sobre Um Caso de Transgressão da Barreira do Incesto"). ***ZSW*, VII, 1920, pp. 220-226.** Lido em 12 de junho de 1920 no seminário de sexologia em Viena. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

5\. 1920. "Libido-Konflikte und Wahngebilde in Ibsens 'Peer Gynt'" ("Conflito da Libido e Formação Delirante em Peer Gynt de Ibsen"). ***Frühe Schriften, Bd.1*, Köln 1977, pp. 19-77.** Apresentado na Associação Psicanalítica de Viena, em 13 de outubro 1920, como "Der Libidokonflikt in Peer Gynt", aula inaugural de Reich nessa associação. Apresentado pela primeira vez em 3 de julho e 10 de julho no seminário de sexologia em Viena. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings* pp. 3-64.

1921

6a. 1920-1921. "Zur Triebenergetik" ("Sobre A Energética das Pulsões"). ***ZSW*, X(4), 1923, pp. 99-106.** Apresentado na Associação Psicanalítica de Viena, no 13º encontro, em 8 de junho de 1921. No final de 1920 já havia sido submetido ao Freud. Lido pela primeira vez em 2 de outubro de 1920 no seminário de sexologia em Viena. É possível que tenha sofrido alterações entre 1920 e 1921. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

6b. 1920-1921. "The Energetics of Drives (1921)" ("A Energética das Pulsões (1921)"). ***Orgonomic Medicine* I(1), June 1955, pp. 4-17.** Tradução de "Zur Triebenergetik" por Myron R. Sharaf e Anne Doubleday. Uma outra tradução para o inglês também foi publicada no livro *Early Writings.*

7\. 1921. "Kindliche Tagträume einer späteren Zwangsneurose" ("Sonhos Infantis Diurnos de Uma Neurose Obsessiva Tardia"). ***IZP* VII(3), 1921, pp. 460-467.** Apresentado na Associação Psicanalítica de Viena, no 11º encontro, em 11 de maio de 1921, como "Tagträume einer Zwangsneurotikerin". É possível que sua data de publicação seja 1923.

8\. 1921. "Der Koitus und die Geschlechter" ("O Coito e Os Sexos"). ***ZSW*, VIII(11), 1921, pp. 343-352.** Produzido no seminário de sexologia em Viena, em 1921. Pode ser que tenha sido publicado em 1922. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

1922

9\. 1922. "Über Spezifität der Onanieformen" ("Sobre A Especificidade das Formas de Masturbação"). ***IZP*, VIII(3), 1922, pp. 333-337.** Apresentado na Associação Psicanalítica de Viena, no 18º encontro, em 10 de maio de 1922, como "Zur Spezifität der Onanieformen". A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

10. 1922. "Zwei narzißtische Typen. Ergänzende Bemerkungen zu Dr. Alexanders 'Kastrationkomplex und Charakter'" ("Dois Tipos Narcisistas. Observações Complementares Ao Artigo do Dr. Alexander "Complexo de Castração e Caráter"). ***IZP,*** **VIII(4), 1922, pp. 456-462.** A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

11. 1922. "Grenzen der Erinnerungstättigkeit in der psychoanalytischenkur" ("Limites da atividade da memória no tratamento psicanalítico"). ***IZP*, vol. VIII, 1922, p. 538-539**. Apresentado à Sociedade Psicanalítica de Viena em novembro de 1922.

1923

12. 1923. "Über Genitalität vom Standpunkt der psychoanalytischen Prognose und Therapie" ("Sobre A Genitalidade do Ponto de Vista do Prognóstico e da Terapêutica Psicanalítica"). ***IZP*** **X(2), 1924, pp. 164-179.** Recebido pela revista em 17 de outubro de 1923. Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 28 de novembro de 1923. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

1924

13. 1924. "Der psychogene Tic als Onanieäquivalent" ("O Tique Psicogênico Como Equivalente da Masturbação"). ***ZSW,*** **XI(12), 1924, pp. 302-313.** Escrito em 1924, contudo, baseado na aula "Behandlungsverlauf eines psychogenen Tics", conferida na Associação Psicanalítica de Viena em 17 de janeiro de 1923. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

14a. 1924. "Eine hysterische Psychose in statu nascendi" ("Uma Psicose Histérica no Estado de Origem"). ***IZP*** **XI(2), 1925, pp. 211-222.** Recebido pela revista em 1 de dezembro de 1924. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

14b. 1924. "An hysterical psychosis in statu nascendi" ("Uma Psicose Histérica no Estado de Origem"). ***IJP*, VIII, 1927, p. 159-173.** Uma outra tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

15. 1924. "Die therapeutische Bedeutung der Genitallibido" ("O Significado Terapêutico da Libido Genital"). ***IZP*, X, 1924, p. 217-218.** Apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburg em abril de 1924. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

16. 1924. "Weitere Bemerkungen über die therapeutische Bedeutung der Genitallibido" ("Observações Complementares Sobre O Significado Terapêutico da Libido Genital"). ***IZP*** **XI(3), 1925, pp. 297-317.** Após uma aula conferida na 8a Conferência Internacional de Psicanálise, em Salzburg, em abril de 1924. Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 10

de setembro de 1924. Recebido pela revista em 10 de setembro de 1924. A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.*

1925

17. 1925. *Der triebhafte Charakter*. Eine Psychoanalytische Studie zur Pathologie des Ich. ("*O Caráter Impulsivo*. Um Estudo Psicanalítico Sobre A Patologia do Ego"). Neue Arbeiten zur ärztlichen Psychoanalyse, Nr. 4, **Leipzig, Wien, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1925, 132 pp.** Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 21 de janeiro de 1925, como "Über den triebhaften Charakter." A tradução para o inglês foi publicada no livro *Early Writings.* Livro com tradução oficial para o português.

18. 1925. "Über die chronische hypochondrische Neurasthenie mit genitaler Asthenie" ("Sobre a Neurasthenia Hipocondríaca Crônica com Astenia Genital"). ***IZP*** **XII(1), 1926, pp. 25-39.** Apresentado numa aula conferida na 9ª Conferência Internacional de Psicanálise, em Homburg, em setembro de 1925. Título da aula: "Zur Struktur und Genese des 'hypochondrischen Neurasthenie'." Manuscrito reescrito em outubro de 1925. Recebido pela revista em outubro de 1925.

19a. 1925. "Die Rolle der Genitalität in der Neurosentherapie" ("A Função da Genitalidade na Terapia da Neurose"). ***Allgemeine ärztliche Zeitschrift für Psychotherapie und psychische Hygiene,*** **I(10), 1928, pp. 672-681**.

19b. 1925. "The Role of Genitality in the Therapy of Neuroses (1925)" ("A Função da Genitalidade na Terapia da Neurose"). ***Orgonomic Medicine*** **II(1), April 1956, pp. 12-21.** Tradução do alemão feita por Eva Reich, em 1951.

20. 1925. "Über den epileptischen Anfall" ("Sobre O Ataque Epilético"). ***IZP,*** **XVII(2), 1931, pp. 263-275.** Manuscrito de 1925.

1926

21a. 1926. "Über die Quellen der neurotischen Angst. Ein Beitrag zur Theorie der psychoanalytischen Therapie" ("Sobre As Fontes da Angústia Neurótica. Uma Contribuição Para A Teoria da Terapia Psicanalítica"). ***IZP*** **XII(3; special issue "Sigm. Freud zum siebzigsten Geburtstag"), 1926, pp. 422-431.** Lido no almoço comemorativo do 70[th] aniversário de Sigmund Freud em 6 de maio de 1926. Incluído no capítulo "A estase somática da libido e o estado de angústia" do livro *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual* (tradução de *Die Funktion des Orgasmus*).

21b. 1926. "The Sources of Neurotic Anxiety: A Contribution to The Theory of Psycho-analytic Therapy" ("Sobre As Fontes da Angústia Neurótica. Uma Contribuição para a Teoria da Terapia Psicanalítica"). ***IZP*****, VII, 1926, pp. 381-391**.

21c. 1926. "Sources of Neurotic Anxiety: A Contribution to the Theory of Psychoanalytic Therapy" ("Sobre as fontes da angústia neurótica. Uma contribuição para a teoria da terapia psicanalítica"). ***Orgonomic Medicine* I(2), November 1955, pp. 90-100.**

22. 1926. *Die Funktion des Orgasmus*. Zur Psychopathologie und zur Soziologie des Geschlechtslebens ("*A Função do Orgasmo*: Sobre a Psicopatologia e sobre a Sociologia da Vida Sexual"). Neue Arbeiten zur ärztlichen Psychoanalyse, Nr. 6, **Leipzig, Wien, Zürich: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1927, 206 pp.** Manuscrito de 6 de maio de 1926. Livro com tradução oficial para o português, sob o título de *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual.*

23a. 1926. "Eltern als Erzieher: 1. Teil einer Aufsatzreihe: Der Erziehungszwang und seine Ursachen" ("Os Pais Como Educadores - Parte I: A Compulsão A Educar e As Suas Causas"). ***Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik,* I(3), Dec. 1926, pp. 65-74.** Manuscrito de outubro 1926. Publicado em português nos livros *Psicanálise e Educação*: "Os pais como educadores: a coacção a educar e as suas causas" pp. 195-218 e *Elementos para uma pedagogia anti-autoritária*: "Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas" pp. 53-68.

23b. 1926. "Parents as educators" ("Os Pais Como Educadores"). ***Orgonomic Medicine*, v. 5, 1994, pp. 45-66.**

24. 1926. "Eltern als Erzieher. Teil II: Die Stellung der Eltern zur kindlichen Onanie" ("Os Pais Como Educadores – Parte II: A Atitude Dos Pais A Respeito do Onanismo Infantil"). ***Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik,* I (7,8,9; special issue "Sexuelle Aufklärung"), 1927, pp. 263-269.** Manuscrito de outubro de 1926.

25. 1926. "Die Spaltung der Geschlechtlichkeit und ihre Folgen für Ehe und Gesellschaft" ("A Divisão das Tendências Genitais em Nossa Sociedade"). ***Almanach der Psychoanalyse,* III, 1928, pp. 55-71**. Incluído no capítulo 8 "Significado social das tendências genitais" do livro *Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual* (tradução de *Die Funktion des Orgasmus*).

26. 1926. "Zur Technik der Deutung und der Widerstandsanalyse. Über die gesetzmäßige Entwicklung der Übertragungsneurose" ("Sobre A Técnica de Interpretação e da Análise da Resistência. Sobre O Desenvolvimento Regular da Neurose de Transferência"). ***IZP,* XIII(2,3), 1927, pp. 141-159.** Apresentado no "Seminário de Terapia Psicanalítica", em Viena, em 14 de junho 1926, com o título "Handhabung der Übertragung und geordnete Widerstandsanalyse." Incluso no livro *Ánalise do Caráter*.

27. 1926. "Erster Bericht über das 'Seminar für Psychoanalytische Therapie' am Psychoanalytischen Ambulatorium in Wien (1925/26)" ("Primeiro Informe sobre o 'Seminário de Terapia Psicanalítica' na Clínica Psicanalítica em Viena"). ***IZP,* XIII(2,3), 1927, pp. 241-244.** Lido na Associação Psicanalítica de Viena, por volta de dezembro de 1926.

1927

28a. 1927. "Diskussion von 'Strafbedürfnis und neurotischer Prozeß' I: Kritische Bemerkungen zu neueren Auffassungen des Neurosenproblems" ("Discussão Sobre A Necessidade de Punição e Processo Neurótico. Observações Críticas sobre Teorias Recentes Acerca do Problema da Neurose"). ***IZP,* XIII(1), 1927, pp. 36-46.** Descrito no livro *A Função do Orgasmo*.

28b. 1927. "Discussion of Punishment Need and the Neurotic Process. Critical remarks on recent theories of the problem of neurosis" ("Discussão Sobre A Necessidade de Punição e Processo Neurótico. Observações Críticas sobre Teorias Recentes Acerca do Problema da Neurose"). ***IJP,* IX, 1928, pp. 227-240.**

28c. 1927. "A criticism of recent theories of the problem of neurosis" ("Uma Crítica das Teorias Recentes do Problema da Neurose"). ***IJP*, IX, 1928.**

29. 1927. "Diskussion der 'Laienanalyse' XVI" ("Discussão sobre 'Análise Leiga'"). ***IZP,* XIII(2,3), 1927, pp. 307-310.** Incluído no livro *Reich Fala de Freud*.

30. 1927. "Abschliessende Erwiderung auf Alexander's Entgegnung" ("Resposta Final À Replica de Alexander"). ***IZP*, XIII, 1927.**

31. 1927. "Über Charakteranalyse" ("Sobre a Técnica de Análise do Caráter"). ***IZP* XIV(2,3), 1928, pp. 180-196.** Após uma aula proferida na 10a Conferência Internacional de Psicanálise, em Innsbruck, em setembro de 1927. Incluso no livro *Análise do Caráter*.

32. 1927-1928. *Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse* ("*Materialismo Dialéctico e Psicanálise*"). 1ª edição. ***Unter dem Banner des Marxismus*** (Organ of the Comintern), **III(5), 5. October 1929, pp. 736-771.** Publicado pela primeira vez em russo, como "Dialekticheskii materializm i psikhoanaliz" em ***Pod znamenem marksizma*, Moskva, No. 7-8, 1929, pp. 180-206.** Escrito em 1927/28. A 2ª edição desse livro foi traduzida, oficialmente, para o português.

1928

33. 1928. "Zweiter Bericht über das 'Seminar für Psychoanalytische Therapie' in Wien, 1926-1928" ("Segundo Informe Sobre o 'Seminário de Terapia Psicanalítica' em Viena, 1926-1928"). ***IZP,* XIV(4), 1928, pp. 438-440.** Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 1928.

34a. 1928. "Über die Onanie im Kindesalter" ("Sobre A Masturbação na Infância"). ***Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik,* II(4,5,6;** II. special issue "Onanie"**), pp. 149-152, 1928.** Após uma contribuição para uma discussão realizada na Associação Psicanalítica de Viena em 2 de novembro de 1927.

34b. 1928. "About Genital Self-satisfaction in Children (1927)" ("Sobre A Masturbação na Infância"). ***OEB* II(2), April 1950, pp. 63-67.** Também publicado no livro *Children of the Future* ("Concerning Childhood Masturbation" pp. 140-145).

35. 1928. "Wohin führt die Nackterziehung?" ("Para Onde Conduz A Educação Nudista?"). ***Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik,* III(2,3;** special issue "Nackterziehung"**), Nov./Dec. 1928, pp. 44-50.** Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 10 de outubro de 1928. Incluído no livro *A Revolução Sexual*: "A influência da moral sexual conservadora – O beco sem saída da educação sexual" pp. 94-103.

1929

36. 1929. "Sexualerregung und Sexualbefriedigung. Schriften der Sozialistischen Gesellschaft für Sexualberatung und Sexualforschung in Wien, Nr. 1" ("Excitação Sexual e Satisfação Sexual. Publicações da Associação Socialista para Aconselhamento Sexual e Pesquisa Sexual em Viena, no. 1"). **Wien: Münster-Verlag, 1929, 66 pp.** Provavelmente o conteúdo desse livreto encontra-se parcialmente ou de maneira semelhante no livro *O Combate Sexual da Juventude*.

37. 1929. "Der genitale und der neurotische Charakter - Untersuchungen über die libido-ökonomische Funktion des Charakters" ("O Caráter Genital e O Caráter Neurótico. Investigações Sobre A Função Econômico-libidinal do Caráter"). ***IZP,* XV(4), 1929, pp. 435-455.** Incluído no livro *Análise do Caráter* - cap. 8 "O caráter genital e o caráter neurótico".

38. 1929. "Die Stellung der Psychoanalyse in der Sowjetunion. Notizen einer Studienreise in Rußland" ("A Posição da Psicanálise na União Soviética. Notas de uma Viagem de Estudos à Rússia"). ***Die Psychoanalytische Bewegung,* I(4), Nov./Dec. 1929, pp. 358-368.** Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 6 de novembro de 1929. Uma tradução para o inglês encontra-se no livro *Sex-Pol: Essays 1929-1934*.

39. 1929. "Erfahrungen und Probleme der Sexualberatungsstellen für Arbeiter und Angestellte in Wien" ("Experiências e Problemas das Clínicas de Aconselhamento Sexual para Trabalhadores e Empregados em Viena"). ***Der Sozialistische Arzt*** (Journal of the Verein Sozialistischer Ärzte, Berlin), **V(4), 1929, pp. 98-102.**

40. 1929. "Psikhoanaliz kak estestvenno-nauchnaia distsiplina" ("Psicanálise Como Um Ramo do Conhecimento da Ciência Natural"). (Em russo). ***Estestvoznanie i marksizm,* IV, 1929, pp. 99-108.** Também em: *Vestnik Komm. Akad.*, Nos. 35/36, pp. 345-350. Lido em setembro de 1929 na Academia Comunista de Moscou. Em: ***Estestvoznanie i marksizm*, pp. 108-125.** O artigo de Reich é seguido por uma discussão com os seguintes participantes: Sapir, Zalkind, Fridman, Ror, Zalmanzon.

1930

41. 1930. *Geschlechtsreife, Enthaltsamkeit, Ehemoral*. Eine Kritik der bürgerlichen Sexualreform (“*Maturidade Sexual, Abstinência, Moral Conjugal*: Crítica da Reforma Sexual Burguesa”). **Wien: Münster-Verlag, 1930, 182 pp.** Corresponde à primeira parte do livro *A Revolução Sexual* (exceto o primeiro capítulo de *A Revolução Sexual* que foi escrito em 1932).

42. 1930. "Über kindliche Phobie und Charakterbildung" (“A Fobia Infantil e A Formação do Caráter”). ***IZP,* XVI(3/4), 1930, pp. 353-362.** Lido como "Kasuistisches zur Charakterbildung" na Associação Psicanalítica de Viena, em 12 de março 1930. Incluso no livro *Análise do Caráter*.

43. 1930. "Die Sexualnot der werktätigen Massen und die Schwierigkeiten der Sexualreform" (“A Miséria Sexual das Massas Trabalhadoras e As Dificuldades da Reforma Sexual”). **In: Josef K. Friedjung/Sidonie Fürst/Ludwig Chiavacci/Herbert Steiner (ed.): *Sexualnot und Sexualreform*** - Verhandlungen der Weltliga für Sexualreform. IV. Kongreß abgehalten zu Wien vom 16. bis 23. September 1930. Redigiert von Herbert Steiner. **Elbemühl-Verlag, Wien, 1931, pp. 72-87.** Trata-se de um debate da WLSR – World League for Sexual Reform (“Liga Mundial para uma Reforma Sexual”).

44a. 1930. "Die charakterologische Überwindung des Ödipus-Komplexes" (“A Superação Caracterológica do Complexo de Édipo”). ***IZP,* XVII(1), 1931, pp. 55-71.** Apresentada na aula conferida na segunda convenção da Sociedade Psicanalítica Alemã, em Dresden, em 28 de setembro de 1930, intitulada "Psychoanalyse und Charakterbildung". Incluso no livro *Análise do Caráter*: “A solução caracterológica do conflito sexual infantil”.

44b. 1930. “The characterological mastery of the oedipus complex” (“A Superação Caracterológica do Complexo de Édipo”). ***IJP*, XII, 1931, p. 452-467.**

45. 1930. "Die seelischen Erkrankungen als soziales Problem" (“As Doenças Psíquicas Como Um Problema Social”). ***Der Sozialistische Arzt*** (journal of the Verein Sozialistischer Ärzte, Berlin), **VII(4), 1931, pp. 111-115 and VII(5/6), 1931, pp. 161-165.** Escrito em 1930. Apresentado na aula em 16 de janeiro em um braço local da Groß-Berlin of the Verein Sozialistischer Ärzte.

1931

46. 1931. Ernst Roner (pseudônimo) "Das bewußte sexuelle Leiden als Hebel der sozialen Revolution" (“A Consciência da Miséria Sexual Como Alavanca para a Revolução Social. O Ponto de Vantagem”). ***Die Warte,*** ("Kampforgan für proletarische Sexualpolitik und für die Herstellung der Einheit aller sexualpolitischer Organisationen" of the "Einheitsverband für proletarische Sexualreform und Mutterschutz" (“‘Órgão de Pressão para Políticas Sexuais Proletárias e para o Estabelecimento da Unidade de todas as Organizações Políticas Sexuais’

da ‘Associação Unificada para a Reforma sexual Proletária e para a Proteção da Maternidade’”), Düsseldorf), **No. 5/6, 1931, pp. 3f.**

47. 1931. "Auflösung der Familie?" (“Dissolução da Instituição da Família?”). ***Die Warte,*** **No. 12, 1931, pp. 2f.**

48. 1931. "Die Sexualstörungen der Frau" (“Os Distúrbios Sexuais das Mulheres”). ***Die Warte,*** **No. 12, 1931, p. 8**. Incluso no livro *O Combate Sexual da Juventude*.

49. 1931. "Was ist Psychoanalyse?" (“O Que É A Psicanálise?”). ***Die Warte,*** **No. 12, 1931.**

50. 1931. "Fragen und Antworten" (“Perguntas e Respostas”). ***Die Warte,*** **No. 12, 1931.**

51. 1931. "The Socialistic Society for Sexual Advice and Sexual Research" (“A Sociedade Socialista para O Aconselhamento Sexual e Pesquisa Sexual”). **In: Margaret Sanger/Hannah Stone (ed.):** ***The Practice of Contraception,*** **Williams and Wilkins, Baltimore, 1931, p. 271.**

52. 1931. “Sexualpolitische Plattform des ‘Deutschen Reichsverbandes für proletarische Sexualpolitik’”. (“Plataforma Sexual-Política da ‘Associação Unificada Alemã para Uma Política-Sexual Proletária’”). Lido em 9 de junho de 1931 em Düsseldorf.

53. 1931. *Der Einbruch der Sexualmoral*. Zur Geschichte der sexuellen Ökonomie. (“*A Invasão da Moral Sexual.* Sobre A História da Economia Sexual”). 1ª edição. **Berlin, Leipzig, Wien: Verlag für Sexualpolitik, (June) 1932, XVI + 137 pp.** Apresentado na aula intitulada "Der Einbruch der Sexualmoral in die primitive Gesellschaft" em 10 de março de 1931 na Sociedade Psicanalítica Alemã. Prefácio de Setembro de 1931. Tradução para língua inglesa inclusa no livro: *Sex-Pol: Essays 1929-1934* - The invasion of sexual morality. On the history of sex-economics. Livro com tradução oficial para o português, sob o título: *Irrupção da Moral Sexual Repressiva*.

54. 1931. *Der sexuelle Kampf der Jugend*. (“*O Combate Sexual da Juventude”*). **Berlin: Verlag für Sexualpolitik, (June) 1932, VIII + 152 pp.** Concluído no verão de 1931. Título originalmente planejado: "Sexuelle Lebensfreude - ein Recht der Jugend" (“Alegria Sexual de Viver – Um direito da juventude”). Livro com tradução oficial para o português.

55. 1931. “Über die Onanie”. (“Sobre A Masturbação”). In: REICH, Annie. *Wenn dein Kind dich fragt.... Gespräche, Beispiele und Ratschläge zur Sexualerziehung*, **Berlin-Wilmersdorf: Verlag für Sexualpolitik, 1932, 32 pp.**

56a. 1931. "Der masochistische Charakter - Eine sexualökonomische Widerlegung des Todestriebes und des Wiederholungszwanges". (“O Caráter Masoquista - Uma refutação econômico-sexual da pulsão de morte e da compulsão à repetição”). ***IZP,*** **XVIII(3), pp. 303-**

351. Apresentado na aula "Die sexuelle Ökonomie des masochistischen Charakters" em 19 de dezembro de 1931 na Sociedade Psicanalítica Alemã. Incluso no livro *Análise do Caráter.*

56b. 1931. "The Masochistic Character. From Wilhelm Reich's book CHARAKTER-ANALYSE (1933)". ***IJSO,*** **III(1), March 1944, pp. 38-61.** Tradução para o inglês de T.P. Wolfe. Incluso no livro *Análise do Caráter.*

1932

57. 1932. "Ein Widerspruch der Freud'schen Verdrängungslehre". ("Uma Contradição na Teoria Freudiana da Repressão"). ***ZPS,*** **I(2), pp. 115-125.** Incluso no livro *A Revolução Sexual*, cap. 1 - "Os Fundamentos Clínicos da Crítica Sexual" - item 2 "Uma contradição da teoria cultural de Freud".

58. 1932. Walter Roner (pseudônimo). "Die Funktion der 'objektiven Wertewelt'". ("A Função do 'Mundo dos Valores Objetivos'"). ***ZPS,*** **II(1)(5), pp. 32-43, 1935.** Manuscrito de julho de 1932.

59. 1926-1932. *Charakteranalyse*. Technik und Grundlagen für studierende und praktizierende Analytiker. ("*Análise do Caráter*. Técnica e Fundamentos para Estudantes e Analistas Praticantes"). 1ª edição. **(Wien: published by the author), (June) 1933, octavo 288 pp. 1a edição.** Há tradução oficial para o português da 3ª edição que contempla a totalidade do conteúdo da 1ª edição. Os capítulos com os respectivos anos de escrita seguem abaixo:

Prefácio (Manuscrito de Janeiro de 1933), pp. 1-8.

PARTE I – TÉCNICA (1926-1928)

I. Alguns problemas da técnica psicanalítica (Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 18 de Abril de 1928), pp. 17-22.
II. O ponto de vista econômico na teoria da terapia analítica (escrito em 1928), pp. 23-32.
III. Sobre a técnica de interpretação e de análise da resistência (1926), pp. 33-50.
IV. Sobre a técnica de análise do caráter (1927), pp. 51-117.
V. Indicações e perigos da análise do caráter (escrito em 1928, pp. 119-124 (talvez escrito em 1927).
VI. Sobre o manejo da transferência (Lido na Associação Psicanalítica de Viena em 1926), pp. 125-148.

PARTE II – TEORIA DA FORMAÇÃO DO CARÁTER (1929-1932)

I. A solução caracterológica do conflito sexual infantil (1930), pp. 149-164.
II. O caráter genital e o caráter neurótico (1929), pp. 165-186.
III. A fobia infantil e a formação do caráter (1930), pp. 187-196.
IV. Algumas formas definidas de caráter (escrito em 1932), pp. 197-214
V. O caráter masoquista (1932), pp. 215-254.
VI. Algumas observações sobre o conflito básico entre necessidade e mundo externo (escrito em 1932), pp. 255-264.

1933

60. 1933. *Massenpsychologie des Faschismus*. Zur Sexualökonomie der politischen Reaktion und zur proletarischen Sexualpolitik. ("*Psicologia das Massas do Fascismo.* Sobre A Economia Sexual da Reação Política e Sobre A Política Sexual Proletária"). 1ª edição. **Kopenhagen, Prag, Zürich: Verlag für Sexualpolitik, August 1933, 283 pp.** Prefácio de Setembro de 1933. Livro com tradução oficial para o português, sob o título *Psicologia de Massa do Fascismo*.

61. 1933. *Der Orgasmus als elektrophysiologische Entladung* - Abhandlungen zur personellen Sexualökonomie Nr.1. ("*O Orgasmo Como Descarga Elétrico-Fisiológica*. Tratados sobre economia-sexual pessoal, Num. 1"). **Kopenhagen: Verlag für Sexualpolitik, 1934, 16. pp.** Manuscrito de Agosto de 1933. Incluso no livro *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety*.

1934

62. 1934. Ernst Parell (pseudônimo). *Was ist Klassenbewußtsein?* - Ein Beitrag zur Diskussion über die Neuformierung der Arbeiterbewegung. Politisch-Psychologische Schriftenreihe, Nr. 1. ("*O Que É A Consciência de Classe?* Uma Contribuição para A Discussão sobre A Nova Formação do Movimento dos Trabalhadores. Série Político-Psicológica da Sex-Pol, no. 1"). **Kopenhagen: Verlag für Sexualpolitik, (end of July) 1934, 72 pp.** Prefácio de Junho de 1934. Tradução para o inglês inclusa em *Sex-Pol: Essays 1929-1934*. Livro com tradução oficial para o português.

63. 1934. "Zur Anwendung der Psychoanalyse in der Geschichtsforschung". ("A Aplicação da Psicanálise À Pesquisa Histórica"). ***ZPS,* I(1), pp. 4-16.** Incluso na 2a edição de *Materialismo Dialéctico e Psicanálise*.

64. 1934. *Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse.* Politisch Psychologische Schriftenreihe der Sex-Pol Nr. 2. ("*Materialismo Dialéctico e Psicanálise*. Série Político-Psicológica da Sex-Pol, no. 2"). **Kopenhagen: Verlag für Sexualpolitik, 1934, 60 pp. 2ª Edição.** Os quatro capítulos da primeira edição publicada em 1929 foram expandidos com notas de rodapé e alterados com observações e inclui um último capítulo sobre a aplicação da psicanálise à pesquisa histórica (artigo 63). Tradução para o inglês inclusa em *Sex-Pol: Essays 1929-1934*. Livro com tradução oficial para o português.

65. 1934. "Zur Einführung". ("Introdução à ZPS"). ***ZPS,* I(1), pp. 1-4, 1934.**

66. 1934. E. Parell (pseudônimo). "Einwände gegen Massenpsychologie und Sexualpolitik (Erster Teil)". ("Objeções Contra A Psicologia das Massas e A Política Sexual (Parte 1)"). ***ZPS,* I(1), pp. 62-70**.

67. 1934. E. Parell (pseudônimo). "Einwände gegen Massenpsychologie und Sexualpolitik (Zweiter Teil)". ("Objeções Contra A Psicologia das Massas e A Política Sexual (Parte 2): Sobre a relação entre a diferença de classe e a supressão sexual"). ***ZPS,* I(2) pp. 146-152**.

68. 1934. Die Sex-Pol-Leitung (Wilhelm Reich) "An alle Antifaschisten!". ("A Todos Os Anti-Fascistas"). ***ZPS,* I(2), pp. 89-90.**

69. 1934. "Der Urgegensatz des vegetativen Lebens". ("A Antítese Primária da Vida Vegetativa"). ***ZPS,* I(2), pp. 125-142**. Tradução para o inglês inclusa em: *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* - Cap. 2 "Sexuality and Anxiety".

70. 1934. "Die vegetative Urform des Libido-Angst-Gegensatzes". ***ZPS,* I(3,4), pp. 207-225, 1934.** ("A Forma Primária Vegetativa da Antítese Libido-Angústia"). Tradução para o inglês inclusa em: *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety* - Cap. 2 "Sexuality and Anxiety".

71. 1934. "Anfragen". ***ZPS,* I(2), pp. 159-164, 1934.** "Inquéritos".

72. 1934. "Was hat die Elektrophysiologie des Orgasmus mit der Politik zu tun?". ("O Que A Eletrofisiologia do Orgasmo Tem a Ver Com A Política?"). ***ZPS*, I, 1934, p. 156-164**.

73. 1934. "Japans grosse Handelsoffensive". ("Grande Ofensiva Comercial do Japão"). ***ZPS,* I(2), 1934, pp. 164-165.**

74. 1934. "Roheims 'Psychoanalyse primitiver Kulturen'". ("A 'Psicanálise das Culturas Primitivas' de Roheim"). ***ZPS,* I(3,4), 1934, pp. 169-195.** Incluso na 2ª edição do livro *Der Einbruch der Sexualmoral*.

75. 1934. "Zur Geschichte der Sex-Pol-Bewegung: Teil 1". ("Sobre A História do Movimento Sex-Pol: Parte 1"). ***ZPS,* I(3,4), pp. 259-269, 1934.**

76. 1934. "Zum Arbeitsdienstflugblatt aus 'Massenpsychologie des Faschismus'". ("Sobre o Panfleto do Serviço de Trabalho da Psicologia das Massas do Fascismo"). ***ZPS,* I(3,4), pp. 269-271.**

77. 1934. "Wie sollen wir zur Frage der Homosexualität in der SA Stellung nehmen". ("Qual Posição Devemos Tomar Acerca do Problema da Homossexualidade na S.A.?"). ***ZPS,* I(3,4), 1934, pp. 271-272.**

78. 1934. "Wo liegt die gesellschaftliche Bedeutung der Angstpsychologie?". ("Onde Está A Importância Social da Psicologia do Medo?"). ***ZPS,* I(3,4), pp. 279-280.**

79. 1934. Julius Epstein (pseudônimo). "Marx, Peuchet und die Psychoanalyse". (“Marx, Peuchet e a Psicanálise”). Inclui, também, os textos de Lenin: *Agitation und Propaganda*, Zetkin: *Erinnerungen an Lenin*, e de Engels: *Der Ursprung der Familie*, Lenin: *Der "Radikalismus", die Kinderkrankheit des Kommunismus*.

80. 1934. “Plattform der deutschen Einheitsverbands für proletarische Sexualpolitik”. (“Programa da Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária”). ***ZPS*, I, 1934, p. 263-269.** Não se tem certeza se é de 1934.

81. 1934. “Arbeitsdienstflugblatt aus Massenpsychologie des Fascismus”. ("Panfleto do Serviço de Trabalho da Psicologia das Massas do Fascismo"). ***ZPS*, I(3,4), 1934, p. 269-272.**

82. 1934. “Probleme der Technik”. (“Problemas da Técnica”.). ***IZP*, IV, 1934.** Talvez não seja de 1934.

83. 1934. "Einige Gedanken über freundschaftliche Kritik oder 'Der Stein von Eslöv'". (“Algumas Reflexões Sobre Críticas Amigáveis ou ‘A Pedra de Esloev’"). ***ZPS,* I(3,4), 1934, pp. 289-290.**

84. 1934. "Pornografi og Seksualvidenskab". (“Pornografia e Pesquisa Sexual”). ***Aadehullet* II, København, February 1934, pp. 34-36.**

85a. 1934. "Der Ausschluss Wilhelm Reichs aus der Internationalen Psychoanalytischen Vereinigung". (“A Expulsão de Wilhelm Reich da Associação Internacional de Psicanálise”). ***ZPS,* II(1)(5), 1935, pp. 54-61.** Incluso no livro *Reich Fala de Freud*.

85b. 1934. "From the History of Orgone Biophysics" ***Annals of the Orgone Institute* I, 1947, pp. 108-126** (item 2 “The Expulsion of Wilhelm Reich from the International Psychoanalytical Association” (com uma introdução de 1947 e nota do editor). “A Expulsão de Wilhelm Reich da Associação Internacional de Psicanálise”.

86a. 1934. *Der Einbruch der Sexualmoral*. Zur Geschichte der sexuellen Ökonomie. (“*A Invasão da Moral Sexual*. A História da Economia Sexual”). Segunda edição revisada. **Kopenhagen: Sexpol-Verlag, 1935, XV + 151 pp.** Prefácio à segunda edição de novembro de 1934. Essa edição inclui como apêndice o artigo (74) de 1934 sobre a “Psicanálise de culturas primitivas) de Roheim. Livro com tradução oficial para o português, sob o título de *As Origens da Moral Sexual*, a tradução portuguesa foi feita com base na tradução em inglês.

86b. 1934. *The Invasion of Compulsory Sex-Morality.* **New York: Farrar, Straus & Giroux, 1971, pp. 215.** Tradução para o inglês do *Der Einbruch* realizada Werner e Doreen Grossman, revisado por Reich em 1951. Prefácio da Terceira edição de Julho de 1951. Publicado em português como *As Origens da Moral Sexual.*

1935

87a. 1935. *Masse und Staat*. Zur Frage der Rolle der Massenstruktur in der sozialistischen Bewegung. Politisch-Psychologische Schriftenreihe der Sex-Pol, Nr. 3a. ("*As Massas e o Estado*. Sobre a questão do papel da estrutura das massas no movimento socialista. Série político-psicológicas da Sex-Pol, No. 3".). **Kopenhagen: Sexpol-Verlag, (Ende) 1935, 112 pp.** Apenas cerca de 100 cópias circularam, apenas para discussão interna, não foi colocada à venda. Incluso na 3a edição do livro *Psicologia de Massas do Fascismo*.

87b. 1935. *Masses and State*. ("As Massas e O Estado"). **The Journal of Orgonomy, Vol. 35, No. 1, 1996-2001**. Incluso na 3a edição de *Psicologia de Massas do Fascismo*.

88a. 1935. *Psychischer Kontakt und vegetative Strömung*. Ein Beitrag zur Affektlehre und charakteranalytischen Technik. Abhandlungen zur personellen Sexualökonomie, Nr. 3. ("*Contato Psíquico e Correntes Vegetativas*. Uma Contribuição À Teoria do Afeto e À Técnica de Análise do Caráter. Tratados Sobre Economia-Sexual Pessoal, No. 3"). **Kopenhagen, Prag, Zürich: Sexpol Verlag, (May) 1935, 60 pp.** Aula proferida na 13a Conferência Internacional de Psicanálise, em Luzerna, em agosto de 1934. Manuscrito data de fevereiro de 1935. Incluso na 3a edição de *Análise do Caráter*.

88b. 1935. *Character Analysis*: Principles and Technique for Psychoanalysts in Practice and in Training. 2a edição**. New York 1945, XXII + 328 pp.** Tradução de Theodore P. Wolfe. A Segunda edição do livro Análise do Caráter (1945) difere da primeira (1933) apenas por incluir o artigo "Contato psíquico e corrente vegetativa" como apêndice.

89. 1935. "An unsere Freunde und Leser". ("Aos Nossos Amigos e Leitores"). ***ZPS,* II(1)(5), pp. 1-4, 1935.**

90. 1935. "Überblick über das Forschungsgebiet der Sexualökonomie". ("Resumo do Campo de Investigação da Economia Sexual"). ***ZPS,* II(1)(5), pp. 5-13.** Tradução holandesa: "Het arbeidsveld der 'Sexualökonomie'" *De Nieuwe Kern*, Amsterdam, Vol. 3, dezembro de 1935.

91. 1935. Jonny (pseudônimo). "Zur massenpsychologischen Wirkung des Kriegsfilms". ("Sobre O Efeito Psicológico nas Massas dos Filmes de Guerra"). ***ZPS,* II(1)(5), pp. 26-31, 1935.**

92. 1935. Ernst Parell (pseudônimo). "Ein Gespräch mit einem Frisörgehilfen". ("Uma Conversa Com Um Assistente de Cabelereiro"). ***ZPS,* II(1)(5), pp. 46-48, 1935.**

93. 1935. Julius Epstein (pseudônimo). "Das neue Homosexuellen-Gesetz Sowjet-Russlands". ("A Nova Lei Sobre A Homossexualidade na Rússia Soviétiva"). ***ZPS,* II(1)(5), pp. 50-51, 1935.** Possivelmente incluso em *A Revolução Sexual* - "A reintrodução da cláusula da homossexualidade", p. 245-248.

94. 1935. "Ein Abtreibungsprozess in Dänemark". ("Um Processo de Aborto na Dinamarca"). ***ZPS*, II(1)(5), pp. 61-64, 1935.**

95. 1935. "Sexpol-Schulung". ("Treinamento Sexpol"). ***ZPS*, II(1)(5), p. 64, 1935.**

96. 1935. "Geschichte der deutschen Sex-Pol-Bewegung II". ("História do Movimento Alemão da SEXPOL - Parte 2"). ***ZPS*, II(1)(5), pp. 64-70, 1935.** Continuação do artigo 75.

97. 1935. Ernst Parell (pseudônimo). "Unterschiede zwischen liberalistischer Sexualreform und revolutionärer Sexualpolitik". ("Diferenças Entre A Reforma Sexual Liberal e A Política Sexual Revolucionária"). ***ZPS*, II(2)(6), pp. 99-103, 1935.**

98. 1935. Ernst Parell (pseudônimo). "Wie wirkt Streichers sadistische Pornographie?". ("Como Age a Pornografia Sádica de Streicher?"). ***ZPS*, II(2)(6), pp. 129-133, 1935.** Obs: o conteúdo aparece, parcialmente, no cap. 7 do livro *A Função do Orgasmo* (1942).

99. 1935. "Der Kampf um die neue Moral". ("A Luta Pela Nova Moral"). ***ZPS*, II(3)(7), pp. 145-166, 1935.** Incluso em *A Revolução Sexual* - parte 2: cap. 3 "O Refreamento da revolução sexual" p. 214-230; parte 1: cap. 1 itens 3 e 4 "Impulso Secundário e Regulamento Moral" e "Moral sexual econômica" p. 53-61.

100. 1935. Julius Epstein (pseudônimo). "Das Dritte Reich und die Homosexuellen". ("O Terceiro Reich e os Homossexuais"). ***ZPS*, II(3)(7), pp. 178-181, 1935.**

101. 1935. "Der Jude im faschistischen Licht". ("O Judeu À Luz Fascista".). ***ZPS*, II(3)(7), pp. 189-190, 1935.**

102. 1935. "Weitere Probleme und einige Konsequenzen der Charakteranalyse". ("Outros problemas e algumas consequências da análise do caráter"). ***IZP*, XXI(1), 1935, p. 129.** Incluso no boletim da Associação Internacional de Psicanálise: 1º relatório da 13ª Conferência Internacional de Psicanálise: 7º encontro científico, de 31 de agosto de 1935, 6ª aula: "Leitmotifs of Reich's lecture". Incluso no livro *Beyond Psychology*.

103. 1935. "The Fundamental Problem of Form". ("O Problema Fundamental da Forma"). ***Orgonomic Functionalism* Vol. 5, Summer 1994, p. 89.**

104. 1935. "Besprechungen: Über Psychoanalyse, Krieg und Frieden". ("Discussão: Sobre Psicanálise, Guerra e Paz".). ***ZPS*, II, 1935, p. 190-192**.

105. 1935. “Grundsätze zur Diskussion über die Neuformierung der Arbeiterbewegung”. (“Princípios Para A Discussão Sobre A Nova Formação do Movimento dos Trabalhadores”). ***ZPS*, II, 1935, p. 274-277.**

106a. 1935. *Die Sexualität im Kulturkampf*. Zur sozialistischen Umstrukturierung des Menschen. (“*A Sexualidade na Luta Cultural*. Por uma Reestruturação Socialista do Homem”). **Kopenhagen: Sexpol Verlag, (March) 1936, XVI + 250 pp.** O título planejado foi "Familie und Sexualität im Kulturkampf" (“Família e Sexualidade na Luta Cultural”). Prefácio da segunda edição de novembro de 1935. Trata-se da segunda edição, revisada e ampliada, do livro *Geschlechtsreife, Enthaltsamkeit, Ehemoral* de 1930. A parte I corresponde ao livro de 1930 (exceto o cap. 1, que foi escrito em 1932). A Parte II do livro foi escrita em 1935. Livro com tradução oficial para o português, sob o título de *A Revolução Sexual*.

106b. 1935. *The Sexual Revolution*. Toward a Self-Governing Character Structure. **3rd Edition, New York: Orgone Institute Press, (July) 1945, XXVII + 273 pp.** Tradução para o inglês de *Die Sexualität im Kulturkampf* realizada por Theodore P. Wolfe.

106c. 1935. *The Sexual Revolution*. Toward a Self-Governing Character Structure. **4th Edition, London: Peter Nevill, Ltd. and Vision Press, Ltd., (Spring) 1952, XXVII + 273 pp.** Também distribuída pela Orgone Institute Press.

1936

107. 1936. "Der kulturpolitische Standpunkt der Sexpol". (“O Ponto de Vista Político Cultural da Sexpol”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), pp. 1-7, 1936.** Parcialmente idêntico ao cap. 7 “O que se conclui da luta soviética por uma ‘nova vida’”, da parte 2 do livro *A Revolução Sexual*.

108. 1936. Ernst Parell (pseudônimo). "Die Sexpol als Organisation der dialektisch-materialistischen Psychologie". (“A Sexpol Como Organização de Uma Psicologia Dialético-Materialista”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), pp. 22-24, 1936.**

109. 1936. "Fortpflanzung, eine Funktion der Sexualität (I. Teil)". (“Procriação, Uma Função da Sexualidade. Parte I”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), pp. 24-31.**

110. 1936. Waller (pseudônimo). "Au secours de la famille". (“Em Socorro da família”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), pp. 38-43, 1936.**

111a. 1936. "Gespräch mit einer vernünftigen Mutter". (“Conversa Com Uma Mãe Sensata”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), pp. 52-61, 1936.**

111b. Ernst Walter M.D. (pseudônimo). "A Talk with a Sensible Mother". ***IJSO,* I(1), March 1942, pp. 11-17.** Traduzido por Theodore P. Wolfe.

111c. 1936. “A conversation with a sensible mother”. Incluso no livro *Children of the Future*.

112. 1936. "Internationales Institut für Sexualökonomische Lebensforschung". (“Instituto Internacional Para A Investigação Econômico-Sexual da Vida”). ***ZPS,* III(1/2)(8/9), p. 67, 1936.**

113a. 1936. "Charakter und Gesellschaft". (“Caráter e Sociedade”). ***ZPS,* III(3/4)(10/11), pp. 136-150, 1936.** Lido na organização norueguesa de estudantes "Motag" ou “Mot Dag”, em Oslo, em 18 de abril de 1936.

113b. 1936. "Character and Society". (“Caráter e Sociedade”). ***IJSO,* I(3), November 1942, pp. 247-256**. Tradução de Theodore P. Wolfe. Também publicado em ***Journal of Orgonomy*, Nov. 1974, v. 8, n. 2, p. 116-129.**

114a. 1936. "Unser Glückwunsch an Freud". (“Nossas Congratulações a Freud (em seu octagésimo aniversário)”). ***ZPS,* III(3/4)(10/11), pp. 150-156, 1936.** Incluso no livro *Reich Fala de Freud*.

114b. 1936. "From the History of Orgone Biophysics" ***Annals of the Orgone Institute* I, 1947, pp. 108-126.** Traduzido pelo editor. Incluso em *Reich Speaks of Freud* – “Our Congratulations to Freud on his Birthday (1936)” com notas de rodapé de 1946. (“Nossas Congratulações a Freud (em seu octagésimo aniversário)”).

115. 1936. “Ein Briefwechsel über dialektischen Materialismus”. (“Uma Troca de Cartas Sobre O Materialismo Dialético”). ***ZPS*, III, p. 8-22, 1936.**

116. 1936. *Experimentelle Ergebnisse über die elektrische Funktion von Sexualität und Angst*. Abhandlungen zur personellen Sexualökonomie. Klinische und experimentelle Berichte aus dem Institut für sexualökonomische Lebensforschung, Nr. 4. (“Resultados Experimentais Sobre A Função Elétrica da Sexualidade e da Angústia. Tratados Sobre Economia Sexual Pessoal. Relatórios Clínicos e Experimentais do Instituto Para Pesquisa Econômico-Sexual da Vida, No. 4”). **Kopenhagen, Prag, Zürich: Sexpol-Verlag, (January) 1937, 43 + XI pp., 33 photographs.** Continuação do artigo “Sexualidade e Angústia”. Manuscrito concluído em Dezembro de 1936. Prefácio de Novembro de 1936. Tradução em inglês inclusa no livro *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety*.

117a. 1933-1936. *Die Bio-Elektrische Untersuchung von Sexualität und Angst*. (“A investigação bioelétrica sobre a sexualidade a angústia”). Obs: Trata-se de uma compilação dos artigos anteriores: 61, 69, 70 e 116. É possível que o original, em alemão, não tenha sido publicado oficialmente.

117b. 1933-1937. *The Bioelectrical Investigation of Sexuality and Anxiety*. (“A Investigação Bioelétrica da Sexualidade e da Angústia”). **New York 1982**. Com notas de rodapé de 1945.

Tradução de Marion Faber, Derek e Inge Jordan. Publicação póstuma. Inclui os artigos anteriores: 61, 69, 70 e 116.

1937

118. 1937. *Der Orgasmusreflex, Muskelhaltung und Körperausdruck*. Zur Technik der charakteranalytischen Vegetotherapie. ("*O Reflexo do Orgasmo, Tônus Muscular e Expressão Corporal*. Sobre A Técnica da Vegetoterapia Analítica"). ***ZPS*, IV, p. 76-88, 1937.** Incluso no capítulo 8 do livro *A Função do Orgasmo* (1942).

119. 1937. *Der Dialektische Materialismus in der Lebensforschung*. Bericht über die Bion-Versuche. Klinische und experimentelle Berichte aus dem Institut für sexualökonomische Lebensforschung, Nr. 5. ("O Materialismo Dialético na Pesquisa Sobre a Vida. Relatório Sobre Os Experimentos Com Os Bions. Relatórios Clínicos e Experimentais do Instituto Para Pesquisa Econômico-Sexual da Vida"). **Kopenhagen, Oslo: Sexpol Verlag, 1937, 49 + 12 pp., 7 photos / *ZPS,* IV(3)(14), pp. 137-148, 1937.** Lido em 1 de maio de 1937 na ocasião da inauguração de um laboratório operacional em Oslo. Obs: trata-se de uma explicação sobre a racionalidade e o sistema de pensamento utilizados por Reich nos experimentos sobre os bions.

120. 1937. "Einige aktuelle Fragen der zweiten Front". ("Algumas Questões Atuais Sobre O Segundo Fronte"). ***ZPS,* IV(1)(12), pp. 1-12, 1937**.

121. 1937. Jonny (pseudônimo). "Der Film 'The shape of things to come' - Zum Problem der politisch organisierten Wissenschaft". ("O Filme 'A Forma das Coisas Por Vir' – Sobre O Problema da Ciência Politicamente Organizada"). ***ZPS,* IV(1)(12), pp. 12-19, 1937.**

122. 1937. "Aus dem 'Internationalen Institut für Sexualökonomische Lebensforschung'". ("Do 'Instituto Internacional para Investigação econômico-sexual da vida'"). ***ZPS,* IV(2)(13), pp. 88-90, 1937.** Oslo, abril de 1937. Sobre o desenvolvimento do trabalho de Reich na pesquisa sobre os bions.

123. 1937. "Dialektisch-materialistische Facharbeiter contra geistige Irrlichter der sozialistischen Bewegung". ("Operários Dialético-Materialistas Contra As Ilusões do Movimento Socialista"). ***ZPS,* IV(3)(14), pp. 149-161, 1937.** Versa sobre a separação de Reich da psicanálise e dos intelectuais socialistas.

124. 1937. "Nachbemerkung zu 'Der sexuelle Kampf der Jugend'". ("Anexo Sobre O Combate Sexual da Juventude"). ***ZPS,* IV(3)(14), p. 225.** Reich se dissocia da União Soviética e do comunismo contemporâneo. Inserido no livro *O Combate Sexual da Juventude.*

125. 1937. "Antwort an Jef Last". ("Resposta a Jef Last"). ***ZPS*, IV, 1937.**

126. 1937. “Joergen Neergard”. (“Joergen Neergard”). ***ZPS*, IV, p. 65, 1937.**

127. 1937. “Arbeitsdemokratie”. (“Democracia do Trabalho”). ***Politisch-psychologishe Schriftenreihe der Sexpol*, n. 4, 1937.**

128. 1937. “Kriegsfilmsdammerung”. (“Crepúsculo dos Filmes de Guerra”). ***ZPS*, IV, p. 19-23, 1937.**

129. 1937. Institut für sexualökonomische Lebensforschung. Klinische und experimentelle Berichte herausgegeben von Wilhelm Reich: Nr. 6: *Die Bione* - Zur Entstehung des vegetativen Lebens. (“Instituto Para Pesquisa Econômico-Sexual da Vida. Relatórios Clínicos e Experimentais publicados por Wilhelm Reich: Num. 6: *Os Bions* - Sobre A Origem da Vida Vegetativa”). **Oslo, Kopenhagen, Zürich: Sexpol Verlag (Feb.) 1938, XIV + 205 pp., 18 plates.** Concluído em outubro de 1937. Traduzido para o inglês e publicado como *The Bion Experiments*.

1938

130. 1938. "Lied der Jugend". (“Canção da Juventude”). ***ZPS,* V(1)(15), pp. 1-3, 1938.** Traduzido para o inglês e publicado no livro *Children of the Future*.

131. 1938. "Selbstverständlichkeiten". (“Naturalidade”). ***ZPS,* V(1)(15), pp. 4-6, 1938.**

132. 1938. "Die drei Grundelemente des religiösen Gefühls". (“Os Três Elementos Fundamentais do Sentimento Religioso”). ***ZPS,* V(1)(15), pp. 7-13.** Incluso em *Psicologia de Massas do Fascismo*.

133. 1938. "Forslag til offentlig kontroll av bion-forsoekene". (“Proposta Para O Controle Público dos Experimentos com Os Bions”). ***Aftenposten*, 27. April 1938.** Reação à campanha lançada pela imprensa contra o livro de Reich *Die Bione.* Descrito em: Sharaf: *Fury on Earth*, New York 1983, p. 228.

134. 1938. *Die sexuellen Rechte der Jugend.* (“Os Direitos Sexuais dos Jovens”). Distribuído privadamente, versão revisada de *O Combate Sexual da Juventude*. A primeira tradução para o inglês foi publicada em: *Children of the Future*. Incluso em *O Combate Sexual da Juventude.*

135. 1938. von einem Laboratoriumsarbeiter (Wilhelm Reich). *Die natürliche Organisation der Arbeit in der Arbeitsdemokratie*. Politisch-Psychologische Schriftenreihe der Sex-Pol, Nr. 4. (“Por um Trabalhador do Laboratório (Wilhelm Reich). A Organização Natural do Trabalho na Democracia do Trabalho. Série Político-Psicológica da Sexpol, Num. 4”). **Oslo: Sexpol-Verlag, (Jan.) 1939, 83 pp.** Apenas como manuscrito, não foi publicado para venda.

136. 1938. *Bion-Experimente zum Krebsproblem.* ("Experimentos com Bions sobre O Problema do Câncer"). Resumo de uma aula conferida na Sociedade Norueguesa dos Estudantes de Medicina, em Oslo, em Junho de 1938. Com anotações referentes ao período de 1936 a 1938. Contém 38 micro-photos.

1939

137a. 1939. *Drei Versuche mit Gummi am statischen Elektroskop*. Klinische und experimentelle Berichte aus dem Institut für sexualökonomische Lebensforschung Nr. 7. ("Três Experimentos com Borracha no Eletroscópio Estático. Relatórios Clínicos e Experimentais do Instituto Para Pesquisa Econômico-Sexual da Vida, Num. 7"). **Rotterdam, Oslo, Kopenhagen: Sexpol Verlag, 1939, 28 pp.** Oslo, julho de 1939.

137b. 1939. "Three Experiments with Rubber At the Electroscope (1939)". ("Três Experimentos com Borracha no Eletroscópio"). ***OEB,*** **III(3), July 1951, pp. 144-145.** Traduzido do alemão para o inglês por Myron R. Sharaf.

138. 1939. "Vegetotherapiens Nuvaerende stilling till Psykoanalysen" (título em norueguês). ("Economia Sexual e Vegetoterapia em relação à Psicanálise"). ***Klinisk og pedagogisk Tidsskrift for seksualoekonomi,*** **I(1), pp. 5-7, 1939.** Manuscrito original em alemão intitulado "Sexualökonomie und Vegetotherapie im Verhältnis zur Psychoanalyse". Incluso no livro *Reich Fala de Freud.*

1940

139. 1937-1940. *The Discovery of the Orgone* - Vol.1: The Function of the Orgasm - Sex-economic Problems of Biological Energy. ("*A Descoberta do Orgone* – Vol. 1: A Função do Orgasmo – Problemas Econômico-Sexuais sobre a Energia Biológica). **New York: Orgone Institute Press, (Maio) 1942, XXXVI + 368 pp**. Escrito, em sua maioria, entre 1937 e 1940. O título original do manuscrito em alemão: "Das Lebendige" ("Os vivos"). Traduzido por Theodore P. Wolfe. Livro com tradução oficial para o português, intitulado *A Função do Orgasmo: Problemas Econômico-Sexuais da Energia Biológica.*

1941

140. 1941. von einem Laboratoriumsarbeiter (Wilhelm Reich). *Weitere Probleme der Arbeitsdemokratie*. Politisch-psychologische Schriften No. 5. ("por um Trabalhador do Laboratório (Wilhelm Reich). *Outros Problemas da Democracia do Trabalho*. Escritos Político-Psicológicos, Num. 5"). **Europe (Rotterdam: Sexpol-Verlag), April 1941, 81 pp**. Foi escrito apenas como manuscrito, não foi publicado para a venda. Prefácio de Agosto de 1940.

141. 1941. "The Attitude of Mechanistic Natural Science to the Life Problem". ("A Atitude da Ciência Natural Mecanicista para com O Problema da Vida"). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 4, Summer 1992, pp. 52-63**. Escrito em novembro 1941.

142. 1941. "Biophysical Functionalism and Mechanistic Natural Science". ("Funcionalismo Biofísico e Ciência Natural Mecanicista"). ***IJSO,*** **I(2), July 1942, pp. 97-107.** Escrito em novembro de 1941. Traduzido do alemão para o inglês por Theodore P. Wolfe. Trata do que Reich denominou de "irracionalismo na luta contra a ciência natural". Também publicado em: *The Journal of Orgonomy*, May 1974.

143. 1941. "Thermical and Electroscopical Orgonometry. The Discovery of the Orgone, Part 2". ("Orgonometria Térmica e Eletroscópica. A Descoberta do Orgone Parte 2"). ***IJSO,*** **III(1), March 1944, pp. 1-16**. Concluído em outubro de 1941. Incluso em *A Biopatia do Câncer* - cap. 4 "A Demonstração Objetiva da radiação de orgone" - item 4 "O Acumulador de Orgone", a partir do sub-item "Mensuração térmica da energia orgone atmosférica (orgonometria térmica)" pg. 116-144.

1942

144. 1942. "About the History and the Activities of our Institute". ("Sobre a História e as Atividades do nosso Instituto"). ***IJSO,*** **I(1), March 1942, pp. 1-10.** Manuscrito alemão intitulado "Aus der Geschichte und Tätigkit unseres Instituts".

145. 1942. "The Orgasm Reflex. A Case History". ("O Reflexo do Orgasmo: Um Estudo de Caso"). ***IJSO,*** **I(1), March 1942, pp. 55-64.** Provavelmente escrito antes. Incluso no livro *A Função do Orgasmo* - cap. 8 - item 3: "O reflexo do orgasmo – a história de um caso" pp. 263-279. O restante do cap. 8 provavelmente trata-se do artigo 118 de 1937).

146. 1942. "Sex-Economy and Medicine". ("Economia Sexual e Medicina"). ***IJSO,*** **I(1), March 1942, pp. 94-95.**

147a. 1942. "Die Entdeckung des Orgons. Experimentelle Untersuchungen über die biologische Energie". ("A Descoberta do Orgone: Investigação Experimental da Energia Biológica"). ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie,*** **vol. I, no. 2, April 1951, pp. 49-80 e vol. I, no. 3, February 1952, pp. 143-155.** Concluído em Agosto de 1941. Manuscrito de Fevereiro de 1942. Esse artigo foi dividido nos seguintes capítulos do livro *A Biopatia do Cancer*: cap. 1; cap 2 (a parte de conclusão/resumo); cap 3 (itens 2 e 3) e cap. 4 (itens 1, 2 e 3). Muito provavelmente, seu conteúdo está integralmente incluso no referido livro.

147b. 1942. "The Discovery of the Orgone. Experimental Investigations of Biological Energy". ("A Descoberta do Orgone: Investigação Experimental da Energia Biológica"). ***IJSO,*** **I(2), July 1942, pp. 108-130.**

148a. 1942. "Die Krebs-Schrumpfungs-Biopathie". ("A Biopatia Carcinomatosa do Encolhimento"). ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie,* I(3), February 1952, pp. 101-142**. Concluído em 10 de Fevereiro de 1942. Corresponde ao capítulo 5 do livro *A Biopatia do Câncer*.

148b. 1942. "The Carcinomatous Shrinking Biopathy". ("A Biopatia Carcinomatosa do Encolhimento"). ***IJSO,* I(2), July 1942, pp. 131-155.** Também publicado em: *The Journal of Orgonomy*, Nov. 1972.

149. 1942. "Sex-Economy and Everyday Life: character armor in everyday life". ("Economia Sexual e Vida Cotidiana: Couraça do Caráter na Vida Cotidiana"). ***IJSO,* I(2), July 1942, pp. 175-176.**

150. 1942. "Physiological Anchoring of Psychic Conflicts". ("Ancoragem Fisiológica de Conflitos Psíquicos"). ***IJSO,* I(2), July 1942, pp. 177-179.**

151. 1942. "Warning Against the Application of Sex-Economic Knowledge". ("Advertência Contra a Aplicação do Conhecimento Economico-Sexual"). ***IJSO,* I(2), July 1942, p. 192.**

152a. 1942. "Die natürliche Organisation von Protozoen aus Orgon Energie Bläschen ('Bione'). Experimentelle Grundlage zum Verständnis der Krebs-Biopathie". ("A Organização Natural do Protozoário a partir de Vesículas de Energia"). ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie* I(4), March 1953, pp. 157-197.** Concluído em Abril de 1942. Corresponde aos seis primeiros itens do capítulo 2 do livro *A Biopatia do Câncer*.

152b. 1942. "The Natural Organisation of Protozoa from Orgone Energy Vesicles (Bions). Experimental Groundwork for an Understanding of Cancer Biopathy". ("A Organização Natural do Protozoário a partir de Vesículas de Energia. Base Experimental para a Compreensão da Biopatia do Câncer"). ***IJSO,* I(3), November 1942, pp. 193-225.** Também publicado em: *The Journal of Orgonomy*, 1973.

153. 1942. "Disastrous Fads in Infant Upbringing". ("Fatos Desastrosos na Educação Infantil"). ***IJSO,* I(3), November 1942, pp. 276-278.** Manuscrito em alemão intitulado "Mißhandlung von Säuglingen". Idêntico ao capítulo "The Maltreatment of Infants" do livro *Children of the Future*, pp. 136-139.

154. 1942. "On the Technique of Irrationalism in Social Life". ("Sobre a Técnica do Irracionalismo na Vida Social"). ***IJSO,* I(3), November 1942, pp. 280-281.** Versão resumida de 155.

155. 1942. "Open Season on Truth". ("Temporada Aberta sobre A Verdade"). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 5, Summer 1994, pp. 67-88.** 154 é uma versão muito resumida desse ensaio. Escrito após a detenção de Reich em Ellis Island. Manuscrito alemão intitulado "Freiwild Wahrheit".

156. 1936-1942. "Wrong Thinking Kills". ("Pensar Errado Mata"). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 2, Fall 1990, pp. 34-43.** É possível que algumas partes tenham sido escritas em 1936.

157. 1942. "The Biological Miscalculation in the Human Struggle for Freedom". ("O Erro de Cálculo Biológico na Luta do Homem pela Liberdade"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, pp. 97-121.** Concluído em julho de 1942. Corresponde ao capítulo 12 do livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (3ª Edição). Esse artigo é uma sessão de um livro planejado, que seria intitulado *Natural Work Democracy* ("Democracia Natural do Trabalho"), que não chegou a ser concluído.

158. 1940-1942. "Some Mechanisms of the Emotional Plague". ("Alguns Mecanismos da Peste Emocional"). ***IJSO,* IV(1), April 1945, pp. 34-53.** O manuscrito original, em alemão, não foi publicado. Traduzido por T.P. Wolfe. Corresponde ao capítulo 16 do livro *Análise do Caráter* (3ª Edição).

1943

159. 1943. "Experimental Orgone Therapy of the Cancer Biopathy (1937-1943)". ("Orgonoterapia Experimental da Biopatia do Câncer"). ***IJSO,* II(1), pp. 1-92.** Concluído em janeiro de 1943. Esse artigo foi dividido e integra os conteúdos dos capítulos 4, 5, 6, 7, 8 e 10 do livro *A Biopatia do Câncer*. Para a *erratum* ver *IJSO* II(2,3), p. 189.

160. 1943. "Give Responsibility to Vitally Necessary Work". ("Dar Responsabilidade ao Trabalho Vitalmente Necessário!"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, pp. 93-96.** 30 de julho de 1943. Corresponde ao capítulo 11 do livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (3ª Edição), p. 293-298.

161. 1943. "Work Democracy Versus Politics. The Natural Forces for the Mastery of the Emotional Pest". ("Democracia do Trabalho Versus Política. As Forças Naturais para a Superação da Peste Emocional"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, pp. 122-140.** Incluso no livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (3ª Edição) - cap. 13 "Sobre a democracia natural do trabalho" p. 341-374. Esse artigo é uma sessão do livro *Natural Work Democracy*, que não chegou a ser concluído.

162. 1943. "Abolition of Co-Education in Soviet Russia". ("Abolição da Co-educação na Rússia"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, pp. 193-194.** Manuscrito alemão intitulado "Die Aufhebung der Co-Education in der Sowjetunion".

163. 1943. "Notice from the Orgone Institute Regarding Orgone Accumulators". ("Comunicado do Instituto Orgone Sobre os Acumuladores de Orgone"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, pp. 194-197.** Trata-se de uma nota sobre o modo de distribuição do acumulador.

164. 1943. "Warning Against the Misinterpretation of 'Sexual Health'". ("Advertência Contra a Má Interpretação de Saúde Sexual"). ***IJSO,* II(2,3), September 1943, p. 197.**

1944

165. 1944. "Rational and Irrational Discussion of Orgone Biophysics". ("Discussão Racional e Irracional sobre Biofísica Orgone"). ***IJSO,* III(1), March 1944, pp. 74-79.**

166. 1944. "A Sex-Economic Prediction come True". ("Uma Profecia Econômico-Sexual Se Torna Realidade"). ***IJSO,* III(1), March 1944, p. 80**. Manuscrito alemão: "Eine getroffene sexualökonomische Voraussage". Nota sobre a inclusão de mulheres nas forças armadas.

167. 1939-1944. "Orgonotic Pulsation. The differentiation of the orgone energy from electromagnetism. Presented in talks with an electrophysicist". ("Pulsação Orgonótica: A Diferenciação da Energia Orgone do Eletromagnetismo. Apresentada na forma de uma conversa com um eletrofísico"). ***IJSO,* III(2,3), October 1944, pp. 97-150.** Também publicado em ***Orgonomic Functionalism* Vol. 3, 1991-Vol. 5, 1994**. Manuscrito alemão intitulado: "Die orgonotische Pulsation: zur Abgrenzung der Orgonenergie vom Elektromagnetismus dargestellt in Gesprächen mit einem Elektrophysiker". Inclui os seis primeiros capítulos.

168. 1939-1944. "Orgonotic Pulsation. The differentiation of the orgone energy from electromagnetism, presented in talks with an electrophysicist". ("Pulsação Orgonótica: A Diferenciação da Energia Orgone do Eletromagnetismo. Apresentada na forma de uma conversa com um eletrofísico"). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 6. Summer 1996, pp. 22-35**. Continuação direta de **167**. Inclui o cap. 7 "Orgonotic Attraction and the Electro-Magnetic-Orgonotic Force System (EMO Force System): A Hypothesis". Janeiro de 1942. "Atração orgonótica e o sistema de força eletro-magnético-orgonótico".

169. 1936 e 1944. "The 'Living Productive Power, Working Power' of Karl Marx". ("A Força de Produção Viva, 'Força de Trabalho' de Karl Marx"). ***IJSO,* III(2,3), October 1944, pp. 151-164**. Escrito parcialmente em 1936 e parcialmente em 1944. Concluído em julho de 1944. Incluso no livro *People in Trouble*.

170. 1944. "The Orgone Energy in Early Scientific Literature". ("A Energia Orgone no Início da Literatura Científica"). ***IJSO,* III(2,3), October 1944, pp. 191-195**.

171. 1937 e 1944. *Die Funktion des Orgasmus*. Segunda edição revisada em 1937 e 1944. Publicado em inglês como *Genitality in the Theory and Therapy of Neurosis.* ("Genitalidade na Teoria e na Terapia da Neurose"). **New York 1980**. Traduzido por Philip Schmitz. **Publicação póstuma**.

172. 1944. "Anorgonia in the Carcinomatous Shrinking Biopathy. A Contribution to the Problem of Cancer Prevention". ("Anargonia na Biopatia Carcinomatosa de Encolhimento.

Uma Contribuição para o Problema da Prevenção do Câncer”). ***IJSO,* IV(1), April 1945, pp. 1-33.** Concluído em outubro de 1944. Corresponde ao capítulo 9 do livro *A Biopatia do Câncer*.

173. 1944. "Work Democracy in Action". (“Democracia do Trabalho em Ação”). ***Annals of the Orgone Institute,* I, 1947, pp. 4-35.** Concluído em agosto de 1944.

174. 1940-44; 1950-52. *The Einstein Affair.* (“O Caso Einstein”). **Orgonon, Rangeley, Maine: Orgone Institute Press, (Spring) 1953.** Obs: Material biográfico do período americano 1939-1952. Incluso parcialmente no livro *American Odyssey*. O documento se constitui, em sua maioria, de diversas cartas entre Reich e Einstein dos anos de 1940 a 1944, algumas notas de 1950 e 1952 e uma matéria de jornal sobre o ex-assistente de Reich.

1945

175. 1945. "Orgone Biophysics, Mechanistic Science and 'Atomic' Energy". (“Biofísica Orgone, Ciência Mecanicista e ‘Energia Atômica’”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 129-132.** Manuscrito de junho de 1945.

176. 1945. "Is the Orgone Atomic Energy?". (“O Orgone É A Energia Atômica?”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 202-203.**

177. 1945. "On Using the Atomic Bomb". (“Sobre O Uso da Bomba Atômica”). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 2, Fall 1990, pp. 44-49.** Escrito em 10 de agosto de 1945.

178. 1945. "Experimental Demonstration of the Physical Orgone Energy: Preliminary Communication". (“Demonstração Experimental da Energia Orgone Física: Comunicação Preliminar”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 133-146**. Junho de 1945. Traduzido por T.P. Wolfe. Incluso no segundo capítulo (de “Experimento XX” em diante) e nos itens 5 e 6 do quarto capítulo do livro *A Biopatia do Câncer*.

179. 1934 e 1945. "The Developement of the Authoritarian State Apparatus from Rational Social Interrelationships". (“O Desenvolvimento do Aparelho do Estado Autoritário a partir das Relações Sociais Racionais”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 147-155**. Traduzido por T.P. Wolfe. Parcialmente escrito em 1934. Incluso no livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (3ª Edição) – capítulo nove “As Massas e o Estado” - itens “O Desenvolvimento do Aparelho do Estado Autoritário a partir das Relações Sociais Racionais” e “A Função Social do Capitalismo de Estado” p. 251-268.

180. 1945. "A Note from the History of Science". (“Uma Nota da História da Ciência”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 210-212.** Sobre Eve Curie: *Madame Curie*. A Biographie, New York 1937.

181. 1945. "The Position of Sex-Economy: A Clarification". (“A Posição da Economia-Sexual: Um Esclarecimento”). ***IJSO,* IV(2,3), November 1945, pp. 212-213**. Nota. Relacionado com Psicanálise e Marxismo.

182. 1945. "In Memoriam. Fritz Brupbacher. 1874-1945". (“Em Memória: Fritz Brupbacher”). ***Annals of the Orgone Institute,* I, 1947, pp. 140-141.** Dezembro de 1945.

1946

183. 1946. *The Mass Psychology of Fascism*. (“Psicologia de Massas do Fascismo”). Terceira edição revisada e ampliada. **New York: Orgone Institute Press, (Spring) 1946, XXIV + 344 pp.** Tradução de Theodore P. Wolfe. Prefácio de Agosto de 1945. Capítulos 1-8 revisados da versão de 1933**.** O capítulo 7, inclui o artigo “Os Três Elementos Fundamentais do Sentimento Religioso” de 1938. O capítulo 9 “As Massas e o Estado” foi escrito em 1935 e revisado em 1944. O restante dos capítulos 10, 11, 12 e 13 são de 1943.

184. 1943-1946. "Orgone Functions in Weather Formation". (“Funções do Orgone na Formação do Tempo”). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 4, Summer 1992, pp. 41-51**. Primeira versão escrita no verão de 1943. Revisado e expandido no verão de 1946.

185a. 1946. "Sympathisches Verstehen". (“Uma Nota sobre O ‘Entendimento do Simpático’”). In: Hoppe: *Wilhelm Reich und andere grosse Männer der Wissenschaft im Kampf mit dem Irrationalismus*, **München 1984, pp. 513-520.** Manuscrito de 1946.

185b. 1946. “A Note on "Sympathetic Understanding”. (“Uma Nota sobre O ‘Entendimento do Simpático’”). ***Orgonomic Functionalism,* Vol. 1, Spring 1990, pp. 75-82**.

186. 1946. *Listen, Little Man!*. (“Escuta, Homenzinho!”). **New York: Orgone Institute Press, (Summer) 1948, 126 pp.** Traduzido do alemão para o inglês por Theodore P. Wolfe. Pequeno livro escrito no verão de 1946, também, intitulado "Talk With the Little Man" ou "Speech to the Little Man.". Traduzido e publicado em português como *Escuta, Zé Ninguém!*.

187. 1946. "'Dowsing' as an Object of Orgonomic Research (1946)". (“‘Dowsing’ (‘Radiestesia’) como um Objeto da Pesquisa Orgonômica”). ***OEB,* III(3), July 1951, pp. 139-144.** Incluso no artigo número 193 (adiante).

1947

188. 1947. "A Warning Repeated". (“Um Aviso Que Se Repete”). ***Annals of the Orgone Institute,* I, 1947, pp. 127-128.** Ver artigo 151.

189. 1947. "The Evasiveness of Homo Normalis". (“A Fuga do Homo Normalis”). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 3, Summer 1991, pp. 64-91.** Obs: Trata do princípio de funcionamento comum da estrutura de caráter do “Homo Normalis”, ou seja, evitar o contato.

190. 1944-1947. "The Meaning of 'Disposition to Disease'". (“O Significado de ‘Disposição para a Doença’”). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 6. Summer 1996, pp. 72-75.** De acordo com os editores escrito em 1944, contudo como o contador Geiger é mencionado, possivelmente foi escrito em 1947.

191. 1947. *Ether, God and Devil.* (“O Éter, o Deus e o Diabo”). **New York: Orgone Institute Press, 1949.** Também publicado como: Orgonomic Functionalism, Part I: *Ether, God & Devil.* ***Annals of the Orgone Institute*****, No. 2., 1949.** Capítulos 1 ao 4 traduzidos por Myron Sharaf. Manuscrito em alemão intitulado "Orgonomischer Funktionalismus," Part 1. O Capítulo 6 “Cosmic Orgone Energy and Ether” foi publicado separadamente em: "Cosmic Orgone Energy and 'Ether'" ***OEB*** **I(4), October 1949, pp. 143-159.** Escrito no verão de 1947. Livro com tradução oficial para o português.

192a. 1947. "Orgonomic Functionalism, Part II. On the Historical Development of Orgonomic Functionalism (Cont.)". (“Funcionalismo Orgonômico Parte II: Sobre o Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico”). ***OEB,*** **II(1), January 1950, pp. 1-15;** ***OEB,*** **II(2), April 1950;** ***OEB,*** **II(3), July 1950;** ***OEB*** **IV(4), October 1952, pp. 186-196 e** ***OEB,*** **IV(1), January 1952, pp. 1-12.** Originalmente foram escritos em alemão e traduzidos para o inglês por Myron R. Sharaf. A parte I de *Orgonomic Functionalism*, intitulada "Ether, God and Devil," apareceu no *Annals of the Orgone Institute*, No. 2. *Orgonomic Functionalism* seria o terceiro volume de um livro planejado cujo título era *The Discovery of the Orgone: Orgonometry* (“A Descoberta do Orgone Volume III: Orgonometria”).

192b. 1947. "The Developmental History of Orgonomic Functionalism". (“A História do Desenvolvimento do Funcionalismo Orgonômico”). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 1, 1990-Vol. 4, 1992.** Trata-se de uma outra tradução para o inglês de Orgonomic Functionalism, Part II, que recebeu um título ligeiramente diferente. Traduzido por Derek and Inge Jordan.

1948

193. 1948. "Orgonomic Functionalism in Non-Living Nature". “Funcionalismo Orgonômico na Natureza Não-Viva”. ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 5, 1994-Vol. 6, 1996.** Traduzido do alemão por Derek and Inge Jordan. Continuação direta de 192.

194. 1948. *The Discovery of the Orgone Vol. II*: *The Cancer Biopathy*. (“A Descoberta do Orgone Volume II: A Biopatia do Câncer”). **New York: Orgone Institute Press, (February) 1948, XXI + 409 pp. (69 photos, 27 line cuts).** Traduzido do alemão por Theodore P. Wolfe. Prefácio de Setembro de 1947. Inclui os artigos 143, 147, 148, 152, 159, 172 e 178, escritos em sua maioria entre 1941-1945. Os items 1 (cap. 3) “Absurdities of the air germ theory”, item 7 (cap. 4) “A Motor force in orgone energy”, item 3 (cap. 6) “Riddles in Traditional Cancer

Research", item 3 (cap. 8) "Five years experience with physical orgone therapy" foram escritos em 1947-48. Traduzido e publicado em português como *A Biopatia do Câncer.*

195a. 1947-1948. "Eine motorische Kraft in der Orgon Energie". ("Uma Força Motora na Energia Orgone: Comunicação Preliminar"). ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie*** **I(1), April 1950, pp. 4-9.** Com notas de rodapé de janeiro de 1950.

195b. 1947-1948. "A Motor Force in Orgone Energy: Preliminary Communication". ("Uma Força Motora na Energia Orgone: Comunicação Preliminar"). ***OEB,*** **I(1), January 1949, pp. 7-11.** Com notas de rodapé de 1949. Declarações de 11 de agosto de 1947, de 25 de março de 1948 e de 5 de junho de 1948.

196. 1948. *Character Analysis*. ("Análise do Caráter"). Terceira edição expandida. **New York: Orgone Institute Press, (Junho) 1949, XXVI + 516 pp.** Prefácio da 3a edição de dezembro de 1948. Obs: Partes I e II escritas entre 1926 e 1932. Capítulo 13 "Contato Psíquico e Corrente Vegetativa" escrito em 1934. Cap. 16 "A Peste Emocional" escrito 1940-1942. Cap. 14 "A Linguagem Expressiva da Vida" escrito no inverno de 1948. Cap. 15 "A Cisão Esquizofrênica" escrito entre agosto e setembro de 1948. Livro com tradução oficial para o português.

1949

197. 1949. "Orgonometric Equations: 1. General Form". ("Equações Orgonometricas 1: Forma Geral"). ***OEB,*** **II(4), October 1950, pp. 161-183.** Maio de 1949. Continuação direta de 192.

198. 1949. "Orgonotic Light Functions 1: Searchlight Phenomena in the Orgone Envelope of the Earth (1942-1944)". ("Funções Orgonóticas da Luz 1: O Fenômeno Holofote no Envolope de Orgone da Terra (1942-1944)"). ***OEB,*** **I(1), January 1949, pp. 3-6.** Manuscrito alemão intitulado: "Scheinwerferphänomene in der Erdorgonhülle". Parcialmente idêntico a 193.

199. 1949. "Orgonotic Light Functions 2: An X-Ray Photograph of the Excited Orgone Energy Field of the Palms (1944)". ("Funções Orgonóticas da Luz 2: Uma Fotografia em Raio-X do Campo de Energia Orgone Excitado das Palmas das Mãos (1944)"). ***OEB,*** **I(2), April 1949, pp. 49-51.** Manuscrito em alemão intitulado "Eine Röntgenphotographie des erregten Orgonenergiefeldes der Hände".

200. 1949. "Orgonotic Light Functions 3: Further Physical Characteristics of VACOR Lumination (1948)". ("Funções Orgonóticas da Luz 3: Outras Características Físicas da Luminação VACOR"). ***OEB,*** **I(3), July 1949, pp. 97-99.** Janeiro de 1949, com nota de 7 de abril de 1949.

201. 1949. "Some Basic Principles of Our Social Attitude". ("Alguns Princípios Básicos de Nossa Atitude Social"). ***OEB,*** **I(2), April 1949, pp. 83-84.**

202. 1949. "A Psychoanalytic Dilemma". ("Um Dilema Psicanalítico"). ***OEB,* I(2), April 1949, pp. 85-86.**

203. 1949. "Public Responsibility in the Early Diagnosis of Cancer". ("Responsabilidade Pública no Diagnóstico Precoce de Câncer"). ***OEB,* I(3), July 1949, pp. 110-116.**

204. 1949. "A Dilemma in Social Self-Government". ("Um Dilema no Auto-Governo Social"). ***OEB,* I(3), July 1949, pp. 124-127.**

205. 1949. "On Criticism of the Critic". ("Sobre o Criticismo da Crítica"). ***OEB,* I(3), July 1949, p. 130.**

206. 1949. "A Clarificatiom". ("Um Esclarecimento"). ***OEB,* I(3), July 1949, pp. 130-131.**

207. 1949. "A Note on Basic Natural-scientific Research". ("Uma Nota sobre Pesquisa Científica-Natural Básica"). ***OEB,* I(4), October 1949, pp. 184-185.**

208. 1949. "Preface to the 4th Edition". ("Prefácio à 4a edição de A Revolução Sexual"). ***The Sexual Revolution*. Toward a Self-Governing Character Structure, 4th Edition, New York: Farrar, Straus and Cudahy 1962.** Escrito em março de 1949.

209. 1949. "Vorwort". ("Prefácio"). ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie,* I(1), April 1950, pp. 1-3.** Novembro de 1949.

1950

210. 1950. "Complete Orgonometric Equations". ("Equações Orgonométricas Completas"). ***OEB,* III(2), April 1951, pp. 65-71.** Dezembro de 1950. Continuação direta de 197.

211. 1950. "Note on Electroscopic Orgonometry". ("Uma Nota sobre Orgonometria Eletroscópica"). ***OEB,* II(1), January 1950, p. 47.**

212. 1950. "A Warning". ("Um Alerta"). ***OEB,* II(2), April 1950, p. 93.** Uma nota sobre pessoas se passando por médicos orgonoterapeutas treinados.

213. 1950. "Note on 'Critics' Again". ("Uma Nova Nota sobre 'Críticas'"). ***OEB,* II(2), April 1950, pp. 94-95.**

214. 1950. "Our Biosocial Base of Operation". ("Nossa Base Biosocial de Operação"). ***OEB,* II(3), July 1950, pp. 97-98.**

215. 1950. "Introduction: Misconceptions of the orgasm function". (“Introdução: Equívocos sobre a função do orgasmo”). ***OEB,* II(3), July 1950, pp. 99-104.** Introdução ao capítulo nove: “The four-beat of the orgasm function = the life formula”, pp. 104-111, do texto Sobre O Desenvolvimento Histórico do Funcionalismo Orgonômico.

216. 1950. "Orgonomic and Chemical Cancer Research - A Brief Comparison". (“A Pesquisa Orgonômica e Química sobre o Câncer: Uma Breve Comparação”). ***OEB,* II(3), July 1950, pp. 139-142.**

217. 1950. "Orgonomy 1935-1950: A Brief Review (I)". (“Orgonomia 1935-1950: Uma Breve Revisão (I)”). ***OEB,* II, July 1950, pp. 143-151.**

218. 1950. "Orgonomic Literature Ordered from Russia". (“Literatura Orgonômica Solicitada da Rússia”). ***OEB,* II(3), July 1950, pp. 152-154.**

219. 1950. "On Scientific 'Control'". (“Sobre o ‘Controle’ Científico”). ***OEB,* II(3), July 1950, p. 155.**

220. 1950. "On the Record". (“Para Registrar”). ***OEB,* II(3), July 1950, pp. 159-160.**

221. 1950. "Meteorological Functions in Orgone-Charged Vacuum Tubes. Preliminary Communication". (“Funções Meteorológicas em Tubos de Vácuo Carregados com Orgone: Comunicação Preliminar”). ***OEB,* II(4), October 1950, pp. 184-193.**

222. 1950. "Children of the Future. I. Report on the Orgonomic Infant Research Center, given by Wilhelm Reich at the 2nd International Orgonomic Conference, Aug. 25, 1950". (“Crianças do Futuro. 1o Relatório do Centro de Pesquisa Orgonômica de Crianças conferido por Wilhelm Reich na 2ª Conferência Internacional de Orgonomia, em 25 de Agosto de 1950”). ***OEB,* II(4), October 1950, pp. 194-206.** Junho de 1950. Incluso no livro *Children of the Future*.

223. 1950. "Armoring in a Newborn Infant". (“Encouraçamento numa Criança Recém-Nascida”). ***OEB,* III(3), July 1951, pp. 121-138.** Novembro de 1950. Continuação de 222. Incluso no livro *Children of the Future*.

224. 1950. "The Orgone Energy Observatory (1948)". (“O Observatório de Energia Orgone (1948)”). ***OEB,* II(4), October 1950, pp. 217-219.**

225. 1950. "Correction Regarding a 'Control' of Reich's Cancer Experiments". (“Correção sobre o ‘Controle’ nos Experimentos sobre o Câncer de Reich”). ***OEB,* II(4), October 1950, pp. 222-224.** Obs: trata de comentários negativos do livro da Dra. Clara Thompson: *Psychoanalysis: Evolution and Development*, 1950, e sobre a tentativa malograda do Dr. T. Hauschka's de replicar um dos experimentos com os bions, sem usar os procedimentos corretos descritos por

Reich.

226. 1950. "The Oranur Project. The Orgonomic Anti-Nuclear Radiation Project (Oranur)". ("O Projeto ORANUR: O Projeto de Radiação Orgonômica Anti-Nuclear"). ***Orgone Energy Emergency Bulletin,*** **Number 1, December 1950, 12 pp.**

227. 1950. *Children of the Future.* ("Crianças do Futuro"). **New York 1983, pp. 5-113. Livro publicado postumamente.** Maior parte dos capítulos escritos durante 1950, na última edição inclui artigos sobre educação sexual da década de 1930.

228. 1950. "The Biological Revolution from Homo Normalis to the Child of the Future". ("A Revolução Biológica do Homo Normalis para a Criança do Futuro"). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 1, Spring 1990, pp. 30-74.** Manuscrito original em alemão: "Die biologische Revolution vom Homo Normalis zum Kind der Zukunft". Traduzido por Derek e Inge Jordan.

229. 1950. "Functional Thinking. A Discussion with Wilhelm Reich". ("Pensamento Funcional: Uma Conversa com Wilhelm Reich"). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 1, Spring 1990. pp. 100-112.** Uma conversa de Reich com seus alunos, 8 e 12 de agosto de 1950.

230. 1950. "Man's Roots in Nature". ("As Raízes do Homem na Natureza"). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 2, Fall 1990, pp. 50-74.** Uma conversa ocorrida na Segunda Convenção Internacional de Orgonomia em 26 de agosto de 1950.

231. 1949-1950. "Processes of Integration in the Newborn and the Schizophrenic". ("Processos de Integração em um Recém-Nascido e em um Esquizofrênico"). ***Orgonomic Functionalism,*** **Vol. 6, Summer 1996, pp. 51-71.** Transcrição de uma aula que Reich proferiu aos alunos medicos em 1949 ou 1950.

232. 1950. "'Cancer Cells' in Experiment XX". ("'Células Cancerígenas' no Experimento XX"). ***OEB,*** **III(1), January 1951, pp. 1-3.** Maio de 1950.

233a. 1950. A Letter of Wilhelm Reich to The Wilhelm Reich Foundation. "The Anti-Nuclear Radiation Effect of Cosmic Orgone Energy". ("Uma Carta de Wilhelm Reich para a Fundação Wilhelm Reich. O Efeito Anti-Nuclear da Energia Orgone Cósmica"). ***OEB,*** **III(1), January 1951, pp. 61-63.** 6 de setembro de 1950. Incluso no texto número 226 ("The ORANUR Project").

233b. 1950. Für die Wilhelm Reich Foundation, Dr. Wilhelm Reich, Präsident. "Die antinukleäre Strahlungswirkung der kosmischen Orgon Energie". ***Internationale Zeitschrift für Orgonomie,*** **I(2), April 1951, pp. 96-99.** Tradução para o alemão de 233a.

234. 1950. "The Storm of Nov. 25th and 26th, 1950". ("A Tempestade de 25 e 26 de Novembro de 1950"). ***OEB,*** **III(2), April 1951, pp. 72-75.** Novembro de 1950.

235. 1950. "The Leukemia Problem: Approach". (“O Problema da Leucemia: Uma Abordagem”). ***OEB,* III(2), April 1951, pp. 76-80.** 1 de dezembro de 1950.

236. 1950. "Rules to Follow in Basic Research". (“Regras para Seguir na Pesquisa Básica”). ***OEB,* III(1), January 1951, pp. 63-64.**

237. 1950. "Orgonomic Diagnosis of Cancer Biopathy". (“Diagnóstico Orgonômico da Biopatia do Câncer”). ***OEB* IV(2), April 1952, pp. 66-128. Também publicado como:** Based on a course on cancer given by Wilhelm Reich, M.D., Compiled by Chester M. Raphael, M.D., and Helen E.MacDonald, Ph.D. *Orgonomic Diagnosis of Cancer Biopathy*, **Rangeley, Maine: The Wilhelm Reich Foundation, 1952.** Curso ministrado durante julho e agosto de 1950. Baseado num curso sobre câncer ministrado por Wilhelm Reich, M.D., compilado por Chester M.Raphael, M.D., e Helen E.MacDonald, Ph.D.

1951

238. 1951. *Cosmic Superimposition*. Man's Orgonotic Roots in Nature. (“Superposição Cósmica. As Raízes Orgonóticas do Homem na Natureza”). **Rangeley, Maine: The Wilhelm Reich Foundation, (November) 1951, 130 pp. (12 photos, 39 line cuts).** Elaboração de uma aula apresentada na Segunda Convenção de Orgonomia em 26 de agosto 1950. É provável que o segundo capítulo seja de 1950 e o quarto capítulo de 1946. Livro com tradução oficial para o português, publicado como *O Éter, Deus e o Diabo* seguido de *A Superposição Cósmica*.

239. 1951. *The Orgone Energy Accumulator*. Its Scientific and Medical Use. (“O Acumulador de Energia Orgone: O Seu Uso Científico e Médico”). **Rangeley, Maine: The Wilhelm Reich Foundation, (June) 1951, 56 pp. (26 photos).** Livreto.

240. 1951. *Construction of a Three-Fold Orgone Energy Accumulator and a Five-Fold "Shooter".* (“Construção de um Acumulador de Energia Orgone de Três Camadas e de um ‘Disparador’ de Cinco Camadas”). **The Wilhelm Reich Foundation, Rangeley, Maine, 1951, 10 pp.** Livreto.

241. 1951. *How to Use the Orgone Energy Accumulator.* (“Como Usar o Acumulador de Energia Orgone”). **The Wilhelm Reich Foundation, Accumulator Department, 4 p.**

242. 1951. *The ORANUR Experiment*. First Report (1947-1951). (“O Experimento ORANUR. Primeiro Relatório (1947-1951)”. **Rangeley: The Wilhelm Reich Foundation, 1951, 160 pp.** Também publicado como**:** "The ORANUR Experiment. First Report (1947-1951)". ***OEB,* III(4), October 1951, pp. 185-344**. Publicado na edição de outubro de 1951 de *OEB*. Obs: O segundo capítulo escrito em 1950, o terceiro capítulo em 1947 e o quarto capítulo em 1948.

243. 1951. "'Discovery of Life' in Russia". ("'Descoberta da Vida' na Rússia".). ***OEB,* III(2), April 1951, pp. 112-113.**

244. 1951. "A Few Directions in Stormy Social Weather". ("Poucas Direções num Clima Social Tempestuoso"). ***OEB,* III(2), April 1951, pp. 114-117.**

245. "A.T. Westlake: Wanderings in the Radiesthetic Field". ("A.T. Westlake: Passeio no Campo da Radiestesia"). ***OEB* III(2), April 1951, pp. 118-119**.

246. 1951. "Wilhelm Reich on the Road to Biogenesis (1935-39)". ("Wilhelm Reich a Caminho da Biogênese (1935-39)"). ***OEB* III(3), July 1951, pp. 146-162.** Incluso no livro *People in Trouble*.

247. 1951. "Our Independence". ("Nossa Indepedência"). ***OEB,* III(3), July 1951, pp. 181-183.**

248. 1951. "'Air Germs'". ("Germes no ar"). ***OEB,* III(3), July 1951, pp. 183-184.**

249. 1951. "Corroboration of Orgone Biophysics". ("Corroboração da biofísica orgômica"). ***OEB,* III(3), July 1951, p. 184.**

250. 1951. The Emotional Plague of Mankind, Vol. I: *The Murder of Christ.* ("A Peste Emocional da Humanidade Volume I: O Assassinato de Cristo"). **Rangeley: Orgone Institute Press, (Spring) 1953, XVI + 228 pp.** Escrito entre junho e agosto de 1951. Publicado oficialmente para o português com o título de *O Assassinato de Cristo*. Há duas traduções oficiais para o português.

250a. 1951. "From THE MURDER OF CHRIST". ***OEB* V(1,2), March 1953, pp. 5-27.** Incluso em *O Assassinato de Cristo* (250). The Trap; Mocenigo - The Murder of Christ in Giordano Bruno; Judas Iscariot; The Bio-Energetic Meaning of Truth.

250b. 1951. "On Laws Needed for the Protection of Life in Newborns and of Truth". ("Sobre As Leis Necessárias para a Proteção da Vida nos Recém-Nascidos e sobre a Verdade"). ***OEB,* V(1,2), March 1953, pp. 3-4.** Incluso em *O Assassinato de Cristo* (250). Proposta realizada para o Congressional Committee on Foundations of the USA em Novembro de 1952 pela Fundação Wilhelm Reich.

250c. 1951. "A Necessary Appendix on Social Pathology: Truth Versus Modju". ("Um Apêndice Necessário sobre Patologia Social: Verdade Vs. Modju"). pp. 162-170. Incluso em *O Assassinato de Cristo* (250).

1952

251. (1936-1937; 1944-1945; 1952). The Emotional Plague of Mankind, Vol. II: *People in Trouble (1927-1937)*. ("A Peste Emocional da Humidade Volume II: Pessoas Com Problemas"). **Rangeley: Orgone Institute Press, 1953, XX + 214 pp.** Escrito parcialmente entre 1936 e 1937 em Oslo, na Noruega. Título originalmente planejado: "People in Bondage". Em 1947 tradução do manuscrito "Menschen im Staat" de 1936-37, ao qual outros fragmentos, notas e comentários foram adicionados em 1944-45, e posteriormente, complementados em 1952. Traduzido por Myron Sharaf e posteriormente corrigido por outros estudantes.

252. 1952. "The Source of the Human 'No'". ("A Origem do 'Não' humano"). ***Orgonomic Medicine,*** **I(2), November 1955, pp. 101-105.** Dos Arquivos do Orgone Institute. De uma entrevista que Wilhelm Reich concedeu a K.R. Eissler, M.D., secretário dos Arquivos Sigmund Freud, em outubro de 1952. Incluso em *Children of the Future* e em *Reich Fala de Freud*.

253. 1952. "Medical Orgone Therapy in England". ("Terapia Médica Orgone na Inglaterra"). ***OEB,*** **IV(1), January 1952, p. 63.**

254. 1952. "Again Regarding Control of Orgone Energy". ("Sobre o Controle da Energia Orgone, de novo"). ***OEB,*** **IV(1), January 1952, pp. 63-64.**

255. 1952. "DOR-Removal and Cloud-Busting: Preliminary Communication". ("Remoção de DOR e Cloud-Busting: Uma Comunicação Preliminar"). ***OEB,*** **IV(4), October 1952, pp. 171-182.** Escrito entre abril e agosto de 1952. Incluso no livro *Selected Writings*. Incluso no texto número 264a.

256. 1952. "Administration of Cosmic Orgone Energy". ("Administração da Energia Orgone Cósmica"). ***OEB,*** **IV(4), October 1952, pp. 183-185.**

257. 1952. "*The Silent Observer"*. ("O Observador Silencioso"). **Orgonomic Functionalism, 1990.** Planejado como o terceiro volme de "The Emotional Plague of Mankind". Continuação de *O Assassinato de Cristo* e *People in Trouble*.

258. 1952. "The Blackening Rocks. Melanor". ("O Escurecimento das Pedras. Melanor"). ***OEB,*** **V(1,2), March 1953, pp. 28-59.** Escrito em março, abril e setembro de 1952.

259. 1952. "Introduction to the Documentary Volumes on Wilhelm Reich, History of Orgonomy (1897-1952)". ("Introdução aos Volumes dos Documentários sobre Wilhelm Reich, História da Orgonommia (1897-1952)"). ***OEB,*** **V(1,2), March 1953, pp. 90-92.** Escrito em dezembro de 1952.

1953

260a. 1953. *Bibliography on Orgonomy*. ("Bibliografia sobre Orgonomia"). **Orgonon, Rangeley, Maine: Orgone Institute Press, 1953.**

260b. 1953. "Bibliography on Orgonomy (1920-1952)". ***OEB,*** **V(3,4), September 1953.**

261. 1953. "Modju at Work in Journalism". ("Modju em trabalho no jornalismo"). ***OEB,*** **V(1,2), March 1953, pp. 85-89.**

262. 1953. "'Air Germs'". ("Germes aéreos"). ***OEB,*** **V(1,2), March 1953, pp. 93-94.**

263. 1953. "Desert Development and Emotional Deadness". ("Desenvolvimento do Deserto e Morte Emocional"). **Orgonomic Functionalism, Vol. 6, Summer 1996, pp. 36-50.** Escrito em dezembro de 1953.

264a. 1952-1953. OROP Desert. Part 1: *Spaceships, DOR and Drought*. ("Operação Orgone no Deserto. Parte 1. Naves espaciais, DOR e Seca"). **Orgonon, Rangeley, Maine: Orgone Institute, July 1954, VIII + 140 pp.** Compilado a partir de registros realizados em 1952 e 1953, durante os últimos meses de 1953. Inclui: "Dor Removal, Cloud-Busting, Fog-Lifting" texto número 255.

264b. 1952-53. "OROP Desert, Part 1: Spaceships, DOR and Drought". ***CORE*** **VI(1-4), July 1954, pp. 1-140.**

265. 1953. "DOR Sickness: A Review of Reich's Findings". ("Adoecimento por DOR: Uma Revisão das Descobertas de Reich"). ***CORE,*** **VII(1,2), March 1955, pp. 20-28.** Breve compilação, por Chester M. Raphael, do material apresentado por Reich, durante a conferência ocorrida em Orgonon em 26 e 27 de agosto de 1953.

1954

266. 1954. "Expedition OROP Desert Ea, 1. DOR Clouds over the U.S.A.". ("Expedição OROP ao Deserto Ea. 1. Nuvens DOR sobre os EUA"). ***CORE*** **VII(1,2), March 1955, pp. 5-19.** Incluso no quarto capítulo do livro *Contact with Space*.

267. 1954. "OROP Hurricane Edna". ("Operação Orgone e o Furacão Edna"). ***CORE,*** **VII(1,2), March 1955, pp. 84-92.** Compilado por William Moise. 10 e 11 de Setembro de 1954.

268. 1954. "Early Diagnosis of Cancer of the Uterus (Ca V) (Case No. 13)". (“Diagnóstico precoce do cancer de útero (Ca V) (Caso no. 13)”). ***CORE,* VII(1,2), March 1955, pp. 47-53.** Compilado por Eva Reich.

1955

269. 1955. Wilhelm Reich/Robert A. McCullough. "Melanor, Orite, Brownite and Orene". ***CORE,* VII(1,2), March 1955, pp. 29-39.**

270. 1955. "The Medical DOR-Buster (1942-55) Part One: The Emotional Desert". (“O DOR-Buster medico (1942-55) Parte Um: O Deserto Emocional”). ***CORE,* VII(3,4), December 1955, pp. 97-113.**

1956

271. 1956. "Re-emergence of Freud's 'Death Instinct' as 'DOR' Energy". (“O Ressurgimento da ‘Pulsão de Morte’ de Freud como ‘Energia’ DOR”). ***Orgonomic Medicine,* II(1), April 1956, pp. 2-11.** Provavelmente escrito em 16 de janeiro de 1956. Em memória do 100º aniversário de Sigmund Freud, 6 de maio de 1956. Washington, D.C.

272. 1955-56. *Contact with Space*. ORANUR Second Report 1951-1956. (“Contato com o Espaço: Segundo Relatório ORANUR, 1951-1956”). **New York: CORE Pilot Press, 1957, XXIII + 265 pp.** Escrito durante o inverno de 1955-1956 com base nos registros da Expedição OROP DESERT Ea. Último livro publicado.

1957

273. *Creation*. (“Criação”). Trata-se do último livro escrito por Reich, durante o período em que esteve preso. Versava sobre a criação do universo com base nos princípios do funcionalismo orgonômico. Os manuscritos sumiram e, infelizmente, ninguém obteve cópias do livro. É possível que agentes do governo norte-americano tenham confiscado os manuscritos.

APÊNDICE D

ARTIGO FORMATADO PARA SUBMISSÃO NA REVISTA *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*

UMA SÍNTESE DA CONCEPÇÃO DE SAÚDE-ADOECIMENTO COM BASE NO FUNCIONALISMO ORGONÔMICO DE WILHELM REICH

Autor: Francisco Bissoli Neto, https://orcid.org/0000-0001-9295-7739 , Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrando em Saúde Coletiva, Florianópolis – SC – Brasil, francisco.bissoli@gmail.com

Coautor: Charles Dalcanale Tesser, https://orcid.org/0000-0003-0650-8289, Universidade Federal de Santa Catarina, Professor do Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da UFSC, Florianópolis – SC – Brasil, Charles.tesser@ufsc.br

RESUMO

O tema do presente artigo é a concepção de saúde-adoecimento com base no funcionalismo orgonômico, a metodologia de investigação científico-natural desenvolvida por Wilhelm Reich (1897-1957), a qual se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades investigadas por esse pesquisador nas manifestações da energia orgone. O objetivo principal desse ensaio é realizar uma descrição acerca da concepção de saúde-adoecimento presente na obra desse autor. Trata-se de um estudo teórico-descritivo e hermenêutico. A concepção orgonômica sobre saúde-adoecimento articula-se em torno de conceitos-chave presentes na obra do referido autor, podendo-se citar: a potência orgástica, o encouraçamento, a noção de emoção como impulsos primários e secundários, a energia orgone e a função de pulsação e as suas perturbações e os seus bloqueios.

Palavras-chave: Reich, Wilhelm, 1897–1957. Funcionalismo Orgonômico. Psicossomática. Práticas Integrativas e Complementares (PICs). Saúde-Adoecimento.

1 Introdução

O tema do presente artigo é a concepção de saúde-adoecimento derivada do funcionalismo orgonômico, uma metodologia de investigação científico-natural desenvolvida por Wilhelm Reich (1897-1957). Ela se baseia em pressupostos energéticos e em propriedades investigadas por esse autor no seu trabalho clínico e investigativo, em que julgou identificar manifestações de uma energia específica dos seres vivos a que chamou *orgone*.

Trata-se de um estudo teórico-conceitual, fundamentado em abordagem hermenêutico-filosófica, que, segundo Gadamer (1997) tem duas tarefas fundamentais: a *reconstrução* e a *integração*. A reconstrução trata dos conteúdos de uma obra, analisada frente ao seu conjunto e às outras obras do seu autor e seus objetivos; mas também frente ao seu tempo e sua sociedade, aos saberes e valores ali circulantes e às circunstâncias correntes, até onde se pode conhecê-los. Porém, se é necessária "a reconstrução das condições originais, como toda e qualquer restauração, [ela] não passa de uma empresa impotente" (Gadamer, 1997, p. 234). Por isso, é necessária a tarefa de *integração*, em que ocorre a mediação histórica entre a reconstrução imaginária do passado da obra com a vida atual. Dada a complexidade e a extensão dos escritos legados por Reich, este artigo (parte de estudo de mestrado em Saúde Coletiva) pretendeu contribuir com o início de uma restauração de suas ideias, sendo ainda mais tímido na integração. Em ambos os sentidos, a proposta foi sintetizar o que chamamos de concepção de saúde-adoecimento dali derivada.

O estudo empregou a análise documental indireta, especialmente a bibliográfica, e que teve como fontes primárias, sobretudo, os livros e os artigos produzidos por Reich que compõem o eixo clínico-terapêutico de sua obra, além de obras de comentadores e de seus seguidores.

O artigo está estruturado em cinco itens principais: o primeiro apresenta um breve histórico de Reich no que concerne aos três períodos clínico-terapêuticos de sua obra; o segundo trata do conhecimento e das terapias reichianas que se desenvolveram após a morte desse autor; o terceiro, da abordagem dos pressupostos epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, por ele proposto; o quarto, da síntese da concepção orgonômica de saúde-adoecimento articulada, em torno de conceitos ou ideias-chave encontrados na obra reichiana; e o último, de algumas implicações dessa concepção para o campo da Saúde Coletiva.

2 Um breve histórico dos três períodos clínico-terapêuticos de Reich

Wilhelm Reich (1897-1957) foi um médico, investigador e psicoterapeuta, discípulo de Sigmund Freud, que, após a sua ruptura com este, percorreu uma trajetória independente do movimento psicanalítico e desenvolveu métodos, teorias e técnicas terapêuticas próprios, os quais são, ainda, desconhecidos e pouco considerados pela comunidade acadêmica.

Embora a obra e o pensamento de Reich constituam-se em uma unidade que pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas ou eixos-teóricos, levando em conta o seu eixo clínico-terapêutico, consideramos ser possível dividi-la em três grandes períodos, os quais estão associadas às três abordagens terapêuticas desenvolvidas por esse autor ao longo de sua vida: a análise do caráter, a vegetoterapia caractero-analítica e a orgonoterapia.

No primeiro período (1920-1934), denominado período psicanalítico, quando esteve oficialmente ligado à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), Reich (1998, 1979a) desenvolveu uma metodologia psicoterapêutica associada aos princípios do pensamento freudiano, denominada análise do caráter. Foi nesse período que desenvolveu a teoria da potência orgástica e a metodologia de análise do caráter.

No que diz respeito à primeira, Reich (1979a) distinguiu os indivíduos orgasticamente potentes dos impotentes, afirmando que aqueles seriam capazes de entregar-se ao fluxo da energia biológica-sexual e de descarregar completamente a excitação sexual, pela via genital, sem inibições e por meio de convulsões corporais involuntárias e agradáveis. Já os orgasticamente impotentes, ou neuróticos, ainda que pudessem apresentar a potência eretiva e ejaculatória, não conseguiriam entregar-se ao ato sexual e, dessa forma, acabariam acumulando energia sexual não descarregada, a qual viria a se tornar, posteriormente, a fonte energética dos sintomas psíquicos.

A metodologia de análise do caráter, por sua vez, constitui-se numa técnica analítica ativa, que confere especial atenção aos traços de caráter, isto é, à forma e ao modo como o paciente se expressa em terapia, o que inclui o “seu tom de voz, sua postura, suas atitudes, seu gestual, suas expressões faciais e sua forma de olhar” (Trotta, 2000, p. 111). Essa metodologia, segundo Chastka (2007, p. 21, tradução nossa), considera que os traços de caráter formam “uma resistência unitária, ou defesa, contra todas as emoções que são sentidas ou percebidas como perigosas”, a qual Reich denominou *couraça do caráter*. Assim, a técnica de análise do caráter consiste em remover os traços de caráter que funcionam como defesa, em última instância, contra à experiência da potência orgástica.

No segundo período da sua obra (1934-1939), Reich desenvolveu entre outros, o conceito de couraça muscular e de identidade funcional, a vegetoterapia caractero-analítica e diversos primeiros experimentos laboratoriais. Por meio deles, julgou ter descoberto a energia *orgone*. Ao observar que, quando os pacientes conseguiam expressar suas emoções reprimidas, ocorria uma mudança espontânea nas suas atitudes e nos comportamentos corporais, Reich (1979a) começou a atacar a neurose pelo seu lado somático, pois percebeu que, ao flexibilizar as tensões musculares, as emoções reprimidas e as memórias emergiam à consciência e que, por meio de tensões, a musculatura poderia obstruir a corrente sanguínea e reduzir o movimento dos fluídos do corpo. A atitude física do corpo seria a dimensão somática do processo de repressão, à qual ele denominou couraça muscular. Dessa maneira, esse autor introduziu o conceito de identidade funcional, segundo o qual "as atitudes musculares e caracterológicas têm a mesma função nos mecanismos psíquicos: podem substituir-se umas às outras e podem ser influenciadas umas pelas outras. No fundo, não podem separar-se; são *idênticas* na sua função" (Reich, 1979a, p. 212).

A noção de encouraçamento muscular, desenvolvida por Reich (1998, 1979a) por volta de 1934 ou 1935, permitiu uma nova forma de lidar com as resistências, pois o corpo e as intervenções sobre ele passaram a ser uma ferramenta fundamental para acessar e elaborar conteúdos psíquicos que, antes, ficavam inacessíveis às intervenções verbais. Por isso, esse autor desenvolveu técnicas terapêuticas de intervenção no corpo, as quais foram utilizadas em conjunto com a análise do caráter para formular uma nova abordagem terapêutica, a vegetoterapia caractero-analítica, que é considerada o primeiro desenvolvimento clínico no campo das psicoterapias corporais (Wagner, 2009).

Com base nos seus estudos clínicos e teóricos até então realizados, Reich (1982) formulou a noção sobre a antítese fundamental da vida, a qual assume que as duas emoções básicas presentes em todos os seres vivos podiam ser expressas em termos dos dois movimentos básicos: a expansão, que corresponderia ao prazer, e a contração, que corresponderia à angústia ou ao desprazer. Além disso, a expansão envolveria o fluxo dos fluidos orgânicos e das correntes de excitação do centro do organismo para a periferia, numa espécie de descarga periférica, e a contração, envolveria um fluxo no sentido contrário, numa espécie de retirada de energia da periferia para o centro do organismo.

A função de sexualidade estaria associada ao movimento de expansão, o qual seria acompanhado de prazer. Associada à antítese básica da vida, com base em descrições clínicas do fenômeno do orgasmo, Reich elaborou uma fórmula sequenciada em quatro tempos: 1) tensão mecânica, 2) carga elétrica, 3) descarga elétrica e 4) relaxamento mecânico; formula esta

que, segundo sua hipótese, seria um processo vital comum a todos os seres vivos, presente em todas as esferas de funcionamento da vida, o que permitiu a esse pesquisador defini-la como a função básica de toda a vida e, também, denominá-la de fórmula da vida ou fórmula do orgasmo.

Reich (1982) considerou que sua hipótese, a antítese expansão-contração, e, também, a fórmula do orgasmo deveriam ser estudadas experimentalmente e, assim, durante os anos de 1934 a 1939, período em que residiu em Oslo, na Noruega, conduziu duas séries de experimentos.

Na primeira delas, realizada com sujeitos humanos, ele objetivou mensurar as alterações no potencial elétrico em determinadas regiões na superfície do corpo, incluindo as zonas erógenas, enquanto os sujeitos recebiam estímulos físicos prazerosos e desprazerosos. Os resultados teriam indicado que sempre que os sujeitos experenciavam sensações de prazer o oscilógrafo registrava alterações de potenciais positivos na pele, o que seria indício de um aumento na carga elétrica na superfície do corpo. O contrário ocorria com as sensações de desprazer, em que o oscilógrafo registrava uma variação negativa nos potenciais elétricos, que, para Reich (1982), seria um indício de que a carga elétrica, ao invés de ir para a superfície do corpo, iria para o centro do organismo. No prazer, portanto, ocorreria uma descarga energética do centro do organismo para a periferia, que era registrada em termos de um potencial elétrico positivo. No desprazer, ao contrário, ocorreria um movimento interno da energia da periferia para o centro do organismo, que poderia ser evidenciada pelos potenciais negativos na superfície da pele. Esses dados experimentais, conforme a interpretação de Reich (1982), teriam fornecido suporte às suas hipóteses teóricas acerca da antítese básica da vida e da fórmula do orgasmo.

Na segunda série de experimentos, realizada a partir de 1936, Reich (1979b) decidiu observar organismos unicelulares como os protozoários, a fim de verificar se eles também seriam regidos pela fórmula do orgasmo, pois, se fosse esse o caso, ele teria uma evidência de que a referida fórmula descreveria um processo biológico universal, presente em toda a esfera da vida. Trabalhando inicialmente com infusões de grama e água, que era o método então utilizado para cultivar os protozoários, e realizando observações meticulosas por dias a fio, relatou ter observado, ao microscópio, formações vesiculares microscópicas com bordas definidas desprenderem-se do processo de desintegração das células das fibras de grama intumescidas. Essas vesículas seriam capazes de movimentar-se, de expandir-se e de contrair-se. Para esse autor, esses atributos as distinguiriam de formas sem vida.

Além de experimentos com grama e materiais orgânicos, Reich (1979b) utilizou cristais de terra e matéria sem vida, como areia, pó de carvão e fuligem, e relatou ter observado a formação de estruturas tubulares e outras partículas igualmente móveis, formas vivas ainda incompletas, em estágios preliminares da vida, portanto, formas transitórias do estado inorgânico e não móvel para o estado orgânico, móvel e culturável, vesículas estas que passou a designar *bions*, e que teriam a capacidade de formar culturas. Algumas delas apresentariam núcleo e propriedades semelhantes às dos seres unicelulares. Segundo o autor, o processo de formação dos bions estaria na origem da vida. Os movimentos das vesículas e dos protozoários teriam indicado que a fórmula do orgasmo estaria presente, também, nesses seres microscópicos.

No ano de 1939, enquanto realizava experimentos com bions provenientes de areia do mar, Reich julgou ter constatado que dessas vesículas – surgidas a partir da incandescência da areia – emanava alguma forma de radiação ou energia que parecia não obedecer a nenhuma das leis relativas às formas de energia até então descritas pela ciência e que estaria presente em todo lugar, a qual denominou energia *orgone* (Chastka, 2007; Raknes, 1988; Reich, 2009).

No terceiro período (1939-1957), denominado orgonômico, Reich (2009) se dedicou a investigar, experimental e clinicamente, o funcionamento da energia orgone e, com isso, fundou o que considerou uma nova ciência, a *orgonomia*, baseada em princípios e pressupostos teóricos distintos da ciência convenional, e passou a investigar as relações da referida energia com os processos de saúde-adoecimento. Com base nas suas pesquisas, aprimorou as suas concepções médicas, desenvolveu outros princípios e técnicas clínico-terapêuticas e, também, a sua última abordagem, denominada *orgonoterapia*.

As investigações clínicas e experimentais realizadas sobre a energia orgone permitiram que Reich (2009) reconsiderasse o fenômeno do encouraçamento, pois ele postulou que seria a energia orgone a responsável pela função de pulsação, a qual seria a função básica de todos os processos vitais, e que, em nosso organismo, haveria um fluxo interno dessa energia que acompanharia nossas funções emocionais e fisiológicas.

Os bloqueios na pulsação seriam a fonte de predisposição para determinadas doenças, que Reich (2009, p. 156) denominou *biopatias*, as quais teriam como mecanismo central, "*um distúrbio na descarga da excitação biossexual*", ou seja, o processo de encouraçamento. Durante o período orgonômico, Reich afirmou que a couraça muscular apresentar-se-ia numa disposição segmentária no organismo humano, isto é, seria formada por anéis circulares e perpendiculares ao eixo da coluna vertebral, funcionando como uma espécie de barreiras de contenção ao fluxo vertical da energia no organismo.

Ao todo, Reich (1998, p. 343) identificou sete segmentos corporais no organismo humano, os quais foram ordenados e nomeados da seguinte forma: o primeiro segmento é o *ocular*; o segundo*,* o *oral*; o terceiro, o *cervical*; o quarto, o *torácico*; o quinto, o *diafragmático*; o sexto, o *abdominal*; e o sétimo, o *pélvico*, de modo que cada um desses segmentos "*compreende aqueles órgãos e grupos de músculos que têm um contato funcional entre si e que podem induzir-se mutuamente a participar no movimento expressivo emocional*", ou seja, "um segmento termina e outro começa quando um deixa de afetar o outro em suas ações emocionais".

Com base nas suas pesquisas clínicas fundamentadas nas funções e propriedades da energia orgone, Reich (2009, 1998) ampliou a vegetoterapia caractero-analítica, incluindo o uso de aparelhos orgonômicos[195] como recursos terapêuticos para restabelecer a funcionalidade energética dos pacientes, e acrescentou inúmeras formas de intervenções corporais, as quais, associadas ao trabalho de análise do caráter, teriam como objetivo a flexibilização da couraça e a restauração da pulsação e dos fluxos de energia orgônica no organismo.

3 O desenvolvimento do conhecimento reichiano à margem da academia

Embora, durante a vida Reich tenha lecionado em duas instituições de ensino superior[196], o conhecimento relacionado à orgonomia e à orgonoterapia desenvolveu-se de modo independente e separado do universo acadêmico.

Entre os motivos que contribuíram para a marginalização do conhecimento reichiano, podem-se citar: a) as perseguições políticas e as campanhas difamatórias sofridas por Reich e as deturpações de seu pensamento (Bennett, 2010; Demeo, 2013; Sharaf, 1983); b) a difusão do pensamento reichiano no movimento da contracultura e no campo das terapias alternativas (Lapassade, 1996; Ramalho, 2009; Russo; 1993); c) a ausência de uma instituição oficial de orgonomia e de orgonoterapia; d) os estigmas e os preconceitos relacionados às intervenções corporais das terapias reichianas (Lachica, 1999); e) a organização bibliográfica deficitária dos escritos de Reich (Matthiesen, 2007); e f) as características inerentes aos pressupostos

---

[195] Tais como o acumulador de energia orgone e o DOR-Buster. O primeiro constitui-se numa caixa composta por camadas de materiais orgânicos e metálicos intercaladas, a qual teria a propriedade de acumular a energia orgone em seu interior. O segundo constitui-se em canos e mangueiras metálicas as quais são conectados em água corrente ou reservatórios de água e tem como função drenar a energia DOR (*Deadly Orgone*) de partes doentes do organismo.

[196] Entre os anos de 1934 a 1939, ele proferiu palestras na Universidade de Oslo, sobre a formação do caráter e sobre suas origens biológicas; e entre 1940 a 1941, na *New School for Social Research*, em Nova Iorque, foi professor de Psicologia Médica (Sharaf, 1983; Trotta, 2000).

epistemológicos e metodológicos do funcionalismo orgonômico, cujas premissas fundamentais entram em colisão com a perspectiva mecanicista(ou fisicalista)-materialista, a qual impera no atual contexto acadêmico das ciências da natureza (Bedani, 2013).

Apesar dessa marginalização no âmbito acadêmico, o conhecimento reichiano se manteve vivo por esforço de parte dos terapeutas e pesquisadores independentes que criaram centros de formação e investigação de orgonoterapia e de terapias de base reichiana pelo mundo, e que, também, criaram publicações para divulgar as suas pesquisas[197].

4 O funcionalismo orgonômico

O funcionalismo orgonômico constitui-se em uma metodologia de investigação da natureza, desenvolvida, por Reich (2003), durante as décadas de 1920 a 1950, e que foi apresentada por esse como uma alternativa ao mecanicismo-materialista e à metafísica-misticismo. Trata-se de uma perspectiva original que herdou aspectos e pressupostos epistemológicos de diferentes correntes de pensamento, mas que apresenta a sua própria identidade epistêmica e metodológica, a qual não pode ser considerada como "filiada" às escolas e perspectivas das quais ela se originou.

Reich sofreu influências de escolas de pensamento cujo impacto se fez sentir na formulação do funcionalismo orgonômico: a) da escola de pensamento da psicanálise, da qual herdou uma concepção energética sobre o funcionamento do psiquismo e sobre o emprego do método clínico e de estudo de caso (Reich, 1998, 1979a); b) do materialismo-dialético, a partir do qual desenvolveu uma forma de análise dos eventos da natureza, levando em conta o dinamismo da relação entre forças opostas (Reich, 1983, 1979b); c) de alguns pensadores vitalistas, dos quais pôde depreender que os fenômenos da vida não podem ser compreendidos, somente, a partir de uma perspectiva mecanicista-materialista, a qual se mostra incapaz de rastrear os aspectos específicos e definidores da vida (Reich, 1979a; Bedani, 2012, 2007); d) do cientificismo, que confere importância à experimentação, buscando formas de validar as impressões subjetivas dos cientistas (Reich, 2003); e) do empirismo, que procura privilegiar a

---

[197] Em decorrência da maneira como a orgonoterapia e as terapias pós e neo reichianas se difundiram pelo mundo, existem, na atualidade, diversas escolas de abordagens terapêuticas consideradas "de base reichiana", as quais, apesar de utilizarem metodologias clínicas que diferem entre si em vários aspectos, fundamentam-se nos princípios mais gerais da teoria e da metodologia desenvolvida por Reich (Trotta, 1996). As abordagens neo-reichianas mais conhecidas são: a) a Bioenergética, desenvolvida, por Alexander Lowen e John Pierrakos, ambos discípulos diretos de Reich nos Estados Unidos; b) a *Core Energetics*, que foi desenvolvida posteriormente por Pierrakos; c) a Biodinâmica, desenvolvida, por Gerda Boyesen, na Noruega; d) a Biossíntese, desenvolvida por David Boadella, na Inglaterra; e e) A Educação Somática ou Psicologia Formativa, desenvolvida, por Stanley Keleman, que foi um discípulo de Lowen nos Estados Unidos (Wagner, 2009).

experiência em relação à teorização (Reich, 2003); f) da psicologia celular, que concebia a apreensão sensorial como uma propriedade presente em todos os organismos, inclusive os unicelulares (Bedani, 2013; Reich, 1982); e g) do funcionalismo antropológico de Malinowski, que concebe o indivíduo sob o primado de sua realidade biológica e fundamenta suas análises no conceito de unidade funcional (Bedani, 2019; Reich, 2003, 1990).

O funcionalismo reichiano foi desenvolvido, primeiramente, no estudo das funções psíquicas e somáticas antes que pudesse ter sido aplicado à energia orgone. É possível sumarizar algumas das convicções que orientaram o desenvolvimento do funcionalismo orgonômico, e que foram sendo formuladas, por Reich, em sua maioria, durante as décadas de 1920 a 1940, da seguinte forma:

1) O funcionamento do mundo natural é basicamente um processo energético, em outras palavras, há uma primazia da energia em relação à matéria, pois a energia, de algum modo, é mais fundamental que a matéria (Reich, 1990);
2) Os processos energéticos primordiais expressam-se na forma de movimentos espontâneos (Reich, 1950);
3) O funcionamento psíquico é um funcionamento natural. A vida humana emocional não é de origem sobrenatural, o seu funcionamento é acessível à pesquisa natural e existe uma energia que opera no psiquismo. As emoções são processos energéticos (Reich, 1990);
4) O funcionamento da natureza se expressa em termos de pares de funções que estabelecem entre si uma relação de antítese ou de complementariedade, e, ao mesmo tempo, em um nível mais profundo, de identidade (Reich, 1990; 1950);
5) O funcionamento da natureza está em perpétua transformação, tudo está em constante estado de fluxo, nada é separado, nem absoluto, tudo interatua (Reich, 1983);
6) *"O zero (0) não existe na natureza"*, pois não existe nenhum vácuo, todo espaço é preenchido por um *continuum*, com energia orgone cósmica (Reich, 1950, p. 176, tradução nossa);
7) O estudo da natureza deve priorizar a observação contínua e direta dos processos naturais (Reich, 2003, 1990, 1979b);
8) Como na natureza tudo está em movimento; como os processos naturais são, em primeira ordem, processos de energia; e, como o movimento expressa processos de energia, segue-se que a observação deve priorizar o movimento em relação à estrutura químico-física ou à forma da estrutura. O movimento é mais importante que a matéria (que é o elemento *estático*). A forma ou a estrutura é entendida como movimento de

outrora, hoje, cristalizado. Nas palavras de Reich (2003, p. 201), "aprendemos a traduzir forma por movimento. Forma, no pensamento orgonômico funcional, é movimento *congelado*";

9) O ser vivo é um *todo unitário indivisível*, ou seja, uma *unidade funcional*, e não se reduz à soma mecânica de seus órgãos (Reich, 2009);
10) A função biológica fundamental (expressa pela fórmula da vida: tensão mecânica – carga energética – descarga energética – relaxamento mecânico) controla o organismo total, exatamente como governa cada órgão. Existem na natureza leis que governam o micro e o macrocosmos. (Reich, 2009, 1979b);
11) Todo organismo vivo é uma parte da natureza circundante e é funcionalmente idêntico a ela (Reich, 2009);
12) Toda percepção está baseada na correspondência entre uma função dentro do organismo e uma função no mundo externo, isto é, na harmonia orgonótica (Reich, 2009);
13) Toda autopercepção é a expressão imediata de processos objetivos dentro do organismo (identidade psicofísica) (Reich, 2009);
14) A sensação de órgão – isto é, as funções de percepção e de sensação que estão diretamente associadas à capacidade do livre movimento orgonótico - é o principal instrumento de pesquisa natural (Reich, 2003); e
15) O funcionalismo orgonômico deriva suas leis do funcionamento da natureza. As formulações das leis funcionais devem espelhar o funcionamento da natureza, não são "meras abstrações mentais" (Reich, 2003, 1990).

Reich (2003) esforçou-se para construir o seu funcionalismo fundamentado nos pressupostos considerados por ele como os mais caros à ciência: a observação direta e o uso da experimentação como ferramenta auxiliar das observações. Além disso, estabeleceu o seu funcionalismo sob o primado da energia, ao considerar os processos energéticos como primários em relação à matéria. Ele forjou uma cosmovisão própria, que é a base do funcionalismo orgonômico e tem como pressuposto fundante a existência da energia orgone e suas propriedades: ser automovente, onipresente, pulsante, livre de massa e, ao mesmo tempo, a origem da matéria e das demais formas de energia reconhecidas pela ciência, cujo princípio de funcionamento - a pulsação e o movimento espontâneo - abrangeria todos os demais domínios da natureza derivados dela. Suas manifestações seriam mais facilmente percebidas nos domínios de fenômenos da natureza em que a fluidez e o movimento dos processos

energéticos ocorreriam com maior liberdade, ou seja, os domínios menos estruturados e presos à matéria, por exemplo, o campo das emoções (Bedani, 2012; Reich, 2003).

A característica singular desse método de pensamento é a noção de simultaneidade entre identidade e variações. Ela postula que, na natureza, os processos energéticos ocorrem aos pares de funções, sendo estas, ao mesmo tempo, distintas, quando comparadas uma à outra, contudo, simultaneamente, idênticas, por carregarem, ambas as funções alguma propriedade qualitativa, funcional, da função-mãe, da qual se originam. A propriedade qualitativa que caracteriza a função-mãe e que identifica as variações como um par funcional foi denominada por Reich princípio de funcionamento comum (PFC). Assim, um sistema funcional se constitui por um trio de funções: um par de variações, que se encontra num domínio de funcionamento mais superficial e estreito e, uma função-mãe, ou seja, o princípio de funcionamento comum, cujo domínio é mais profundo e amplo (Bedani, 2019, 2012; Reich, 2003).

A noção de PFC é fundamental para compreender como os domínios psíquico e o somático-fisiológico, constituem-se, simultaneamente, em duas instâncias separadas com leis próprias, mas, em relação à pulsação energética, o seu PFC, formam uma unidade funcional.

Para a orgonomia, as emoções encontram-se no nível mais profundo de funcionamento da vida e podem ser entendidas em termos de movimento da energia orgone. A aplicação do funcionalismo orgonômico permitiu entender o organismo em termos de três grandes domínios de funcionamento: 1) o somático ou fisiológico, que corresponde às funções orgânicas mais diretamente relacionadas ao funcionamento da matéria, isto é, às funções químico-físicas presentes nos processos celulares e nos tecidos; 2) o psíquico, que corresponde às sensações, às percepções e às ideias e, pode-se dizer, inclui, também, o que alguns estudiosos denominam registro do simbólico e do imaginário; e 3) o biológico, que tem como variações os domínios somático e psíquico e que seria o domínio mais profundo e mais amplo do que suas variações.

Esses três domínios seriam governados pelo princípio de funcionamento comum (PFC) da pulsação bioenergética, a função que estabelece a identidade funcional entre o somático e o psíquico, isto é, a manifestação no organismo da pulsação orgonótica. As emoções situar-se-iam no domínio biológico, seriam expressas, em termos de movimentos direto da energia orgone e sentidas no domínio psíquico, em termos de ideias e de percepções, e expressar-se-iam, no domínio somático, em termos de funções fisiológicas, tais como a respiração, a expansão vagotônica, a contração simpaticotônica etc.

Portanto, as emoções, entendidas como pertencentes ao domínio biológico, que é o domínio regido pela pulsação bioenergética, encontram-se no domínio mais profundo de funcionamento do organismo, o que implica reconhecer que os processos emocionais fazem-se

presentes, de certa maneira, em todos os processos vitais. Pode-se afirmar, então, que, para essa concepção, existe, em termos hierárquicos funcionais, uma primazia das funções emocionais em relação às funções psíquicas e somáticas, ainda que todos os três domínios apresentem independência e funcionem de forma integrada e simultânea.

5 Uma síntese da concepção orgonômica de saúde-adoecimento

A concepção de saúde-adoecimento, como se desenvolve na orgonomia, fundamenta-se em torno da polaridade: potência orgástica/livre-pulsação-orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico.

Reich realizou uma diferenciação entre emoções/impulsos primários ou naturais e os impulsos secundários. Aquelas envolveriam a expressão direta do movimento orgonótico sem perturbação, as quais corresponderiam às emoções básicas prazer-expansão e desprazer-contração. A sexualidade corresponderia, nessa visão, ao movimento expansivo, no qual a energia biológica se move do centro do organismo em direção à periferia e está associado às sensações de prazer e à descarga da energia; o medo ou a angústia corresponderiam ao movimento contrário, de contração.

Caso o movimento básico de prazer ou sexualidade seja interditado pelo mundo, então se desenvolve a raiva ou a destrutividade, para pôr fim aos obstáculos ao prazer, à descarga energética centro-periferia. Os impulsos secundários, não-naturais, adviriam do processo de encouraçamento, o qual impediria o fluxo direto dos impulsos primários ao criar uma contenção ou imobilização destes, que, como consequência, assumiriam a forma de ações destrutivas perversas, tais como o sadismo e o masoquismo.

O indivíduo orgasticamente potente estaria apto a entregar-se, plenamente, no ato sexual, ao movimento das suas correntes de energia orgone e, também, ao seu parceiro, de modo que, estando ele livre de impulsos secundários, isto é, destrutivos, apresentar-se-ia capaz de descarregar, genitalmente, a energia sexual.

A partir da noção de potência orgástica, nasce, então, na clínica reichiana, a ideia de que a sexualidade genital cumpre uma função essencial para a autorregulação energética do organismo e de que o processo de saúde-adoecimento está diretamente relacionado com a função da genitalidade. A sexualidade genital madura apresentar-se-ia livre de impulsos secundários e, em última instância, significaria a capacidade de amar do indivíduo. As doenças poderiam ser entendidas como resultado de uma perturbação na capacidade natural para amar,

de modo que o fator fundamental para curar a impotência orgástica seria restabelecer essa capacidade (Reich, 1979a).

A dimensão da sexualidade não se resume unicamente ao ato sexual, ainda que a sua manifestação mais importante para a saúde seja este, sendo possível compreender que a função básica de expansão e a potência orgástica estão relacionadas com outras atividades que fornecem prazer ao organismo, que o expande em direção ao mundo, e possibilita, também, de certo modo, descarregar a energia biológica. Por exemplo, quando se está plenamente interessado e concentrado em alguma atividade, a qual dá prazer, que anima, que motiva e que excita, pode-se dizer que a função básica da sexualidade, a expansão, está ali presente. O indivíduo orgasticamente potente é capaz de se entregar completamente, não só ao ato sexual, mas a qualquer atividade que lhe interessa – ao trabalho, ao cuidado dos filhos, ao contato com a natureza, ao esporte, a atividades artísticas etc. -, de modo a se satisfazer energeticamente e dela extrair prazer.

A fórmula do orgasmo expressa um movimento de pulsação biológico, o qual, segundo Reich teria, como princípio de funcionamento comum, a pulsação da energia orgone no organismo.

O funcionamento vital, para a doutrina orgonômica, é compreendido em termos da pulsação orgonótica, a qual é o princípio de funcionamento comum de todas as demais funções do domínio da vida. De maneira geral, pode-se dizer que, se nada impedir o ritmo natural da pulsação, então, o organismo será inteiramente governado pelo movimento espontâneo da energia orgone. A pulsação, no organismo, apresenta-se de distintas formas em cada um de seus constituintes, de modo que o funcionamento do organismo apresentar-se-á livre de distúrbios e disfunções quando o ritmo natural da pulsação biológica governar os processos vitais, ou seja, quando não houver perturbações ao fluxo da energia orgone no organismo.

Contudo, se condições e fatores externos ameaçarem perturbar o ritmo natural da pulsação – seja bloqueando ou hiperativando o fluxo da energia orgone –, o organismo, como resposta, reagirá no sentido de libertar-se dessa ameaça, buscando maneiras de esquivar-se desses fatores ou, quando isso não for possível, por meio dos impulsos de raiva e de agressividade, a fim de destruir os fatores perturbadores.

O estado de saúde poderia ser compreendido, então, como a capacidade do organismo de se autorregular frente às possíveis ameaças, a fim de garantir o ritmo natural de sua pulsação, mantendo-o inalterado ou permanecendo capaz de recuperá-lo assim que for possível.

Em certos casos, as condições e os fatores perturbadores podem perdurar por muito tempo ou atingirem uma magnitude tal que o organismo é incapaz de contornar a situação e

acaba sendo profundamente afetado em sua pulsação. Caso a perturbação na pulsação se prolongue por muito tempo, ela pode inibir a formação e a expressão dos impulsos vitais, de modo que, as partes do organismo ou a sua totalidade fiquem danificadas ou destruídas. Trata-se, nesses casos, do estado de doença. Em situações extremas, quando a pulsação é severamente perturbada, a ponto de os impulsos vitais cessarem a sua formação e o organismo encontrar-se num estado de paralisia orgonótica, o resultado é a morte (Raknes, 1988; Reich, 2009).

A pulsação biológica governa todos os processos vitais, incluindo o metabolismo energético do organismo, e, como a expressão genuína das emoções requer a capacidade de livre movimento, ou seja, a livre pulsação, pode-se estabelecer uma relação entre a capacidade de expressão das emoções com a regulação do metabolismo energético do organismo. Como as emoções, para a orgonomia, decorrem diretamente do movimento da energia orgone, Reich (1998) denominou os movimentos corporais movimentos expressivos, pois eles nada mais são do que a expressão das emoções.

A imobilização das emoções, em nível biológico, corresponde aos bloqueios da energia orgone; em nível somático, corresponde às perturbações nas funções fisiológicas, incluindo alterações no ritmo respiratório e na circulação sanguínea e dos fluidos corporais, até mesmo, nos processos celulares; e, em nível psíquico, corresponde aos comportamentos patológicos e às defesas caracterológicas neuróticas (Reich, 2009).

Assim, segundo Raknes (1988, p. 121), "toda interrupção de um movimento natural espontâneo constitui uma interrupção na pulsação biológica natural", pressuposto este que é fundamental para a concepção orgonômica de saúde-adoecimento. Conforme esse autor, ao menos que a interrupção não seja grave, nem muito forte e nem muito prolongada e que "o organismo possa por si mesmo readquirir no menor tempo possível a sua livre pulsação", de um modo geral, pode-se dizer que a interrupção não é prejudicial à saúde. Contudo, nos casos de interrupções que impeçam a expressão emocional, ou seja, que impossibilitem a descarga energética das emoções, o estado de saúde é perturbado.

No dizer de Raknes (1988, p. 121), há "uma série de obstáculos aos movimentos que é tão eficaz e prolongada, e que possui repetição frequente ou sistemática, que o organismo não pode por conta própria – pelo menos em pouco tempo – perceber nenhum impulso em direção ao movimento impedido". Esses obstáculos encontram-se nas condições em que as crianças são cuidadas e educadas, ou seja, no período crítico de formação do caráter, de forma que "essa interrupção de impulsos é tão comum que os organismos adultos com uma capacidade própria de pulsação biológica livre não alterada são puras exceções".

Quando se compreende a saúde em referência à plena capacidade de pulsação e à livre expressão emocional, a impressão que temos é que raras são as pessoas que possuem essa capacidade não danificada, de modo que, Raknes (1988, p. 121) afirmou que “não são muitos aqueles que podem considerar-se sãos, caso se escolha como critério de saúde a livre pulsação biológica”.

O princípio de funcionamento comum da impotência orgástica é o encouraçamento e este pode ser compreendido como perturbações na pulsação biológica natural, que, biofisicamente, apresenta-se em termos de bloqueios ou hiperativações no fluxo da energia orgone no organismo. Essas perturbações na pulsação correspondem à supressão ou à imobilização das emoções, podendo atingir tanto o cerne biológico, causando uma inibição da formação das emoções, ou, apenas, uma contenção da expressão emocional sem interromper a sua formação (Reich, 2009).

Com base na noção de encouraçamento, Reich (2009) realizou uma demarcação no campo das patologias, denominando biopatias as doenças originadas de um distúrbio na função de pulsação, em cuja gênese encontram-se, sempre, questões emocionais.

O encouraçamento no indivíduo poderia originar-se muito cedo, inclusive, no período intrauterino, pois o campo de energia orgonótico da mãe teria algum impacto na pulsação orgonótica do embrião e do feto. Contudo, para além da esfera do indivíduo, Reich considerou que o encouraçamento teria origens sociais, mais especificamente, na moral sexual repressiva presente nas sociedades patriarcais, que afetaria, sobretudo, a maneira como as crianças são cuidadas e educadas. Assim, a maneira patológica em que ocorreria a repressão da sexualidade nas crianças exigiria delas a formação de mecanismos de proteção, em outros termos, as couraças, a fim de lidar com suas angústias e medos frente aos impulsos sexuais (Reich, 2009, 1998).

Segundo Raknes (1988, p. 124), a questão decisiva em relação à forma como ocorre a repressão dos impulsos da criança,

> [...] não é estabelecer qual impulso foi bloqueado primeiro, mas reconhecer se a criança vive a inibição como um freio ou uma proibição à *própria* procura do prazer. Se a criança percebe a inibição como uma proibição, não estará mais em condições de sentir-se interessada por alguma procura primária do prazer, tanto em nível da atividade sexual como em qualquer outro nível de atividade. (Raknes, 1988, p. 124 e 125).

A inibição da sexualidade se apresenta como uma espécie de dano primário ao funcionamento vital, biológico. Esta inibição, sem sombra de dúvida, é específica de algumas sociedades humanas e, portanto, apresenta uma gênese sociohistórica. A inaptidão para lidar

com as questões emocionais-sexuais residiria como um núcleo comum a todas as biopatias. Seria característico das pessoas com encouraçamento crônico o desenvolvimento de impulsos secundários, impulsos estes, segundo Reich (2009, 2003), não encontrados em outras esferas da natureza, sendo exclusivos da humanidade. Diferentemente do caráter genital, isto é, da pessoa cujo funcionamento se caracterizaria pela potência orgástica e pela capacidade de expressar impulsos primários ou naturais, o caráter neurótico seria caracterizado pela incapacidade de expressar seus impulsos primários, estando ele forçado a estabelecer contatos substitutos com o mundo. Assim, suas relações afetivas estariam pautadas por mecanismos defensivos que lhe impossibilitariam sentir satisfação, expressar genuinamente seus sentimentos, nutrir-se energetica e afetivamente em seus afazeres diários e, principalmente, descarregar sua energia sexual. Raknes (1988, p. 125) afirma que "a experiência efetuada na clínica psicoterapêutica demonstra como a capacidade para um abandono completo é uma e indivisível, seja na relação sexual, no trabalho ou em qualquer outra atividade". Essa capacidade é a potência orgástica e a sua condição é a livre pulsação orgonótica.

Poder-se-ia entender a concepção orgonômica de saúde-adoecimento articulada em torno da polaridade potência orgástica/livre pulsação orgonótica x impotência orgástica/encouraçamento crônico da seguinte maneira: saúde implica na plena capacidade da pulsação orgonótica natural, em que a energia flui pelo corpo, no seu ritmo espontâneo, livre de bloqueios. Como consequência o metabolismo energético encontra-se equilibrado e com potencial orgonótico adequado. O livre movimento da pulsação orgonótica corresponde à capacidade de expressão emocional genuína e autêntica dos sentimentos e impulsos primários. Essa capacidade é característica do indivíduo orgasticamente potente, o qual é livre de impulsos secundários e consegue entregar-se no ato sexual, descarregando completamente a sua energia sexual.

Doença, por outro lado, implica em perturbações na pulsação orgonótica natural, em que o fluxo da energia pelo organismo encontra-se em estado alterado do natural, por existir bloqueios e imobilizações, ou hiperativações, nesse fluxo. Como consequência o metabolismo energético encontra-se desequilibrado e com potencial orgonótico inadequado. As perturbações na pulsação orgonótica correspondem aos bloqueios emocionais, ou seja, à incapacidade de expressão direta dos impulsos primários, a qual, acarreta em impulsos secundários. Essa incapacidade é característica do indivíduo orgasticamente impotente que, em decorrência do encouraçamento, apresenta uma estase energética e regiões corporais com encouraçamento crônico, assim como, defesas caracterológicas neuróticas.

Nessa perpectiva, é importante esclarecer que essa polaridade entre a potência orgástica/livre pulsação orgonótica e a impotência orgástica/encouraçamento crônico serve como um parâmetro para compreender funcionalmente a economia e a dinâmica energética das pessoas. Na prática, as pessoas apresentam uma variação de diversos desses fatores e, em determinados momentos e em contextos de suas vidas, algumas defesas e manifestações do encouraçamento podem intensificar-se e, em outras ocasiões, abrandar-se. Esse parâmetro serve, contudo, para que aquelas pessoas que estejam operando com as categorias da orgonoterapia, atentem-se para os aspectos mais importantes que devem ser levados em conta na interpretação diagnóstica e na condução terapêutica.

Não se pode perder de vista que o funcionalismo orgonômico, a orgonomia e, portanto, também, o conhecimento referente à concepção de saúde-adoecimento legado por Reich são, ainda, incompletos, como o próprio autor fez questão de afirmar. Assim, a síntese que realizamos no presente trabalho deve ser considerada como uma busca pela sistematização de um conhecimento que, ainda, necessita ser explorado e desenvolvido, pois se trata de um campo aberto para a pesquisa científica. A existência de uma energia biológica especifica é desconhecida da ciência convencional. A orgonomia e o funcionalismo orgonômico, que sustentam a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, assumem, como seus pressupostos fundantes, que a energia funciona antes da matéria e que todos os processos na natureza são, antes, processos energéticos.

6 Implicações para a Saúde Coletiva

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento permite extrair algumas implicações e contribuições para o campo das práticas em saúde. Iremos discutir, brevemente, algumas delas, no sentido de apontar temáticas que poderão vir a ser melhor investigadas e discutidas em futuros trabalhos.

A concepção reichiana sobre o funcionamento das emoções, sustentada nos princípios do funcionalismo orgonômico, estabelece que as emoções são expressão direta do movimento da energia orgone no organismo, ou seja, da pulsação orgonótica organísmica, e permite enxergar, de maneira integrada, os processos de saúde-adoecimento, pois o somático e o psíquico, ainda que instâncias distintas, apresentam-se como uma unidade funcional em relação ao domínio biológico, isto é, ao seu PFC, a pulsação bioenergética.

As emoções, assim compreendidas, não podem ser, simplesmente, reduzidas a processos químico-físicos neuronais ou a processos do sistema nervoso central. Embora Reich tenha

afirmado que, no organismo humano, o sistema nervoso autônomo (SNA) pulse e seja responsável, também, pela expressão das emoções, em última instância, a função de pulsação é anterior ao próprio SNA, de modo que este último seria regido pela pulsação orgonótica, isto é, pelas emoções em nível plasmático, e não o contrário. O funcionalismo orgonômico possibilitaria, então, entender que, em termos de seu PFC, as emoções apresentam-se como um fenômeno biológico universal, existentes no domínio biológico, e, simultaneamente ao seu PFC, como variações somáticas e psíquicas. A noção de encouraçamento nos três domínios de funcionamento da vida, o biológico, o somático e o psíquico, abre caminhos para compreender como os processos de adoecimento, presentes nas biopatias, envolvem sempre questões emocionais. Assim, o sofrimento afetivo crônico, a repressão dos impulsos naturais e os eventos traumáticos resultam em perturbações no fluxo natural e espontâneo da energia orgone e, consequentemente, em bloqueios e perturbações nos processos emocionais. Simultaneamente às alterações na pulsação bioenergética, as couraças somática e caracterológica expressar-se-ão; a primeira como perturbações anatômico-fisiológicas e a segunda em termos de comportamentos patológicos, conflitos psíquicos e defesas neuróticas.

O princípio de simultaneidade entre identidade e variações, ou seja, a noção de que um sistema funcional é composto a partir da tríade função-mãe, ou princípio de funcionamento comum, e as variações, ou as funções-filhas, possibilitaria operar em termos de relações entre funções, evitando, assim, reducionismos causalistas e finalistas. Aplicado o funcionalismo orgonômico ao campo do funcionamento da vida, abre-se um entendimento sobre como a mente e o corpo são duas instâncias distintas e, ao mesmo tempo, formam uma unidade funcional, evitando imputar sobre uma delas uma primazia em relação à outra. A primazia, no funcionalismo orgonômico, é o domínio energético livre de massa. Isso possibilitaria superar a dicotomia mente-corpo, buscando, em ambos os domínios, uma origem anterior e mais ampla, qual seja, a pulsação da energia orgone, conforme Reich.

A concepção orgonômica assume, portanto, uma visão integrada, no sentido de apontar como as esferas somática e psíquicas encontram-se relacionadas. Além disso, ao se sustentar numa visão histórico-genética, isto é, que concebe os processos na natureza em termos de processos de desenvolvimento, a concepção orgonômica de saúde-adoecimento, fundamentada, sobretudo, na noção de encouraçamento, possibilita entender que "as perturbações psicossomáticas são muito anteriores à manifestação dos sintomas das doenças" (Trotta, 2000, p. 118 e 119).

Portanto, ao se ater às manifestações do encouraçamento, a concepção orgonômica permite diagnosticar disfunções corporais que, para outras perspectivas clínicas, não são

consideradas condições patológicas e explicar que, caso essas disfunções persistam e se agravem, ou seja, cronifiquem-se, podem levar a um futuro quadro de adoecimento clínico sentido ou percebido como tal. Diferentemente, portanto, de muitas abordagens psicossomáticas restritas à descrição da psicodinâmica das doenças orgânicas já manifestas, a abordagem orgonômica, por outro lado, seria capaz de identificar e de intervir em disfunções pré-sintomáticas.

Por conferir especial atenção às referidas disfunções pré-sintomáticas e ao movimento expressivo das emoções no organismo, a concepção orgonômica permitiria entender que "existem disfunções corporais que são parte integrante e base de sustentação da neurose", de modo que essa concepção "não se restringe a explicar o envolvimento psíquico nas doenças orgânicas, mas também o envolvimento de disfunções corporais no caráter neurótico e nas psicopatologias" (Trotta, 2000, p. 118 e 119).

Uma das implicações que se podem derivar do entendimento orgonômico sobre os processos de saúde-adocimento, restritos ao conjunto de doenças denominadas biopatias, isto é, originadas do processo de encouraçamento, é no sentido de que na origem dessas doenças encontram-se questões emocionais que necessitam ser levadas em consideração no processo terapêutico. Desconsiderar a dimensão emocional presente nas biopatias ou reduzi-las, somente, aos seus aspectos somáticos configura um entendimento parcial e superficial sobre os processos de saúde-adoecimento das biopatias. Ainda que Reich tenha reconhecido a importância e a excelência do paradigma biomédico para abordar os problemas de saúde concernentes às questões físico-químicas, a concepção orgonômica entende como insuficiente e equivocado limitar a compreensão das doenças biopáticas somente à expressão somática dos seus sintomas, sendo estas manifestações as últimas de um longo processo de adoecimento energético.

Além disso, no caso das psicopatologias, o trabalho com o corpo, visando a mobilização e a expressão das emoções, torna-se uma ferramenta terapêutica imprescindível.

Em relação, portanto, ao campo da saúde mental, consideramos que a concepção orgonômica de saúde-adoecimento: 1) oferece uma visão distinta do saber hegemônico psiquiátrico de base mecanicista-materialista – o qual é, ainda, muito reducionista e centrado em intervenções farmacológicas, por compreender as desordens emocionais fundamentado na doutrina do centralismo cerebral; e 2) possibilita outra forma de compreender os processos de saúde-adoecimento emocionais, fundamentada nos princípios e na metodologia do funcionalismo orgonômico, a qual estabelece, como um dos seus princípios terapêuticos, que se trabalhe diretamente com o cerne biológico, isto é, que se vise à expressão e à mobilização

das emoções e que se removam os bloqueios energéticos, restaurando, assim, o potencial orgonótico saudável.

Algumas vezes, Reich classificou a orgonoterapia como sendo uma bioterapia, no sentido de que ela intervenha no funcionamento do domínio bioenergético, isto é, constitua-se num meio de restaurar a pulsação orgonótica natural e de reequilibrar o metabolismo energético do organismo. Essa meta terapêutica, conforme esse autor, poderia ser alcançada ao se trabalhar sobre as inibições emocionais dos pacientes, auxiliando-os na expressão de suas emoções e impulsos reprimidos, o que envolveria, também, intervenções corporais a fim de recuperar funções somáticas perturbadas.

Uma outra contribuição que podemos derivar da concepção orgonômica diz respeito à prevenção das biopatias, tema este que entra no domínio social e cultural.

O fator etiológico presente, portanto, por trás de todas as biopatias, no dizer de Reich (2009, p. 414), é "*a devastação dos distúrbios sexuais*". Segundo ele, após observar, por vinte e quatro anos, pacientes com câncer, "não havia como escapar deste fato, por mais que eu tentasse: *o câncer é uma putrefação dos tecidos que ocorre enquanto o corpo ainda está vivo e é causado pela privação de prazer do organismo*".

> A medicina mecanicista, não orientada pela economia sexual, não tem acesso a essa compreensão. *As biopatias são doenças que resultam de distúrbios da pulsação biológica do aparelho autonômico vital, reduzindo assim a potência orgonótica.* Elas são determinadas socialmente e resultam da *estase sexual*. O número de biopatias está crescendo constantemente. A situação é extremamente séria, pede uma investigação e, espera-se, uma solução. (Reich, 2009, p. 417).

A concepção orgonômica sobre os processos de saúde-adoecimento oferece, segundo Reich (2009, p. 417), "à medicina e à pedagogia algumas percepções importantes que poderiam ajudar, embora não do modo que se poderia pensar", pois, diferentemente do que muitos gostariam de esperar, a orgonomia não descobriu "nenhuma substância química todo-poderosa que, aplicada em grande escala, fosse capaz de acabar de repente com o flagelo das doenças biopáticas".

Assim, por entender que as doenças biopáticas têm sua origem na perturbação da economia sexual do organismo, Reich (2009, p. 418) afirmou que a eliminação dessas doenças "*requer uma mudança radical de toda a higiene sexual da população*".

As conclusões a que Reich (2009, p. 423) chegou indicariam "de modo convincente que o câncer, com uma forma especial de biopatia, está relacionado *inseparavelmente* ao problema da sexualidade e à estrutura de nossa sociedade". Segundo esse autor, essa doença e outras biopatias continuam "sendo um problema não resolvido até hoje porque nem a causa sexual,

nem a social foram levadas em consideração”. Ou seja, a patologia orgânica não está dissociada da sociologia, pois “hoje se sabe bem no campo da biopsiquiatria que a sexualidade e a sociologia só podem ser tratadas uma com relação à outra”.

Reich (2009) conferiu especial importância à maneira como a nossa sociedade lida com a sexualidade, especialmente, com a educação sexual das crianças, e nos legou um conhecimento no sentindo de que a prevenção seria o melhor caminho para a erradicação das biopatias. A prevenção só seria possível, conforme afirma Raknes (1988, p. 130), com mudanças culturais que favorecessem práticas educativas mais saudáveis, sexo-afirmativas, isto é, que não negassem às crianças, aos jovens, aos adultos e aos anciãos, isto é, a todo indivíduo, “o direito a uma vida sexual correspondente às próprias exigências, quando estas últimas não contrastarem com o direito dos outros de dispor da própria pessoa”. Segundo esse autor, “o reconhecimento desse direito poria fim à grande parte das calúnias que se levantam furiosamente em muitos ambientes, especialmente naqueles mais restritos e fechados”.

O direito a uma vida amorosa genital satisfatória implica, conforme Raknes (1988, p. 130), “em uma exigência correspondente de habitações, para que todos possam ter a oportunidade de estar só ou junto com um companheiro(a) quando ele ou ela sentirem necessidade”. Ou seja, entendemos que as condições de saúde, especialmente as relativas à sexualidade, estão diretamente implicadas nas condições materiais de existência.

A concepção orgonômica de saúde-adoecimento que procuramos sistematizar e apresentar limita-se ao campo das biopatias, pois foi com base na investigação clínico-terapêutica e experimental dessas doenças que Reich desenvolveu o seu corpo teórico doutrinário da orgonoterapia.

7 Conclusão

Wilhelm Reich deixou um legado que pode e deve ser mais explorado cientificamente, sobretudo, porque suas teorias, métodos, técnicas e experimentos geraram, em certa medida, a construção de concepções e conceitos coerentes internamente e explorados por seus seguidores, sobre a saúde e o adoecimento, e, via de consequência, o desenvolvimento de saberes, técnicas e perspectivas que podem auxiliar na prevenção e no tratamento de vários problemas de saúde.

Por certo não são estudos finalizados e carecem de avaliações sob vários pontos de vista, mas, sem dúvida, parecem ser pontos de partida para inúmeros outros estudos, os quais cabem aos pesquisadores atuais dar a merecida continuidade.

8 Referências

BEDANI, Ailton. *O funcionalismo energético de Wilhelm Reich*. Apostila. Material não publicado. 2019.

BEDAN, Ailton. *A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Tese de doutorado.

BEDANI, Ailton. "Revisitando a metodologia reichiana de pesquisa: a abrangência e aplicabilidade do funcionalismo orgonômico e da orgonoterapia". In: BORINE, Monica S. (Org.). *W. Reich e J. Pierrakos: Abertura dos Arquivos – Temas Reichianos – CORE Energetics*. São Paulo: Spiral Editora, 2012. p. 107-118.

BEDANI, Ailton. *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BENNETT, Philip W. The persecution of Dr. Wilhelm Reich by the government of the United States. *International Forum of Psychoanalysis*, vol. 19, no. 1, 2010. p. 51-65. DOI: 10.1080/08037060903095366 .

CHASTKA, Edward. The history of the development of medical orgone therapy. *Journal of Orgonomy*, vol. 41, no. 2, 2007.

DEMEO, James. *In defense of Wilhelm Reich*: *opposing the 80-years war of mainstream defamatory slander against one of the 20th century's most brilliant physicians and natural scientists*. Ashland, Oregon, USA: Natural Energy Works, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Paulo, 1997.

LACHICA, Fernando Ortiz. *La relación cuerpo-mente: pasado, presente y futuro de la terapia psicocorporal*. México DF: Editorial Pax México, 1999.

LAPASSADE, Georges. *La bio-energía: ensayo sobre la obra de W. Reich*. Barcelona: Gedisa, 1974.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich*: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

RAKNES, Ola. *Wilhelm Reich e a orgonomia*. São Paulo: Summus, 1988.

RAMALHO, Simone A. Reich em Caminho Independente: O combate ao Nazifascismo. In: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 134-147.

REICH, Wilhelm. *A biopatia do câncer*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

REICH, Wilhelm. *O éter, deus e o diabo / A superposição cósmica*. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. Tradução de Ricardo Amaral do Rego. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICH, Wilhelm. The developmental history of orgonomic functionalism. Tradução de Derek e Inge Jordan. *Orgonomic Functionalism*: *A journal devoted to the work of Wilhelm Reich*, Rangeley, Maine, v.1, 1990. p. 1-29.

REICH, Wilhelm. *Materialismo dialéctico e psicanálise*. 4.ed. Tradução de Joaquim José Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença, 1983.

REICH, Wilhelm. *The bioelectrical investigation of sexuality and anxiety*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1982.

REICH, Wilhelm. *A descoberta do orgone*: a função do orgasmo. Traduzido do alemão por José Pecegueiro e Maria Manuela Pecegueiro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979a.

REICH, Wilhelm. *The bion experiments: on the origin of life*. Tradução de Derek e Inge Jordan. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1979b.

REICH, Wilhelm. Orgonometric equations (I): general form. *Orgone Energy Bulletin*, vol. 2, no. 4, 1950. p. 161-183.

RUSSO, Jane Araújo. *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. Originalmente tese de doutorado.

SHARAF, Myron. *Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich*. New York: St. Martin's Press/Marek, 1983.

TROTTA, Ernani E. Wilhelm Reich e a psicossomática. In: MALUF, Nicolau (Org.). *Reich: O corpo e a clínica*. São Paulo: Summus, 2000. p. 105-122.

TROTTA, Ernani. *Psicossomática reichiana e metodologia da orgonoterapia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1996.

WAGNER, Cláudio M. Reich e a Terapia Psicorporal. In.: ALBERTINI, P.; FREITAS, L. V. (Org.). *Jung e Reich: articulando conceitos e práticas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 148-157.